

LIBBA BRAY

LOUCO AOS POUCOS





LOUCO AOS POUCOS

de LIBBA BRAY

tradução de Índigo



*Siga o meu conselho e viva muitos anos,
porque a maior loucura que pode fazer um homem é se deixar
morrer.*

Cervantes, Don Quixote

Esperança é essa coisa com penas.

Emily Dickinson

É um mundo pequenino no fim das contas.

Walt Disney

CAPÍTULO UM

Em que eu me apresento

O melhor dia da minha vida foi quando eu tinha cinco anos de idade e quase morri na Disney.

Considerando que agora eu tenho dezesseis, podemos concluir que depois daquilo tudo que restou na minha vida foi uma série de dias de bode total.

Como o Dia da Orientação Vocacional. Sério? Será que realmente precisamos dedicar um total de seis horas do nosso ano letivo no ensino médio para ouvir “orientadores” falarem sobre todos os empregos em que você poderia meter os pés pelas mãos? Existe alguma razão para jogarmos queimada? Para organizarmos *pep rallies*^[1]? Para comerciais de Rad Soda mostrando aquele rosto presunçoso e bronzeado a jato do Parker Day? Fica a pergunta.

Mas voltando ao melhor dia da minha vida na Disney e ao meu esbarrão com a morte.

Eu sei o que você está pensando: como assim? Desde quando alguém morre na Disney? O lugar está cheio de xícaras rodopiantes, princesas mágicas e esquilos gigantes andando para cima e para baixo, acenando como se o fato de um animal de pelúcia tamanho família adquirir vida e posar para fotos fosse absolutamente normal. Tipo, fala sério.

Eu não me lembro de muita coisa. Como eu disse, eu tinha cinco anos. Lembro que fazia calor. Um calor surreal. O tipo de calor que faz as pessoas com que gastem suas economias numa garrafinha d’água sem nem reclamar do preço. Até as feições de criaturinhas brincalhonas da floresta dos bichos de pelúcia começavam a ficar menos sorridentes e mais para as de prisioneiros de guerra peludos numa marcha forçada por uma desenholândia. Foi assim que fomos parar no Mundo Pequenino, brinquedo em que eu quase bati as botas no lugar aonde o resto do país vai para se divertir.

Não sei se você já esteve no Mundo Pequenino. Caso tenha, pode pular a próxima parte. Sério, não vou ficar ofendido. Pode ficar tranquilo, quando você deixar a sala, não vou contar para as outras pessoas que estão lendo isso que você é um babaca.

Onde eu estava mesmo?

Ah, sim, *um mundo todo feito pra você, que a ternura fez.*

Então. O passeio no Mundo Pequenino, breve resumo: uma espera do caralho numa fila que não andava. Daí eles botam a gente numa barca flutuante e que nos leva por um rio que corre num mundo subterrâneo sorridente repleto de crianças *animatronic*^[2] de todos os países do mundo, sendo que elas juntas cantam uma musiquinha cativante e animada em suas línguas nativas.

Cheguei a comentar que é um passeio de dez minutos?

Com a mesma música?

Em inglês, espanhol, suaile e japonês?

Não vou mentir para vocês: eu amei. Cara, eu pensei comigo: isso é do caralho, ou algo assim no linguajar de uma criança de cinco anos. Eu queria morar naquela nova Utopia de crianças cantantes de todas as nações. Pensei que, se eu desse sorte, as crianças mexicanas me deixariam usar seus *sombreros mucho festivos*. E os suíços sorridentes me receberiam em sua alegre quadrilha nórdica. *Valkommen*, pessoal. Eu andaria a camelo felpudo cor-de-rosa através de algum país vagamente definido do Oriente Médio (mas que tenha camelos felpudos cor-de-rosa) e sacudiria o esqueleto com as dançarinas de canção da Cidade Luz.

Bonjour.

Bienvenido

Guten Tag.

Jambo.

Eu estava com as três pessoas que compunham o meu mundo: mãe, pai e Jenna, minha irmã gêmea. Durante um louco instante, nós ríamos e sorríamos, compartilhando a mesma experiência, e aquilo foi bom. Talvez tenha sido bom demais, pois comecei a ficar com medo.

Não sei exatamente como eu fiz a conexão, mas, pelo que me lembro, perto da Islândia, tive a sensação de que aquilo era a vida após a morte. Tudo bem, eu estava com insolação e a quantidade de

açúcar que eu havia ingerido era suficiente para me deixar em coma. Mas, sério, de alguma maneira muito estranha a coisa até que faz sentido. Era escuro. Era sinistro. E de repente todo mundo estava se entendendo perfeitamente bem demais, cantarolando a mesma música. Ou talvez tivesse a ver com a minha mãe, que costumava lecionar inglês, com ênfase em mitologia, na universidade A.C. (Antes das Crianças). Ela gostava de apimentar suas historinhas de ninar com informações sortidas sobre o Valhalla, Ovídio ou o rio Estige (que desembocava no inferno) e outros assuntos joviais para induzir bons sonhos. Minha família é gozada. Quando saímos de férias, então...

Sei lá por que, mas eu estava convencido de que aquele brinquedo era o lugar aonde você ia para morrer. Eu seria separado da minha família para sempre e depois iria parar em algum lugar do inferno, onde crianças-robôs sorridentes com chapéus de barqueiro ficam cantando sem parar em português. Eu tinha de impedir que isso acontecesse. E então — Aleluia! Salvação! — Bem atrás do iglu dos esquimós (isso foi antes que os inuítes ficassem mais politicamente corretos, ainda que com uma voz ligeiramente perversa), eu avistei uma portinha.

— Mãe, o que tem atrás daquela porta? — perguntei.

— Não sei, querido.

Navegando pelo rio Estige, íamos em direção à morte certa. Mas, por algum motivo, eu sabia que se eu conseguisse chegar àquela portinha tudo terminaria bem. Eu conseguiria parar o brinquedo e salvar todos nós. Era só isso que importava. Então o calibrador de loucura dos meus cinco anos de idade falhou total. Eu me soltei do assento e caí naquela água de cheiro suspeito, afastando-me da menina-marionete de jardineira e de olhos esbugalhados que cantava: *“En värld full av skratt, en värld av tårar”* (que, em sueco, segundo me disseram, significa: “É um mundo de riso, um mundo de lágrimas”).

O problema é que eu ainda não sabia nadar. Mas, aparentemente, eu era bom em afundar. Sabe quando as pessoas dizem que crianças podem se afogar mesmo no rasiño? Acontece mesmo, ainda mais se a criança entra em pânico e se esquece de fechar a

boca. Imagine a minha surpresa quando a água chegou aos meus pulmões e eu não comecei a cantar “... que a ternura fez”.

A última coisa que me lembro antes de começar a perder consciência é de minha mãe gritando para pararem o brinquedo enquanto apertava Jenna contra o peito (no caso de ela resolver pular também). Acima eu enxergava luzes e som mesclados numa distorção ondulante, tudo bem baixinho, como uma festança a um quilômetro de distância. Então eu tive um pensamento bizarro: “vão parar o brinquedo. Consegui fazer com que parem o brinquedo”.

Depois disso não me lembro de muito mais, apenas lembranças confusas preenchidas pelas lembranças de outras pessoas. Dizem que meu pai mergulhou e me pegou, me colocou ao lado do iglu e fez ressuscitação cardiopulmonar em mim. Funcionários oficiais da Disney saíram correndo pela borda estreita da terra dos esquimós — que logo viriam a ser inuítes, balbuciando nos *walkie-talkies* que a situação estava sob controle. Turistas boquiabertos bateram fotos. Chegou uma ambulância oficial da Disney e me despacharam para um pronto-socorro onde diagnosticaram que eu estava com enjoo, mas, fora isso, bem. Voltamos ao parque sem ter de pagar nada — acho que ficaram com medo de que os processássemos — e eu pude ir aos brinquedos quantas vezes quisesse sem ter de pegar fila porque, afinal, todos estavam muito felizes por eu estar vivo. Foi a nossa melhor viagem. Claro que eu também achei que aquela seria a última.

Mais tarde, depois que Jenna dormiu e meu pai acalmava os nervos à base de *vodka* com água tônica — cortesia do frigobar do hotel — minha mãe tentou fazer com que eu respondesse algumas perguntas. Eu estava dentro da banheira que tinha adesivos antiderrapantes com motivos florais no fundo. Ela teve de passar xampu duas vezes no meu cabelo para tirar os despojos e os restos do Mundo Pequenino.

— Cameron, por que você pulou na água, querido? Você se assustou com o brinquedo? — ela perguntou me puxando para o seu colo, esfregando a toalha vigorosamente.

Eu não sabia como responder aquela pergunta, então apenas assenti. Era como se toda a adrenalina que eu senti antes tivesse se concentrado nos meus membros, me fazendo afundar.

— Ai, querido, você sabe que aquilo é de mentirinha, não sabe? É só um brinquedo.

— É que antes de me puxarem para fora d'água tudo me parecia mágico. Como se eu realmente acreditasse naquele sonho maluco. Mas no minuto em que me colocaram na neve falsa, dura, brilhante e pintada com tinta *spray*, e que vi o menino marionete tirando aquele mesmo peixe plástico do buraco, repetidas vezes sem parar, eu percebi que era tudo uma enganação. A coisa mais verdadeira que eu tinha provado na vida foi aquele momento debaixo d'água quando quase morri.

De certo modo eu venho morrendo desde então.

CAPÍTULO DOIS

**Em que relato as crueldades do colegial, e em que os
maconheiros do banheiro do quarto andar me oferecem uma
erva de segunda e uma lição de física**

— Quem caralho é esse Dom Kir-ro-te? — era o que Chet King queria saber.

É começo de fevereiro, a sexta semana de um novo semestre. Estamos na aula de inglês que, para a maioria de nós, é um excruciante exercício de se manter acordado perante os grandes clássicos da literatura. Essas obras — pioneiras, incendiárias, eternas — foram sovadas pelos demônios do currículo até virarem um punhado de temas e factoides que podemos regurgitar numa prova. Boas notas nas provas é o tipo de coisa positiva que atrai para a escola a tão desejada verba do sistema de ensino. Compreender e apreciar o assunto são coisas secundárias. Só para constar, nosso amigo Chet King leu nada mais que menos de três livros na vida (se bem que tenho minhas dúvidas se encarar duas vezes *O coelhinho feliz* para leitores iniciantes deveria contar).

O terceiro livro com certeza era sobre futebol americano.

— É *Dom Quixote* — responde professor Glass, pronunciando corretamente.

— *Dom Qui-xo-te* — repete Chet, exagerando a pronúncia meio afeminada do professor Glass.

Os outros atletas da classe riem com desdém, parecem *backing vocals* chapados pelo excesso de anabolizantes. Eles estão usando a camisa do time de futebol. Chet também, embora ele não vá jogar hoje, nem nunca. Desde que ele quebrou duas vértebras próximas ao pescoço por conta de um golpe durante um treino, nosso ex-*quarterback* foi afastado sumariamente. Se fosse com qualquer outro, a perda de uma promissora carreira esportiva talvez o tivesse levado à bebida. Mas não com o nosso Chet. Ele foi para o outro

extremo, alegando que o acidente foi por vontade divina, uma maneira de conduzi-lo para uma nova direção na vida. Durante jantares do Kiwanis[3], *pep rallies*, encontros da igreja, grupos de jovens e qualquer lugar que o aplauda e torça por ele, Chet manda esse discursozinho sentimental: “Deus tirou a minha bolsa esportiva, mas eu ainda sou feliz, muito, muito feliz”. Imagino que, se sua droga predileta são os aplausos e a adoração do público, fica meio difícil abrir mão disso.

Em todo caso, com essa técnica ele consegue comer umas minas, é o que dizem. Pelo jeito, Deus não vê nada de errado em bimbadas eventuais com líderes de torcida solidárias — o que, além disso, não danifica a coluna como o futebol americano. Claro que, agora que ele está namorando minha irmã, Jenna, resolvi simplesmente ligar o foda-se quanto a isso.

Professor Glass permanece impassível.

— Muito bem, silêncio. Eu ainda não dispensei a classe.

“Você nos dispensou no primeiro dia de aula”, eu penso. É o tipo de pensamento sarcástico que seria legal compartilhar com um colega, um coadjuvante e cúmplice, se eu tivesse um.

— *¡Hola! ¿Quién puede decirme algo sobre Miguel Cervantes?*

Esta é a senhora Rector, professora de espanhol na Colégio Calhoun, que vem em socorro do professor Glass. Esse ano a direção da escola resolveu ter dois professores em algumas matérias. A ideia é polinizar nossa experiência educacional com petiscos de história e literatura, estudos sociais e línguas estrangeiras, química e economia doméstica, que pode vir a ser útil caso a gente decida fazer uma torta de banana altamente volátil.

A professora Rector traduz parte do texto do espanhol, acrescentando aquele “r” rolado e floreios. Ela tem fama de ser a bebum da cidade. *¿Quanto costa una grande margarita, por favor?* A luz fluorescente começa a emitir em código Morse de barulhos estranhos: estamos com fome. Queremos mais insetos. Estou pronto para deixar a classe sob o radar. Faltam apenas dez minutos para eu poder atravessar as portas da frente da escola, passar pelos ônibus escolares alinhados para se dirigirem ao jogo fora da cidade, cruzar a falange de carros e caminhonetes prontos para segui-los para qualquer lugar onde a lealdade ao esporte texano exigir e correr até

o centro da cidade para a loja do Eubie Graxa Efervescente — CDs pela metade do preço e vinhos antigos.

— Será que Dom Quixote é louco, ou será que o mundo que persegue esses ideais de cavaleiros errantes que, na verdade, está louco? Esta é a pergunta retórica que, aparentemente, Cervantes está nos fazendo. Mas o que importa para nós é que existe uma resposta correta, e vocês precisam saber essa resposta quando forem fazer a prova do TEME — diz professor Glass, apontando para a lousa, onde Teste Estadual de Mérito Educacional está sublinhado duas vezes.

O som monótono da voz do professor Glass está me embalando num soninho. Zap, bzz... faz o luminoso a minha frente. Encosto a cabeça na carteira, onde consigo ouvir o forte tique-taque do ponteiro dos minutos na minha orelha. Minhas pálpebras pesam. Quase... Dormindo...

A sala está pegando fogo. Uma fileira de chamas salta no meu campo de visão. Eu pulo da cadeira e a derrubo. Ela bate no chão com uma pancada estridente.

— Senhor Smith? Tudo bem com você? — pergunta professora Rector.

Quando olho para cima, para a porta da frente, vejo que está tudo bem. Nenhum incêndio. Nada a não ser todos os pares de olhos da classe inteira apontados para mim, o que é uma coisa estranha. Estou acostumado a olhares que me atravessam ou que passam por cima de mim, ou que fazem qualquer outro tipo de ação que não envolva se focarem em mim.

Professor Glass cruza os braços.

— Sim, senhor Smith?

— Hã, não. Desculpa. Foi um... bem...

— *Usted está un pendejo.* — os lábios enrugados da professora Rector parecem prender as palavras.

O silêncio é interrompido pela algazarra do riso destruidor de egos que lançam as garotas à direita, as mesmas que vivem estourando bolas de chiclete.

— Esquizoide... — cantarola alguém.

— Tinha uma barata na minha carteira — digo sem pensar. — Grande. Tipo, do tamanho de um tanque de guerra.

Algumas meninas gritam e recolhem as pernas. O palhaço de plantão da classe começa a fazer barulhos de chupadas, que provoca reações de nojo nos alunos de intercâmbio coreanos sentados ao seu lado.

— Mandou bem, Smith — diz um colega bombado do Chet, outro atleta do futebol, rindo.

Ele tem um desses nomes com sonoridade bem máscula: Steve, Knute ou Rock. Um nome que proclama: “Eu posso massacrar você em campo”. Ao contrário de Cameron, que soa como aquele que é massacrado em campo.

A professora Rector bate palmas para conseguir a atenção da classe:

— *Mi amigos, silencio, por favor.* Quietos, por favor. *Señor Smith,* vou lhe dar *un pase de pasillo* para que você possa ir procurar *el conserje* para vir dedetizar a classe.

— Os demais — implora professor Glass —, por favor, abram seus livros preparatórios para a prova do TEME no capítulo cinco: “Por que pensar pode ser prejudicial no dia do exame”.

Eu pego o indulto de liberdade e vou direto para o banheiro masculino no quarto andar. A Sociedade da Teoria da Conspiração & Jogos — Maconheiro Kevin, Maconheiro Kyle e Maconheira meio período Rachel — está na área. Tecnicamente, não é permitida a entrada de meninas nos banheiros masculinos, mas como apenas os manés — este que vos fala incluído — usam esse banheiro, isso não chega a ser um problema. Além do que, Rachel tem dois metros de altura, seis tatuagens e sete *piercings*. Ninguém mexe com ela.

Acho que nós somos amigos. Isso, claro, se você considerar como amizade se chapar nos banheiros da escola e dividir a mesa no refeitório da escola de vez em quando. Trocamos “ois” com o mínimo de contato visual — este é o meu cumprimento favorito — e eles me oferecem um pouco da erva, que tentam esconder numa rodinha como a que os jogadores de futebol americano fazem para combinar as jogadas, como se o cheiro não nos delatasse.

— Valeu, cara — eu digo, dando dois pegos caprichados para me acalmar.

Eu poderia descartar aquela visão bizarra de chamas que tive na sala como um *flashback* de ácido, se não fosse pelo fato de eu nunca ter provado ácido — é que não gosto da ideia de ir de livre e espontânea vontade a um lugar que pode ser assustador, infernal e totalmente fora do meu controle. Um lugar bem parecido com o colegial.

Maconheiro Kevin começa a falar feito um programa de televisão que de repente sai do “pause”.

— Só estou dizendo que o gato tem que estar morto ou vivo. Não pode ser as duas coisas ao mesmo tempo.

Rachel solta o trago que esteve segurando na boca.

— Você está equivocado, cara. O gato está ao mesmo tempo vivo e morto até que a gente abra a caixa e olhe. Até então todas as possibilidades existem. Você que cria o resultado.

— Olha, garota, não fui eu que criei as regras da mecânica quântica. Eu só as sigo — diz Kevin antes de enfiar a cabeça debaixo da torneira, tomar um gole d’água e limpar a boca na manga da sua camiseta do Frank Zappa.

Rachel me passa o baseado e olha para mim.

— Você conhece a história do gato do Schrödinger, né?

Dou de ombros.

— Ai, cara! — dizem os três ao mesmo tempo.

Os olhos do Kyle são duas fendas vermelhas num rosto sorridente:

— Você vai pirar com isso! Tá, então, tem esse cientista, Schrödinger, que fez uma investigação intelectual em mecânica quântica que é uma viagem. Ele faz a seguinte pergunta: “Ei, o que acontece se você colocar um gato numa caixa vedada com, tipo, uma substância radioativa dentro?”

— Não que você deva enfiar seu gato numa caixa com veneno. É por isso que é uma investigação intelectual — comenta Rachel.

— ... e o átomo pode se deteriorar e matar o gato ou então não matar. Até você abrir a caixa e averiguar, tudo é uma probabilidade.

— Errado — diz Kevin. — Você se prendeu no ponto de vista do observador. Você não controla o resultado. Você não cria a realidade. Se liga, o gato está vivo ou morto.

Rachel assoa o nariz numa toalha de papel.

— Se uma árvore cai numa floresta e não tem ninguém lá para ouvir, ela ainda produziu algum barulho?

— Eu achava que era “Se um urso caga na floresta” — diz Kyle.

— Não dá pra ouvir um urso cagando na floresta — insiste Kevin.

— Como você sabe? Você já ouviu um urso cagar? Talvez eles sejam barulhentos.

— Cara, a questão não é essa — Rachel joga fora a toalha de papel amassada. Ela não acerta o cesto de lixo e a bolinha de papel rola para debaixo da pia. — A questão é probabilidade e realidade. É aí que entra o universo paralelo. A realidade se divide em dois desfechos possíveis. Um onde o gato vive, outro onde o gato morre. Pra cada escolha que você faz, um outro mundo é criado onde uma realidade *diferente* acontece.

— Então você está dizendo que se o gatinho morrer na nossa realidade: *pum!* Nasce uma outra realidade onde Mimi está vivo e alegre, caçando ratinhos na garagem? — diz Kyle enquanto ajeita seus cabelos longos, finos e loiros atrás das orelhas.

— Total.

Alguém puxa a descarga numa das cabines. Estranho, pois eu não ouvi ninguém entrando, também não vi outro par de pés debaixo das portas. A porta se abre de supetão e um cara bem pequeno, com um cabelo afro enorme, sai andando rapidinho, arregaçando as mangas. Eu demoro um minuto para perceber que ele é anão. Ele aperta o botão do sabonete líquido com toda a força, repetidas vezes:

— Não tem sabonete? Tá de brincadeira... Isso é uma violação das normas de higiene, é totalmente insalubre!

— Insalubre é o que você acabou de fazer naquela cabine, Gonzo — diz o Maconheiro Kyle, abanando a mão à frente do nariz.

O tal do Gonzo vai de passinho em passinho até a velha janela e a abre:

— Será que vocês poderiam parar de fumar essa bosta perto de mim? Eu já falei pra vocês que tenho asma.

— Cara, aqui é o fumódromo. Vai procurar outro banheiro — responde Rachel, dando de ombros.

O carinha me pega olhando para ele, e eu sinto meu rosto enrubescer. Espero que ele não fique puto; é que eu nunca vi um anão antes.

Kevin nos apresenta:

— Gonzo, Cameron. Cameron, o Homem Gonzo.

Gonzo vem andando em minha direção, cruza os braços sobre o peito e me mede como se fosse puxar uma faca, como se fôssemos nos posicionar, como se a orquestra estivesse se preparando para o número do musical “A grande briga na academia”.

— Você joga?

— Às vezes.

— Hum... — diz ele, ainda me medindo.

No espelho, Kevin pinga colírio nos olhos.

— Hoje Gonzo vai tentar bater o recorde do *Capitão Massacre* no fliperama.

— Ah — é tudo que eu consigo dizer. — Legal.

— Ei, o que é aquilo? — Gonzo aponta para o chão, para um pedaço do piso de madeira que está coberto com o que parece ser uma estranha espécie de escultura em areia.

Seja lá o que for, é asqueroso.

— Isso? É o meu projeto de ciências sociais, e que vai me salvar da recuperação — Kyle pega o troço e o examina.

Gonzo inclina a cabeça.

— Que porra é essa?

Kyle responde com desdém:

— Se liga. É Stonehenge.

— Para mim está mais para Bostahenge — diz Gonzo e se afasta.

Rachel e Kevin soltam uma gargalhada.

— Caralho! É isso! Cara, isso é total Bostahenge! — diz Rachel.

— Cala a boca, vocês — Kyle resmunga.

— Ei, você devia ir lá jogar com a gente hoje. Vai ser louco — diz Gonzo, batendo as mãos contra a porta justo quando estou tentando sair fora.

— Gonzo é fera no *Capitão Massacre*! — diz Kevin entre fungadas de riso.

— É porque eu sempre pego a ficha que protege a saúde. Se você tira essa ficha, você fica dourado durante alguns níveis.

— Sinto muito, cara. Não posso ir — minto. — Tenho que... Tenho que fazer um negócio. Depois da escola. Sabe como é.

Ele sabe que estou blefando, mas ele assente com a cabeça. Eu retribuo o gesto. Tudo resolvido.

— Bostahenge — diz Kevin com uma risadinha. — Cara, você está fodido!

— Eu já falei que é pra calar a boca!

— Claro. Na boa. Fica pra uma próxima — diz Gonzo.

Ele levanta a mão e dá um soquinho leve contra um soco meu — um gesto de etiqueta de banheiro entre maconheiros. Eu aceno de um jeito que mais parece que estou segurando um sinal de pare. Nossas mãos esbarram uma na outra num estranho encontro de socos misturado com aceno. Daí eu vou embora.

CAPÍTULO TRÊS

Em que tratamos das particularidades da etiqueta de corredor do colegial e do fato de Staci Johnson ser do mal, além de desafortadamente gostosa

A maconha é meio fraca, mas dá para viajar durante o tempo necessário para guardar os livros no meu armário e esperar o sinal de saída. Para o meu azar, meu armário fica no corredor principal do primeiro andar, a *Park Avenue*^[4], assim chamado porque é ali que os alunos mais populares se reúnem para fazer planos de dominar o mundo: organizam festas secretas e aproveitam para deixar vazas informações sobre o que vai rolar numa festa em que a maioria do corpo estudantil não poderá entrar por não ser descolado o suficiente. Também decidem quem é *in*, quem está por fora e quem será torturado naquela semana. O negócio é trabalhoso e demanda muito tempo de corredor. Eu me esforço ao máximo para passar batido por eles, o que basicamente significa me resignar a ser um corpo e ocupar um lugar no espaço.

Minha irmã Jenna, inteligente e adorada mundialmente, faz parte dos belos conspiradores do mal. Ela está parada ao lado do chafariz, junto com a sua turma da dança. Seus cabelos loiros escuros estão presos no típico rabo de cavalo obrigatório com fitas pendentes. Hoje ela está usando as cores deles, a combinação vivaz de azul e dourado do nosso destemido time, o Calhoun Conquistadores de Hidalgo, Texas.

¡Hola, Calhoun Conquistadores! Eu admiro o uso da aliteração, mas por algum motivo duvido que a direção da escola realmente tenha entendido o significado de “conquistador” quando os escolheram como mascote. Acho que o lance dos estupros, saques, pilhagem e massacre cultural simplesmente tenha passado batido pelo radar da consciência social. Sei lá. Rendeu um logotipo bem

estiloso na camiseta. Quem não gosta de homens com chapéus de metal?

Jenna já me viu, mas finge que não vê. Se você está se especializando em perfeição, ter um irmão que é uma ameoba social pode ser um problema. Enquanto a tensão em nossa família fez com que eu me entocasse ainda mais na minha concha, Jenna se tornou um maravilhoso exemplo da perfeição adolescente. Cabelo perfeito, notas perfeitas, vida social perfeita. Em sua incessante busca por perfeição, ela tenta apagar todos nós — o pai que vive para o trabalho, a mãe que vive através dos filhos e a maneira relapsa como nossa família se comunica através de bilhetes na porta da geladeira, pelo celular e sem tempo para contato real. De certo modo, eu admiro sua habilidade de nadar contra a corrente. Quanto a mim, vou no embalo rio abaixo, passando pelas quedas junto com o resto da madeira flutuante.

Eu devia parar com isso, com esse desdenho social. Eu devia simplesmente me ater ao que ainda resta da minha chapação e ir para a loja do Eubie, mas eu não consigo. Posso ser péssimo em futebol, basquete, tênis e basicamente qualquer esporte que tem por aí, mas eu sou foda em crueldade.

— Ei, Jenna. Aquelas pílulas anticoncepcionais que encontrei no banheiro hoje cedo são suas? — eu pergunto, todo animadinho.

As outras integrantes da equipe de dança ficam boquiabertas. Uma deixa escapar um “Ai, meu Deus” em meio a risadinhas.

Jenna, no entanto, não perde a pose. Ela está acostumada com as minhas brincadeiras fraternais.

— Não, acho que devem ser as que a mãe pretendia tomar antes de você nascer. Você não tem uma reunião na Sociedade dos Rejeitados? Se você andar logo talvez consiga um bom lugar.

Ponto para Jenna.

Todo mundo ri, e seria lindo se eu pudesse simplesmente entrar no armário e desaparecer agora mesmo. Mas, comparado ao bloco louro-bronzeado que é essa equipe de dança, meus cabelos escuros e desgrenhados, com meu tom de pele pálido de músico britânico desempregado combinado a um corpo realmente estranho de um e oitenta de altura, eu fico parecendo um pedaço de negativo que caiu em cima da foto delas, na qual estão em grupo, felizes.

Uma das integrantes da Equipe das Gostasas dá um sorrisinho sacana. Staci Johnson. Tenho um pouco de vergonha de dizer que a minha cueca *Fruit of the Loins*^[5] até estica. Staci Johnson é uma alpinista social fútil que jamais permitirá que eu chegue a um raio de dez metros do seu magnífico corpo. Eu sei disso. Mas fazer o quê? Meu pênis me trai.

— Tem uma mancha de mostarda na sua camisa — Staci comenta.

— Hoje foi dia de x-burguer.

— Ai, Deus, não vá me dizer que você come no refeitório todos os dias?

— Estou tendo um caso com uma das tias, a Berenice. Aquela que usa redinha no cabelo e bigode. Mas bico calado, não quero estragar a grande surpresa para o baile.

Alguém sussurra:

— Credo, seu irmão é tão estranho...

— É só ignorar — diz Jenna com um suspiro. — É o que a gente faz.

Chet chega com passos largos, com seu um metro e oitenta de altura, e enrosca os braços em torno da minha irmã, feito um papai-gorila. É um aviso claro para o resto do corredor — ela é minha. Chet acena para mim com aquele antigo cumprimento de macho: eu já reconheci a sua existência, peão. Não me peça mais que isso.

— O que vocês vão fazer na semana do saco cheio? — pergunta Staci, arqueando as costas para arrebitar a bunda.

— Tenho uma excursão de esqui com a turma da igreja — diz Chet. — Estou tentando convencer a Jenna a ir também.

Jenna sorri. Seria tão tentador dizer alguma coisa como “Calma aí, Jen, você não marcou um aborto para a semana que vem?”, mas Chet provavelmente me encheria de porrada. Caramba, provavelmente até Jenna me encheria de porrada.

Staci enrola os cabelos em volta do dedo.

— Bem, eu, Lisa e Carmen vamos para a praia de Daytona, participar da YA!TV Mansão do Agito.

— Como assim! Sério?! — grita uma das aspirantes. — Eu vou morrer de inveja se você conhecer Parker Day!

YA!TV — que significa Youth America! Television[6] — é o barômetro de popularidade para adolescentes em qualquer lugar, e Parker Day, com suas luzes no cabelo, modelitos de roqueiro retrô, tênis descolado e sorriso sacana, é o apresentador mais telegênico. Metade dos alunos da escola vive declamando seus bordões: “Incendiou!”

— Na verdade, pra rolar a gente precisa de mais uma pessoa — diz Staci.

— Jenna, você podia ir com a gente.

— Pra Flórida?

— Vai ser divertido.

— É, mas é caro — diz Jenna.

Staci arrebita a bunda um pouco mais, coisa que eu não achava possível, e meu pênis, o bastardo rebelde, se empolga de novo.

— Bem, pense a respeito. Vai ser totalmente demais — diz Staci.

— Ei, Cam, muito bom aquele truque da barata — diz Chet.

— Que barata? — pergunta Jenna.

— O Cammer aqui aprontou uma. Ele disse que viu uma barata pra conseguir sair da aula de inglês.

Jenna me olha feio. O olhar diz: “Você é uma decepção para os nossos pais.”

— Você não perdeu nada, só mais *Dom Quixote*. O pastor da minha igreja acha que a gente não devia estar lendo essas coisas. Diz que pode ser uma má influência para os jovens, faz com que comecem a questionar tudo e comecem a ter comportamentos estranhos. Isso aconteceu com um garoto que ele conhecia, e depois os pais tiveram que dar um jeito nele.

— Meu Deus! — diz Staci, como se essa baboseira que Chet está dizendo fosse tão triste quanto um garoto morrendo de câncer.

— Por causa de livros? Eu não acredito — diz Jenna.

Eu sinto um lampejo de esperança de que ela não vai sucumbir às forças do mal.

— É verdade — insiste Chet. — Em todo caso, agora está tudo bem. Os pais mandaram o cara para uma igreja que tem de tudo, desde escola até restaurante. A pessoa quase não precisa sair, e ele passa praticamente o tempo todo lá, longe de influências negativas. Foi o que aconteceu comigo depois que sofri o acidente.

Pronto. As meninas praticamente desfaleceram.

— Eu podia ter questionado tudo isso. Podia ter permitido que isso mudasse o meu jeito, mas não — ele sorri. — A gente tem que manter uma atitude positiva. Não é, Cam?

Ah, com certeza. Eu sou total, total, pela atitude positiva. Eu não consigo passar um dia sequer sem desenhar carinhas felizes em tudo quanto é lugar.

— É — eu respondo.

— Vai assistir o jogo, mano?

— Não posso. Minha religião não permite.

Chet dá um sorrisinho maldoso. Tenho quase certeza que a bíblia diz “Não darás sorrisinhos maldosos”, mas talvez seja só boato.

— Ah, é? E que religião seria essa?

— Apatia.

Jenna está com cara de quem me esganaria com prazer. Staci Johnson volta a fazer poses e a rir:

— A-hã!

— Viu? É disso que estou falando — diz Chet para as meninas como se eu não estivesse ali.

E de certa forma acho que não estou.

CAPÍTULO QUATRO

Em que encontro um santuário provisório, fracasso ao tentar compreender jazz e sou obrigado a ter uma conversa com o cretino do meu pai

A loja do Eubie Graxa Efeverscente fica a um quarteirão da universidade, espremida entre uma boca de fumo disfarçada de loja de incensos e velas e um ateliê de arte famoso por sua coleção de gatos de vidro coloridos. É um pequeno oásis musical, só que sem aquela atitude das megalojas do *shopping*. É o meu lugar predileto nessa cidadezinha texana sacal.

No Eubie, você não encontra estandes de um metro e oitenta de altura anunciando o último lançamento de alguma ninfeta que faz biquinho, cujo nome artístico é composto por uma palavra apenas. Nenhum estudante de música trabalhando ali para conseguir mais dinheiro para a cerveja, enquanto solta comentários arrogantes do tipo: “Bem, claro, acho que Copenhagen Interpretation é uma banda legal, mas eles não seriam nada se não fosse por *Pet Sounds*, que veio antes. Apenas escaninhos e mais escaninhos de LPs obscuros e CDs de bandas mais recentes, misturado com *jazz* e alguns achados como o meu favorito — o Grande Tremolo, cujas músicas - que falam sobre a angústia da vida — foram escritas exclusivamente para flauta doce e *ukulele*. Só entende o que é angústia existencial quem já ouviu aquelas letras em português e aquelas vibrações nasais. Fora que ele tem a voz mais aguda que eu já ouvi num homem. Quando, em todas as músicas, ele alcança aquela nota de arrepiar o saco, eu piro.

Eu ouvi Grande Tremolo pela primeira vez num desses programas de rádio via satélite, cuja única função é tocar uns troços obscuros e doidos que você jura que os produtores criaram durante o intervalo. Eu estava deitado na minha cama, com meus fones de ouvido — os que eu decorei com adesivos espaciais de Terra do Amanhã —

quando o DJ pousou a agulha na música do Grande Tremolo chamada *Para Mí He Visto Ángeles*, que de acordo com o texto do encarte significa algo como “Pois eu vi anjos”. Eu sentei na hora, rachando o bico. É como se a voz do Grande Tremolo viesse do espaço, como se estivesse prestes a chorar enquanto canta, mas um choro misturado com felicidade, se é que isso faz algum sentido. Sério. Como você pode não se abalar com um troço assim?

Grande Tremolo tem quase vinte discos, e com a ajuda do Eubie eu já consegui juntar sete deles. Eu me consolo em saber que existe alguém no mundo que é mais mané que eu, e acredite no que estou dizendo, o Grande Tremolo é total coisa de *emocore* perdedor lutando contra moinhos de vento sonoros.

Eubie ouve os sininhos titilando sobre a porta quando eu entro. Do seu poleiro atrás do balcão, onde ele brinca de DJ da loja, ele levanta a cabeça, ele me dá um sorriso.

— E aí, *Camrun*, por onde você tem andado, cara?

— Em lugar nenhum — eu digo, indo até o balcão.

Eubie está deixando crescer um pequeno cavanhaque. Fica bacana com os *dreads* e a camiseta multicolorida com estampa de algum astro do *reggae*.

— Lugar nenhum não é legal, cara. Eu ando por aqui mesmo. O que acontece que você não tem namorada?

Eu pego um exemplar de um jornal semanal grátis que não tenho a menor intenção de ler.

— Ah, sabe como é. O papai aqui é para ser compartilhado por muitas, não ficar preso a uma só.

Eubie ri. Sua risada é como uma metralhadora atirando contra veludo.

— Isso é a maior bobagem, cara. Faça-me um favor, amigo, saia da minha loja e vá viver um pouco.

— Eu estou vivendo. Um pouco. Tem algum disco novo do Tremolo aí pra mim?

— Venha aqui.

Eubie me indica o caminho, passamos pelas cortinas roxas do fundo da loja que escondem o almoxarifado onde os funcionários ficam durante as folgas. O quarto não tem nada de mais. Um par de cadeiras. Um balcão comprido cheio de garrafinhas de plástico para

viagem e mochilas. Na parede tem um enorme quadro de avisos feito de cortiça. Está cheio de fotos dos funcionários, vestidos com fantasias de dia das bruxas e em festas de natal. Canhotos de ingressos para shows e anúncios quase ilegíveis de bandas que estão procurando músicos. Esses papéis estão afixados em ângulos irregulares, um em cima do outro. Uma folha rasgada de caderno anuncia uma caravana de uns fulanos que vão para o YA! Mansão do Agito durante a semana do saco cheio. Oferecem carona em troca de dinheiro. Colares de *Mardi Gras*[7] pendurados numa tachinha ao lado de uma foto do Eubie com uma máscara de penas, urrando na rua Bourbon. No canto inferior direito, há uma foto de um senhor de terno, chapéu e óculos de sol. Ele segura um trompete entre as mãos carcomidas.

— Quem é esse?

— Junior Webster. O melhor trompetista de Nova Orleans.

Eubie toma ar e sacode a cabeça como se ela estivesse em chamas.

— O cara é de outro mundo, pode crer. Se algum dia você for a Nova Orleans, e você deveria ir, vá ao bar onde ele costumava tocar, o Corneta de Marfim[8].

— Ele não toca mais lá?

— Difícil, quando se está morto. Ei, olha só isso.

De dentro de um engradado preto Eubie tira um LP tão velho e gasto que dá para ver a marca do disco num círculo branco na capa de papelão, na qual Junior Webster está parado em frente a um quadro com uma galáxia pintada. No centro das estrelas tem um buraco negro.

— Hum... — digo.

— Hum... — diz Eubie, tirando uma com a minha cara. — Daqui a um minuto você não vai mais dizer ‘hum’, filho. Eu mostro pra você.

Com o maior cuidado, Eubie tira o disco do plástico e o coloca no prato.

— *Blues do Bosque de Ciprestes*. Se você estivesse de chapéu, eu ia pedir pra você tirar, pois você está prestes a ouvir algo sagrado.

Ele apoia a agulha. Um sopro de trompete lamuriante, alto e agudo, como o pranto de uma mulher num funeral. Depois a coisa vira uma viagem de *jazz* maluca que faz Eubie fechar os olhos e

tombar a cabeça para frente, batendo em pratos imaginários como o baterista de fim de semana que, no fundo, é o que ele é. Eu não me ligo em *jazz*. Acho que soa como um bando de criancinhas soltas numa sala de música. No entanto, tento ser educado. Quando a música termina, Eubie levanta a agulha e aguarda a minha reação.

— Bem legal.

Eubie ergue uma sobrancelha.

— Como assim, “bem legal”? É só isso que você tem a dizer?

— Muito legal — digo, torcendo para que isso mostre entusiasmo.

— *Camrun* — diz Eubie, balançando a cabeça de um jeito que faz com que seus *dreads* sacudam feito bailarinas. — Você precisa de ajuda, meu chapa. Está me ouvindo?

— Estou.

— Estou dizendo pra você que, se eu tivesse outra vida pra viver, eu moraria em Nova Orleans, tocando com Junior Webster, abrindo buracos no espaço com um muro de sons. A música tem o poder de salvar o mundo.

Eubie esfrega o cavanhaque durante um segundo antes de abrir um sorriso.

— Vou lhe emprestar esse disco durante o fim de semana. Ouça a coisa toda e depois me diga.

Minhas mãos começam a suar. Eu não quero ficar responsável pelo disco favorito do Eubie, principalmente porque eu sei que nunca vou ouvir aquilo, e vou ter de inventar alguma desculpa por não ter ouvido. Ergo as mãos, me afasto ligeiramente.

— Não quero levar o seu melhor disco, Eubie...

Eubie tenta me passar o disco, como um bastão numa corrida onde ele é a única pessoa participando.

— Pega, na boa.

— Não sei não, Eubie. É muita responsabilidade.

— Não, meu chapa. Pagar pensão é que é uma grande responsabilidade. É só um disco.

Eu balanço a cabeça.

— E se quebrar?

— Eu mato você — ele pisca. — Mas não vai quebrar. Você vai cuidar dele como se fosse um bebezinho.

Eu conheço o Eubie. Ele é muito noiado com seus LPs. O fato de estar me oferecendo um é algo muito importante. Mas eu não me sinto à vontade com essa importância toda. Eu só quero que as coisas continuem como estão: nenhuma expectativa equivale a nenhuma expectativa frustrada, que equivale a nenhuma mágoa, que equivale a tudo na boa.

Eu meto as mãos nos bolsos e me equilibro nos tornozelos.

— É que tem muita coisa da escola essa semana, e estou trabalhando um turno a mais no Buddha Burger, então... Sabe como é. Mas, valeu mesmo assim.

Dou um sorrisinho sem graça.

— E aí? Você conseguiu aquele Tremolo novo que eu encomendei?

Eubie está decepcionado. Dá para ver na maneira como ele guarda o LP e suspira, e eu me sinto meio mal por conta disso. Estou acostumado a decepcionar todo mundo, mas não o Eubie.

Ele puxa um disco debaixo de uma pilha na sua mesa. A capa é de uma breguice perfeita: duas taças de vinho, suave luz de vela e uma pena. *Viver É Amar, Amar É Viver*.

— Qual é a desse cara? — pergunta Eubie.

— Tenho uma paixão secreta por ele.

Como Eubie não ri, eu explico.

— Você já ouviu esse cara? É hilário.

— Então você compra pra caçoar dele.

Eubie desaba numa das cadeiras dobráveis e dá uma mordida numa barrinha de cereal que estava no bolso da sua camisa.

— Não. Na verdade, não. Mais ou menos. Bem, sim — eu digo.

— Pra ele esse negócio é sagrado, tá ligado? Ele escreve sobre sofrimento, sobre a perda do amor, a injustiça da vida. Sobre esperança. Não vou lhe vender isso se você só vai ficar tirando sarro. Música não é por aí — diz ele enquanto me dirige um olhar de censura.

— Bem, a flauta doce que ele toca é irada — eu comento, engolindo seco.

Eubie balança a cabeça. Ele termina o resto de barrinha e me empurra para fora, pelas cortinas e em direção ao caixa, com o meu novo disco do Tremolo.

— Tó. Leva a porra do disco. E trate de arrumar uma namorada.

Ao chegar na rua Mambrino me deparo com um dia quente e ensolarado.

Do outro lado das quatro faixas de trânsito fica a universidade onde meu pai trabalha. Meu pai é físico. Ele trabalha com pessoas que lidam com tudo quanto é tipo de assunto cósmico e estranho. Teoria das cordas. Universos paralelos. A viabilidade de viagens no tempo. Nada disso vai melhorar a qualidade das torradeiras, mas é um lance viajante que faz com que você passe o dia tentando desvendar a questão.

Na verdade, o certo seria dizer que meu pai trabalha contra o *cósmico*. Ele é relativamente famoso por escarnecer de qualquer coisa que não seja física clássica. Ele se refere a todas as novas teorias como “as novas roupas do imperador da ciência”. É sério. Ele até apresentou isso como artigo para a *Revista da Masturbação Científica*. Tá, o nome verdadeiro não é esse, mas pode acreditar quando digo que a revista está cheia de matérias que só interessa a eles.

Nós, os outros, morremos de tédio. “Eles não conseguem provar nada daquilo, Cameron”, é o que meu pai sempre diz. “E até que haja prova, pra mim, não é ciência”. Esse é meu pai.

Como estou tão perto, eu podia fazer uma visitinha. Uma rápida análise de custo mostra os prós e contras dessa decisão. Pró: talvez eu consiga o carro durante algumas horas. Contra: eu teria de fazer contato com meu pai. É uma decisão difícil, mas a minha fissura pelo carro fala mais alto. É um desses dias espetaculares de primavera precoce que às vezes rola no Texas, o tipo de dia que traz uma amostra de verão, uma prévia de atrações porvir, e dar um giro de carro por aí, com os vidros abertos, seria demais.

O Complexo Niels Bohr de Física é uma edificação sombria de antes da II Guerra, construído nos limites do *campus*, com salas de aulas e escritórios em fileiras perfeitamente alinhadas. No saguão central, um enorme quadro de avisos abarrotado de convocações para jogos de futebol da faculdade, projetos de fontes alternativas de combustível e uma porrada de grupos de discussão: “O caminho para o campo de Higgs: a partícula de Deus existe?”, “Sinta a nossa

vibração! Encontro na sala 101 para discutir a mais recente teoria das cordas, teoria do multiuniverso e a teoria de tudo!”, “Salve, Devupia!”, “Explorando o inexplorado — os mistérios da energia escura. Sala Dulcinea. 19h. Haverá um barril de chope, então chegue cedo e pegue o seu *strangelet*.”

O escritório do meu pai fica atrás da última porta de um longo corredor que, da última vez em que foi pintado, Einstein ainda era vivo. A porta abre com um chiado. Ouço vozes, então dou uma espiada. Uma das assistentes do meu pai está com ele. Ela já esteve na nossa casa antes. Seu nome é Rachel ou Raylie, algum nome com “R”. Ela está sentada numa cadeira à frente do meu pai, inclinada para frente, rindo de alguma coisa que ele acabou de dizer. Meu pai não parece com o meu pai. Ele não está bravo ou irritado como o pai lá de casa, que cuida do jardim, que paga as contas, que troca os pneus e que parece odiar cada minuto dessa vida. Ele na verdade está sorrindo, o que é absolutamente estranho. Eu bato na porta semiaberta e meu pai se levanta no ato.

— E aí, Cam. Que surpresa. Você se lembra da Raina, que é minha colega professora-assistente?

Raina. Ela acena um oizinho.

— Oi.

— E aí, a que devo o prazer de uma visita às quatro e meia numa sexta-feira à tarde?

— Eu estava no Eubie. Pensei em dar uma passada por aqui.

— Que ótimo — diz meu pai, sorrindo como se quisesse me vender um carro usado. — Bem, Raina, se der pra terminar aquele trabalho até quarta-feira de manhã...

— Claro, Frank.

Frank? Ela o chama de Frank? O que aconteceu com o Doutor Smith? Raina e eu nos esbarramos quando eu entro. Seus olhos castanhos são grandes e seu cabelo tem perfume de laranja. Durante um segundo eu a imagino nua. Mas daí eu penso que talvez meu pai tenha imaginado a mesma coisa ou quem sabe já a tenha visto nua, e agora tudo que eu quero é um baseado bem grande para arrancar esse pensamento da cabeça.

— Bem, que surpresa — diz meu pai, fazendo um gesto para que eu me sente.

— É mesmo.

Eu me sento na cadeira austera no outro lado da mesa, o lugar onde seus alunos se sentam. É assim que eles o veem: alto, em boa forma, com camisa branca engomada com botões no colarinho e calças cáqui. Mesa grande. Cadeira grande. Diplomas grandes pendurados na parede atrás da sua cabeça com cabelos grisalhos nas têmporas, fazendo com que ele pareça um ícone de pintura sacra. Uma caixa preta com um anjo num globo de neve que Jenna e eu lhe demos de presente de natal certa vez. A base quebrou há tempo, e agora o anjo fica apoiado no vidro com as duas mãos, como se quisesse sair. Uma escultura de pininhos de metal onde você enfia a mão e ela conserva o formato. Duas pilhas impecáveis de papel — com nota e ainda sem nota. Abajur de um lado, telefone do outro. Ordem. Simetria. Autoridade.

— Raina é uma mulher muito inteligente. Ótima física. Esses calouros não sabem o que lhes espera. Ela podia ter entrado no Instituto de Tecnologia de Massachusetts se ela quisesse.

— Legal. Ei, posso pegar o carro emprestado?

O sorriso do meu pai murcha como uma bexiga de aniversário quatro dias após a festa e agora sua cara fica familiar.

— Foi só por isso que você veio?

Eu enfio a cara na escultura de pininhos de metal. Quando afasto, minha expressão ficou congelada num grito.

— Bem, você não está usando o carro agora.

Meu pai sacode a escultura e me apaga.

— Olha só, acho que você vai gostar disso.

De uma gaveta na sua mesa ele tira uma pilha de fotos e as coloca em minhas mãos. São fotos de férias — dois caras com camisetas da Universidade da Costa Dourada acampando nas montanhas. Um trio de garotas numa megapista de boliche. Um grupo de garotos bagunceiros na praia durante a semana do saco cheio. Não conheço essas pessoas.

— Uns alunos meus estão fazendo esse projeto. Eles roubaram um anão de jardim do quintal de alguém e saíram viajando com ele pelo mundo todo. Eles passam o anão para a próxima pessoa que vai sair de viagem.

Agora eu vejo o fulaninho em cada foto, com bochechas vermelhas e rechonchudas, barba branca e olhinhos piscantes. Bem, isso se ele conseguisse piscar. Ele está com cara de quem quer piscar. Ele também tem cara de quem poderia facilmente dar uma puta de uma surra nos seus sequestradores. Ou talvez ele goste de viajar. Talvez ele mande cartões postais para os outros anões de jardim: “Estou me divertindo muito. Nenhum irrigador de grama por essas bandas”.

— É engraçado — eu digo, jogando-as de volta na mesa, onde elas se espalham e formam um arco fotográfico.

— Você nem olhou as fotos.

— Olhei, sim.

Meu pai suspira:

— Sabe, Cameron, você podia pelo menos fingir que tem algum interesse pela minha vida.

— Pai, eu olhei as fotos.

Ele as arruma e passa um elástico em volta para que fiquem presas, que nem ele. Esse é o meu pai. Por que gritar quando é possível se acalmar? Por que gritar se você pode calar alguém com um olhar? Por que comprar briga se você pode sair fora e lhes dar as costas sem perder a sua honra? Meu pai já me deu as costas inúmeras vezes.

— Sobre o carro, pensei que poderia usá-lo pra fazer uns negócios e daí eu volto pra lhe pegar, sabe, quando você estiver pronto.

De última hora eu lhe atiro um petisco de camaradagem entre pai e filho:

— A gente podia ir comer uma pizza.

— Que negócios?

— Você sabe... — eu digo, dando de ombros.

— Não, eu não sei. É por isso que eu perguntei.

— Só umas coisas. Pra escola.

— Fazer o que pra escola?

— Nada.

— Cameron, isso não faz sentido.

— Eu só preciso pegar o carro emprestado. Pra pegar umas coisas. Nada de mais.

— Coisas... — diz meu pai, brincando com a caneta. — Livros? Roupas? Equipamentos esportivos?

Meu pai teria um orgasmo se eu respondesse equipamentos esportivos.

— Eu estava pensando em entrar pro time de *lacrosse* esse ano. Pode ser bom pro meu currículo.

— Notas boas seria melhor — ele devolve.

Ele e minha mãe não conseguem entender como dois professores foram acabar com um filho tão medíocre.

— Então, você me empresta o carro?

— Não. Hoje eu vou trabalhar até mais tarde.

Trabalhar até mais tarde. Com Raina, sem dúvida. Sua assistente, sei.

— Beleza — eu resmungo. — Posso pelo menos pegar o seu cartão pra ter desconto na livraria do *campus*? Preciso de um exemplar de *Dom Quixote* pra minha aula de inglês — eu minto.

— *No problemo* — diz meu pai sorrindo enquanto me passa o cartão.

Para um olhar destreinado a impressão que passa é que ele está feliz em poder me ajudar. Mas eu sei que só está feliz porque ele venceu. Eu pego o cartão e o guardo no bolso.

— De nada — diz meu pai.

— Legal. Então a gente se vê mais tarde.

— Você morreria se me dissesse “obrigado”?

— Talvez. E como eu de fato posso acabar morrendo, me parece um teste meio extremo. Você não acha?

Quem é o vencedor agora, hein pai?

— É só aquele livro.

Ele se vira para encarar a tela do computador. Olá, o pai voltou. Senti sua falta. Por que você demorou tanto? Quando ele me dá as costas, significa que oficialmente já está na hora de eu cair fora, mas meus pés adormeceram. Quando eu me levanto sinto alfinetadas, mas não o pé em si. Tento refrear uma queda apoiando a mão com toda a força na mesa. O globo de neve cai e se estilhaça, encharcando as fotos do anão de jardim.

— Cameron! — grita meu pai, empurrando a cadeira para trás, afastando-se da mesa molhada. Um tanto do líquido acerta a sua calça num lugar constrangedor.

— Eu tropecei, tá? Meu pé adormeceu! Não foi minha culpa!

— Nada nunca é sua culpa.

Meu pai abre a gaveta da mesa e pega a sua coleção de guardanapos de lojas de conveniência. Ele dá batidinhas furiosas nas fotos, arrumando a bagunça.

— Tudo bem — diz ele.

Não sei se ele está se referindo às fotos ou a mim.

* * *

Só para irritar o meu pai, eu pego um exemplar de *Tudo sobre Dom Quixote* e um saca-rolha com alça almofadada onde está escrito “rosqueie-me”[9]. A viagem de ônibus até o bairro em que moramos é longa, então eu folheio o jornal semanal grátis que peguei no Eubie.

Incêndios sinistros são flagrados em vários Estados: “Com certeza é o fim do mundo”, diz reverendo Iggy Norant.

Viação Papa-léguas: Na sua próxima aventura, siga a pena.

Cientista desaparecido pode ser viajante do tempo de outro mundo.

Adolescentes problemáticos? Para satisfação eterna, envie-os para a nossa igreja.

Você sofreu efeitos adversos do hormônio para crescimento humano? Caso sim, una-se a nós na nossa ação coletiva hoje mesmo.

Supercolisor secreto pode ser revolucionário — ou sugar nosso planeta para dentro de um buraco negro!

Foi na mosca O X da Questão, diz o maior doutor especialista em doenças: “Eu consegui enganar a morte, e você também conseguirá!”

Ragnarok *já!* Aprenda norueguês arcaico no conforto do seu lar: ligue já e ganhe um pingente rúnico totalmente grátis!

Procurando emprego? Oportunidades fascinantes na Atacadistas Globos de Neve Unidos: congelando vida atrás de vidros.

Ligue 0-800-555-1212.

Terminei de ler o jornal. Ainda tenho alguns quilômetros pela frente, então leio os primeiros capítulos de *Tudo sobre Dom Quixote*. O livro diz que Cervantes está fazendo uma sátira da cultura do idealismo. A única coisa que eu sei sobre Dom Quixote é que ele e o seu comparsa saem por aí e vivem aventuras imaginárias, lutam contra moinhos de vento disfarçados de gigantes e esse tipo de coisa. Não vejo nenhum moinho de vento do lado de fora da janela do ônibus. Apenas fileiras e mais fileiras de casas que têm basicamente a mesma cara. Tá, algumas têm dois andares; algumas são estilo *ranch*[\[10\]](#). Algumas têm aquela torre grande e redonda no lugar da garagem, como uma espécie ridícula de castelo suburbano. A cada cinco casas mais ou menos você vê as mesmas casas; elas têm réplicas espalhadas por todo o bairro. Quando eu era criança tinha medo de entrar na casa errada e na vida errada por engano. Agora isso me parece uma coisa boa.

O céu, no entanto, está fantástico. Azul claro, como tinta recém-saída da bisnaga, antes de você misturar água. As nuvens são pequenos colchões de mola lá no alto. Algo passa voando pela minha janela, e eu levo um susto. Um bando de passarinhos decolando para as nuvens. Eles chegaram perto demais do ônibus para o próprio bem deles. Eu os observo até virarem pontinhos. Num piscar de olhos, eu vejo outra coisa no céu, uma confusão muito grande de asas para ser qualquer coisa que eu possa identificar.

CAPÍTULO CINCO

Em que, chapado, eu tenho um encontro muito estranho e uso uma frigideira para me defender

Encontro um recado na geladeira: *Cam, volto às 10h. Tem lasanha no congelador. Se você for usar o forninho, tire da tomada depois. Senão esquenta demais. Mãe.* Há um “amo você” escrito às pressas com caneta de outra cor antes da assinatura. É o toque pessoal que faz toda a diferença. Minha mãe dá aulas de redação na faculdade para os alunos do primeiro ano, nível organismos unicelulares. Ela podia estar dando um curso foda de literatura inglesa em algum lugar bacana, mas ela nunca chegou a terminar sua dissertação ou seja lá o que você tem de fazer para se tornar um PhD de fato. Minha mãe tem dificuldade para finalizar as coisas. A casa está abarrotada de coisas largadas pela metade: palavras-cruzadas, livros ainda com os marcadores, sacolas de tricô, cachecóis que ela começou e largou antes de terminar... A lasanha está totalmente ressecada, fria e intragável, então eu peço uma pizza. Fiéis à propaganda, a pizzeria Tempo Feliz faz a entrega em menos de trinta minutos — com o bônus de refrigerante tamanho grande e uma sobremesa de pão com cobertura cristalizada de canela. Eu devoro as fatias instalado na poltrona que fica no meio de nossa sala de estar vazia.

Eu tenho uma relação especial com o controle remoto. Gosto de imaginar que ele é uma varinha de condão só minha, que me protege das novelas da noite, dos comerciais de carro usado, pastores televisivos e programas de traumas médicos. A varinha para brevemente numa reprise de *Guerreiro das Estrelas*, o filme de ação *cult* e metafísico que tudo quanto é criança em idade entre nove e treze anos assiste pelo menos umas dez vezes antes de entrar na puberdade. Sério, tem uns caras que sabem todas as falas de cor.

Deixo a tela parada nas notícias enquanto enrolo um baseado. Imagens rápidas se espalham pela nossa tevê de quarenta e duas

polegadas: uns caras jovens vestidos com uniformes camuflados segurando armas enquanto vigiam um deserto. Crianças ensanguentadas chorando em ruas dilaceradas de algum país estrangeiro. A continuação de uma matéria sobre a loja que sofreu um atentado à bomba no natal passado. Um comercial com o rosto bronzeado de Parker Day apresentando o refrigerante Rad XL. De volta ao repórter sorridente e uma história local, um incêndio num bairro do outro lado da cidade. As chamas me lembram do sonho estranho que tive hoje na aula de espanglês, o que me dá uma sensação estranha, como quando se está numa curva fechada, numa estrada de pista única e não se consegue ver o que vem pela frente. O repórter comenta algo sobre semelhanças com outro incêndio. As autoridades temem que haja um piromaníaco à solta. Então eles mudam para uma reportagem sobre nomes de bebês de celebridades, e uma atriz nova que botou o nome de Iphigênia em sua pequerrucha.

Eu fumo o suficiente para desacelerar por dentro, como se metade de mim fosse um colchão d'água. Depois eu escondo a bituca e borrifo uma quantidade tóxica de aromatizador de ar, no caso de alguém ter a ideia desvairada de voltar para casa cedo a fim de "passar tempo com a família". Por último, eu coloco no canal ConstaToons para assistir uma maratona do meu clássico da animação favorito, um em que um coitado de um coiole estropiado persegue um papa-léguas numa paisagem desértica. O infeliz sempre se fode por conta de uma dinamite que falha, uma bigorna que despenca ou outras variantes de tiros que saem pela culatra. Mas ele nunca para de perseguir o maldito papa-léguas. Eu já vi isso um milhão de vezes. O coiole arma um pano de fundo com um corredor pintado em perspectiva, com várias portas. É apenas uma pintura, mas por algum motivo o papa-léguas entra correndo na pintura como se fosse real, abre uma das portas e escapa. O coiole fica com uma cara de "Como assim...?". Ele entra na pintura e eles correm um atrás do outro entrando e saindo pelas portas, sempre desencontrando. Até que o coiole abre uma porta e um trem o atropela, coitado. Apesar de já ter visto o desenho um zilhão de vezes, eu racho de rir. Por estar chapado e por ter o direito de rir de coisas que, vistas em sã consciência, não teriam a menor graça.

Um borrão de faíscas brancas passa pela porta da frente, rumo à cozinha. A neblina de erva que paira no meu cérebro faz com que leve dois segundos para eu entender o que isso significa: tem alguém na casa.

— Mãe? — eu chamo. — Pai?

Nada.

— Jenna, é você? É melhor você parar com isso. Estou avisando.

Bosta. Tomara que eu tenha borrifado purificador suficiente para tirar o cheiro de maconha. Da cozinha, vem um barulho baixo e sussurrado.

— A casa tem sistema de alarme!

Nosso sistema de alarme é basicamente eu mesmo me acabando de gritar quando vejo alguém, mas a pessoa não precisa saber disso. Em silêncio, eu entro na cozinha. Não tem ninguém ali. Dou uma olhada rápida, buscando uma arma. Porta-guardanapo de plástico. Toalhinhas de jogo americano. Facas tão cegas que não cortam nem manteiga. Pego a frigideira que está de molho na pia e me esquivo até a sala quando alguma coisa dispara escada acima.

Ai, caralho. Sinto meu sangue latejando na lateral do meu crânio, estou zozinho. Será que devo chamar a polícia? Meus pais? E se for só eu, chapado e noiado? “Calma, Cameron! Primeiro vai lá ver”.

Eu subo as escadas, pé ante pé. A frigideira que empunho é a minha única defesa e, apesar de meu coração estar batendo feito um beija-flor, eu acho engraçado. Saudações, assassino da machadinha! Eu só vim perguntar se você prefere ovos mexidos ou fritos.

Eu chego ao andar de cima. O quarto dos meus pais está vazio. Assim como o covil *über*-feminino da Jenna. Tenho certeza de que qualquer assassino em série que desse uma espiada nas paredes lilases cheias de pôsteres de cantores para garotas sensíveis se atiraria da janela. Ninguém no banheiro. Só resta o meu quarto. A porta está semiaberta, então eu a chuto para abrir de uma vez. Meu quarto está do mesmo jeito que o deixei: roupas amarrotadas no chão; equipamento de som e cabos de computador espalhados a esmo; cama desarrumada; pilhas de LPs, CDs, gibis. As portas do armário estão abertas. Tá, isso é estranho. Não sei que tipo de maconha eu fumei. Talvez do tipo imagine-que-tem-um-cara-do-mal-que-vem-matar-você, mas nunca mais, cara.

Alguma coisa chama a minha atenção. A janela está aberta. Isso é novidade. E no parapeito da janela tem uma pena. Pego a pena. É enorme. Maior e mais grossa que qualquer pena de pássaro que eu já vi. Macia e branca, cor-de-rosa nas pontas. Hum. Eu giro a pena na minha mão e — juro — devo estar pirando, pois na superfície esbranquiçada daquela pena gigante tem uma palavra, uma saudação. Oi.

CAPÍTULO SEIS

Em que eu constato que meu lucrativo emprego de meio período é um inferno pior do que se pode imaginar e tenho uma curiosa — ou melhor dizendo, estranha — visão.

— Cameron?

Tem alguém batendo na minha porta. Batendo significa minha mãe, que significa facilmente ignorável. Eu me deito de bruços e enfio a cabeça debaixo do travesseiro. A bateção continua, ligeiramente abafada pela camada de revestimento sintético sobre a minha cabeça.

— Cameron?

Não. Não bata. Nada de Cameron. Cameron dormindo.

O travesseiro é arrancado violentamente da minha cabeça.

— Cameron?! São dez horas.

Eu abro um olho e vejo que sim, sim, são dez horas. Dez, zero e zero. Zero, meu número favorito. Zero de expectativa, zero de decepção.

— Dez horas. Boa hora pra meninos em fase de crescimento dormirem — eu resmungo. — Boa noite, mãe.

Tento segurar atrás do meu travesseiro, mas minha mãe ainda o segura firme.

— Você prometeu para seu pai que ia cortar a grama hoje.

— Eu prometi?

— Sim, prometeu. No sábado passado, quando você esqueceu de cortar, depois de ter prometido na semana anterior.

Eu tenho uma vaga lembrança dessa história, mas sinceramente, a única coisa em que consigo pensar é no gosto na minha boca. Estou com o tipo de ressaca de maconha onde juro que uma miniequipe de duendes do serviço de manutenção de ruas esteve trabalhando duro a noite toda na minha língua, pintando-a com piche misturado com areia.

— Tá. Mais tarde eu faço — eu resmungo.

— Ele volta do tênis daqui a uma hora.

— Daí eu começo.

Eu dou um golpe de braço, tentando pegar o travesseiro, mas não consigo.

Minha mãe o mantém fora de alcance.

— Querido, você tem que ir pro Buddha Burger, trabalhar.

Meu divertido bico de meio período numa lanchonete, que meus pais me obrigaram a aceitar. Só faz quatro semanas que estou trabalhando lá e já tenho a sensação de ser uma espiral de sofrimento que suga a minha alma.

— Vou ligar dizendo que estou doente.

— Cameron, você acha mesmo que é uma boa ideia? Eles podem começar a achar que você não é confiável.

Essa não parece ser uma boa hora para informá-la de que eu não sou confiável. E nem que fico aliviado por não ser uma pessoa confiável.

— Não tem problema. Eles arrumam alguém pra me cobrir.

Eu pego o travesseiro de novo. Minha mãe continua parada no meu quarto. Sinto a sua presença pairando ali. Outras mães podem ficar bravas, estourar ou arrancar o filho da cama com um determinado “Olha aqui, mocinho, está na hora de você aprender a ter responsabilidade!”. Na versão filme para tevê, esse seria o momento da virada. E no final do filme, quando eles me mostram com um corte de cabelo decente e um chapéu de formatura na cabeça, aceitando a bolsa de estudos / selo presidencial / um convite para trabalhar na cura do câncer, eu agradeceria a minha mãe, e haveria um *close-up* esfumado do seu rosto com lágrimas rolando enquanto todo mundo se levanta para aplaudi-la.

Minha mãe não é assim. Ela é como eu, do tipo que vai no embalo. Depois de alguns segundos, ouço seus sapatos batendo em retirada.

— Tudo bem — diz ela, antes de fechar a porta. — Mas pelo menos usa o cortador de grama na calçada da frente.

— Pode deixar — eu prometo, e volto a dormir na mesma hora.

Eu acordo às onze e quinze, o que significa quinze minutos antes da hora em que devo me apresentar para o meu turno de seis horas no

Buddha Burger, que fica no outro lado da cidade, a vinte minutos de carro. Bosta. Pego meu uniforme — calça preta, camisa branca com uma Vaca Buddha em posição de meditação flutuando sobre um pão de hambúrguer e uma imitação cafona de chapéu de monge tibetano. Escovo os dentes e olho à minha volta para ver se estou esquecendo alguma coisa. Daí vejo a longa pena caída no chão, e a esquisitice de ontem à noite se emerge de minha memória. Que porra foi aquilo? Oi. A pena disse oi.

Mas agora não tem nada escrito. Até onde eu sei a pena podia estar no chão do meu quarto há um tempão, e o lance de ontem à noite foi uma piração esporádica provocada pela maconha. Jogo a pena no lixo e desço correndo. Depois de implorar um pouco à minha mãe, ela concorda que eu pegue o Turdmobile, seu carro quadrado com cor de cocô. É feio, mas anda, e, quando estamos atrasados, é melhor que ônibus. Por todo o quarteirão, as gramas ganham vida com homens montados em cortadores de grama dirigíveis. Eles galopam pelos seus jardins, aprumando-os, estão no comando daqueles poucos metros quadrados de terra. Todos saudando o herói de ação suburbano! Não mexa com esses homens — eles têm cortadores de grama e sabem usá-lo! Tipo, sério, as pessoas esperam que eu tenha boas notas, entre numa boa faculdade, não faça nenhuma besteira, para depois acabar assim também algum dia? Valeu, eu passo.

Meu pai, ainda com a roupa branca do tênis, empurra o cortador de grama pelo nosso gramado já impecável. Nossos olhos se encontram durante um nanosegundo, e daí meu pai se agacha para examinar um aglomerado de mato particularmente vigoroso. Enquanto eu dou ré no Turdmobile ao longo da entrada da garagem, ele passa o cortador sobre o mesmo lugar repetidas vezes, fazendo com que o trecho rebelde ceda à sua vontade.

Eu atravesso as portas do Buddha Burger sete minutos depois do meu horário, coisa que, se você quer saber a minha opinião, está dentro do aceitável. Mas não para o nosso gerente, o senhor Badcock[11]. Ele está esperando, parado ao lado do relógio, seu bigode espesso esmagado num M peludo sobre uma carranca firme. Ele faz questão de olhar para o relógio, depois para mim.

— Oi, senhor Badcock — eu digo, batendo o cartão.

— Você está atrasado, Cameron.

Uau! E você, senhor, é absurdamente perspicaz.

— Sim, senhor. Desculpe. Tive que pegar o carro da minha mãe e ele morreu...

— Cameron, vou lhe dar um conselho, filho. Nunca se justifique, nunca jogue a culpa nos outros.

Ele me olha com uma cara séria. Imagino que, de acordo com o manual de interação, humana o certo seria eu lhe dar um retorno, algo para mostrar que “entendi o recado”.

— Sim, senhor. É um bom conselho, senhor.

Ele passa o braço atrás dos meus ombros como se fosse um *life coach*[\[12\]](#).

— Filho, eu não sei como é a situação na sua casa.

No seu carregado sotaque texano, a palavra “situação” tem umas dez sílabas, mais ou menos.

— Talvez você não tenha pai em casa. Talvez tenha. Mas aqui no Buddha Burger eu gosto de pensar na nossa equipe como uma família. Entende o que estou querendo dizer?

Que existe mais um lugar onde eu posso me sentir esquisito, ressentido e deslocado?

— Significa que enquanto você trabalhar aqui eu vou ser como um pai para você. Eu digo as regras e, quando digo que você tem que estar aqui no horário, ou até dez minutos antes do seu turno, estou falando sério. Entende?

— Sim, senhor — eu digo.

O senhor Badcock esfrega meu ombro. Ele sorri e o bigode de taturana — de causar inveja a qualquer policial estadual, tenho certeza — fica reto. Ouvi dizer que de fim de semana ele trabalha meio período como segurança, de óculos espelhados e arma. Decerto ele faz poses na frente do espelho do seu banheiro para ver como fica a sua cara quando diz: “Parado!”

O senhor Badcock fica contente por eu ter “captado o seu recado”. Aposto que ele está se sentindo todo pimpão por ter “colocado mais um jovem no caminho da responsabilidade”. Não posso esquecer de escrever “Chute-me” nas costas da sua camisa qualquer hora dessas.

Hoje eu estou trabalhando com Lena. Que maravilha. Lena é a pessoa mais literal que já conheci, tem coração e alma de uma promotora pública. Quando Lena está de gerente, ela espera que você se mate de trabalhar — nada de sair para a despensa para fumar escondido ou fingir durante meia hora que você está limpando os banheiros. Tem de ser de acordo com as regras o tempo todo.

Ela me entrega um pano de prato.

— Atrasado de novo, Cameron.

— Só sete minutos. Isso não chega a ser atraso, Lena.

Ela se vira, mãos na cintura.

— Ah, é? São sete minutos que tive que cobrir pra você. Nada legal.

— Não é nada de mais.

Eu trato de ir abastecer os porta-guardanapos nos balcões, mas posso sentir seus olhos em mim, como se ela conseguisse enxergar direto no meu âmago de cretino irresponsável. Levanto os olhos e ela está me medindo.

— Posso lhe fazer uma pergunta, Cameron?

— Acho que você acabou de fazer. Ou seria outra pergunta?

Lena nem se dá ao trabalho de registrar o que eu disse com uma nova expressão facial.

— Minha pergunta é a seguinte: qual o seu problema?

Ela me encara com seus enormes olhos castanhos, esperando. E o que eu tenho vontade de dizer para ela é: *Não sei. Eu realmente não sei.*

— Tá. Eu vou lá limpar.

Lena balança a cabeça lentamente, juiz e júri. Daí ela faz aquela coisa que pelo jeito eu não consigo. Ela deixa o assunto de lado, bota um sorriso na cara e se vira para o próximo cliente:

— Olá, bem-vindo ao Buddha Burger. Posso lhe ajudar?

Apenas mais seis horas cheias de diversão pela frente.

As mesas estão sujas. Cada centímetro das mesas de imitação de bambu está coberto com restos grudentos e pegajosos de Buddha Burger, Batatas da Meditação e Raspadinhas de Frutas Frescas. As pessoas vêm aqui porque acham que é saudável e que estão salvando o meio ambiente enquanto mandam ver na *fast food*. O

lugar tem várias fotos emolduradas de indígenas sorridentes que não estão sendo explorados de modo algum pela empresa. No fundo tem um chafariz zen, supostamente para criar um clima de tranquilidade. Basicamente ele faz as pessoas ficarem com vontade de mijar. Música *new age* cantada emana das caixas de som. Pimpolhos correm por tudo quanto é lado com seus brinquedinhos de Vacas Buddha, fazendo muuu e atrapalhando a minha tentativa de limpar o lugar.

Lena me chama pelo microfone. Está na hora da sua folga e ela faz questão absoluta de tirar a folga na mesma hora toda vez. Eu assumo o caixa no exato instante em que Staci Johnson e sua turma entram. No índice de humilhação do colegial, esse é o ponto máximo.

— Lena — eu imploro num sussurro. — Você pode cobrir essa pra mim, por favor?

— Há! Muito engraçado — ela me mostra o seu gibi do *Guerreiro das Estrelas*. — Estou na minha folga.

— Olha, desculpa o atraso...

— Com este seriam... — ela conta nos dedos — , cinco atrasos.

— Sinto muito, muito mesmo. Não vai acontecer de novo. Cobre só essa, por favor.

Ela faz um gesto exagerado ao batucar os dedos contra o queixo, como se estivesse pensando seriamente.

— Hum.... Vamos ver. Hum. Não.

— Lena, por favor. Eu estou pedindo. Serei seu melhor amigo.

— Já tenho uma melhor amiga. Ela se chama LaKeesha. Você saberia se prestasse atenção nos outros.

— Tudo bem. Eu sou um filho da puta. Um filho da puta egocêntrico. Mas eu juro que se você cobrir esse único pedido eu prometo que busco o queijo de soja na despensa durante uma semana. Prometo.

Durante um instante tenho a impressão de que ela está considerando. Então ela abre o gibi na página marcada com uma fita.

— Sinto muito. Estou numa parte boa. O destino do universo está por um fio.

Lena enfia seu cartão no relógio de ponto. Eu ouço o estalo do perfurador selando o meu destino.

— Com licença, será que alguém poderia nos atender? — chama Staci.

Lena vira a cabeça na direção delas. Um sorrisinho se forma nos seus lábios.

— Eu que não queria estar na sua pele.

Bosta.

Conformado, eu vou até o caixa, me perguntando se garotas — assim como lobos ou assassinos em série bastante experientes — conseguem farejar o cheiro de medo que estou exalando.

— Olá, bem-vindas ao Buddha Burger. O seu pedido, por favor? — eu digo enquanto pego uma bandeja de plástico e coloco uma toalha de papel cem por cento reciclado.

Evito fazer contato visual enquanto encaro as pinceladas de informação inúteis: “DNA, ou ácido desoxirribonucleico, é o código genético que faz com que você seja único! Antes de virarem hambúrgueres sem crueldade, as vacas do Buddha Burger foram criadas com luz do sol e felicidade. Essa é a razão desse gostinho tão muu-ravilhoso! Reciclar faz bem para o planeta — para você e para mim. Vamos nos reciclar!”

— Com licença — diz uma das garotas, estalando os dedos para chamar minha atenção.

Staci Johnson e eu estamos separados por uma caixa registradora e um balcão de sessenta centímetros.

— Nossa, é o Cameron Smith. Eu não sabia que você trabalhava aqui — diz Staci, segurando uma risadinha. — Curti o chapéu.

Toma o seu prato superbem servido de Eu Odeio Você. Você gostaria de batatas fritas para ajudá-la a engolir isso?

Staci & Cia mudam o pedido quatro vezes só para zoar comigo. Todas pedem a Vitamina de Frutas Frescas, que é um saco fazer. Estamos no inverno, meninas. Peçam café. Tenho a impressão de que estou há horas no liquidificador, desenvolvendo síndrome do túnel cárpico ou piorando a síndrome do túnel cárpico que já desenvolvi pelo tanto que eu mesmo já abusei do meu próprio corpinho, coisa que talvez seja possível diminuir. Mas até aí, todo mundo precisa de um passatempo. Fazer as vitaminas deve ter demandado mais esforço do que imaginei, pois quando trago a bandeja com as bebidas minhas mãos começam a tremer e repuxar.

Todos os músculos do meu braço estão dançando *break*. Não consigo segurar a bandeja. Ela sai voando, esguichando leite de soja batido com *blueberry*, morango e pêssego na Staci.

Staci solta um gritinho.

— Você fez isso de propósito, Cameron Smith.

— Juro que não fiz — eu digo.

Meu braço esquerdo está tremendo. Uso o braço direito para conter a tremedeira, o que causa a impressão de que estou tentando me abraçar.

— Total que ele fez isso de propósito — diz uma das puxa-saco.

Ela arranca quatro ou cinco guardanapos ecologicamente amigáveis do porta-guardanapo e os entrega a Staci.

— Meu Deus, ele é maluco — resmunga Staci alto o suficiente para que todos ouçam.

Até os pimpolhos do lugar param de correr aos berros e agora estão mais interessados na cena que se desenrola aqui na frente.

Com um andar pomposo, e arregaçando as calças, o senhor Badcock dá a volta nos tonéis de fritura.

— Qual o problema?

— Ele jogou vitamina na gente — Staci mostra a blusa molhada.

— Cameron, você pirou? — diz o senhor Badcock, afastando os olhos dos peitos da Staci, agora encharcados de vitamina.

— Não. Foi um acidente. Não sei o que aconteceu. Foi como se eu tivesse perdido o controle dos meus braços ou...

O senhor Badcock põe o dedo em riste, pedindo silêncio.

— Nunca se justifique ou jogue a culpa nos outros, senhor Smith. Senhoritas, aqui no Buddha Burger nós levamos segurança a sério. O lanche de vocês será por nossa conta. Lena, você poderia tirar os pedidos das garotas novamente?

Lena ergue os olhos do gibi.

— Estou na minha folga. Quinze minutos, por lei.

O senhor Badcock suspira:

— Tudo bem. Faço eu mesmo. Cameron, vou ter que pedir pra você me entregar seu crachá Buddha.

Todos os pares de olhos estão em mim quando devolvo meu crachá com a Vaca Buddha meditando e o chapéu. Apenas uma pessoa não está olhando. Uma garota de pele cor de cobre e

cabelos cor-de-rosa sentada num canto afastado, comendo o generoso *sundae* com cobertura quente. Ela está toda iluminada pelo sol da tarde. E ela tem asas. Não, aquilo é... Aimeudeus! Lá está: brancas, fofas. Atrás de suas costas, um par de asas gigantescas. Não, cara, isso não pode ser. Pessoas não têm asas.

— Cameron?

— Hum? — eu pergunto, voltando minha atenção ao senhor Badcock.

— Pegue suas coisas e vá embora. Não se esqueça de bater o cartão.

Staci e sua turma formam uma rodinha. Fingem que estão tentando não rir, mas na verdade estão adorando o espetáculo. Quando eu volto a olhar para a mesa no canto, ela está vazia.

CAPÍTULO SETE

Em que enfrento os ossos do ofício de ter de jantar com a minha família

— Que tal se a gente fosse jantar no Luigi hoje, uma janta mais cedo? — meu pai propõe.

De vez em quando ele faz uns anúncios assim, do tipo “vamos nos comportar como uma família”. Até onde eu sei, talvez os faça até com certa frequência, mas é tão raro estarmos todos reunidos no mesmo ambiente que é difícil saber com certeza. Somos como elétrons, que atraem e repelem uns aos outros.

— Sinto muito, pai. Não posso — diz Jenna.

Ela se dá ao trabalho de parecer lamentar:

— Combinei de ir ao cinema com Chet e a galera.

— Que horas? — pergunta meu pai.

— Às oito.

— São cinco ainda. Você podia jantar com a gente e ir depois.

Jenna fica boquiaberta.

— Sozinha? Eu não posso aparecer lá sozinha. Isso é patético. E se eles se atrasarem e eu tiver que ficar lá sentada sozinha, feito uma mané, que nem...

Cameron, meu irmão mané.

— Além do que, Lisa e Tanya vêm me buscar às seis. Primeiro vamos encontrar a galera pra comer uma pizza.

— Você precisa de dinheiro? — pergunta minha mãe.

— Por quê? — eu pergunto, irritado. — Ela nem vai comer de verdade. Tenho certeza que tem o suficiente pra um refrigerante *diet*.

Jenna me encara.

— Tudo bem, sosseguem vocês dois. Bem, então acho que vamos ser só nós três.

— Não estou com fome — eu digo.

— Você morreria se ficasse um pouco com a sua família, Cameron?

Não sei. Você morreria se parasse de trepar com a professora-assistente? Por que você não admite que esse é o verdadeiro motivo dessa reunião familiar repentina? Faz um mês que você chega tarde em casa todas as noites. Por acaso a Raina está de férias?

Eu poderia falar isso em voz alta, mas não falo.

— É que estou muito atrasado na minha leitura para espanglês. Aquele Dom Quixote é uma figura. Não quero perder um minuto da história.

— Você está lendo *Dom Quixote*? — pergunta minha mãe. — Você sabia que Cervantes é considerado o primeiro romancista moderno?

— Não. Nossa. Bem, é melhor eu ir lá.

Eu chispo lá para cima, mas ainda consigo ouvi-los discutindo na cozinha.

— Então, você está a fim de ir ao Luigi? — pergunta meu pai num tom irritado.

— Ah, tanto faz — minha mãe responde.

— Podemos comer *sushi*.

— Bacana. Posso pedir uma salada.

— Mary, se você não quer comer *sushi* é só dizer que não.

— Não, não, tudo bem. Você me conhece, odeio ter que tomar decisões.

Já sei como vai ser a noite deles. É como uma reprise de um programa que você já viu um milhão de vezes. Eles vão acabar indo pro Luigi, aonde sempre vão, aonde meu pai será o centro das atenções, o grande homem. Minha mãe terá dificuldade em escolher o que pedir até que meu pai pede alguma coisa para ela, sendo que ela vai odiar, vai ciscar a comida e irritá-lo. Ele vai resmungar que se ela não gosta, não precisa comer. Daí ela vai fazer um drama ao dar uma garfada e dizer não, não, está uma delícia, é que ela não está com muita fome. Eles vão esgotar seus temas de conversa — o trabalho dele, o trabalho dela; nós, os filhos — antes mesmos de servirem os aperitivos, e passarão o resto do jantar em silêncio, procurando outras pessoas que os dois conheçam, que poderiam se juntar à mesa e salvá-los um do outro.

Pois é. Acho que passo, obrigado. Mas pelo jeito meu pai tem outras ideias. Ele bate a minha porta enquanto a abre, uma mania que acho para lá de irritante. Sério, por que bater então?

— Cameron, vá se vestir. Vamos jantar no Luigi, todo mundo.

— Eu achava que Jenna não ia — eu digo sem pensar. — Se Jenna não vai eu devia ser dispensado.

— Isso é uma família — diz meu pai. — Ninguém está dispensado.

O Luigi se apresenta como um lugar “de família e diversão!”. Eu acho difícil juntar as duas coisas até na mesma frase. O Luigi até que é um cara legal — baixinho, quase careca, natural de Nova Jersey. Sua mulher, Peri, é um mulherão, loira e com sotaque texano. Ao contrário dos meus pais, Luigi e Peri são uma unidade, apaixonados um pelo outro. Eu me pergunto como deve ser isso, por que algumas pessoas continuam apaixonadas enquanto outras não.

— Ei, vocês! Bem-vindos ao Luigi — diz Peri ao nos cumprimentar na porta, segurando cardápios laminados.

— Olá, Peri. Desde quando você fica na porta? — diz meu pai em tom de brincadeira, esbanjando seu charme.

Peri ri.

— Eu sei! Você acredita que finalmente o Lou me deixou brincar de anfitriã? Há um ano que estou pedindo! Ele me obrigou a fazer teste e tudo. Dá pra imaginar?

— Só pra poder encontrar um jeito de passar mais tempo juntinho de você — diz Luigi e beija a sua bochecha.

Peri dá um sorriso enorme.

— Sempre tão romântico...

— Bom apetite! — diz Luigi.

Seguimos Peri e passamos pela parede estilo *trompe l'oeil*, que imita um jardim italiano e pelas mesas com toalhas xadrez, vermelho e branco, ornadas com cravos e fartas cestas de pãezinhos. Tenho a sensação de que, se nesse estabelecimento alguém é pego sem um produto à base de farinha por perto, soa um alarme. Peri nos leva até uma mesa ao lado de uma lareira elétrica, que queima com uma chama esquisita azul-alaranjada que nem tenta parecer real.

— Prontinho. O garçom já vem. Obrigada, e bom apetite — diz ela como se tivesse acabado de se formar numa escola de anfitriãs.

— Não é legal? — diz meu pai, abrindo o cardápio, bloqueando a gente.

Minha mãe faz o mesmo. Jenna está com uma cara péssima, mas ela é boa moça demais para correr o risco de decepcionar o pai. Foi por isso que ela cedeu. Ela não tem o relacionamento íntimo com as costas dele como eu tenho. Se ao menos eu tivesse tido tempo de me chapar antes, pelo menos eu podia achar tudo isso divertido de alguma maneira.

— Quem tem alguma novidade legal pra contar? — pergunta meu pai depois que pedimos os pratos e que nos trouxeram a cestinha abarrotada de pães.

É preciso enfiar alguma coisa na boca para impedir que aquilo que queremos dizer escape.

— Eu tenho uma — diz Jenna, sorrindo, pegando a deixa. — Vocês sabem que a semana do saco cheio está logo aí, né? E vocês sabem que eu sempre quis aprender a esquiar, né? Bem, o grupo da igreja do Chet organizou uma excursão pra neve e tem um lugar reservado pra mim.

— Grupo da igreja? — diz meu pai.

— Não sei não, querida — minha mãe entra na conversa —, esqui é muito caro.

— Não seria tão caro. Eles fecharam um ótimo pacote, e eu posso usar parte das minhas economias.

Opa, péssima jogada, Jen. Mencionar uso de dinheiro economizado para pagar a faculdade para qualquer coisa que não seja pagar a faculdade implica eliminação automática, mas obrigado por participar.

Meu pai dá um daqueles sorrisos “ah, sua bobinha”, na intenção de mostrar sua boa índole. Mas como ele não tem boa índole o resultado é um sorriso escroto.

— Aquele dinheiro é pra faculdade.

— Pai — diz Jenna, suspirando alto, os olhos virados para o teto.

— Não. Querida, você conhece a regra quanto a isso.

— Eu nunca posso fazer nada.

— Você pode usar as minhas economias — eu digo, e dou uma mordida no pão de cebola. — Acho que nenhuma faculdade vai me aceitar.

Meu pai segura um suspiro, tenta transformá-lo em sorriso.

— Bem, a partir do verão nós já vamos começar a trabalhar nos SATs[13]. Assim até o ano que vem você estará preparado.

— Tomara — eu digo cruzando os dedos.

— P-dá — p-pa — p-ra — p-pa — p-rar — p-de — p-ser — p-um — p-im — p-be — p-cil — Jenna cantarola na língua que a gente costumava usar como a nossa língua especial de gêmeos. Do tempo em que éramos amigos.

Meu pai toma um trago de uísque.

— Não adianta torcer, Cameron. Tem que trabalhar duro. Se desejo desse em árvore estaríamos todos ricos.

— Isso não faz sentido, pai.

— Um jovem com o seu QI quase ficando para trás no colegial também não faz o menor sentido — diz ele, sem nenhum ar de complacência.

Ele parece estar realmente agoniado.

— Eu cheguei a comentar que no semestre que vem vou dar um curso de poética e prosa Edda? — diz minha mãe, numa tentativa de mudar de assunto. — Lembra como vocês adoravam as sagas *vikings* quando eram crianças? Odin e Freya, Balder e Frigga.

Meu pai continua me encarando como se eu fosse alguma coisa para a qual ele não consegue encontrar um teorema.

— Eu sei que você quer que eu desista de você, Cameron. Mas eu não sou assim.

Eu posso agradecer. As palavras estão na ponta da minha língua. Mas, ao que parece, eu não sou assim. Ele faz com que eu me importe para depois me dar as costas.

— Passa o sal, por favor? — eu digo.

Eu encharco meu prato de espaguete de sal, embora não haja necessidade.

Depois do jantar, caminhamos pela galeria. As lojas estão começando a fechar. As pessoas fazem suas compras de última hora. Minha mãe e Jenna entram numa livraria enquanto meu pai entra na loja de sapatos esportivos, três portas à frente. Eu fico parado na calçada, esperando. Raios piscam ao longe como código Morse cósmico: pancada, pancada, luz.

Um velhote, morador de rua, com chapéu de papel alumínio, empurra um carrinho de supermercado que range pelo estacionamento praticamente vazio, jogando latinhas para dentro quando as encontra. Ele para na minha frente, aponta para o céu.

— Alguma coisa vai acontecer. Tá sentindo?

— Chuva — respondo.

— Não, senhor. Bem mais que chuva — ele diz e aponta para o chapéu: — É melhor você arrumar um desse.

— Com certeza.

— O mundo está indo pro brejo. Vai acabar tudo — ele diz e novamente aponta para o chapéu: — Arranja um desse.

Ele puxa uma latinha de Rad amassada de dentro de uma boca de lobo. Um caminhão atravessa o estacionamento, os faróis afastando a escuridão. O vento muda, trazendo um leve cheiro de fumaça. O velho empurra o carrinho pela calçada, as rodinhas gemendo por todo o caminho.

CAPÍTULO OITO

Duas semanas depois

**Em que dou um soco no estômago de Chet King, sendo que
nem foi intencional**

— Cara, tá tudo bem com você?

Eu estou dobrado sobre a pia do banheiro, tentando acalmar a esquisitice dentro da minha cabeça. É como se a voz do Maconheiro Kevin viesse lá do fim de um túnel.

— Sério, você não está com uma cara muito boa.

— Acho que comi alguma coisa estragada — é tudo que eu consigo dizer.

Algo muito estragado. Algo que pode estar me detonando num nível genético.

Ele me dá um sorrisinho condescendente.

— Ahhh, caaa-ra! Você está tomando chá de cogumelo? Cara, você está total tomando o Expresso Psilocybin rumo ao Club Med dos Cogumelos, admite!

Pelo espelho do banheiro eu noto que meu rosto está mais pálido e esquelético que o normal. Meus olhos estão enormes e assustados. Sob a pele sinto minhas terminações nervosas repuxando e queimando, cabeças de fósforos fumegantes recém-apagados e pequenas nuvens de fumaça.

— Você está péssimo, velho. Por que não cabula a aula? Sai fora, vá curtir a viagem.

— Não posso. Estou quase reprovado em espanglês. Mais uma falta e já era.

— Cara, que foda isso.

Soa o sinal. O som ressoa na minha cabeça como um gongo filtrado por uma gigantesca pilha de amplificadores.

— Vamos lá — diz Maconheiro Kevin. — Eu sento do seu lado na aula. Ajudo você.

— Você está na minha turma de espanglês? — eu pergunto.

— Hum... sim.

Ele pega a minha mochila para mim.

— O ano todo?

Tento me lembrar dele na aula e não consigo.

— Velho, sim — ele balança a cabeça e ri. — O ano todo. Você não lembra?

Não. Não lembro.

— Lembro. Só estava brincando — eu digo.

Deixo que Maconheiro Kevin me mostre o caminho até a sala, pois estou tendo dificuldade para lembrar isso também.

— Vocês já devem ter lido os capítulos que eu pedi do *Dom Quixote* durante o fim de semana — diz professor Glass enquanto apaga a lousa e escreve a palavra TEME bem no meio.

Ele sublinha a palavra, para o caso de não termos percebido.

— Quem gostaria de iniciar a discussão de hoje?

— Impossível ser uma discussão se é pra simplesmente regurgitarmos aquilo que o governo quer que a gente responda no TEME — a garota gótica sentada atrás de mim responde rispidamente.

Professor Glass varre a classe com os olhos, buscando alguém que reaja amigavelmente ao seu xaveco de “tornar a leitura obrigatória algo interessante”. Ele tem o bom senso de me ignorar. As estranhas contrações musculares na minha perna não cessam. Com o canto de olho, eu tenho a impressão de ver chamas lambendo as paredes. Quando viro a cabeça elas se recolhem. Deve ser falta de sono, digo a mim mesmo. O único jeito que eu consigo dormir é se fico bem chapado. Daí consigo dormir uma ou duas horas. Estou tão exausto que comecei a ver coisas.

— Alguém? — pergunta a professora Rector, já que ninguém responde ao chamado do professor Glass. — Senhorita Rodriguez?

Nossa futura oradora não decepciona.

— Sansão Carrasco encontra um jeito de convencer Dom Quixote a aceitar a sua esposa e ocupar o seu lugar na sociedade e, eventualmente, a sua morte também.

— Sim, muito bom, e como ele faz isso? Lembrem-se, na prova vocês terão que usar exemplos. É isso que vocês têm que fazer na prova. Não pense demais, se pensar demais na prova do TEME, você está perdido.

— Bem, em vez de lhe dizer que ele está louco, que não pode fazer isso ou aquilo, ele o incentiva a embarcar em todas aquelas aventuras. Mas Sansão se disfarça e vai junto.

— Sim. E por que ele faz isso... senhor King?

— Eu? Hã, desculpa, professor Glass. Eu não li.

— Por que não, senhor King?

— Eu me oponho por motivos religiosos.

Professor Glass revira os olhos quando os colegas de futebol do Chet começam a rir.

Minha cabeça parece que vai explodir. É como se eu precisasse gritar ou bater em alguém. E assim, do nada, meu braço esquerdo recebe uma mensagem maligna e dá um solavanco. Professor Glass contrai os olhos e olha em minha direção.

— Sim, senhor...

Ele precisa consultar a lista da classe para lembrar meu nome.

— Smith? Você gostaria de acrescentar alguma coisa?

— Não. Eu...

O zunido nos meus ouvidos está piorando.

— Para! — eu grito.

Os caras do time de futebol começam a cantarolar uma irritante trilha sonora de um seriado clássico de ficção científica. Uma nova onda de riso percorre a classe e professora Rector tem de pedir silêncio; aos meus ouvidos aquilo é como uma explosão. Pressiono as mãos contra a cabeça. Para, para, para.

— Vamos lá, senhor Smith. Saia da sua concha.

É, vá se foder você também, professor Glass. Cara, a minha cabeça!

— Por que Sansão Carrasco se disfarça e sai viajando com Dom Quixote? Para enganá-lo?

Pare. Por favor.

— Para ludibriá-lo? Para ajudá-lo? Por que...

— Porque...

O zunido dentro de mim é tão intenso que não aguento mais.

— Porque... vá se foder!

Professora Rector fica boquiaberta. Professor Glass fica atônito pela primeira vez. Alguém suspira.

— Ai meu Deus.

A boca do professor Glass volta a se fechar numa linha apertada.

— Senhor Smith, saia da sala.

— Desculpa, eu... aaaahhhh!

Meu corpo queima de dor.

— Puta que o pariu!

Professora Rector aponta para a porta com um gesto dramático.

— Saia. Da minha sala. Agora.

— Na boa, *señora* Rector — diz Maconheiro Kevin. — Cameron é gente boa. É que ele comeu uns cogumelos do mal, só isso.

Valeu, Kev. Tento pegar minha mochila, mas é como se meus músculos fossem de outro planeta, pulando e contraindo numa dança insana de robô que arranca mais risadinhas da classe. A voz da professora Rector assume aquele tom superior.

— Para mim já deu. Alguém poderia, por favor, acompanhar o senhor Smith até a sala do diretor Hendrick?

— Claro, senhora Rector.

Chet King se levanta da carteira e me segura.

— Vamos lá, mano. Já perdeu a graça.

Num dia comum, eu odiaria Chet King por sua postura de guarda de prisão e por me chamar de “mano”. Mas esse não é um dia comum. Tudo que consigo sentir é um pânico absoluto por meu corpo não estar recebendo nenhum dos comandos frenéticos do meu cérebro, ordenando que ele se mexa. Suas mãos tocam o meu braço e sinto como se elas o queimassem.

— Ah, caralho! — eu grito.

Meu braço espasmódico voa para fora e acerta Chet bem no estômago. Ele é grande, mas o golpe o pega de surpresa. Seus joelhos encontram o chão, seguidos rapidamente pelo resto do seu corpo. Na mesma hora os esportistas da classe vão para cima de mim. Cada toque parece estar em contato direto com terminações nervosas cruas. Tenho uma vaga noção de estar gritando coisas que são “impróprias para um ambiente tranquilo de sala de aula”.

Acho que é por isso que Chet finalmente me puxa e me golpeia.

O código de comportamento da Colégio Calhoun, que somos obrigados a assinar no começo do ano, é bem rigoroso quanto ao que é aceitável e inaceitável no quesito “conduta pessoal”. Socar os idolatrados jogadores de futebol no estômago é inaceitável, sem dúvida. Recebo cinco dias de suspensão por comportamento violento e, graças ao Kevin, suspeita de uso de drogas.

Minha mãe teve de ir me buscar com seu Turdmobile. Ela está tão arrasada e preocupada, se bem conheço a minha mãe, que durante toda a viagem ficamos em silêncio absoluto. Silêncio absoluto é um termômetro de pais; ele diz quão ferrado você está. Mas a melhor parte ainda está por vir. Meu pai recebe um telefonema, e isso faz com que ele volte mais cedo para casa (sinto muito, Raina), que acaba levando a uma conversa a portas fechadas, que implica nós quatro sentados na sala de estar: Mãe, Pai, eu e a Decepção. É como se eu fosse uma câmera que vai de *close-ups* na Mãe — preocupada, vagamente ausente e certa de que isso tudo é reflexo do seu comportamento relapso — ao Pai — tenso, controlado, bravo e determinado a resolver a situação.

Mãe: Só queremos saber se você está com algum problema, Cameron.

Pai: Óbvio que ele está com um algum problema, Mary. A questão não é essa.

Mãe: Bem...

Pai: O que você está tomando, Cameron? Você achou que ia ser engraçado ser expulso daquele jeito?

Mãe: É maconha, querido? Você fumou maconha estragada?

Pai: Agora quando as faculdades virem seu currículo você acha que vão tirar o chapéu para você? Meu Deus... se você der sorte conseguirá quando muito se matricular numa faculdade de fundo de quintal.

Mãe: Querido, você não está cheirando cola ou algo do tipo, né? Por favor. Esse tipo de coisa pode detonar seu cérebro.

Pai: E meter um soco no estômago de um colega? Que beleza... Maravilha.

Mãe: Ai meu Deus! Não é metanfetamina, né? Eu vi um especial sobre isso. As pessoas tiveram que fazer cirurgia de reconstrução de

nariz.

A câmera corta para um *close-up* de um menino adolescente que pondera se deve contar a verdade aos pais, ao mesmo tempo em que especula se eles vão acreditar nele ou não.

Eu: Mãe, Pai. Não estou usando drogas. Eu só...

Corte para enquadramento aberto.

Mãe: É por isso que o mandaram embora do Buddha Burger? Por que você estava tomando drogas? Querido, você tem que tomar cuidado quando trabalha com fritura.

Pai: Mary, por favor.

Mãe: Eu só quero saber.

Pai: A questão não é essa.

Minha mãe brinca com seus brincos estilosos. Ela precisa tingir os cabelos. As raízes estão crespas e brancas.

Eu: Não sei o que aconteceu. Eu me senti mal, tá bom?

Pai: Então você começa a xingar e bater num colega? Cameron, isso não faz sentido.

Plano médio de menino adolescente enquanto ele luta, tentando encontrar o que dizer. Muito tempo se passou desde que ele tentou se comunicar com seus pais, e é como se os dois estivessem do outro lado do oceano, falando em outra língua. Corta para a mãe.

Mãe: Talvez seja melhor ele falar com um terapeuta, Frank.

Pai: Isso é manipulação, Mary. Nessa situação nós temos que agir como pais. Diga a verdade para nós, Cameron. Quem está vendendo drogas pra você?

Mãe: Ai, Cameron. Não é você que está vendendo drogas, né?

Eu: Mãe, pai. Não estou tomando drogas. Bem, dessa vez não estava.

Mãe: Dessa vez? Ai, Cameron.

Eu: Dá pra vocês esfriarem um pouc...

Pai: (ri) Esfriar? Esfriar?

Mãe: Querido, nós só estamos...

Pai: Essa é boa...

Mãe: ... preocupados com você.

Pai: Certo. Você está de castigo. Vamos tirar a porta do seu quarto. Você perdeu seu direito à privacidade por enquanto. Entendeu?

Corte para *close-up* de menino adolescente enquanto ele encara um pontinho na parede.

Eu: Tá.

Mãe: Tem alguma coisa que você gostaria de dizer, querido?

Close-up extremo do pontinho aumentando como um buraco.

Eu: Não.

O ângulo da câmera vai aumentando cada vez mais até ficar tão fora de foco que não passamos de uma mancha de cor na tela.

Depois que eu me fodi total e ficou resolvido que eu irei a um terapeuta de dependentes químicos e ao psicólogo, eu me sento à mesa da cozinha e fico lendo, pois basicamente isso é tudo que me resta, uma vez que estou de castigo até o futuro visível. Jenna passa por mim toda empinada a caminho da geladeira, a fim de ficar olhando para comidas que ela não vai comer por medo de engordar. Gordura equivale a uma mancha grande e preta na vitrine da perfeição.

— Ouvi dizer que se a pessoa fica olhando pra um sorvete por muito tempo ela pode virar um leitãozinho — eu digo.

— Eu não estou falando com você.

— Fico arrasado.

— Você deu um soco no Chet!

Jenna está tão brava que até pega um copinho de pudim sem ser *diet*.

— Se você não for comer inteiro não é pra pegar — eu digo.

Ela bate a porta da geladeira e arranca a tampinha de alumínio com um gesto exagerado.

— Sabe por que você não gosta do Chet?

É uma pergunta retórica, mas não consigo deixar de responder mesmo assim.

— Você quer dizer, além do fato de ele ser um exibido egocêntrico?

— Você não gosta dele porque ele se importa com os outros. Tipo, os discursos que ele faz no Kiwanis ajudam a salvar vidas! Você já fez isso alguma vez, Cameron? Algum dia você já fez alguma coisa por outra pessoa só porque você gostava dela? Não. Você nem deve saber o que é isso.

Essa é a parte em que eu me intrometo e digo: “Bem, isso não é verdade. Eu me importo com tudo quanto é tipo de pessoa. E com o meio ambiente. E com os animais da fazenda que correm perigo. Eu venho trabalhando num plano secreto para doar um animal da fazenda em perigo para todas as pessoas que eu gosto, só para que saibam a profundidade dos meus sentimentos”. Mas a verdade é que ela me pegou nesse ponto. Chet não é o anjo que ela imagina, mas eu não estou em posição para falar um “a” sobre os outros.

Jenna interpreta o meu silêncio como uma admissão de culpa.

— Você não vai conseguir estragar as coisas entre Chet e eu. De agora em diante não quero que você fale comigo ou se dirija a mim da maneira que for. Entendeu?

— Você-eu. Nenhuma interação. Entendido.

— Ótimo.

Ela pega uma colherada de pudim, lambe cada pedacinho da colher, bota o potinho de volta na geladeira e joga a colher na pia com um estalido.

CAPÍTULO NOVE

Em que sou submetido a consultas com dois especialistas e a uma derrota épica com uma cadeira ergométrica

A CONSULTA COM A TERAPEUTA DE DEPENDENTES QUÍMICOS

— Olá, Cameron. Meu nome é Abby.

Seu consultório é um ensaio sobre a brandura. Nas paredes um tom verde sereno. Cadeiras de plástico em formação circular. Uma mesa bagunçada que mais parece querer dizer: “Ei, você pode confiar em mim. Eu sou atarefada e maluquinha como vocês, jovens! Nas paredes os pôsteres motivacionais de sempre com bichinhos fofos: FIQUE FORTE, FIQUE LONGE DAS DROGAS! SEJA FELIZ, NÃO SEJA UM CHAPADO! No meio da mesa tem um copo de vitamina pela metade.

— Então, me diga: qual o motivo de você estar aqui hoje, Cameron — diz Abby com um sorrisinho do tipo “eu já sei a resposta para essa pergunta”.

— É que só estava passando reprises na televisão.

Abby balança a cabeça, toda condescendente, mas seus olhos dizem “Não me provoque, seu imbecil.”

— Cameron, eu quero ajudá-lo com o seu tratamento, mas você vai ter que começar a ser honesto comigo. Me conte sobre o seu consumo de drogas numa semana normal.

Dou de ombros.

— O baseado de sempre.

Ela faz um barulhinho de “ts ts” na garganta, como se não acreditasse em mim quando de fato estou dizendo a verdade.

— Nenhum alucinógeno? Pois ouvi dizer que você teve uma viagem e tanto.

— Não. Nada do tipo. Mas acho que fumei maconha estragada. Tenho visto coisas estranhas ultimamente.

— Hummm, *flashbacks* — diz Abby, assentindo. — Isso às vezes acontece com alucinógenos.

— Mas eu não...

— Cara — Abby interrompe, rindo —, eu me lembro de uma vez em que eu estava viajando, acompanhando o Copenhagen Interpretation com meu ex-namorado...

Meia hora depois:

— ... ursos polares dançantes e projéteis saindo do meu corpo que nem a porra da aurora boreal! Muito louco! Em todo caso, o que estou tentando dizer é que eu já passei por isso que você está passando.

Não, Abby. Agora está claro que você passou por muitos, muitos lugares por onde eu não passei.

— E é por isso que eu digo, você tem todos os motivos do mundo para viver, Cameron. Todos os motivos para ser feliz. Por que você deseja estragar isso? Você precisa parar de se automedicar e começar a conversar sobre os seus sentimentos — Abby insiste. — Tire isso de você. Expresse o que você tem aí dentro.

— Tá bom, bem...

Ela levanta um dedo.

— É por isso que vou encaminhá-lo para um colega, o Doutor Klein. Você gostaria de falar com ele, Cameron?

— Acho que...

— Ah, sinto muito, Cameron — diz ela enrugando o nariz. — Hoje não temos mais tempo. Mas acho que você se saiu muito bem.

A CONSULTA COM O PSQUIATRA

— Oi, Cameron. Meu nome é Doutor Klein.

Seu consultório é um ensaio sobre a brandura. Paredes cor de baunilha, serenas. Cadeiras ergonomicamente corretas em suaves tons de marrom. Num canto, uma mesa de madeira que parece sussurrar: “Não se preocupe comigo; só estou olhando”. E um longo sofá de couro encostado numa das paredes. De cara decido que não vou para o sofá.

— Pode se sentar onde quiser — Doutor Klein diz, acomodando-se numa enorme cadeira digna do vilão de *Guerreiro das Estrelas*.

Eu me afundo numa das cadeiras ergonômicas. É tão baixa que meus joelhos encostam no meu peito.

— Dá pra ajustar — Doutor Klein diz, olhando para mim. — Tem uma alavanca na lateral.

Eu brigo com o mecanismo hidráulico, indo para cima e para baixo como se estivesse sacolejando em um daqueles carros de suspensão modificada até acabar na mesma posição, lá embaixo, onde comecei.

— Tá bom? — pergunta Doutor Klein.

— Sim. Super.

— Então — diz Doutor Klein com um sorriso tão baunilha quanto as paredes. — Por que você está aqui, Cameron?

— Não é você quem tem que me dizer?

Doutor Klein balança a cabeça. O gesto diz: “Eu o conheço, imbecil”.

— Masturbação crônica.

Doutor Klein levanta uma sobrancelha.

— Se isso contasse como desvio de personalidade eu estaria atendendo a escola inteira. Algo mais que você queira me contar?

Na verdade, tem. É bom conversar. Depois que eu começo não paro até ter contado ao Doutor Klein tudinho sobre os estranhos sonhos com chamas, a mensagem que encontrei na pena, a Valquíria alada com cabelos cor-de-rosa do Buddha Burger e a sensação de que meu corpo foi simplesmente invadido por alienígenas doloridos que vira e mexe ficam me apunhalando e fazem com que eu não consiga me lembrar das coisas.

Doutor Klein faz algumas anotações, então ele para de escrever e fica apenas ali sentado, empertigado, com uma aparência mirrada e um pouco assustada na sua cadeira de homenzinho. No fim ele entrega uma receita de um medicamento antipsicótico para os meus pais e agenda uma porrada de sessões. Portanto, até agora eu tive uma consulta com uma terapeuta de dependentes químicos que falou que era para eu largar as drogas e conversar sobre meus sentimentos, e um psiquiatra que, ao ouvir o que eu tinha a dizer, imediatamente me recomendou uma droga.

Ainda bem que eu tenho um pouco de maconha guardada.

CAPÍTULO DEZ

**Em que vou parar numa estradinha escura do campo e começa
a chover fogo**

Os remédios antiloucura me deixam muito cansado, mas mesmo assim eu não consigo dormir. Na última semana a insônia piorou, e toda noite eu fico acordado até as quatro, assistindo à programação da madrugada na tevê. Na noite passada, eu estava tão entediado que cheguei a assistir um especial da tevê pública sobre uns cientistas que estão construindo uma máquina de *Big Bang* — uma espécie de esmagador de átomos e supercolisor super-hiper — que pretendem usar para descobrir cordas e supercordas, mundos paralelos que nossos cérebros ainda não têm condições de enxergar, mundos que podem ser tão pequenos quanto um globo de neve ou tão grandes quanto a Via Láctea. Até dimensões. É o que eles dizem que pode haver por aí.

Nesse momento, eu me encontro numa dimensão chamada Tédio Extremo. Desde o incidente com Chet, eu tenho vivido basicamente em prisão domiciliar. Mas hoje meu pai vai dar uma palestra na universidade, minha mãe está no clube do livro e Jenna vai passar a noite com a sua turba de garotas. Estou me sentindo meio péssimo — meus músculos doem como se eu tivesse sido atirado no chão pelo time de futebol inteiro — mas não estou desperdiçando minha liberdade. Fumo o suficiente para conseguir me soltar e ir de bicicleta até o Eubi.

— Ei, *Camrun*! — diz Eubie assim que entro pela porta. — Por onde você andou?

— Lugar nenhum.

— Ainda? Isso não está certo.

Ele dá uma boa olhada em mim.

— Você está com uma cara acabada, amigo. Meio zumbi.

— Sei, valeu.

— Sem cor. Você precisa sair. Provar coisas. Tocar música. Se apaixonar.

— Sim, tô trabalhando nisso. Vinte e quatro horas — eu digo enquanto vasculho num nicho de discos novos.

— Por que você fica dando uma de espertinho pra cima de mim? Estou falando sério — diz Eubie. — A vida é curta, amigo.

— É o que dizem. Tem alguma novidade aí pra mim?

Eubie bota as mãos no balcão e se debruça.

— Não — diz ele. — A não ser que você queira aquele disco do Junior Webster emprestado.

— Outra hora, quem sabe.

— Tudo bem. Não vou insistir. Mas você não sabe o que está perdendo. Ei, ooolha isso — diz Eubie, acenando com uma programação de viagem para mim. — Comprei duas passagens pro *Mardi Gras* em Nova Orleans.

— A outra passagem é pra quem?

Eubie bota uma mão no peito e dá um passo cambaleante para trás, fingindo espanto.

— *Camrun*? Você acabou de me fazer uma pergunta pessoal? Você expressou interesse pelo próximo, em alguém que não o coitadinho de você mesmo? Jesus! É um milagre, só pode ser!

— Sei, sei... — eu digo, fingindo que isso não me incomoda.

Eu me interesso pelas pessoas. Estou interessando em transar com Staci Johnson. É uma forma de interesse.

— Vou levar minha nova dama — diz Eubie, beijando as passagens. — Misty Deanna. Senhorita D.

Eu esfrego a nuca. Estou suando e grudento.

— Parece nome pornográfico, ou de *drag queen*.

Eubie ergue um dedo.

— Não começa. Você tem planos pra hoje à noite?

Dou de ombros.

— O que significa isso?

Nada. Isso que é o bacana de responder com um subir e baixar de ombros: ausência total de comprometimento.

— Vai rolar um concerto bacana no Buddy. *Jazz*. Uns caras maneiros. Tenho ingresso. Quer ir? Boto seu nome na lista como meu convidado.

- Não, valeu. Tenho umas coisas pra fazer.
- A-hã. Tipo o quê?
- Sabe como é. Umas coisas.
- Certo... Que mania de nunca ir a lugar nenhum e nunca tentar nada de novo. Mas você vai perder um *show* foda.
- Fica pra próxima — eu digo.
- Sei. Pra próxima — diz Eubie, revirando os olhos.

Vou embora da loja levando alguns CDs virgens para fazer cópias dos meus LPs do Tremolo. Quando termino a outra metade do meu baseado, as luzes da rua já começaram acender, tremelicando. A erva é excelente, e eu entro numa puta de uma viagem que faz com que tudo, inclusive eu mesmo, pareça ao mesmo tempo onda e partícula. Passo pedalando pela moradia do *campus*, salto com a minha bicicleta entre a rua e a calçada, escapo dos sinais de pare e furo os sinais de trânsito. Na última esquina da rua Mambrino, um bando de estudantes universitários bêbados faz a curva e quase passa por cima de mim.

— Pirou? — grita comigo um dos caras, mas tudo o que eu ouço é meu coração batendo feito um desvairado nos meus ouvidos.

Eles atiram insultos e latas de cerveja vazias.

— Sai do meio da rua, cara! — berra alguém antes de eles saírem cantando — Ba-la-da! Ba-la-da! Ba-la-da!

Estou alterado demais para ficar pedalando dentro da cidade, então pego uma velha estradinha no campo, que serpenteia por pastos e fazendas isoladas. O caminho é mais longo, mas tem menos trânsito, e eu posso curtir minha viagem em paz. Nos dois lados, a estradinha é margeada por campos planos, salpicados com sacas de algodão. Os longos retângulos brancos me lembram aquelas fotos de jornal, com os caixões de soldados, entregues por aviões do exército.

Paro de pedalar e curto a sensação do vento úmido no meu rosto. Vai chover, mas eu não me importo. É como se nesse momento eu fosse a única pessoa no universo. Uma chuva macia cutuca meu rosto. Boto a língua para fora para senti-la.

O vento aumenta e empurra com mais força. Para além dos campos de algodão, as nuvens engrossam e formam um conjunto

cinza nefasto. Elas se deslocam rapidamente. Como se um enorme ímã invisível as puxasse para o centro do céu. A visão faz com que meu coração passe a bater duas vezes mais acelerado. De repente não quero mais estar aqui sozinho. Estou a quase um quilômetro da saída onde pego o caminho de casa. Não encosto no selim e vou o mais rápido que consigo, botando todo o peso do corpo em cada pedalada.

A nuvem escura começa a girar. “Tornado”, eu penso. Caralho. Mas é estranho, pois as nuvens não estão descendo e se espalhando; elas vão para dentro. Há um estrondo de trovão, um ziguezague de eletricidade e daí um pequeno buraco negro se abre no centro sombrio das nuvens, um olho preto que não emite nenhuma luz. O resto do céu estala como num *show* de lasers. Um raio neon em forma de lança acerta uma arvorezinha próxima à estrada. Com um estrondo descomunal, a árvore explode numa ducha de chamas. Eu me assusto e perco o equilíbrio. A bicicleta derrapa e eu rolo no cascalho, bato a cabeça na estrada. Eu solto um silvo e me sento. Minha visão está embaçada. O horizonte está se duplicando. Minha cabeça dói e meus joelhos sangram.

A árvore ainda queima, florindo com folhas de fogo. Enquanto observo, pedacinhos de fogo vão se soltando e daí... cara, eu devo estar mais chapado que nunca ou então é meu cérebro que está detonado, pois isso que vejo não pode estar acontecendo. As folhas de fogo crescem e se transformam, como se houvesse algo dentro delas, algo esperando para nascer. A que está mais perto de mim se desenvolve tão rapidamente que parece um daqueles experimentos científicos de fotografias de lapso temporal: a pequena forma encurvada se desdobra, expande e ganha massa e vontade. Fica em pé, cada vez mais alta, talvez alcançando mais de dois metros de altura. Um imenso homem em chamas com olhos tão pretos quanto o buraco que se abre sobre nós. Ai Deus, agora tem três, quatro, cinco deles; eles queimam com a maior luminosidade, chamas lambendo seus corpos feito um suor azul-alaranjado. Eles sacodem os braços para um lado e para o outro e por onde passam a terra franze em escuridão. Isso lhes provoca risos, e o som é horrível, como gritos de pessoas morrendo queimadas.

Um dos Gigantes de Fogo me vê. Nossos olhos se encontram. Meu sangue pulsa num novo ritmo — correquecorrequecorrequecorre. É como se o gigante de fogo pudesse senti-lo. Ganindo ele aponta um braço flamejante em minha direção. O calor me joga para trás. Cacete. Minha cabeça está tinindo, o rosto queimando de sol. Procuro minha bicicleta e tento pedalar como se não estivesse ferido ou fodido. A bicicleta bamboleia, depois endireita. O cheiro de fogo é forte. Atrás de mim ouço aquela gritaria tenebrosa.

“Só preciso chegar até a saída. Só isso. Não. Não pare”.

Tem alguém parado na estrada.

Eu aperto o freio, quase derrapando de novo. Está escuro e difícil de enxergar, mas sem dúvida tem alguém ali. E ele é grande.

— Ei! — grito e o pânico no meu tom de voz me apavora. — Chame os bombeiros!

O cara não se mexe.

— Ei! Você pode me ajudar?

Um estouro sônico de trovão abafa a minha voz. Raios estalam a nossa volta e eu consigo vislumbrar algo: um cara enorme. Armadura negra reluzindo como óleo. Capacete pontudo, visor de aço. Espada. Sua espada reflete a luz na forma arcos que ferem meus olhos. Espada. Ele tem uma porra de uma espada! A escuridão volta a cair; depois dos raios intensos, a noite parece mais densa que antes. Não consigo enxergar, me mexer, pensar, não consigo fazer nada a não ser respirar rápido como um peixe que foi parar na areia, esperançoso de pegar uma onda que o salve. Durante dois segundos raios retalham a escuridão.

Ele se foi. A estradinha a minha frente está livre.

A chuva cai forte e veloz e me tira da letargia. Com o coração disparado, eu arranco pela estradinha, botando o máximo de distância entre mim e seja lá o que foi aquela esquisitice medonha lá atrás. Só depois que pego a saída, são e salvo, eu olho para trás: no aguaceiro, agora os campos queimados começam a virar ruínas carbonizadas. Os deuses do fogo e o grandalhão se foram. No céu não há nada para se ver a não ser nuvens e chuva.

A bolha vazia e alongada com o seu ícone de ponto de interrogação me encara, branca e ingênua. “Acredite no que estou dizendo, eu nem sei como começar essa busca”, é o que eu tenho vontade de lhe dizer. “Cavaleiros futuristas gigantes parados no meio da estrada”? “Gigantes de fogo ameaçadores de dois metros de altura”? “Buracos negros sobre bairros suburbanos”?

Talvez tenha sido um tornado ou uma ilusão óptica ou então botaram uma solução hidropônica de primeira naquele fumo. Sob a luminosidade da tela do computador, eu digito “experiências com maconha estragada”. O resultado são páginas e mais páginas de histórias de pessoas que apagaram em festas e quando acordaram encontraram a palavra CUZÃO escrita com marcador permanente na testa, garotos que foram pegos por seus pais e postos de castigo para o resto da vida. Nada a respeito do que eu vi. Dou um “atualizar” e de repente surge um novo link: WWW.SIGAAPENA.COM. E lá está a foto de uma daquelas penas estranhas, como a que encontrei no meu quarto.

Minha boca está tão seca que é como se alguém tivesse roubado minha saliva. Finalmente eu aperto a tecla e durante um segundo a tela fica preta. Surge uma imagem do Mundo Pequenino. A música vaza pelas caixinhas de som. Uma linha de texto flutua até o meio da tela e entra em foco: SIGA A PENA. Ao lado vejo o ícone de uma peninha. Clico nele e começa a rolar um videoclipe.

Um cara de jaleco está sentado atrás de uma mesa cheia de coisas — papéis, um estranho brinquedo de acender que parece meio concha e meio cata-vento, com tubinhos por toda parte; num porta-retrato a foto de uma moça sorridente com cabelos claros e sardas; um rádio antigo. Eu reconheço a música que está tocando — algo do Copenhagen Interpretation. Atrás da cabeça do cara, uma prateleira sustenta uma impressionante coleção de globos de neve. Ele avança para ajustar alguma coisa na câmera, seu rosto sai de foco. Então ele volta e sorri com as mãos unidas.

— Olá — diz ele.

Sua voz é agradável. Tranquila. É difícil adivinhar sua idade, se bem que ele aparenta ser mais velho que meu pai. Ele é oriental, tem cabelos longos e grisalhos. As sobrancelhas pretas e grossas emolduram olhos que parecem ao mesmo tempo exaustos e

surpresos, como essas pessoas que já viram praticamente de tudo na vida, mas ainda não acreditam.

— Eu vou encontrá-lo. O tempo e a morte são apenas ilusões. Nossos átomos, a arquitetura da alma, segue vivendo. Tenho certeza.

Ele pega o brinquedo estranho.

— Em algum lugar, naquelas onze dimensões que ainda não conseguimos enxergar, estão as respostas para a maior pergunta de todas: Por que estamos aqui? De onde viemos? Para onde vamos? Existe um Deus, e, caso exista, será que Ele não se importa ou está apenas muito, muito, muito ocupado?

A imagem pisca e o vídeo pula para cenas de pessoas jogando futebol num campo com moinhos de ventos. Clique. Corte rápido para o mesmo fulano com o braço em volta da moça sorridente e sardenta da foto na sua mesa. Ela pressiona os lábios contra os dele.

— Ah! — ele ri. — Existe eternidade... num beijo!

O vídeo para durante um segundo e depois volta. É o mesmo homem, mas agora ele está mais velho, seus longos cabelos estão praticamente brancos, seus olhos mais esgotados. A mesma música do Copenhagen Interpretation continua tocando. Ele segura uma pena enorme, branco-rosada.

— “Esperança é essa coisa com penas que pousa na alma”, disse Emily Dickinson. Por que temos que morrer quando tudo em nós almeja viver? Será que nossos átomos não sonham com mais?

Sua mão se fecha em torno de alguma coisa que parece um ingresso ou cartão magnético.

— Hoje à noite eu embarco para outros mundos. Procurando provas. Esperança. Um motivo para continuar. Ou um motivo para acabar...

É isso. Não tem mais nada. Tento assistir novamente, mas a única coisa que aparece é um trecho que rola ao final de todos os desenhos do ConstaToons: a imagem de uma galáxia piscando e de repente o papa-léguas enfia a cabeça bem no meio do universo, abrindo um buraco. Ele levanta uma placa que diz BIP-BIP. POR HOJE É SÓ, PESSOAL.

Quando dou por mim, ouço uma sirene disparando em meus ouvidos.

— Cameron! — alguém grita, competindo com o grito eletrônico brutal que não cessa. — Cameron!

Eu acordo com um engasgo, ensopado de suor.

— Cameron! A gente vai se atrasar!

Mãe. Gritando. Lá embaixo. O despertador ainda toca. Seus números digitais me assustam com as piscadelas vermelhas: 7:55. Ainda estou na cama, ainda com as roupas de ontem.

— Já estou indo!

Castigo o despertador com um tapa bem forte. Eu me sinto horrível. Minhas roupas limpas estão numa pilha no chão. Quando alcanço para pegar todos os músculos do meu corpo doem. Sem dúvida que esse será um dia de enfermaria na escola.

Lá embaixo a casa chia com os ruídos dos eletrodomésticos operando, todo aquele vaivém que as pessoas tanto amam. Minha mãe está mais estabaneada que o normal. Está com um brinco na orelha enquanto procura o outro.

— Cameron, temos que ir, querido! Pega uma barrinha de cereal.

— Não estou com fome — eu digo, pegando metade do *bagel* do prato da Jenna.

Jenna o pega de volta.

— Mãe, será que dá pra você lembrar seu filho de que não é pra ele interagir comigo?

Minha mãe joga os braços para cima.

— Dá pra vocês pararem com isso hoje? Eu tenho uma reunião importante com o reitor.

— Ele que começou — diz Jenna, fazendo dengo.

Sinto cheiro de fumaça na cozinha e por um minuto eu entro em pânico quando lembro do episódio detonado pela maconha ontem à noite.

— Mãe, você deixou a torradeira ligada. Está queimando.

— Não deixei, não. Onde foi parar meu brinco?

— Mãe, sério... Estou sentindo cheiro do queimado. Está me dando enjoo.

Jenna ergue seu *bagel* e o inspeciona.

— Ei! Não torrou, tá bom?

— Há! Consegui fazer você falar!

Eu me deliciaria um pouco mais, mas até mesmo essa interação provocava dores no meu cérebro.

— Por favor, vocês dois. Jenna, dá pra você me ajudar a procurar meu brinco?

O fedor de plástico queimado vai ficando mais forte. Eu sei que minha mãe usou a torradeira e se esqueceu de tirar da tomada. Se sobrecarregar meu pai vai ter um treco.

— Tudo bem, eu tiro da tomada.

Um silvo baixo e pressurizado escapa da torradeira. Espirais de fumaça escapam pelas laterais. Vejo uma luz laranja e pulo para trás. Antes que eu consiga arrancar da tomada a luz se transforma. De trás da torradeira fumegante surgem unhas de fogo, longas e encurvadas, que traçam cicatrizes pretas e fundas na parede.

— Mãe... — minha voz falha.

A torradeira estoura em chamas, atira um jato de fogo que alcança o teto. Minha mãe e Jenna gritam, mas eu não consigo desgrudar os olhos. As chamas têm olhos-diamantes duros e pretos num rosto de calor azul-alaranjado — e elas me encaram.

— Pega o extintor! — minha mãe grita.

“Não é real. Não é real. Não é real não é real não é real não é real. É mais um sonho, Cam. Acorda!”. Mas eu não consigo. Dentro dos meus ouvidos percebo o silvo e o estouro das chamas se aproximando. Meus joelhos cedem. Estou no chão, tremendo. Acima de mim os Gigantes de Fogo riem, sendo que eu sinto isso dentro do meu corpo, como um vírus que não consigo ejetar.

“Socorro! Socorro! Socorro!!”.

— Cameron? O que foi? Cameron! — grita minha mãe.

— Jenna, chama seu pai. Frank! Frank!

Minha mãe se atira em cima de mim com todo o seu peso, mas eu estou lutando com ela. Não tento. Simplesmente estou lutando. Para com isso. Meu cérebro grita a ordem, mas minhas pernas não entendem.

— Cameron?

Minha mãe está com os olhos arregalados de tanto medo. Quero falar, alertá-la, mas não consigo articular as palavras. E os Gigantes de Fogo estão muito perto. Sinto que estou derretendo com o calor

que emanam. Um deles se ajoelha, inclina a cabeça. Sua língua reluzente serpenteia e lambe meu braço até o ombro, emite fragmentos quentes de uma dor perfurante pelo meu corpo. Ele ri aquela risada medonha que eu ouvi nas plantações de algodão. Não consigo despertar e não consigo interromper a coisa.

Depois disso a única coisa que ouço são meus próprios gritos de pânico.

CAPÍTULO ONZE

Em que eu relato as alegrias secretas de ressonâncias magnéticas e dos aventais hospitalares abertos nas costas

— Ok, Cameron, segura firme um minutinho só.

Estou deitado na esteira de um aparelho de ressonância magnética e sinto o frio hospitalar do aço inoxidável contra a minha bunda pelada. Eles me obrigaram a usar esse avental hospitalar ridículo, aberto nas costas, que juro que é feito de papel higiênico, e minha bunda está congelando. Permitiram que eu ficasse de meias, como se com isso eu fosse me sentir melhor.

Essa é a minha terceira consulta médica em quatro dias. Fizeram perguntas, tiraram meu sangue, testaram meus reflexos, examinaram os resultados das ressonâncias magnéticas e fizeram uma biópsia. Fui cutucado e picado em lugares que sempre tive orgulho de manter intocados para aquele médico especial que algum dia me daria um anel e faria uma promessa. “Só queremos eliminar algumas hipóteses”, é o que todos dizem — código médico para tumor cerebral/câncer/meningite (doença da semana de algum filme que está passando na tevê).

A esteira me desloca pela redoma metálica até que estou quase que completamente dentro dela. Meu corpo treme. Não sei se por consequência de seja lá o que é que tem de errado comigo ou se somente por eu estar praticamente nu há horas. A voz desencarnada da torre de controle da ressonância magnética reverbera pelo cone.

— Cameron, você precisa ficar totalmente imóvel, tudo bem?

— Tudo bem — eu respondo, mas minha voz não ultrapassa o metal sobre a minha cabeça.

Eles ligam o troço, disparam fotos para o álbum de algum médico. Ninguém me alertou sobre o som. Kerchung-kerchung-kerchung, feito um grampeador gigante viajando pelo meu cérebro. Não aguento esperar para sair dessa coisa. Deve ter passado uns dez

minutos além de uma eternidade, então um técnico entra, tira o cateter do meu braço.

— Pronto — diz ele. — Você já pode se vestir.

Estou sentado na minha cama, lendo *Dom Quixote*, quando meu pai entra. Ele bate e entra.

— Oi, guri.

Da última vez que meu pai me chamou de guri eu tinha oito anos de idade e estava com sarampo.

Rapidamente eu olho para cima:

— Oi.

— Como você está se sentindo?

— Bem.

— Mesmo?

Ele pergunta como se realmente quisesse saber.

— Mesmo. Sabe como é, bem.

— Sei.

Ele assente e pega o LP do Grande Tremolo, finge ler.

— Esse cara é bom?

Dou de ombros.

— Sua mãe me contou sobre a consulta. Juro que aqueles caras não entendem patavina. Em todo caso, o Stan, que trabalha no meu departamento... Você conhece Stan Olson? Ele me deu o número de um especialista em Dallas. Marquei uma consulta pra terça-feira.

— Tá.

— Tenho certeza de que não é nada, Cam. Esses vírus conseguem imitar tudo quanto é tipo de coisa. Aposto o médico vai mandar a gente embora e ainda vai dizer que foi uma perda de tempo a gente ter ido até lá.

Meu pai deixa o LP do Grande Tremolo. Ele olha para o chão cheio de cacarecos como se aquilo de fato lhe causasse dor, mas ele apenas limpa a garganta.

— Cameron, o que foi que você viu quando pegou fogo na torradeira? Sua mãe comentou alguma coisa sobre Gigantes de Fogo.

— Acho que foi só do enjoo.

Meu pai pensa a respeito e assente.

— Falando em fogo, acho que vou ligar a lareira hoje à noite. A gente podia fazer *marshmallow* e assistir um filme, que tal?

Não parece um bom momento para lembrá-lo de que está calor, o que não é exatamente um clima aconchegante para lareira.

— Claro.

— Certo. Bem, eu vou... só... cortar lenha. Beleza, guri?

Ouço o abrir e fechar da porta de correr que dá para o quintal. Quando olho pela janela, vejo meu pai parado no meio do jardim, as mãos na cintura, só olhando, como se nunca tivesse visto nosso quintal antes. Ele pega o machado, dá um golpe não muito certo numa lenha insignificante. Então ele cai de joelhos e fecha os olhos durante um minuto. Posso quase jurar que ele está rezando. Mas meu pai é cientista. Ele não acredita em religião. Ele se levanta e solta o machado com toda a força na lenha, jogando o peso do corpo repetidas vezes até que no fim tudo que resta é um aglomerado de lascas.

O consultório do especialista fica num imenso complexo de vidro e pedra, perto do hospital. Começo a achar que existe uma decoradora de interiores especializada em decoração médica. Uma profissional encarregada de escolher plantas tão artificiais que quase parecem de verdade, além do papel de parede bege e listrado que eu vi em todos os consultórios médicos que visitei ultimamente. Vai ver a decoradora até arruma as revistas na mesinha de canto, fazendo a formação de leque. Exemplos de coisas que ninguém nunca lê, como por exemplo: *Vamos pescar!*, *Labirintos para crianças* e *Carros*.

— Como você está se sentindo, amor? — minha mãe me pergunta pela quarta vez essa tarde. Ela segura a minha mão.

— Bem.

Meu pai batuca os dedos contra os joelhos.

— Depois a gente podia ir ao Sancho comer umas *enchiladas*. Que tal?

— Beleza — eu digo.

Minha mãe olha para frente.

— O guacamole deles é gostoso.

— Muito bom o guacamole — meu pai concorda.

Eu pego um exemplar de “Carros” e finjo estar interessado numa matéria sobre um cara que trabalha com carros usados e se especializou em restaurar Cadillacs antigos. Qualquer coisa para não ter de conversar.

Uma enfermeira enfia a cabeça na salinha de recepção.

— Senhor e senhora Smith? O médico gostaria de conversar com vocês primeiro.

Só depois de quinze minutos eles me chamam na sala do Doutor Especialista. Numa caixa de luz, atrás de onde ele está sentado, vejo o raios X de alguém. Não sei se é meu ou não. A essa altura tenho a impressão de que o raio X poderia fazer parte da decoração médica daquela mesma decoradora de interiores. Meu pai está sentado numa das cadeiras. Seu rosto está abatido. Minha mãe aperta um lençinho.

— Oi, Cameron. Eu estava aqui conversando com seus pais. Você teve uma semana e tanto, pelo o que eu ouvi — o especialista fala de um jeito como se tentasse ser engraçado, como se estivesse conversando socialmente. Foda-se ele. Tento cruzar os braços sobre o peito, mas eles não cooperam, então largo meus braços trêmulos ao lado do meu corpo. “Só um vírus. Vírus provoca tudo quanto é tipo de coisa”.

— O seu caso é muito raro, Cameron.

O especialista bate a caneta contra uma pasta na mesa.

— Você já ouviu falar na doença Creutzfeld-Jakob?

— Não. O que é isso?

— É uma doença neurológica. Afeta o cérebro. Talvez você tenha ouvido falar na doença da vaca louca em animais.

Olho para o meu pai, que está com cara de quem está posando para o escultor do Monte Rushmore. Ele sequer pisca.

— Doença da vaca louca — eu repito. — Isso não atinge vacas apenas?

— Sim, bem. Essa é a forma humana da doença. Mas basicamente se comporta da mesma maneira.

Lembro vagamente de ter visto uma reportagem sobre a doença da vaca louca. Algumas vacas pegaram a doença por causa de má alimentação e ficaram doidas, daí o termo “vaca louca”. Mas tenho quase certeza que não andei comendo carne estragada, a não ser

aquilo que eles servem no refeitório da escola. Portanto eu não consigo entender como posso ter essa Creutzfeldt-Jako-sei-lá-o-quê. Soa como uma nova marca de alto-falante irado.

Minha mão direita treme. Não consigo fazer com que pare de tremer. Minha vontade é de abrir o zíper do meu corpo e sair fora.

— Veja bem, existem proteínas infecciosas chamadas príons, que normalmente não representam risco algum, mas de vez em quando elas falham. E quando isso acontece temos um problema. Por exemplo...

Ele pega um clipe.

— Esse clipe prende o papel perfeitamente. Mas se eu entortá-lo, assim — ele puxa uma perna do clipe —, não funciona como antes.

Doutor Especialista enfia um maço de papéis no clipe torto e os papéis se espalham pela sua mesa.

— Então esses príons, os cliques tortos, reproduzem cópias ruins de uma proteína malconfigurada que domina seu cérebro, destruindo-o com o passar do tempo.

— Ah. ã-hã — eu digo, pois na verdade não consigo processar nada do que ele está dizendo.

— Isso é uma loucura! Onde ele pegou isso? Quero saber como um menino normal de dezesseis anos de idade pega CJ! — diz meu pai furioso.

— Pode ter sido qualquer coisa — diz Doutor Especialista com um levantar de ombros pouco convincente. — Pode ter sido carne estragada ou mesmo algo genético que só estava esperando para se manifestar. A verdade é que provavelmente nunca vamos saber.

— Inaceitável. Isso é pura especulação — rosna meu pai.

Durante os minutos seguintes ele e Doutor Especialista conferenciam numa linguagem secreta. Meu pai basicamente diz para o médico que ele é um picareta, que se defende. Eu não entendo boa parte porque minha cabeça dói, e é como se houvesse um exército de formigas fazendo aula de aeróbica sob a minha pele. Não quero mais ficar aqui.

— Então, qual o tratamento? — eu pergunto.

Doutor Especialista bate a caneta de leve contra a mesa. Meu pai se cala. Minha mãe espreme o lencinho. Algo terrível rodopia dentro de mim.

— Tem cura, né?

Durante alguns segundos ninguém diz nada, e esses parecem ser os segundos mais longos da minha vida. Doutor Especialista se ajeita, senta reto, metamorfoseando-se de homem em máquina-médico.

— No momento ainda estamos explorando opções — diz ele com aquele tom de voz calmo que eles aprendem na faculdade de medicina, junto com a caligrafia nojenta.

— Mas, tipo, as outras pessoas que pegaram essa Crew, croix...

— Creutzfeld-Jakob...

— Isso, a... o lance da vaca louca, o que aconteceu com eles?

O médico limpa a garganta.

— Depende do avanço da doença. Mas tem algumas coisas que você precisa saber, Cameron.

Doutor Especialista finalmente encontra a sua voz, e daí eu só quero que ele cale a boca. A informação é como uma onda enorme vindo em minha direção. Eu só consigo me agarrar a certas palavras e frases para me manter lá em cima. “Fraqueza muscular progressiva”, “andamento instável”, “demência e desilusão”, “de quatro a seis meses”, “hospital”, “tratamentos experimentais”.

Não ouço ninguém dizer que eu vou morrer dessa doença. Vai ver porque ninguém o diz de fato. Aliás, Doutor Especialista faz de tudo para *não* dizer. É então que me dou conta de que estou muito fodido.

CAPÍTULO DOZE

Em que, agora que estou oficialmente fodido, fazem uma homenagem para mim, e Staci Johnson me dá sua atenção

O que acontece conosco quando morremos: uma pesquisa informal.

Teoria 1: Os cristãos estão certos. Existe um fulano alto, de túnica branca com barba longa e fluida e um diabo com tridente. Dependendo se você se comportou bem ou mal (oh, seja bom, pelo amor de Deus!), você pode acabar tocando harpa junto com os anjos ou queimando nas fogueiras eternas do inferno, sendo que as duas opções me parecem um porre.

Teoria 2: Os judeus estão certos. Quando você morre não encontra nada, portanto vamos torcer para que você tenha se alimentado bem nessa vida.

Teoria 3: Os mulçumanos estão certos. Estou prestes a embarcar numa temporada do caralho na companhia de virgens de olhos escuros. Mas até aí eu também tenho olhos escuros e sou virgem, o que significa que estarei lascado quando eu bater as botas.

Teoria 4: Os budistas e hindus estão certos. Essa vida é uma de muitas. Você apenas continua trabalhando na sua bagagem cármica até conseguir fazer a coisa direito. Portanto seja gentil com as baratas. Elas podem ser você um dia.

Teoria 5: A galera dos óvnis está certa. Não passamos de uma grandiosa experiência para uma raça de superalienígenas que curte ficar ali sentada no que seria o equivalente alienígena da poltrona *barcalounger*, bebericando e assistindo o comportamento dos humanos desmiolados enquanto nos pregam as mais nefastas pegadinhas. E quando a gente morre eles aparecem na nave-mãe e nos levam de volta para o Planeta Z e ao lodo primordial.

Teoria 6: Ninguém sabe porra nenhuma.

Esta é apenas uma das várias belas listas que eu venho formulando durante o fim de semana, depois que recebi o

diagnóstico e entrei naquele parque de diversões do demo, a internet. No fim, descobri que terei um bocado de diversão pela frente. Encontrei um montão de informações de primeira.

Por exemplo, se você quiser o termo técnico para o que eu tenho, é Creutzfeld-Jakob variante EEB, sigla para Encefalopatia Espongiforme **Bovina**. Devo falar mais sobre isso para a nossa audiência aqui no estúdio, Jim? Claro, vamos contar a eles o que foi que eu ganhei. Bem, colegas, é um vírus fatal que cava buracos no seu cérebro, transformando-o numa esponja. Sabe aquele neurônio responsável por amarrar cadarços? Sinto muito, esse item está permanentemente fora de estoque. Lamentamos informar que habilidade motora bruta e funcionamento neurológico não estarão mais sob o seu controle. Aqui, pegue o seu pacote econômico de fraldas. Cuidado com as alucinações e tenha um bom dia.

A coisa toda recebe um tratamento patético, tipo de *Sessão da Tarde*: um herói que começa como um bom rapaz / um coitado com potencial / que é endurecido pela vida / no entanto por dentro ele é como um *marshmallow* macio, que acaba entrando nas drogas / depois entra para o time de debate / torna-se tutor de um garoto deficiente e tudo vira de última hora quando, sem querer, ele mata o seu melhor amigo num acidente de carro / então ele marca aquele ponto da vitória, quase perde o garoto para “o sistema” e finalmente percebe o quanto ele ama o pequeno traquina. Corte para o desfecho, no qual todos aprendem uma lição e se tornam pessoas mais fortes e sábias por conta disso. O tipo de coisa que faz com que pais e políticos babem na mensagem “positiva” e “motivacional” que — caramba — é disso que nossos jovens estão precisando hoje em dia. Uma história do tipo: insira a aba do “tema A” na aba da “trama B”, dobre e afofe e você terá um belo livrinho que também vira um lindo objeto de decoração para a sua mesa nas festas de fim de ano.

A-hã, que se foda.

Quer saber o que funciona? Negação. Como método para lidar com as dificuldades a negação é gravemente subestimada. Ei, talvez tenha sido um engano e eu só esteja com uma gripe irada. Médicos cometem erros o tempo todo. Psicólogos, então... Brincadeira.

Durante muito tempo achei que seria legal morrer jovem. Sério, as coisas não estavam indo tão bem no departamento Vida. A morte me parecia infinitamente mais glamourosa e, sabe como é... meio difícil de errar a mão. Confesso que grande parte da fantasia tinha a ver com ficar observando todas aquelas garotas que algum dia me desprezaram se atirando no meu caixão, chorando a minha morte precoce e confessando que sempre me desejaram e lamentando não terem tido uma oportunidade de reivindicar minha virgindade quando eu estava vivo.

O problema é que eu não estarei na área para desfrutar disso tudo. Estarei me transformando numa cabeça esponjosa. É nesse tipo de coisa que eu fico pensando com os poucos neurônios que me restam. Claro que meus pais se convenceram de que o diagnóstico está errado. E eu quero acreditar neles. Assim como quero acreditar que no fundo Staci Johnson me deseja e me hostiliza constantemente apenas para disfarçar seus impulsos libidinosos.

Como eu disse, negação. Agora atendemos 24 horas, 7 dias por semana.

* * *

Quando chega o fim de semana, a notícia sobre a minha morte iminente já correu a cidade inteira e nossa casa virou o Paraíso das Cestas de Frutas. É como se, agora que estou de partida, eu tivesse alguma importância. E por algum motivo isso demanda cestas fofinhas atoladas de bichinhos de kiwi e maçãs esculpidas em forma de flor. O Colégio Calhoun promoveu uma série de atividades em minha homenagem. Correm boatos de que a diretoria teme um processo judicial e enviaram pessoas trajadas com uniformes dignos de ficção científica para vasculhar o refeitório, para o caso do EEB ter vindo de lá. Ouvi dizer que no novo cardápio tem muito tofu. Mas, como compensação por toda essa inconveniência de eu ter pegado uma doença terminal (putz, que pena...), eles organizaram uma cerimônia em minha homenagem. Estou conectado a fios e câmeras para que meu rosto seja transmitido para o ginásio através do JumboTron. E eu vou poder acompanhar a cerimônia ao vivo pela minha tevê.

— Oi. Testando. Está ligado?

O corpão da Staci Johnson está na frente e no centro da nossa tela de quarenta e duas polegadas. O destino tira, mas também dá. Quando Staci percebe que está no ar, ela dá o comando para as suas seguidoras e as garotas se posicionam em formação de leque atrás dela, *a la* líder de torcida, com risadinhas e sorrisos. Mas o sorriso da Staci é o maior de todos.

— Olá, Cameron!

— Olá, Cameron! — dizem as garotas, chutando alto até que, sem querer, uma delas esbarra com o pé no rabo de cavalo da Staci.

— Caralho, Tanya! — rosna Staci, dando um tapa na perna da garota desengonçada.

Ela volta a atenção para mim, toda sorrisos:

— Ai meu Deus, Cameron, todo mundo aqui sente a sua falta, tipo, muuuuito, e nós estamos total organizando uma campanha de arrecadação de fundos pra você.

— Estou fazendo uma vaca de papel crepom. Pra botar no cartaz — diz uma seguidora sorridente da Staci.

Na sua camiseta está escrito CAM É O CARA.

— Uma vaca? — eu digo engasgando.

— Ai meu Deus, Debbie! — Staci rosna entre dentes cerrados: — Tipo, se liga?! Era pra ser surpresa.

Debbie fica sem jeito:

— Desculpa.

Staci se inclina para frente. Sua cara fica enorme.

— Você é tão corajoso, Cameron. Você tem que ser forte, tá? A gente se vê na cerimônia.

Staci sai andando e me olha por cima do ombro, um olhar pelo qual ela é famosa, o olhar que faz com que os caras achem que têm chance.

Jenna é a próxima na câmera. Na verdade, ultimamente ela tem sido muito boazinha comigo, o que é quase tão esquisito quanto ter CJ.

— Ei, Cameron. Espero que você sinta o amor. Todo mundo está torcendo por você. Digo, todo mundo.

Ela olha para Chet, que está ao lado do diretor, no fundo.

— Chet conseguiu um grupo de jovens que está rezando por você. Todas as manhãs eles leem passagens da Bíblia, todos juntos.

— Uau. Eles mechem os lábios enquanto leem? Usam os dedos para ajudar?

Ela vira os olhos.

— Seja educado — ela sussurra junto ao microfone.

Jenna tem de me apresentar via câmera para o diretor, que não se lembra de ter me dado suspensão. Que decepção. Eu estava a fim de apelar para o sentimento de culpa. Finalmente, *showtime*. Abrem as portas do ginásio e todos entram, rindo, conversando, comendo salgadinhos industrializados — a comida oficial do colegial. O engraçado é que eu costumava odiar os colegas da minha escola por uma série de contrariedades, pequenas e grandes. Agora eu só os odeio porque vão viver mais do que eu. Para minha surpresa, tem bastante público. Pelo jeito assistir o Garoto Vaca Louca é mais legal que vôlei feminino ou *lacrosse* masculino, o que não quer dizer muita coisa.

O rosto frouxo de Chet King entra pelo lado esquerdo da tevê. Ele parece preocupado.

— Oi, Cameron, sou eu, Chet. Sabe, mano, sinto muito por aquele soco na aula da Rector. Eu não sabia que você estava doente.

Não. Claro que não sabia. Como bom cristão, você só pode bater em quem está bem. Eu devia dizer para ele deixar para lá, dizer para não se preocupar, mas não consigo. Eu realmente odeio saber que Chet King vai continuar vivendo enquanto eu não. Dou uma tossida longa e forte para causar efeito e observo quando ele recua, temendo que Deus esteja aborrecido com ele.

Diretor Hendricks vai até o microfone.

— Por favor pessoas, sentem-se.

Ele aguarda enquanto todo mundo se aquieta e surge um zunido entorpecente, daí ele prossegue.

— Como vocês sabem, hoje estamos aqui para honrar um aluno muito corajoso e mostrar a ele o nosso apoio: Cameron Smith.

Explosão de sons no ginásio. Não importa. Eu vou morrer.

O diretor Hendricks grita por cima da bulha:

— Cameron, nós sabemos que você vai vencer isso. E todos nós estamos torcendo por você. Seja positivo.

— Amém — diz Chet King.

Eu me pergunto se ele, na verdade, está puto porque eu o ultrapassei na escala que diz que Deus Vai Testar Você Porque Ele Ama Você. Quando ele quebrou a vértebra, ele não ganhou uma cerimônia especial com gritaria.

— Vamos dar um grande viva especial para Cameron — diz o diretor Hendricks, aplaudindo.

Oito líderes de torcida transformam a quadra num borrão de saltos atléticos e punhos socando o ar. Elas batem palmas, gritam e pedem para a turma ficar em pé. A galera se levanta resmungando. Agora que eles viram que não tenho três cabeças ou furúnculos enormes cobrindo o corpo provavelmente querem que isso acabe logo para que possam sair, ir embora, fumar um baseado, entrar em salas de bate-papo, jogar um *game*, sei lá. As líderes de torcida puxam a multidão num grito crescente do meu nome:

— Ca-me-ron! Ca-me-ron! Ca-me-ron!

O som reverbera pelas vigas e arquibancadas num rugido grosso que fere meus ouvidos. Algum filho da puta muge e o diretor pega o microfone para alertá-los que estarão “sujeitos a ação disciplinar”, e que o que eles estão fazendo “não é legal”.

Vinte de fevereiro fica sendo oficialmente o Dia de Cameron Smith no Colégio Calhoun. Os professores dizem coisas gentis e genéricas a meu respeito ao microfone. Eles não conseguem dizer coisas gentis e específicas porque para isso teriam de me conhecer de verdade e se importar comigo. Meus pais estão sentados na arquibancada mais próxima à cesta de basquete. Parecem tristes e destruídos, batendo palmas quando é hora, mas nunca sorrindo. Vira e mexe minha mãe baixa a cabeça, e eu a vejo levando a mão ao rosto, enxugando os olhos. O enfermeiro faz um carinho no meu ombro e eu quero dizer para ele parar com isso. Aí já é demais. Com dificuldade eu tomo um pouco de fôlego, segurando as lágrimas, pois não quero que meu último momento na escola seja a minha cara chorando num JumboTron cafona.

“Fodam-se”, eu penso. “Fodam-se por viver”.

A parede de sons do ginásio reverbera na minha cabeça como a força da gravidade. Eu só quero que isso acabe. Então eu a vejo lá no alto das arquibancadas uma menina de cabelos curtos, cor-de-

rosa, de meia-calça arrastão rasgada, botas pretas de couro, estilo *punk* e um peitoral de armas sujo, típico de uma heroína wagneriana. Das suas costas, ao lado de cada um dos seus braços, surgem dois botões de flores brancos que começam a desabrochar como margaridas gigantes subindo em direção ao sol, espalhando-se até o além. Asas. Ela olha diretamente para mim e sorri. Seu sorriso é o maior elemento no seu rosto, quase que não cabe ali. E juro que ela está brilhando. Fica mais reluzente a cada segundo que passa. A luz ofusca as outras imagens e sons no ginásio. As asas atingem envergadura máxima, e agora consigo ler a mensagem escrita ali: OI, CAMERON!

Do nada, tudo dentro da minha cabeça se apaga.

CAPÍTULO TREZE

Em que eu sou hospitalizado, tenho um encontro com um anjo e outras coisas estranhas e irritantes

— Cameron?

Parece que a voz está vindo de dentro de um túnel. “Ai, caralho! Dá para tirar essa luz dos meus olhos?”

— Cameron, você está me ouvindo?

“Sim, estou ouvindo. Você consegue me ouvir? Pois é sério o que eu estava dizendo quanto a esse instrumento de tortura disfarçado de caneta de luz, que por algum motivo você acha divertido acender diretamente nas minhas pupilas. Tenho certeza que você pode ser condenado como criminoso de guerra por esse tipo de coisa”.

Os suaves tons da voz do Doutor Escroto voltam a flutuar até as minhas orelhas.

— Se você está me ouvindo, Cameron, emita algum som.

“Oie! Você não está ouvindo? Eu estou falando. Não estou?”

— Se não quiser falar você pode apertar a minha mão ou assentir, se estiver entendendo.

Eu mexo a cabeça e meu cérebro pulsa na minha cabeça.

— Bom. Muito bom, Cameron.

Graças a Deus a luz some e eu consigo despertar mais ou menos, captando pedacinhos de conversa entre Doutor Escroto e meus pais.

— Estamos dando.... para a dor...

Eu flutuo no espaço. É gostoso aqui. Um cometa passa por mim. Uma estrela. A Vaca Buddha passa girando em posição de flor de lótus, sentada na sua carne de hambúrguer. Ela levanta o casco e faz um cumprimento zen. Fui abençoado pela Vaca. Amém.

— Gostaríamos da sua permissão para tentar algo experimental, algo que quando testado teve algum sucesso na destruição dos príons que atacam o cérebro e que pode retardar a progresso da doença.

“Por mim beleza, doutor. Vamos dar uma surra nesses prions. Quando você quiser. E um pouco mais de morfina não seria mau. Ah, eu acabei de voar pela Via Láctea. Maneiro”.

— ... alguns efeitos colaterais.

— Não sei não... — ouço dizer a voz da minha mãe.

Tem alguma coisa pulsando na minha cabeça. “Hã. O que é aquilo?” É redondo e escuro.

— ... duas vezes por dia...

— ... nem sabe que estamos aqui... — agora escuto a voz do meu pai.

A Vaca Buddha sibila e desaparece no grande buraco negro lá na frente. *Eu não gostar disso. Hora de dar ré, Capitão.*

— ... assinem aqui e já podemos começar...

“Assinar o quê? Ei!” Engato a ré. “Por que o buraco está se aproximando? Não é justo. Mãe? Pai? Doutor Escroto? Alguém? Alguém me puxa. Eu estou chegando perto demais dessa coisa, cara. Não é seguro. Sério. Estou acenando com a cabeça. Alguém aí está me vendo acenar? Tem alguém aí fora? Alguém?”

DIA TRÊS

Abro os olhos. Na parede a minha frente tem um quadro com a imagem de um anjo. São Judas. Certo. Estou no hospital.

Uma mulher de uniforme hospitalar cor-de-rosa está parada ao meu lado, mexendo numa bolsa, num suporte de soro intravenoso. Ela é robusta — pode me dar uma surra se quiser — e sua pele é cor de café, sem um traço de leite. Ela usa uma corrente no pescoço. Um conjunto de pingentes de anjos foi acoplado à corrente, juntamente com o seu crachá do hospital, onde está escrito GLORY BEAUVAIS.

— Você está acordando? — ela me pergunta.

Seu sotaque é forte.

— Sim — eu respondo baixinho. Minha voz está rouca.

— Muito bem, tenho que verificar os seus sinais vitais.

Pelo jeito Glory não gosta de papinho e gracejos. Ela bota o aparelho de pressão no meu braço, bombeia e observa o ponteiro ticando os números. Depois que obtém o resultado, ela solta o aparelho e o velcro faz um barulhão quando desgruda:

— Cento e vinte no pico da sístole por setenta na diástole. Bom. Um pouco de febre. Vou avisar o médico, ver se a gente lhe dá alguma coisa pra baixar a febre. Sente alguma dor?

Belezura! Abriram a lojinha de doces.

— Sim — eu digo engasgando. — Muita dor.

Glory enruga os lábios, que estão pintados com batom e tudo.

— Vou fazer um pedido pra aspirinas.

— Acho que precisa ser mais forte que isso — eu digo.

Ela não cede.

— Vou avisar o médico. Seu café da manhã já está chegando.

DIA QUATRO

O velho caduco do outro lado do corredor tosse o tempo todo. Comecei a contar as tossidas. Vinte e oito num período de trinta minutos. Para me livrar do barulho comecei a assistir novela. Na verdade não adianta, mas agora fui fisgado pela história de uma mulher e sua irmã gêmea maligna que, por algum motivo que não consigo entender, não se parece nem um pouco com ela. No outro quarto, o velho doente está botando um pulmão para fora.

“Deus, se você existe, dá para levar o velho em vez de mim?”

DIA CINCO

Agora é oficial. Eu odeio mingau de aveia. Mingau de aveia de hospital é cinza e tem consistência de cola. Você pode despejar dois sachês de adoçante e uma caixinha inteira de leite e mesmo assim continua com gosto de nada. Se meus últimos dias forem isso, peço que alguém cubra minha cabeça com um travesseiro agora mesmo. Hoje cedo meu pai esteve aqui. Minha mãe está de plantão. Ela trouxe novos gibis para mim, o que foi legal. Devo ter apagado. Quando acordo, eu a encontro sentada naquela medonha cadeira hospitalar, enfiando fotos num livro bem grande. Ela me dá um semisorriso.

— Pensei em finalmente terminar aquele álbum de fotos da nossa viagem à Disney.

— Mãe, eu tinha cinco anos quando a gente foi pra Disney.

— Eu sei. Eu vivia dizendo que ia terminar.

Ela coloca uma foto na minha mão.

— Lembra disso?

É uma foto da gente, estamos parados do lado de fora de Terra do Amanhã. Eu pareço um demente, sorrindo como se meu rosto fosse arrebentar de tanta felicidade.

— Você amou aquilo. A gente teve que ir pelo menos quatro vezes em todos os brinquedos em que você podia entrar.

— Isso foi antes ou depois de eu ter surtado no Mundo Pequenino?

— Depois — ela responde com um sorrisinho triste.

Minha mãe remexe na caixa de sapatos cheia de fotos. Ela fica pegando e largando fotos, uma atrás da outra.

— Não sei onde colocar todas essas coisas.

Por fim ela fecha a caixa. Guarda dentro da bolsa, junto com o álbum de fotos pela metade, para serem esquecidos.

DIA NOVE

Hoje veio o trio dos maconheiros. A conversa deles é como um jogo de vôlei onde você não consegue distinguir os jogadores.

Rachel: Cara, aqui tem umas enfermeiras muito gostosas. A de cabelo escuro e rabo de cavalo! Será que ela é chegada em *piercings* e *nerds*?

Kevin: Será que ela vem aqui e tipo, solta os cabelos e fica toda... “Ai, Cameron, eu nunca sonhei que poderia ser assim!”

Rachel: Seu porco. Para de falar assim da minha futura namorada.

Kyle: Se bem que podia ser tipo, um desses lances de último desejo. Vai lá. Tenta dar uma bimbada com a enfermeira antes que você bata as botas.

Kevin: Eles descolaram algum remédio dos bons pra você? Meu tio foi fazer uma cirurgia de vesícula e eles lhe deram um lance do tipo Ocotin que fazia o cara ver Deus. Foi a única semana em que ele não se comportou como um filho da puta. A gente até ficou a fim de botar o negócio na água dele.

Rachel: Você ficou sabendo? O grêmio estudantil está vendendo lacinhos dourados para arrecadar dinheiro e tudo o mais. A escola inteira está usando. A professora Rector deixou de comprar uma *margarita* pra comprar um, e ela nem gosta de você.

Kevin: Era para ser preto e branco, sabe, tipo o malhado das vacas. Mas já tinham usado esse pra alguma outra doença.

Kyle: Sinto muito por você ter que ficar no hospital, cara.

Rachel: Sacal.

Kevin: É, sem dúvida muito sacal.

Eles acenam com a cabeça, concordando.

Kevin: Falando em sacal, pergunta pro Kyle pra onde ele vai no verão.

Kyle: Cala a boca, Kevin.

Rachel: Recuperação, velho. Bostahenge não funcionou no final das contas.

Kyle: Eu disse pra calar a boca.

Kevin: Eu lhe disse que podia lhe descolar um trabalho pela internet. Conheço sites que os bostas dos professores nunca nem pensaram em consultar. Ah! Trouxemos o novo *Guerreiro das Estrelas* pra você, a versão do diretor, episódios um a quatro...

Kyle: São os únicos que vale a pena assistir.

Rachel: ... Desculpa aí por estar sem o plástico, mas a gente fez uns testes ontem à noite. Achamos que você não se importaria. Cara, a impressão está tão nítida que você consegue ver tudo. Tipo quando o *Guerreiro das Estrelas* está lutando com o Matéria...

Kevin: ... O Matéria Escura? A Espada da Paz Derradeira dele tem um brilho que nem parece computação gráfica. É irado.

Rachel e Kyle: É. Irado.

Eles deixam a caixa da coleção no pé da minha cama, onde ela tomba sobre os dedos dos meus pés.

Rachel: Então, cara, sério. Antes de você bater as botas será que não dá pra me arranjar com aquela enfermeira?

DIA ONZE

A porta se abre e uma velhinha que mais parece um passarinho entra arrastando os pés, usando seu suporte de soro feito uma bengala.

— Hã... acho que a senhora está no quarto... — começo a dizer.

Ela leva o dedo aos lábios, me pedindo silêncio.

— Aqui eles não virão me procurar.

— Quem?

Ela arregala os olhos.

— Eles! Eu vou escapar daqui. Estou fugindo.

Seu cabelo é um longo emaranhado de fios grisalhos que mais parecem arame na frente do seu avental hospitalar, e eu me pergunto se ela é um caso de Alzheimer ou coisa do tipo, e se devo chamar a enfermeira. Eu apalpo em busca do botão de chamada, mas está fora de alcance. Ela se dobra de tossir, e eu reconheço a tosse do outro lado do corredor.

Ela se acomoda na cadeira ao lado da minha cama, pousa a mão ossuda ao lado do meu braço.

— Não é assim que eu devo morrer.

— Como é que a senhora deve morrer?

Seus olhos adquirem um brilho distante.

— Numa casa à beira-mar, num quarto no segundo andar. É fim de primavera, pela janela entra o perfume de lírio do campo. E tem um jardim lá fora. Está decorado com lanternas de papel, e as crianças... As crianças caçam libélulas enquanto seus pais riem e conversam como se tivessem todo o tempo do mundo. Numa casa à beira-mar, será o fim, e eu sairei dessa vida como se fosse um suéter que ficou grande demais e puído com os anos, algo que não uso mais. É assim que deve ser. Não aqui. Jamais aqui.

Ela me encara.

— Acho que a pessoa não deve morrer enquanto não estiver pronta. Até que você tenha esgotado cada pedacinho de vida possível.

A mulher tem, tipo, noventa anos por baixo. Eu diria que ela esgotou tudo. Gostaria de gritar com ela por ter tido tudo isso.

— Bem, acho que não tem muito o que a gente possa fazer a respeito — eu digo num tom amargurado.

— O caralho! Isso é o que eles dizem só pra que você desista da luta.

Ela se aproxima tanto que consigo sentir seu odor de gente idosa — bolorento e antiquado, como um quarto onde ninguém entra mais.

— Eu os vi lá fora, queimando na grama. Altos como casas e tão brilhantes, tão brilhantes.

Sinto os pelos da minha nuca arrepiarem.

— Você viu aqueles Gigantes de Fogo do mal?

Ela assente com olhos arregalados e temerosos.

— O que eles são? — eu sussurro.

— São o caos. Destruição. O fim da esperança. Ah, vivemos em tempos assustadores. Tenho que sair daqui!

Um assistente hospitalar aparece na porta.

— Senhora Morae, vamos lá. A senhora não pode ficar aqui.

— Fico onde eu quiser! — ela responde brava.

— Senhora M, não faça assim.

O assistente hospitalar se aproxima, surge gradualmente como uma sombra. Por um instante vejo a silhueta de algo terrível nessa sombra, e daí ela muda. É apenas um borrão escuro contra a brancura da parede.

A velha se rebela. Longos espasmos de tosse sacodem sua frágil estrutura.

— Viu só? Precisa se cuidar. Vamos voltar pra cama, senhora M — diz o auxiliar de enfermagem, pegando no seu braço.

— Tudo bem — eu digo para o auxiliar de enfermagem. — Ela pode ficar. Sério!

— Diga a eles que estão errados — ela sussurra entre tosses, enquanto delicadamente ele a conduz para fora. — Uma casa à beira-mar. Diga a eles!

Eu durmo, mas meus sonhos são cheios de coisas ruins — incêndios que engolem o mundo. Um buraco negro abrindo sobre nós, puxando tudo para dentro sem deixar vestígio, como se nunca nem tivéssemos existido. Gado adoentado caindo nos campos como soldados intoxicados por gás em alguma guerra lá do passado. A anja com a armadura suja socando as mãos contra uma janela enquanto flocos de neve cobrem seus cílios e cabelo. Acordo com o coração disparado, sem saber onde estou ou o que aconteceu, se a conversa com a velha foi um sonho.

Uma casa à beira-mar. Eu gostaria de estar lá agora. Gostaria que existisse um botão que eu pudesse apertar e que me tirasse daqui, que fizesse tudo isso desaparecer.

DIA TREZE

Fazia dois dias que Glory estava de folga. Hoje ela voltou com o uniforme hospitalar cor-de-rosa que fica bonito no contraste com sua pele escura. Não estou me sentindo muito bem. Às vezes acho que vejo a anja *punk* sentada no canto do quarto, lendo um gibi com o coioote malfadado na capa, uma bigorna prestes a cair na sua cabeça. Mas quando comentei isso com minha mãe seus olhos ficaram marejados e desde então eu não falei uma palavra sobre visões de anjos estranhos.

— Hora do remédio — anuncia Glory no seu tom sem-festinha.

Eu boto os remédios para dentro, embora esteja ficando difícil engolir. Parece que meu corpo está definhando pouco a pouco.

— Ok — diz Glory depois de registrar meus sinais vitais para a posteridade. — Precisa de mais alguma coisa?

— Não — eu digo enquanto a observo empurrar o carrinho até a porta: — Sim.

Glory para, olha para mim. Nada de: “O que foi, coração?” ou “Ah, meu pobre coelhinho valente”. Não. Ela apenas fica ali parada, esperando. Noto que está até um pouco irritada. Isso meio que faz com que eu goste dela. Nós falamos a mesma língua.

— Eu vou melhorar?

Seu corpo empertigado vai amaciando a cada minuto que passa.

— Você tem que perguntar isso para o seu médico, Cameron.

Gosto da maneira como ela pronuncia meu nome, como se ele tivesse mais sílabas do que realmente tem.

— É que... ninguém me diz nada, sabe como é?

Glory olha em direção ao corredor, onde ela tem gráficos para arquivar e pacientes para examinar.

— Isso acontece porque ninguém entende como a coisa funciona nem o porquê. Por que Deus leva os bons e jovens ou por que sofremos. Não entendo por que Ele levou minha filhinha que teve câncer com apenas cinco anos de idade.

Ela respira fundo, como se ainda doesse.

— Eu não entendo e acho que nunca vou entender.

Ela solta todo o ar dos pulmões. Sinto que devo dizer alguma coisa, mas por algum motivo acho que Glory não é o tipo de pessoa que quer que os outros sejam solidários.

— Se precisar de alguma coisa, aperte o botão — diz ela num tom um pouco mais macio dessa vez.

DIA QUINZE

Chet King veio me visitar. Embora CJ não seja uma doença contagiosa, ele está equipado com trajes de proteção — camisola branca de papel, máscara e luvas — feito um gigantesco boneco de neve hospitalar e paranoico ou algum *pop star* excêntrico viciado em moda bizarra. Ele ergue a mão. Parece aqueles pandas da sorte que a gente vê em restaurante chinês.

— E aí, campeão — diz ele finalmente. — Jenna pediu pra eu dar uma passadinha. Não que eu não quisesse vir, sabe como é...

Sua voz fica abafada atrás da máscara.

— Ei, você está sabendo? Os técnicos concordaram em dedicar o jogo Estelar dessa semana pra você. Todo mundo está rezando por você, mano.

Eu aumento um pouco o volume da tevê. Nem pensar em perder nenhum esfuziante segundo da minha novela. Chet limpa a garganta.

— Então, hum... como você está?

— Estou bem, se não fosse por esse lance de morrer, que é meio chatinho.

— É mais ou menos sobre isso que eu gostaria de conversar com você hoje.

Chet está tão sério que chego a tirar o som da tevê.

— Sabe, Cameron, na verdade, a pessoa nunca morre. Não se a pessoa tiver aceitado Jesus Cristo como seu senhor e salvador.

Chet cai de joelhos ao lado da minha cama e ora pedindo proteção da doença não contagiosa, pega a minha mão entre as suas gigantescas e enluvadas que, caralho, parecem patas. Por que eu não tenho mãos másculas assim? Se em algum lugar existe a opção de reencarnação, eu vou querer mãos grandes.

— Senhor, peço que tire o medo da mente do Cameron e o perdoe por seus pecados. Em nome do seu Filho, nosso salvador, Jesus Cristo, Amém. Cam... — Chet diz num tom baixo, de igreja. — Tem alguma coisa que você gostaria de acrescentar?

— Não, acho que você cobriu todos os aspectos.

— Você não gostaria de confessar seus pegados e pedir a Jesus que o perdoe?

Eu não sei por que esse tipo de coisa me tira do sério. Minha vontade é de arrancar todos os tubos e fios e meter um soco intencional em Chet King, em vez do soco acidental.

— Será que não é Jesus quem devia pedir perdão pra mim? Tipo, considerando que ele está me tirando do jogo aos dezesseis anos de idade sem nem permitir que eu dê uma bimbada antes?

Chet balança a cabeça.

— Cameron, eu sei que o ódio é apenas uma máscara.

— Não é não. Na verdade eu estou muito putô.

— É apenas uma máscara por toda a dor na sua alma. Eu posso ver. E Deus também.

A tevê é um apelativo dono de circo feito de cores e formas. Eu quero gritar: “Se Deus consegue ver a minha dor, então por que caralho ele não me livra disso? Se Deus realmente existe, por que ele permite todas as coisas terríveis e injustas? Digo, o cara é um sujeitinho sádico”.

— Você acha que eu não sei o que é ficar deitado numa cama, se sentindo um pobre coitado, se perguntando por que algo tão horrível está acontecendo com a gente? — diz Chet. — Eu nem tinha certeza se ia conseguir voltar a andar. O futebol era a minha vida, sendo que agora nunca mais vou ser capaz de jogar. Mas agora está tudo bem comigo, Cameron. Sabe por que está tudo bem?

— Porque você percebeu que futebol é um esporte idiota.

As mãos enluvadas do Chet se fecham ao lado do seu corpo durante um segundo, depois relaxam.

— Porque eu aceitei Jesus Cristo no meu coração e na minha vida. E eu sei que o que aconteceu comigo foi por um motivo. Deus tem planos maiores para mim, eu preciso acreditar nisso.

A pergunta escapa da minha boca sem que eu tenha pensado a respeito.

— E se não foi desejo divino, Chet?

— Mas foi. Eu sei disso.

— Não, Chet, e se foi só uma cagada que aconteceu? E se foi só azar, algo aleatório como uma borboleta que bate as asas lá na América do Sul e você acaba quebrando o pescoço? E se não existir

absolutamente nenhum plano divino e estivermos completamente sós?

Não sei que tipo de resposta eu gostaria de obter e nem se existe tal resposta.

— Você já parou pra pensar nisso, Chet?

— Não, não parei — diz ele com convicção. — E eu tenho dó de você, se é isso que você acha.

É..., eu penso, fechando os olhos para os Chet Kings desse mundo. *Eu também tenho dó de mim.*

DIA ALGUMA COISA

A tosse do outro lado do corredor cessou.

ALGUM TEMPO DEPOIS

“Ei, Cameron. Psssiu. Acorda”.

Não. Não quero acordar. Dormir. Cansado.

“Caaammeerroooooooooonnn! Vai. A gente precisa conversar. Temos um montão de coisas para fazer”.

Ela está tomando forma na minha mente. Um rostinho de fada com aquela boca larga e carnuda. Seu cabelo é curto e espetado. Rosa. E, sim, as asas estão estendidas. Foram pintadas com tinta-*spray*, com a estampa do Buddha Burger.

“Olha isso”, diz ela.

Ela aperta um interruptor no peitoral da armadura e as imagens das vacas Buddha nas suas asas começam a flutuar sem parar, feito um painel digital maluco.

“Bacana, né?”

Quem é você? Eu pergunto.

“Por que você não tenta descobrir?”

Como?

Ela leva as mãos até a boca como se fosse gritar.

Em vez disso, ela sussurra: “Acorda”.

ALGUM TEMPO DEPOIS

Não consigo dormir. Toda vez que começo a pegar no sono eu penso na velha, a senhora M, e no que ela disse. Se é que ela disse. Talvez eu tenha sonhado.

Minha cabeça dói. Meu pulmão dói. Braços. Pernas. Tudo.

Ligo a tevê para fazer o tempo passar. A mesma bosta de sempre na YA!TV. O mesmo programa chamado *Por Dentro, Por Fora e Por Trás Da Música*. Parker Day é o apresentador. Ele está no seu “modelito sério”: calças pretas, blusa de gola rolê preta, óculos de aro preto, embora o cara com certeza tenha visão perfeita. Eles até fizeram umas fotos dele num urzal sombrio, árido, para dar aquele clima trágico.

— A não ser que você tenha ficado preso numa cápsula do tempo, você conhece a história do Copenhagen Interpretation — diz Parker enquanto sua imagem sai da tela e fica apenas a voz.

— De um vilarejo de pescadores inuítes ao estrelato internacional no mundo da música, o Copenhagen Interpretation levava uma vida de sonho como músicos e porta-vozes da paz mundial. O primeiro lançamento deles, *Mundo Pequenin*o, os colocou sob os holofotes. E foi logo acompanhado pela obra-prima do grupo, *Palavras para Neve*. Muitos alegam que as vibrações produzidas pela música deles trazem uma sensação de bem-estar, até euforia, e que seus concertos promovem a harmonia. Como disse Thule, o vocalista da banda: “Qual é a grande dificuldade em ser gentil?”. Sempre em companhia de seu indefectível tradutor — entra a imagem de um cara de camisa havaiana falando ao microfone — CI entrou em turnê mundial, e o mundo nunca mais seria o mesmo.

Pela tela, passam cortes rápidos de imagens acompanhadas de trechos de faixas do Copenhagen Interpretation: uma tomada fora de foco dos quatro membros da banda, cobertos da cabeça aos pés com casacos pesados e capuz, feito exploradores da Antártica. Outra imagem borrada deles nos mesmos trajes, tocando em algum festival; outra foto confusa deles na neve.

— Então, certo dia, no auge da fama — a voz do Parker continua enquanto a tela vai escurecendo — eles simplesmente... sumiram. No meio do Grande Concerto Beneficente pela Paz, Mas Contra a Não Paz E Contra Pessoas Que Sistemáticamente Não São Gentis, no meio do que todos consideraram um cenário foda, eles simplesmente evaporaram. Vítimas de uma emboscada? Será que se cansaram da fama? Seriam eles alienígenas de algum planeta mais avançado em termos musicais? Ou como foi sugerido: teriam

eles comido uns aos outros numa orgia de excessos regada a drogas e ódio — o lado obscuro das celebridades? No próximo bloco vamos explorar...

É o máximo que eu aguento. Mudo para o noticiário. Um âncora engomadinho com seu sorriso diário. Soldados adolescentes carregando armas. Mercados bombardeados e salpicados com sangue. Aldeões chorando. Capotas de gelo derretendo, ursos polares desnorteados. Uns fulanos ajoelhados com capuzes pretos, atrás de cercas de arame farpado. Um incêndio que vai se espalhando num outro Estado. Uns caras observam a devastação, o fogo refletido nas lentes espelhadas de seus óculos de sol. Meu Deus, alguém precisa apertar o botão de reiniciar nesse planeta.

O âncora sorri e eles cortam para uma historinha meiga sobre um campeonato de *Capitão Massacre* que está rolando.

NOITE

Não consigo respirar.

Bosta. Meu pulmão. Apertado. Não consigo inspirar. Mais. Que um suspiro. De ar. Dor.

Pai. Se levantando. Assustado.

— Cameron? Cameron!

Não consigo dizer o nome dele. Não consigo pedir ajuda. Ajuda. Sem ar. Os olhos do meu pai. Tão assustado. Sai correndo. Gritando.

Pai. Volta. Glory também. Um cara de verde. Empurrando um carrinho. Uma máquina e tanto.

Glory. Vestindo. Luvas. Amolecendo rápido.

— Ok, querido, fique bem quietinho para mim.

Ela nunca. Caralho. Nunca me chamou. Querido. Um sujeito de verde. Sonda de plástico. Mais gente correndo. Corpo falhando. Tremendo. Não consigo. Não consigo parar.

— Vamos ter que entubá-lo — diz Glory, brava. — Dê aquela injeção, agora.

Braços. Me segurando. Para baixo. Rolar para o lado. Dor. Meu quadril. Injeção entrando. Remédio. Quente como o fogo.

Respire, Cameron.

O rosto da Glory. Determinado. Sorriso. “Segura ele bem firme”.
Dedos. Abrindo a minha boca. Tubo. Entrando. Ai, caralho. Plástico
serpenteia. Muito. Me faz engasgar. Quero. Gritar. Mordaça. Meu
coração. Frenesi generalizado. Gritando. “Que porra está
acontecendo aí fora? Informe, soldado, informe!”

Para. Não consigo. Para. Tremendo. Acabou. Pânico. Como uma
onda. Me leva. Para baixo.

Glory. Perto:

— Calma, calma, tudo bem, querido, não brigue, só mais um
minuto e acabou.

Medo. Muito medo. Faça parar. Preciso ficar. Acordado. Lutar.

A velha falou.

Foco. Quadro. Na parede. Anjo.

Remédios. Fazem minha cabeça. Pesada. Depois leve.

O quadro. O anjo. Foco. Veja.

Asas. Mexem. Drapejando.

Como neve.

Caindo.

CAPÍTULO CATORZE

Em que eu acordo

Branco.

Tudo que eu vejo é branco.

Pisco.

Branco.

Pisco, pisco.

Branco, branco.

O branco contém pequenas pintinhas, como a superfície da lua.

Pisco novamente e os quadrados esponjosos do teto do hospital entram em foco. O hospital. “Ainda estou aqui? E se não estiver? Tenho medo de olhar. Tudo bem. Vamos com calma. Mexo os olhos para a esquerda. Janela e aquecedor de parede. Olhos para a direita. Cadeira para visitantes. Mãe e pai. Dormindo”.

“Mãe e pai. Ainda aqui. Tudo ainda aqui”.

“Obrigado”.

* * *

É noite quando acordo novamente. A primeira coisa que eu noto é que não tem mais nenhum tubo na minha garganta. No entanto, ela está irritada e seca, como se eu tivesse comido cascalho durante dois dias sem parar.

— Você está acordado?

Um novo rosto surge sobre a minha cabeça. Eu solto um gemido, surpreso pelo som da minha própria voz rouca.

— Ah, desculpa aí, cara. Achei que você estava acordado.

Fecho os olhos e silenciosamente desejo que a alucinação vá embora. Quando volto a abri-los seu rosto continua ali, ao lado do meu.

— Você está bem, *muchacho*?

Eu tento falar, mas minha garganta está irritada e seca.

— Você poderia. Água. Por favor?

— Ah, claro. Na boa, cara.

Depois de três segundos, mais ou menos, tem um copo na minha mão. Tomo alguns goles, sinto minha garganta inchando a cada gole. Melhor.

— Valeu. Desculpa se o assustei. É que achei que eu tinha... morrido. Algo assim.

— Só, nem me fale. Eu também fiquei um pouco assustado — diz ele.

— Então você estava aqui?

— Acabei de chegar.

Dou uma boa olhada nele. Ele tem rosto angelical, bochechas redondas e nariz arrebitado. Olhos grandes e escuros, quase femininos, protegidos por sobrancelhas que se juntam numa expressão de irritação e desconfiança. Tudo isso arrematado com uma cabeleira cafona que forma uma enorme nuvem de cogumelo. Colégio Calhoun. Banheiro do quarto andar.

— Você é aquele cara que joga — eu digo.

— Quatro vezes campeão no *Capitão Massacre*. Meu nome é Gonzo, caso você não lembre. Bem, meu nome completo é Paul Ignacio Gonzales, mas todo mundo me chama de Gonzo.

— Cameron. Smith.

— É, eu sei.

Gonzo se contorce todo para subir na sua cama. É como observar o irmão caçula de alguém.

— Então, quer dizer que você é o cara com a doença da vaca louca. Uau.

— É. Uau.

— Uau, uau, uau — pausa. — Isso é muito louco, cara. Como você pegou isso?

— Ninguém sabe, na verdade — eu digo.

— Ei, sem querer ofender, mas isso não é tipo... fatal, né?

Ninguém nunca chegou e disse a coisa tão na lata. Gonzo acaba de ganhar alguns pontos comigo.

— É, aparentemente é sim. Estou fazendo um tratamento experimental.

— Cara, que merda!

Gonzo ajusta a sua cama. O encosto sobe com um rangido metálico até alcançar um ângulo de noventa graus.

— Então, e você, está aqui por quê? — eu pergunto.

— Eu? Eu venho aqui algumas vezes por ano.

— Ah — eu digo, sem saber se isso teria a ver com a sua condição de “pessoa de baixa estatura”.

Gonzo despeja o conteúdo da sua latinha de Rad XL num copo plástico e entorna tudo, terminando com um arrote impressionante.

— Minha mãe vive achando que tem alguma coisa muito errada comigo, que eu vou morrer. Se estou com uma irritação de pele, ela acha que é beribéri. Se perco um pouco de peso, ela acha que estou com câncer de cólon ou com tênia. Se pego um resfriado, ela acha que estou com pneumonia. Acho que sou recordista em quantidade de raios X de tórax realizado em um único ser humano com menos de vinte anos.

— Quantos anos você tem?

— Dezesseis.

— Eu também.

Eu tomo mais um gole de água.

— E dessa vez qual é o motivo?

— Eu tomei um hormônio de crescimento? — diz ele como se estivesse em dúvida se tomou ou não. — Era pra eu ficar mais alto. Não funcionou. Você já deve ter percebido. Em todo caso, o troço era feito a partir de vacas. Rolou até um processo de ação coletiva. Quando minha mãe leu a respeito no jornal ela meio que pirou e quis que... sabe como é... eu fizesse uns testes, de sangue e coisa do tipo, para se certificar de que eu não corro risco... sabe como é... ficar lesado.

Seu sorriso empurra as bochechas para cima como persianas, até que seus olhos não têm mais para onde ir e acabam se espremendo.

— E aí, o que está pegando? — eu pergunto. — Seu cérebro está virando esponja nesse exato instante, enquanto estamos aqui conversando?

— Não, cara. Eu estou bem. Mas eu também tive uma tosse feia, então sabe como é... Vou ter que tirar os raios X de pulmão de

sempre pra descartar a hipótese de pneumonia. Ou tuberculose. Ou câncer de pulmão.

O telefone ao lado da cama do Gonzo toca. Ele deixa tocar duas vezes, como não quisesse atender, mas no terceiro toque ele o pega.

— Oi, mãe. Não, estou bem. Almoço? Tipo uma gororoba nojenta de frango com purê de batata e cenoura, um pudim minúsculo. Mãe, como assim, frango envenenado? Aqui é um hospital. Não estou sendo cruel. *No soy malo!* Tá. Tá, tá, *siento*. Sim, eu fiz o exame espinal. Não. Não tenho meningite, portanto estou bem. Mãe, eu não tenho tumor no cérebro. Não tenho! Como assim? Qual artigo? Bem, isso não quer dizer... mas não são todos os anões que pegam!

Gonzo desliza na cama, lá para baixo.

— Quando você passa aqui? Pode me trazer uns livros? Meus CDs do Big Philly Cheese Steaks[14]. Ah, e o meu DVD do *Guerreiro das Estrelas*.

Óbvio que ele curte *Guerreiro das Estrelas*.

— Tá bom. Você também. Mãe. Não dá. *Não dá* — ele suspira, então baixa a voz: — Eu também amo você.

Assim que Gonzo desliga, ele pega um inalador para asma da mesinha ao lado da sua cama, enfia-o na boca e dá duas longas baforadas, finalmente soltando tudo numa grande expiração e algumas tossidas secas.

— Você está bem? — eu pergunto.

Ele assente.

— Sim, cara. Minha mãe só estava me enlouquecendo um pouco, só isso. Sou filho único. Ela me criou totalmente sozinha. Meu pai não queria saber de filhos, principalmente filho anão.

— Ah — eu digo.

— Ei, você curte o Copenhagen Interpretation? — pergunta Gonzo. — Eu tenho a mixagem de *Palavras para Neve*. Você viu a versão comercial dessa música que eles fizeram pra Rad XL: ‘Para quando você é bom demais para qualquer outro refrigerante’? Cara, é massa! Ei, você curte *Guerreiro das Estrelas*?

— Quem não curte?

— Velho, eu sei o filme inteiro de cor! Minha parte favorita? Quando Odin... sabe? Ele é o velho mestre... quando diz ele: “Esses *Guerreiros das Estrelas* não valem a pena. Você vai ajudá-los a

escapar”, e daí ele amolece os miolos dos guardas para que deixem os caras escapar. Cara, eu adoraria conseguir fazer isso com a professora Rector. “Essas não são as notas que você quer me dar, professora. Você vai buscar uma letra mais alta ou então sentirá o gosto do feitiço justiceiro da minha Espada da Paz Derradeira. Demais. Ei, você...

O telefone toca de novo. Gonzo aperta o maxilar. Ele olha para o telefone como se estivesse com medo do aparelho. Dessa vez ele deixa tocar quatro vezes.

— Oi, mãe — diz ele com um suspiro profundo. — Você fez o quê? Mãe! Por quê? Por que você foi consultar o conteúdo nutricional da comida hospitalar na internet? De jeito nenhum. Não, não fazem. Eles são obrigados a limpar os amendoins da mesa antes de começar a preparar o frango, tá bom? Tipo... é um hospital. Tenho certeza que são supercuidadosos. *No hago esto*. Não vou pedir um *EpiPen*. Mãe! Você não está ouvindo o que estou...

Eu me viro e boto os fones de ouvido, passeio pelo dial até encontrar meu estoque de músicas do Grande Tremolo. Basta um toque e a argumentação cada vez mais desesperada de Gonzo com a mãe é soterrada pela voz familiar, de flauta doce e hélio, do meu músico brega predileto. As notas arremetem e caem, como alguém que tenta cantar em meio a um ataque de cócegas. Ao longo dessas duas últimas semanas, essa é a única coisa que me faz feliz e eu não vou abrir mão disso.

CAPÍTULO QUINZE

Em que recebo uma missão de uma importância maluca ou pura maluquice, pois é difícil saber a diferença

Quando eu acordo, Gonzo está dormindo e meus pais já foram. Os cantos do quarto estão macios, com um brilho branco tão reluzente que preciso erguer o braço para bloquear a radiação.

— Oi, Cameron.

O brilho diminui. Ela está parada ao pé da minha cama — a fulana que tem me seguido por tudo quanto é lugar, deixando mensagens em penas. Reparo na meia arrastão rasgada, minissaia xadrez, no brilhante corpete de uma armadura rebitado com tiras de couro nas laterais e, perto do ombro esquerdo, um adesivo gasto do Grande Tremolo. Suas asas têm uma estampa doida, xadrez em preto e branco, como se tivessem sido pintadas com tinta *spray* numa funilaria para parecer um modernoso par de tênis.

“É só piscar que a alucinação some, Cameron”. Aperto bem os olhos e, quando os abro, ela continua ali, toda brilhante, resplandecente e sorridente.

— Oiê... — ela gorjeia, acenando com os dedos na minha cara.

— Por favor — eu resmungo. — Eu... eu não estou pronto.

— Não está pronto pra quê?

Ela se senta ao meu lado, na cama, e encaixa o calcanhar do seu coturno na moldura de metal. Ela puxa um saco de doces de dentro do corpete e me oferece.

— Aceita um ChocoYum?

Deixo escapar um riso-gemido e logo volto a entrar em pânico.

— Você não é real. Estou alucinando.

— Eu lhe pareço real neste momento?

Faço que sim com a cabeça.

— Bem, então — ela diz antes de engolir um punhado de ChocoYuns. — Ai Deus, isso é bom demais. Comerciais quase

nunca são verdadeiros. Mas esses realmente são choco e yum.

Ela nota que estou olhando para as suas asas.

— Vai, pode pegar se você quiser.

— A-hã — eu digo enfaticamente.

Se eu não relar nela, ela não existe. Ela se aproxima cantarolando:

— Ei, sei que você quer...

— Tá, você poderia, por gentileza, parar com isso. Eu me sinto um depravado.

Ela faz um gesto exagerado de passar o zíper na boca.

— Não quero ofender, mas é que isso é... — eu engulo seco enquanto meus dedos avançam em direção àquela vasta expansão de asas —, um pouco... às vezes meu cérebro meio que oscila, entende? E...

Suas asas são a coisa mais macia que já senti, aveludadas como um filhotinho de pato.

— Caralho! — eu afasto a mão. — Ai Deus. Ai bosta. Parecia real. Uau!

— Uau é um palíndromo! A mesma palavra de trás pra frente e de frente pra trás. Não é legal?

Eu a encaro.

— Quem... Quem é você?

O quarto fica mais claro com o seu sorriso.

— Eu me chamo Dulcie. Muito prazer.

— Minha alucinação tem nome.

Tento me apegar a algum resquício de sanidade.

— Certo. Você andou me seguindo — eu digo como um diretor de escola irritado, repreendendo um aluno. — Primeiro na minha casa. No Buddha Burger. No ginásio da escola. Você deixou uma pena pra mim.

— E mesmo assim você não telefonou. Homens...

Ela aponta para o potinho de pudim ainda fechado na minha bandeja hospitalar.

— Você vai comer aquilo?

— Não — eu respondo com uma voz rouca.

— Você se importa?

Só consigo balançar a cabeça.

— Obrigado. Ah, olha isso!

Ela coloca a colher na ponta do nariz e lentamente afasta as mãos. A colher fica ali durante um segundo antes de cair na palma da sua mão, que ampara a queda.

— Legal, né?

— É. Legal.

Tem um caroço na minha garganta. Do tamanho das mãos másculas do Chet King.

— E aí, você só está, tipo... visitando? Ou isso é tipo... Eu estou...?

— O quê?

— Morto?

Ela arregala os olhos, surpresa.

— Ah, afe! Não! Larga mão de ser estraga-prazer — seu sorriso desaparece rapidamente. — Mas temos muito que conversar e não temos muito tempo.

— Temos o que pra conversar?

— A sua missão — diz ela com a boca cheia de pudim.

— Minha... missão...

— A sua missão. Nós precisamos da sua ajuda, Cameron.

No meu crânio eu sinto as batidas do meu coração.

— Defina “nós”.

Ela escreve no ar com a colher.

— Nós. Plural de eu. “Nos” em latim. Ah, eu tenho saudades do latim. Era tão divertido, todos aqueles verbos emocionantes que só se revelam no final da frase. É como um *trailer* do filme de todas as líguas.

Ela come mais uma colherada de pudim, revirando os olhos de prazer.

— Tem certeza que você não quer um pouco? É surpreendentemente comestível.

— Missão? — eu pergunto.

— Pois bem — ela olha bem para mim. — Você já ouviu falar de um cara chamado Doutor X?

— Não.

— Nenhum Doutor X? — ela pergunta novamente.

— Tem um monte de doutores Escroto que vêm aqui todos os dias pra rasurar no meu gráfico e me cutucar com objetos afiados no

intuito de acumular pontos nos seus Distintivos de Escoteiros Sádicos, mas até agora nenhum Doutor X.

— Sabe de uma coisa, você é muito engraçado.

— É porque estou tendo alucinações.

— Doutor X é um cientista brilhante. Tipo, pra lá de gênio. Branes, mundos paralelos, viagem no tempo, túneis do tempo-espaco, teoria de cordas, teoria M, teoria Y, teoria duplo Z, teoria de Tudo e Um Pouco Mais. O cara esteve na vanguarda de tudo isso.

Minha cabeça dói só de tentar acompanhá-la.

— Meu pai diz que essas coisas não são ciência de verdade, que não pode ser comprovado.

Sua sobrancelha esquerda vai lá para cima.

— Hum... Em todo caso... Doutor X finalmente conseguiu.

— Conseguiu.

— Sim — diz ela, lambendo a colher.

De longe essa é a minha alucinação mais estranha e perturbadora até o momento.

— O que foi que Doutor X finalmente fez? — eu pergunto lentamente.

— Ele descobriu como escapar, como viajar através do tempo e do espaço. Ele tem dado uns giros pelo universo paralelo, angariando milhas de fidelidade cósmica. Mas o problema não é esse. Ele voltou pra casa de novo — ela franze as sobrancelhas escuras. — E trouxe uma coisa junto.

— Por “uma coisa” você quer dizer uma camiseta ou uma caneca?

— Não exatamente — ela põe a colher de lado. — Já ouviu falar em energia escura?

— Não. O que é isso?

— Não faço ideia. Ninguém sabe exatamente o que é energia escura, só sabemos que a maior parte do espaço é feita disso. É um mistério eterno. Quando Doutor X viajou pelo tempo-espaco, parou para sentir o perfume das rosas no campo de Higgs e esbarrou nisso. Algo se criou e o seguiu de volta para esse mundo. Agora a coisa está se concentrando em algo novo, expandindo e acelerando eventos, desestabilizando tudo.

Dulcie está com uma expressão séria. A mancha de chocolate em volta da sua boca lembra um batom de palhaço.

— Você precisa encontrar Doutor X, levá-lo pra junto do túnel do tempo-espaco antes que o planeta inteiro seja consumido por fogo. Antes de tudo se obliterar.

— Calma aí. Como assim “eu” tenho que encontrar Doutor X? Isso não devia ser obrigação sua? Use os seus superpoderes de anjo ou sei lá o quê. Me deixa fora disso.

Com um olhar ela dá o troco.

— Cameron, você já parou pra se perguntar como foi que você pegou essa doença?

Eu devo ter passado, tipo, um bilhão de horas pensando exatamente nisso.

— Dizem que pode ter sido um hambúrguer estragado.

Dulcie faz um barulho de repúdio com a garganta.

— Que falta de imaginação. Não. Tudo está conectado, Cameron. Nada é acidental. Sua doença não é um vírus nem uma bactéria. É algo completamente diferente, algo que de fato altera o seu DNA. Aqueles príons são como vendedores de concessionária aliciando a direção da sua mente, colega.

— Valeu. Isso é muito animador.

— Você não vê? Sabe esses príons que estão atacando seu cérebro neste exato instante? *Eles são feitos dessa mesma energia escura e instável.* É por isso que os médicos não entendem. Porque o que está atacando você é algo de outro mundo.

— Mas como...

Ela levanta um dedo.

— Estou chegando lá. Nunca pressione uma garota quando ela está no meio da sua explanação. Mas é isso também o que vai ajudá-lo a encontrar o Doutor X. Esses príons podem te ajudar a ver o que ninguém mais vê. Por não funcionar “direito”, na verdade, seu cérebro consegue mais que o cérebro de qualquer outra pessoa, inclusive o meu.

Ela dá um tapinha na lateral da minha cabeça.

— O que está acontecendo aí dentro nesse momento vai ajudá-lo a interpretar os sinais e descobrir a localização secreta do Doutor X.

— Sinais? — eu repito, pois entendi apenas umas três palavras do que ela disse.

— Sim. Sim! Sinais!

Ela dá um pulinho, tamanha sua euforia, e quase derruba o jarro plástico de água no chão.

— Tabloides, painéis, “coincidências”. Coisas nas quais ninguém presta atenção. Essas são as pistas para a sua jornada. Cabe a você decifrar, ligar os pontinhos e encontrar o significado.

Pressiono as mãos contra a cabeça, como se conseguisse cessar tudo isso:

— Essa é de longe a coisa mais maluca que eu já ouvi.

— Sério? Cara, ai, cara... Eu podia lhe contar algumas coisinhas... — ela ri e para em seguida: — Tudo bem. Não importa. Então, em todo caso... Rola muita coisa naqueles tabloides. Você ficaria surpreso. É como um código alternativo do universo. E é por ali que Doutor X tem se comunicado. Através de código de tabloide. Ele precisa de ajuda, Cameron. Ele não está bem.

— Mas isso é tão totalmente aleatório!

Dulcie ajeita uma madeixa atrás da orelha.

— Num mundo como esse apenas o aleatório faz sentido.

— Espera aí, eu achei que você tinha acabado de dizer que tudo está conectado. Como pode ser as duas coisas...

— Conectado aleatoriamente, conectado muito aleatoriamente — diz ela enquanto analisa o gato de pelúcia da Jenna, o Senhor Bolhinhas.

— Bonitinho. Tão macio. É algodão? Pronto, gatinho. Você acha que Cameron deve embarcar nessa missão e salvar o mundo da destruição total? Se sim, faça um aceno com a cabeça.

Ela faz o gato assentir. Eu arranco Senhor Bolhinhas da suas mãos.

— Ainda não entendo por que você não consegue encontrar esse cara. Você é um anjo, não é? Você não tem superpoderes de anjo? Faz aparições para pastores nos campos, quando eles estão lá deitados? Toca corneta? Olhos de raio laser? No mínimo, você devia ter uma espécie de GPS angélico pra localizar as pessoas.

— Sou apenas a mensageira. Só isso.

Uma sensação de formigamento sobe pelos meus braços.

— Espera aí, você é alienígena? De onde você veio?

— Ótima pergunta! Em todo caso, eu não quero que você se irrite. Eu não vou abandoná-lo em meio a tabloides e painéis. Vou

aparecer de vez em quando.

— Aparecer?

— De vez em quando.

Eu cruzo os braços sobre o peito. No corredor, um assistente hospitalar empurra alguém numa maca.

— Me dê um motivo pra eu aceitar.

Ela volta a chupar a colher de plástico. Quando a tira da boca, a colher está lambuzada com o que restava do seu batom.

— Eu estava deixando o melhor pro final. Tem um bônus. Doutor X é a única pessoa que pode curar você.

Eu me sento reto.

— Espera aí, eles disseram que não tem cura...

— Que *eles* saibam... — Dulcie me interrompe. — Mas *existe* cura. E Doutor X a tem.

Uma cura. Isso é tão ridículo quanto as penas pintadas com *spray*. Mas uma cura...

— Não sei se você percebeu, mas estou conectado a uma bolsa de soro. Mal consigo me mexer.

— Pois é. Eu posso lhe dar uma ajuda quanto a isso, caubói. Tenho uma coisa que o Doutor X deixou para trás. Um dos seus antigos experimentos. Me dá o seu pulso.

Eu dou e ela prende o que parece ser uma pulseira de plástico no meu pulso.

— Seu passe temporário. Isso vai manter os sintomas sob controle e vai estabilizá-lo durante umas duas semanas. Depois disso...

— Depois disso o quê?

Ela não está mais sorrindo.

— Os príons vão tomar conta. Eles vão consumir a sua mente assim como a energia escura vai consumir o mundo.

Quando a ouço dizer aquilo, meu coração começa a bater um pouco mais rápido. Tem alguma coisa do lado interno da pulseira — um cupom verde-laminado com alguma coisa escrita: DISNEY: REINO DA MAGIA. “PASSAPORTE ADULTO “E”. INDIVIDUAL. No lado esquerdo há uma lista: ADVENTURELAND, FRONTIERLAND, LIBERTY SQUARE, FANTASYLAND, TOMORROWLAND. TERRA DA AVENTURA, TERRA DA FRONTEIRA, QUARTEIRÃO DA LIBERDADE, TERRA DA FANTASIA, TERRA DO AMANHÃ.

— O que é isso?

— Um passaporte-E — ela responde toda animada.

— Um passaporte o quê?

— Um passaporte-E. Eles usavam isso na Disney há milhões de anos. Ele dava acesso aos brinquedos mais legais. É demais! Claro que agora eles não fazem mais esse tipo de ingresso, então é bom você tomar cuidado com esse aí.

Eu olho para ele. É apenas um ingresso verde numa pulseira em volta do meu pulso.

— E como isso vai me proteger?

Ela lambe o resto da colher de pudim e a coloca na bandeja.

— Sinto muito. Essa é uma informação angelical supersecreta.

Toda a esperança que eu estava sentindo desaparece. Vou acordar num minuto. Vou acordar e será mais um dia onde vivo um sonho de morrer lentamente, um sonho do qual desejo acordar, de novo e de novo até acabar.

— Tudo bem, quer saber de uma coisa? É óbvio que estou tendo algum tipo de alucinação por conta dos remédios para dor; você com certeza é uma alucinação muito simpática com uma personalidade incrível e irreal, mas agora eu vou voltar a dormir. Quando eu acordar você terá desaparecido.

Ela coloca sua mão na minha. É tão macia quanto suas asas.

— Cameron, nós já esgotamos todas as outras opções.

— Você ainda não me explicou quem são “nós”.

Ela suga o ar através dos dentes, assente.

— É, eu sei. Cameron, você é nossa última chance. Estou lhe pedindo pra salvar o mundo, caubói.

— Espera aí — eu digo, novamente me empertigando. — Isso é uma fala do *Guerreiro das Estrelas*.

Ela me dá um sorriso abobado.

— É, não resisti. Uma série ótima, né? Bem, os primeiros, pelo menos. Os últimos... bem... Ah. Já ia me esquecendo. Só tem mais uma coisinha — diz ela, mordendo o lábio. — Você tem que levar Gonzo junto.

— Como?

— Você vai precisar de um parceiro nessa viagem. Todo mundo precisa de um amigo.

Eu largo o peso do corpo contra o travesseiro, cruzo os braços sobre o peito.

— Eu não. Eu viajo sozinho ou então não viajo.

Ela franze os olhos.

— Agora quem é que está falando que nem *Guerreiro das Estrelas*?

Ela engrossa a voz e tira um sarro.

— “Eu não, princesa. Eu viajo sozinho ou então não viajo”. Tudo bem. Isso não importa. O importante é que você vai precisar de um colega, um parceiro, um companheiro e comparsa. E, pra ser sincera, Gonzo também precisa de ajuda. Tipo, olha só pra ele.

Ela abre uma fenda na cortina. Gonzo está dormindo, boca aberta, roncando baixinho, um guia de videogame do *Capitão Massacre* totalmente amassado sob seu queixo.

— Você estaria prestando um valioso serviço social — diz Dulcie.

— Não, não e não.

E faço uma lista de por que não é uma boa ideia.

— Primeiro, ele fala compulsivamente. Segundo, ele telefona pra mãe, tipo, cinco vezes por dia. Terceiro, ele ronca. Quarto, ele é totalmente paranoico e acha que qualquer coisa vai matá-lo.

Dulcie dá de ombros.

— Ninguém é perfeito.

— Outro dia ele disse que tem uns produtos químicos na fabricação do papel higiênico que podem causar câncer retal. Então agora todas as manhãs ele traz seu estoque secreto de papel higiênico reciclado especial. Ele não vai topar nunca.

— Você só vai saber depois que perguntar. Além do que, o destino dele está amarrado ao seu. Tudo está conectado.

— Eu não acredito em destino.

— A não ser pelo destino aleatório.

— Isso é insano.

— É — ela sorri. — Insanidade. Lucidez. Difícil escolher. Olha, Cameron, sou apenas uma mensageira. Eu não sei tudo. Mas sei o seguinte: estão lhe dando uma chance. Se aceitar, talvez você viva. Se você continuar aqui, vai morrer com certeza.

Dulcie faz um carinho no Senhor Bolhinhas, apalpando-o com os dedos.

— O que me diz? Você, Gonzo, juntando os pontinhos, encontrando Doutor X, recebendo a cura, salvando o universo? Tá dentro, caubói?

Minha cabeça dói; está quase na hora dos analgésicos. Onde está Glory? Gostaria de sair fora um pouco. Não pensar nem sentir. Eu me viro de lado, me afastando dela.

— Vou pensar a respeito.

— Tudo bem — diz Dulcie, passando o braço por cima de mim para enfiar o gato no vão entre meu braço e a cama. — Mas, Cameron... Não demora muito.

NOITE

Minha mãe, meu pai e Jenna estão aqui, acampados à minha volta. Estão assistindo um episódio imbecil de um programa mais imbecil ainda no YA!TV chamado *Qual É A Sua Categoria?*, em que participante tem de responder perguntas para provar que sabe mais que qualquer outra pessoa num assunto idiota em particular e, se erra tantas respostas, a pessoa é jogada numa piscina asquerosa cheia de uma meleca indefectível.

— Cara — sussurra Gonzo sem tirar os olhos da tevê —, você já assistiu o *Vai Encarar?*

Eu nego com a cabeça. Ela pulsa e eu não consigo deixar de pensar no que Dulcie disse, que os príons que atacam meu cérebro são uma espécie de agente misterioso de outro mundo. Seria tão bom poder apagar tudo isso com uma bela dose de analgésicos, mas durante a próxima hora não posso tomar mais nenhum remédio, de acordo com Glory, que esteve aqui... quando mesmo? Não sei.

— É demais! Teve uma vez que obrigaram um cara a raspar a bunda em rede nacional. E o cara topou! Foi o bicho.

Quanto tempo até os analgésicos? Eu poderia contar os minutos. Dormir e não acordar nunca mais. Eu poderia ficar aqui e esperar o inevitável.

Salvar o mundo. Isso é impossível. Insano.

No entanto.

A cura. Eu podia me curar. Foi o que ela disse. E alguns pequenos átomos despertam em mim, formando uma pergunta que não consigo desconsiderar: “Por que não?”

Eu podia ter uma chance.
E uma chance é melhor que nada.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Em que eu tento convencer o nanico a abrir mão da regalia de papel higiênico reciclado para me acompanhar numa missão para — possivelmente — salvar o mundo

Assim que minha família acha que eu peguei no sono e sai do quarto para jantar, eu acordo Gonzo.

— Ei, cara. E aí? — ele se senta na cama e limpa a baba do canto da boca.

A impressão do seu manual de videogame borrou metade do seu rosto, no lugar onde ele adormeceu em cima. Esse é o cara que Dulcie acha que devo levar na minha viagem? Que merda.

— Hum, olha, eu sei que isso vai parecer doideira total, mas eu tive um.... Não sei bem como chamar. Uma visão, talvez.

— Que tipo de visão? — ele pergunta bocejando.

— Uma anja falou comigo e...

Gonzo para de esfregar os olhos na metade do gesto.

— Espera aí. Como você saber que ela era anja, *muchacho*? Como ela era?

— Hum... asas. Corpete de armadura. Cabelo rosa. Meia arrastão e coturnos.

— Genial! Uma anja *punk-rock*! Você acha que Deus é metaleiro?

Gonzo faz um solo irado de guitarra invisível enquanto sacode a cabeça e bota a língua para dentro e para fora da boca. É como observar uma cobra morrendo lenta e dolorosamente.

— Qual o nome da mina-anjo?

— Dulcie. Então...

Gonzo franze as sobrancelhas.

— Não parece nome de anjo. Minha mãe é superligada em santos, e eu nunca ouvi falar de santa Dulcie. Tem certeza que não foi só um sonho, cara?

— Tenho certeza — eu digo, embora nunca tenha tido tão pouca certeza em relação a algo. — Ela me deu uma missão, Gonzo. A missão mais importante do nosso tempo.

— Genial. Me conta.

— Bem...

Eu lhe conto tudo que Dulcie disse sobre Doutor X, suas viagens pelo tempo, a cura, o fim do mundo se aproximando caso a gente não encontre o fulano e o levarmos até o túnel do tempo-espaço. Gonzo me encara.

— Cara, você está parecendo aqueles velhos malucos que ficam no ponto de ônibus com chapéu de papel alumínio, mijando em copinhos de refrigerante vazios.

— Eu sei que parece doideira, mas estou lhe contando a verdade. Eu juro. Ela estava aqui. Ela comeu o meu pudim.

A colher. O batom dela. Eu corro até o cesto de lixo.

— Posso provar que ela esteve aqui. Espera aí.

Sinto o gelado do piso de linóleo contra a sola dos meus pés. Os funcionários do correio dentro do meu cérebro finalmente voltam do intervalo e enviam mensagens para as minhas pernas, informando que elas podem andar, e assim eu vou tropeçando até o cesto de lixo. Não há nada ali exceto a palavra-cruzada deixada pela metade por minha mãe.

— Eles devem ter levado junto com a bandeja — eu digo.

— Claro — Gonzo me mostra alguns dedos. — Vamos fazer um teste rápido de sanidade. Quantos dedos têm aqui?

Eu lhe mostro o dedo:

— Quantos dedos tem *aqui*?

— Cruel.

— Eu não estou louco, tá bom? — eu digo, embora o que eu esteja dizendo tenha toda a pinta de loucura braba.

— Tá, então como é que a gente encontra esse Doutor Milagre, esse tal de Doutor X?

— Ela disse que teríamos que procurar sinais. Painéis, tabloides, anúncios.

Gonzo me encara.

— Fala sério, o que é que eles estão botando no seu soro? Piração líquida? Mesmo se a gente aceitar a ideia de que um ser

alado com coturno lhe passou uma missão secreta para encontrar um médico que detém uma cura mágica, como é que você vai conseguir chegar em qualquer lugar, cara? Caso você não tenha percebido, você está numa cama do hospital São Judas e tem horas em que só pra ir ao banheiro você já tem dificuldade. Por acaso a 0-800-anja-punk lhe deu alguma dica quanto a isso?

— Ela me deu isso.

Eu lhe mostro a pulseira laminada. Gonzo aproxima o rosto e lê.

— Um passaporte-E?

— Contém um feitiço cósmico estabilizante pra combater os prions.

— Legal! A anja *punk* lhe deu mais saúde.

— É, exatamente. Mas só dura duas semanas.

Gonzo assobia.

— Cara, que droga. Bem, boa sorte.

— Eu tenho que levar você comigo — eu digo bem rápido.

Seus braços vão lá para cima:

— Nem fodendo!

— Gonzo...

— Não, não, não e não com mais um não.

Gonzo desaba na cama e faz um gesto exagerado ao abrir seu manual de videogame, vira as páginas rápido demais para ler.

— Eu falei pra ela que você era cagão demais pra ir.

É um golpe baixo, mas estou puto por Gonzo ser de fato tão cagão e por Dulcie, de cara, ter botado o nível de dificuldade lá em cima.

— Eu não sou cagão — diz Gonzo com uma voz magoadada. — É que não sou de me arriscar à toa.

— Gonzo — eu digo, dando minha última cartada. — Ela disse que essa energia escura que Doutor X trouxe com ele vai fazer com que o mundo acabe. Você. Eu. Isso. Tudo vai sumir se a gente não encontrar o cara.

Ele se senta e solta as pernas na lateral da cama, balançando-as de modo que seus calcanhares batem de leve contra a grade de metal, como um repicar de sinos.

— Tudo, tudo?

— Sim — eu respondo baixinho. — Dulcie disse que você também está envolvido. Que você encontraria seu propósito durante essa

viagem e que foi por isso que nos colocaram no mesmo quarto. Nada acidental. Tudo está conectado. De um modo aleatório.

As sobrançelas do Gonzo se enrugam — são verdadeiras taturanas peludas de concentração.

— Então, tipo, quando começa essa grande missão?

— Hoje à noite. Agora mesmo.

Gonzo me encara.

— Cara, isso é insano! Sabe, provavelmente teremos que tomar vacinas pra ir pra esse lugar aí. Eu só tenho um rolo do meu papel higiênico especial.

— Podemos conseguir mais. Gonzo, essa é minha única chance de continuar vivo, tá bom?

— Não sei não, cara. Eu tenho que falar com a minha mãe.

Ele pega o celular e eu o arranco da sua mão.

— Não, sinto muito. Se a gente for não podemos contar para ninguém. Eles vão tentar nos impedir. Tem que ser segredo.

— Cara, minha mãe vai pirar — a respiração do Gonzo fica rasa e chiada.

Ele pega o inalador, sempre ao alcance da mão — o equivalente ao paninho dos bebês — e dá várias baforadas.

— Gonzo, se Dulcie estiver certa, em duas semanas a sua mãe estará morta — eu jogo o celular de volta para ele. — Faça como preferir. Mas eu vou encontrar o Doutor X. Parto hoje à noite.

Eu jogo minha mochila na cama. Tudo que eu tenho são algumas cuecas limpas e as roupas com que fui internado. É estranha a sensação do jeans contra a minha perna; ele desperta a minha pele. Pego uma cesta de cor amarelo-vômito com seu conjunto de produtos de primeira necessidade — escova de dente, pasta de dente, lencinhos, anticético bucal, pente e loção — e despejo todo o conteúdo dentro da minha mochila, atirando a cesta de volta na mesinha ao lado da cama.

Gonzo bota as mãos rechonchudas na cintura, como um monitor de acampamento preocupado.

— Cara, você está louco.

— Sim. Comprovadamente.

— Tudo bem — diz ele com um suspiro. — Me dá um minuto para eu me vestir. Eu vou nessa sua viagem idiota.

CAPÍTULO DEZESSETE

Que trata da nossa ousada fuga do hospital e da conversa que tivemos com um fulano fedorento, o qual trajava um chapéu de papel alumínio

Enfermeiras são como policiais: nunca estão por perto quando você precisa delas. Mas quando você quer evitá-las, estão por toda parte.

— Como vamos passar pelo posto das enfermeiras? — pergunta Gonzo, apavorado, assim que abrimos a porta e espiamos pelo longo corredor onde está localizado o nosso quarto, que passa pelas enfermeiras antes de desembocar nos elevadores logo depois da curva.

Ele tem razão. Agora seria o momento ideal para que os batimentos cardíacos de algum paciente num dos quartos aqui perto parasse, que nem acontece nos seriados de tevê. Campainhas e apitos sendo disparados, criando uma enorme distração bem barulhenta. Mas nós não estamos num seriado de tevê; isso é um hospital de verdade com doentes fazendo aquilo que doentes fazem de melhor, ou seja: basicamente ficam deitados com o mínimo de algazarra.

— Não foi uma boa ideia. Vamos esquecer essa história — diz Gonzo.

— Você não vai dar uma de cagão pra cima de mim.

— Não vou! É só que, meu... Isso é megaimpossível.

Meus olhos vasculham o corredor atrás de qualquer coisa que possa nos ser útil. Glory está parada no posto das enfermeiras, fofocando com duas outras mulheres sentadas atrás de monitores de computador. Hoje ela está de uniforme hospitalar lilás. Sei que os pingentes de anjos estão titilando no seu pescoço. Alguém diz alguma coisa engraçada e Glory ri.

— Ai, Deus... Menina, me ajuda — diz ela com aquele sotaque que parece música.

A nossa direita tem um sinal de saída vermelho que tenho certeza que deve dar nas escadas.

— Vamos lá — eu digo, puxando Gonzo atrás de mim. — Não olhe pra cima. Só não pare de andar.

A iluminação reluzente do corredor nos banha em ondas. Uma faxineira passa com o carrinho de limpeza. Um médico passa por nós. Médicos residentes o seguem como o rabo de uma pipa. Visitantes caminhando com flores joviais e bexigas. Os presentes são enganosos, eles são para disfarçar o medo e a preocupação escondida em seus olhos.

Eu não quero morrer aqui. Essa é a única certeza que eu tenho.

Minha perna direita treme e eu a obrigo a continuar funcionando. Por ora ela recebeu o recado. Dobramos a esquina e lá estão as escadas.

Por algum motivo, eu me viro para dar uma última olhada no corredor. Nisso vejo que Glory deixou o posto das enfermeiras. Prancheta na mão, ela está começando a ronda. Em quinze minutos no máximo ela vai entrar no nosso quarto para conferir temperatura, pressão sanguínea, batimento e daí será um Deus nos acuda. Eu estava contando com uma vantagem de saída maior. Bosta.

— O que foi? Gonz pergunta.

— Temos que ir — eu digo, alcançando a escada para a longa descida.

* * *

Quando as portas automáticas do hospital nos soltam no mundo, damos de cara com um pôr do sol tardio, azulado, quase roxo. Acima dos postes, que rezam em posição de louva-deus no estacionamento, as estrelas tímidas palpitam como se estivessem receosas de exhibir todo o seu esplendor. O ar está quente e doce. Eu inspiro o máximo que meu pulmão consegue segurar. Dói de um jeito bom, como se no meu interior eu segurasse um profundo movimento de alongamento.

— Caralho. Sinta esse ar, cara. Muito bom.

— Sei, sei. E agora? — pergunta Gonzo, olhando para a esquerda e para a direita feito um fugitivo.

— Precisamos dar o fora daqui. Você está com o seu celular?

Ele apalpa a mochila.

— Sim.

— Ótimo. Chame um táxi.

— Qual o número?

— Não sei. Liga pro serviço de informação.

— Isso custa, tipo, um dólar e setenta e cinco. Minha mãe vai me matar.

— Gonzo, ela vai lhe matar por você ter fugido do hospital e ter embarcado comigo numa viagem que não foi combinada previamente. Ligar pro serviço de informações é tipo... secundário, concorda?

— Eu sabia que não era uma boa ideia — resmunga Gonzo, mas ele aperta os três dígitos mesmo assim. Dez minutos depois, um táxi caindo aos pedaços nos pega na rua Eldorado, a dois quarteirões do hospital.

— Pra onde? — pergunta o motorista, ligando o taxímetro.

— Boa pergunta — diz Gonzo, que me fuzila com seu olhar.

Esse seria um ótimo momento para Dulcie dar as caras, cooperar com um pouquinho de intervenção divina, nos dar uma prova concreta de que não era só papo, “nada é accidental, caubói”.

O taxímetro sobe mais quinze centavos e ainda não saímos do lugar. Estou esperando um sinal. No fim é isso: agora eu acredito em visões sobrenaturais de anjos *punk-rock*, missões de última hora para salvar o universo/minha vida e sinais aleatórios para indicar o caminho. Certo. Estou prestes a dizer: “Tá, você está certo, *game over*. Vamos voltar ao hospital e rir disso tudo enquanto nos esbaldamos com uma bela porção da intrigante carne gelatinosa da cafeteria, mas então, sobre os telhados eu avisto algo reluzente. É um sinal, sem dúvida. Um painel enorme, já meio roto, com o anúncio da Viação Papa-Léguas. O papa-léguas sorridente está correndo a toda, tão rápido que uma pena se soltou e paira no ar, atrás dele. SIGA A PENA ATÉ RODOVIA BIFROST[15], diz o cartaz.

Siga a pena.

Não chega a ser cornetas e trovões, mas no momento é o melhor que temos.

— Para a rodoviária — eu digo por fim, torcendo para que os prions do meu cérebro estejam certos.

A rodoviária é feita de azulejos sujos, velhos bancos de plástico, máquinas de bala quase vazias e lixeiras transbordantes. É administrada por pessoas que receberam uma oferta que dava a opção entre um emprego no inferno ou na rodoviária — e perderam no cara ou coroa. Fora isso, cheira a mijo.

Um homem grisalho com uniforme de faxineiro esfrega água suja no chão com um esfregão mais sujo ainda. Do teto, pende um painel de informações vazio, que ocupa a maior parte do centro do saguão, praticamente deserto. Nenhum ônibus. Nenhuma informação. Nada que a gente possa seguir.

— E agora? — pergunta Gonzo.

O atendente no guichê de passagens nem desloca a janelinha quando o abordamos.

— Oi — eu digo. — Não tem nada no painel de informações.

— Pois é.

Ele vira a página do seu gibi sem olhar para cima.

— Que bom. Valeu — resmunga Gonzo.

— Quando sai o próximo ônibus? — eu pergunto.

— Só às sete horas, amanhã de manhã. Mas vocês não podem ficar aqui. Fechamos daqui a dez minutos. Só abrimos amanhã às seis.

— Ok, obrigado.

Eu deixo a janelinha e me afundo num banco.

— Eu lhe disse que isso era loucura — diz Gonzo, engolindo um bocado de remédio para asma.

Sinais, sinais. Dulcie disse para procurar o “aparentemente aleatório”.

Como procurar algo aleatório? Eu achava que o aleatório é que normalmente nos encontra, pois é isso que o torna aleatório.

Um fulano côncavo, de pele cinza e cheirando a mijo, senta ao nosso lado. É o mesmo cara que eu vi no estacionamento na noite em que fomos ao Luigi. Ele ainda está como o chapéu de alumínio.

— O que vocês estão fazendo?

— Salvando o mundo — responde Gonzo e se afasta.

— Ah, muito bom. Vai acabar, vocês sabem. Está tudo indo pras cucuias. Foi por isso que eu descolei um desses — ele aponta para a sua toca prateada amassada.

— Hank, deixa os meninos em paz — diz o cara com o esfregão ao nos alcançar.

— Cai fora — responde o velho, irritado.

Ele pega uma sacola e olha o que tem dentro.

— Licença — diz o faxineiro. — Vocês poderiam levantar os pés, por favor? Preciso limpar esse pedaço.

Obedientes, Gonz e eu erguemos as pernas, estilo ponte-levadiça, e ele limpa embaixo.

— Cara, não tem ônibus hoje à noite — diz Gonzo. — Desiste.

O velho mendigo para de vasculhar a sacola.

— Tem sim. Tem um! Está esperando lá embaixo.

Eu olho para o cara do esfregão, buscando alguma confirmação. Ele para o tempo suficiente para limpar a testa suada com o braço.

— Bem, tem um hoje à noite, mas não está na grade regular. É particular. *O Fleur de Lys*.

— Parece coisa de pornografia — Gonzo sussurra nervoso. — Não lhe parece meio pornográfico?

Eu o ignoro.

— Pra onde ele vai?

— Pra onde você acha que ele vai? — diz o mendigo. — Nova Orleans. Esse é o ônibus do *Mardi Gras*, filho. É época de *Mardi Gras*.

— Obrigado.

— De nada — diz ele. — Melhor a gente se divertir, já que tudo vai acabar mesmo.

— Gonzo — eu digo, buscando dinheiro nos meus bolsos. — O que lhe parece, Nova Orleans?

— Como assim? Você nem tem certeza se esse é o ônibus certo.

— Não. Não tenho. Mas é o único ônibus. Olha, eu sei que isso parece um pouco meia-boca...

— Não, cara. Eu estaria feliz se o seu plano fosse meia-boca. Isso é tipo... *sem-boca*.

— É, você tem razão. É a coisa mais *sem-boca* que já fiz na vida. E aí, compro duas passagens ou uma?

Gonzo esfrega sua bombinha de inalação como se fosse um talismã.

— Tudo bem. Tô dentro. Mas se a gente não encontrar esse Doutor X em Nova Orleans e descobrir o que ele tem pra mim, eu pego o primeiro ônibus de volta.

— Combinado.

Eu abro a carteira. Meu cartão de crédito, o que meu pai me deu para que eu aprenda a ter responsabilidade financeira, ainda está aqui.

Tenho um limite de crédito massa de quinhentos e cinquenta dólares. Corro até a janela e bato no vidro à prova de bala. O atendente mal olha para cima.

— Sim?

— Quanto custa duas passagens no *Fleur de Lys*?

Com um gesto o atendente baixa o gibi.

— Duzentos e setenta e oito dólares e cinquenta e dois centavos, com impostos — diz ele.

Ele passa o cartão, nos entrega as duas passagens, e Gonzo e eu saímos em disparada para pegar o último ônibus da noite.

CAPÍTULO DEZOITO

Em que paramos em Nova Orleans e Gonzo se recusa a comer peixe, coisa que me irrita extremamente, e à garçonete também

Eu praticamente durmo durante toda a viagem do Texas para Nova Orleans. De vez em quando abro os olhos sonolentos para flagrar vislumbres oníricos do mundo. Postos de gasolina oferecendo copos plásticos a cada parada para encher o tanque. Galerias lotadas com as mesmas lojas e restaurantes de sempre. Cachorros esqueléticos vasculhando o lixo. Brejos poluídos. Estradinhas sinuosas que vão se desintegrando sob rodovias que não foram terminadas. Fábricas arrotando nuvens tóxicas de fumaça. Eu observo tudo isso e por um segundo me pergunto se vale a pena salvar esse planeta. Está quase amanhecendo quando eu acordo por tempo suficiente para ver que estamos atravessando uma ponte descomunal, que aparentemente se estende ao infinito. Estamos cercados de água. É bacana, como se eu estivesse flutuando.

— A ponte do lago Pontchartrain — informa a senhora sentada do outro lado do corredor.

Na sua camiseta está escrito MELHOR VÓ DO MUNDO; sob a saia florida, ela usa uma meia de náilon que só vai até os joelhos rechonchudos. Ela me oferece amendoim. Eu recuso, ela os guarda. Pega um cigarro longo e fino que enfia atrás da orelha.

— Você tem família em Nova Orleans?

— Não.

— Já estive lá antes?

Balanço a cabeça.

— Bem, é um lugar muito especial. Ou era. Depois das coisas que permitiram que fizessem lá... — ela balança a cabeça. — Mas que a gente sobrevive, sobrevive.

Ela começa a cantar uma musiquinha para si. É antiga, triste e promete dias melhores.

— Espero que a gente chegue logo. Estou louca pra fumar. Dizem que o cigarro mata, mas eu fumei a vida toda e sou forte como um touro.

Enquanto solta uma tosse portentosa, ela revira uma caixinha de fósforos entre os dedos, manuseando-a como uma pedra da preocupação. O desenho na caixinha é familiar, eu inclino a cabeça para conseguir vê-lo melhor: é a capa do disco do Junior Webster, que Eubie me mostrou.

— Já ouviu falar no Corneta de Marfim Bar? — pergunta a senhora, levantando a caixinha de fósforos.

— Não — eu minto.

Na verdade eu não quero conversar.

— Lugar bacana. Tó. Pode ficar pra você — ela coloca a caixinha de fósforos na minha mão.

— Não precisa.

Eu tento devolver.

— Não, pegue. Uma lembrancinha da sua primeira viagem pra Nova Orleans^[16]. Pode vir a ser útil.

— Obrigado.

Os fósforos parecem velhos. Provavelmente não acendem nem a pau. No lado oposto, está escrito Corneta de Marfim Bar, rua Rampart, 141 N., com um número de telefone que começa com letras. Guardo-o no bolso, apoio a cabeça no encosto do banco e olho pela janela, para a ponte que não acaba. Depois de um minuto, a senhora começa a cantar a musiquinha de novo, que embala meu sono.

Entramos na cidade por volta da hora do jantar. O horizonte reluz sob um nebuloso sol de fim de tarde. Parece que Nova Orleans acabou de surgir debaixo d'água, feito um mito, uma Atlântida moderna que não devia existir. O ônibus entra silvando na rodoviária, que é tão deserta e suja quanto a de onde partimos. Gonzo e eu saímos para a rua junto com os outros peregrinos. Embora seja fim de fevereiro, o ar está quente, grudento e um pouco agressivo — apenas mais um elemento no que parece ser uma cidade cheia de personagens.

Gonzo e eu estamos morrendo de fome, então escolhemos um restaurante perto da rodoviária. É um lugar totalmente turístico, com

vários jacarés de mentira nas paredes e colares de *Mardi Gras* pendurados em tudo quanto é gancho. O lugar é barulhento e lotado, pois hoje é a terça-feira gorda. Depois de uma espera infernal, a recepcionista nos leva para uma mesa minúscula lá no fundo. O cardápio é enorme e tem cerca de quarenta e oito tipos diferentes de frutos do mar. Eu escolho rapidamente o que vou pedir e mando bala nas torradas e manteiga que já estão na mesa. Gonzo continua escondido atrás da porta sanfonada do seu cardápio. Ele bate os dedos nervosamente contra o cardápio. Uma garçonete de cabelos loiros e fofos coloca dois copos d'água na nossa frente. Ela está usando uma pulseira de amuletos com um milhão de penduricalhos que balançam quando ela se mexe. No seu pescoço, um crucifixo do tamanho de Rhode Island[17].

— E qual vai ser o pedido de vocês? — ela pergunta pegando bloquinho e lápis.

— O frutos do mar especial Boudreax com batata frita — eu digo.

— *Ketchup* acompanha?

— Sim, por favor.

Gonzo finalmente baixa o cardápio. A garçonete repara na sua condição de “pessoa de baixa estatura”. Parece que isso a faz travar por um instante. Agora ela precisa reiniciar, mas o sorriso forçado volta.

— E você, querido?

Os olhos do Gonzo são como um par de pires. Ele sua e tosse um pouco, puxa a gola da camisa. Eu pressinto um *tsunami* de pânico a caminho, embora ainda não saiba bem o porquê.

— Com licença — diz Gonzo.

Ele levanta o cardápio na frente do rosto. Não chega a tampar a visão da garçonete. Só faz com que ele fique parecendo um idiota.

— Não posso comer nada do que eles servem aqui, cara.

— Por que não?

— É tudo peixe.

— Não me diga. É um restaurante de frutos do mar. Jambalaya Café. Estava escrito na entrada.

— Não posso comer marisco. Minha mãe acha que eu posso ser alérgico.

— Pode ser ou é?

— O único jeito de descobrir é meio *punk*, cara. Posso entrar em choque anafilático e morrer aqui mesmo em questão de segundos, sem volta.

O sorriso da garçonete murcha. Sem dúvida ela já está se vendo perdendo gorjetas enquanto tem de correr para pegar o *kit* de primeiros socorros debaixo do balcão. Sob as luzes fluorescentes, seu rosto parece fatigado e enrugado, que nem uma mochila velha que minha mãe tem. Eu fico com dó dela e muito puto com Gonzo.

— Então pede bacalhau frito — eu digo.

A garçonete concorda.

— O bacalhau é uma delícia. É o meu favorito.

Sua caneta paira, pronta. Gonzo balança a cabeça.

— Tem mercúrio, cara.

Eu faço tipo ao examinar o cardápio.

— Desculpa, mas não estou vendo “especial de Mercúrio” em lugar nenhum aqui...

— Não, o mercúrio é no peixe, compadre. Alguns peixes têm alta concentração desse metal. Pode afetar cérebro, fígado e causar as reações mais estranhas.

— Sabe, Gonz, não tem ninguém lá na cozinha desatarraxando termômetros em cima da comida. Se liga!

— Cara, isso é sério. Você sabe quantas pessoas morrem anualmente por intoxicação por mercúrio? É sério pra ca... — diz Gonzo, olhando a garçonete de relance. — É uma preocupação crescente.

Na nossa área do restaurante algumas pessoas estão chegando para se sentar. Pessoas que podem estar dispostas a pedir vários frutos do mar disponíveis no cardápio e supostamente deixar gorjetas polpudas. A garçonete bate a caneta no bloquinho.

— Posso lhes dar mais um tempinho se precisarem...

— Gonzo — eu sussurro. — Eu estou morrendo de fome. Pede qualquer coisa, tá?

A *hostess* sussurra à garçonete que a mesa A3 já quer pedir. Ela assente.

— Temos um ótimo *buffet* de salada. Pode se servir à vontade.

A garçonete aponta para uma ilha de comida no meio do salão onde cubas de comidas coloridas e brilhantes repousam sobre

pequenas colinas de gelo, debaixo de vidros de proteção iluminados por milhares de lâmpadas. É como um vilarejo de salada.

Gonzo espreme os olhos.

— Com que frequência vocês limpam aquilo?

— Todas as noites — responde a garçonete.

Ela congela o sorriso.

— Só isso? Você sabe quanto tempo leva pra listéria se desenvolver sob essas lâmpadas quentes, mesmo com o gelo?

Lá vai...

— Pode ser em apenas cinco horas. Em cinco horas já dá pra ter o *buffet* de salada da morte!

A garçonete parece confusa.

— Por causa de Listerine?

— Lis-té-ria. É uma bactéria que pode provocar qualquer coisa desde intoxicação alimentar até coma.

O sorriso da garçonete desaparece completamente.

— Bem, minha nossa. Vocês são da inspeção sanitária? Pois nós fomos aprovados com honra há uns dois meses. Meu gerente tem o certificado.

— Não, senhora — eu digo, mandando um olhar que diz “eu te mato se você falar agora” para Gonzo. — Traga um sanduíche de queijo quente pra ele.

— E café — Gonzo acrescenta.

— E café — eu digo.

— Já vou fazer os pedidos.

A garçonete pega nossos cardápios e praticamente corre da nossa mesa. Um atendente traz uma xícara de café fumegante.

— Aliás, por que você se chama Gonzo? Você nasceu no Hospital Santa Ironia? — pergunto assim que nossa garçonete foi para o balcão do café onde ela conta às outras garçonetes sobre Gonzo. Ela vira a cabeça para olhar feio para nós.

— Cara, você precisa tomar cuidado. Eles dizem que limpam, mas na verdade não limpam nada — diz Gonzo enquanto despeja três sachês de açúcar no seu café e mexe com o cabo do garfo.

— Sabe, Gonzo, essa é tipo... a menor das minhas preocupações — eu digo.

— Isso é o que você diz agora. Quando você estiver botando as tripas pra fora, daqui a uma hora, você vai mudar de ideia.

Eu empurro as torradas para longe.

— Obrigada pela imagem.

— Sério, cara, minha mãe leu uma matéria sobre o que acontece nas cozinhas dos restaurantes numa revista de jornalismo investigativo. Você nem queira saber.

— Você tem razão. Eu não quero saber. Acho que sua mãe devia parar de ler essas bobagens que só existem pra que as pessoas vivam num estado constante de medo.

Gonzo fecha a cara.

— Você está falando da minha mãe? Talvez, se seus pais fossem mais atentos, você não teria comido hambúrguer estragado ou sei lá o quê e não estaria aí agora com buracos no cérebro.

— Bacana.

— Só estou dizendo...

Nós ficamos olhando um para o outro por cima da cesta vazia de torradas.

— Quer saber de uma coisa? É melhor a gente não conversar — eu digo.

Gonzo dá de ombros.

— Por mim tudo bem, *pendejo*.

A garçonete traz nossos pedidos e eu como feito um possuído. Desde que deixamos o hospital, não comemos nada a não ser Ursinhos Suculentos, cachorros-quentes de lojas de conveniência e Gororobas de Milho. Normalmente não sou desses que pira por causa de comida, mas esse peixe está incrível — como se essa fosse a primeira vez que eu saboreasse alguma coisa. Gonzo cheira seu sanduíche de queijo grelhado repetidas vezes e dá mordidinhas experimentais.

Já é noite quando terminamos a sobremesa e seguimos a pé para o Quarteirão Francês. Agora que estou de barriga cheia, e que teremos tantas emoções pela frente, esqueço que estou irritado com Gonzo. Acho que ele também já está na boa comigo. Trocamos sorrisinhos acompanhados de “Nossa! Olha aquilo!”. Aqui é como outro mundo — com essas casas antigas com sacadas onde as pessoas ficam sentadas, assistindo o desfile de turistas. As ruas de

Nova Orleans são como uma colagem — com todo tipo de gente, coisas e cores colidindo umas com as outras, sobrepondo-se até criar algo novo. Estudantes universitários saem cambaleando dos bares ainda segurando copos de *hurricane*[18]. Uma garota com rabo de cavalo se debruça sobre uma lixeira para vomitar. Os músicos de rua competem por atenção: um guitarrista de cartola tenta superar a moça do violino, e os dois são liquidados pela banda de *washtub*[19] alguns metros mais para baixo.

— Cara, eu não consigo ver nada — reclama Gonzo.

Tem uma brecha no meio da multidão. Eu me espremo por ali, puxando Gonzo, e nós arrumamos um lugar lá na frente. Quando o casal que a gente empurrou começa a reclamar eu aponto para Gonzo.

— A mãe dele está num dos carros alegóricos. Eu prometi que ia trazê-lo — eu minto.

A mulher, que está bêbada, fica toda emotiva e começa a cantar cantigas de ninar para Gonzo, coisa que não faz o menor sentido, mas se tem uma coisa que estou começando a aprender sobre as pessoas é que: (a) elas são fundamentalmente desconfiadas e temerosas de qualquer um que seja “diferente” e (b) o medo faz com que façam e digam bobagens.

Gonzo fecha a cara.

— Ela está tirando uma com a minha cara?

— Deixa pra lá, chapinha — eu digo. — Conseguimos um lugar e agora você consegue enxergar tudo.

Gonzo não tem como contra-argumentar, então ficamos ali parados na rota do desfile, assistindo. Foliões com chapéus altos e aloprados e perucas brilhantes em tons de neon dançam e cantam enquanto os carros alegóricos passam por nós. Eles pedem colares de contas e os blocos nos carros alegóricos atendem os pedidos. Eu quase sou atingido por um punhado de colares roxos cintilantes. Penduro alguns no pescoço e ofereço o restante para Gonzo, que sacode a cabeça como se eu tivesse lhe oferecendo peste bubônica em forma de bijuteria.

— Você não sabe por onde isso já passou, cara.

Eubie estava certo, o *Mardi Gras* é impressionante. Um cara com fantasia de esqueleto e rosto pintado de caveira dança no meio da

rua enquanto acrobatas com brilhantes fantasias de arlequins sacodem o corpo, pulam e gesticulando com serpentinas. Num carro alegórico decorado com temática de enchente, uma *drag queen* com uma faixa em que está escrito SENHORITA QUEBRA-MAR[20] acena para a multidão, e eles vão à loucura. Uma bandinha de cortejo fúnebre passa marchando bem atrás de nós. Primeiro vêm os músicos, tocando trompete e tambores. Atrás, as pessoas dançam com os braços levantados, sacudindo-os como se aquilo fosse mais uma comemoração. Mais para o fim da fila, os foliões berram em sinal de aprovação, indicando que o carro alegórico seguinte é um vencedor. É o carro mais elaborado que vimos até ali, com uns bons três metros de altura e portões enormes em seu centro, um branco e outro cinza, com a delicada silhueta de um trompete. Um fulano alto com máscara de pássaro revestida de penas está parado na ponta do carro, de braços bem abertos.

— Eu sou Morfeu, rei dos sonhos — ele diz, e os alto-falantes espalham sua voz grave por vários quarteirões. — Todos nós andamos numa terra de sonhos. Pois o que somos nós senão átomos de esperança, um punhado de poeira estelar e energia? Somos viajantes ansiosos tentando encontrar o caminho de casa numa estrada que nunca acaba. Eu faço parte do seu sonho? Ou seria você parte do meu? Bem-vindo, meu irmão Phantasos, pois isso certamente é uma *phantasmagoria*, um mundo de fantasia, onde todos nós somos jogadores.

— Cara! — grita Gonzo por cima da barulheira. — Isso é muito do caralho! Eu queria dirigir um desses aí pra escola! lu-hu!

Ele está sorrindo e dançando no seu lugar:

— Quando eu bater as botas, quero que seja assim. Só balada. Entende?

— Sim, total — eu digo, mas eu sinto uma fisgada no peito enquanto observo os dançarinos do funeral marchando rua abaixo.

Pela primeira vez desde que saímos do ônibus, eu me dei conta da loucura disso tudo. Que coisa mais assustadora e incerta. Estou no *Mardi Gras*, esmagado entre bêbados ensopados de cerveja, com nada para me guiar a não ser uma crença vaga, provavelmente ilusória de que estou exatamente onde eu deveria estar. Sinto uma

estranha sensação de formigamento nas pernas, e tento não entrar em pânico.

Sinais. Coincidências. O aleatório.

Freneticamente eu busco pistas. Algum cartaz indicando: DOUTOR X ESTÁ AQUI em um dos carros alegóricos? Um painel com uma seta apontando o caminho? Eu esfrego a mão sobre a pulseira do passaporte-E e torço para que ele me proteja daqueles prions maléficos até que eu encontre Doutor X, esteja lá onde ele estiver.

As ruas entram em erupção com uma nova onda de vivas, me trazendo de volta ao desfile.

Morfeu ri e sopra uma espécie de pozinho brilhante em nós, cobrindo nossas camisas com purpurinas que me fazem espirrar feito um doido. Enfio a mão no bolso, atrás de um lenço, e meus dedos encontram a caixinha de fósforos que a senhora no ônibus me deu. A CORNETA DE MARFIM. JUNIOR WEBSTER. RUA RAMPART, 141 N.

Sinais. Coincidências. O aleatório.

— Vamos — eu digo, agarrando o braço do Gonzo. — Está na hora da gente ir.

— Ir? Mas a gente acabou de chegar! Ir pra onde?

— Aqui — eu digo, virando a caixa de fósforo para Gonzo, que tateia e a pega.

— O que é isso?

— É pra onde estamos indo.

CAPÍTULO DEZENOVE

Em que encontramos *uma drag queen* e o mais famoso músico de jazz, vivo ou morto

— Então, me deixa ver se entendi, estamos nos orientando pela capa de uma caixinha de fósforos? — pergunta Gonzo.

— Vai andando — eu digo enquanto acelero o passo na estreita rua de pedra.

Há poucas pessoas perambulando por ali, e elas estão indo na direção contrária. As casas pelas quais passamos são escuras, com as janelas fechadas e cobertas com pôsteres velhos e rasgados que trazem imagens granuladas de pessoas sorridentes e pedidos de ajuda escritos a mão: DESAPARECIDO! VOCÊ VIU ESTA PESSOA? NOSSA VÓ/IRMÃ/IRMÃ/PAI. POR FAVOR, TELEFONE! Cartazes tão rotos que quase se fundem com os tijolos, como fantasmas de papel.

Gonzo resmunga ao meu lado, olhando para a direita e para a esquerda.

— Cara, acho que não foi uma boa ideia.

Na esquina, dois caras com calças no quadril e bonés de beisebol estão encostados numa construção, braços cruzados. Um outro cara se junta a eles, e depois mais um. Isso me lembra um filme de terror que vi uma vez, no qual uns pássaros começam a ocupar um parquinho enquanto uma mulher está ali sentada, fumando um cigarro, distraída.

— Bosta. Agora são quatro — diz Gonzo.

— Continua andando e não faz cara de assustado.

— Cara, eu estou assustado. Eles podem nos encher de porrada.

Os caras começam a nos seguir. Nós aumentamos o passo. Eles também. Entramos na rua Rampart. Eles entram na rua Rampart. Talvez estejam simplesmente indo na mesma direção que nós. Ou talvez a gente esteja prestes a se ferrar.

— Ai, cara, estamos mortos. Totalmente mortos.

— Fica frio.

Numa casa pequena, uma porta se abre. Luz e sons de festa se espalham pela calçada. A mulher mais alta que eu já vi na vida para na nossa frente. Ela deve ter uns dois metros de altura, incluindo o salto, e está vestida feito um carro alegórico. Seus olhos são compostos de sombra azul cintilante e cílios postiços, seu cabelo é vermelho, encaracolado e empilhado no topo da cabeça que nem uma *piñata*. Cabelo exagerado. Bijuterias exageradas. Mãos grandes. Credo! Mãos realmente grandes. Entre os dedos de mamute, ela segura um cigarro.

— Oi, querido, cadê o fogo? — ela pergunta com uma voz grossa.

Eu olho para trás, mas os caras que achávamos que estavam nos seguindo pararam numa esquina diferente. Estão treinando passos de dança sob um poste de luz, rindo quando um deles erra. São tão ameaçadores quanto uma banda de meninos, e eu me sinto um baita de um paranoico por ter ficado tão pilhado.

— Já que vocês estão aí parados bem que podiam fazer alguma coisa de útil. Vocês têm fogo? — pergunta a moça.

— Gonzo — eu digo —, os fósforos.

Gonzo passa os fósforos para a moça, que franze os lábios e arrebita o quadril.

— Docinho, o certo é você acender o cigarro da dama em vez de jogar os fósforos para ela. A sua mãe não o ensinou?

— Desculpa — diz ele.

— Tudo bem — diz ela, e acende seu próprio cigarro.

Meu Deus, ela é grande. Gonzo bate na altura dos seus joelhos, e eu só chego até a cintura.

— O que dois pequenos escoteiros como vocês estão fazendo aqui? Bebê, esse bairro é perigoso. Uma vez eu fui esfaqueada aqui.

— Estamos procurando o Corneta de Marfim — eu digo, apontando para a capa da caixinha de fósforos. — Devia ficar aqui na parte de cima da rua Rampart.

— Não nos próximos quatro milhões de anos, docinho. Ele muda de lugar. Sempre mudou. Você tem que saber onde procurar.

A moça nos observa através da fumaça do cigarro, medindo a gente.

— Bem, por que vocês querem ir ao Corneta de Marfim?

— Queremos conhecer o lugar onde Junior Webster costumava tocar — eu digo.

A moça arregala os olhos.

— Junior Webster. Eu não ouço esse nome faz muito, muito tempo.

Alguém grita lá da sacada.

— Senhorita D! Precisamos de mais cerveja!

— Pega você, docinho! Estou ocupada — ela grita de volta. — E... como vocês acham que vão conseguir entrar no Corneta de Marfim, isto é, supondo que vocês consigam encontrar o lugar sozinhos? Vocês não têm idade nem pra fazer a barba.

— Temos sim — insiste Gonzo, defendendo sua pequena honra masculina.

Ela esfrega um dedo na bochecha macia do Gonzo.

— A-hã.

— Não queremos beber. Só queremos conhecer o lugar onde Junior tocava. Meu amigo Eubie disse que se algum dia eu viesse a Nova Orleans eu tinha que ir lá.

— É mesmo? — ela nos dá uma bela encarada através da fumaça exalada. — O seu amigo lhe explicou como você deve fazer pra encontrar o Corneta de Marfim?

— Não — eu me rendo.

— Sei, sei... — diz Senhorita D, como se isso quisesse dizer alguma coisa.

Ela joga o cigarro na calçada e o esmaga com a maior elegância, com aquele pé enorme, digno de jogador de basquete.

— Não podemos deixar vocês dois voltarem pra casa sem nenhuma história pra contar, né? Não se preocupe, *cher*. Senhorita Demeanor[21] vai dar um jeito de vocês entrarem e verem o Junior.

Não sei o que ela quis dizer com isso. Eubie tinha dito que Junior Webster estava morto. Talvez ela tenha dito que vai nos colocar para dentro para ver o bar.

— Bem, vamos lá, então, crianças — Senhorita Demeanor sai rebolando pela calçada e nós a seguimos.

— Cara, você é grande — diz Gonzo.

— Pois é, querido, sou mesmo — diz ela, rindo alto.

— Gonzo — eu sussurro um minuto depois. — Tenho quase certeza que Senhorita Demeanor é homem.

— Certo. Eu sabia.

Mas eu sei que ele não sabia, pois agora ele está tentando dar uma olhada nela, para conferir.

Em qualquer outro lugar do mundo nós seríamos um verdadeiro espetáculo, mas começo a perceber que quanto mais você chama atenção em Nova Orleans, mais você se encaixa, na verdade. É como se a cidade toda fosse um circo. Depois de um quarteirão, mais ou menos, voltamos para a festa incessante que é o *Mardi Gras*. Do batente de uma porta sombreada um segurança grita.

— Ei, Senhorita D, como vai, querida?

— Como sempre, amor... óóótima” — diz ela.

Os dois riem quando ela diz isso.

Senhorita D nos conduz para longe da rua caótica e lotada, entrando numa viela particular e estreita, que desemboca num portão duplo idêntico ao que vimos no carro alegórico do Morfeu, com uma folha completamente branca e outra decorada com a silhueta de um trompete. Atrás do portão tem uma porta vermelha.

— Os portões do Corneta de Marfim — diz Senhorita D.

Ela abre o portão e dá três batidinhas rápidas na porta vermelha, seguida por uma pausa e então uma quarta batida. Alguém abre uma janelinha na porta. Surge um par de olhos.

— Você me conhece? — ela pergunta.

Os olhos sobem e descem: sim.

— Então você sabe que eu sempre fui uma boa amiga desse clube.

Os olhos assentem novamente.

— Preciso de um favor. Os meus sobrinhos vieram lá de... — ela baixa a cabeça e olha para nós. — ... Backwater. Eles querem conhecer o Corneta de Marfim.

Os olhos disparam em nossa direção, nos mede durante um tempão. Vagarosamente eles retornam e encaram Senhorita Demeanor.

Ela suspira, joga as mãos para cima.

— Eu sei. Tadinhos. São filhos daquela horrorosa da minha irmã.

Os olhos nem piscam.

— O menorzinho está fazendo aquele lance de último desejo. Ele tem câncer em doze órgãos diferentes. Alguns dos quais você nunca nem ouviu falar. Nós estamos superabalados com essa história.

Ela enrugua seus lábios reluzentes. A janelinha continua quieta.

Senhorita D aponta um dedo.

— Tudo bem, tudo bem. Mas se você estragar o último desejo dele, volta pra o assombrar.

A porta não se mexe. Por fim Senhorita D mostra a caixinha de fósforos.

— Esses meninos tem um assunto a tratar com Junior, *cher*.

A janelinha se fecha e a porta abre.

— Obrigado, querido — diz Senhorita D, guiando o caminho.

Não sei quem foi que nos deixou entrar, pois quando entramos não tem ninguém parado à porta. É como se ela tivesse aberto por contra própria.

— Senhorita D? — eu começo a dizer. — Por que você disse que temos um assunto a tratar com Junior?

— Bem, mas vocês não têm, *cher*?

— Mas Junior Webster não está... morto?

Ela sorri.

— Da última vez que o vi ele não estava, não. Se bem que é difícil dizer exatamente quando foi isso. Vamos lá. Vamos pegá-lo enquanto é tempo.

Estou totalmente confuso, mas não tem nada que eu possa fazer a não ser seguir Senhorita D para onde quer que ela esteja nos levando. Atravessamos um corredor iluminado com lâmpadas vermelhas. Senhorita D abre uma porta que leva a outra porta menor, que leva a um pequeno túnel que temos de atravessar de gatinhas. Desemboca numa cozinha. Senhorita D saracoteia por chefes de cozinha em aventais sujos, que nem reparam em nós. Ela aperta um botão e nós entramos num pequeno elevador que sobe aos trancos por cabos bambos até o andar seguinte. Dessa vez, quando abrem as portas, estamos numa danceteria grande e enfumaçada. Pessoas em trajes elegantes e máscaras de arlequim se reúnem em volta de pequenas mesas iluminadas por lamparinas chinesas vermelhas. A pista de dança está lotada. As pessoas se sacodem, giram e requebram. O lugar está vivo. De um *jukebox* num canto vem uma

música louca, selvagem. Tudo na música é veloz e imprevisível — a escala do piano, a percussão, *riffs* de guitarra e por cima de tudo isso um trompete arremete para cima e para baixo e por todos os lados como um pássaro gigante no céu, até que meu coração começa a bater no seu ritmo. A música me dá vontade de correr e gritar, beijar garotas e pilotar motos pelo deserto. Faz com que eu me sinta realmente vivo, exatamente como Eubie falou.

— Isso que você está sentindo é Junior — diz Senhorita D, como se conseguisse ler meus pensamentos.

Ela nos leva para atrás do palco. Um segurança bombado, de terno, óculos escuros e fone de ouvido está a postos em frente à porta de cortina.

— Ei, docinho, você fica esperando aqui comigo — diz ela para Gonzo.

— Por que eu não posso entrar? — pergunta Gonzo, parecendo puto da vida.

— Ele só fala com uma pessoa por vez — diz ela com as mãos na cintura. — Vou levá-lo lá pra frente e peço uma porção de castanhas pra você. As porções de castanha aqui são ótimas.

— Talvez eu seja alérgico a castanha — diz Gonzo enquanto Senhorita D o arrasta dali.

O segurança autoriza a minha entrada e fecha a porta atrás de mim. Estou num pequeno vestíbulo iluminado por uma lâmpada vermelha. Numa mesinha de canto, uma dúzia daquelas velas brancas que vemos em igrejas antigas. Elas queimam e rastros borbulhantes de cera escorrem pelas laterais. Em cima da mesa tem um quadro em aquarela do Junior com o buraco negro, igual ao da capa do LP *Blues do Bosque de Ciprestes* que Eubie me mostrou em sua loja. Há um enorme círculo branco no centro do quadro, igualzinho no álbum. Alguns colares de contas de *Mardi Gras* pendurados numa tachinha. E tem uma foto grudada com durex no canto inferior direito. Eu pisco quando a vejo, pois juro que parece ser a mesma foto do Eubie, com sua máscara de arlequim, na rua Bourbon.

— Tem alguém aí? — pergunta uma voz grave.

Eu afasto uma cortina. O quarto não tem nada a não ser duas cadeiras sob uma única lâmpada. Junior Webster está sentando

numa das cadeiras, polindo seu trompete. Ele parece ter uns cem anos de idade. Sua pele negra é escura, enrugada e acinzentada em algumas partes, como um par de belos sapatos de couro com respingos de neve. Ele está com o mesmo terno do cartaz, com o mesmo chapéu de palha e óculos escuros.

— Vem aqui, sente-se — diz ele irritado. — Eu não mordo.

— Você é o Junior Webster de verdade? — eu pergunto me sentando ao seu lado.

Junior ri.

— Sempre fui.

— Prazer em conhecê-lo, senhor.

— Prazer em conhecê-lo também, Cameron.

— Como você sabe o meu...?

— Ao seu tempo, ao seu tempo... Tudo está conectado, amigo, e nós temos muito em comum.

Junior enfia o trompete debaixo do braço. Ele segura a minha mão na sua. Do lado de dentro do seu pulso vejo grossas marcas de cicatrizes.

— Você os tem visto, não tem?

— Não, o quê? Quem?

Os lábios de Junior se desgrudam dos seus dentes brilhantes.

— Gigantes de fogo.

Minha boca fica seca.

— Você também sabe deles?

Junior assente lentamente. Ele solta a minha mão e volta a polir seu trompete.

— Ah, sim, amigo. Eu os conheço. Coisa braba. Só de olhar pra eles você sente que vai queimar de medo. É um olhar de outro mundo, que não desse aqui. Esses deuses de fogo são mau sinal, ah são... Mas isso não é o pior. Eles trabalham pro chefão — ele se aproxima: — O Mago da Condenação.

Esse nome e a maneira como ele o pronuncia, me dá calafrios dos pés à cabeça.

— Quem é esse?

— Você já o viu. Nos seus sonhos. Talvez em alguma rua, no meio da noite.

— Um cara de armadura espacial preta, capacete e espada?

Junior contorce os lábios.

— Se é isso que você vê, então é ele. Nem sempre ele tem a mesma aparência pra todo mundo.

— Quem é ele?

— Alguém que não é daqui. Alguém que não gosta de ser ignorado. Alguém com quem você tem de lidar em algum momento da vida, queira ou não. Ele e seus comparsas de fogo têm tentado roubar o meu trompete há anos.

— Por que eles querem o seu trompete?

— Toda a minha paixão está embutida naquelas notas. Não é apenas ar que eu sopro através daquele bocal, filhinho. É a minha alma. Algum dia ele virá me pegar, e eu vou soprar como nunca soprei antes, daí vamos ver se dou conta. Você está procurando o Doutor X, é isso?

— Como você sabe?

— Certa vez eu mesmo o conheci. No hospital, depois da guerra. Sim senhor, nós dois temos muito em comum.

— Espera aí. Como você sabe de tudo isso? Como você pode ter conhecido Doutor X se Dulcie disse que o túnel do tempo-espaço acabou de se abrir...

— Tempo e espaço nem sempre seguem as regras como a gente pensa, filho, e Doutor X quebrou várias regras — ele responde. — Eu o conheci então. Você o está procurando agora.

Ele junta as pontas dos dedos:

— *Tudo conectado*. Mas, chega desse papo. Eu quero lhe mostrar uma coisinha. Ele pega no meu braço.

Eu ajudo o grande Junior Webster a se levantar da cadeira. Ele pode parecer frágil, mas tem muita força naquele braço. Terei de contar isso para Eubie quando eu voltar. Ele puxa uma perna ao andar.

— Depois da guerra comecei a mancar. Fui lá tocar para as tropas. Umas músicas bobas. Músicas para dançar. Músicas pra chegar junto. Tá sabendo?

Eu faço que sim com a cabeça.

— Vi umas coisas por lá, cada coisa. Coisas que a gente jamais deseja ver — ele balança a cabeça. — Quando voltei passei um ano no hospital dos veteranos. Nervos, entende? Eu não estava bem da

cabeça. Durante três anos eu não toquei uma nota. Simplesmente não conseguia. Uma parte de mim estava caída lá naqueles campos com os meus amigos, mortos. Então um dia eu peguei meu trompete e, quando comecei a tocar o som, era completamente diferente. Havia sangue nas notas. Coração. Alma. Cada pedacinho de mim ia saindo por esse trompete. Eu não reprimi nada, e foi isso.

— E foi isso?

— Eu aprendi a viver mudado.

Eu não entendo muito bem onde ele está querendo chegar, mas Junior parece ser um velho bacana, e eu sinto pena por ele ter vivido as coisas que viveu.

— Nós vamos até aquele canto ali — diz Junior.

Quando nos aproximamos, eu avisto mais um par de portões anexado à parede. São exatamente como o portão pelo qual passamos na entrada, igual ao do carro alegórico do Morfeu, só que esse não leva a lugar algum. É apenas arte. Bem no meio da parede tem um botão vermelho e grande.

— Você tem que abrir um dos portões para alcançar o botão.

Alguma coisa no modo como ele diz faz com que isso pareça um teste.

— Faz alguma diferença qual dos dois?

— A escolha é sua, filho, não minha.

Isso não ajuda em nada para aliviar minha ansiedade. Depois de um rápido e silencioso uni-duni-tê, eu abro o portão branco.

— Hummm... — diz Junior. — Tudo bem, então. Vai lá. Aperte o botão.

Logo que eu aperto começa um zumbido que me faz pular de susto. O teto se abre. Acima de nós, uma noite negra de pelúcia com estrelas cintilantes. A visão me lembra um planetário, um desses céus de ilusão de ótica que você sabe que não pode ser verdadeiro, que só pode ser uma projeção numa tela de 360 graus, mas na hora você jura que poderia ser ejetado da sua cadeira diretamente para o espaço. É tão real quanto isso.

— Não é uma visão e tanto? Apesar de todas as coisas que nós sabemos e aprendemos, ainda não tocamos nos grandes mistérios: de onde viemos, para onde vamos, por que estamos aqui. E quando

acontece alguma coisa realmente milagrosa, nós corremos e nos escondemos em nossas cavernas. Nós negamos.

Junior Webster leva o trompete aos lábios e sopra alguns ritmos de *Blues do Bosque de Ciprestes*. Ele para e inclina a cabeça em direção ao céu postiço, como se tentasse ouvir alguma coisa.

— Os cientistas dizem que a maioria das galáxias tem um buraco negro em seus centros. Eles engolem matéria, esses buracos negros aí. Simplesmente devoram tudinho, não importa o que seja. Isso é o que nós *sabemos*. O que conseguimos *observar*. Mas os cientistas não conseguem observar o que acontece dentro de um buraco negro. Não diretamente, entende, pois ali a força da gravidade é tão forte que nada consegue escapar dela. Nem você, nem eu, nem esse trompete aqui. Nem mesmo a luz. Só existe uma coisa que consegue sair de um buraco negro, e isso, meu amigo, é *som*. Música. Enquanto as coisas são sugadas para dentro dele — ele baixa a voz até que vira um sussurro — o buraco negro *canta*. Tá ligado? Atinge uma oitava que nenhum ser humano consegue ouvir, mas ele canta.

Dessa vez, quando ele leva o trompete à boca, a música cria vida. O som é uma força que me empurra; as notas me dão tontura. Eu poderia jurar que o céu-tela está girando lentamente e que nós estamos flutuando em sua direção. E bem no centro tem um pontinho escuro que vai aumentando de tamanho a cada nota.

— Senhor Webster? — eu digo, mas ele está imerso em sua música.

Eu me sinto como uma criancinha no planetário, como se eu quisesse fechar os olhos e me afundar no meu assento até que a sessão acabe. Mas Junior projeta o rosto na direção do céu. A escuridão sólida está despencando sobre nós, por cima e pelos lados. Não tem como escapar. Sinto que estou indo em direção ao buraco negro, como se estivesse sendo puxado para dentro dele. Começo a entrar em pânico. Junior está com uma cara estranha; não sei se é pavor ou deslumbramento.

— Toca — ele sussurra. — Estou pronto. Vai. Dá a nota.

O buraco está tão grande que o céu fica quase que totalmente escuro. As estrelas passam por nós, mergulham no papão gigante daquele buraco cósmico faminto e desaparecem completamente.

Mesmo sabendo que é apenas uma ilusão, eu tenho medo de pensar que posso ser o próximo.

Mas Junior ri da escuridão do céu.

— Está ouvindo isso? — ele pergunta. — Acho que é Si bemol. Si bemol! Você é danado, mas creio que ainda vamos nos esbarrar por aí, guri.

Ele ergue o trompete novamente e sopra com força. Apesar de eu não conseguir ouvir nada sei que ele produziu algum tipo de som. Na mesma hora, a pressão que eu estava sentindo desaparece. O teto de céu desbota para um azul matinal. Não passa de um teto.

Alguém bate na porta. O segurança abre uma fresta.

— Eles já estão prontos. Estão esperando por você, senhor Webster.

— Obrigado. Já estou indo.

— Você disse que conheceu Doutor X — eu digo. — Você sabe onde ele está agora? Onde posso encontrá-lo?

Junior Webster enruga os lábios.

— Talvez eu possa ajudá-lo com isso. Mas antes preciso fazer uma apresentação. Você toca alguma coisa, Cameron?

Eu balanço a cabeça.

— A música abre a sua alma, prepare-se.

— Preparar pra quê?

Ele dá um sorriso.

— É isso aí.

Sigo Junior Webster pelo bar completamente lotado. Quando Junior passa, as pessoas avançam para tocá-lo. Era isso que estavam esperando, uma chance de ouvir o famoso Junior Webster e seu trompete mágico.

Gonzo consegue abrir caminho entre a multidão. Ele me alcança.

— Cara, eu fiquei esperando por você tipo uns vinte minutos, ao lado de uma cumbuca de porção de castanhas tóxicas, tentando não inspirar. O que aconteceu com Junior Webster?

— Ele vai nos dizer onde podemos encontrar Doutor X. Mas primeiro ele tem que fazer a apresentação dele.

Junior nos guia até um palco que fica ao lado de portas enormes que dão num balcão. Lá embaixo a visão é surreal — uma multidão

de foliões em fantasias malucas dançando e pulando na rua, esperando Junior tocar.

Senhorita Demeanor pega o microfone:

— Senhoras e senhores, o Corneta de Marfim Bar tem o prazer de apresentar o inigualável, o Senhor Junior Webster!

A multidão grita e chama o seu nome. Junior leva o trompete aos lábios, mas antes que sopra uma nota sequer ele cambaleia, leva a mão ao coração. Um suspiro perpassa a multidão. Junior tropeça e agarra a minha mão.

— Está sentindo, filho?

— Sentindo o quê?

Junior arregala os olhos.

— Ele está aqui.

Eu olho através da cortina de fumaça e só vejo um monte de gente esperando para que Junior propicie a diversão. No entanto, eu sinto o cheiro penetrante de uma fumaça cujo pó arranha o fundo da minha garganta, e daí eu avisto uma figura alta, com armadura espacial preta e pontuda, capacete reluzente, abrindo caminho entre a multidão. O visor cobre completamente seu rosto. Eu me sinto fraco. Quando olho para a pulseira protetora do passaporte-E noto que o primeiro dos cinco reinos — Terra da Aventura — começou a desbotar.

— O Mago da Condenação — diz Junior, ofegante. Ele apalpa a manga da minha camisa: — Fique atrás de mim, filho.

— É isso que você quer?

Junior acena com o trompete. O Mago da Condenação move a cabeça lentamente de um lado para o outro.

— Então por que você veio?

De dentro da armadura, o Mago puxa um pedaço de papel. Podia ser apenas mais um cartaz de pessoas desaparecidas colado aos muros escoriados de Nova Orleans. Só consigo ver de relance, mas juro que parece um cara que eu já vi na internet. Junior balança a cabeça com força:

— Não vou permitir que você faça isso.

O Mago parece me ver pela primeira vez. Aponta um dedo enluvado em minha direção.

— Não, senhor — Junior rosna, como se o Mago tivesse falado. — Ele ainda não está pronto pra você.

Um murmúrio baixo reverbera pelo bar. Lá embaixo, na rua, foliões gritam o nome de Junior. Estão aqui para ver o concerto e começam a ficar nervosos com o atraso. De repente as velas nas mesas tremulam. O Mago da Condenação fecha a mão num soco e eu não consigo mais respirar.

— Tudo bem, tudo bem! — grita Junior.

Eu recupero o fôlego. As velas se apagam.

— Eu tenho uma proposta pra você. Eu sei que já faz um tempo que você está querendo o meu trompete.

O Mago levanta a cabeça. Não o ouço dizer coisa alguma, mas Junior deve ter ouvido, pois ele fecha a cara. Sua boca é uma linha austera.

— Tudo bem, então. Se é assim que tem que ser, eu aceito.

— Aceita o quê? — eu pergunto para Junior.

— Não se preocupe — ele sussurra. — Se acontecer alguma coisa comigo hoje à noite, você leva o meu trompete.

— Mas você acabou de dizer que...

A voz do Junior está tão tensa quanto seus lábios.

— Eu sei o que eu disse, filho. Leva esse trompete com você e no dia em que... No dia em que não restar mais nada você toca. Entendeu?

— Tudo bem — eu digo sem entender nada.

Em seguida ele me dá seus óculos escuros. Seus olhos estão embaçados.

— Agora pegue esses óculos, enterre-o debaixo do anjo e aguarde a mensagem. Você vai precisar dessa mensagem pra prosseguir na sua viagem.

— Eu não estou entendendo. Isso tem a ver com o Doutor X? — eu pergunto.

— Tem a ver com bem mais que isso, filho.

Ele sopra ar sobre os lábios, afrouxando-os para tocar.

— Mas que mensagem? O que é que eu estou procurando?

— Isso você é quem tem que descobrir. Agora eu vou mostrar só pra esse tonto. Preciso que me dê retaguarda — ele diz apontando para um baixo reluzente que está em pé sobre o palco.

Juro que não estava ali um minuto antes.

— Eu... Eu não sei tocar.

— Essas escolas públicas... — diz Junior Webster com um suspiro.

— Nada mais de música, só provas e mais provas. Bem, você vai conseguir. É só deslizar os dedos daqui pra cá e repetir — diz ele pressionando os dedos contra as cordas em três movimentos ligeiros.

— Mas...

— Confia em mim. Você! — ele aponta para Gonzo. — Você fica na bateria. Hoje à noite vou precisar de toda ajuda possível.

Gonzo se contorce e sobe no banquinho de madeira escoriado atrás da bateria. Ele pega as baquetas como quem entende da coisa.

— Você sabe tocar bateria? — eu sussurro para ele.

— Só no Simulador de Rock 'n' Roll — diz ele com os olhos arregalados. — Mas eu cheguei ao nível cinco.

— Hoje eu trouxe uns amigos especiais que vão me ajudar — Junior grita para a multidão.

— É um lance de último desejo! — grita no instante seguinte Senhorita D.

Todo mundo aplaude.

— Junior — eu o chamo —, é sério, eu não sei tocar.

— Claro que sabe, filho. É só colocar os dedos nas cordas como eu lhe mostrei, daí solta e volta pro primeiro.

Ele enfia os óculos no bolso do meu blusão, leva o trompete aos lábios, enche as bochechas e solta um som furioso. Eu nunca tinha ouvido alguém tocar trompete assim. É um som maluco e espetacular. Duro, macio, doce, cruel, desesperado, alegre — uma vida inteira em melodia violenta. E eu o acompanho no baixo. Meus dedos deslizam destrambelhados para cima e para baixo nas cordas. Soa um pouco como um gato sendo esfolado, mas preenche os buracos. Acho que as pessoas sentem dó da gente, por isso não reclamam. Gonzo mantém o ritmo com todo o seu corpo, e vira e mexe ele balbucia:

— Nível cinco, nível cinco...

Outro som atravessa o bar. O Mago da Condenação tem um trompete próprio; ele emparelha com Junior, *riff* por *riff*. As notas sobem e descem, arremetem e planam. Junior está pingando de

suor. Escorre por suas bochechas e encharca a gola da sua camisa. Mas ele segue tocando. É como se eu estivesse dentro da música, começo a entender o estranho e belo universo do *jazz*. É como o céu-espaco que Junior me mostrou no seu camarim, um lugar tão vasto que parece impossível que seja governado por qualquer regra, mas quanto mais você flutua nele, mais compreende que no final das contas ele possui uma ordem própria, estranha e secreta.

Junior está a toda na música. Depois de uma escala impressionante o Mago para. Silêncio no salão, e eu tenho a impressão de que nós vencemos. Mas o Mago volta com força e, dessa vez, é Junior que está com jeito de que pode tombar. Ele vem cambaleando até mim.

— Não se esqueça daquilo que lhe falei — diz ele.

Seus pés estão lerdos e instáveis, mas ele consegue voltar pro seu lugar, e a música ganha uma dimensão extra. É crua e um pouco assustadora. O Mago aplica a mesma intensidade às suas notas. Os dois trocam *riffs* repetidas vezes, como lutadores num ringue. Então acontece algo horrível.

O Mago inspira fundo e sopra, e não sai nada. Eu, pelo menos, não consigo ouvir nada. Mas Junior segura o peito e cai de joelhos, ainda agarrado ao seu trompete. Gonzo está martelando na bateria, fazendo uma barulheira. Eu não consigo mais tocar o baixo. Meus dedos perderam o som.

— Gonzo! — eu grito.

Ele silencia os pratos.

O Mago estica o braço, dedilhando impacientemente, esperando pelo trompete dourado do Junior. Mas, rápido como um raio, Junior joga o trompete para mim. Eu o agarro com uma mão.

Junior dá uma risadinha que vem do fundo do peito; o riso se confunde com uma tosse estrepitante. O Mago da Condenação avança a passos largos e para com as pernas abertas sobre o corpo do Junior. Lentamente ele levanta o visor. Não consigo ver quem é, mas Junior consegue; primeiro seu rosto registra uma expressão de surpresa, depois de deslumbramento.

— Quem diria — Junior diz com uma risadinha débil. — Eu nunca imaginei.

Ele respira com dificuldade uma vez. E assim, do nada, o velho músico jazzista cai morto.

A multidão fica em silêncio, chocada, mas não por muito tempo, pois o Mago não vai deixar ninguém escapar assim tão fácil. Ele inclina a cabeça para trás, ergue os braços e solta um uivo agudo que é a junção de um trem de carga com um ataque de míssil. Eu sinto o efeito em cada célula do meu corpo, como a força da gravidade multiplicada por cem, me empurrando para baixo. Ele baixa os braços rapidamente e as paredes explodem em chamas, vidros estilhaçando por dentro. A multidão no bar grita, engatinham uns por cima dos outros em meio ao pânico de tentar escapar.

O Mago da Condenação aponta o dedo para mim. Meu corpo grita de agonia, como se estivesse pegando fogo. Eu caio de joelhos, fecho os olhos para me proteger da dor cauterizante.

— Relaxa, querido. Você já vai melhorar — é a voz serena da Glory.

Abro os olhos e ela está colocando alguma coisa no tubo do meu soro.

“Glory?”, ouço a minha cabeça dizer, mas não sei se o disse em voz alta.

— Tente dormir.

— Cameron! — grita Gonzo, que está agachado atrás do chimbau, segurando as baquetas como se fosse uma cruz num filme de vampiros.

— Gonzo! Temos que... que sair daqui — eu digo, engasgando.

Gonzo travou de tanto medo. Ele não vai deixar a proteção dos pratos. As pessoas empurram e se espremem, fazendo o que podem para escapar do fogo. O Mago nos vê e se aproxima.

— Gonzo, temos que ir agora! — eu grito.

Senhorita Demeanor vem correndo para o palco e arranca Gonzo da bateria com toda a força:

— Por aqui! — ela diz.

Ela sai correndo pelos bastidores até o camarim do Junior.

— Mas lá não tem porta! — eu grito.

— Tem sim.

Ela bota Gonzo — que agora está quase catatônico — no chão e acende o projetor do planetário. O céu se enche de pequenas luas e

planetas zunindo no imenso mistério do buraco negro.

— Sigam-me.

Ela vai andando reto em direção ao buraco negro reluzente e luminosa como uma estrela e desaparece. Não vejo nenhum restinho de brilho que seja.

— Puta *mierda*! Onde ela foi? — berra Gonzo.

— Não sei!

— Por aqui — ela grita, e agora a vejo ali empoleirada numa escadinha frágil que vai até o teto.

O calor do fogo nos alcançou. As chamas agarram o batente da porta e o trazem abaixo. Eu não vou ficar aqui parado esperando para ver o que mais elas podem fazer. Meto os óculos de sol e o trompete de Junior Webster na mochila e corro para o buraco. Parece que ele está me puxando, mas é Senhorita D. Ela me pega pelas mãos e me puxa para a porta escondida no breu. Um empurrão forte do seu quadril e a porta se abre. Somos expedidos numa viela mal iluminada. Agora o lugar está infestado de policiais e bombeiros. Jatos d'água jorram de mangueiras industriais. Senhorita D nos empurra pela rua, para longe do fogo, até nos afastarmos da multidão. Paramos num poste em frente à vitrine de um adivinho.

— É melhor vocês darem o fora daqui — diz Senhorita D.

Antes que a gente saia correndo ela agarra a minha mão.

— Seja lá o que Junior tenha lhe falado, dê o melhor de si, *cher*. Desde que conheço Junior ele nunca errou uma. E, Cameron... — ela acrescenta.

— Sim?

Ela vira a caixinha de fósforos na sua mão.

— Obrigada pelo fogo, docinho.

Corremos durante alguns quarteirões até que alcançamos a margem do rio Mississippi. Estou encurvado, tentando recuperar o fôlego. Gonzo anda de um lado para o outro, nervoso, tomando golpes de ar.

— Caralho. O quê. Foi. Aquilo? — Ele não espera minha resposta.

— Aquele cara... aquilo era...

— Não sei.

Não estou a fim de compartilhar essa informação com Gonzo. Ele vai pirar e sem dúvida vai querer voltar.

— Ele matou Junior Webster!

— Talvez Junior tenha se metido em alguma encrenca feia. Dívida de jogo ou até, caramba... Sei lá — eu minto.— A gente só precisa se concentrar em encontrar o Doutor X.

Gonzo balança a cabeça.

— Isso é muita doideira, cara.

— Quanto antes a gente chegar ao Doutor X, mais rápido eu consigo me curar e você consegue... Sei lá o que é que você vai conseguir, e daí pronto, estamos livres. Combinado?

Gonzo espreme os olhos e observa a água, como se estivesse pensando a respeito. O amanhecer envia seu primeiro esquadrão para preparar o céu. Gaivotas mergulham para o café da manhã ao lado de rebocadores que brilham no rio feito ossos boiando.

— Estou com fome — diz Gonzo.

Concluo que estamos de acordo, no final das contas.

Agora o Quarteirão Francês está quase deserto. As lixeiras transbordam com copos de plástico e as ruas estão uma imundície. No paralelepípedo o batuque dos cascos de cavalos puxando charretes. Voltam para casa, vão dormir. Um caminhão parado espera à entrada de um depósito. Gonzo e eu encontramos um café 24 horas que serve *beignets*^[22] crocantes e quentinhos, e um café de chicória que mais parece combustível de avião mexido com um galho carcomido. Mas ele nos esquentar e afugenta o resto de noite, então bebemos assim mesmo.

— O que ele disse sobre os óculos de sol? — pergunta Gonzo.

— Disse que é pra enterrar debaixo do anjo.

Eu tiro os óculos de sol do bolso e o boto na mesa. São apenas óculos de sol comuns.

— Que significa?

— Não sei. Ele disse que quando eu fizer isso vou receber uma mensagem.

Gonzo come mais um *beignet*. O açúcar refinado forma um bigode de neve no seu lábio superior.

— Cara, isso é loucura.

Ele está certo. Eu queria que Dulcie aparecesse, que nos desse uma ou duas dicas ou simplesmente entregasse os pontos e dissesse de uma vez onde podemos encontrar o Doutor X. A turva luz matinal agora bate nas janelas do café, e eu dou uma boa encarada na turma de desesperados que se encontra no café a essa hora surreal, junto com a gente: um par de funcionários do hospital, que acaba de sair do turno da noite. Eles tentam dar risada dos ferimentos por punhaladas e tiro que testemunharam, mas sem de fato alterar as linhas de suas bocas, como parênteses fechando todas as coisas relevantes que poderiam ser ditas. Um par de esquizofrênicos sem-teto falando sozinho e bebendo café com suas poucas moedinhas de esmola — se bem que aquele café parece ser a última coisa que eles necessitam. Um grupo de estudantes universitários ainda bêbados em fantasias estropiadas tentando combater a bebedeira com panquecas e torrada. Tudo muito diferente daquela coreografia imbecil dos cortadores de grama dirigíveis do meu pequeno bairro seguro e suburbano, e por algum motivo isso faz com que eu me sinta ao mesmo tempo triste e eufórico, como se eu conhecesse um segredo que os cidadãos adormecidos da minha cidade não conhecem, mesmo que o segredo seja perceber quão solitários podemos nos sentir aqui fora, na neblina íntegra das seis da manhã.

Gonzo fala sem parar sobre *Capitão Massacre*. Da vez em que ele derrotou um bando de Ursinhos Vamp. Sua voz é um barulho branco. Meu corpo dói, e meu braço está tremendo. Eu só quero dormir. Minhas pupilas caem, bloqueando o mundo.

Estou sonhando com a Disney, mas é como um filme caseiro, espasmódico e granulado, sem o som. Banheiro de hotel, minha mãe sorrindo, esfregando minha cabeça com uma toalha branca. Meu pai e eu acenando na fila do brinquedo do Peter Pan. Minha mãe segurando Jenna, que pisca por causa do sol. Uma imagem aleatória da Terra do Amanhã, que parece ser como qualquer outro planeta feito de bolas coloridas e engrenagens. A escuridão do Mundo Pequenininho. Crianças mecânicas girando, subindo e descendo. Um estardalhaço. Eu debaixo d'água, afundando com a boca escancarada.

Acordo com um engasgo. Gonzo não está mais falando, há um rosto a alguns centímetros do meu.

— Compre um café pra mim?

Um dos esquizofrênicos paira sobre mim. Está tão desgrenhado quanto um gato selvagem e fede como se estivesse chafurdando no próprio mijo. O cara deve ter uns quatro dentes no máximo, que, pelo jeito, não vão durar muito.

— Me compra um café, por favor? Sou veterano sem-teto. Minha mulher e eu perdemos a casa e eu tenho que sustentar cinco crianças e a menorzinha precisa fazer uma cirurgia nos olhos e eu não pediria isso, cara... Eu não estaria aqui se não fosse por eles, mas a gente tem que tocar a vida, sabe como é, tem que dar um jeito e encontrar o propósito na vida e no amor, e para fazer isso a pessoa precisa de café, precisa de café, e café e mais café.

Gonzo afunda na sua cadeira até que só consigo ver seus olhos e aquele cabelo afro enorme, mas pelo rubor nas suas bochechas percebo que ele está segurando a respiração. O cheiro é bem desagradável, mas eu sei que Gonzo deve estar com medo é da possibilidade de pegar alguma doença rara e sem cura só por ter respirado o mesmo ar que o fulano.

— Aqui, cara — eu digo, botando um dólar na mesa e ele pega.

— Obrigado. Obrigado. Eu fui expulso do barco em que eu morava e a minha filha precisa fazer uma cirurgia no pulmão, então eu preciso tomar um café e ir pro cemitério resolver as coisas. Pra chegar ao cemitério é só pegar o bonde na rua do Canal e ir até o fim, o percurso todo até o fim da linha, no fim onde moram os anjos, é lá que as pessoas vão pra enterrar coisas.

Agora minha pele está formigando, mas não tem nada a ver com a minha doença.

— O que foi que você disse? — eu pergunto para o mendigo, mas o cozinheiro está botando ele para fora.

— Vai, Spanky, deixe as pessoas em paz — diz o cozinheiro.

Ele puxa a cordinha das persianas da janela da frente e a luz inunda o café.

CAPÍTULO VINTE

Em que vistamos um cemitério e eu recebo uma mensagem ou algo assim, acho

Pegamos o bonde na rua do Canal e vamos até o cemitério, perto da rodovia. É uma viagem deprimente. Entre escritórios de advocacia reformados, revendas de carros usados e escolas que mais parecem cadeias, há casinhas espremidas. Com a pintura gasta e as venezianas rotas, têm jeito que podem desmoronar a qualquer minuto. Em algumas das portas detonadas há um X pintado com tinta vermelha, como animais marcados para o abate. Carros abandonados emergem das camadas de pó, ferrugem e folhas. Num canto, há uma placa contorcida de MÃO ÚNICA, apontando para o chão.

— Fim da linha — diz o cara.

E, considerando tudo isso, chega até ser engraçado.

Por tudo quanto é lugar só tem cemitério, para a esquerda, para a direita, em frente.

— E agora? — pergunta Gonzo quando descemos do bonde e atravessamos os trilhos.

— Ele disse que eu saberia qual — eu digo, meus olhos escaneando os quilômetros e quilômetros de túmulos.

Gonzo resmunga.

— Bem, isso ajuda muito — ele lê os nomes dos cemitérios a nossa volta: Pouso dos Companheiros Incomuns? Esse combina com você, muchacho. O Floresta[23]?

Gonzo espera alguma orientação minha, mas sei lá o que é que estamos procurando. Os óculos escuros do Junior Webster pesam em minhas mãos.

— Bosque de Ciprestes[24] — diz Gonzo. — Ou o...

— Tem um chamado Bosque de Ciprestes?

— Tem ali. O menor deles.

— Por aqui — eu digo.

Passamos pelo arco de ferro trabalhado onde está escrito Bosque de Ciprestes e adentramos o cemitério. Seguimos por um caminho de grama e cascalho e passamos por mausoléus de mármore, belas casinhas para os mortos. Plataformas suspensas fincadas no chão trazem inscrições do tipo NOSSO AMADO IRMÃO OU NOSSOS QUERIDOS BEBÊS.

— O que estamos procurando? — pergunta Gonzo.

— Um anjo.

Vasculhamos os mausoléus e as lápides. Só nessa fileira eu conto vinte e sete estátuas de anjos.

— Dá pra ser mais específico? — pergunta Gonzo.

— Ele disse que eu saberia qual. Vamos continuar olhando.

— Ei, olha isso! — Gonzo grita, subindo na plataforma de um mausoléu cor de café. — Que foda isso, parece um castelo. Ai, bosta. Tudo bem dizer “foda” no cemitério ou será que depois os mortos amaldiçoam a gente?

Eu prendo a respiração:

— Bem, agora é tarde demais.

Gonzo arregala os olhos e percebo que ele está prestes a ter um ataque.

— É sério. Você não acha que rola uns voduns aqui, né? Tipo, mãos surgindo dos túmulos e coisas assim? Cara, é sério.

— Gonzo, não vai surgir nenhuma mão de nenhum mausoléu de pedra, tá bom? Relaxa.

— Tá, tudo bem — diz ele com um longo suspiro. — Isso aqui podia ser o paraíso dos zumbis. Velho, seria o máximo fazer um filme de terror aqui. Seria muito massa!

Gonzo tira algumas fotos com o celular. Umas coisas estranhas, do tipo a sua mão fazendo um gesto de garra contra uma lápide para parecer que é um morto surgindo das trevas, estilo cartaz de filme de terror. As imagens são acompanhadas de “arrgghs” e “aaahhhs” e vários grunhidos de zumbi que vêm do fundo da sua garganta.

— Superengraçado. Dá pra você parar de brincar de *A volta dos canalhas vivos* e me ajudar a encontrar a mensagem do Junior?

A alguns metros de distância, três garotas loiras conversam em alemão enquanto tiram fotos das lápides carcomidas. Uma das

garotas me pergunta num inglês bem básico se eu poderia tirar uma foto das três juntas.

— Não falar inglês — eu respondo, saindo fora.

— Dá aqui, eu tiro — diz Gonzo.

Eu começo a lembrá-lo de que estamos aqui por um motivo, mas ele já está com a câmera delas na mão e apelando para uma mistura de espanhol, inglês e gestos de mão para dirigi-las, enquanto as garotas trombam entre si, atordoadas e rindo.

— Copenhagen Interpretation? — diz uma das garotas.

Ela toca um trecho de música no seu celular e Gonzo assente, sorrindo. Depois as três assentem, sorrindo.

Eu saio fora e começo a vagar pelas vielas estreitas até ficar sozinho. O ar está pesado por conta da chuva que não chega. Sinto sua pressão sobre meu corpo, ele deixa minhas pernas pesadas e meu peito leve. Encontro um lugar para me sentar, os degraus de pedra de um túmulo escondido atrás de um chorão. O musgo da árvore é tamanho que faz cócegas na minha bochecha e no meu nariz. Cheira a tristeza.

— Olá, caubói.

Ao ouvir a voz da Dulcie eu me viro, para a esquerda e para a direita, procurando.

— Aqui em cima — ela chama.

— Ah, que graça...

Ela está posando no topo de um mausoléu branco em forma de igreja, suas asas estão dobradas e o queixo apoiado nas mãos, feito o Anjo Pensador. Ela se encaixaria direitinho, se não fosse pelo coturno e o cabelo rosa.

Ela salta para o chão com um baque impressionante, suas botas espirram baforadas do antiquíssimo pó sulista em minha calça jeans. Então ela se acomoda num túmulo recente, de um soldado.

— E aí, o que está achando da *Big Easy*?

— Não sei — eu digo e me sento ao seu lado. — É meio deprimente.

Dulcie coloca a mão no meu ombro.

— Claro né, Cam. Você está num cemitério.

— Muito engraçado.

Dulcie aponta com a cabeça para os óculos de sol que estou segurando.

— O que é isso?

— Óculos de sol.

— Quer ser literal? Beleza, eu topo. Onde você conseguiu isso?

Talvez ela esteja aprontando uma comigo. Até onde eu sei, ela me assistiu o tempo inteiro e viu tudinho.

— Um cara chamado Junior Webster — eu digo, aguardando sua reação.

Mas sua expressão não se altera, e eu concluo que ela realmente não sabe de nada, o que significa que ela é o anjo mais meia-sola que já existiu. Sigo em frente e lhe conto sobre a nossa noite, sobre o Mago da Condenação e seus Gigantes de Fogo — a energia escura — surgindo no meio da balada e sobre a morte do Junior. A única coisa que eu não conto é o medo que estou sentindo. Ao longe, ouço um balbuciar em alemão e risos. Dá para sacar que Gonzo está dando uma de diretor. Ele está dizendo para uma das garotas alemãs que é para ela fingir ser um zumbi.

— Junior disse que era pra eu enterrar isso debaixo de um anjo e aguardar uma mensagem. O problema é que deve ter uns quatro bilhões de anjos neste cemitério.

Dulcie assente.

— Difícil, hein?

— Achei que você pudesse saber onde. Tipo, talvez esse assunto pertença à categoria especial de informações angélicas privilegiadas que você pode compartilhar comigo.

Ela se inclina para trás, cruza as pernas e balança uma delas. Cada vez que ela mexe a perna, encosta de levinho em mim com a sua bota.

— Eu lhe disse, Cameron. Sou apenas uma mensageira.

Eu ergo os braços.

— Tudo bem, Junior Webster queria que eu enterrasse isso aqui debaixo do anjo? É pra já. Se não funcionar não estou nem aí. Afaste os pés.

Dulcie desliza as botas para o lado. Eu cavo um pequeno buraco na terra recém-colocada no túmulo do soldado, jogo os óculos de sol e cubro. Limpo as mãos na calça jeans e me sento ao lado de Dulcie

para aguardar. Gaivotas voam em círculos acima de nós, aos gritos. Depois de cinco minutos eu olho para o chão, mas não vejo nada.

— E aí, onde está a mensagem secreta?

— Sei lá — ela responde, servindo-se de um estoque secreto de ChocoYums. — Mas eu amo isso de não saber, a sensação de mistério. Você não?

— Não. Na verdade, nem um pouco.

Nós ficamos ali sentados, quietos, durante mais um minuto ou dois. Minha bunda dói e eu só quero ir embora.

— Será que eu tenho que dizer alguma coisa? Tipo, existe alguma palavra mágica pra acelerar a coisa?

Dulcie afasta as mãos, como um mágico prestes a fazer um coelho levitar.

— *Domo arigato, senhor Roboto* — diz ela, dando de ombros. — Uma vez eu ouvi isso no rádio.

— Agora deu. Tô indo nessa.

Eu me levanto e imediatamente tropeço numa pedra enorme no meio do caminho. Sob a pedra tem um pedaço do jornal de hoje, sessão de classificados.

Do seu novo poleiro — no topo do chorão — Dulcie pergunta olhando para baixo:

— Encontrou?

Ela está se exibindo, total.

— Dá pra me deixar ler, por favor?

Ela faz a mímica de fechar o zíper sobre os lábios, e eu dou uma varrida de olhos na seção do jornal. É uma mistura aleatória:

AQUI E NO INSTANTE SEGUINTE, CADÊ? —

RESOLVIDO O MISTÉRIO DO COPENHAGEN INTERPRETATION!

NOVAS FOTOS DA BANDA INUÍTE DESAPARECIDA HÁ TEMPO PESCANDO NA NEVE.

COMPRE AGORA. GNOMOS DE JARDIM VALHALLA —

DECORAÇÃO DE JARDIM DIGNA DE UM DEUS

QUERIDO TOBIAS, EU O PERDOO. ERRAR É HUMANO; VIVER,
DIVINO. VAMOS VIVER JUNTOS PELO RESTO DAS NOSSAS VIDAS.

ASSIM DESEJO.

PROCURANDO UMA CARONA PARA A YA! MANSÃO DO AGITO?
TEMOS LUGAR NO NOSSO CARRO.

CORPORAÇÃO A BUSCA DA FELICIDADE
DEPARTAMENTO DE VIAGEM JÁ EM FUNCIONAMENTO.

PROCURANDO TRABALHO?
ESTAMOS EXPANDINDO NOSSAS OPERAÇÕES!
LIGUE PARA ATACADISTAS GLOBOS DE NEVE UNIDOS
0-800-555-1212

Há pelo menos uns vinte classificados diferentes, nenhum que faça sentido ou que seja útil.

— Isso é impossível — eu digo.

A voz da Dulcie desce flutuando da árvore.

— Continue olhando, você vai encontrar.

— Ah, é? Como você sabe?

— Porque eu acredito em você, Cameron — diz ela sem nenhum pinga de sarcasmo.

Eu olho de novo e dessa vez, lá embaixo, no canto da direita, eu vejo um minúsculo anúncio da Viação Papa-léguas com o *slogan*: SIGA A PENA.

— Ei, é isso? É disso que Junior estava falando? — eu começo a perguntar, mas o chorão está vazio.

Dulcie já se foi. Um repentino sopro de vento arranca o papel das minhas mãos e o leva para longe. Fico com apenas um pedacinho. Com as palavras: *para a vida*.

CAPÍTULO VINTE E UM

Em que a mensagem criptografada de Junior Webster não se descriptografa nem um pouco, e em que as piores fotos que já tiraram de nós começam a circular por aí

Estamos na rodoviária, inserindo o cartão de crédito do meu pai na máquina de passagens. Nosso ônibus para a praia de Daytona está programado para sair dentro de cinco minutos. Não sei se esse é o ônibus que temos de pegar; só estou seguindo o que vi numa página de classificados. Mencionava a YA! Mansão do Agito, sendo que a Mansão do Agito fica na Flórida. Três ônibus partem nesta noite e um deles vai para Daytona; portanto, vamos para Daytona. Estou definindo o meu futuro com base num anúncio de classificados que encontrei num cemitério.

— Então você acha que isso faz parte da mensagem secreta? — pergunta Gonzo, olhando para o pedaço de jornal.

— Não sei, e no momento não me importo — eu digo.

A máquina de passagens chia como um velho e, com uma lardeza excruciante, cospe duas passagens para a Flórida.

— “Para a vida”. Pode ser no sentido de parar a vida — diz Gonzo.

— Mas também pode ser uma bobagem qualquer. “Para a vida”? Isso não é uma mensagem secreta. Está mais pra um biscoito da sorte.

— Talvez ele quisesse dizer que é pra você viver. Talvez esteja lhe dizendo que Doutor X vai curá-lo e que vai dar tudo certo. Cara, aposto que é isso!

Agora o rosto do Gonzo se ilumina, ele acha que desvendou uma charada. Mas eu me sinto como um idiota, alvo de uma pegadinha cósmica. Eu queria alguma coisa concreta: vire à esquerda no AutoMart. O escritório do Doutor X está localizado na esquina da Quinta Avenida com a Principal, e a sua consulta está marcada para as onze horas, na próxima terça-feira.

Dois policiais entram na estação justo na hora em que anunciam o nosso ônibus. Assim que os vemos imediatamente disfarçamos e nos escondemos atrás de um grupo de pessoas que estão se dirigindo para os ônibus. Os policiais mostram um cartaz para as pessoas na estação.

— Mantenha a cabeça baixa — eu sussurro para Gonzo.

O policial para uma mulher com três crianças pequenas e pergunta se alguma vez ela já viu aqueles dois rapazes. Eu dou uma olhada por cima do seu ombro. O cartaz contém duas fotos de escola assustadoras, do Gonzo e de mim, com a palavra DESAPARECIDOS no topo. Eu odeio aquela foto. Estou parecendo um total palerma. Mas pelo menos não estou com uma penugem ridícula, cor de pêssego, no lábio superior, como é o caso da foto do Gonzo.

— Gonzo — eu digo. — Fica frio. Os policiais estão atrás da gente. Some aí na multidão.

— Sumir na multidão? Para você é fácil!

A fila vai avançando em direção ao ônibus. O motorista abre a mandíbula metálica na lateral e os passageiros entregam suas malas para serem guardadas. Por que as pessoas têm de viajar com tanta tralha? Os policiais agora estão bem aqui, vasculhando os ônibus, em busca de dois adolescentes — um deles anão — que escaparam de um hospital no Texas. Boto Gonz na minha frente para poder cobrir seu corpo com o meu. O problema é que ele é mais largo do que eu. Fica parecendo que somos uma deusa indiana com vários braços. Depois do que parece ser uma eternidade, o motorista abre as portas. Gonzo e eu quase nos matamos no nosso desespero de alcançar o fundo do ônibus, onde mergulhamos nos nossos assentos e nos afundamos.

— Cobre o rosto com a jaqueta. Finge que está dormindo — eu digo.

Nós nos enterramos sob jaquetas e mochilas de modo que só o topo da nossa cabeça fica aparecendo. Agora as pessoas vão passando lentamente, procurando assentos. Eu espio por cima da gola da minha jaqueta e vejo o policial pisando no corredor. Ele vira o pescoço, procurando por nós, mas tem gente demais andando de um lado para o outro para que ele consiga ver direito.

O motorista entra.

— Com licença, policial. Se vocês já terminaram eu preciso seguir o itinerário.

O policial dá uma última boa olhada geral e eu me encolho sob a proteção da minha jaqueta. Depois de alguns segundos, eu ouço quando ele agradece ao motorista. As portas se fecham com um silvo, lacrando a gente lá dentro. O ônibus deixa a rodoviária, mas o batimento do meu coração só volta ao normal depois que nos afastamos do perímetro urbano de Nova Orleans.

Quando o cara ao nosso lado resolve que está na hora de tirar uma soneca ele nos empresta seu baralho. Comemos uma guloseima chamada Laços de Frutas e jogamos *poker* e fizemos truques com cartas. O ônibus viaja aos solavancos pela costa. Refinarias de óleo emitem colunas de fumaça tóxica. O cheiro de ovo podre misturado com produtos de limpeza me dá vontade de vomitar. Na água, dois barcos de pesca de camarão balançam, subindo e descendo. Os pescadores içando a alma do mar em suas redes pesadas. Gosto de observar o país passar pela janelinha. Queria que a gente tivesse viajado mais. Tento me lembrar do motivo por que paramos de viajar. Meu pai começou a se ocupar cada vez mais com o trabalho, minha mãe se ocupava em parecer ocupada e Jen e eu começamos a nos odiar. Quando percebemos, havíamos nos tornado um bando de desconhecidos nada à vontade uns com os outros. E quem vai querer sair em viagem de férias com um bando de desconhecidos?

Gonzo serve uma nova mão de cartas. Está escurecendo. As luzes do ônibus se acendem. Pequenos cones amarelo-esbranquiçados iluminam nossas cartas. Nossas mãos parecem desbotadas.

— Você conseguiu o telefone daquela garota alemã no cemitério?
— eu pergunto. — Tive a impressão de que ela ficou a fim de você.

Gonzo balança a cabeça.

— Ela não é o meu tipo.

— Como assim? A alemã? A garota turista?

Gonzo me dá um olhar de “Não Começa”.

— Como é o seu tipo de garota?

Ele pensa durante um instante.

— Doce, mas com um visual agressivo. Gosto de sotaque sulista. E tatuagem.

Eu solto uma gargalhada.

— Tatuagem? Nossa, quem diria! O Homem Gonzo gosta de *bad girls*.

Ele dá um sorrisinho.

— Você não sabe tudo a meu respeito, *pendejo*. Eu sou um cara bem complexo.

— Você é tipo total um livro aberto, Gonz — eu digo, rindo. — Nunca conheci ninguém mais transparente na minha vida.

— Você não me conhece, cara — diz ele, dessa vez sem sorrir.

Gonzo estuda suas cartas, preparando-se para a próxima jogada.

— As pessoas sempre acham que conhecem os outros, mas não conhecem. Não de verdade. Digo, talvez saibam coisas a respeito do outro, que não comem rosquinhas ou que gostam de filmes de ação ou sei lá o quê. Mas ninguém sabe o que seus amigos fazem quando estão sozinhos em seus quartos, à noite, ou o que aconteceu com eles quando eram crianças, ou se eles se sentem fodidos e tristes sem nenhum motivo.

Imagino Gonzo sozinho, sentado no seu quarto, sentindo-se fodido e triste, e eu odeio isso, pois agora me sinto responsável por ele de uma maneira que eu não queria.

— Você não vai fazer algum comentário cafona do tipo “pessoas são como cebolas; elas têm muitas camadas”, né?

— Só estou tentando conversar. Esquece, velho. Sei lá, joga aí.

Ele descarta um dois e eu pego. Eu tenho um par de dois e nada mais. Minhas cartas estão uma porcaria.

— Então, qual é o seu tipo? — pergunta Gonzo depois de alguns minutos.

— Nossa, me deixa pensar. Hum... Qualquer uma que me queira.

Boto outra carta na pilha. Qual é o meu tipo? Sem querer, uma rápida imagem da Dulcie, com sua armadura e cabelo rosa, me vem à mente. Eu afasto a imagem.

— Conhece a Staci Johnson?

— Staci Johnson! — Gonzo dá uma risadinha debochada. — Não diga isso, cara! Staci Johnson é prole do diabo!

— Eu sei, eu sei. Ela não tem nenhum neurônio ativo, tem uma personalidade de gente vigarista e nunca tem nada de interessante

para contar a não ser o que aconteceu no YA!TV ontem à noite. Mas se você enxergar além disso tudo ela é ótima. Ei, eu descartei.

Ele ignora a minha carta e pega do monte.

— Staci Johnson... Cara, me dá vontade de me rasgar por dentro quando você diz isso — diz Gonzo enquanto organiza suas cartas da ponta para o centro da sua mão. — Bem, talvez depois que a gente voltar da Flórida, sabe como é? Você vai ter a mística de viajante a seu favor. Fora que você vai ter salvado o mundo. Isso deve valer pontos.

— Fora o bronze — eu acrescento, olhando para os meus braços trêmulos e branquelos.

— Bronzeado funciona.

— Fora que não vou mais estar morrendo. Tomara.

— Isso sempre ajuda — ele abre um leque com suas cartas na mesa. — Sequência real, *señor Pajero*. Você está me devendo quatro sacos de salgadinhos.

Estamos na estrada há seis horas quando minha perna direita começa a tremer descontroladamente. O passaporte-E desbotou um pouco mais; Terra da Aventura desapareceu completamente, e a segunda linha, Terra da Fronteira, está verde nebuloso. Cruzo a perna esquerda sobre a direita e boto a mochila em cima, torcendo para que ninguém perceba, torcendo para que a tremedeira passe logo. O tremor viaja. Meu braço direito enrijece. Não consigo levantá-lo; é como se estivesse morto. “Por favor, não posso ter um ataque aqui. Por favor. Espera chegar na Flórida”. No horizonte, vejo pequenos estalos de chamas. São idênticas às bolas de fogo sobre as refinarias. Até tento me convencer de que é isso que estou vendo. Mas minha intuição diz que são os Gigantes de Fogo se fortalecendo. Maiores. Esperando por mim. Meus olhos pesam de tanto olhar para eles. O ritmo da estrada me embala e eu durmo.

— Cameron? Eu posso ler um pouquinho de *Dom Quixote* pra você — minha mãe está sentada ao meu lado, na cama no hospital, banhada por uma poça de luz.

As cortinas foram fechadas, confinando-nos num pequeno casulo drapejado.

— Quer que eu leia?

Sua voz me envolve como um cobertor recém-tirado da secadora, e eu navego pelas fascinantes aventuras do cavaleiro maluco com Sancho Pança, ora acompanhando, ora me distraíndo.

— “Siga o meu conselho e viva muitos anos” — lê em voz alta minha mãe —, “porque a maior loucura que pode fazer um homem é se deixar morrer”.

Depois de um tempo minha mãe fecha o livro e faz um carinho no meu cabelo.

— É gostoso voltar a ler pra você — diz ela. — Você se lembra de quando você era criança e a gente ia para a biblioteca no verão? Eu deixava você pegar cinco livros, mas você não conseguia esperar até a gente chegar em casa. A gente tinha de encontrar um cantinho para sentar e ler todos eles antes de deixarmos a biblioteca.

Por que eu não me lembro disso? Como é possível que minha mãe e eu tenhamos compartilhado a mesma experiência e eu não me lembro?

— Por que será que a gente parou de fazer isso? — minha mãe pergunta em voz alta. — A gente simplesmente parou de ir. Acho que você não queria mais. E eu fiquei com medo de forçá-lo a ir. Eu sempre tive medo de dizer a coisa errada, então eu parei de falar.

Minha mãe chora um pouquinho, silenciosamente, como ela sempre faz. Ela nunca emite um som, mesmo quando está chorando, e isso me deixa um pouco triste. Não me parece certo. Quando você chora as pessoas deviam ouvir. O mundo devia parar. Aperto as mãos da minha mãe e ela aperta de volta. Não digo nada, mas pelo menos ela percebe que eu ouvi.

As pessoas entram e saem do meu sonho como atores numa peça. Eubie vem me visitar. Ele coloca fones de ouvido em minhas orelhas e eu ouço *Blues do Bosque de Ciprestes*. Quero lhe contar que estive em Nova Orleans, que vi Junior Webster, que toquei baixo com ele, mas é um sonho e as palavras não vêm. Num certo momento, meu pai se senta na minha cama, lendo um trabalho de física que ele está corrigindo. O trabalho é sobre supercolisores.

Num canto, na tevê sem som, passa o mesmo desenho do papaléguas e do coioote correndo um atrás do outro, entrando e saindo por portas. A última coisa que eu vejo é a senhora do outro lado do

corredor parada ao pé da minha cama. Ela está de casaco e chapéu, segurando uma pequena mala.

— Uma casa à beira-mar. Não se esqueça.

— Não vou esquecer — eu digo, mas não sei se alguém me ouviu. Na tevê, o coio te espera a bigorna cair.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Em que o anjo discute os mistérios da pipoca de micro-ondas e graças ao Gonzo nós vamos parar no meio do nada

Quando eu acordo já amanheceu. A luz não despontou muito antes de mim. As pessoas ainda dormem. Apoiam a cabeça nas janelas e nos encostos dos bancos, bocas escancaradas, como os braços de um abridor de latas largado num balcão. Através da fina camada de orvalho na minha janela eu vejo o interior do país se desenrolar. Estamos em Mississippi ou em Alabama, talvez. Uma neblina cinzenta se assenta sobre os telhados das pequenas cabanas de alcatrão onde varais são estendidos no quintal da frente. As camisas recebem a brisa como se quisessem navegar para longe dali, para longe daqueles quintais bagunçados, com lataria enferrujada de carros e brinquedos de plástico detonados. Respiro na janela algumas vezes, observo quando embaça e desembaça, embaça e desembaça.

Gosto da sensação da estrada embaixo de mim. A cadência sólida, o tum-tum-tum-tum-tum daqueles pneus imensos. Ao meu lado, Gonzo está no décimo sono, aquela sua cabeçorra apoiada no meu ombro. Ele balbucia enquanto dorme, e eu fico tentando imaginar o que ele está sonhando.

— Surpresa!

O rosto da Dulcie surge no banco à minha frente.

— O que você está fazendo aqui? — eu pergunto, olhando para os lados.

— É assim que se recebe as pessoas?

— Olha, é que... — eu baixo a voz. — Eu não quero que as pessoas pensem que estou pirando aqui no ônibus. Eles me botariam pra fora.

— Acho que todo mundo está dormindo.

— Alguém consegue vê-la, além de mim? — eu pergunto.

— Acho que sim, se quisessem ver. Mas pode ser que o que os outros veem não é o mesmo que você — Dulcie responde no seu linguajar cifrado de sempre. — Ei, olha isso.

Ela desdobra as asas de leve. Está escrito *Cameron é demais*.

— Não devia ter um “s” no fim? Cameron é demais?

— Acabou a tinta. Mas o que vale é a intenção.

Ela apoia o queixo no topo do assento e segura nas laterais. Parece que ela foi decapitada.

— Você parece um pouco cansado, caubói.

— Tive uns sonhos estranhos — eu digo.

— Gostaria de conversar a respeito? O consultório está aberto.

— Só umas coisas sobre a minha mãe. Ela estava falando do tempo em que me levava à biblioteca quando eu era criança, e eu não consegui me lembrar de nada disso. Mas assim que acordei eu lembrei. Consegui ver com a maior clareza. Eu sentado no colo da minha mãe, perto do chafariz, e ela estava lendo para mim, um livro de rimas sobre monstros. Ela estava de sandália e com um perfume gostoso, tipo xampu. E eu estava feliz. Como fui esquecer isso?

— É uma bela lembrança — diz Dulcie.

Ficamos ouvindo o tum-tum da estrada embaixo de nós, e por alguns minutos tenho a sensação de que somos os dois únicos seres em todo o universo.

— Você tem lembranças boas? — eu pergunto, e lhe ofereço um pouco de Dedinhos de Queijo do saco já aberto. — Sabe como é, de antes de você ter... — eu digo, apontando para suas asas com o maior descaso — Sabe, né?

Dulcie dá um sorrisinho estranho.

— Estou construindo uma lembrança boa agora mesmo.

— Agora?

— Aqui, com você — ela se serve de dois Dedinhos de Queijo.

— Mas você era o que antes de ser anjo? — eu insisto.

Ela dá um gole no meu refrigerante morno, faz uma careta.

— Faz alguma diferença?

— Sim, acho que faz.

— Bem, então — diz ela, dando outro gole. — Eu era outra pessoa.

— O que significa isso? — eu digo, começando a ficar irritado. — Você tinha pais? Um cachorro? Um papagaio? Um número de identidade? Você consegue se lembrar? Como você se sente? Existe um Deus? O que acontece quando a gente morre? Eu vou ser que nem você, vou ficar pintando minhas asas com tinta *spray*, com mensagens escritas errado, guiando as pessoas em missões idiotas e insanas?

— Eu não sou idiota, Cameron — diz ela baixinho.

— Eu estou aqui na estrada, procurando um homem miraculoso e renegado, totalmente arriscando a minha vida por você e você não responde sequer uma mísera pergunta! Caralho!

O cara do outro lado do corredor abre um olho durante um segundo, então se vira e eu baixo a voz.

— Acho que você me deve pelo menos isso.

Dulcie limpa a boca, mas um pouco do tempero de queijo fica grudado no seu lábio.

— Tudo bem. Vou responder uma das suas perguntas.

— Obrigado.

— É como se eu tivesse engolido um Magritte.

— Como?

Dulcie pega mais um Dedinhos de Queijo.

— Você me perguntou como eu me sinto. E a minha resposta é: eu me sinto como se tivesse engolido um Magritte. Como se por dentro eu fosse feita de nuvens e olhos flutuantes, maçãs verdes, homens de chapéu coco levitando lentamente.

— Você é a criatura irreal mais irritante que já existiu, de longe.

— Ah, você conheceu várias, né?

— Ultimamente a coisa tem ficado bem estranha.

— Cameron — ela coloca a mão no meu braço. — A questão é a seguinte, agora você está vivo. Olhe a sua volta.

Ela estica os braços para incluir os passageiros adormecidos.

— Metade das pessoas que estou vendo não estão realmente atentas. Elas não estão ligadas. Nunca se dão conta de quão espetaculares as coisas são.

— Tipo o quê?

— Tipo... — ela pensa durante alguns segundos. — Pipoca de micro-ondas.

— Você está de brincadeira.

— Pensa bem, você bota um saco de grãos lá dentro, espera quatro minutos... — ela abre a boca e bate os dedos contra suas bochechas esticadas, faz um barulhinho de estouro — e, *voilà!* Surge um saco fumegante cheio de delícias amanteigadas bem na sua frente.

— É isso o que você considera o milagre da existência humana?

— Não. Mas também não é péssimo. É um prazer singelo, tá bom? Você conhece algum prazer assim?

— Claro — eu digo.

Ela cruza os braços sobre a armadura torácica.

— Tipo o quê?

— Masturbação.

— Ah é? Que mais?

Eu penso a respeito durante um tempão.

— Eubie.

Dulcie se senta, espera.

— E?

— Não consigo pensar em mais nada.

— Bem, que tal pizza, no restaurante, sem ser *delivery*. Chafarizes. O arrepio nos braços quando você sai de um cinema com ar-condicionado. O cheiro das lavanderias. Neve. CDs.

— Não, CD não. Discos. Tem que ser vinil.

— Vinil, então. Que mais?

— Você sabe que eu odeio que você tenha me empurrado para isso, não sabe?

A luz matinal atinge Dulcie de um jeito que a faz reluzir, e eu sinto o impulso de dizer: “Isso. Agora mesmo. Neste instante.”

Dou de ombros.

— Só isso.

Ela balança a cabeça.

— Temos um trabalho a fazer, garotão.

O motorista do ônibus exhibe um aviso. Vamos descer.

Dulcie se levanta.

— Essa é a minha deixa.

— Então, tipo... quando eu volto a vê-la?

— Em breve — diz ela, correndo para o banheiro. — Vai lá e trate de produzir umas lembranças, caubói. Ah, e não se esqueça de salvar o universo.

Cinco minutos depois o ônibus embica em uma parada. Uma placa nos dá as boas-vindas ao belo estado de Mississippi. Um bando de caminhões está estacionado perto das bombas de gasolina. O ônibus para e o motorista abre as portas.

— Quem quiser esticar as pernas, tomar um ar, vai em frente. Só tem que estar aqui de volta em dez minutos. Tenho um itinerário que tenho que cumprir.

Gonzo e eu descemos com o resto dos passageiros amarfanhados pela estrada e seguimos em direção ao MegaMart, um enorme mercado verde do outro lado do estacionamento.

— Uau, cara! Aqui tem o *Megamorte XL Capitão Massacre*!

Ele corre para o balcão de videogames ao lado do caixa eletrônico.

— Esse é o jogo mais legal de todos os tempos! Se você chega ao nível três você ganha um machado que permite que você faça picadinho de personagens dos contos de fada.

Eu passo a grana para Gonz e no minuto seguinte eu o ouço, feliz da vida, assassinando personagens queridos de livros de histórias. Há uma explosão e um Prato grita:

— Fuja, Colher! Salve-se!

Eu uso o caixa eletrônico, compro mais guloseimas, troco o dinheiro.

— Gonzo — penso em perguntar se posso usar seu celular, mas sei que ele tem pavor de gastar seu crédito. — Olha só, eu tenho que fazer um telefonema. Fica de olho no ônibus, beleza?

— Claro — diz ele, olhos vidrados.

Atrás do mercado tem um telefone público. Eu insiro as moedas e aperto os números que conheço de cor. No quarto toque, a voz sonolenta da Jenna diz alô.

— Alô.

— Jenna?

— Cameron? Ai meu Deus, é você? Onde você está?

— Shhh, não acorda a mãe e o pai.

— Tá bom — diz ela.

Eu sei a dificuldade que é para ela quebrar a conduta de boa menina por minha causa. A linha chia com estática e cliques esporádicos.

— Está tudo bem com você?

— Tudo bem. Como está todo mundo aí?

— A mãe e o pai estão totalmente apavorados. Eles penduraram cartazes pela cidade inteira. E as pessoas botaram fitas marrons e brancas nas árvores, e dizem que só vão tirar quando você voltar pra casa.

— Marrom e branco?

— As cores da vaca — ela toma fôlego. — A polícia está procurando-o, Cameron. Eles rastrearam seu cartão de crédito até Nova Orleans. Cameron, por que você não volta pra casa? Por favor.

— Não posso, Jenna. Só depois que eu encontrar o cara que pode me curar.

— Do que você está falando? Que cara é esse? — diz ela com um tom de voz de quem está prestes a chorar.

— É complicado, mas juro que estou bem. Olha, Jenna, preciso de um favor seu.

Há uma pausa. A ligação está muito ruim.

— Tá.

— Avisa pra mãe e o pai que eu estou bem. Vou ligar de novo assim que der. Eu prometo que. Eu... — alguém entra na linha.

— Cameron? Cameron! É você? Onde você está? — pergunta a voz do meu pai. Ao fundo ouço minha mãe dizendo que é para ele me deixar falar. — Cameron, diga onde você está que vamos aí pegá-lo. Nós o amamos. Nós...

Mais cliques. Um dedo aperta o gancho.

— Eles estão rastreando a ligação.

Dulcie está parada bem aqui. A seriedade que detecto nos seus olhos faz com que eu obedeça. Lentamente eu coloco o telefone no gancho.

— Você precisa deixá-los ir, Cam. Você precisa seguir em frente. Você tem uma missão.

— Eu sei disso, tá? — eu me descontrolo. — Dá pra me deixar sozinho?

— Deixá-lo sozinho?

— É.

— Totalmente sozinho?

— É. Deus do céu!

Ela morde o lábio inferior.

— Tá bom. A gente se vê, caubói.

— É, a gente se vê.

Atravesso o estacionamento correndo, até os banheiros públicos, e abro caminho até o buraco imundo do banheiro masculino. Sinto o passaporte-E roçando meu braço. A Terra da Fronteira desbotou ainda mais, as letras vão ficando mais difíceis de ler. Quanto tempo eu ainda tenho? No espelho rachado, eu vejo minha imagem de tranqueira; pálido e com barba por fazer.

— Que porra você está fazendo? — eu pergunto para o meu reflexo fraturado.

Meu olho arde por causa das lágrimas. Um cara enorme, com botas de caubói, entra no banheiro e eu jogo água no rosto. Lá fora, no estacionamento, dois caminhões estão sendo abastecidos. Vejo uma família com seus lanches de *fast-food* dentro da perua, os vidros abaixados. Dois caras estão parados ao lado de uma pilha de pneus, longe das bombas de gasolina, fumando feito dois idiotas. E no lugar onde o ônibus estava estacionado eu não vejo nada, só um grande espaço vazio.

Não. Não, não, não, não, não.

Empurro as portas do MegaMart com tanta força que os sininhos tocam como se estivessem doidões. Gonzo continua jogando *Capitão Massacre*.

— Gonzo! — eu rosno.

— Cara, agora não! Os Ursinhos Vamp vão me pegar.

— Eu achei que você ia ficar de olho no ônibus!

— O ônibus?

Ele não desgruda os olhos do jogo.

— Sim. Sabe aquele veículo longo e retangular que nos levaria daqui e que agora não está em lugar nenhum?

Gonzo finalmente olha para cima, olhos esbugalhados.

— Pois é — eu digo.

Nós saímos correndo para o estacionamento e ficamos parados no espaço vazio onde antes havia um ônibus para a Flórida.

Gonzo engole seco.

— Ele...

— ... foi embora — eu completo. — Parabéns. Agora estamos fodidos de vez.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Em que pegamos uma carona numa van com potenciais assassinos em série

— Eu não entendo. Eu olhei lá fora, tipo, acho que faz dois segundos e o ônibus estava lá, velho. Eu juro.

— Dois segundos, sei — eu repito.

— Eu juro!

— Vamos voltar a fita. Hummm, ah... e se Gonzo estava tão ocupado fuzilando a Dona Carochinha[25] que ele *esqueceu de prestar atenção na porra do ônibus!*

— Desculpa — diz ele cabisbaixo, como uma criancinha que sem querer acaba de mijar no tapete.

— Tá, só continua procurando sinais de civilização.

Estamos numa estrada de terra no meio do nada. Por enquanto passamos por uma fazenda podre, algumas plantações de algodão e quatro carrocerias de velhos tratores enferrujados tomando banho de sol. O dia está claro e o sol queima na minha nuca.

— Tente chamá-la de novo — diz Gonzo.

— Já tentei. Ela não vem.

Eu comecei a gritar por Dulcie no instante em que demos conta de que o ônibus tinha realmente partido e que não havia mais ninguém com quem pudéssemos contar. Mas acho que ela está levando a sério aquela minha ordem de “me deixar sozinho”.

— Onde estamos, por sinal?

— Não sei — eu digo, limpando o suor da testa com o braço. — Em algum lugar do Mississippi. Bosta!

Eu chuto uma pedra na estrada, ela sai quicando numa nuvem de poeira.

Gonzo começa a tossir.

— Cara, não estou conseguindo respirar direito.

— Você nem se atreva a ter uma crise — eu aviso.

— Não vou — Gonzo guincha, segurando uma tosse que escapa mesmo assim. — Olha, eu só vou ligar pra minha mãe — diz ele, espanando o pó do celular.

— Ah, claro. Deus me livre de você dar um passo a mais sem a ajuda da sua mamãezinha.

Gonzo ignora meu sarcasmo.

— Você disse que era pra casos de emergência, *compinche*. Isso é uma emergência, não é?

Antes que eu o impeça ele aperta o número um na sua discagem rápida e num segundo eu o ouço dizer:

— Mãe? *¿Mamá? Sí. Es Gonzo*. Nossa, não chora, mãe. Estou bem. Prometo.

— Sim, mãe — eu digo para o nada. — Nós só estamos aqui numa estrada de terra no meio do nada, sem a menor ideia de onde estamos ou como vamos fazer pra sair daqui. Está tudo ótimo! Queria que você estivesse aqui!

Gonzo se afasta de mim.

— Olha, mãe, estamos precisando de um pouco de dinheiro... Eu o quê? Eu estou com voz de doente? Não. Estou bem. *Sí* — ele tosse. — É que o tempo está seco. Não, não é pneumonia, mãe. Não, eu.... estou, eu estou com o meu inalador. A receita não tem nem três meses. Você acha que eu devo encher de novo?

— Todos nós vamos morrer! *Morrer! Morrer!*

Pelo bem do Gonzo, eu levo as mãos à garganta, boto a língua para fora e caio no chão, estrebuchando. Ele cobre o bocal do celular com a mão.

— Velho, isso não tem a menor graça. Mãe? Como assim os exames foram inconclusivos?

Eu não aguento. Saio andando pela estrada em direção à grama fresquinha, deixando que as hastes longas e altas toquem as pontas dos meus dedos. Algumas vacas pastando. Elas levantam os olhos enquanto seguem mastigando, mas eu não sou grama, então elas me ignoram. Eu me aproximo de uma delas. Ela tem narinas grandes e molhadas que farejam o ar a minha volta. Seu rabo afugenta as moscas. Estamos cara a cara. Ela parece macia, e eu estico o braço para acariciar seu pelo, que está quente pelo calor do sol. Ela deixa

que eu a acaricie, segue comendo grama enquanto eu passo a mão em suas costas.

— E agora, vaca louca? — eu digo.

— Cameron! — grita Gonzo.

— Até mais, amiguinha — eu digo para a vaca, que responde enfiando mais um tanto de grama na boca.

Quando alcanço Gonzo ele está andando de um lado para o outro, o rosto coberto de suor.

— Eu sabia que não devia ter vindo nessa viagem — diz ele com cara de quem vai chorar. — Minha mãe disse que no raio X do meu peito apareceu um pontinho no meu pulmão. Pode ser só uma sujeirinha no filme ou um cisto. Ou então pode ser algo realmente grave, tipo câncer, um vírus ou uma bactéria mutante.

— Pode ser também a sua mãe, pirando sem motivo.

Eu lhe estendo a mão, mas ele engatinha até a mochila na grama e pega o inalador. Inspira com toda a força, mas não está conseguindo se acalmar. Ele se levanta, tentando esquecer essa história.

— Um pontinho! Isso não soa bem. O que você acha que pode ser?

Eu agarro Gonzo pelos ombros, usando mais força do que deveria, pois ele já está me enchendo o saco.

— Eu tenho más notícias, velho. Você vai viver. Se vira!

Ele se contorce para se soltar de mim.

— Acho que a gente devia voltar, Cameron.

— De jeito nenhum. Eu não vou voltar.

— Eu não posso voltar sozinho, velho. Posso estar morrendo.

De novo ele inspira forte no inalador.

— Você não é o único que está morrendo, Gonzo!

Eu adoraria poder enchê-lo de porrada o caminho todo, daqui até a Flórida. Ele faz cara de cachorrinho ferido e acaba com as minhas fantasias marciais.

— Ela não faz isso com você o tempo inteiro?

— Como assim?

— Fica lhe metendo medo?

— Ela está cuidando de mim, tá? Você não conhece minha mãe, Cameron. Eu não devia ter ido embora daquele jeito, que nem meu

pai.

— Você já parou pra pensar que talvez seu pai tenha ido embora por um motivo?

Ele chuta uma pedrinha na estrada. Ela quica em diagonal até a grama alta e daí desaparece.

— Eu.

— Talvez não tenha sido por sua causa.

— Ela é a melhor coisa da minha vida. Eu sei disso.

Eu devia calar a boca. Mas estou tão irritado, por causa do ônibus, por causa das vacas, por causa da maluca da mãe do Gonzo, por causa de tudo, que eu só quero ficar remoendo o assunto.

— Bem, nesse caso isso é muito triste. Você já parou pra pensar que talvez a melhor coisa seria ir pra bem longe dela, antes que ela o transforme num aleijado emocional de vez?

O olho esquerdo do Gonzo treme. Sua boca fica frouxa, então ele vem correndo a toda em minha direção, num ritmo forte.

— Cala a boca, cara, cala a boca! Você não sabe do que você está falando!

Ele mete um soco em cheio no meu estômago, que dói para caralho. Estou encurvado, torcendo para que minha respiração volte aos meus pulmões.

— Peça desculpas, *pendejo*!

— Desculpa — eu digo com um guincho.

Ele para, mas ainda está puto da vida.

— Minha mãe abriu mão de muita coisa pra me criar. Ela queria ser cantora.

— Tudo bem. Eu acredito.

Quando consigo me levantar eu lhe entrego a mochila. Nervoso, ele mete os braços nas alças.

— Você pediu pra ela fazer isso? — eu pergunto.

— Pedi pra ela fazer o quê? — ele pergunta, dando um pulinho para ajeitar a mochila.

— Abrir mão da vida que ela gostaria de ter tido.

Por um instante ele parece confuso.

— A questão não é essa. Olha, é melhor esquecer esse assunto, velho.

— Já esqueci.

Começamos a andar. No campo, eu vejo uma velha, a senhora Moraes, do hospital. Ela está sentada numa cadeira, segurando o suporte do seu soro como se estivesse num ponto de ônibus, esperando. Ela está com uma expressão séria.

— Tome cuidado — ela adverte.

— Vou tomar — eu digo.

Ela sorri para mim.

— Numa casa à beira-mar, com o ar perfumado de lírios.

— Cara, com quem você está falando?

O rosto do Gonzo está colado no meu. Eu viro os olhos para a direita, mas a senhora desapareceu.

Minhas pernas pinicam.

— Ninguém — eu digo. — Presta atenção pra ver se você enxerga algum carro ou ônibus. Qualquer coisa além de cascalho e poeira.

Nós seguimos perambulando pela estradinha de terra, até que alcançamos uma velha estrada asfaltada onde pelo menos há uma placa. Nada de carros em nenhuma das direções.

Gonzo ainda está irritado.

— Eu tive apendicite com oito anos de idade, e ela teve que largar uma audição pra me levar para o pronto-socorro, tá bom?

— Tenho certeza de que ela é uma boa mãe.

— Ela é ótima. Uma ótima mãe. Assim que a gente chegar numa cidade, eu vou sair fora. Vou voltar, cara. Se o mundo acabar, acabou. Você está sozinho.

— Tá. Só continua olhando, tá bom?

Eu vou andando para a esquerda e Gonzo para a direita. A sensação é de ter engolido pedras. Meus músculos doem e minhas pernas pesam. O ar está grosso, cheirando à bosta de vaca, exaustor de trator, poeira, flores e mais alguma outra coisa. Meus olhos ardem, minha garganta está irritada. Fumaça. Pode ser uma queimada em alguma plantação. Um pequeno incêndio florestal, talvez. Então por que os pelos da minha nuca estariam arrepiados?

Eu me viro, buscando o motivo. Lá longe vejo a silhueta do Gonzo tremelicando nas bordas, distorcida pelos rabiscos de calor que emergem da estrada. Começo a gritar, mas meus pés estão pelando. Eu pulo para trás enquanto no chão surgem pequenos furos. Ouço um silvo que vem debaixo e, antes que eu consiga dar um grito de

alerta, o asfalto racha no meio com a força de um gêiser. Vapor, fumaça e chamas disparam para o céu. A força da explosão me atira alguns metros para trás.

Eu aterrisso com força, sinto a ferroada quando minha camisa rasga e minhas costas ficam ensanguentadas por conta dos pedregulhos. Um por um, os Gigantes de Fogo saem engatinhando pela estrada rachada e se levantam. No tempo que leva para eu recuperar o fôlego, eles jorram para cima, alcançando dois metros e meio de altura. Posicionam-se numa formação de leque, como soldados leais. O caminho a minha frente está bloqueado por um muro laranja de calor.

— Gonzo! — eu grito.

Eu não consigo vê-lo. Está claro demais.

Com seus olhos nefastos, os Gigantes de Fogo me encaram, e eu sinto que estou encolhendo. Nem sei como lutar com esses caras. Tem um pedaço de pau no meio da estrada. Eu o pego e começo a brandir ao estilo *Guerreiro das Estrelas*. Os deuses do fogo acham meu gesto engraçado. Jogam a cabeça para trás numa gargalhada estridente que me faz estremecer. Um deles projeta a cabeça para frente e solta sua língua de serpentina em torno do pedaço de pau. Um brilho vermelho atira a madeira para o alto. Com um assobio, eu a largo no ato e ela se desintegra.

Vários deles avançam furtivamente nas quatro patas para me farejar. Um deles rosna. Já não estão mais de brincadeira. O hálito deles aquece minha pele. De repente eles param. Na estrada eu vejo uma van. O sol reflete no para-brisa. Tenho de levar a mão aos olhos para bloquear o brilho.

— Ei! — eu grito, acenando com os braços. — Aqui! Socorro!

Eu tento engatinhar em direção à van, mas um gigante de fogo sopra nas minhas costas. Meu corpo berra de dor enquanto tombo no asfalto. Tento me levantar, mas não consigo.

— Gonzo! — eu grasno.

O deus de fogo escancara a minha boca e a cobre com a sua. Ele exala, enche meus pulmões com uma fumaça sufocante. Meu corpo treme. Alguém pressiona meu peito num ritmo forte.

— Chame o doutor Xavier! — grita Glory.

Estou numa maca, observando as luzes fluorescentes do teto que piscam rapidamente acima de mim. Minha mãe corre ao meu lado, tentando manter uma mão no trilho de metal. Ela está com uma cara preocupada. Sou empurrado através de portas amplas. Mais luzes. Meus olhos ardem. Deus, meu corpo dói tanto. É como se estivessem me queimando com fósforos.

Eu luto para desanuviar a cabeça.

— Precisamos de uma sucção, já! — alguém grita.

E ouço meu nome repetidas vezes.

— Cameron! — grita Gonzo.

Ele está correndo pela estrada:

— Cara, cuidado!

Quando vejo, estou no asfalto de uma estrada, com uma van vindo em minha direção. Fecho bem os meus olhos. Ouço o guincho de pneus freando. Sinto o cheiro da borracha queimada e a mistura pungente de gasolina quente e óleo de motor. Quando abro os olhos minha cabeça está a um centímetro do para-choque dianteiro. Vejo pés correndo em minha direção.

— Ele está bem?

Uma garota se ajoelha ao meu lado. Ela é bonita, num estilo meio *neohippie*. Na sua camiseta está escrito CRUZADOS ISAPELBO.

Um sujeito com um boné de beisebol se aproxima e me examina, aponta uma lanterninha nos meus olhos, confere minhas pupilas. Ele está com a mesma camiseta ISAPELBO. Todos estão.

— Você tem sorte de estar vivo, amigo. Consegue se levantar?

O cara me ajuda a levantar, mas, como estou tremendo da cabeça aos pés, tenho que me apoiar nele para andar.

— Calma aí, amigo. Você mora por aqui? Onde estão seus pais?

— Puta que o pariu! — diz Gonzo, correndo. — Velho, você está bem?

O sujeito de boné de beisebol franze as sobrancelhas.

— Amigo, dá pra moderar na linguagem? Estamos na presença de damas.

A cara do Gonzo é de quem acabou de descobrir que roubaram o pudim do seu lanche.

— Ah, claro. Desculpa.

— Acho que vocês deviam voltar com a gente — o cara diz, voltando-se para mim. — Na nossa sede tem um médico que pode se certificar de que você não vá ter nenhuma concussão ou qualquer outra coisa grave, tudo bem?

Eu concordo com um gesto de cabeça e é como se tivessem disparado um minúsculo revólver dentro do meu crânio, alfinetando cada região da minha cabeça com balas de dor.

— Como você se chama, amigo?

— Por que você quer saber? — pergunta Gonzo.

O cara levanta as mãos.

— Só estou querendo ajudar, amigo.

— Cameron — eu digo. — E ele é o Gonzo.

— Eu me chamo Daniel — ele diz, apertando a minha mão, que também dói.

Ele apresenta os outros, incluindo a garota *hippie*, cujo nome é Ruth.

— Eu só vou ajeitar umas coisas, preparar a van. Já volto.

Gonzo pega no meu braço e minha pele berra em protesto.

— Cam, velho, acho que não devemos entrar nessa van. Não conhecemos esses caras, eles podem ser assassinos em série.

— Eles não são assassinos em série. Eles usam camisetas iguais.

— Pensa só: que tipo de gente tem van, hein? Mães que dirigem pro time de futebol do filho e assassinos em série. Eles comentaram sobre uma sede. E “preparar a van”. Preparar pra quê?

— Você está viajando.

— Velho, eu não vou entrar naquela van.

A poeira da estrada irrita meus olhos. Estou com fome, cansado e com medo.

— Então fica aí. Eu vou com eles.

Um Daniel sorridente anda lentamente em nossa direção e passa o braço nos meus ombros.

— Não se preocupe. Vamos cuidar bem de você, Cameron.

— Temos lanches na van — Ruth diz. — Aposto que você adoraria um lanche.

Eles me colocam no banco de trás e botam o cinto de segurança. Gonzo continua parado na beira da estrada, com uma cara apavorada.

— Cameron, você não acha que a gente devia esperar aqui até que a sua tia e seu tio venham nos buscar? Lembra, da sua *tia* e do seu *tio*, que estão vindo nos encontrar aqui a *qualquer minuto*?

— Eles podem buscar vocês no ISAPELBO — diz Daniel.

Eu não sei o que é ISAPELBO, e não me importo. Nesse momento, eu só quero beber um balde d'água e passar dois dias deitado. Eu mal consigo manter a cabeça erguida.

Daniel estica a mão para Gonzo.

— Você vem, amigo?

Ruth sorri.

A gente leva vocês pra jogar boliche.

Gonzo está tão acelerado quanto o motor, como se não soubesse o que lhe causa mais medo: entrar numa van com um monte de assassinos em série em potencial ou se arriscar sozinho na beira da estrada, sabe-se lá onde, no Mississippi. Potenciais Assassinos em Série daria um bom nome para uma banda. Prometo a mim mesmo que se algum dia eu me curar vou começar essa banda.

— Tudo bem — diz Gonzo, finalmente entrando na van. — Mas quero sentar na porta.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Sobre o que acontece quando faço um *strike* perfeito e aprendo a não machucar a minha felicidade

Assim que pegamos a estrada, os Potenciais Assassinos em Série começam a cantar uma música que eu não conheço. Algo sobre exibir a sua felicidade, amar a sua felicidade e defender a sua felicidade. Um dos caras tenta acrescentar uns “oh yeah”, mas Ruth franze as sobrancelhas e diz que isso é “um pouco competitivo” e “fora de contexto”, então ele para.

Eu devoro um enorme saco de *pretzels* e uma garrafona d’água, depois durmo. Quando acordo, estamos indo em direção a um prédio amplo, de vidro e pedra, que fica num terreno de aproximadamente um zilhão de hectares. Lá na ponta tem um banco com três pistas de *drive-thru*. Tudo é novo. Dá quase para sentir o cheiro da tinta. E na grama tem uma placa enorme onde está escrito IGREJA DA SATISFAÇÃO PERPÉTUA, LANCHONETE & BOLICHE.

A van embica num estacionamento recém-pavimentado. As linhas brancas estão impecáveis. O lugar inteiro parece reluzir. Gonzo é o primeiro a sair da van quando abrem as portas. Ele continua na *vibe* “assassinos em série”. Daniel me dá uma mão para chegar à porta do prédio. Ele digita um sofisticado código de segurança e nós passamos por dois guardas uniformizados ao entrar. Daniel os cumprimenta pelo nome.

— E aí, Peter. E aí, Matthew.

Eles acenam e voltam à árdua tarefa de vigiar o estacionamento praticamente vazio.

— Como você está se sentindo? — pergunta Daniel.

— Melhor. Cansado.

Daniel sorri, dá um tapinha nas minhas costas.

— Você veio ao lugar certo para se curar. Você vai ver.

Primeiro eu tenho a impressão de que estamos num *shopping center*. Há uma praça de alimentação com umas seis modalidades diferentes de culinária. Samambaias de plástico, chafariz e um montão de lojas. Todas têm ISAPELBO no nome. Camisetas ISAPELBO. ISAPELBO Música. Artigos esportivos ISAPELBO. ISAPELBO infantil. ISAPELBO Tech. Tem até um ISAPELBO Tatuagens, onde você pode escolher entre quarenta e duas variações de ISAPELBO em diferentes fontes ou o desenho de uma bola de boliche alada.

— O que significa ISAPELBO? — eu pergunto.

— É esse lugar — Daniel abre os braços —, significa Igreja da Satisfação Perpétua, Lanchonete & Boliche.

— Então é uma igreja? — eu pergunto rapidamente.

— É tudo: lojas, escola, pista de boliche. Aqui tem tudo que precisamos. Legal, né?

Ruth se junta a nós.

— Aceita um vitamina ISAPELBO? É muito boa!

— Excelente ideia, Ruth. Cameron, você quer de que sabor? Morango?

— Banana? — intervém Ruth.

— Ah, sei lá. Tanto faz.

Daniel e Ruth sorriem.

— Morango com banana! — dizem eles ao mesmo tempo.

Daniel vai até o balcão de vitaminas ISAPELBO e volta com quatro copos altos para viagem.

— Morango com banana.

Daniel oferece um copo para Gonzo.

— Gonzo?

Gonzo os fuzila com os olhos.

— Não, obrigado. Eu sou alérgico a morango — diz ele.

Tenho certeza que é mentira.

— Gonz, eles não são assassinos em série. E você não vai morrer se beber isso. É uma vitamina, tá?

— Eu sou *alérgico* — diz ele enfaticamente.

— Obrigado — eu digo, pegando meu copo.

Bebo até a metade, aproximadamente.

— Hum... Estranho.

— Por quê? — Ruth pergunta.

— Tem gosto de baunilha.

— Ah, são todas de baunilha — diz Ruth. — Primeiro a gente oferecia opções para as pessoas. Mas daí descobrimos que eles não gostavam da de *blueberry* tanto quanto achavam que iam gostar, ou então desejavam ter pedido a de morango, como o melhor amigo tinha feito. Era uma decepção enorme. Então resolvemos simplificar as coisas. Agora a pessoa pode pedir o sabor que quiser, mas no fim é tudo o mesmo sabor. Garantimos a mesma experiência todas as vezes. E você terá a mesma experiência que os outros. Assim eliminamos coisas como insatisfação, inveja, competitividade, desejo, arrependimento. Todas essas coisas ruins.

— Ah. Hã... — dou outro gole.

A de baunilha é gostosa, na verdade. Espessa e cremosa. Acho que nem sinto tanta falta do morango e da banana. Ofereço um pouco para Gonzo, que me olha feio.

— Se quiser mais, na boa — Daniel diz. — Tem pra todos. Isso é parte da nossa filosofia, nada de desejo ou espera. Ninguém precisa ficar insatisfeito. Aqui todos recebem gratificações o tempo inteiro.

Ruth faz uma cara feia:

— A não ser por certas pessoas.

Daniel suspira, mas sua expressão se transforma em mais um sorriso.

— Algumas pessoas têm um pouco de dificuldade com as nossas crenças. Têm dificuldade em se livrar do negativo.

Ele faz um gesto de empurrar algo; Ruth acompanha imediatamente.

— E abraçar o positivo.

Eles cruzam os braços sobre o peito como se estivessem abraçando eles mesmos.

— Então eles partem e voltam pro mundo lá fora.

— Tão tolos... — diz Ruth.

— Perturbados — Daniel a corrige. — São apenas nossos amigos perturbados, Ruth, não se esqueça.

Ruth assente.

— Perturbados.

— Nenhum pensamento negativo nisso.

— Nenhum — diz Ruth, sorrindo. — Somos felizes vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Não machuque a sua felicidade.

— Não machuque a sua felicidade — ecoa Daniel. — Veja, está escrito nos nossos chaveiros. Pegue um.

Ele me dá um chaveiro amarelo-ovo onde está escrito NÃO MACHUQUE A SUA FELICIDADE numa caligrafia fluida e branca.

— Obrigado — eu digo. Estou me sentindo melhor.

Ouçõ um alarme. Nas paredes, resplandecem luzes vermelhas abobadadas. Gonzo se joga no chão e cobre a cabeça com as mãos.

— Eu lhe disse, Cameron! Não lhe disse?

De repente o lugar fica empestado de homens em trajes militares.

— Circulando, circulando, circulando! — eles gritam.

Eles passam por nós e cercam um sofá amarelo onde um garoto jovem, de pijama, está sentado.

— Líder do time! Temos um problema! — grita um dos soldados.

— Com licença, Cameron — Daniel diz.

Ele vai até o garoto no sofá.

— Thomas, qual o problema, amigo?

— Hum, não sei. Eu comecei a me sentir... — ele busca a palavra.

— Triste.

Daniel aperta os ombros do Thomas e o garoto estremece.

— Aqui ninguém fica triste, Thomas. Por que você quer machucar a sua felicidade?

— Eu não sei por quê! Não sei o que aconteceu. É como se eu não conseguisse evitar. Estava pensando na vez em que meu cachorro, Snuffy, foi atropelado por um carro, quando eu tinha seis anos de idade, e na saudade que ainda sinto dele e... a tristeza simplesmente me pegou.

— Vitamina — diz Daniel para um soldado, que abre o lado direito do seu casaco, exibindo uma impressionante variedade de copos.

— Que sabor? — Daniel pergunta.

— Hum... manga? — Thomas responde.

O soldado entrega o copo e Daniel encosta o canudo nos lábios do Thomas.

— Aqui, beba isso.

Thomas toma alguns goles com jeito de quem não está com muita sede; só está sendo educado.

— Tem gosto de baunilha.

Daniel está realmente concentrado.

— Diga pra nós o que você quer, amigo. Pode dizer.

Thomas apoia a cabeça nas mãos.

— Eu não sei. Esse é o problema.

— Aqui, nós vamos ajudá-lo.

O soldado abre o lado esquerdo do seu casaco. É como uma estante de catálogos. Daniel vai lendo os títulos:

— ISAPELBO jeans? ISAPELBO música? ISAPELBO golfe? ISAPELBO jogos?

— Jogos? — diz Gonzo, saindo da sua atitude defensiva.

— Estou lhe dizendo, eu não sei!

O coitado do garoto está em pânico. É como se ele tivesse perdido a felicidade e não conseguisse lembrar onde foi que a deixou.

Daniel encosta a mão no seu ombro.

— Thomas, sabe do que você está precisando? Você precisa jogar boliche.

O comentário é recebido por um couro de “Amém!”

— Acho que eu não... — Thomas começa a dizer, mas ele é interrompido pelo coro.

Você é especial.

Eu sou especial.

Eles são especiais.

O mundo todo é especial, então não se esqueça.

O Universo quer que sejamos

Todos felizes,

Cheios de sorrisos e tudo o mais,

Tudo o mais

Que seja feliz e sorridente.

Então se alegre, alegre-se, alegre-se agora mesmo!

Alegre-se, alegre-se, alegre-se agora mesmo!

Alegre-se, alegre-se, alegre-se agora mesmo!

— Venham conosco — Ruth diz, dando as mãos para Gonzo e eu, enquanto Daniel e Thomas guiam o caminho em direção a um amplo

conjunto de portas duplas com o logotipo da bola de boliche alada no meio. Todos ficam em silêncio.

— Que lugar é esse? — eu sussurro para Ruth.

— Essa é a nossa igreja. A Igreja da Satisfação Perpétua, Lanchonete & Boliche.

— Amém — todos entoam e as portas se abrem.

— Puta que o pariu — sussurra Gonzo.

Esse é o maior boliche que eu já vi em toda a minha vida. São fileiras e mais fileiras reluzentes de pistas em excelente estado de conservação, separadas por canaletas sem nenhuma sujeirinha. Nenhum cisco no chão. Do teto pende uma gigantesca tela de tevê emoldurada por lâmpadas dignas de palco.

— Todos nós sabemos como é o mundo lá fora — Daniel diz. — O estresse, as preocupações: será que eu sou suficientemente bom, suficientemente forte, suficientemente inteligente, suficientemente bonito? Por que Joãozinho tirou “A +” no seu trabalho e eu tirei “C”? Será que ele é melhor que eu?

— Por que só o atleta vencedor ganha uma medalha de primeiro lugar? — um outro garoto pergunta, fazendo gesto de aspas no “ganha”.

— Por que coisas ruins acontecem? Deve haver um motivo pra isso, algo que você possa evitar a fim de nunca, jamais ficar triste — diz uma garota com sapatos de boliche.

Um garoto com uma bola de boliche tatuada no braço levanta a voz.

— Por que não somos felizes o tempo inteiro?

— Amém — Daniel diz. — Nada de perguntas, nada de medo, nada de infelicidade. É por isso que existe ISAPELBO. Nosso amigo Thomas tinha dúvidas, mas nós vamos ajudá-lo a abraçar o positivo.

Todos fazem o gesto do abraço. Daniel coloca Thomas na primeira pista. Ruth faz um carinho em suas costas.

— Pense em algo feliz, Thomas, como uma calça jeans nova.

Todos fazem uma roda em volta de Thomas, braços dados. Eles cantam:

— *Thomas é especial. Thomas é especial. Thomas é especial.*

Thomas respira fundo e solta a bola, lançando-a bem no centro da pista. Os pinos caem no chão num golpe só, e a tevê resplandece

que nem uma máquina de caça-níquel. A imagem de um pino angelical paira na tela. Ele faz um sinal de OK com os dedos. Uma voz automatizada ronrona:

— *Muito bem, amigo!*

Todos vibram e comemoram.

Daniel sorri:

— Viu só, Thomas? Você pode fazer qualquer coisa! Você pode ser o que você quiser!

O coro começa a cantar outra música:

— *Eu posso ser qualquer coisa. Você pode ser qualquer coisa. Nós podemos ser qualquer coisa. Qualquer coisa, juntos.*

Eles colocam os braços em volta do Thomas e logo ele começa a cantar junto, embora ainda não esteja sorrindo.

Daniel dá um tapinha em minhas costas.

— Ei, Cameron, por que você não tenta?

Eu só joguei boliche duas vezes na vida e as duas foram um fiasco. Acho que consegui acertar um pino.

— Eu não sou bom em boliche.

— Você nunca jogou na Igreja da Satisfação Perpétua, Lanchonete & Boliche antes — diz Daniel.

— São os maus pensamentos que travam a gente. Se você abraçar o positivo — Ruth faz o gesto do abraço novamente, e os demais ISAPELBOS imitam —, você vai se dar bem.

A bola emerge da caverna escura e desliza pelos trilhos prateados, parando bem do meu lado.

— Você tem que acreditar que é capaz, Cameron — diz Ruth. — Que você tem direito à felicidade, custe o que custar.

Achar que sei jogar boliche. Certo. Então eu sei jogar boliche. Eu piso na pista, trago o braço para trás e solto. De cara, ela vai em direção à canaleta, mas daí acontece algo miraculoso: ela corrige a rota. A bola rola bem para o centro, e quando vejo estou ouvindo a colisão dos pinos contra o assoalho num *strike* perfeito, meu primeiro *strike* na vida.

Ruth pula para cima e para baixo.

— Foi incrível, Cameron! Viu só? Viu o que acontece quando você abraça o positivo? Joga de novo.

— Sorte de iniciante — eu digo. — Não vai acontecer de novo.

— Na Igreja da Satisfação Perpétua somos todos vencedores — diz ela baixinho, e eu quero acreditar nela.

— Certo, obrigado por cuidar do meu amigo. Isso parece ser bem divertido e nós lhe desejamos tudo de bom e coisa e tal — diz Gonzo ao grupo. — Mas nós temos, tipo, uma missão que precisamos concluir. Então, se alguém puder nos dar uma carona até a rodoviária...

Eu pego uma segunda bola e mando ver. Bam! Bem no centro da pista.

— Demais! — eu grito, socando o ar.

Ruth joga os braços em volta do meu pescoço.

— Viu? O universo não quer que sejamos infelizes, Cameron. O universo quer que sejamos felizes o tempo todo!

— É — eu digo.

Sim, por que não? Por que não posso ter o que eu quiser, na hora que eu quiser? E o que eu quero é ser feliz e viver em segurança como esses garotos. Não quero ter de pensar em prions, Gigantes de Fogo, no Doutor X e ter de salvar o universo. Eu só quero uma vitamina.

— Cameron, a gente precisa sair fora — diz Gonzo.

— Eu não quero ir ainda.

Eu marcho até a pista e mando mais um *strike* perfeito, seguido de mais um. Todo mundo aplaude e comemora. Eles dizem que “eu sou maravilhoso só por existir”, que “com a minha felicidade, eu estou aumentando a felicidade deles”.

Quatro pistas adiante Thomas faz mais um jogo impecável, mas ele não parece estar feliz com isso. Uma hora, de propósito, ele atira a bola para fora da pista em que se encontra, para a pista seguinte, onde ela navega pelo centro e derruba todos os pinos. Thomas olha para seus pés. Ao seu lado tem uma garota miúda e musculosa, com pele cor de ébano e cabeça raspada. Além do Thomas, ela é a única pessoa que não está sorrindo. De repente, Thomas começa a chorar e novamente os alarmes disparam. Cordas caem do teto, soldados descem por elas. Eles vão direto até Thomas e o conduzem até a porta. Alguém o envolve num enorme cobertor ISAPELBO amarelo, cobrindo-o inteiro, exceto a cabeça.

Depois da minha esfuziante vitória na Igreja da Satisfação Perpétua, Daniel e Ruth me levam até a lanchonete ISAPELBO. Eles perguntam a Gonzo se ele quer ir, mas diz ele que vai matar coisas no fliperama para “lavar a gosma da felicidade”.

A lanchonete tem tudo que você pode desejar — salgadinhos, refrigerantes, doces, pizzas, hambúrgueres, batatas fritas. Em todas as mesas há uma central de pedidos onde você pode consultar catálogos de coisas e pedir o que quiser. O prazo de entrega foi riscado e agora existe um botão “Instantâneo”. Basta apertar e alguém sai correndo de uma sala dos fundos e traz o que quer que seja até você.

— Ter que esperar pelas coisas machuca a nossa felicidade — explica Ruth. — Quer mais batata frita?

Eu digo que sim e ela pega uma nova porção para mim. Estão quentinhas e crocantes, como a primeira porção.

— Sinto muito por você ter presenciado aquela situação com o Thomas — diz Daniel, balançando a cabeça. — Algumas pessoas simplesmente não conseguem se adaptar a ser feliz o tempo todo.

— Minha nossa... — diz Ruth com metade de uma batatinha nas mãos, olhos arregalados. — Quando cheguei aqui eu era muito atrapalhada. Totalmente atrapalhada das ideias. Lembra, Daniel?

— Hummm... — diz Daniel, compreensivo.

Se bem que ele parece muito mais interessado nas batatas fritas que naquilo que Ruth está dizendo. Ele está alinhando as batatinhas e passando um fio de *ketchup* bem no meio.

— Antes eu participava de concursos de beleza e coisas do tipo, mas daí eu desenvolvi uma alergia a bronzeadores em *spray* e não pude mais competir. Meu mundo caiu. Eu entrei em depressão total, me acabei nas drogas — explica Ruth. — Eu estava machucando a minha felicidade. Foi quando me mandaram aqui para o ISAPELBO.

— Nossa — eu digo.

— Ah, não foi porque não queriam mais saber de mim, mas por me amarem muito. Agora eu entendo isso — diz ela, mordendo suas unhas já roídas. — Da primeira vez que eu joguei boliche e fiz todos aqueles *strikes* foi como se eu tivesse ganhado a competição de vestido de noite e arrematado com uma anfetamina! Eu chorei muito. Todo mundo estava tão feliz por mim. E eu não queria mais parar de

jogar, sabe como é? Permanecer naquele estado de felicidade absoluta.

Daniel faz outra linha de batatas fritas e repete a arte de *ketchup*. Ruth aplaude.

— Oh! Daniel, conte a sua história pra ele.

— Eu era muito controlador — diz ele, comendo as batatas fritas, uma por vez. — Eu cresci praticando esportes e sempre na lista dos melhores alunos da escola, o que era bacana quando eu estava por cima. Mas quando cheguei ao sexto ano eu não conseguia mais tirar a nota máxima em matemática nem ser o melhor no beisebol. Foi aberta uma outra escola na minha cidade, e seus alunos eram muito bons. Eu não consegui lidar com a situação. Pirei com a pressão. Um dia eu me enfiei dentro de um armário, na escola, e me recusei a sair. Eles tiveram de me arrancar à força. Foi então que eu despertei. Toda aquela competição, o lance de querer vencer e alguns sendo melhores que os outros, sabe? Isso machuca nossa felicidade.

Despejo um montão de *ketchup* no meu prato, salpicando as batatas fritas. Daniel faz cara de nojo.

— Mas esse lance de competição também não faz com que a gente se esforce mais? — nem eu acredito que estou dizendo isso. Eu nunca me esforcei em nada na vida.

— É aí que você se engana, amigo — responde Daniel, sorrindo.

— É a nossa cultura que nos ensina isso, não a nossa natureza.

Ruth olha bem nos meus olhos:

— Você não gostaria de se livrar de todas essas coisas? Toda a preocupação?

— Sim — eu me pego dizendo —, eu gostaria.

Daniel passa o braço em torno de mim como se fôssemos chapas.

— Esse é o grande barato, Cameron! Você pode! Ser feliz é uma escolha que está totalmente sob o seu controle. O universo providenciou pra que você seja feliz. Você só tem que aceitar.

— E aqui no ISAPELBO temos uma série de produtos pra garantir isso, pra promover a felicidade, pra que você nunca se sinta infeliz. Nem por um segundo sequer — Ruth sorri para mim com um jeito de paquera. — Depois que você jogou boliche você ficou com uma carinha mais feliz, Cameron. É ou não é?

— Sim, acho que sim — eu digo.

— Viu? — diz Daniel, dando um tapinha nas minhas costas. — Esse é o poder desse lugar.

— Nós gostamos de pensar no ISAPELBO como um condomínio fechado para o cérebro, e tudo que não aumentam a nossa felicidade a gente simplesmente não permite que entre — acrescenta Ruth. — Como o seu amigo, Gonzo. Ele é perturbado — diz ela, usando a palavra que Daniel lhe forneceu antes. — Cheio de medos. Medo é uma emoção tão negativa, sabe como é?

— Nós não precisamos desse tipo de coisa aqui — diz Daniel. — É por isso que temos os soldados, por isso que trabalhamos para manter as coisas ruins do lado de fora. Para que a gente esteja protegido o tempo todo. E se estamos protegidos o tempo todo, sem rejeição, sem más notícias, sem pensamentos negativos, sem fracassos, então ficamos felizes, e daí nossos pais ficarão felizes por nós estarmos felizes, e sabe como é, tudo fica bem. É uma filosofia bem simples, mas funciona.

— Como vocês pagam por tudo isso? — eu pergunto.

— Nós elaboramos provas de TEME pro país inteiro, além de todo o material de preparação pro exame: *Tudo o que você precisa saber pro TEME sem pensar duas vezes* — diz Daniel.

— Mas o que vocês dois estavam fazendo no meio da estrada? — pergunta Ruth.

Como eu não respondo, ela coloca a mão sobre a minha.

— Ei, tudo bem, todos nós já passamos por isso.

Todo mundo tem sido tão legal comigo aqui. Desde que recebi o meu diagnóstico essa é a primeira vez que eu me sinto normal, e estou com medo de estragar tudo.

— Você não acreditaria em mim — eu digo.

Ruth e Daniel param de comer e voltam toda a atenção para mim.

— Na boa — repete Daniel —, aqui não temos segredos. Segredos machucam a felicidade.

Estou cansado demais para continuar fingindo, então eu lhes conto tudo sobre a doença da vaca louca, nossa missão para tentar encontrar Doutor X e salvar o universo, o Mago da Condenação e os Gigantes de Fogo que estão na minha cola. Eu meio que espero que eles me expulsem, mas eles não me expulsam.

Daniel pega no meu ombro com um gesto de proteção.

— Ninguém vai pegá-lo aqui dentro, Cameron. O mundo não vai acabar. Isso eu lhe garanto. Você está cem por cento seguro. E quanto a sua doença, médicos se enganam o tempo todo. Eles precisam de doentes pra ganhar dinheiro.

— Só as pessoas que querem ficar doentes é que de fato ficam doentes. Elas fazem isso com elas mesmas — acrescenta Ruth. — Você pode inclusive se curar pela força do pensamento, se você quiser.

— Sério? Você acha isso?

— Eu sei disso! — diz Daniel. — Já vi acontecer. Você pode superar isso.

Eu penso em como seria fácil ficar aqui, mas Dulcie disse que preciso encontrar o Doutor X para me curar. Mas até aí, quem é ela?

— Cameron? Você está com uma cara pensativa — diz Ruth.

Só de pensar em Dulcie, a minha felicidade já azedou, sendo que eu estou bem feliz aqui. Eu poderia ficar no ISAPELBO, jogar boliche, tomar uma vitamina tamanho grande e curtir.

— Você está bem? — pergunta Ruth, sua mão pairando perto do alarme dos soldados.

Eu sorrio para ela.

— Sim, estou bem. Superbem. Aliás, eu gostaria de ficar aqui durante um tempo, se não tiver problema.

Ruth dá um gritinho e me abraça. Daniel dá um tapinha nas minhas costas.

— Isso total aumenta a minha felicidade, amigo.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Em que eu descubro o segredo do boliche perfeito e rola uma revolução

Há cinco dias eu venho aprendendo a me tornar parte da família Cruzados da ISAPELBO. No coral, eu aprendi quatro músicas novas: *Quem quer ser feliz, Tempos felizes começam já, Tudo a seu respeito é absolutamente perfeito* e *Seu nome significa especial* (Só que com letras diferentes) — e tive a oportunidade de fazer um tremendo solo de pandeiro, no qual eu arrasei. Daniel e Ruth me levaram ao fliperama ISAPELBO, onde jogamos Construtor de Autoestima Extremo! e Quão Incrível Você É?. Fora isso, tem a igreja, claro. Todos os dias nós nos reunimos nas enormes e reluzentes pistas de boliche, nos concentramos nos pensamentos mais positivos possíveis, na linha do “eu sou especial” e jogamos partidas perfeitas, uma após a outra. Segundo Daniel, isso é uma prova de que estamos fazendo tudo certo. A única manchinha no caminho da felicidade veio num dia em que eu tive um pequeno ataque e acordei cercado por cinco soldados descomunais a postos com enormes copos de vitamina. Então eu bebi a vitamina de canudinho enquanto Daniel explicou que aquilo não eram príons atacando meu cérebro, mas que era para eu ficar repetindo o meu mantra sem parar — “eu sou especial, pessoas especiais não morrem” — e que talvez eu também deveria encomendar mais coisas. Desde então está tudo ótimo.

— Velho, você está vivendo num mundo de sonhos — diz Gonzo enquanto eu avalio se devo encomendar um par de sapatos de boliche acolchoados ISAPELBO na Central de Felicidade Instantânea. Gonzo com certeza não está aumentando a minha felicidade.

— Eles nem têm jogos de matança.

— Mmm — hmmm.

— Cinco dias, velho. Cinco dias de Nação dos Zumbis Sorridentes. Eu não aguento passar mais um minuto sequer jogando boliche, encomendando camisetas ISAPELBO e tomando vitaminas. Estou lhe dizendo, esses caras são sinistros. Você não acha que eles são sinistros?

— Não, eu não acho. E não se esqueça de que você achou que eles eram assassinos em série.

— Eles ainda podem ser, velho. Total. Eles estão nos engordando pra depois nos matar.

— Não, eles estão me ajudando a me curar.

Não vou permitir que ele descongele a minha frígida felicidade.

— Por que você não encomenda alguma coisa, amigo? Uma jaqueta nova ou umas músicas? Você gosta de música.

Gonzo dá uma risadinha sarcástica.

— Sim, de música de verdade. Não essa bosta medonha de ISAPELBO jogando-boliche-por-Deus que está estuprando meus ouvidos há uma semana.

Respiro fundo, na minha cabeça eu listo cinco coisas que amo sobre a minha pessoa.

— Sabe de uma coisa, Gonzo? Quero ajudá-lo a encontrar o que eu encontrei. Aqui, pega um chaveirinho — eu digo, entregando-lhe um dos brindes amarelo-ovo que a gente ganha toda vez que fazemos qualquer coisa boa, por mais insignificante que seja, como, por exemplo, se lembrar de baixar o assento da privada. Às vezes eles lhe dão um chaveirinho só por você ter comparecido a algum lugar.

Gonzo joga o chaveirinho que lhe dei de presente no lixo.

— Ei, *cabrón*, a gente não devia estar procurando o Doutor X?

— Você não devia ter uma manchinha no pulmão? — eu digo sem pensar e me arrependo: — Olha, Gonzo, desculpa. Não quero machucar sua felicidade.

— Cara, você não está machucando a minha felicidade. Você só está me assustando pra caralho.

Ele acena as mãos à frente do meu rosto.

— Olha só pra esse lugar, velho. É uma espécie de seita da felicidade. Não é real. Você não pode querer ficar aqui.

— Posso sim. Eu me sinto ótimo, sem nenhum sintoma, nenhum sonho estranho, nenhum sinal de Gigantes de Fogo. Gonzo, acho que isso pode ser a cura. Não há necessidade de salvar o universo, pois enquanto eu estiver no ISAPELBO nada de ruim vai acontecer comigo.

— Coisas ruins acontecem em qualquer lugar. É a vida, amigo.

— Bem, agora eu tenho uma nova vida, amigo, e adoraria se desse pra você parar de estragá-la.

Eu não quero me aborrecer com essa história, então largo Gonzo ali, ao lado da Central de Satisfação Instantânea e vou pra biblioteca. Reconheço a garota de cabeça raspada parada atrás do balcão. É a colega de boliche do Thomas. Na sua camiseta ISAPELBO, há uma linha bem sutil que risca o LBO e a palavra BILHAR foi escrita por cima.

— Posso lhe ajudar?

— Olá, amiga — eu abro um sorriso.

Ela não retribui o sorriso, o que é estranho, pois em ISAPELBO todo mundo sorri.

— Hum, eu gostaria de retirar um livro.

Ela aponta para as prateleiras que vão do chão ao teto.

— Sirva-se, seja feliz.

— Tá bom, obrigado. Espero que o dia seja tão especial quanto você — eu digo, citando a frase que vi numa camiseta por aqui.

Ela dá uma risadinha sarcástica.

— É, eu também.

A biblioteca está abarrotada de livros, como eu nunca vi antes. Estou torcendo para que tenha *Dom Quixote* para que eu possa terminar a leitura para a minha aula de espanglês — não que eu vá voltar, mas eu gostaria de saber como termina a história. As duas prateleiras de baixo parecem conter apenas exemplares de *Não machuque a sua felicidade*, então eu passo para as duas fileiras seguintes e para a próxima. É mais do mesmo, em capa dura e brochura. A biblioteca inteira está abarrotada de exemplares desse único livro.

— Com licença — eu digo, pulando da escada com rodinhas. — Onde ficam os outros livros?

— Não temos outros livros — responde a Garota Biblioteca.

Ela está usando um marcador no seu exemplar, sublinhando palavras aleatórias para compor frases novas e levemente malvadas. Eu me pergunto se isso é permitido, mas resolvo não dizer nada.

— Mas... é uma biblioteca, não é?

Ela responde vagarosamente, como se estivesse falando com uma criancinha.

— Descobrimos que muitas das histórias ou palavras ou mesmo ideias contidas na maioria dos livros podem ser negativas ou mesmo ofensivas, ou podem fazer com que você questione a sua felicidade ou então questione o conceito de felicidade como um ideal, e isso era um problema para nós.

Agora ela me dá um sorriso que me lembra a Dulcie.

— Bem, mas a ideia dos livros não é justamente essa? Fazer com que a gente pense sobre as coisas? É sério, vocês têm que ter um exemplar de *Dom Quixote* aqui. É um clássico.

Ela abre uma gaveta e tira uma pilha de papéis grampeados, que ela vasculha até encontrar o que está buscando.

— Ah, desculpa. *Dom Quixote*. Ideias e linguagem complicadas. Algumas pessoas o consideram hilário, mas outros se sentiram excluídos por não terem entendido o livro de primeira. Como não gostamos de induzir experiências não positivas nas pessoas tivemos de tirá-lo.

— *Apanhador no campo de centeio*?

— Holden Caulfield, dezesseis anos, muito revoltado, muito negativo, visita prostitutas e diz palavrões.

— *O senhor das moscas*?

— Muito violento.

— Quadrinhos.

— Nossa, de jeito nenhum.

Ela vai apertando as pontas dos dedos, um por um.

— Muito obscuro. Muito assustador. Super-heróis têm poderes inalcançáveis, portanto é impossível se identificar com eles, o que pode fazer com que as crianças se sintam mal em relação a elas mesmas. Além do que, crianças impressionáveis podem ter ideias de se atirar de prédios ou então tentar fundir o tempo com a força do pensamento.

— Ah, tenho um — eu digo. — *Ursinho Pooh!*

Ela balança a cabeça.

— Ursos não falam de verdade. Pode confundir os menorzinhos.

— Tudo bem, então quero um exemplar de *Não machuque a sua felicidade*.

Ela carimba o cartão e me entrega o livro.

— Pode devolver no final da semana. Ou quando quiser, na verdade. É só uma formalidade. Descobrimos que exigir alguma coisa da pessoa e fazer com que ela seja responsável é uma encheção de saco, o que é total “não feliz”. Aproveite!

Pensamentos ranzinzas ameaçam invadir minha nova mente ensolarada. Eu os afasto e me instalo numa das cadeiras amarelas reluzentes, ergonomicamente correta, e abro o livro na página um. VOCÊ É ESPECIAL, diz o texto em enormes letras capitulares. TODOS SÃO.

— Ei — eu digo para o cara sentado ao meu lado.

Ele está totalmente concentrado em seu jogo eletrônico de boliche ISAPELBO. O cartão de pontuação digital que está piscando sinaliza trezentos *strikes* perfeitos um atrás do outro.

— Você já leu isso?

— Partes — diz ele sem levantar os olhos. — Mas eu tenho amigos que conhecem gente que leu e eles me contaram tudo.

— Bem, eu estava aqui pensando nesse negócio que diz na página um: “Você é especial. Todos são”.

— A-hã?

— Como você pode ser especial se todos são?

— Você faz parte do especial, acho.

Ele faz mais um *strike* e o jogo o parabeniza com uma vozinha eletrônica:

“— Isso é demais, amigo! Muito bem!”

— Ah — eu digo. — Obrigado.

— De boa.

Página dois: FELICIDADE É A NOVA REVELAÇÃO DO DESTINO. REIVINDIQUE O SEU DIREITO A ELA!

Página três: SE VOCÊ COMEÇAR A SE SENTIR INFELIZ, COMPRE ALGUMA COISA.

Página quatro: ABRACE O POSITIVO!

Eu levanto os olhos durante um segundo. Garota Biblioteca está olhando fixamente para mim. Vou em sua direção e rapidamente ela abre o livro de registros no balcão de devoluções, carimbando-o com certa força.

— Já terminou? — ela pergunta, forjando uma voz feliz.

— Sim.

— Foi esclarecedor? Mudou a sua vida? O seu humor? Aumentou a sua felicidade?

Ela mexe num dos dez brincos da sua orelha esquerda. É óbvio que ela está tirando uma com a minha cara. Também é óbvio que ela é bem gostosa.

— Estou vibrando de felicidade — eu respondo, retribuindo o seu sorriso e balançando os dedos como se eu fizesse parte de um pelotão excitado por excesso de cafeína.

É um comportamento sarcástico, e eu sei que sarcasmo machuca a nossa felicidade, mas eu meio que me sinto bem agindo assim, como se estivesse alongando um músculo que não uso há tempo. Os cantinhos dos lábios da Garota Biblioteca se contraem em algo que lembra um sorrisinho maroto, uma expressão que aparenta ser cem por cento real.

— Me encontra nas pistas de boliche daqui a cinco minutos — ela sussurra.

Quando eu chego na igreja, as pistas de boliche estão vazias, exceto pela presença da Garota Biblioteca. Ela está empoleirada na minha canaleta de retorno favorita, mascando um enorme amontoado de chiclete cor-de-rosa e fazendo bolas que interrompe com sonoros estalos.

— E aí, me conta — diz ela, metendo uma bola estourada dentro da boca —, está gostando daqui?

— É ótimo.

— É... — diz ela, olhando para o teto e balançando uma perna. — Ótimo, especial, somos todos especiais.

— Exatamente.

— Quer tirar a prova? — ela pergunta.

— Como assim?

— É um pequeno experimento científico. Vai, faça um jogo perfeito. Você não vai perder. Se você acredita que é capaz...

— ... então é porque sou. — eu completo.

— Por que você não faz o teste? Pense na pior coisa possível e jogue a bola. Veja se o universo ficará chateado.

— Mas se eu ficar triste soa o alarme e os soldados aparecem. Então não dá pra testar de verdade — eu digo.

Ela ergue as mangas, exibindo um poderoso par de bíceps:

— Hum... Vou lhe contar um segredo — ela diz olhando à sua volta. — Às vezes eles estão ocupados encomendando coisas e não veem. Tipo agora.

Ela aperta um interruptor e as bolas ganham vida, rolam pelas canaletas superlubrificadas e reluzentes. Minha bola roxa favorita está ao meu alcance. Há dias que não tenho pensamentos infelizes. Perdi a prática. Estou meio chateado com Gonzo pelo o que ele disse antes, mas não o suficiente para ficar nervoso com isso. Dulcie me vem à mente, o modo como ela simplesmente sumiu do mapa. Então um pensamento incontrolável se infiltra no meu cérebro: “E se nunca mais eu vou voltar a vê-la?”

— Nossa, você parece bem chateado. Solte a bola.

Eu atiro a bola na pista. Ela quica e desliza pela madeira macia e encerada, adernando sem previsão. O lógico seria que ela caísse na canaleta, mas não cai. Rapidamente ela volta para o centro e faz um *strike* perfeito.

— Tenta de novo — Garota Biblioteca insiste.

Dessa vez eu penso em tudo quanto é tipo de coisa: minha mãe, meu pai e Jenna no hospital. Crianças pobres demais, sem nenhuma condição de comemorar o natal. Bichinhos de estimação queridos sendo sedados. Perder todos os meus CDs do Grande Tremolo. *Pep Rallies*. Mesmo assim eu faço *strikes* e mais *strikes*. Eu não consigo perder mesmo quando eu tento, sendo que eu estou realmente tentando.

— Não tem mais tanta graça, né? Agora vamos ao resto do teste...

Garota Biblioteca tira um ímã do bolso e faz alguma coisa no controle. Depois ela usa o ímã nas outras pistas.

— Dessa vez faça o que eles dizem: abrace o positivo.

Eu fecho os olhos e digo o mantra: “Se você acha que é capaz, você consegue. Você merece vencer”.

Quando eu jogo a bola ela rola pelo centro e sai para a lateral, deslizando para dentro da caneleta e sai de vista sem acertar nenhum pino sequer.

— Nossa! O que aconteceu?

Garota Biblioteca levanta o ímã.

— Elas estão imanizadas. Tem um pequeno ímã na bola e outro nas caneletas. Eles repelem a bola. Como eu disse, você não vai perder. Você acerta sempre.

— Mas se o jogo é manipulado não é um acerto.

Garota Biblioteca levanta dois dedos em cada mão, fazendo sinal de aspas no ar.

— O fracasso não aumenta a nossa felicidade.

Eu tento mais umas seis ou sete vezes e o máximo que consigo acertar são quatro pinos.

— Talvez agora você tenha deixado o jogo difícil demais — eu digo.

— Ou talvez você não seja tão incrível, especial e perfeito o tempo todo.

— Isso é cruel — eu digo.

Mas minha intuição me diz que ela está certa. Eu meio que me acostumei a ouvir apenas coisas boas:

— Mas e quanto ao que eles dizem aqui, que a competição machuca a felicidade. Precisamos nos livrar dos nossos sentimentos negativos para sermos felizes.

Ela vira os olhos e resmunga.

— A gente não consegue “se livrar” dos nossos sentimentos! Somos seres humanos! Quando algum imbecil me irrita eu sinto vontade de lhe encher de porrada. Mas não posso fazer isso, pois se saíssemos por aí batendo nos outros o tempo todo não teríamos tempo pra ir ao mercado, levar o cachorro pra passear ou sair pra jantar. Seria o caos absoluto. É por isso que temos a civilização. E boas maneiras.

— Exatamente! É por isso que existe essa igreja. Para que a gente se torne pessoas melhores. E pra ser uma pessoa melhor temos que nos livrar dos nossos sentimentos negativos.

— Não! Nós temos que aprender a conviver com eles; e se esses tais sentimentos negativos forem úteis?

Garota Biblioteca gira a bola rosa brilhante que está no trilho de metal, esperando um jogo. Ela gira como a Terra em seu eixo:

— Digo, suponha que você pegue sua raiva e a canalize num quadro. Em pouco tempo você não vai mais querer se vingar do idiota que o irritou porque você estará totalmente compenetrado no seu quadro. Daí, talvez, algum dia o quadro vai para numa galeria e sirva de inspiração para que outras pessoas encontrem o barato delas, o que quer que seja. Você influenciou o mundo não por querer abraçá-lo, fazer carinho nele e chamá-lo de docinho, mas porque um dia você teve vontade de encher alguém de porrada só que você se conteve. Em vez, disso você pintou um quadro. Mas sem aquele sentimento você não teria conseguido pintar aquele quadro, sem algo a que se opor. Nós, seres humanos, não conseguimos evoluir sem dor.

— Como assim?

— Coisas ruins acontecem.

Ela puxa uma navalha e corta uma das cordas dos soldados que ficou pendurada depois de um incidente de tristeza que rolou antes, então enrola a extensão da corda em volta do seu pulso.

— As pessoas fracassam, levam pés na bunda, tiram zero na prova, perdem o grande jogo, fazem tudo quanto é tipo de cagada ou então são rejeitadas e têm que começar tudo de novo. Elas se sentem confusas e amedrontadas. Às vezes simplesmente se sentem um peixe fora d'água. Nós fazemos parte de uma espécie de solidão primordial, universal, e é assim que as coisas são. Temos de aprender a conviver com isso, um copão de vitamina não é a solução, entende?

— Mas e se a gente não tivesse que sentir isso?

— Mas nós temos que sentir! É o que nos torna humanos.

— Então você não acha que seres humanos podem ser felizes?

— Eu não disse isso — diz ela, ajeitando a corda numa espécie de pulseira dupla com um nó ajustável. — Só não acho que a felicidade seja um estado sustentável. Não dá para ser assim o tempo inteiro. Tanta felicidade assim deixa as pessoas *infelizes*. E daí elas

começam a procurar encrenca. Começam a procurar a próxima coisa que vai lhes trazer felicidade, é um vício em felicidade.

Eu me sinto como um balão que lentamente vai retornando à terra. Levemente murcho, mas contente pela viagem estar chegando ao fim. É estranho, mas é meio que um alívio não ter de ser feliz o tempo todo.

— Mas se você não acredita em nada disso, por que continua aqui?

— Para fazer o que tem que ser feito — Garota Biblioteca esfrega a lateral do seu rosto. — Cameron, você é um cara muito legal, e é por isso que eu lamento isso.

— Lamentar o quê?

Num piscar de olhos ela passa a pulseira de corda nos meus pulsos e aperta o nó de modo que não consigo mexer as mãos.

— Ei!

Eu puxo, mas isso apenas aperta o nó.

— Não lute, Cameron. Será mais fácil.

— Que porr...

O alarme soa num volume de arrebentar os tímpanos, numa altura que jamais ouvi.

— O que é isso? — eu digo, querendo poder tampar os ouvidos.

— Isso, amigo, é o lindo som da revolução.

Garota Biblioteca puxa a corda, e tudo que eu posso fazer é segui-la.

O resto da Igreja da Satisfação Perpétua, Lanchonete & Boliche está num pandemônio só. Pessoas trajadas de ISAPELBO em graus diferentes correm pelos corredores, gritando que estamos sendo atacados. Soldados estão pendurados em todas as paredes. É como um varal de sabonetes com cordinhas. Cinco adolescentes com um carrinho de supermercado passam por nós. Primeiro tenho a impressão de que eles são do ISAPELBO, pois estão usando camisetas com carinhas amarelas sorridentes, mas depois vejo que na verdade é um rosto triste, maluco, chapado, um rosto com o dedo do meio levantado, na altura do queixo. O carrinho de supermercado está cheio de livros e jornais, que eles arremessam para todos verem. Um cara brandindo um jornal aberto grita:

— O mundo está doido! Parem de encomendar calças jeans e abram os olhos!

— A felicidade é um estado fascista! — grita um dos arremessadores.

É Thomas.

— E se você não quiser relaxar, hein? E se eu sinto saudades do meu cachorro, Snuffy?

Um cara com moletom ISAPELBO passa ziguezagueando, abraçando-se freneticamente.

— Abrace o positivo! Abrace o positivo!

Garota Biblioteca olha para a câmera no teto. Com um sorrisinho nefasto, ela se aproxima e me beija com toda a força na boca.

— Nossa! — eu engasgo.

— Vamos — diz ela, puxando-me para a cabine de gravação da estação de rádio.

Ela bate a porta atrás da gente e, por uma fração de segundo, uma ideia maluca passa pela minha cabeça: que vou dar uma bimbada num contexto estranhíssimo, um total golpe na virgindade. Mas Garota Biblioteca arranca a algema de corda da minha mão e me ignora, vai até o console. Ela liga interruptores, gira botões, coloca o volume no dez.

— Me passa a mochila que está debaixo do armário do ISAPELBO — diz ela.

Ainda atordoado pelo beijo, eu levo a mochila até a Garota Biblioteca, de onde ela puxa um exemplar já bastante gasto de *Antologia Anderson de Literatura Inglesa*. Abre na página onde está o marcador. Sua voz atinge o microfone e flutua pela sede.

— Shakespeare, pessoas. Complicado, belo, triste e violento. E a linguagem é foda. Agora vou zoar com as suas mentes com um pouco de Hamlet:

*Ser ou não ser — essa é a questão:
Será mais nobre sofrer na alma
pedradas e flechadas do destino feroz,
ou pegar-me em armas contra o mar de angústias —
e, combatendo-o, dar-lhe fim? Morrer; dormir;
Só isso. E com sono — dizem — extinguir*

*dores do coração e as mil mazelas naturais
a que a carne é sujeita; eis uma consumação
ardentemente desejável. Morrer — dormir
— dormir! Talvez sonhar. Aí está o obstáculo!
Os sonhos que hão de vir no sono da morte ...*

A porta sacode com as batidas. Um machado racha a madeira, e eu levo um puta susto, mas Garota Biblioteca mantém os lábios colados ao microfone:

*... quem aguentaria fardos,
gemendo e suando numa vida servil,
senão porque o terror de alguma coisa após a morte —
o país não descoberto, de cujos confins
não voltou jamais nenhum viajante —
nos confunde a vontade,
nos faz preferir e suportar os males que já temos,
a fugirmos para outros que desconhecemos?*

A porta é arrombada com um som doentio de estilhaço, e Ruth entra cambaleando. Ela dá uma olhada em mim, ali com Garota Biblioteca, e seu lábio inferior começa a tremer.

— Cameron, agora você está total machucando a minha felicidade.

Daniel está bem atrás dela, segurando uma tocha. Ele fala na sua pulseira.

— Positivo, um nove, temos um problema na estação de rádio.

— Positivo, um nove? Isso não é código de avião? — eu pergunto.

Ele tenciona os lábios.

— Eu fico feliz quando digo isso.

Um pelotão de soldados, todos de ombros largos e — puta que o pariu — dessa vez armados, adentra a cena. Eles pegam Garota Biblioteca, que tenta segurar o microfone. O soldado pega a antologia — que é um verdadeiro tijolo — e bate com ela com toda a força, três vezes seguidas, nas mãos da garota, fazendo com que ela grite de dor até que não aguenta e larga o microfone.

— O que você está fazendo? — eu grito, correndo em direção a eles.

Daniel pega um revólver do coldre do soldado e aponta para mim.

— Felicidade, custe o que custar — ele diz.

Ele segura o cano da arma e dá uma coronhada na minha cabeça, aí tudo se apaga.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Em que acabam com a felicidade de alguém e Gonzo e eu fugimos

Desmaiar não é tão ruim, na verdade. Pensando bem é muito mais agradável que, digamos, comemorar o aniversário de algum parente num restaurante de temática medieval ou fingir que você se importa com a média das suas notas escolares. Inconsciente, eu flutuo por um universo negro onde estrelas são velas de natal elétricas que piscam. Passo pela Vaca Buddha, que levanta o casco numa saudação zen. É como se eu estivesse num brinquedo bem bacana num parque de diversão, flanando por cenas de autômatos: minha mãe e meu pai sentados na lanchonete do hospital, em silêncio, com copos de café morno na frente deles. Os dois estão com uma cara péssima, como um par de pastas de dente espremidas excessivamente no meio do tubo, sendo que aquilo que restou ficou duro demais para sair. Raina atravessa as portas. Ela não está com uma cara péssima. Está com uma cara boa — disposta, vivaz e bastante promissora. Meu pai a vê e se levanta, dá um sorrisinho. Minha mãe o observa como se ele fosse um estranho que ela está vendo pela primeira vez. Raina entrega alguns papéis ao meu pai e diz: “Sinto muito” e “Se tiver alguma coisa que eu possa fazer”..., e meu pai responde: “Você já está fazendo tanto, Raina”. A maneira como ela enrubesce e ajeita o cabelo atrás da orelha, e a maneira como meu pai presta atenção nesse pequeno gesto faz com que o rosto da minha mãe se altere. Ela sabe.

O brinquedo faz uma curva. À minha direita o papa-léguas caminha no mesmo ritmo que eu. Ele se enfia numa caverna e quando sai é o Mago da Condenação, com os Gigantes de Fogo atrás dele, queimando um enorme buraco negro no céu. Ele estica os braços, mas o carrinho do brinquedo despenca, e eu sinto um frio na barriga. Subimos por um morro mecânico invisível em direção a

uma sala superiluminada, onde Glory está tirando a bolsa vazia do suporte do soro.

— Só vou trocar, querido.

Ela encaixa uma nova bolsa cheia no suporte. O carrinho desacelera até que eu emparelho com ela. Seu rosto é como um daqueles totens que certa vez eu vi num livro sobre a Ilha da Páscoa, escuro, bonito, eterno.

Ela faz um carinho na minha bochecha, e juro que consigo sentir o calor da sua pele. Seus olhos castanhos e grandes olham nos meus.

— Cameron... filho, você está acordado aí dentro?

— Eu perguntei se você está acordado.

Meus olhos ardem, quando eu deparo com Daniel sentado com os braços cruzados numa cadeira a minha frente. Pela sua cara, percebo que sua felicidade foi mais que machucada; ela está furiosa e protestando. Estou amarrado à cadeira e não vejo Garota Biblioteca em lugar algum. Pelo menos o revólver sumiu. As luzes reluzentes da lanchonete são pequenas agulhas de dor penetrando na minha cabeça.

— Ei! Cameron.

— Hã... — eu resmungo. — Cadê a Garota Biblioteca?

— Quem? — pergunta Ruth.

— Deixa pra lá — eu digo. — Cadê o Gonzo?

Daniel dá uma risadinha sarcástica.

— O anão pervertido? Talvez você possa nos dizer. Ainda não o encontramos.

Eu quero lhe encher de porrada por ter chamado Gonzo de anão pervertido, mas estou amarrado a uma cadeira e a parte réptiliana do meu cérebro foi ativada, portanto agora só estou preocupado com a minha sobrevivência.

Daniel me confronta:

— Então, pode dizer: há quanto tempo você e seus espiões estão organizando esse pequeno ataque?

— Eu? Eu não sou capaz de organizar nem um jantar. Não tive nada a ver com esse...

Ruth bate nos meus dedos com a antologia.

— Ai! — eu grito.

— Isso é por você ter lido essa coisa deprimente e difícil pelos alto-falantes.

— Espera, não fui eu. Eu...

Ela bate nos meus dedos uma segunda vez.

— E isso é por ter quebrado a máquina de vitaminas! Disseram que pode levar vinte e quatro horas pra consertar. Vinte e quatro horas! É quase uma vida!

Daniel anda de um lado pro outro. Dá um pouco de medo. Aliás, eu lhe daria praticamente qualquer coisa que pudesse aumentar a sua felicidade nesse momento, antes que ele resolva descontar em cima de mim.

— Nós vimos a gravação da câmera de segurança. Ela o beijou! E você lhe entregou a mochila. Nós sabemos que vocês estão juntos nisso. Todas as centrais de pedidos foram *hackeadas* e agora quando alguém tenta encomendar um produto ISAPELBO a pessoa é redirecionada para um livro chamado *A minha felicidade quer que a sua felicidade vá à merda*, com citações do tipo “Leia um livro, cacete. Você não vai morrer por isso.”, “As pessoas cometem erros o tempo todo. Aceite isso.”, “Nem todo mundo fica famoso.”, “Se você é tão especial, por que eu o acho tão irritante?”

— Leia aquela super-horrível, Daniel! — diz Ruth.

Daniel liga um monitor e lê as palavras que estão piscando ali:

— “Não”.

— Eu quero uma vitamina... — diz Ruth baixinho.

O rosto do Daniel está tão perto do meu que consigo ver o creme para acne no seu queixo.

— Hoje você machucou muita gente, Cameron. E agora você vai ter que pagar.

— E se isso machucar a minha felicidade?

— É um pouco tarde pra isso, amigo.

— Tudo bem, eu vou embora, entende? Eu vou embora e não volto nunca mais.

Ruth pega o livro e de novo bate em mim com tanta força que eu fico com a sensação de que *Beowulf*^[26] se alojou na minha bochecha.

— Ai! Para com isso!

— Não, Cameron — diz Daniel, dando um passo para trás —, sua falta de felicidade completa é uma ameaça pra nossa felicidade. É como um câncer. E sabe o que a gente tem que fazer em casos de câncer?

— Torcer pra que vá embora?

Ruth se aproxima e eu me encolho, no entanto aquele catatau com os quinhentos anos da literatura mais entediante do mundo não alcança a minha pele.

— Errado, precisamos extirpá-lo pra que as células boas possam continuar se desenvolvendo — diz Daniel, que se vira para os soldados: — Coloquem-no de pé e me encontrem na igreja. Vamos jogar boliche.

Depois de dez minutos com dois brutamontes ISAPELBO a minha direita e dois a minha esquerda sou meio que arrastado até a Igreja da Satisfação Perpétua, Lanchonete & Boliche, que está lotada de pessoas ansiosas para testemunhar a minha sentença. A banda da igreja toca uma música animada num ritmo levemente *pop-rock*. Minha cabeça ainda dói no lugar onde Daniel me golpeou com o revólver, mas acho que a letra fala sobre felicidade e pertencer ao tipo certo de pessoas. Daniel abre caminho entre a multidão e a banda diminui para um leve acompanhamento, depois para de tocar. Ele para na pista número sete, bem abaixo da tevê gigante que mostra os pinos dançantes quando você faz um *strike*. Os pinos normalmente dizem coisas como “Nossa, você é incrível” e “O universo ama um vencedor, então o universo deve realmente amá-lo!” Hoje a tela está desligada. Imagino que os pinos tenham ouvido tudo a meu respeito, sobre a Garota Biblioteca e sobre a suposta revolução, e agora estão zangados, mostrando o dedo para mim e angariando instrumentos de tortura.

Daniel levanta as mãos feito um padre:

— Amigos, quero que vocês saibam que já estamos consertando a máquina de vitaminas.

As paredes da igreja vibram com o som de aplauso, assobios e vivas.

— Também quero que vocês saibam que embora Cameron tenha machucado a nossa felicidade, ele machucou a dele ainda mais. Isso

é o que acontece quando as pessoas não abraçam o positivo. Mas nós vamos permitir que Cameron desaponte a si mesmo?

— Não! — gritam os ISAPELBOS.

— É isso aí! Cameron faz parte dessa unidade especial e nós vamos provar que o caminho que trilhamos é o caminho correto, o único caminho. O universo quer que ele seja feliz! Tudo que Cameron tem de fazer pra ser perdoado é jogar boliche.

Daniel aperta o interruptor e da máquina das bolas vem alguns baques e rolamentos, e ela entra em ação. A minha bola favorita, a roxa com um brilho superreluzente, se aconchega na minha mão e aguarda.

— Daniel... — eu começo a dizer, mas ele pressiona minha mão contra a bola, seu sorriso é como um ricto.

— Pegue a bola, Cameron. Cruzados, vamos dar um pouquinho de inspiração pra esse nosso amigo perturbado.

A banda entra em ação. Ruth está batucando no pandeiro (eu não quero contar vantagem, mas meu solo de pandeiro é mil vezes melhor que o dela). Durante meio segundo eu penso em ficar. Talvez eu consiga voltar a encontrar aquele estado sublime novamente. Eu poderia ficar aqui, seguir as regras, estar sempre seguro, mas assim que o pensamento entra na minha cabeça um outro vem nadando e devora o primeiro feito um tubarão. “Que se foda tudo isso”, ele arrota.

— Que se dane.

Enfio os dedos nos buracos daquela belezura roxa; puxo o braço para trás e atiro a bola na pista, onde ela navega pelo centro lustroso como sempre fez, em direção a um *strike* perfeito. Mas a bola dá uma guinada e sai de curso. Ela vai em direção à caneleira como fez em todas as vezes que eu joguei boliche aqui, e em vez de voltar para o meio, ela se esquia para dentro do fosso com um estrondo e desaparece. Nenhum pino cai. Choque e silêncio absoluto.

— Isso não pode acontecer — diz Daniel com olhos esbugalhados — Aqui todos são vencedores.

— Joga de novo! — desafia alguém.

— Ótima ideia — concorda Daniel com o rosto ligeiramente pálido.

— Vamos lá, Cameron. Abraça o positivo.

Eu dou de ombros:

— Você vai se ferrar...

Mais uma vez a bola oscila e sai de curso. Ela consegue derrubar um mísero pino antes de desaparecer.

— Me deixa tentar — diz Daniel me empurrando de lado. — Abrace o positivo! — ele grita, fazendo a bola voar.

Porém ele observa horrorizado quando a bola sai de escanteio, acertando apenas dois pinos na extremidade. — Mas... eu sou especial!

— Puta que o pariu — grita um garoto chamado Luke. — Não!

Ele corre para pegar uma bola ao mesmo tempo em que John, seu amigo, pega outra.

— Cara, eu vou primeiro, nem vem — diz Luke.

— Até parece — John protesta.

Eles correm até as pistas, onde Luke derruba seis pinos e John, três.

— Há! Eu ganhei por três pinos! Descarado!

Ruth sobe na máquina do Queijo Frito Sagrado da lanchonete.

— Luke, aqui nós não somos competitivos. Todos são vencedores, todos fazem parte do time.

John não escuta o que diz ela. Está ocupado demais preparando a próxima jogada.

— Está achando que vai conseguir de novo, seu cabeça de bagre?

Luke dá uma risadinha.

— Velho, eu boto você no chinelo.

Agora Daniel está praticamente gritando. Ele corre pelas pistas, desviando das bolas enquanto elas rolam.

— Ei galera, todos nós fazemos parte da unidade especial, não se esqueçam disso.

Luke e John param e ficam ali, olhando para os pés. Luke pega uma bola no carrossel e a entrega para John, e com isso Daniel sorri.

— Aposto dez dólares que eu ganho.

— Fechado.

As bolas entram em ação, intrépidas. As pessoas começam a tomar partido, torcendo para Luke ou John. John faz um *strike*, um *strike* de verdade..

— Você é ruim demais! — grita Luke.

Os dois começam a rir.

Alguém escancara as portas. Não consigo ver Gonzo em meio à multidão, mas consigo ouvir sua voz dizendo:

— Com licença, com licença, dá pra sair da frente, seu maluco feliz, tarado por vitamina?

— Gonz! — eu digo, erguendo seu minúsculo corpo masculino num forte abraço.

— Podemos ir agora? — diz ele. — Porque, depois de cinco dias nesse buraco, eu estou precisando de um saco de Dedinhos de Queijo e de ouvir uma música *hardcore* cavernosa para botar minhas sinapses no lugar. Não quero nunca mais ver uma vitamina na minha frente.

No boliche, começa uma briga enorme: as pessoas tentam superar umas às outras, uns imbecis jogando bolas na pista dos outros, competições de braço de ferro, alguns dos membros do coral tocando guitarra invisível; enquanto outros Cruzados ISAPELBO tentam abafá-los com músicas felizes e contê-los com abraços grupais. Estão tão imersos naquela piração que não veem quando Gonzo e eu escapamos. Nem Peter e Matthew estão mais nos seus postos no estacionamento. Assim que chegamos na estrada, eu vejo Garota Biblioteca parada entre um conjunto de árvores, duas manchas brancas atrás das suas costas, mas então ela desaparece. Tenho quase certeza que foi só minha imaginação.

Caminhamos oito quilômetros até a cidade mais próxima e, só para me torturar, Gonzo começa a compor a sua própria canção ISAPELBO sobre fazer a sua felicidade ficar de joelhos e sobre dar felicidade para o seu cachorro comer para que ele tenha gases macabros de felicidade, e a gente ri.

É uma longa caminhada, mas meu corpo está cooperando. O Mago da Condenação parece estar bem longe, tão longe que ele nem chega a ser um som que eu consiga detectar com o radar da minha alma. Só quando alcançamos a rodovia, e ouço o zunido constante de carros que levam e trazem pessoas de lugares que podem ser suas casas, um novo começo ou algum lugar em particular, apenas um pontinho numa estrada sem fim, é que eu avisto Vacas Buddha vindo lentamente em direção à terra, como uma neve surreal.

Mas não acho que vale a pena comentar, então eu não comento.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Em que vamos parar no Mister Motel e eu descubro algumas coisinhas sobre o Aiatolá da Crueldade

Nós nos hospedamos num quarto vagabundo num hotel mais vagabundo ainda, o Mister Motel, bem ao lado da rodovia. Na placa de neon que não para de piscar, um cara dá uma piscadinha enquanto tira o chapéu. Imagino que seja o *mister* do afamado Mister Motel. Ele tem jeito de quem deveria ter um balão de história em quadrinho saindo da boca: “pague por hora, super barato”. Nosso quarto é um buraco escuro onde nada foi modificado nos últimos trinta anos. Colchas marrons medonhas e paredes amarelas. Cabeceiras escuras imitando madeira. Carpete puído de uma cor que só pode ser descrita como “indiscriminadamente verde”, excelente para camuflar manchas. O único acréscimo novo, por alguma razão maluca, é uma bexiga laranja amarrada à cadeira.

Gonzo, claro, está em pânico com a questão da higiene.

— Você acha que eles lavam essa roupa de cama com água sanitária? — ele pergunta enquanto hesita em sentar na cama e aperta a mochila contra o peito. — Tipo, sério, o certo é usar cândida e botar no ciclo de água quente pra matar os ácaros, e coisas do tipo.

Eu não pergunto o que ele quer dizer por “coisas do tipo”, e nem tenho a intenção de perguntar. Estou cansado, quero dormir e só acordar de manhã, quando terei de descobrir como faremos para voltar para a Flórida sem passagem de ônibus e sem um puto no bolso.

— Eu só vou ligar pra minha mãe — diz Gonzo.

Ele usa um lenço para tirar o telefone do Mister Motel da base. O aparelho parece ser tão antigo quanto tudo o mais.

— O que você está fazendo? — eu pergunto, botando o dedo no pino para desconectá-lo.

— Eu lhe falei, ligando pra minha mãe. Meu celular está sem bateria e eu não trouxe o carregador.

— Não temos dinheiro pra pagar um telefonema pra sua mãe.

— Eu não gosto desse lugar, velho — diz Gonzo, começando a respirar com dificuldade.

— Sossega, Gonz. Você está bem. Vai dar tudo certo, eu prometo. Só não pare de respirar, tá bom? — eu digo, falando com ele como se *eu* fosse a sua mãe.

Se eu conseguir impedir que ele tenha um ataque de pânico, ele ficará bem. Eu nem tenho certeza se ele realmente tem asma. Deve ser um caso de Pulmões de Surtados. Gonzo não cai no meu papinho de mestre zen. Ele está vasculhando a mochila desesperadamente, feito um esquilo ensandecido atrás de uma castanha.

— Meu inalador! Sumiu, velho! Ai meu Deus!

Seu rosto já está pálido, e eu começo a ficar um pouco irritado com ele.

— Fica frio, fica frio. Nada de pânico. Está aqui, sim, tá bom?

Gonzo assente, mas continua dizendo “Merda, merda, merda” baixinho.

Eu apalpo a mochila, mas não sinto o inalador.

— E se eu perdi de verdade? — diz ele num chiado. — Ou roubaram. Merda. Liga pra um-zero-nove. Liga pra um-nove-zero!

Eu continuo vasculhando a mochila dele.

— Eu não vou ligar pra um-nove-zero. Fica calmo.

— Velho, eu não consigo respirar!

— Você está gritando! Se consegue gritar é porque consegue respirar, tá bom? Se a gente ligar pra um-nove-zero, é o nosso fim, vamos ter de voltar. Eu vou morrer usando fralda, ouvindo um *rock* instrumental *light* e o mundo vai pro saco. Não vou permitir que isso aconteça, então segura sua onda.

A luz de neon do estacionamento cruza o rosto do Gonzo com um efeito estroboscópico. Seus olhos estão arregalados e ele comprime o peito.

— Por favor, velho. Pode ser o meu fim. Liga pro um-zero-nove já! Fala que é pra trazer um nebulizador!

Eu agarro seus ombros e o sacudo.

— Gonzo! Eu não vou deixar você morrer. Entendeu? Eu não sou a sua mãe! Eu não vou empurrá-lo pra uma morte precoce pra que eu possa tocar a vida, entendeu? Entendeu?

Espero uma reação ensandecida para cima de mim, por eu ter falado da sua mãe desse jeito, mas surpreendentemente ele apenas assente, e eu posso voltar minha atenção para a sua mochila. Dessa vez eu encontro o recipiente metálico em forma de L.

— Aqui — eu digo.

Gonzo o pega com as duas mãos, sacode com força, o leva à boca como uma pequena pistola e atira. Ele fecha os olhos enquanto segura a respiração, espera até que o medicamento faça efeito. Exatamente trinta segundos depois ele dá outra baforada, segura a respiração novamente até não poder mais e a coisa toda sai num golpe só. Ele tosse bastante. Depois de um minuto, a cor retorna ao seu rosto. O ar-condicionado liga sozinho, empurrando a bexiga laranja para frente e para trás com sua brisa artificial.

— Você está bem? — eu pergunto.

Ele dá de ombros, não consegue assumir que está bem. Pensa que pode morrer se o fizer.

— Isso não foi legal, o que você disse sobre a minha mãe — diz ele baixinho.

— Tudo bem, desculpa — eu digo, pois não tenho mais disposição para brigar. — Vamos dormir.

Eu apago o abajur e me deito. O quarto está um breu total. Somente quartos de hotel ficam tão escuros assim, como se eles tivessem consciência de que o dever deles é nos isolar do mundo. No entanto, quando meus olhos se adaptam à falta de luz eu ainda consigo ver Gonzo sentado na beirada da sua cama, imóvel.

Eu suspiro.

— Gonz, você não está tipo, tendo taquicardia por causa dessa história, né?

— Não, eu só estava pensando.

Sua voz fica estranha na escuridão. Rasa e solta, como se ele estivesse cheio de ar, como a bexiga laranja.

— Alguma vez você já teve lembranças totalmente aleatórias?

— Acho que sim.

— Eu estava me lembrando de uma vez, quando eu era criança, eu tinha, sei lá, uns cinco anos. Ou seis, talvez. Foi pouco tempo depois que meu velho foi embora. Os garotos que eram nossos vizinhos tinham ganhado um brinquedo de parquinho. Era muito irado: balanço, casinha, escorregador, trepa-trepa. O pacote completo, velho. Bacana pra carvalho. Quer dizer, pra uma criancinha.

Ele faz uma pausa, e eu me pergunto para onde essa viagensinha pela viela da memória vai nos levar. Meu travesseiro está aquecendo sob a minha cabeça. Eu o viro, encosto a cabeça na fronha de algodão fria.

— Em todo caso, eles disseram que se eu quisesse fazer parte do clubinho eu teria que atravessar o trepa-trepa sem cair. Velho, parecia que as barras do trepa-trepa ficavam a quatro mil metros de altura. Mas essa foi a primeira vez que eles me convidaram pra brincar, então eu não quis pôr tudo a perder. Um dos garotos me ergueu e eu comecei a atravessar. Eu estava muito nervoso, mas cheguei à segunda e à terceira. Quando cheguei à quarta barra eles começaram a torcer por mim, gritando pra eu continuar. Foi uma sensação incrível, tipo... Nem sei como descrever. Eu estava conseguindo, entende? Eu estava fazendo acontecer, *muchacho*. Só mais duas e eu estava dentro.

Gonzo brinca com seu inalador. Consigo ouvir o barulhinho, é como um guizo macio.

— Eu estava quase alcançando a barra seguinte quando ouvi minha mãe chamar meu nome. Ela estava parada no nosso quintal com uma cara apavorada. Eu sabia que ela estava pronta pra ir correndo até mim, ela não *confiava*, entende o que estou dizendo? Quando voltei a olhar pra barra seguinte parecia que ela estava a quilômetros de distância. Eu já não estava tão seguro. Tentei alcançá-la, mas foi uma tentativa meia-boca, sabe como é? E não consegui. Caí, quebrei meu braço, uma costela e comecei a chorar. Os garotos acharam que eu era um fracote e suas mães disseram que eu não podia mais ir lá brincar. Não queriam que eu me acidentasse em seus quintais. Passei alguns dias no hospital e minha mãe comprou vários carrinhos Rodas Velozes para mim, os que eu lhe dissera que amava. Depois eu os enterrei no quintal, e

falei pra minha mãe que os tinha perdido. Ela ficou magoada, disse que eu não dava valor às coisas, igualzinho meu pai.

Ele faz um barulho engraçado, primeiro eu acho que é um soluço. Mas então percebo que ele está chorando.

— Essa foi a primeira vez.... a primeira vez que tive aquela sensação... que a única coisa que me mantinha vivo.... era a minha mãe. E eu a odiava por isso.

Lá fora alguém está pegando gelo. A máquina bate contra a parede como a tosse de um velho moribundo. O barulho se funde com o choro engasgado e silencioso do Gonzo.

— Então... — eu começo a dizer. — Então, mas... o que você tinha contra os carrinhos Rodas Velozes?

Os soluços diminuem. Gonzo se mexe na cama entre a escuridão profunda do hotel.

— Hã?

— Eu sei que você odiava a sua mãe. Caralho, eu não o condeno por isso. Mas o que foi que os carrinhos fizeram pra merecer um destino assim? Enterrados vivos. Cara, isso é cruel.

Gonzo fica em silêncio absoluto, sequer uma fungada. Até onde eu sei, eu o irritei tanto que ele está prestes a ter outro ataque de asma só para se vingar de mim. Eu posiciono meu travesseiro feito um escudo, no caso de eu ter de conter um Homem Gonzo de um metro e sete centímetros me socando com a fúria das “pessoas de baixa estatura”. Então, em meio à escuridão eu ouço uma risada surgindo entre as lágrimas.

— Meu amigo — diz ele com um resmungo. — Eu sou o Aiatolá da Crueldade. Não mexa com as pequenas pessoas. Vamos trucidar suas almas!

— Opa! — eu digo. — Agora você me assustou, velho. Tô morrendo de medo.

— Emiti uma *fatwa*[\[27\]](#) naqueles carrinhos.

Ele ri tanto que parece um maníaco, mas sei lá, se ele se sente melhor assim... Eu volto a botar o travesseiro atrás da cabeça.

— Bem, eles não mereciam viver. Eram ferramentas dos infiéis.

— Com certeza — diz ele com uma voz menos tensa.

Ele desaba na cama. Durante um minuto fica tudo em silêncio, e eu tento fazer com que meu corpo relaxe. Minhas pernas doem

muito. Torço para que seja apenas a dor normal do cansaço depois de uma longa caminhada.

— Cameron?

— Sim?

Gonzo se vira de lado e me encara. Consigo identificar a silhueta do meu amigo-sombra.

— Você pensa a respeito?

— A respeito do quê? — eu pergunto.

— Morrer.

Se eu penso a respeito? O que ele quer que eu diga? Que ultimamente eu tenho pensando no rosto da minha mãe quando ela toma café de manhã, olhando para sua palavra-cruzada com cara de quem vai conseguir completar tudinho naquele dia? Eu penso no passeio de carro com meu pai até o lago, um dia antes de ele e minha mãe terem comprado a casa nova, quando eu tinha onze anos. Meu pai cantando junto com o rádio, com cara de que tudo que ele quer na vida é seguir dirigindo e cantando. Eu penso na vez que Jenna fez um enfeite de natal para mim, com pedacinhos de macarrão, quando ela tinha seis anos de idade, e na Jenna atual, a Jenna do time de dança, a Jenna que não me atura, a Jenna que vai sentir saudades de mim quando eu partir, mesmo que seja apenas por eu não estar lá para fazer com que ela pareça ser tão superior aos olhos de todo mundo. Eu penso no fato de que provavelmente nunca vou conseguir trepar com Staci Johnson e que não tem nada que eu possa fazer a respeito. Eu penso na morte todos os dias, pois não consigo parar de pensar na vida.

Dou um bocejo fingido.

— Ah, velho, estou moído, beleza?

Gonzo se deita de costas.

— Ah, claro, na boa. Boa noite.

— É, boa noite.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Em que vou a uma festa e, por acaso, encontro o gnomo mais ranzinza do mundo

Trinta segundos depois Gonz está roncando baixinho. São meia-noite e vinte e eu estou ligadão. Não posso ligar a tevê, então calço os sapatos e vou até o estacionamento do Mister Motel, que tem uma vista magnífica da rodovia I-10. Um caminhão enorme passa fazendo um barulho estrondoso, seguido por mais um. Todos esses caminhões transportando coisas que as pessoas acham que não conseguem viver sem — sofás novos e tênis que acendem, ponchos e doze tipos diferentes de queijos industrializados em cubinho, fatias, quadrados ou ralado, em saquinhos.

Eu caminho pelo acostamento até as luzes amarelas piscantes da passagem por baixo da pista. Do outro lado da rodovia avisto um posto de gasolina todo iluminado, como uma miragem fluorescente.

Tem apenas um carro no estacionamento e nenhuma alma viva a não ser o cara atrás do balcão, que está assistindo uma pequena tevê ao lado do caixa. No meu bolso, eu tenho três dólares em moeda, e tento inseri-las no orelhão. Meus dedos estão tensos. As moedas ficam caindo no chão e eu tenho de extraí-las do calçamento.

O telefone toca algumas vezes. Meu pai atende.

— Alô — diz ele numa voz de quem acaba de acordar.

Durante um segundo eu não digo nada. Só fico ouvindo sua respiração sonolenta e pesada no outro lado da linha.

— Pai?

— Cameron? É você? Você está... Diga alguma coisa, por favor.

Sua voz está diferente, vindo de tão longe através de milhares de quilômetros de cabos fininhos. Não mais brava e controlada. Eu ouço notas inéditas em sua voz. Fadiga. Esperança. Tristeza.

— Cameron? — ele sussurra. — Eu sei que você está me ouvindo. Não me importa saber onde você está neste segundo. Eu só quero que você saiba que você é o meu garoto. Você é parte de mim e eu sou parte de você. Sempre.

— Pai?

— Cameron?

— Eu adoro você — eu digo, justo quando um caminhão enorme passa zunindo pela rodovia, levando mais coisas pra que mais gente as acumule nos espaços vazios de suas vidas.

Minha mãe está acordando. Eu ouço quando ela pergunta ao meu pai o que está acontecendo, com quem ele está falando, se o doutor foi lá. Meu pai lhe diz que não é nada, diz que é para ela voltar a dormir.

— Cameron? — meu pai sussurra. — Você está me ouvindo, companheiro?

A gravação da voz de uma telefonista, muito educada, pede que eu deposite mais moedas, mas eu não tenho mais, então eu desligo. É como se houvesse uma morsa sentada dentro do meu peito, meus olhos ardem. Eu daria qualquer coisa para me chapar agora, para ficar sossegado e entorpecido.

No outro lado do posto dos escrotinhos, uma garota está parada como quem espera alguma coisa. Ela está de shorts e um colete de pele sintética, embora a noite esteja quente e úmida. Em vários pontos minha camiseta adere ao meu peito, criando aquelas pequenas pelotas de suor, como um gigantesco jogo de ligue os pontos. Eu aceno com a cabeça para ela quando entro, e ela me ignora, o que não é problema algum, na verdade.

As luzes fortes e artificiais me atingem como um soco. Isso, e o cheiro rançoso de *nachos* de queijo que vem do corredor ao lado do balcão, é uma agressão tremenda. As caixas de som emitem uma versão ambiente de uma música do Copenhagen Interpretation. A voz soporífica do DJ acompanha os últimos acordes.

— E aí tivemos *Palavras para Neve* do Copenhagen Interpretation, do álbum *O Que Será Que Aconteceu Com Eles...*

Eu vou para o fundo da loja e fico ali, tirando as revistas pornográficas das capas de plástico. O cara atrás do balcão me observa pelo espelho convexo, dando a entender que *estou* o

observando, então nem pense em afanar nada. Que bosta, nunca que esse cara vai deixar que eu compre cerveja. Eu fico ali dando um tempo, pegando coisas que não tenho a menor intenção de comprar: pistolas de brinquedo baratas, lâminas de barbear descartáveis, latas de feijão, um par de globos de neve, embalagens enormes de Essências de Frutas Quase Verdadeiras. Finalmente eu abro a porta da geladeira, o ar gelado me envolve e eu pego um energético Rad Xtra. Se for para ficar ligado, melhor ir até o fim. Quando alcanço para pegar um saco de Gororobas de Milho minha coordenação motora enlouquece. Meus músculos enrijecem, eu me apoio num mostruário de ferro e uma fileira inteira de salgadinhos despenca.

— O que você pensa que está fazendo? — o balconista grita num inglês bastante preciso, de quem anda treinando.

No seu crachá está escrito FUNCIONÁRIO 12, e eu me pergunto se ele tem nome ou se seus chefes simplesmente não se importam com seu nome.

Ele está gritando comigo.

— Você acha engraçado? Acha que é uma piada engraçada? Vai, cai fora! — ele grita, me empurrando pelas portas da frente. — Você está drogado. Sai fora antes que eu chame a polícia.

De volta ao estacionamento, sob as luzes nebulosas eu tomo ar, tentando acalmar meu corpo. O medidor do meu passaporte-E pisca, depois apaga. Quando vejo, Terra da Fronteira já desbotou quase que totalmente. Tenho duas barras de saúde a menos, como diria Gonzo. Eu queria pelo menos ter pegado o refrigerante. A guria com colete de pele continua ali parada, com um pirulito na boca. Por baixo de toda a maquiagem ela não é tão velha. Talvez quinze, dezesseis anos. Difícil saber quando se trata de garotas.

— E aí? — diz ela.

— É que eu bati a pontuação máxima dele no *Capitão Massacre* e ele ficou bravo.

Fico deprimido porque ela não ri.

— Se você quer pegar alguma coisa, primeiro você tem que colocá-la no balcão — ela diz, tirando o pirulito da boca. — Tipo, você coloca algumas barras de chocolate no balcão e pergunta se pode deixá-las ali enquanto pega o resto. Eles sempre dizem que

sim, e daí acham que você não vai sacaneá-los. Eles param de prestar atenção.

Eu não sei muito bem como são as regras de etiqueta quanto a furtos em loja, então eu simplesmente respondo:

— Legal, valeu.

Um cara passa dirigindo um carro envenenado.

— Tara, onde caralho você estava? — ele grita pela janela do passageiro.

Ela tira o pirulito da boca e grita de volta:

— Não é da sua conta!

— Tá falando assim por quê? Vamos voltar pra festa.

Tara joga o pirulito no chão do estacionamento.

— Meu cigarro acabou.

— Eu tenho uns aqui. Quem é esse aí? — ele pergunta, apontando a cabeça em minha direção.

Ótimo, isso era tudo que eu precisava.

— Não lhe interessa — diz ela. — Talvez seja meu novo namorado.

— Eu só vim comprar um refrigerante — eu digo.

— Ah é? Então cadê o refrigerante? — o cara no carro pergunta com um jeito debochado.

Se isso fosse um filme eu daria um golpe secreto tão violento que botaria tudo abaixo. Eu concluiria com alguma tirada do tipo: “E não esquece o meu refrigerante, moleque”, enquanto saía andando lentamente em direção à luz. Mas não é um filme, e eu tenho apenas minhas mãos trêmulas metidas no bolso como o grande covarde com doença da vaca louca que sou.

— Você não manda em mim! — grita Tara para o cara no carro. — Eu posso fazer o que eu quiser. Caso você tenha se esquecido, a gente terminou, *Jus-tin!*

Ela joga a cabeça para trás para dar mais efeito e passa a mão na minha cintura, o que equivale a pintar um alvo no meu peito.

— É melhor eu ir — eu digo me afastando dela.

Jus-tin! acende as luzes internas do carro. Dá para ver que ele está de boné azul, uma camisa extragrande de algum time de futebol e um enorme brinco de diamante na orelha direita. Barba castanha por fazer.

— Ah, que é isso, Tara. Você não quis dizer isso, gatinha.

Ela se vira para mim.

— Você tem um cigarro?

— Não, sinto muito.

— Você pode ir comprar? — ela pergunta, vindo para o meu lado.

Eu percebo, com um medo que não é desprezível, que esse tal de Justin pode muito bem acabar com a minha raça.

— O cara não vai me deixar entrar de novo — eu digo erguendo as mãos num gesto de “sinto muito”.

Elas pararam de tremer, o que é uma coisa boa, pelo menos.

Funcionário número 12 está parado perto da porta com os braços cruzados sobre o peito, deixando claro que não somos bem-vindos no seu estacionamento do Abasteça & Escrotinhos. É uma pose de “vou chamar a polícia”. Uma pose “eu sou o herói do mercadinho vinte e quatro horas”. Eu me pergunto como ficaria a sua cara se ele dissesse “E não se esqueça do meu refrigerante, seu moleque”.

— Caramba — diz Tara, mascando uma unha carcomida.

Ela vai rebolando até a janela aberta do lado do passageiro.

— Me dá um cigarro.

Um cigarro aceso atravessa a janela. Ela dá um longo trago, sopra um pouco de fumaça e assim, do nada, abre a porta e entra. Beijos intensos. Justin apaga as luzes internas.

— Então tá, até mais — eu digo, e caminho em direção à sombra disforme da rodovia.

— Espera aí! — grita Tara.

Ela está pendurada para fora da janela, braços balançando, o cigarro preso entre o dedo indicador e o dedo do meio.

— Quer ir a uma festa?

Seguimos de carro pela cidade adormecida. Os faróis amarelos piscam, e o asfalto reluz em decorrência de uma chuva que caiu um pouco antes. Em cinco minutos Tara me conta a história da sua vida. Ela tem quinze anos. Mora com a mãe, que é manicure e traz esmalte de graça para casa, assim como loção de pepino. As duas moram num *trailer*, junto com quatro gatos.

— A porra do banheiro inteiro fede a pepino e cocô de gato, juro — diz ela e me oferece um cigarro, que eu recuso.

Tara *odeia* escola, mas *ama* um programa sobre *top models* — . Ela quer ser *top*.

— Ela acabou de trabalhar numa feira de barcos — conta Justin com uma mistura de orgulho e preocupação.

Acho que a ideia é que os outros caras percebam que ele está com uma mina gostosa, mas que não reparem na mina gostosa em si. Justin tem dezoito anos, mas ainda está no colegial. Ele também mora com a mãe e “o coitado do namorado retardado dela” num apartamento “podreira de dois quartos perto do EnormoMart”. Justin ganha a vida empacotando compras e vendendo um pouquinho de maconha, e justamente por isso é tão “vital” irmos à festa do Brian Kinner. Eles finalmente perguntam sobre mim. Normalmente eu editaria a minha história, diria o mínimo possível a fim de ficar no módulo incólume. Esse tem sido o meu *modus operandi* a vida toda, viver bem abaixo do radar. Mas hoje à noite estou tão cansado que eu lhes conto tudo. É uma delícia essa sensação de não ter de me policiar.

— Doença da vaca louca? — pergunta Tara, exalando fumaça. — É sexualmente transmissível?

— Não — eu digo. — Não é contagioso.

— Nossa — diz Tara. — Isso é tão triste. Justin, você não acha que é muito triste?

— É, muito triste. Ei, quer fumar um?

Justin embica o carro no estacionamento do correio, sob um cartaz que anuncia NOVOS SELOS DE CÂNCER AQUI!, e a gente fuma um baseado. Depois do terceiro ou quarto trago minha cabeça está oscilando acima do meu pescoço como um daqueles bonequinhos que a gente vê nos painéis dos carros, cujas cabeças mexem. Bem-vindo à Dormentópolis, população: um.

— Não vejo a hora de sair dessa cidade — Tara resmunga de olhos fechados, a cabeça tombando para lá e para cá contra o encosto do banco.

Justin coça aquela tentativa chinfrim de barba. Seu cabelo aparece por baixo do boné em cachos longos e amassados.

— Não é tão ruim assim.

Tara olha para ele como se ele tivesse acabado de dizer que todos os bebês devem receber eutanásia.

— É sim. É uma bosta.

— Mas eu estou aqui... — diz ele baixinho.

Tara dá um último tapa no baseado.

— Eu estou chapada.

— Tudo bem aí atrás? — Justin pergunta para mim.

— Ummm... — é tudo que consigo dizer na minha condição semiconsciente.

— Hora do agito — Justin diz.

Ele liga o carro e a gente passa por um bairro de mansões de novos ricos, casas enormes e espaçosas, algumas com torres blindadas. As entradas são iluminadas com tochas elétricas embutidas no chão. Sinais de alarme delimitam os gramados.

— Tara, segura a direção.

Tara coloca a mão esquerda na direção e a gente se aproxima do meio-fio. Justin puxa um taco de beisebol debaixo do seu banco e bota o corpo para fora da janela. Ele bate forte com o taco, derrubando uma caixinha de correio do seu suporte.

— Nossa — eu digo.

Ou pelo menos é isso o que eu acho que falei. Estou chapado. Até onde eu sei, posso ter dito: “Recolham as vacas! Vamos escravizar suas florzinhas.” Isso me faz rir; rindo sozinho no banco de trás.

Justin segue dizimando as caixinhas de correio. Ele não acerta uma ou duas, e bota a culpa na direção da Tara.

— Ótimo, dirija você então — diz ela fazendo biquinho.

Mas ela não larga a direção, e ele acerta em cheio na caixa seguinte. A caixinha solta totalmente do seu suporte, rola pela rua fazendo uma barulheira, soltando pequenas faíscas no asfalto. Luzes se acendem dentro da casa. Um cão late com vontade. Tara dá uma gargalhada alta e aguda. Risada de maconheiro. Justin guarda o taco de beisebol debaixo do banco e sai dirigindo a toda. Percorremos ruas a esmo, ruas com nomes como Alta Corte, Propriedades Reais, alameda Imperial, travessa Real, cada rua se esforçando para soar mais importante que a anterior. Aqui até as ruas têm aspirações.

Justin entra na Alameda Westminster. Ele apaga as luzes do carro e se esquia para dentro da entrada de carros de uma casa escura.

— Aqui não é a casa dos McNulty? — Tara pergunta.

— É — Justin responde. — Eles estão viajando.

— Como você sabe? — ela pergunta num tom gozador.

— O namorado retardado da minha mãe é quem faz a manutenção da piscina deles. Ele disse que eles estão na Espanha ou Portugal, ou alguma “cidade” do tipo.

— Charlie McNulty é o presidente do grêmio da nossa escola. Ele é superinteligente — explica Tara, como uma guia turística.

Eu acho aquilo engraçado e rio sozinho.

— Por aqui — diz Justin, levando-nos para o fundo.

Na lateral da casa tem uma cerca de madeira. Justin abre o portão que leva ao quintal. O lugar é imenso. Tem um pátio de pedra bem bacana com uma churrasqueira elétrica gigante. Os móveis do jardim são de teca e tem uma mesa de vidro com um guarda-sol no meio. E tem a piscina que Justin acabou de comentar. A água é azul claro, de modo que nas bordas dá para ver o padrão vermelho e amarelo nos azulejos mexicanos. Sinto o cheiro de cloro que a piscina exala.

Justin tira a calça e a camisa, ficando só de cueca. Meu medo é que ele vá tirar a cueca também, mas ele não tira. Ele entra na água e se afasta da borda nadando de costas. Tara está com dificuldade para tirar a roupa, mas logo ela está de sutiã e calcinha. Dá para ver o contorno dos seus pelos escuros contra o tecido cor-de-rosa da calcinha. Eu fico de pau duro. Nem fodendo que vou tirar a roupa agora.

— Qual o problema, Cameron? Você é tímido? — diz ela enquanto segura na minha mão e começa a puxar.

— Não — eu protesto, torcendo para que ela não olhe para baixo.

— É por causa da minha doença. Eu não posso nadar. Não é bom.

— Que chato — diz ela antes de dar um mergulho.

Água esguicha pelos lados durante uns bons cinco segundos depois.

— Eu gosto de chegar chegando — diz ela. — Caso contrário ninguém repara na gente.

No fim, eu tiro os sapatos e enfio os pés, deixando a água morna lambar meus calcanhares. É uma sensação gostosa e não somente por eu estar chapado. Tenho de adicionar isso à lista da Dulcie, das coisas pelas quais vale a pena viver. Por algum motivo, eu fico imaginando-a virando os olhos para mim, com aquele sorriso

abobado que estica seu rosto feito aquelas geleias de brinquedo. Na minha listinha secreta, eu acrescento o seu sorriso. Ela não precisa saber.

— Isso é ótimo — Tara diz. — Quando eu for modelo vou comprar uma casa que nem essa aqui. Talvez até compre essa aqui dos McNultys, e eu vou cagar e andar pra todo mundo que já foi filho da puta comigo, pois eu serei famosa e coisa e tal.

— Gata, você vai poder construir a sua própria casa — diz Justin.

— É, vou mesmo, né? Melhor que essa — Tara ri.

Ela nada até Justin e se enrosca nele, estilo aranha. Eles boiam juntos nessa posição, se beijando. Eu observo o jardim como se estivesse interessado na paisagem. Tara ri.

— Acho que Cameron está ficando constrangido — diz ela, cantarolando.

Justin se afasta delicadamente da Tara e alcança a borda da piscina.

— Ei! — Tara diz, pisando na água. — Onde você está indo?

— Tenho que trabalhar.

E assim eles saem e se secam com algumas toalhas que tiram de uma pilha impecável num armário perto da porta do fundo. Eles tiram as roupas de baixo molhadas. Eu olho para outro lado, finjo que não estou ficando de pau duro ao pensar em entrar num carro com uma garota sem calcinha.

— Vamos — Tara diz quando os dois estão novamente vestidos.

— Espera um segundinho.

Justin está vasculhando o móvel da churrasqueira. Ele embolsa um vidro de tempero de churrasco e um abridor de latas.

— Será que é uma boa ideia levar isso aí? — eu pergunto.

Minha cabeça começa a clarear um pouco, não está tão macia.

— Eles têm tudo. Não vão sentir falta.

Quando voltamos ao carro Justin abre o porta-luvas e joga o abridor de latas lá dentro. Ele se junta a três outros abridores de lata, uma caixa de cigarros, algumas fotos de família de famílias dos outros, chaves e uma coleira.

— Você pegou tudo isso aí?

— Foi.

— Por quê?

— Eu gosto de possuir coisas deles. Gosto de saber que eles não vencem o tempo todo.

— Justin — Tara resmunga. — Você vai perder a festa.

— Não me diga o que eu tenho que fazer — diz ele num tom bem baixo, sussurrado.

Tara vira os olhos e espreme a água do rabo de cavalo.

— Me dá um cigarro.

Nós saímos do bairro das mansões e entramos num bairro legal, mas não tão rico, atravessamos um que é apenas razoável e seguimos descendo pelo índice de bairros até chegarmos numa área decadente com um bando de casas estilo *ranch* cercadas por carros e caminhonetes de fabricação nacional bastante detonados.

Justin estaciona o carro no fim de uma longa fila de carros. Nós o seguimos rua abaixo até a casa onde todas as luzes resplandecem e do quintal são expelidos sons de festa. Os únicos móveis no quintal são dois barris de chope. Das caixas de som que foram trazidas para fora, através das portas de correr, e estacionadas precariamente no pátio de concreto irregular, sai uma espécie de mixagem de *heavymetal* com *rap* em volume máximo. Um cara bombado com uma camiseta preta de luta livre cumprimenta Justin com um aperto de mão complicado que termina com os dois batendo o peito de um contra o do outro.

— Justin, e aí?

Justin dá de ombros, as mãos nos bolsos.

— Nada demais, mano. E essa festa aí?

O cara olha a sua volta.

— Mais ou menos. Homem demais, garotas de menos. Ei, Tara.

— E aí, Carbine — diz Tara, dando um trago num novo cigarro.

— Esse é o Cameron. Ele está morrendo de doença da vaca louca.

Carbine assente para mim.

— Bacana. Quer uma cerveja?

— Não, sossegado.

Ele me dá um copo cheio.

— Aqui.

— Valeu — eu digo, pegando o copo.

Carbine dá uns socos de mentira no Justin, que finge lutar de volta, e eu me pergunto quem foi que teve a ideia de fazer disso um cumprimento masculino aceitável. Olá, prazer em vê-lo. Para mostrar como estou feliz em lhe reencontrar, vou lhe encher de porrada.

Eles param de bater um no outro e Carabine diz:

— Ei, Justin, tá a fim de fazer uns rolos aí?

— Vamos nessa, mano — diz Justin, e eles somem.

Um cara aparece e arranca a cerveja da minha mão, bebe e me devolve o copo vazio. Tara vê algumas conhecidas suas e corre para cochichar num grupinho como apenas meninas conseguem. Está no DNA delas.

Eu vago pela casa. Na mesa da cozinha rola uma partida de *strip-poker*. Uma garota está apenas de calça jeans e sutiã. Um dos caras sentado ali está só de cueca. Eu me sirvo de um punhado de salgadinhos e sigo para a sala. Os caras estão parados em grupinhos, observando as garotas que ficam sentadas nos sofás, bebendo, conversando e esperando que os caras tomem alguma iniciativa para que elas possam ficar com eles. Os que ficam vão para os quartos dos fundos e não saem mais. Tem um coitado que apagou no sofá e seus amigos estão escrevendo CUZÃO na sua testa com um marcador permanente. A tevê está ligada no noticiário. Fico paralisado pelas imagens de chamas que consomem alguma cidade. Eu queria poder ouvir o que o âncora está dizendo. Tem apenas a porcaria da legenda, que diz alguma coisa sobre “p ssív l inc do cr m n so”, que acho que significa “possível incêndio criminoso”. Na cena, caras de bigode com óculos espelhados e bonés de beisebol tomam notas. Alguém muda para o canal de luta livre.

Eu empurro a porta de tela e saio no jardim da frente, que está basicamente deserto. Aqui você consegue ver as estrelas. Um gnomo sorridente como o das fotos do meu pai vigia a área, parado em cima de uma pedra de jardim. Esse deve ter uns noventa centímetros de altura, cabelo e barba branca, bochechas vermelhas, um capacete de *Viking*, calça marrom e uma cota de malha.

Eu não faço ideia de onde estou ou de como vou voltar para o hotel. Ainda bem que Gonzo tem sono pesado, pois se ele acordasse e percebesse que está sozinho teria um mega-ataque de pânico. Dou um passo para trás e, sem querer, derrubo o gnomo de jardim.

— Desculpa aí, baixinho — eu digo, botando-o no lugar.

— Eu prefiro se você não me chamasse de “baixinho”.

O fumo deve ser melhor do que eu pensava, pois posso jurar que ouvi o gnomo falando alguma coisa.

— Perdão, mas por acaso você acabou de...

— É pejorativo. Eu não o chamo de magrelo, chamo?

Putá que o pariu, estou falando com um gnomo de jardim. Um carro passa disparado e arranca um espelhinho lateral de um sedan. Eu olho a minha volta, mas não encontro ninguém que possa servir de testemunha.

— Você viu isso? Ele nem parou — o gnomo de jardim diz sem desmanchar o sorriso feliz. — Esse bairro está indo pras cucuias.

— Quem... Quem é você? — eu digo, engasgando.

— Meu captor, o homem que me roubou de uma república de estudantes, me chama de Zangado. Óbvio que ele é o tipo de cavalheiro muito bem educado que mijá em mim quando chega em casa bêbado, então é isso.

— Certo, você não gosta do nome Zangado. Você quer que eu te chame do que, então? — eu pergunto.

— Ah, essa é uma questão de identidade, *ágætr*. Quem você seria se não soubesse quem você é? Como você dá um nome para a sua alma, sua *sjálfr* essencial?

— Não me pergunte. Meus pais me deram o nome de Cameron por causa de um ator que eles gostavam.

— Exatamente. Atribuíram a você uma identidade desde o seu nascimento. Daí você passa o resto da vida dando voltas em torno disso pra ver se realmente serve. Você experimenta várias identidades diferentes e abandona tantas quanto, mas no fundo a coisa toda tem a ver com demolir essa falsa armadura, chegar ao que é verdadeiro.

— Que seria?

— Eu não sei — diz ele com uma voz preocupada. — Mas eu posso te dizer o que não é. Não é ficar parado no jardim dos outros, sorrindo com bochechas rosadas enquanto os cachorros vêm te fungar, achando que você é um poste onde eles podem cagar. Não é adolescentes te sequestrando no meio da noite, te levando em viagens em que batem fotos sua em frente ao Matterhorn, no Velho

Fiel ou num acampamento do KOA[28] só pra tirar um sarro. Não é o carteiro te chutando só por diversão. Não é isso.

— Sinto muito. Eu nunca passei uma festa conversando com um gnomo de jardim. Aliás, não estou convencido de que você não é uma alucinação.

— Eu te dou a minha palavra de que sou tão real quanto você. Você perguntou meu nome — sua voz fica mais grossa, majestosa. — Eu sou Balder, filho de Odin, irmão de Höðr, amigo de todos.

— Balder, ele não era um deus nórdico? — eu pergunto, lembrando de todas as histórias que minha mãe contava para eu dormir.

— De fato! — ele diz, parecendo contente. — Eu sou, ou fui. Um dia, numa outra época, num outro mundo. Mas Loki, o traiçoeiro, me amaldiçoou e eu me encontro nessa forma impostora, forçado a ficar viajando eternamente pelos nove mundos de *Yggdrasil*, na posse dos outros até que eu consiga encontrar alguém que consiga entender, que tenha visão para enxergar a minha verdadeira natureza. Você é essa alma, e agora você vai me guiar até *Ringhorn*.

Essa história toda faz com que eu comece a me perguntar se não seria melhor eu tomar um remédio bem forte agora mesmo.

— *Ringhorn* é o nome do meu navio, que espera por mim. Se eu conseguir chegar até o mar, até *Ringhorn*, venço a maldição e estarei livre. Finalmente estou sentindo que o vento da sorte mudou, graças aos deuses.

Um cachorro vem fungando pela grama. Ele dá uma rápida conferida em Balder, ergue a perna e se alivia em cima dele antes de sair trotando.

— Você poderia ligar a mangueira, por gentileza? — ele pergunta com um suspiro pesado.

Eu encontro a torneira da mangueira, coloco em fluxo médio e sigo a serpente verde de borracha de volta até Balder. Com o dedo no bocal, para que jorre como um chuveiro de verdade, eu lhe dou uma boa lavada. Por fim, entre cuspidas, diz ele que está bom e eu desligo.

— Espera aí — eu digo, correndo em direção à casa. — Não saia daí.

— Engraçadinho — ele resmunga.

Na cozinha, dois caras brigam perto de algumas garotas seminuas.

— Para com isso! Para com isso, velho! — grita Carbine, puxando um de cima do outro.

Ninguém me vê quando eu pego um rolo de papel-toalha e saio correndo.

— Aqui — eu digo, secando o gnomo.

Eu não creio que estou secando um gnomo de jardim. Ele continua úmido, mas está melhor que antes.

— Obrigado — diz ele. — Você é muito gentil.

Ninguém nunca me disse que eu sou gentil. Egoísta, esquisito, pouco confiável, decepcionante, mas jamais gentil. Não sei bem o que dizer.

— De nada.

Uns caras entram pelas portas de tela e ficam parados ao lado do ar-condicionado, onde eu sei que não conseguem nos ouvir.

— Como você veio parar aqui? Que truque do destino possibilitou esse nosso encontro? — Balder pergunta.

Eu dou de ombros:

— Alguém me convidou pra uma festa. Agora eu não sei como voltar pro hotel.

— Você tem dinheiro?

— Um pouco — eu digo.

— Humm... Bem, normalmente eu não cogitaria roubar — ele reflete. — Mas o imbecil que mora aqui guarda o dinheiro das drogas num pote debaixo da cama.

— Sei não... Carbine tem cara de quem é capaz de me matar sem sequer alterar a respiração. Acho que prefiro não mexer com ele.

— Eu vou lá — o gnomo diz.

— Sem querer insultá-lo, mas, como é que você vai fazer isso?

— Sou leal àquele que me possui e assumo qualquer forma que meu mestre julgar necessário. Se você assumir a minha posse eu estarei comprometido com você.

— Beleza — eu digo. — O que eu tenho que fazer?

— Encoste a sua mão no meu coração e diga as palavras que lhe vêm ao coração.

Eu coloco a mão no seu peito. É frio, molhado e cerâmico, e eu me sinto o maior idiota de todos os tempos.

— Eu, Cameron Smith, concedo a esse gnomo de jardim e possivelmente Balder, o deus *viking* aprisionado em outro corpo, uso de todas as suas faculdades para que as aplique conforme achar apropriado. E coisa e tal.

Imediatamente sinto um baque contra a minha mão, seguido por outro, um claro som de batida de coração que vai ganhando força e o peito do Balder se aquece. O revestimento de tinta borbulha, dissolve-se e é sugado pelos poros. No lugar surge pele bronzeada. Sua barba vai ficando macia e alguns cachos encostam na gola da sua cota de malha, fazendo com que ele pareça um guitarrista excêntrico de alguma banda texana de blues. Suas bochechas vermelhas e o sorriso pintado se metamorfoseiam num sorriso bastante real e largo. Os olhos azul-acinzentados piscam, maravilhados, e dois trilhos de lágrimas descem pelas bochechas vermelhas e desaparecem em meio a sua barba espessa. O gnomo de jardim está tão vivo quanto eu.

— Puta que o pariu! *Ragnarok*! — eu digo quase perdendo o ar.

— Nobre Cameron, eu estarei eternamente em dívida com você — diz ele com uma pequena medida rígida.

Ele seca o rosto. Noto um olhar travesso.

— Agora eu vou te ajudar. A janela do quarto do Carbine fica na lateral da casa, a minha direita. Se você me der o que vocês chamam de “empurrãozinho” eu posso entrar engatinhando, faço a pilhagem e retorno com o dinheiro. Seria melhor se você me carregasse quando a gente for passar pelos demais, e eu me “finjo de morto”, para não levantar suspeitas. Vamos logo!

Quando eu era criança eu imaginava várias possibilidades diferentes para a minha vida. Eu seria astronauta, talvez cartunista, um explorador famoso ou um astro de rock. Jamais me imaginei parado debaixo da janela de uma casa que pertence a um drogadinho chamado Carbine, esperando para que seu gnomo de jardim roube a sua reserva secreta para que eu possa pagar um táxi de volta a um hotel de quinta categoria onde meu amigo — um anão neurótico e obcecado mórbido — esperaria por mim para que pudéssemos pegar

a estrada e ir para algum lugar indefinido onde encontraríamos um misterioso Doutor X, que por sua vez teria condições de me curar da doença da vaca louca e impedir que um bando de energia negra destruía o universo.

Cinco minutos depois de tê-lo ajudado a entrar, o gnomo volta a aparecer na janela com um enorme maço de notas amassadas na mão.

— Sinto dizer, mas acho que ainda estou um pouco enferrujado. Segura as minhas pernas! — ele diz, passando do sussurro ao grito.

Eu o ergo e ele coloca as notas na minha mão.

— Peguei tudo, três mil dólares, só pra garantir.

— Nossa — eu não consigo tirar os olhos daquela dinheirama.

— Rápido — adverte Balder.

Eu enfio as notas no fundo dos meus bolsos.

— Eu me sinto meio mal de estar fazendo isso.

— Não se sinta — diz o gnomo.

Ele sai saracoteando com suas pernas trêmulas em direção ao jardim.

— A fortuna dele tem má procedência, e uma vez ele me travestiu com roupas de piranha e postou fotos na internet, num site fetichista chamado Gnomos Depravados. Eu nem consigo expressar adequadamente o trauma que foi. Agora... O telefone fica na sala, ao lado da tevê. Eu já vi táxis vindo aqui antes. Táxi Provincial, 0-800-333-1111. Depois de tantos sequestros eu aprendi a importância de prestar atenção nessas coisas.

— Valeu — eu digo.

— De nada.

Depois que faço o telefonema eu saio e vejo que os caras que estavam fumando o baseado agora estão reunidos em volta do Balder.

— Ei, cara, aposto que esse baixinho aqui daria uma boa bola de futebol ou um bom alvo.

A expressão no rosto de Balder é uma mistura de pavor e simples tédio. Se bem que aposto que se ele tivesse uma oportunidade ele acabaria com esses caras.

— Eu não faria isso — eu aviso.

O cara que está mais perto do Balder grita:

— Ah, é? Por que não? Vai encarar?

Que lindo. Uia, espero que sejamos amigos para sempre.

— Nem, cara. É que eu acabei de ver um cachorro enorme vir aí e dar um mijão nele.

Rapidamente ele dá um pulo para trás e os outros caras riem e trocam cumprimentos de *high-five*.

— Uau, cara! Essa foi por pouco. Mijo de cachorro!

Alguém enfia a cabeça para fora da porta.

— Ei! Está passando *O hotel do serra elétrica* na tevê! Chega aí.

— Beleza! Canibais! — grita o cara, correndo e cambaleando para a casa.

Balder solta o fôlego que estava segurando. Faz uma medida.

— Isso que você fez foi muito gentil. Você é realmente nobre.

Com a cota de malha e o capacete pontudo, ele me lembra um pequeno e estranho cavaleiro da corte.

— Por favor, permita que eu leia a sua sorte nas runas.

— Como?

— Runas — diz ele, tirando uma pequena algibeira de couro do bolso. — Nós, do Norte, as usamos como ferramenta de proteção e adivinhação.

Ele me oferece a algibeira.

— Escolha uma.

Eu pego uma pedra macia com um “R” esquisito gravado.

— Ah... — diz Balder, radiante. — *Raido*. A runa dos viajantes, pois significa que uma viagem será realizada. Será uma viagem importante e você não terá como evitá-la.

Ele guarda a algibeira.

— Você pode precisar dos serviços de um guerreiro. Eu teria o maior prazer em participar de uma batalha ao seu lado, caso você queira me levar consigo na sua viagem.

Ele me lança um olhar esperançoso.

Como vou explicar isso para Gonzo? Meu táxi encosta no meio-fio. O motorista buzina uma vez. Eu me levanto e espano a grama da minha calça jeans.

— Muito bem, o lance é o seguinte: eu estou viajando com um amigo, Gonzo. Você vai ter que conversar com ele também, pois ele

já acha que eu estou ficando louco, e a última coisa que preciso dar a ele é mais munição nesse sentido. Entendeu?

— Perfeitamente.

— Estamos indo pra Flórida. Lá tem praia. Não sei se o seu navio estará esperando por você ou não. Digo, não posso garantir nada, mas é uma tentativa.

Dessa vez ele faz uma mesura mais baixa.

— Os deuses realmente me enviaram um homem sábio. Vou honrar seus desejos e exijo apenas uma condição.

— Qual?

— Você e seu amigo não devem tirar nenhuma foto minha sem autorização. Eu não desejo aparecer nas suas páginas de internet posando em frente de nenhum monumento nacional nem perante sinalizações dúbias com alguma legenda obscena embaixo. Estou farto desse tipo de coisa.

Sua expressão é de quem não está de brincadeira.

— Entendi — eu digo.

Eu o pego nos braços como um bebê. No caminho para o carro Balder, dá uma última olhada na rua sem saída, o jardim cheio de mato, o canteiro de pedras cheio de bitucas, os carros alinhados no quarteirão feito guardas. Ele dá um aceno sutil, e eu fico com a impressão de que talvez ele vá sentir saudades desse lugar no final das contas, mas então ele dobra os dedos lentamente até que apenas o do meio permanece em pé.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Em que eu descubro que duas pessoas de baixa estatura juntas podem virar uma enchecção de saco, e por pouco não morremos no Kafeteira Konstante

Gonzo acorda de mau humor. Ele não está feliz por eu ter ido a uma festa sem convidá-lo, e por eu não ter dinheiro trocado para a máquina de refrigerante. Ele não está feliz de ter de levantar antes do meio-dia, pois o Mister Motel — apesar de ser conivente com os tipinhos que se hospedam aqui — é bem rígido quanto à política de saída às onze horas, e eu me recuso a pagar mais uma diária inteira para que Gonzo possa dormir até mais tarde. Mas depois que eu lhe apresento Balder, o gnomo de jardim *viking* falante, Gonzo fica enfezado por uma série de outros motivos.

— Eu só quero conferir isso mais uma vez, velho: estou tomando café da manhã com um gnomo de jardim — diz ele assim que nos acomodamos num banco no Kafeteria Konstante, convenientemente localizado à direita do Mister Motel.

Ele ainda não tocou no seu café da manhã.

— Eu sou Balder, deus da sabedoria, segundo filho de Odin — explica Balder entre golinhos de chá.

Ele está espremido num canto, onde ninguém consegue vê-lo comendo.

— Tudo bem, você é um gnomo de jardim psicótico — diz Gonzo.

— Não vamos falar sobre psicose — eu peço, dando uma olhada à minha volta.

Tenho certeza que todo mundo aqui já reparou na gente: o adolescente agitado, o anão rabugento e gnomo de jardim falante. Mas, não, as pessoas estão na delas, mandando bala nas misturas de carne bovina em conserva com ovos. É meio engraçado e triste ver que as pessoas nunca realmente reparam no que está

acontecendo, como a própria Dulcie disse certa vez. Eu me pergunto se voltarei a vê-la algum dia.

Balder estreita os olhos.

— Você não acredita em mim.

Gonzo finalmente espeta o garfo num ovo viscoso.

— Hum, vamos ver. Bem... Não, eu não acredito que um gnomo de jardim possa ser um deus *viking*. Talvez eu seja maluco.

— Gonzo... — eu começo a dizer.

Mas Gonzo ergue as mãos e faz um “T”, indicando que é para eu dar um tempo, e se volta para Balder:

— Vamos parar de bobagem e vamos tratar de ser honestos. Você é um *gnomo*. Eu sei disso, você sabe. Assuma logo, velho. Pare de se odiar.

— Muito bem, vou provar que sou Balder — diz ele, entregando uma faca de manteiga para Gonzo. — Perfure-me com essa espada; pequena, porém digna.

Gonzo para de mastigar. Ele abre a boca cheia de uma maçaroca nodosa de ovo e torrada.

— Você está pedindo pra eu te esfaquear com essa faca de manteiga sem corte?

— Quero que você tente me matar — explica Balder. — Fazer com que meu sangue flua como o *Leiptr*.

— Cara, eu estou comendo — reclama Gonzo.

Balder sorri:

— Não se preocupe, ninguém pode me ferir. Esse é o poder de Balder, o Grande.

— Olha só... — Gonzo começa a dizer.

Sem aviso prévio Balder se lança em direção à faca na mão do Gonzo. A lâmina some na sua barriga redonda.

— Aaahhh! — grita Gonzo.

Algumas cabeças se viram em nossa direção. Eu uso meu próprio corpo para impedir que alguém veja Balder.

— Dá pra vocês sossegarem? — eu sussurro entre dentes cerrados.

Com todo o cuidado Balder puxa a faca da sua pele e a coloca na mesa. Está completamente limpa. Gonzo está branco.

— Velho, você está me assustando.

Eu encosto a mão na barriga do Balder. Nenhum ferimento.

— Como você fez isso?

— Eu sou imortal — Balder toma um gole de chá. — Porque, depois que eu tive um sonho assustador onde eu era assassinado, minha mãe, Frigg, viajou até o inferno pra pedir proteção pra mim. Ela consultou todo mundo na área e fez com que cada um jurasse que não me atacaria. Todos fizeram o juramento, exceto um pequeno arbusto de visco, que era jovem demais para fazer tal promessa. E assim eu recebi proteção.

Eu lembro vagamente da minha mãe me contando essa história. Quando ela contava tinha alguma coisa diferente, mas não consigo lembrar. Essas coisas estão sumindo da minha cabeça, arquivos perdidos que não consigo localizar. Minha mãe. Se ela estivesse aqui, agora, estaria reclamando sobre o nome Kafeteria Konstante. Decerto ela diria à coitada da garçonete que a palavra *Constant* não devia ser escrito com “K” e que eles estão contribuindo para a “erosão da educação”. Esse tipo de coisa sempre me deixava constrangido em relação à minha mãe. Eu me sinto mal por não telefonar. Ela deve estar enlouquecendo. Eu pego a caixinha de giz de cera que eles dão de cortesia e começo a desenhar no guardanapo.

— As pessoas ficavam tentando me matar só por diversão. Jogavam pedras e dardos, até lanças — diz Balder, rindo. — Eu continuava incólume.

Gonzo passa um centímetro de manteiga na torrada.

— E eu que achava que queimada era um jogo sádico. Eu detestaria ter que fazer uma aula de educação física com os *vikings*. “Ei, Timmy, desvie da lança e.... ah, foi mal aí, Timmy. Olha só, você não precisa de dois braços, no fundo não precisa”.

— Posso terminar? — pergunta Balder, obviamente incomodado.

Gonzo alcança por cima dele o pote de geleia.

— Eu achava que você já tinha terminado.

— Quando um guerreiro *viking* morre, fazem uma pira sobre uma embarcação imensa, colocam-no lá dentro e o enviam ao *Valhalla*, o salão dos deuses na vida eterna. É uma morte muito digna.

Gonzo vira os olhos.

— Ser queimado? Ah, sim, parece superdivertido. Passa o *ketchup*, por favor?

— Eu não espero que você entenda — diz Balder. — Você não é nobre.

— Eu topei vir nessa viagem, não topei? Eu não precisava ter vindo. Cameron, explica pra ele que eu não precisava vir.

— Você não precisava vir — eu digo.

Gonzo aponta para mim com o garfo como que dizendo: “está vendo, cuzão?”

Balder dá uma boa encarada em Gonzo:

— Você é muito pequeno, não é?

Gonzo estreita os olhos e aperta o garfo com mais força.

— Eu acho que você não está em posição pra discutir o tamanho de ninguém, né, velho?

— Não é uma questão de tamanho. É uma questão de estatura. Nas minhas viagens, eu aprendi cinco línguas. Sou versado em ciências, arte, música.

Gonzo o encara:

— Velho, você é um porra de um gnomo de jardim!

— Anão — resmunga Balder.

— Poste de mijo!

— Ignóbil.

— Pelo amor de Deus, será que dá pra parar de brigar e comer em paz? — eu digo com um suspiro.

Eu não estou me sentindo bem. Minha cabeça lateja e minha barriga dói. Não acho que seja a CJ, é apenas uma ressaca normal. Eu olho para o guardanapo, onde risquei o “K” de Konstante e o substituí por um “C”.

— Eu já volto — eu digo.

— Aonde você vai? — pergunta Gonzo, parecendo apavorado.

— Eu já volto. Vocês dois fiquem aí... tentando se conhecer. Fiquem amigos — eu digo.

Balder oferece a faca de manteiga para Gonzo.

— Talvez você queira me esfaquear novamente?

— Cameron, não me larga aqui com esse gnomo de jardim maluco! — implora Gonzo.

Mas eu já estou em pé.

No fundo do restaurante, perto do banheiro masculino, tem um orelhão. Eu insiro as moedas que tenho e faço o telefonema. Toca quatro vezes e cai na secretária eletrônica. Ouço a gravação familiar da minha mãe:

— *Oi, aqui é Mary Smith. No momento não posso atender porque devo ter sido sequestrada por grifos. Mas se você deixar seu nome e número eu retorno sua ligação com a mesma velocidade com que Hermes retornaria.*

Há uma pausa, e então ela pergunta para mim:

— *Cameron, deu certo? Ai! Ainda está gravando! Ai meu Deus...*
— e a sua risada é cortada.

Eu achava essa gravação muito irritante — minha mãe tão avoada e tipicamente mãe. Mas agora escutar a sua voz é a melhor coisa do mundo, como acordar e perceber que não tem aula. Ouço um *bip* e minha barriga aperta.

— Hum.... oi, mãe. Sou eu, Cameron. Bem, isso você já deve ter percebido — eu digo, soando como o maior idiota da face da Terra.
— Em todo caso, eu estou bem. Primeiro eu queria lhe dizer isso. E, sabe o que mais? Nunca deixe de dar notas naquelas redações idiotas porque caso contrário daqui a pouco estaremos abastecendo nossos carros na rodovia I-10 e tomando K-F-É na Kafeteria Konstante, com dois ks. Sério, as palavras precisam de você. Você faz diferença. Muita. Bem, tenho que desligar, pois os grifos estão aqui e você sabe como eles odeiam esperar. Amo você — eu acrescento rapidinho e desligo.

Eu me viro e trombo com alguém lendo o jornal.

— Desculpa — eu resmungo.

— Na boa — diz uma voz familiar.

Dulcie baixa o jornal. Seu cabelo cor-de-rosa está preso em cachos curtos e apertados que balançam quando ela meche a cabeça.

— Cada coisa que as pessoas botam nesses anúncios de classificados!

— Dulcie! Onde você estava?

— Você disse que queria ficar sozinho.

— Sim — com a ponta do pé eu acompanho uma rachadura no chão. — Desculpa. Prometo que daqui pra frente não vou mais bancar o idiota.

— Não faça promessas que você não vai conseguir manter — diz Dulcie, rindo.

Como um par de cachorrinhos eufóricos suas asas levantam e se espalham até tocam as paredes no corredor estreito. Eu olho ansiosamente para o restaurante.

— Não seria melhor recolher um pouco dessas asinhas?

— O quê? Essas aqui? — ela alisa as asas para que eu possa ver a pintura do dia, um mural de arco-íris. — Não se preocupe, as pessoas só veem aquilo que querem ver.

Na mesma hora uma senhora entra correndo no corredor estreito e pergunta a Dulcie se ela está na fila para o banheiro. Dulcie balança a cabeça e a mulher entra sem pestanejar.

— Só por curiosidade, o que foi que ela viu?

Dulcie dá de ombros.

— Vai saber... E aí, tudo belezinha em Cameronlândia? Faz tanto tempo...

— É. Foram dias estranhos.

Eu lhe conto sobre quando perdemos o ônibus, sobre ISAPELBO, a festa e Balder.

— *Eu sou especial, você é especial...* — Dulcie canta.

— Como você conhece...

— Acho que está no CD dos maiores *hits*. “Ótimo e especial” — diz ela num triz. — Em todo caso, eu estive pensando... Eu sei que você disse que era pra eu te deixar em paz, mas não acho que seja uma boa ideia. Cameron, você precisa de mim.

— Eu preciso de você? — eu tento pensar numa resposta, mas a verdade é que eu estou feliz em vê-la.

— Tem geleia de uva na sua bochecha — diz ela, limpando. — Ah, outra coisa. Acabou de surgir um lance.

— Surgir onde? Na Central Angélica?

Dulcie não responde.

— Nossa, vocês trabalham em baias? Têm gerentes e um anjo irritante que bebe todo o café, mas nunca se lembra de fazer mais?

Dulcie me dá um soco no braço, de brincadeira.

— Muito engraçado, Cameron. Sabe, eu adoraria poder te contar tudinho, mas, infelizmente, depois eu teria que te matar. Em todo caso... isso acabou de chegar. É uma gravação recente do Doutor X.

Ela pega um tocador de MP7 e liga. Rola um vídeo granulado. Um cara com um jaleco numa sala branca. É vagamente familiar.

— Espera aí, eu já vi isso antes! Na noite em que os Gigantes de Fogo apareceram eu fiz uma busca na internet e caí nisso. Eu cheguei no Doutor X.

— Tudo está conectado — diz Dulcie baixinho, aumentando o volume.

A qualidade é uma bosta; entra um chiado depois de uma dada quantidade de palavras:

— ... *Tão perto de encontrar respostas... psssttt... A passagem do tempo é uma ilusão... psssttt... não existe, ou melhor, nós vivemos em todos os tempos, sempre. ... psssttt... como se pudéssemos alcançar e tocar o que veio antes, o que ainda está por vir... psssttt... e a parte mais importante de tudo... pssstttttttt...*

De repente o vídeo pula para outra coisa. É como se tivessem trocado de canal e caímos no meio da filmagem das férias de alguém, cenas tremidas de pessoas caminhando, sons de multidões, música alegre, personagens de desenho animado em trajes de pelúcia, acenando. A câmera encontra um portão decorado com planetas coloridos e equipamentos. Na placa: TERRA DO AMANHÃ — O FUTURO QUE NUNCA FOI. O vídeo congela e aparece um pequeno triângulo: assista novamente.

— O que aconteceu? — eu pergunto.

Dulcie suspira.

— Desculpa. Só de ter conseguido isso já foi muita sorte.

— O que ele quis dizer com esse papo de “o tempo não existe”? Tipo, digo, que tal, “Ei, eis aqui a cura que você precisa. Ah, e deixa eu explicar a você como se faz pra fechar o túnel do tempo-espaco e salvar o universo. Vire à esquerda no Alabama que vai dar tudo certo”.

— Sinto muito, Cameron. Eu sei que isso é frustrante.

— É mesmo?

— E eu não quero dificultar as coisas, mas acho que agora o nosso relógio está mais acelerado. Se o Mago alcançar o Doutor X

antes de você, ele o empurrará pela passagem, e daí acaba tudo.

— Que maravilha — eu digo.

Ela morde o lábio inferior.

— Você conseguiu encontrar algum sentido nisso? Entendeu alguma coisa?

Eu balanço a cabeça.

— Nada.

A expressão no rosto da Dulcie é indecifrável.

— Tá. Bem, vou ver o que mais eu consigo descobrir sobre Doutor X. Vá em frente, vá atrás de qualquer sinal que você encontrar.

— Quer dizer que você vai sumir de novo?

— Estarei aqui sempre que você precisar.

Ela dá um sorrisinho abobalhado, e eu tenho vontade de pedir para que ela não vá, para ficar e conhecer a turma, comer umas panquecas com a gente. Quero dizer algo legal, algo para que ela continue sorrindo, mas não consigo pensar em nada.

— *Você é a vaca do meu contentamento* — eu digo, sem saber o que significa, citando uma frase em português de uma canção do Grande Tremolo.

Dulcie me olha de um jeito estranho e solta uma gargalhada.

— *You are the cow of my contentment* — Dulcie diz em inglês. — Nossa, fiquei sem palavras!.

— O que você disse é o significado da frase?

— Lamento informar.

— Ah, eu sabia.

— Claro que sabia.

Ela para de rir e se encolhe, os olhos esbugalhados.

— O que foi? — eu pergunto, acompanhando o seu olhar até a entrada do restaurante.

Não vejo nada de estranho. Vejo uma *hostess* atrás do caixa, parada ao lado de uma pilha de cardápios. Pessoas pagando. Um fulano com uma camiseta do Atacadista Globos de Neve Unidos que entra empurrando um carrinho cheio de caixas. Um homem cutucando os dentes com um palito. Assistentes de cozinha e garçonetes correndo de um lado para o outro com bandejas e bacias cheias de pratos e talhares. O fulano entrega as caixas e a recepcionista as abre. Ela tira um globo de neve de dentro de uma

das caixas, depois o sacode lentamente antes de colocá-lo numa prateleira alta acima da caixa registradora.

— Dulcie?

— Não é nada — diz ela com uma voz débil. — A gente se vê, caubói. Tó o jornal. E, Cameron... Cuidado!

E assim, do nada, ela some.

— Ei, você esqueceu o seu MP7! — eu digo, mas ela não se materializa.

Dou uma rápida olhada no jornal da Dulcie. Encontro a tradicional bagunça do incompreensível com o ridículo, mas encontro, sim, um anúncio de passagens baratas para a praia de Daytona. Interpreto isso como um sinal de que estamos no caminho certo, se bem que, para dizer a verdade, é tão certo quanto qualquer outra coisa aleatória a que eu queira conferir significado: desenhos animados, Grande Tremolo, o modo como Staci Johnson balança seu rabo de cavalo. Eu aliso aquele simulacro de bússola do Junior Webster, o papel em que está escrito PARA A VIDA. Eu o dobro com cuidado e o guardo de volta no bolso junto com o MP7.

Quando volto ao salão vejo que está rolando uma espécie de briga. As pessoas estão reunidas, assistindo e torcendo.

— O que está acontecendo? — eu pergunto para o cara ao meu lado.

— Algum tipo de promoção de luta livre, acho. É divertido, isso eu te digo. Esses baixinhos são danados, pode crer.

— Baixinhos? — eu engasgo.

Ai, não, eles não podem ter...

— Com licença, com licença! — eu digo, abrindo passagem.

Balder está em cima da mesa, e as pessoas estão alinhadas, jogando tudo quanto é tipo de coisa em sua direção: facas, garfos, xícaras de café, pedras. Uma menininha lança um *waffle* que quica da sua barriga redonda feito um bumerangue esponjoso.

— Dois dólares por jogada! Todos podem participar! — grita Gonzo.

Ele corre no meio da multidão, arrecadando dinheiro com o capacete *viking* do Balder.

— Ninguém consegue me ferir, pois eu sou Balder...

Uma faca entra no seu braço, mas ele continua.

— Filho de Odin...

Um garfo se aloja em seu crânio.

— Irmão de Hoor — diz ele, arrancando a faca e o garfo. — Imortal.

— Ah, é? Vamos ver se é mesmo — um cara com uniforme de segurança de *shopping* puxa o revólver e atira no peito do Balder.

A multidão perde o fôlego. Em vez de cair, Balder faz uma dancinha.

— *Boo-ya!* — ele grita.

Acho que é norueguês.

— Não acredito — diz o segurança do *shopping*.

Todos aplaudem e dão vivas.

— Dois dólares — Gonzo insiste, embolsando grana do atirador.

— Ok, acabou o espetáculo! — eu anuncio, corro até lá e arranco Balder de cima da mesa. — Vocês foram ótimos. Voltem pra ver o nosso show na arena do Monster Truck[29] nesse fim de semana. Obrigado. Muito obrigado. Obrigado.

Enquanto os clientes voltam às suas mesas, eu dou uma boa encarada nos dois, Gonzo e Balder.

— Legal o jeito que vocês encontraram para *não* chamar atenção.

— Foi ele quem começou — resmunga Gonzo.

Balder faz uma das suas medidas cavalheirescas:

— Não foi minha intenção arrumar confusão, Cameron, o Nobre.

— Quando eu falei pra ficarem amigos estava me referindo a contarem histórias, trocarem umas piadas de peidos, desenhar garçonetes de bigode. Não era pra dar escândalo.

— Mas veja quanta grana a gente conseguiu — diz Gonzo mostrando o capacete do Balder cheio de dinheiro.

Os dois estão tão empolgados que é impossível continuar bravo com eles.

— Tudo bem, beleza. Mas não façam isso de novo. Olha, vamos pagar a conta e...

Eu sinto um fedor acre que faz meus olhos lacrimejarem. Algo familiar.

— Vocês estão sentindo esse cheiro? — eu pergunto, os pelos dos meus braços já arrepiados.

— Que cheiro? — pergunta Gonzo.

Uma fumaça preta e fina serpenteia pelo chão e se enrodilha em volta das minhas pernas, e elas começam a tremer. Parece que meu corpo está pegando fogo. Os músculos da minha garganta se fecham.

— Cara... — eu engasgo.

— Cameron? — pergunta Gonzo com olhos preocupados.

— São eles — eu consigo dizer no mesmo instante em que as portas da cozinha saem voando das dobradiças com a força de uma explosão.

Os Gigantes de Fogo nos encontraram.

— Isso é parte da apresentação de luta livre? — pergunta um homem na mesa ao lado para um amigo.

Uma segunda explosão sacode o Kafeteria Konstante. As pessoas gritam enquanto chove entulho e das paredes chamas são expelidas. Mas eu consigo perceber que são mais que chamas; são homens incandescentes, descomunais, com buracos negros no lugar dos olhos e bocas repletas de dentes afiados e tremeluzentes. São velozes, determinados, impiedosos e espalham caos por onde passam. Serelepes, os Gigantes de Fogo saltam das paredes e aterrissam onde bem entendem, quebrando mesas, chutando cadeiras, detonando o assoalho; tudo que eles tocam vira cinza. Duas dessas criaturas rastejam pelo teto, mordendo — o com os dentes, abrindo buracos imensos na forração acústica, branca e barata. O lugar fica empestado com uma fumaça sufocante. As mães agarram seus filhos; motoristas abandonam a liberdade do “coma à vontade” largando torres de panquecas intocadas; as garçonetes e ajudantes abandonam a cozinha e balcões de café e correm para a saída, gritando de pavor.

— Cameron! Cara! A gente tem que sair daqui! — grita Gonzo, me oferecendo a mão.

Mas eu não consigo me mexer. Minhas pernas não funcionam. A fumaça se abre e o Mago da Condenação reluz com o brilho do fogo, como uma espécie de cavaleiro ciborgue, uma capa preta esvoaçando atrás dele. O bastardo atrevido incorporou uma capa. Ele parece mais alto e mais forte que da última vez que nos encontramos. Meu cérebro diz para eu correr, mas meu corpo não traduz o comando. O Mago aponta bem para mim, e meu estômago

se contorce. Os músculos da minha perna pulam e tremem, enrijecem completamente, e eu me estatelo no chão.

— Cameron! Levanta, velho! — grita Gonzo.

Com o apoio dos meus braços eu me arrasto para debaixo da mesa e trago os joelhos para bem junto do peito, lutando para conseguir um pouco de ar. Do outro lado do restaurante o Mago da Condenação arranca seu traje espacial do peito. No centro, há um enorme abismo negro e sinto que estou sendo sugado para lá.

— Não — eu digo engasgando. — Ainda não.

Eu fecho os olhos, tentando resistir à pressão que contrai as laterais do meu corpo.

Daí eu não sinto mais nada.

Quando abro os olhos estou deitado na grama, piscando por conta da luz do sol. A fumaça sufocante sumiu. Aliás, sinto um cheiro doce no ar. Doce mesmo, que nem flores. Eu dou uma boa inalada.

— Esse cheiro que você está sentindo é de lírios do campo. Uma delícia, né?

— Ahhhhh! — eu grito.

Eu me sento rapidamente e vou andando para trás com a ajuda das mãos, estilo aranha. Meus olhos fazem um inventário rápido: flores, grama, lanternas de papel, sol acima. E a alguns metros de distância está a velhinha do hospital. Ela continua de camisola, com a pulseira de identificação, mas agora ela também está de chapéu de sol de abas largas e um avental com estampa de vaca. Com uma longa tesoura de poda ela retalha coisas em seu jardim.

— O que está acontecendo? Onde estou? — eu pergunto.

A velhinha ri e abre os braços.

— Esse é o lugar que lhe falei, a minha casa à beira-mar.

— Como? Isso é muito louco... Há dois segundos eu estava num restaurante, estava pegando fogo e...

Eu paro e ouço. O barulho do mar. Eu me viro. Atrás de mim tem uma casa de fazenda de dois andares com vista para um mar sereno. As ondas lambem a costa rochosa, indo e vindo, indo e vindo, me deixando sonolento. Sereno.

— Pois eis que já passou o inverno; a chuva cessou e se foi; aparecem as flores na terra; já chegou o tempo de cantarem as aves

e as flores aparecem em nossa terra. A velha para de falar e me observa:

— Tem uma mancha de geleia na sua bochecha, querido.

Eu limpo o rosto.

— Tá, agora é sério, estou começando a ficar com medo.

— Não precisa ter medo — diz ela, e canta baixinho para si. — Copenhagen Interpretation. Eu adoro essa banda! Ouvi dizer que são inuítes.

— Eu... Eu deixei meus amigos no restaurante com os Gigantes de Fogo e o Mago das trevas.

— Agentes do caos — diz ela irritada. — Ah, são tempos assustadores. Tem certeza de que você está bem, querido?

— Estou muito cansado. Só quero dormir.

A velha comprime os lábios enquanto alisa a longa haste de uma erva daninha, tentando decidir em que altura cortar.

— Faça isso. Tem uma cama lá em cima com uma janela com vista pro mar. Muito bom pra dormir. Mas eu achava que você estava procurando aquele médico, o que tem a cura pra sua doença.

— Doutor X? — eu digo murmurando. A ideia de dormir me parece tão boa no momento. — Sim, eu tenho que encontrá-lo. Foi o que Dulcie disse.

A velha corta a haste e a erva daninha se encolhe e morre. Uma outra coisa surge logo em seguida, uma flor azul.

— Bem, você pode ficar aqui se quiser. Descansar um pouco da estrada, ir à praia. Ou a gente pode fazer *waffles*. Eu adoro *waffles*, e você?

— *Waffle* é legal — eu digo.

— Naquele hospital horroroso não tinha *waffle*. Só aquele mingau grudento maldito — diz ela, brava.

— O problema é que eu tenho que salvar o universo, pois é preciso salvá-lo — eu digo, mas estou exausto demais. — Talvez só uma sonequinha rápida.

Eu deito a cabeça na grama macia e durmo. Num certo ponto, eu abro os olhos. Voltei à minha cama no hospital, a tevê mostra o coioote perseguindo o papa-léguas. O chiado entorpecente do respirador e passos no corredor encham meus ouvidos. Volto a dormir, mas no meu sono eu vejo Gonzo e Balder no restaurante,

sozinhos, tentando lutar com os Gigantes de Fogo e o Mago da Condenação, e eu penso: “Fui eu quem os meteu nessa confusão. Não posso dormir. Tenho que voltar.”

Eu acordo assustado. A senhorinha continua cuidando do jardim.

— Está se sentindo melhor, querido?

— Sim — eu digo.

— Já resolveu sobre os *waffles*? — ela pergunta, examinando outra longa vinha, a tesoura pairando acima dela.

— Não sei — eu respondo. — Tenho que encontrar meus amigos.

A senhorinha solta a vinha e escolhe outra.

— Muito bem, fica pra uma outra hora. Ah, querido, eu deixei o regador ali. Você poderia pegar ele pra mim?

— Onde?

Ela aponta na direção dos campos verdejantes.

— Ali, você vai encontrar.

Marcho pela gama alta e a visão de um papa-léguas faz com que eu pare bem onde estou. Ele está ali parado, tranquilo, apenas me observando.

— Ei — eu digo, chegando mais perto. — Olá, amiguinho.

No minuto em que eu me aproximo para tocá-lo, o papa-léguas sai correndo. Ele para a quase cem metros de distância e olha para trás, bem nos meus olhos, como se esperasse que eu corresse atrás dele.

— Eu já estou levando o regador! — eu grito.

A senhorinha segue cantarolando sua música, algo sobre castelos de areia e ninjas. Eu corro atrás do papa-léguas, cada vez mais rápido, esticando os braços para tocar nas suas penas. Tudo que meus dedos pegam é ar, e eu vou para o chão com força, tossindo enquanto a terra enche minha boca que nem fumaça.

— Cameron! Cameron! — Gonzo segura um guardanapo molhado em frente à boca e com a outra mão tenta me puxar de baixo da mesa. — Vamos, *cabrón*, se mexe!

Dou uma tossida forte. Minhas pernas finalmente entendem o comando e eu levanto com força suficiente para levar Gonzo comigo.

— Cadê o Balder? — eu berro.

— Não sei!

— Eu estou aqui!

O gnomo de jardim *viking* mais fodão do mundo está no balcão, ao lado do caixa, usando um prato como escudo e uma faca serrilhada como espada.

— Tenho certeza de que Loki enviou esse mago perverso e seus dragões pra me testar — ele grita. — Não temam! Eu vou acabar com eles e usarei seus ossos pra decorar a minha mesa em Breidablik antes que eles possam lhe fazer algum mal, nobre Cameron!

— Eu também estou aqui, esqueceu?! — grita Gonzo.

— Viva para lutar mais um dia, amigo — eu digo.

Eu o agarro e saio correndo pela porta rumo ao estacionamento esfumaçado.

As pessoas fogem do incêndio do restaurante, buscam um lugar seguro em meio à loucura toda. O céu está estranhamente escuro. Raios atingem as nuvens com rápidos golpes de eletricidade. Uivando, os Gigantes de Fogo alcançam o topo do restaurante e batem no peito, triunfantes. Bem nessa hora um estrondo enorme sacode o estacionamento inteiro e tudo — a Kafeteria Konstante, o Mister Motel, carros e caminhões — é sugado para um buraco negro em torvelinho lá no alto. O céu se fecha. Não resta nada senão chamas, fumaça, espectadores e, curiosamente, a coleção de globos de neve do restaurante.

Do outro lado da rodovia, a clientela apavorada do Kafeteria Konstante acena para os carros, gritando por socorro. Nós corremos o mais rápido que conseguimos, para o mais longe possível, até alcançarmos mais de um quilômetro de distância. Lá longe ouvimos uma frota de caminhões guinchando ao se aproximar da enorme bola de fogo laranja que um dia foi um restaurante. A Kafeteria não é mais Konstante.

Gonzo se aproxima de mim, olhos alucinados. Ele faz um gesto, pedindo um tempo.

— Certo. Pausar o jogo: que caralho foi isso?

Ele está ofegante.

— Das profundezas do inferno — sussurra Balder.

— Aquele cara é o mesmo que nós vimos em Nova Orleans — prossegue Gonzo — O que ele está fazendo aqui com esses acrobatas de fogo malucos? E não venha me dizer que isso tem a

ver com algum antigo músico de *jazz* com dívidas de jogo, pois não vou mais cair nesse papinho de *mierda*.

— Eu... acho que eles estão nos seguindo — eu teria gritado, mas estou morrendo de medo.

Gonzo enfia o inalador tão fundo na boca que eu tenho impressão que ele vai engolir o negócio.

— Caraca — diz ele quando consegue voltar a falar. — Por quê? O que foi que você fez pra deixá-los tão putos? Seja lá o que for, vai lá e pede desculpas!

Balder acaricia a barba.

— Isso é uma traição do Loki, não tenho a menor dúvida. O deus traíçoeiro vive aprontando e cumpre a sua parte para despertar o crepúsculo dos deuses.

— Você está me assustando, homem gnomo! — geme Gonzo.

— Calma, vocês dois. — eu digo.

Mais uma sirene passa por nós lamuriando-se a caminho do incêndio. Eu respiro fundo, tento me acalmar. — Ele se chama Mago da Condenação e aqueles caras que estão com ele são os Gigantes de Fogo. Eles não são deste mundo. Chegaram aqui porque atravessaram a passagem que o Doutor X abriu. São a energia escura que vai destruir o mundo. Eu acho que eles estão nos seguindo porque querem descobrir a localização secreta do Doutor X, pois ele é a única pessoa capaz de fechar o portal. Se eles o pegarem primeiro é fim de jogo pra todo mundo.

Gonzo dá mais uma baforada no inalador.

— É por isso que temos que encontrar Doutor X o quanto antes — eu explico.

— Esse Doutor X consegue consertar a fenda e resolver tudo, como você diz? — Balder pergunta.

— Total — eu prometo.

Gonzo pega a mochila e puxa um frasco de protetor solar com proteção máxima. Ele passa um punhado generoso no rosto, deixando enormes manchas brancas sob os olhos.

— Espera aí, como você sabe que tudo isso é verdade?

— Dulcie me contou.

Gonzo ri.

— Ah, sim, claro. Deve ser verdade porque foi um anjo quem lhe contou, um anjo que *só existe na sua cabeça*! Até onde eu sei, pode ser ela mesma a responsável pelo fim do mundo — diz Gonzo.

— Não é ela.

— Há! — Gonzo começa a enfiar coisas dentro da mochila. — Quer saber de uma coisa? Esquece essa história. Vou ligar pra minha mãe assim que eu encontrar um telefone que funciona.

— Mas ela não existe só na minha cabeça. Ela é real — eu digo, mas não sei se estou tentando convencer Gonzo ou eu mesmo.

— Ah, é? Então por que ela não aparece? — pergunta Gonzo, que leva as mãos à lateral da boca e grita: — Chamando todas as garotas sobrenaturais com asas! Conferência no acostamento da estrada, perto do palácio das panquecas em fogo!

— Vá se foder.

— Se liga! — diz Gonzo irritado. — O que eu estou querendo dizer é que é difícil acreditar nessa loucura toda sem nenhuma provinha sequer.

Prova. O tocador de MP7 no meu bolso.

— Você quer uma prova? Aqui.

Eu pego o aparelho, encontro o *link* e ponho para tocar. Mas no lugar onde costumava estar Doutor X agora só tem um ruído branco, seguido pela filmagem da viagem à Disney. Gonzo solta uma risada de decepção que vem do fundo da garganta. Até Balder está me olhando com uma mistura de preocupação e dó.

— Estava aqui. Eu juro que estava.

Eu aperto o *play* mais uma vez, mas o negócio sumiu. Gonzo me encara com um olhar gelado.

— Eu não precisava vir, mas eu vim. Mas você disse que havia algo pra mim também, e até agora, compadre, foi um montão de problemas e nenhuma recompensa. Me diga por que eu devo continuar.

— Porque Cameron é nosso irmão, nosso amigo, e nós não abandonamos os amigos — grita Balder.

— Valeu, velho — eu digo.

— Não importa que ele tenha perdido completamente o juízo e fale como alguém que merece ser atirado aos cachorros pra que eles o estraçalhem até a morte — prossegue Balder. — Estamos numa

missão. Eu jurei lealdade a Cameron lá naquela rua sem saída. Irei até o fim.

A maneira como diz ele “fim” faz com que eu me sinta todo pimpão por dentro. Gonzo fica ali parado, olhando para o restaurante em chamas lá longe. Ele tem todo o direito de telefonar para a mãe e voltar para o Texas, mas espero que ele não faça isso. A verdade é que eu meio que me acostumei com a sua esquisitice neurótica e eu sentiria saudades se ele partisse. Talvez amizade verdadeira seja isso — se acostumar tanto com uma pessoa que você precisa ser atormentado por ela.

— Vou lhe dizer uma coisa, *pendejo* — diz Gonzo. — É melhor a gente investir em fraldas geriátricas porque se aqueles malucos derem as caras de novo eu vou precisar.

Eu quase o abraço.

— É, então, vamos lá acabar logo com essa energia escura de universo paralelo — ele acrescenta, tentando não demonstrar medo.

— Uma escolha sábia, mas precisamos obter proteção contra esses viajantes de Muspelheim e Niflheim. Vou jogar as runas e ler a profecia deles.

Balder enfia a mão sob a túnica e pega a algibeira de couro. Gonzo faz uma careta.

— Velho, você estava, tipo, com esse negócio aí na sua calça o tempo todo? Tipo, passa um paninho ou alguma coisa antes. Caralho.

Balder balança a algibeira até elas estalarem. De olhos fechados ele pega uma runa, coloca-a no chão irregular. É apenas uma pedra marcada com um símbolo que lembra um “M” usando um sutiã.

— Hummm.... — Balder acaricia a barba. — *Mannaz*.

— O que é isso? — Pergunta Gonzo com o inalador pairando perto da boca novamente. — É sinal de azar? Estamos marcados pra morrer? Fala logo de uma vez, Homem-Gnomo!

— O Homem é um aumento do pó — Balder entoa. — Assim dizem as runas.

— Que caralho significa isso? — pergunta Gonzo.

— Não sei, mas vou invocar uma reza de proteção para a nossa viagem. É tudo que eu posso fazer.

Balder canta alguma coisa numa língua que eu não entendo.

O vento muda de direção, traz o cheiro de terra chamuscada misturado com flores de primavera. Tiras estropiadas de fumaça cortam o céu azul como se fossem garras de uma fera gigante. Não vejo como podemos nos proteger de algo tão totalmente aleatório. Não existe plano possível para algo assim. “Errar é humano” é mais do que um *slogan* de camiseta.

— Então... você acha que isso pode nos ajudar? — eu pergunto, esperançoso.

Balder ajunta as runas, volta a esconder a algibeira.

— Acredito tanto quanto acredito que *Ringhorn* está esperando por mim e que devo retornar ao meu lar e ao salão dos deuses.

Eu suspiro.

— Suas runas dizem alguma coisa sobre o que devemos fazer pra sair daqui?

— Eu não vou aguentar pegar outro ônibus, velho. Me dá enjoo só de pensar — diz Gonzo.

— Bem, como no momento estamos sendo procurados pela polícia, acho que ônibus não é uma boa ideia — eu dou uma olhada a nossa volta, tentando entender onde estamos, mas não tem muito para ajudar: rodovias, complexos industriais sem identificação, postos de gasolina. Uma placa de rua verde e branca aponta o caminho para rodovia Bifrost, sob a passarela.

— Gonzo, quanto você tem de dinheiro?

Ele pega um maço de notas amassadas arrecadadas da freguesia da Kafeteria Konstante e junta àquilo que tem no bolso.

— Quarenta e oito dólares e... vinte e cinco — ele deixa cair uma moeda — vinte e quatro centavos.

Somado ao que resta dos dois mil novecentos e noventa dólares do dinheiro das drogas que roubamos, temos o suficiente para passagens aéreas, sem dúvida. Mas Gonzo não tem documento de identidade. Sem documento de identidade, nada de voar. E como Balder é trambolhudo demais para caber no compartimento interno, teríamos de despachá-lo como bagagem.

Bosta.

Lá no alto, sob o vaivém da rodovia, um arco-íris tristonho brilha sob trechos de fumaça, maculando o céu feito uma mancha de óleo. Desemboca num lugar afastado, perto de estandartes esvoaçantes

de uma revenda de carros. E daí eu me lembro da bexiga laranja no nosso quarto.

— Vamos — eu digo, botando a mochila nas costas. — Foda-se transporte público. Está na hora de comprarmos um carro.

CAPÍTULO TRINTA

Em que compramos um carro e o gnomo ganha um modelito novo

Temos que gastar quinze dólares do nosso precioso dinheiro para pegar um táxi que atravesse as rodovias e nos leve à revendedora de Arthur Limbaud. O lugar é imenso — quilômetros de carros com os preços marcados com tinta nos para-brisas. Se bem que nada é tão barato quanto gostaríamos. Vamos até o prédio baixo de concreto bem no meio do terreno. Está decorado com bandeirinhas coloridas de plástico que rodopiam com a brisa, girando e girando como as pás dos moinhos. Dentro do salão de exposição, carros bonitos e reluzentes ficam posicionados em plataformas suspensas e rotativas. Esses são os carros do tipo “nem olhe porque não somos para o seu bico”. Um homem alto com terno de caubói, botas de caubói e chapéu de caubói caminha vagarosamente em nossa direção. Seu rosto é tão detonado quanto um velho mapa, linhas por toda parte. Ele tem um sólido bigode preto e um palito de dente espetado para fora da boca, que ele manipula com a língua, girando-o para frente e para trás.

— Olá — diz ele, apertando a minha mão com força. — Arthr Limbaud, pronuncia como “o” e não “au”, por sinal. Bem-vindos à Concessionária de Belezuras Limbaud: *Cada carro, uma belezura*, esse é o nosso lema. Posso lhes ajudar, cavalheiros?

— Bem... — eu começo a dizer.

— Vocês estão indo pra algum lugar especial? Deixa-me adivinhar, vocês acabaram de se formar no colegial e agora querem conhecer esse belo país. Acertei?

— Sim, senhor — eu digo, fazendo a minha melhor imitação de escoteiro. — Acertou.

— Bem, que ótimo. Pra onde vocês vão primeiro?

Eu respondo “Montana” ao mesmo tempo em que Gonzo diz “Flórida”.

— É uma viagem longa — eu digo.

— Bem, isso é bom. Muito bom.

Arthur sorri com o palito entre os dentes, que têm cor de mancha de nicotina.

— Que tipo de belezura vocês tinham em mente?

— Nós temos um orçamento limitado — eu digo, torcendo para que ele não ria e nos expulse dali quando descobrir quanto podemos gastar.

— Aqui nós trabalhamos com todo tipo de cliente, filho. Não existe orçamento limitado demais.

— Queremos algo por menos de três mil dólares... — eu digo, vendo o sorriso do Arthur desaparecer —, mais ou menos.

— Três mil, é? — diz ele, soltando um longo assobio que faz vibrar o palito de dente na sua boca.

— Mais ou menos — acrescenta Gonzo.

— Bem, isso dificulta um pouco as coisas — diz Arthur, balançando a cabeça de um jeito triste. — Mas considerando que vocês têm esse sonho de conhecer o país, e como eu mesmo já fui jovem um dia, vamos ver o que posso fazer por vocês. Esperem aí.

— Por que você simplesmente não manda um fax pra polícia com o nosso itinerário? — eu digo para Gonzo quando Arthur entra no seu escritório.

— Desculpa — diz ele.

— Você poderia pegar um daqueles salgadinhos grátis pra mim? — pergunta Balder.

Ele está empoleirado no topo de uma caminhonete brilhante, um estranho híbrido de um enfeite de capô com uma vítima de acidente de trânsito. Eu levo um salgado para ele e um pouco de café preto bem forte, com creme, que deixa manchinhas brancas na superfície. O visual é estranho, mas Balder bebe assim mesmo.

— Não vá passar mal com esse café, gnomo de jardim, pois nós não vamos parar — diz Gonzo.

— Eu pelo menos sou inteligente o bastante para comer a comida grátis antes de pegarmos a estrada.

— Você nem sabe há quanto tempo esse negócio está aí — diz Gonzo, levantando os ombros —, ou quem tocou nisso. São, tipo, pequenas porções de salmonela.

Balder lambe um bocado de requeijão bem do meio do salgado.

— Hum...

Gonzo perde a cor.

— Você é doente.

Arthur volta. Eu pego Balder e meto o resto do salgado na boca. Sinto-o suspirar debaixo do meu braço.

— Beeem, guris, nunca deixem alguém dizer que Arthur Limbaud não trabalha pelo seu sustento. Eu consultei meus arquivos e por acaso tenho um carro que pode dar certo, um veículo muito especial. É um Cadillac reformado, conhecido como o Cadillac Rocinante. Guris, hoje em dia não fazem mais carros assim. Digo, ele deixou de ser fabricado em sessenta e oito. É um carrinho especial, ah, é sim. E pode ser seu por... quanto mesmo vocês disseram que podem gastar? Quatro mil dólares?

— Três mil — eu refresco a sua memória.

Arthur aponta o palito de dentes para mim.

— Um negociante esperto. Gosto disso. Três mil dólares será.

O rosto seco e rachado de Arthur M. Limbaud se abre num sorriso que faz os pelos curtos e pretos do seu bigode ficarem em posição de sentido.

— Filho, é um negócio da China.

Isso significa que certamente vamos comprar uma joça que ninguém mais teve coragem de chegar perto. Não me importo que o carro esteja remendado com cuspe e elástico. Eu só preciso de um carro que custe menos de três mil dólares e que permita que a gente chegue vivo na Flórida.

— Parece legal — eu digo. — Podemos vê-lo?

— Estamos chegando lá, peão! É todo um processo — Arthur passa o braço nas minhas costas. — Sabe, filho, quando eu vendo um carro pra alguém é como se estivesse vendendo um pequeno pedaço de mim. Eu sou como um pai para eles. Então, considerando que é assim que eu me sinto, vou tomar a liberdade de te dar um conselho de pai pra filho. Está preparado?

— Sim, senhor.

Arthur gira o palito de dentes durante uns bons dez segundos. Com os dedos manchados de tabaco ele o tira da boca e me espeta.

— Um carro é como uma mulher. Se você tratá-la direito, lhe der aquilo que ela precisa, ela vai levá-lo onde você quiser e não vai te dar trabalho algum. Mas se você tratá-la mal ela lhe deixa na mão, entende?

É isso? Esse é o conselho de pai para filho? Jesus.

— Sim, senhor. Entendi.

— Bom, muito bom — ele aplaude, então esfrega as mãos: — Muito bem, então. Vamos ver a sua beleza.

Ele nos guia através das fileiras de carros reluzentes com as bexigas laranjas promocionais amarradas nos limpadores de para-brisa. Gonzo olha esperançoso para cada carro, esperando que o próximo seja o tal. Eu estou segurando Balder nos braços.

— O que é isso aí, o seu mascote? — pergunta Arthur, apontando para Balder.

— Mais ou menos — eu digo.

— Fulaninho simpático ele.

Arthur dobra uma esquina e chegamos num segundo pátio escondido atrás de uma oficina mecânica. Aqui os carros são como crianças que nunca conseguem ser adotadas naqueles programas de tevê, as que passaram a vida presas em orfanatos na Romênia. Arthur nos leva até o fundo do pátio, onde tem uma banheira estacionada. A cor é uma espécie de dourado pintado por cima de um azul-clarinho, com amassados na porta do passageiro. No capô, onde originalmente devia haver algum emblema, há um enorme par de chifres de gado. Foram acoplados à dianteira do carro com arame. Fica parecendo que o carro tem bigode.

— Cavalheiros, o Cadillac Rocinante! — diz Arthur, puxando a porta do passageiro com um chiado estridente.

— Podem entrar. Sintam o carro, guris.

Nós entramos e nos acomodamos nos bancos de vinil rachado. Em alguns lugares a espuma do estofamento está aparente. Esse carro corresponde à sarna dos carros. Uma caixa de som turbinada foi acoplada ao painel pelo proprietário anterior. Mas a direção me passa uma impressão de solidez, e eu adoro a sensação de

enxergar além dos chifres de boi, ver o sol reluzindo em lampejos nos capôs dos outros carros. Arthur me entrega as chaves.

— Pode ligar.

O Rocinante rosna, chia, sacode e finalmente começa a funcionar com um ronronar. Eu nunca tive um carro.

— O que lhe parece? — grita Arthur por cima do barulho do motor.

— Demais — eu digo, curtindo a vibração sob meus dedos.

— Belezura — diz Arthur. — Vamos cuidar da papelada, então.

Relutante, eu desligo o motor e saio do carro. Arthur toma as chaves novamente.

— Eu só vou precisar da sua carta de motorista e da assinatura de um dos seus pais.

— Pre-precisar? — eu gaguejo. — Meus pais estão mortos.

O bigode do Arthur estremece. O palito de dente rola de um canto da boca para o outro.

— Beeeem, filho, agora complicou. Você não é maior de idade, e eu só posso vender pra maiores.

Sem o Cadillac vamos ter de pegar carona ou tentar pegar ônibus ou trem, onde ficaremos sentados que nem dois patos à disposição de tudo quanto é tira com um radar. Nós precisamos desse carro. Balder acena o braço para o senhor Limbaud.

— Não vale a pena se preocupar com esses *Guerreiros das Estrelas* — diz ele com uma voz estranha, fingida. — Você vai ajudá-los a fugir.

Arthur Limbaud deixa o palito de dentes cair.

— Por acaso esse negócio aí acabou de falar alguma coisa?

— Eu... ele... é — eu balbucio.

Balder fecha os olhos e ergue a mão.

— Deixe-os partir.

— Virgem Maria! O que você fez pra ele fazer isso?

— Ele é um brinquedo — eu improviso. — Um protótipo.

— Minha nossa... — diz Arthur. — O que mais ele fala?

— Hum, aqui — eu digo, apertando um botão imaginário nas costas do Balder.

— Cadê o Cadillac? — diz ele, alegre e feliz.

Os olhos do Arthur ficam do tamanho de duas moedas. Ele ri, batendo as palmas das mãos nos joelhos.

— “Cadê o Cadillac?” Eu nunca vi nada igual!

— Jipe é sempre barato! — diz Balder com uma voz esganiçada.

— Incrível — diz Arthur.

Sua mente de tubarão está farejando alguma coisa.

— Ah, sim — Gonzo acrescenta. — Dá pra programá-lo pra dizer tudo quanto é tipo de coisa.

— Sério? Ei, olha só, eu poderia simplesmente esquecer que vocês não têm dezoito anos se puderem deixar esse carinho aqui. Algo assim atrairia tudo quanto é tipo de cliente. Poderíamos fazer comerciais!

— Esse aqui ainda não está funcionando direito — eu digo. — Ainda tem alguns *bugs* no sistema.

Arthur fecha a cara.

— Bem, é uma pena. Vocês dois ficariam muito bem dentro daquele Cadillac.

— Pode conseguir outro para você! Pode conseguir outro pra você! — diz Balder com sua nova voz de papagaio.

— Exatamente! Posso lhe mandar um novinho em folha assim que eu chegar em Montana, na oficina do meu pai. A oficina do meu pai morto. Seus funcionários continuam lá. Trabalhando. Daí você pode programá-lo para falar com a sua voz.

— Muito bem. É uma ótima ideia. Cavalheiros, considerem-se proprietários de um carro!

Dez minutos depois, com a papelada assinada e o dinheiro entre seus dedos amarelados, Arthur nos acompanha até o pátio e eles trazem o Cadillac. Uma secretária sai rebolando do banco da frente. Ela está vestida de cor-de-rosa da cabeça aos pés, como alguém que passou a noite presa numa máquina de algodão doce.

— Aí está — diz ela, colocando as chaves na minha mão. — Tomem cuidado.

Arthur segura o seu braço.

— Carol, espera aí um minutinho. Você precisa ver isso. Esses camaradas têm um brinquedo, bem... você precisa ver.

Ele aperta a barriga do Balder com força. Dá para ver que nosso amigo gnomo está putado. Ele não vai falar, de jeito nenhum. Mas Arthur continua apertando.

— Vamos lá. Diga alguma coisa, caralho!

— Bem, como você pode ver, ele tem uns *bugs* — eu começo a explicar.

— Ele estava falando perfeitamente há um minuto. Vou fazer esse filho da puta funcionar.

Arthur pega Balder e o sacode com tanta força que seu rosto fica vermelho. Pela expressão nos lábios finos do Arthur, dá para ver que ele está determinado. Ele não vai deixar nosso gnomo em paz enquanto ele não fizer uma gracinha.

— Vai! — diz ele, dando uma última sacudida forte no Balder. — Faça alguma coisa, porra!

É nessa hora que Balder mija em cima dele.

* * *

Embicamos o Cadillac no estacionamento do Taj Mahal Brinquedos e nos escondemos lá dentro. Eu vigio enquanto Gonzo abre uma caixa do boneco Sammy Surfista em tamanho real, trocando as calças mijadas do Balder pelas calças de surfista, pretas e de neoprene, com direito a estampa de dragão na lateral. Alguma criancinha vai ter uma decepção e tanto no dia do seu aniversário.

— Eles vão nos pegar — diz Gonzo, olhando para os lados como um fugitivo.

— Se você ficar calmo eles não pegam — eu digo.

— Vão nos botar na cadeia. Isso entra na nossa ficha e daí jamais seremos aceitos na universidade. Vamos ficar fritando hambúrgueres pelo resto da nossa vida miserável e improdutiva.

— Estou quase... — diz Balder. — Pronto.

Ele ficou ótimo. Parece um guru do gramado.

— Pega a prancha também.

— Isso é roubo — argumenta Gonzo.

— Quem foi que conseguiu o Cadillac pra vocês?

— Dá a prancha pra ele — eu digo.

Balder pula na prancha, dobra os joelhos e luta contra ondas imaginárias.

— Irado.

— De onde você tirou aquela ideia de citar *Guerreiro das Estrelas*?

— pergunta Gonzo depois que voltamos para a estrada e dividimos

um lanche de *drive-thru* no banco da frente. — E se ele tivesse visto o filme?

— Foi um risco calculado — diz Balder.

Ele está instalado no espaçoso banco de trás, como o rei que pensa ser.

— Pra começo de conversa, como você conhece *Guerreiro das Estrelas*? — pergunta Gonzo.

— Um dos meus captores era vidrado em ficção científica. Ele me levou para aqueles... como é o nome? Campos de batalha onde as pessoas se vestem como Visigodos, androides e aqueles ursinhos de pelúcia saqueadores que são estranhamente letais?

— Ursinhos Vamp — informa Gonzo. — Velho, você esteve em todas as convenções! Maneiro!

— Realmente. Eu fui fotografado com aquele sujeito que eles adoram como um deus, Silas, o filho de Fenton — diz ele, citando o nome do diretor aclamado por milhões de pessoas.

— Silas Fenton? Você tirou uma foto com Silas Fenton, caralho! Meu Deus! Balder! Seu gnominho dissimulado, que foda isso. Você é o cara!

Balder se reclina contra o banco, os braços atrás da cabeça:

— Pode crer.

Seguimos viagem, o Cadillac com o enfeite de chifre de boi no capô fazendo bonito entre sedans lustrosos e carros utilitários genéricos. Algumas criancinhas encostam o nariz contra os vidros das janelas com trava de segurança e nos encaram boquiabertos. Gonzo abre um saco de salgadinhos e passa para Balder, que pega um punhado e devolve para Gonzo.

— Cara, ainda não acredito que você mijou nele.

Balder limpa as mãos na bandana do Sammy Surfista, que ele amarrou no pescoço.

— Ele foi muito desrespeitoso. Na minha forma atual eu aprendi muita coisa. Vi como aqueles que supostamente não têm poder podem ser facilmente ignorados. Só porque sou pequeno não significa que não tenho valor.

Gonzo assente.

— Firmeza — ele fecha os dedos da mão e a pousa no encosto do seu banco.

— Firmeza — Balder diz.

Ele ergue o braço e os dois trocam um soquinho com os punhos fechados, dedos contra dedos, então voltam a comer salgadinhos num silêncio prazeroso.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Em que inventamos frases para adesivos de carro e eu apresento as delícias do Grande Tremolo

Percorremos milhas e milhas. O Cadillac nos conduz por paisagens ordinárias numa estrada inexplorada. Vistas pelas janelas abertas do carro, as paisagens me parecem deslumbrantes e novas. Lá fora, nos campos que margeiam a rodovia sem fim, detentos em uniformes cor de laranja com a identificação UNIDADE CORRECCIONAL PASSAMONTE coletam lixo com espetos longos e pontudos, recolhendo-os em enormes sacos de papai Noel amarrados às suas costas. Os dentes brancos ofuscantes de Parker Day reluzem num *outdoor*, numa propaganda de Rad Sport PARA UM DESEMPENHO IDEAL ESCOLHA A EXPERIÊNCIA REFRESCANTE IDEAL! Cachorrinhos botam a cabeça para fora para pegar uma brisa e nós respondemos aos seus uivos com nossos próprios uivos. Um caminhão de dezoito rodas passa roncando à nossa direita, sacudindo o Cadillac. ATACADISTA GLOBOS DE NEVE UNIDOS. CONGELANDO A VIDA ATRÁS DE VIDROS. COMO ESTOU DIRIGINDO? LIGUE 0-800-555-1212. Acima de nós, as nuvens vagam num mar azul e indiferente.

Para passar o tempo nós inventamos frases para adesivos de carro e as pronunciamos com voz de narrador de *trailer* de filme: — Eu achava que estava tendo uma crise existencial, mas não era nada.”

— Os melhores alunos da minha escola vendem drogas para os melhores alunos da sua escola.

— Eu sei que você está me seguindo.

— Favor não grudar na minha traseira: corpo no porta-malas.

— Física quântica é uma questão de gravidade.

Quando sentimos fome paramos para comer em espeluncas onde Balder e eu pedimos pratos com nomes como Sanduíche Conde de

Monte Cristo (ovo frito numa “cama” de presunto e pão) e Demo Dogs “cachorros-quentes tão gostosos que você vai jurar que é pecado!” Gonzo sempre pede o queijo quente. É a única coisa que ele considera segura.

Dirigimos por tempestades interestaduais que duram no máximo dez minutos, como se o clima estivesse de mau humor, nada mais que isso. Eu gosto de olhar através do metrônomo dos limpadores de para-brisa para a chuva que esguicha dos chifres de boi. Quando a chuva fica para trás o sol aparece, e às vezes surge o esboço oleoso de um arco-íris.

Na fronteira da Georgia com Alabama, nós paramos no acostamento e Gonzo e eu ficamos parados com um pé em cada lado da placa que diz BEM-VINDO À GEORGIA, só para poder dizer que estivemos em dois lugares ao mesmo tempo. Então seguramos Balder no meio de nós dois para poder dizer que ele também esteve. Eu gosto do visual da Georgia, bem diferente do Texas. Todos aqueles pinheiros altos e aquela terra rica e vermelha, como se o chão tivesse sangrado e formado uma crosta, como se contivesse uma história que você pode ler na própria terra argilosa.

Nós conversamos sobre coisas bobas, coisas sem importância, como o fato de ninguém nunca ter de ir ao banheiro nos filmes de ação, ou o que você faria se encontrasse uma mala cheia de dinheiro. Gonzo quer fazer uma série de um detetive anão chamada *O Menor DP* ou *Anão Do Destino*. Balder argumenta que o destino é sempre uma incógnita: será que as pessoas que você conhece estão ali para desempenhar uma parte no seu destino ou você é que existe apenas para desempenhar um papel no destino delas? Eu lhes conto sobre a minha fantasia secreta de desenho animado, aquela em que o coite para de perseguir o papa-léguas, vende todas as suas geringonças mortais, compra um barco e vai pescar.

O que eu não conto é que toda vez que olho para aqueles *outdoors* anunciando serviços de advogados para casos de danos pessoais ou HAMBÚRGUERES A CINCO QUILOMETROS, eu vejo os personagens do Mundo Pequenino sorrindo e acenando para mim. Garotas-marionetes de Bali dançando, um menino mexicano de *sombrero* tocando violão, o jacaré de guarda-chuva, o menino pescador inuíte com seu peixe de plástico. É tentador dizer: “Ei,

olhem só, o Dom Quixote *animatronic* no seu cavalo de madeira acabou de piscar para mim”.

Mas talvez daí eles não permitam que eu continue a dirigir.

Toca uma música do Copenhagen Interpretation. Balder canta junto.

— Eu não sabia que você era fã do CI — diz Gonzo.

— Uma banda extremamente harmoniosa — diz Balder, tocando bateria invisível. — Eles tocaram para o meu povo em Breidablik.

Gonzo e eu trocamos olhares.

— É verdade! — insiste Balder. — Eles caíram do céu com aqueles instrumentos estranhos, até achamos que era o *Ragnarok* chegando.

— *Ragnarok* — diz Gonzo, fazendo uma careta —, é um festival de música?

— É fim do mundo na mitologia nórdica — eu digo, lembrando das lições da minha mãe. — A perdição dos deuses.

— Eles falavam numa língua estranha, mas a música deles era um feitiço contra o mal. Enquanto eles tocavam a paz reinava. Os inimigos ficavam amigos. Os gigantes se deitavam, satisfeitos. Até as Valquírias se recusavam a escolher entre os mortos. Nós celebrávamos. Mas daí as nuvens se abriam mais uma vez e eles sumiram, deixando apenas as auroras boreais para trás.

O céu está se enchendo de nuvens escuras. Hora da chuva da tarde. Os carros acendem os faróis, equipando-se para a chuva a caminho. Nossa caixa de som improvisada, começa a oscilar, criando uma sinfonia de estática cheia de estalos, chiados e arrotos esporádicos de palavras. Com a precisão de alguém que sabe quebrar códigos eu giro o dial, tentando ouvir o sonar da vida à distância, feliz quando conseguimos um lampejo de som. Fico com a sensação de estar indo em direção a alguma coisa que estaria apenas a uma torre de emissão de distância, ficando cada vez mais forte.

— Você poderia, por favor, encontrar alguma outra coisa? Isso é tortura — implora Balder.

— O que vocês acham do Grande Tremolo? — eu pergunto.

— É estática?

— Não, é um CD — eu digo, apalpando o banco da frente, tentando encontrar o disco que eu gravei.

Balder boceja.

— Maravilhoso.

Gonzo faz as honras da casa e logo mais o carro vibra com o nosso banguelar, embalados pela curtição das músicas de amor em português, com o ukulele e a flauta doce.

— O que é essa merda? — pergunta Gonzo com um sorriso nos lábios.

— É o Grande Tremolo. O mestre do amor em qualquer língua.

Grande Tremolo começa a cantar em seu falsete alto e trêmulo, e é isso. Gonzo está totalmente passado. Ele chora de tanto rir, que claro que faz com que eu ria também. Grande Tremolo alcança uma nota mais alta e a gente quase mija nas calças. Balder optou por ignorar nossa imaturidade. Ele está deitado no banco de trás, de olhos fechados, provavelmente tirando uma sonequinha de gnomo.

— Velho, onde você descobriu isso? — Gonzo fala depois de um engasgo.

Eu enxugo as lágrimas.

— Espera, aumenta. Esse é o grande solo de ukulele!

Gonzo bate nas pernas, engasgando de tanto rir.

— Ele está rasgando o ukulele! É isso aí, seu cantorzinho romântico fodido!

— Aposto que a mulherada joga as calcinhas pra ele — eu digo rindo.

— Até eu quero jogar a cueca! Encosta o carro pra eu tirar!

Um estrondo de trovão passa por cima de nós. As primeiras gotas de chuva atingem o para-brisa, uma gota pesada, duas, três. Quatro. Grande Tremolo canta pela caixa de som improvisada.

— Ei, Gonz, o que ele está dizendo? — eu pergunto, recuperando o fôlego.

Gonzo faz um barulhinho de desdém.

— Não sei, velho. É português. Eu sou me-xi-ca-no — diz ele, desenhando no ar. — Isso pode ser um choque pra você, *pendejo*, mas nem todos os moreninhos são iguais.

— Desculpa aí — eu digo. — Eu só queria saber o que ele está dizendo.

E pela primeira vez eu entendo.

— “Eu olhei no seu rosto e enxerguei a felicidade” — Balder do banco de trás, ainda de olhos fechados.

Sem nenhum aviso prévio o céu se abre e chora.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Em que pegamos um atalho em Esperança, Georgia

Está chovendo pesado e eu decido que é melhor a gente encostar e esperar a chuva passar em vez de correr algum risco com os pneus praticamente carecas do Cadillac na pista escorregadia. Em meio à escuridão uma placa anunciando uma área de descanso pisca em branco e azul. Logo atrás dela tem uma plaquinha branca que diz ESPERANÇA, GEORGIA, TRÊS QUILOMETROS. No canto, vejo o desenho de uma pena.

— Velho, por que paramos aqui? — pergunta Gonzo. — Você sabe que eu estava brincando quando falei da cueca, né?

— Me pareceu um bom lugar pra esperar a chuva passar — eu digo.

Não vou comentar nada sobre a pena. Talvez seja o mascote do Estado ou algo assim.

— Beleza. Vou dormir. Me acorda se acontecer alguma coisa — diz Gonzo, juntando-se a Balder, que passou o último quilômetro roncando.

Se é para eu encontrar alguma coisa aqui, não consigo imaginar o que possa ser. Esperança não tem quase nada. É uma cidadezinha de interior. Não tem sequer uma galeria de lojas, acho que talvez a lei não permita. Lentamente eu passo por uma antiga Igreja do Nazareno, revestida com tábuas de madeira. Um posto de gasolina fechado com um cemitério de pneus ao lado, um par de casas entocadas, bem afastadas da rua, de modo que tudo que consigo ver é uma faixa branca ou lampejos de tijolos. A rua dá uma guinada para a esquerda, vira uma pista estreita que passa por uma loja de ferragens bastante dilapidada com uma placa rachada: VENDA DE PARTES — NOVAS, USADAS, NECESSÁRIAS. Só isso, a rua acaba num trilho com um muro de pinheiros. Na frente da loja de ferragens há um

velho sentando na varanda, mãos nos joelhos. Eu encosto o carro e pergunto a ele como faço para voltar para a rodovia.

— O que o cê tá procurando tá bem ali — ele responde, apontando uma mão trêmula para frente, para a placa que diz SEM SAÍDA.

— Ali não tem nenhuma estrada — eu digo.

— O cê pode largar o carro aqui. “Seus amigo” num corre perigo. Vai lá. Tem “umas coisa” pro cê vê.

— Nós realmente precisamos voltar pra estrada — eu digo, desejando que a porta do Gonzo não estivesse destrancada. — Obrigado, novamente. Tenha um bom dia.

Eu piso no acelerador e dou ré. O Cadillac sacoleja e morre. O velho se aproxima, cambaleando, e abre a capota sem nem perguntar.

— Vai lá. Eu olho seu carro.

Durante um segundo eu me pergunto se deveria deixar meus amigos aqui, na companhia de um estranho. Mas esse cara deve ter uns oitenta anos de idade. O máximo que ele pode fazer é arrancar os dentes e nos servir de inspiração para nunca negligenciarmos o fio dental.

Eu piso por cima do trilho de alumínio e me embrenho por entre as árvores. A chuva diminuiu, virando uma neblina azul-cinzenta que gruda na minha jaqueta. O chão fica macio por conta das agulhas dos pinheiros e o esmagar de um ou outro cone. O ar tem um perfume que é como se ele tivesse acabado de nascer. A luz vaza pelos vãos entre as árvores. Primeiro eu acho que é o sol surgindo, mas é mais luminoso, como se alguém tivesse acabado de acender as luzes de um estádio. As gotinhas de água nas árvores; o carpete marrom de agulhas de pinheiros sob meus pés; minha calça jeans, blusa e mãos — tudo fica bruxuleante sob essa estranha luz branca, e então eu vejo uma trilha pequena e gasta bem a minha direita. Sigo por ela, entre o labirinto de pinheiros. A luz vai ficando mais forte durante o caminho, até que eu encontro a fonte — um gigantesco freixo, do tamanho de uma casa.

— Nossa — eu murmuro.

A árvore ocupa a clareira inteira. Uma confusão de galhos desponha em todas as direções possíveis, e cada um desses galhos

ganha vida, contendo cerca de um milhão de recortes de jornal diferentes.

— Olá, caubói.

Dulcie sai detrás da árvore. Ela reluz como se fizesse parte daquilo. Estou tão feliz de vê-la que tenho vontade de erguê-la num abraço apertado, mas não sei se é permitido ter contato corporal exagerado com anjos, e não é o tipo de coisa que estou a fim de testar.

— Olá pra você também. Onde você esteve? — eu pergunto em vez disso.

— Por aí. Ei, o que você achou disso, hein?

Ela dá um tapinha no tronco cor de leite.

Eu dou um sorrisinho:

— Chama-se árvore. Existem muitas delas.

Dulcie ergue uma sobancelha, mas o sorrisinho não está muito longe. Deus... o que é que as garotas têm em geral, e essa em particular, que faz com que eu tenha vontade de passar o dia sentado num quarto, inventando piadinhas só para arrancar mais um sorriso maroto que nem esse?

— Eu lhe prometo, caubói, árvore que nem essa você nunca viu antes. Olhe mais perto.

Eu apalpo um dos recortes de jornal num galho baixinho. Olhando bem, vejo que está mais para uma folha, como se alguém tivesse grudado um recado na árvore e ele desenvolveu veias e desabrochou ali.

— Vai, pode ler — diz Dulcie.

O papel está tão amarelado pelo tempo que tenho medo que se desfaça em minhas mãos. Embora eu esteja encharcado ele está seco, sei lá como. A caligrafia é difícil de decifrar.

— O que está escrito? — pergunta Dulcie.

— Diz *eu desejo me casar com Tobias Plummer*.

Ela assente.

— Esse é legal. Leia outro.

Eu viro outra folha em minha direção. Esse é mais recente, e parece que as palavras foram impressas por um computador.

— *Eu gostaria de ganhar um Game Guy de aniversário*.

— Hum — diz Dulcie. — Boa sorte, garoto.

Ela arranca uma folha de papel.

— Acho que você não devia ter feito isso — eu digo, e do nada a folha cresce de volta.

Eu vou lendo as folhas uma por uma:

— *Eu desejo que minha filha se cure da sua doença, eu desejo um emprego novo, eu desejo que a garota que está na minha quarta aula no Colégio Bethel repare em mim eu desejo saber o que desejar.*

— O que é isso? — eu pergunto, largando o galho, que volta para o lugar.

— Desejos. É uma árvore de desejos.

— Árvore de desejos — eu repito.

— Ela realiza desejos — diz Dulcie, como se eu devesse saber disso.

— Como assim? As pessoas escrevem seus desejos e sonhos, coloca-os na árvore e ela diz: “*Puf!* Aí está. Um prato fumegante Todo Seu. Aproveite!”

Dulcie balança a mão num gesto que quer dizer que não é bem isso.

— Mais ou menos.

— Mais ou menos?

— Mais ou menos.

Dulcie arranca algumas agulhas de pinheiro das asas, que hoje não estão decoradas com vacas voadoras ou nenhuma pintura imitando estampa de vaca. Estão apenas normais, se é que podemos considerar asas uma coisa normal.

— Estou morrendo de fome. Você tem alguma bala?

Eu meto a mão no bolso e encontro dois Ursinhos Suculentos grudados um no outro como uma atração de circo açucarada.

— Só esses.

— Passa pra cá. Mas tira os fiapos do seu bolso.

Eu depilo os ursinhos, e Dulcie os desgruda, oferece um para mim. Quando eu recuso, ela coloca o vermelho na boca e fecha os olhos, extasiada.

— Meu Deus, eu amo açúcar. A maior invenção de todos os tempos.

— Voltando à questão das árvores: “Mais ou menos” me soa bem vago, se você quer saber.

— Bem, você tem que saber o que desejar. Veja esse aqui.

Ela arranca um desejo de um ponto bem alto num galho:

— *Eu desejo ser famoso*. Muito bem, primeira pergunta: Por que essa pessoa quer ser famosa? Para ser venerada? Adorada? Para que reparem nela? Para ganhar dinheiro adoidado? Você tem que olhar dentro do desejo e encontrar seu âmago. Então talvez o que essa pessoa realmente queira, o âmago do seu desejo, seja encontrar alguém que a adore. Ela vai até sei lá aonde que as pessoas vão para se tornar famosas e só vai levar porrada de tudo quanto é lado, feito uma bolinha de fliperama. Daí, um dia, quando ela estiver andando na praia, totalmente chateada, aparece essa outra pessoa para quem ela parece uma estrela de *rock*. Ele a adora. Junto a ele ela se sente adorada, famosa. Indiretamente ela conseguiu o que realmente queria. O pedido foi atendido.

A chuva volta a cair, tocando o chão num ritmo relaxante.

— Que papo mais autoajuda-pseudo-filosófico é esse? — eu pergunto. — Alguém bota os desejos aí achando que vão se realizar e daí essa *árvore* toma uma decisão completamente arbitrária sobre o que pode ou não ser o *âmago* do desejo? Isso é idiota!

Dulcie morde a cabeça do outro Ursinho Suculento.

— Seu ceticismo é infalível.

— Que tal o seguinte? Que tal se a Árvore dos Desejos realizasse os desejos exatamente como foi solicitado?

— Não funciona assim — ela arranca um pedaço de Ursinhos Suculentos dos dentes de trás.

— Bem, o jeito como funciona é idiota.

Dulcie me encara, digo: ela realmente olha para mim. É como se ela enxergasse através das minhas células.

— Quem não arrisca não petisca, caubói — diz ela baixinho.

— Como assim?

— Faça um desejo. Veja se ele se realiza.

Ela se aproxima, e eu sinto seu cheiro, junto com a chuva e o pinho. Seu cheiro é familiar e aconchegante, como todas as coisas que você gostaria de levar consigo nas suas viagens, a fim de se sentir menos só. Dulcie inclina o rosto para junto do meu. Seus olhos

me lembram o mar no inverno — cinza, severo, uma superfície calma que esconde uma ressaca braba — um lugar onde você só entra se tiver certeza de que vai dar conta. E se não consegue, bem... agora é tarde demais.

— Eu, é... Não tenho papel — eu digo.

Ela chega junto. Seu sussurro aquece minha orelha.

— Bolso.

— Hã?

Ela salta sobre um graveto e se equilibra num pé só.

— Aquele negócio na parte de trás da sua calça.

Eu meto as mãos nos bolsos e encontro o bilhete enigmático do Junior Webster: PARA A VIDA.

— Caneta? — eu digo.

Ela pula para o outro pé.

— Não uso caneta. Você tem uma na jaqueta. Está vazando.

Um enorme vazamento de tinta mancha o lado esquerdo da minha jaqueta. Irritado, eu pego a caneta e sento no único lugar do chão que não está molhado. Durante um tempão fico ouvindo o batuque suave da chuva enquanto tento redigir hermeticamente o meu desejo. Nada desse besteiro de e-queiro-ser-famoso-e-em-vez-disso-encontro-alguém-na-praia.

— Tá indo bem? — Dulcie pergunta.

Ela está estirada num galho, estilo gato de Alice.

— Dá licença? Estou pensando. Isso é sério.

Ela faz um gesto de mão que significa tudo bem, na boa.

— Eu quero fazer isso com calma.

Por fim eu escrevo a única coisa que me ocorre e a penduro num galho. Meu desejo some para dentro da árvore, e uma folha bebê desponta. No papel venoso eu vejo as palavras se esforçando para nascer.

Dulcie desce com um pulo.

— O que você desejou?

— Use seu poder angélico de visão de raio X para descobrir.

— Sou apenas uma mensageira, esqueceu? — diz Dulcie, dando uma piscadela. — Bem, seja lá o que for, tenho certeza que vai se realizar.

— Mais ou menos — eu digo.

— Mais ou menos.

De repente, ela bota os braços em volta do meu pescoço e, com a mesma rapidez, dá um pulo para trás. O espaço extra entre nós é quase como uma terceira pessoa.

— Peguei! — diz ela, acenando alguma coisa.

É um desejo bem antigo. O último apelo que algum viajante cansado enviou ao universo, durante a sua passagem por Esperança, a caminho de seja lá onde estivesse indo.

— Ah... — diz ela, sorrindo. — Isso, sim, é brilhante.

Ela abre a palma da mão, expondo o âmago de algum desejo anônimo para mim. Diz apenas “*Eu desejo...*”

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Em que eu ganho uma parte necessária

Não sei há quanto tempo estou aqui com Dulcie. Sob a Árvore do Desejo, o tempo parece elástico. Brincamos de mímica, um exercício de tudo que é completamente indecifrável e de uma hilaridade accidental. Basicamente Dulcie pula e se contorce, fazendo caretas com os olhos esbugalhados, e eu descubro que isso pode significar qualquer coisa desde a Revolução Bolchevique até auroras boreais. Meu corpo está solto e leve de tanto rir. A poucos metros de distância Dulcie bamboleia de um lado para o outro como um gato com alguma coisa grudada no rabo.

— Bailarina alcoólatra — eu grito, e ela vira os olhos. — Um baiacu numa espiral da morte! A razão pela qual os dinossauros foram extintos!

Ela para, bota as mãos na cintura e sopra um cacho de cabelo que pende na sua testa.

— Estrela cadente!

— Nossa, você é realmente péssima nesse jogo. Acabei de humilhar um anjo num jogo de mímica. Vai, agora sou eu.

Duas folhas de papel caem no chão. As pontinhas enrolam e se decompõem.

— O que aconteceu? — eu pergunto.

Dulcie ajoelha ao meu lado.

— Esses desejos acabam de ser realizados, mais ou menos.

Tem um negócio que vem me incomodando já faz uns cem quilômetros, aproximadamente.

— Dulcie... — eu começo a dizer. — O que vai acontecer quando eu encontrar Doutor X, ele me curar e fecharmos a passagem?

Seus olhos estão fechados, sua cabeça pende para trás.

— O mundo estará salvo, e você curado. Viva!

— Sim, eu sei. Mas, tipo, o que vai acontecer com você? Você fica aqui ou volta pro lugar de onde veio? Vou voltar a vê-la?

De repente ela se levanta num pulo.

— Ei, quer ver uma imitação de escultura de gelo? Nisso eu sou boa. Olha isso.

Ela fica completamente parada, as mãos juntas, o pé esquerdo encostado no lado de dentro do joelho direito.

— Imagine que em volta dos meus pés tem tigelinhas de caviar.

— Você está fugindo do assunto.

— Não — diz ela, desfazendo a pose. — Estou fugindo da resposta.

— Eu só quero saber o que vai acontecer — eu digo.

— Eu acho vocês muito engraçados — diz ela com uma risada, mas com um tom de irritação na voz.: — Sempre preocupados com “o que vai acontecer?”, “o que vem depois?”, vivem em tudo quanto é lugar menos onde realmente estão. Vocês não entendem.

— Entender o quê?

— Aqui, agora, isso — ela aponta a sua volta e gira. — É isso, caubói. A viagem toda. Presta atenção.

— Muito gentil da sua parte me iluminar com sua avançada sabedoria angelical — eu digo, desaforado.

— Precisando... — diz ela sem nenhum indício de sarcasmo.

A chuva aumenta de novo. Num piscar de olhos, Dulcie está estirada num galho acima de mim, me protegendo do orvalho com a asa.

— Bonito guarda-chuva — eu digo.

— Como eu disse, precisando...

Meus sonhos penetram uns nos outros como num caleidoscópio. Estou deitado na minha cama no hospital, ouvindo o chiado do respirador. Glory anota alguma coisa na minha ficha. Estou naquela casa à beira-mar, ouvindo a maré subir enquanto a senhorinha ajeita lírios num vaso. De volta ao quarto do hospital, meu pai e minha mãe lendo, a tevê ligada e ignorada, Parker Day apresentando um *game show*. A casa da senhorinha, uma porta fechada.

— Quer ver lá dentro? — ela pergunta com a mão apoiada na maçaneta já sem brilho.

Eu nego com a cabeça. Ela sorri, tira a mão.

— Deixa pra outra hora.

Estou com Dulcie. Não consigo ouvir o que acabei de dizer, mas ela ri. Ela é linda.

Alguma coisa dá errado. O Mago da Condenação a agarra. O braço da Dulcie busca o meu, mas eu não consigo alcançá-la. Um buraco escuro se abre no céu, e eles são sugados.

Os Gigantes de Fogo acabam com tudo que está no caminho, quando não sobra mais nada eles escancaram suas bocas cheias de dentes uma última vez e sopram, me engolindo numa chama.

Quando eu acordo, encontro o bosque calmo e tranquilo, com a doçura das pinhas. Dulcie sumiu. Tem uma pena em cima da minha perna, mas sem nada escrito. É alva e fresca como neve recente. Eu a trago até o nariz e inalo seu perfume.

* * *

Quando eu volto para o Cadillac, onde Gonzo e Balder estão no décimo sono, roncando a toda, a chuva já parou. O velho, sentado em sua cadeira de balanço na varanda da frente, chama por mim.

— Agora seu carro tá tinindo. Só precisava dum descansinho.

— Obrigado. É... quanto foi?

— Deixa pra lá, meu jovem. Tenho um negócio aqui que o cê vai precisar. Vem cá.

Ele entra mancando na oficina e a cadeira segue balançando. Não tem nada que eu possa fazer a não ser segui-lo. Duvido que essa oficina tenha alguma coisa que possa ser útil para qualquer pessoa nascida nos últimos cem anos. Uma camada de pó de um dedo de espessura cobre toda a superfície. As paredes estão abarrotadas de caixas de tudo quanto é tamanho e gavetas carcomidas. Acima de cada gavetinha tem um rótulo indicando NOVO ou USADO ou, o que é mais misterioso, NECESSÁRIO. O velho segue arrastando os pés, consultando as indicações, procurando alguma coisa. De vez em quando ele faz uns barulhinhos abafados pela respiração “hmmm...” ou “ts..” ou um irritadiço “Não, não é isso”.

O sol começa a sair. Raios de sol atravessam as janelas e alcançam os corredores escuros, rodopiando partículas de poeira.

Elas até que ficam bonitas iluminadas assim. Sob essa luz, parece que elas ascendem e se unem, querendo formar uma Via Láctea própria. A poeira se move como se tivesse um propósito, um lugar para onde quisesse ir.

— Aqui! — diz o velho.

Ele está parado em frente a uma coluna de gavetinhas específicas para armazenar cartões, com pequenos puxadores. No rótulo acima está escrito NECESSÁRIO. Seus dedos retorcidos vagam de uma gaveta à outra até que ele encontra a que deseja.

— Um-hum! Ummm-hum! — ele murmura, abrindo a gaveta e espiando dentro.

Ele puxa um parafuso longo e levemente enferrujado.

— É engraçado como as coisas dão um jeito de aparecer quando a gente mais precisa delas — diz ele com aquela fala longa e mole.

Ele volta mancando para o balcão, pega um pano e passa um pouco de óleo nas voltas do parafuso.

— O cê já ouviu falar em parafuso mágico[30]?

Eu seguro uma risada.

— Não. Não, senhor.

— Bem, o cê tá olhando pra um. Esse coisinho aqui tem o poder de mudar uma vida — diz ele, segurando o parafuso contra a luz para admirá-lo. — Isso mesmo.

O troço me parece uma infecção de tétano ambulante. Nem fodendo que parece mágico.

— Dá a mão aqui, menino — diz ele.

Ai, caralho, como foi que eu me meti nisso? Será que vou acabar ensanguentado, numa maca de pronto-socorro, enquanto enfermeiras enternecidas sacodem a cabeça e cacarejam: “Ah, sim, o Velhinho Empalador. Conhecemos essa história...”? Será que ele é um desses dementes que têm um porão cheio de esconderijos e vidros de pickles com órgãos humanos dentro?

— Eu falei pro cê me dar sua mão.

Vovô me encara através dos óculos com lentes de fundo de garrafa. As lentes deixam seus olhos enormes, como um inseto pré-histórico.

— Por quê?

— Se o cê não der a mão ocê num vai descobrir, né não?

Não me parece que ele esteja bravo ou impaciente, apenas constatando, como se essa fosse a decisão mais simples do mundo: ou você pega ou não pega.

Lentamente eu estico a mão, a palma para cima.

— Agora fecha os olhos — diz ele, arrastando as palavras.

Recolho a mão para o lado do meu corpo.

— Fechar os olhos? Por quê?

— Num funciona se ocê num fecha os olhos. É assim que tem que ser.

Certo. Fora que se eu fechar os olhos fica muito mais fácil para você parafusar esse troço na minha cabeça. Meus pés começam a andar para trás.

— Foi muito gentil da sua parte, mas eu preciso ir...

Vovô balança a cabeça.

— Fio, se ocê não consegue confiar “nas pessoa”, como vai conseguir chegar onde o cê tá indo?

— Olha, com todo o respeito, senhor, mas eu não o conheço...

— Num me diga... E eu também num conheço ocê.

Ele esfrega o parafuso com o pano mais uma vez.

— É por isso que a gente chama de confiança. Agora, vai querer ou num vai?

Eu devia simplesmente sair fora, voltar para o carro e pegar a estrada em vez de ficar discutindo o princípio da confiança com um velho maluco numa loja de ferragens chinfrim. Mas então eu me lembro do desenho da pena na indicação de saída. Eu volto, estico a mão, fecho os olhos e delicadamente o vovô deposita o parafuso na palma que está virada para cima. Ele cobre a minha mão com a dele. Sua pele é grossa e quente. Ele está balbuciando alguma coisa, não sei dizer o quê. O murmúrio cessa.

— Essa é uma parte necessária do seu destino. Agora tá nas suas mão. Usa bem, fio. Pode abri os olhos.

Faço como ele diz. O velho sumiu e tem um parafuso velho na minha mão. Ele não brilha nem reluz nem faz truques engraçadinhos. Eu não entendo como aquilo pode ser uma parte necessária para o que quer que seja, a não ser uma futura prateleira de livros o CDs.

Sinais. Coincidências aleatórias. Confiança.

Boto o parafuso no bolso e volto para o carro.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Que trata do que acontece quando botam nossas cabeças a prêmio e em que nós visitamos Devupia

Eu não conto nada para Gonzo e Balder sobre a Árvore dos Desejos ou sobre a estranha loja de ferragens e o parafuso mágico que — sei lá como — é uma “parte necessária” do meu destino. Não quero que eles pensem que estou surtando. Eu prefiro pirar sozinho.

Além do que, o poder de saúde do meu passaporte-E está diminuindo. Terra da Aventura e Terra da Fronteira desapareceram, e a terceira linha, Quarteirão da Liberdade, está desbotando rapidamente. Se a gente não encontrar Doutor X logo, estarei liquidado.

Perto da fronteira da Flórida paramos para botar gasolina. O Cadillac bebe adoidado, deve fazer umas quinze milhas por galão. Eficiente ele não é. O cara lá dentro pega a grana e a coloca na caixa registradora. A tevê acima da sua cabeça está ligada num canal de notícias. Que exibe aquele cartaz de PROCURADOS com as fotos de escola do Gonzo e minha. Quando eles cortam para uma cena da Igreja da Satisfação Perpétua, Lanchonete & Boliche minhas pernas começam a tremer. Os rostos de Daniel e Ruth preenchem a tela. Daniel não está mais naquela *vibe* serena de “não machuque a sua felicidade”, isso dá para perceber. Ele está rosnando, praticamente. O repórter bota o microfone na sua cara e Daniel não perde um minuto sequer.

— Esses sujeitos estão armados e são perigosos. Eles estão numa missão de anarquia total! — Daniel rosna.

— Eles quebraram nossa máquina de vitaminas! — Ruth exclama.

— Eles vieram aqui dispostos a perturbar nosso modo de vida, espalhar as sementes da discórdia e insatisfação em nossa comunidade.

A câmera mostra um plano aberto do estacionamento, onde uma horda de garotos soca o ar. Eles seguram placas com dizeres como CHEGA DE BAUNILHA! QUEREMOS SHAKESPEARE, CHEGA DE VITAMINAS! E IDEIAS NÃO MACHUCAM PESSOAS, SÃO AS PESSOAS SEM IDEIAS QUE NOS MACHUCAM!

O repórter assente com um sorriso mínimo e tenta concluir a matéria, mas Daniel agarra o microfone. Sua cara brava preenche a tela.

— Prendam eles, cara! Depois joga a chave fora.

Há um rápido depoimento do segurança do *shopping*, parado em frente ao buraco queimado que um dia foi a Kafeteria Konstante.

— Eles fingiram que eram lutadores de luta livre. Foi assim que conseguiram distrair a gente enquanto lançaram as bombas.... — diz, enquanto sua esposa segura o seu braço. — Essa gente é terrorista. Não têm nenhum respeito pela vida humana, pela propriedade privada ou pelas leis. Nenhum respeito.

Em seguida a câmera volta para o estúdio da emissora e mostra um logo do Atacadista Globos de Neve Unidos junto com o número 0-800 deles. O âncora lê um anúncio:

— Terrorismo não será tolerado. É por isso que a empresa amiga Atacadistas Globos de Neve Unidos está oferecendo uma recompensa de dez mil dólares pela captura dessas pessoas que apresentam uma ameaça para a nossa segurança e a nossa felicidade.

— É só isso? Só a gasolina? — pergunta o cara atrás do caixa.

Eu dou um pulo, assustado.

— Sim, obrigado — eu digo, pego o troco e saio correndo para o Cadillac.

— O que foi? — pergunta Gonzo quando engato a marcha e saio cantando pneu.

— É que simplesmente o mundo inteiro está atrás da gente, só isso — eu digo, olhando pelo espelho retrovisor. — Aquele escrotinho do Daniel desencanou do papo paz, amor e vitaminas. Agora ele quer a nossa cabeça e chamou a mídia.

— Eu não falei que ele era um imbecil? — diz Gonzo, enfim vingado.

— Temos outras coisas com que nos preocupar. Estão oferecendo uma recompensa pela nossa captura como terroristas procurados.

Nossas fotos apareceram no noticiário com um número de telefone exclusivo para as pessoas ligarem.

— Caralho! — diz Gonzo.

— É, fala sério.

Silêncio no banco detrás, então eu ouço um tom de felicidade no vozeirão grosso do Balder.

— Maneiro.

Decidimos ficar fora da rodovia e usarmos apenas caminhos alternativos. No Rocinante, não tem GPS, de modo que recorremos a um mapa de dez anos de idade que encontramos no porta-luvas, que é quase como se orientar por uma bola de cristal Qual o Meu Futuro®: “devemos pegar essa rua?”, e ela responder “estou com uma dor de cabeça tão forte. Pergunte-me mais tarde”.

Aos solavancos, seguimos por um matagal, por placas enferrujadas, igrejas antigas com os vidros quebrados e as trepadeiras tomando conta, trilhos de ferrovia, velhos celeiros e um par de pastos vazios onde um ou dois cavalos estão parados, com cara de tédio. Seguimos em frente até que não tenho mais ideia de onde estamos. Sussurro o nome da Dulcie como se fosse uma prece:

— Vai, Dulcie — eu digo —, dá uma ajuda.

Alguns segundos depois o Cadillac pula, sacoleja e para.

— O que aconteceu? — pergunta Gonzo.

— Não sei — eu digo, virando todos os botões.

O ponteiro de combustível está parado em meio tanque. Dou uma batidinha com o dedo e ele cai para vazio.

— Bosta!

— O quê? — pergunta Gonzo apavorado.

— Acabou a gasolina.

— Você está tirando uma com a minha cara.

— Não estou tirando uma com a sua cara.

— Chega de passeio. Hora de caçar — Balder se trocou e agora está com sua roupa de *viking*. Já está fora do carro e andando pela estrada antes que eu consiga impedi-lo.

— Que diabos? — pergunta Gonzo.

Eu vou atrás do Balder. Do banco do passageiro Gonzo grita:

— Não é melhor a gente ligar pro Guincho Amigo ou algo assim, velho? Chamar assistência?

— Claro — grito de volta. — Diga a eles que os terroristas procurados com a recompensa de dez mil dólares por suas cabeças estão precisando de gasolina e quem sabe uma carona até a cidade.

— Já faz uma boa meia hora que estamos andando e não encontramos porra nenhuma pra nos ajudar — diz Gonzo, ofegante.

— Além do mais, estou com uma bolha monstro no calcanhar. Bolhas podem infeccionar; você sabe, né? Esse tipo de coisa mata.

— Presta atenção pra ver se você localiza um posto de gasolina, tá bom? — eu digo.

— Só estou dizendo que eu não quero morrer por causa de uma bolha infeccionada. Seria um jeito muito idiota de morrer.

Meio quilômetro mais para frente a estrada se bifurca. Eu enxugo o suor da testa, coloco a mão em posição de conchinha para bloquear a luz.

— Pra que lado? Alguém saberia me dizer?

Balder consulta as runas:

— Esquerda.

— Ótimo. Vamos pra esquerda — eu digo.

— Tem certeza? — pergunta Gonzo.

— Não — eu respondo. — Eu não tenho certeza de nada. Portanto, uma estrada ou outra dá na mesma.

Pegamos a da esquerda, que não passa de um caminho de terra batida que sobe sinuosamente por um morro. Por fim chegamos ao topo.

— Nossa! — diz Gonzo.

Ao pé do morro tem um campo de trigo cor de mostarda que parece pinceladas num quadro. Por onde eu olho vejo turbinas de vento girando contra o azul límpido do céu, como pássaros alienígenas prontos para decolar ou atacar, o que vier primeiro. Bem no meio tem uma antiga casa de fazenda, um celeiro e o que parece ser um posto de gasolina do futuro. Balder encosta um joelho no chão numa prece de agradecimento.

— A Norn nos favoreceu.

— Ótimo. Vamos ver se eles nos dão um pouco de gasolina.

Gonzo agarra meu braço.

— Você pirou? Velho, você não assistiu *O hotel do serra elétrica*?

— Se eu disser que não você cala a boca?

— *O hotel do serra elétrica*: rápido resumo do enredo — prossegue Gonzo. — Viagem de acampamento durante a semana do saco cheio. “Ai, cara, acabou a gasolina da caminhonete! Saco! Ei, veja, ali tem uma pousada sinistra com uma bomba de gasolina. Caminham e caminham pelo bosque até que chegam na casinha erma e deformada. “Noc, noc, epa, não tem ninguém em casa. Oh, do que será que é feita essa cadeira tão estranha? Nossa, é feita de pele humana! Rrrrrrrrrnnnnnnn! Ai meu Deus, ele tem uma serra elétrica... Aaaahhhh!!! Rrrrrrrrrnnnnnnnn! Jatos de sangue despropositados. Desmembramento. Morte. Freezers cheios de membros de estudantes universitários. Mais gritos. E uma única sobrevivente ensanguentada, num medo sem fim, que vai passar o resto da sua vidinha miserável sob cuidados psiquiátricos. Créditos do filme.

Gonzo cruza os braços sobre o peito.

— Nossa, talvez eles tenham esse filme pra alugar. Vamos lá perguntar.

Eu marcho em direção à casa, descendo uma pequena rampa de trevos e mato. Gonzo passa correndo na minha frente, correndo em ziguezague.

— Nem vem, Gonz — eu digo, desviando dele.

Ele estica as mãos, mexendo-as como se estivesse num filme de artes marciais de quinta categoria metido a artístico.

— Não posso deixar você entrar lá, velho.

— Posso ir na frente, Cameron? Eu ficaria honrado de encarar uma serra elétrica em seu nome, que Tyr me conceda a coragem — diz Balder.

Gonzo praticamente empurra Balder adiante.

— Boa ideia! O Balder pode ir. Ele não morre.

— Certo. Ótima ideia. Vamos mandar o gnomo de jardim pedir gasolina para nós. Sem querer ofender, Balder.

— Nenhuma ofensa — Balder assente.

— É o seguinte, eu vou bater àquela porta e pedir ajuda. Você pode vir comigo ou voltar e esperar no carro. A escolha é sua.

Gonzo dá um trago forte no seu inalador. À porta da casinha um gato preto mia um oi e circula entre as minhas pernas.

— Nem começa — eu digo para Gonzo.

— Ele deve ter comido dedinhos humanos hoje de manhã — ele sussurra.

A porta se abre e o gato dispara para dentro. Tem uma criança parada ali, segurando uma tigela de cereal. Ele deve ter uns dez ou onze anos, e usa óculos pequenos e redondos. Seu cabelo escuro e grosso está todo amassado, como quem acaba de acordar.

— Cuidado, ele pode estar armado — diz Balder sem nenhuma emoção.

— Vamos ver se você acaba plantado em cima de um freezer de carne, Homem-Gnomo.

— Oi — eu digo, ignorando os dois. — Acabou a gasolina do nosso carro, no meio da estrada, e eu só queria saber se seus pais têm um pouco pra vender pra gente?

— Eu não tenho pais — diz o garoto com uma voz macia e aguda.

Da sua boca cheia de cereal pinga um pouco de leite que escorre pelo queixo.

— Sou órfão.

— Tem mais alguém aí, tipo um adulto? — eu pergunto.

O garoto larga a porta aberta e nós o seguimos para dentro da casa escura. Na sala a tevê está ligada. O garoto senta de pernas cruzadas num pufe com o nome *Ed* bordado, e volta a comer cereal e assistir desenho animado.

— Eles estão lá embaixo, no porão.

— Nem fodendo — sussurra Gonzo.

— Nós não vamos ficar aqui — eu lhe digo a fim de refrescar a sua memória. — Vamos apenas pegar a gasolina e saímos fora.

— Por aqui — Balder abre a porta do porão e nós descemos na escuridão, seguindo por uma passagem curta, parcamente iluminada, que dá numa porta de aço inoxidável de botar respeito.

Ao lado da porta tem uma placa que diz ENTRADA PARA ÁREA MAGNETIZADA, FAVOR REMOVER QUALQUER OBJETO METÁLICO.

Gonzo segura seu inalador próximo ao peito:

— Essa é a parte do filme em que eu sairia correndo.

Nós depositamos tudo que tenha qualquer metal em pequenos sacos plásticos que encontramos numa mesa ali ao lado. Eu praticamente tenho que arrancar o inalador das mãos do Gonzo. Não tem campainha ou nada que eu consiga ver, então eu simplesmente abro a porta.

— Oiê — eu digo.

— Idem — Gonzo sussurra.

Balder engasga.

— Que estranho mundo novo é esse?

Estamos no que poderíamos chamar de o MegaMart mais gigantesco do mundo, com a única diferença que as prateleiras de camisetas produzidas com trabalho escravo e brinquedos plásticos vagabundos teriam de ser substituídas por um montão de tubos azuis e vermelhos, longos e grandes como tobogãs, conectados a um complexo labirinto de cabos, dispositivos eletrônicos, robótica e computadores. O lugar parece ter um pé-direito de mais de quinze metros, como se estivéssemos num hangar dentro de um silo, e a quantidade de megawatts de luz é de dar inveja a qualquer lâmpada de nave espacial.

Bem no meio tem um túnel de quilômetros de comprimento apoiado em vigas de metal por todos os lados, como pétalas numa margarida maluca. E no meio disso há uma porta estranha e saliente que me parece a mistura de uma concha com um pinhão. Dois homens e uma mulher vestidos com jalecos brancos e óculos de proteção estão reunidos em volta de uma mesa. Um terceiro homem está preso a uma cadeira, sua cabeça imobilizada por uma faixa de aço.

— Algo me diz que esses caras são o tipo de gente que curte arremessar anões — sussurra Gonzo.

— Dá pra você se acalmar? — eu sussurro de volta.

— Só estou dizendo que se alguém tiver que sair voando aqui, não vai ser eu.

Eu não quero interromper o teste que eles estão conduzindo — seja lá o que for — então limpo a garganta e torço para que percebam. Como eles não percebem, eu digo:

— Hã... oi. Com licença.

— Já vai — diz o homem mais velho com um cabelo branco penteado num estilo marquesa de Pompadour. — Pronto, Doutor A?

— Só estou esperando vocês, Doutor M — diz o fulano na cadeira, com a cabeça imobilizada.

— Muito bem. Calabi Yau! — grita o homem de cabelos brancos.

— Calabi Yau! — os outros comemoram quando ele arremessa uma uva.

O fulano na cadeira tenta pegá-la com a boca, mas não consegue.

— Ah, Heisenberg! — exclama o cara de cabelos brancos.

Ele se vira e repara em nós pela primeira vez.

— Ah, oi. Vocês são da pizzeria?

* * *

Depois que decepçcionamos os cientistas informando que não somos os entregadores de pizza, eles nos levam de volta para a casa, e nós explicamos que estamos sem gasolina e da importância de voltarmos para a estrada, pois eu tenho a doença da vaca louca e estou indo atrás da minha cura e ficaríamos eternamente agradecidos e blá blá blá.

— Sinto informar, mas o único combustível que temos aqui é hidrogênio. Seu carro não está equipado para células de hidrogênio, né? — pergunta o sorridente Doutor T.

— Tá brincando? Temos sorte do carro ter bancos e pneus — eu digo.

— Bem, então vamos pedir pro Ed providenciar um conversor pra vocês — Doutor T explica, apontando o dedão para o garoto que abriu a porta para nós. — Até amanhã vocês estarão na estrada novamente.

O garoto, Ed, não olha para cima, apenas segue “escrevinhando” umas equações na lousa.

— Amanhã? — eu não consigo evitar o tom de choramingo na minha voz.

— É o melhor que dá pra fazer. Vocês podem passar a noite aqui se quiserem.

— *O hotel do serra elétrica* — Gonzo cantarola baixinho.

— Mas, claro, tem um posto de gasolina na cidade, se vocês não se importarem de caminhar — acrescenta Doutor T.

— É muito longe? — eu pergunto.

A única mulher, Doutora O, dá de ombros.

— Em milhas, quilômetros, centímetros...?

— Pode ser quilômetros.

— Ah, uns sessenta e quatro, mais ou menos — diz Doutor T.

Doutora O olha feio para ele:

— Brian, eu ia chegar lá.

Levaria uma eternidade para a gente andar sessenta e quatro quilômetros, e estamos realmente exaustos. Fora o probleminha da polícia e a recompensa do Atacadista Globo de Neve Unidos pela nossa cabeça.

— Tudo bem. Seria ótimo, obrigado.

— Ah, oi — diz Doutor M, apertando a mão do Balder. — Bela fantasia. Eu também sou chegado em me fantasiar de fim de semana. Me diga uma coisa, onde você conseguiu esse elmo?

— Foi fabricado no Norte, abençoado pelas mãos de Odin, e quem me deu foi minha mãe, Frigg — responde Balder.

— É lindo. Eu comprei o meu na internet.

Gonzo pega um brinquedo que me lembra uma escultura de macarrão maluca feita por uma criancinha. É uma bola esburacada feita a partir dos tobogãs em espiral, escorregadores e tubos, e nenhum deles parece se conectar com nada.

— O que é esse lugar?

— Aqui? Aqui é Devupia — diz Doutor A, o cara alto com cabelos encaracolados que estava tentando pegar a uva com a boca.

Por baixo do seu jaleco, ele está com uma camiseta que diz O MEU BIG BANG É MAIOR QUE O SEU.

— Devupia? — eu repito.

— Sim, Devupia. Significa Departamento de Viagem Para Universos Paralelos... ia.

Doutor A entra na conversa.

— Ainda não chegamos no acrônimo completo, mas queríamos garantir o nome do domínio antes que alguém pegasse.

— Acreditamos que nosso universo possa ser uma pequena parte de algo muito maior, somos uma casa numa subdivisão cósmica de

casas que ficam juntinhas umas das outras. Se ao menos pudéssemos visitar nossos vizinhos, se fosse tão fácil quanto abrir a porta da frente... — diz Doutor T.

— Vocês estão brincando, né? — pergunta Gonzo, erguendo a sobancelha.

— De jeito nenhum — continua Doutor T. — Por que nosso mundo deveria ser o único? Isso não lhe parece estranho?

— E, francamente, não é um pouco narcisista? — acrescenta Doutor M.

— Certamente deve haver vários outros mundos, muitas possibilidades. Mais ou menos como essas bolhas — diz Doutor T enquanto insere um bastãozinho num frasco de água com sabão, sopra e cerca de zilhões de bolhinhas saem flutuando. — Viu? Algumas bolhas estouram imediatamente ou então não vão muito longe, a possibilidade menos provável. Mas algumas bolhas vão longe. Saem flutuando.

— Nada desaparece. A totalidade do tempo está se desdobrando o tempo todo — prossegue Doutor M.

Ele pega o brinquedo em forma de macarrão *fuzzili* e gira um dos tubos. Luzes piscam no brinquedo e agora eu posso ver outro conjunto de pequenas formas sob as formas que estão por cima.

— Onze dimensões diferentes. A maioria delas é pequena demais pra que a gente consiga enxergar.

— Ou então dimensões muito mais *vastas* que o nosso mundo, como uma enorme nave do tempo na qual nosso universo seria apenas um ratinho infiltrado — argumenta Doutora O.

— Eita! — diz Gonzo, e, de fato, ele tem razão.

— Agora estamos tentando chegar nesses mundos sem fim. E esse bichinho aqui... — diz Doutor A — apontando para aquele túnel de margarida maluca, ao mesmo tempo estranho e incrível — é a nossa alavanca para outras realidades.

— O que é isso aí? — pergunta Gonzo, dando um passo para trás.

Ele está com uma mão já na porta de saída.

— Vinte e sete quilômetros de túneis magnetizados com um único propósito: abrir uma janela naquela casa ali ao lado e depois na casa seguinte e assim por diante — diz Doutor M.

Ele dá um largo sorriso:

— Estamos quase lá!

— Quer dizer que é um supercolisor — eu digo.

— Maldito Stephen Hawking! — enfurece-se Doutor M. — Super é para liquidações. Super é o tamanho do sanduíche extragrande por um dólar a mais. Mas isso... — ele aponta para a porta de formato estranho —, isso é um Colisor de Infinito.

— Esse termo é marca registrada, por sinal — adverte Doutor A.

— Partículas colidindo com o infinito em infinitas maneiras de modo que nenhuma das leis padrão da quântica se aplica: pra trás, pra frente, pra cima, pra baixo, pro lado, de dentro pra fora e de fora pra dentro.

Balder ergue as sobrancelhas:

— Viagem no tempo?

— Viagem pra mundos paralelos — diz Doutor T, todo animado.

Gonzo deixa seu posto perto da porta de saída e se senta ao lado do Doutor T.:

— Cara! Então, tipo, você visitou outros mundos? Como é? Tinha coisas como *Ursinhos Vamp* detonando androides e coisas do tipo? Espera aí, você esteve lá, né?

Incomodados, os cientistas se justificam.

— Não chegamos nesse ponto — diz Doutor A.

— Ainda tem uns pepinos que precisamos resolver — informa Doutor T com um sorriso amarelo.

— Pepinos? Tipo botar um óleo nas dobradiças da porta ou está mais pra coisas complexas que é melhor a gente nem saber? — pergunta Gonzo.

— Nunca chegamos a enviar uma pessoa — explica Doutor A.

— A não ser uma vez — Ed começa a falar lá da lousa, onde está “escrevinhando”.

— Sim, bem. É melhor esquecer essa história, Ed — adverte Doutor M.

— Vamos lá. Vamos mostrar nosso trabalho pra vocês. Já está quase pronto — diz Doutora O.

Ela nos leva lá para cima, para uma sala de jogos superconfortável, equipada com uma tevê enorme e um sofá modular.

— O que vocês vão assistir é um registro de todo o trabalho que realizamos aqui em Devupia — explica Doutor T. — O Colisor de Infinito, Teoria das Cordas, Teoria das Supercordas, Teoria M...

— Teoria Y, Teoria Z, Teoria Duplo Z — acrescenta Doutor M.

Doutora O entra na conversa:

— Partículas subatômicas, partículas parceiras, grávitons, talveztons, podesertons...

— A Teoria do Tudo...

— A Teoria do Nada...

— A Teoria do Entre uma Coisa e Outra...

— Agora estamos trabalhando num complemento da Teoria do Tudo — explica Doutor T. — A Teoria do Tudo e Mais um Bocadinho.

— Pois quem é que não quer mais um bocadinho? — pergunta Doutora O.

— Ok, Ed, pode ligar.

A sala fica escura e na tevê começa a rolar um vídeo.

Um Doutor M muito jovem acena para a câmera com um jeito nervoso e coloca um gato malhado com uma coleira roxa dentro do compartimento de um modelo anterior do Colisor de Infinito, com metade do tamanho do colisor atual e bem menos elaborado.

— Se você chegar lá, Schrödinger — diz ele para o gato —, que você encontre uma dimensão onde ratos são abundantes e o arum fresquinho.

Os miados de protesto de Schrödinger são interrompidos pelo fechamento da porta. Então há um zumbido e um clarão, e quando eles abrem a porta novamente Schrödinger está deitado dentro do compartimento, imóvel.

— Ele foi um bom gatinho — diz Doutor T com uma fungada.

Os *clips* pulam numa história bastante caótica de Devupia: imagens dos cientistas quando eram mais jovens, solucionando equações numa lousa. Uma foto deles num baile, uma faixa com os dizeres OS BÓSONS SUPERPODEROSOS. Uma partida de futebol. Uma progressão daqueles estranhos brinquedos de macarrão fusilli, um diferente do outro.

— O que são esses aí? — eu pergunto.

— Tubos Calabi Yau — diz Doutora O, como se isso fosse tão básico quanto torradas ou meias.

— Certo. Eu sabia — diz Gonzo.

Ele olha para mim e revira os olhos. Doutor M brinca com o modelo, jogando-o de uma mão para a outra.

— São modelos geométricos que representam as muitas dimensões enrodilhadas do espaço que ainda desconhecemos — ele dá de ombros. — É um lance de matemática.

O vídeo continua rolando por mais um minuto. Noto que no começo são muitos cientistas, mas não tantos assim nas últimas cenas.

— O que aconteceu com os outros?

A expressão no rosto do Doutor T é de indiferença.

— Perdemos nosso patrocínio. Mais dinheiro para tanques e mísseis, menos para encontrar as partículas de Deus.

— Ah! A eternidade num beijo!

Rapidamente eu viro a cabeça de volta para a tela.

— Espera! Pausa aí! — eu grito.

A imagem congela num homem oriental com olhos surpresos. Eufórico, eu aponto para a tela.

— É o Doutor X! Vocês conhecem ele? Ele está aqui?

Os cientistas ficam incomodados.

— Já estive — Doutora O diz baixinho.

Meu coração pesa. Eu estava esperançoso de que finalmente o encontraríamos.

— Bem, vocês sabem pra onde ele foi? Por favor, é superimportante que eu o encontre.

— Ninguém o viu ou teve notícias dele desde que... — começa a dizer Doutor A.

— Desde o quê? — eu pergunto.

Os cientistas trocam olhares entre si. Doutor T pega uma foto antiga numa prateleira — Doutor X ao lado de uma mulher sorridente e sardenta. É a mesma foto que eu vi na sua mesa quando fiz a busca na internet, quando estava pesquisando Gigantes de Fogo e por acaso acabei encontrando o Doutor X.

— A esposa do Doutor X, a senhora X — explica Doutor T. — Ele a amava muito. Ela era a inspiração pro seu trabalho. É o que ele costumava dizer: “Não existe sentido a não ser aqueles que atribuímos à vida, e ela é o meu sentido”.

Doutor T coloca a foto de volta na prateleira.

— Uma mulher encantadora.

Os cientistas todos acenam com a cabeça.

— Mas o que aconteceu?

— Todos os anos, no natal, ela dava um globo de neve diferente de presente para a coleção do Doutor X. Ele adorava globos de neve; dizia que eram mundinhos em si. Em todo caso, isso foi uma semana antes do natal, na primeira neve da estação. Ela tinha ido ao centro fazer o último pagamento na loja e retirar o presente. Mas...

Doutor T para de falar e balança a cabeça, desolado.

Doutora O continua:

— Uma bomba explodiu. Nunca descobriram quem foi o autor do atentado nem o motivo. Um ataque aleatório. Sem sentido. A senhora X morreu na explosão. Quando encontraram o corpo, ela estava segurando o globo de neve que seria o presente de natal do marido.

Balder tira o capacete.

— De fato, é uma história muito triste.

— Depois que a esposa morreu Doutor X já não era mais o mesmo — diz Doutor M com um longo suspiro. — Ele dizia que de nada adiantava conseguirmos elaborar a Teoria de Tudo Mais um Bocadinho, medir grávitons ou provar a existência de outros mundos se não somos capazes de interromper o sofrimento entre os nossos: a maldição do imprevisível, o terrível, o leviano.

— Ele queria usar o Colisor de Infinito não pra fazer perguntas, mas pra chegar numa resposta — diz baixinho a Doutora O. — Ele queria pesquisar o tempo e o espaço a fim de encontrar uma maneira de parar a morte.

— E? — eu pergunto, engolindo seco. — O que aconteceu com ele?

— Doutor X tinha uma teoria de que certas frequências musicais podem abrir portais no tecido do tempo-espaço. Algo a ver com as vibrações. Ele acreditava que a música tinha de fato sua própria dimensão — explica Doutor T com aquela sua voz professoral.

— Meu amigo Eubie provavelmente concordaria com ele — eu digo.

— Certa noite, ele fez algumas alterações secretas no Colisor de Infinito. Apenas Ed estava com ele.

Ele olha para Ed, que está observando um saco de pipoca de micro-ondas expandir dentro do micro-ondas, como se aquilo fosse tão fascinante quanto o Colisor de Infinito.

— De acordo com Ed, Doutor X reconfigurou o Calibi Yau numa supercaixa de som, que então ele anexou ao seu rádio pra amplificar a música.

— Era o Copenhagen Interpretation! — grita Ed da cozinha, onde despeja a pipoca fresquinha numa tigela.

— ... e impulsionar aquelas vibrações musicais pro universo a fim de abrir um buraco no tecido do tempo-espaço e criar uma passagem. Funcionou. Em questão de minutos ele desapareceu. Assim como o Colisor de Infinito. Tivemos que construir esse aqui do zero.

— Não vimos ou tivemos notícia de Doutor X desde então. Até onde a gente sabe, ele está preso num universo paralelo — suspira Doutor M.

— Quando foi isso? — eu pergunto.

— Há onze anos — Doutor A diz. — Eu me lembro porque foi na noite em que Copenhagen Interpretation fez seu Concerto Beneficente pela Paz, Mas Contra a Não Paz E Contra Pessoas Que Sistemáticamente Não São Gentis. Foi um *show* maravilhoso. Acho que rolou uma aurora boreal. Foi o que a minha namorada me contou.

— Foi também a noite em que eles desapareceram — eu disse.

Na tevê, o rosto sóbrio do Doutor X enche a tela.

— Por que devemos morrer quando tudo em nós nasceu pra viver?

Ele sacode o globo de neve com o anjo dentro, que fica ofuscado com a neve branca. Conexões. Dulcie disse que tudo estava conectado. Talvez se eu pudesse reproduzir a experiência do Doutor X eu poderia encontrar essa conexão.

— Vocês podem me enviar pra onde o Doutor X foi?

— Depende se você é determinista ou probabilístico — Doutora O ri, mas ninguém mais ri. — É uma piada — diz ela, virando os olhos.

— Em todo caso, é possível. Um registro da sua viagem pode ainda estar impressa ali, como um eco.

— Não temos certeza quanto a isso — diz Doutor A. — Nunca conseguimos reproduzir a experiência do Doutor X. Existe a possibilidade de conseguirmos criar um pequeno buraco negro. Ou você poderia entrar em outro mundo e não voltar mais. Você poderia ficar rodando por outros mundos indefinidamente, como o Holandês Voador.

— Mas se ele tiver deixado um XL-graviton, uma espécie de “pegada de mundo paralelo”, teríamos provas — diz Doutor M, andando de um lado para o outro — e ele prossegue, baixando a voz: — Com isso conseguiríamos patrocínio.

— Hummm... — dizem os cientistas ao mesmo tempo.

Gonzo sussurra ao meu ouvido:

— E se esse troço jogar-lhe numa outra realidade onde você é um punheteiro de marca maior sem namorada. Ah, espera aí... Isso seria essa realidade. Deixa pra lá.

— Vá se foder — eu sussurro.

O Gonzo ri mais ainda.

— O que foi? — pergunta Doutor A.

— Nada — eu digo.

Sorrindo, Doutor T ergue um dedo:

— O nada não existe. Em cada nada há algo. Aliás, pode haver tudo!

— É um novo *slogan* de vendas — Doutora O explica. — Nossas pesquisas também estão sendo patrocinadas pela Busca da Felicidade S.A. A busca da felicidade a qualquer custo.

— Tô ligado — resmunga Gonzo —, felicidade extrema não é tudo aquilo que você esperava.

Eu olho para a foto do Doutor X e a esposa:

— Onde eu assino?

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

**Em que eu faço uma viagenszinha pelo tempo-espço. Calabi
Yau!**

Gonzo e eu estamos sentados na varanda, observando as turbinas girando perante um céu noturno salpicado de estrelas. Balder foi caçar. Ele teima em dizer que eu não posso entrar no Colisor de Infinito sem antes fazer uma ceia tipicamente *viking*, digna do *Valhalla*. Já faz uma hora que, enquanto aguardamos a bateria do seu celular recarregar, Gonzo protesta contra o meu embarque no Colisor de Infinito.

— Só estou dizendo, velho, que esse negócio não me inspira muita segurança.

— Você tem alguma ideia melhor?

— Sim — ele começa a dizer. — Não. Na verdade, não. Mas, universos paralelos? Cara, eu sou o maior fã de *Guerreiro das Estrelas* nesse ou em qualquer outro planeta, mas é só um filme, tá ligado? É tudo ficção científica.

— Mas e se não for? E se realmente existir universos paralelos, onde você é você, só que diferente. Sabe como é? Talvez você seja um médico, um coveiro ou um ninja. Talvez aqui, *nesse* universo, sua mãe tenha morrido quando você tinha cinco anos de idade — eu engasgo ao dizer “morreu” — mas num outro mundo ela continua viva, ajudando-o a construir castelinhos de areia na praia.

— Mas pode haver outro mundo onde você sai do Colisor de Infinito e é devorado por plantas caseiras carnívoras.

— Não começa.

— Só estou dizendo que pode não ser um lance “castelinho de areia e ninjas”.

As turbinas pegam uma nova brisa e passam a girar no sentido contrário.

— Mas e todos aqueles outros caminhos, todas as outras escolhas que você não fez? Elas devem se desenrolar em algum outro lugar. Digo, talvez...

Eu paro porque é querer demais e a coisa é muito boba para pronunciar em voz alta.

— Talvez o quê?

— Talvez exista um universo onde eu não pego essa doença, onde nada disso acontece.

Assim que eu digo isso, penso na Dulcie. Também penso em Gonzo, Balder e em toda essa viagem maluca. Eu me dou conta de que não trocaria isso por nada. Gonzo desembulha um pedaço de Ping Picante e enfia na boca.

— Bem, tipo assim... quer dizer que o tempo é elástico?

— Claro. Quer dizer, por que não? — eu começo a falar e vou ficando eufórico: — Talvez, agora, nesse exato instante, Junior Webster ainda está lutando na guerra que o transformou enquanto estamos sentados nessa varanda observando a grama crescer. O Copenhagen Interpretation faz uma apresentação de quarenta segundos pra comemorar o retorno da banda aos palcos e você é criança e está enterrando seus carrinhos no quintal. Ou você faz uma apresentação de quarenta segundos pra comemorar a sua volta e o Copenhagen Interpretation brinca com carrinhos. Tudo isso é uma grande sopa que não para de ferver.

Gonzo coça a cabeça:

— Velho, isso é papo de maconheiro, e a gente nem fumou.

— Eu só estou dizendo que é totalmente possível que as coisas não aconteçam até que você se conecte com um evento, de modo que as escolhas que você não fez rolam em outros mundos.

— Sei lá, velho — Diz Gonzo, levantando as mãos. — Eu estou na boa com essa realidade. Aliás, já é realidade demais pro meu caminhãozinho. Eu não estou pronto pra enfrentar mais uma.

— Gonz, se... bem... sabe? — eu digo com cautela: — Eu só quero que você leve Balder até o mar pra que Ringhorn quebre a maldição dele, tá bom?

— Velho, não existe nenhum *Ringhorn*.

— Só promete pra mim.

— Tá, ok — Gonzo concorda enquanto torce e dobra o papel de embrulho do seu chiclete em diferentes formatos. — Então, você acha mesmo que num outro mundo eu... sabe como é? Não ser anão?

É difícil para eu imaginar Gonzo como qualquer outra coisa que não seja Gonzo.

— Ou então você é O Menor DP, o Anão do Destino.

Gonzo faz um gesto de revólver com o dedo apontador e o dedão:

— A dama queria um conselho, mas eu não estava à altura — diz ele com voz de detetive cínico.

Ele bota o papel de chiclete na mesa. Agora é um pequeno cisne prateado.

— Eu vou querer um chapéu fedora irado. Não posso ser o Anão do Destino sem um chapéu massa.

— Verdade.

O vento parou. Tudo está quieto, como se o mundo estivesse segurando a respiração.

— Desculpa — eu digo depois de um tempo.

— Desculpa por quê?

— Dulcie disse que ia ter um lance pra você nessa viagem, mas acho que tem sido um fiasco até agora.

— Bem, sim... — diz Gonzo, abraçando os joelhos —, mas é melhor que ir pra escola.

Uma luz verde se acende no telefone do Gonzo.

— Carregou — eu digo. — Quer ligar pra sua mãe?

Gonzo deixa o telefone ali:

— Mais tarde, talvez.

Deparo com Ed na sala, com seu pijama de *Guerreiro das Estrelas*. Ele está brincando com o modelo Calabi Yau. A tevê está ligada. Parker Day caminha pomposamente pelo estúdio.

— Só quero lembrar a todos aí em casa que já começou a contagem regressiva para o YA! Mansão do Agito. Só falta um dia e nós vamos o que mesmo? — pergunta Parker.

Ele leva a mão ao ouvido enquanto a plateia grita o seu bordão para ele.

— Incendiar! — ele grita junto com a plateia, e começa um fuzuê.

Eu mudo para o ConstaToons. É o mesmo papa-léguas e o coiole com todas aquelas portas.

— Dessa aí vai sair um trem — diz Ed instantes antes do coiole abri-la e ser atropelado.

— É, eu sei. Ele já devia ter aprendido.

— Ele não aprende. Ele é um desenho.

— Boa — eu digo, oferecendo uma Gororoba de Milho.

Ele balança a cabeça.

— Eu já escovei os dentes.

— Certo — eu enfio o salgadinho na boca. — Então, você mora aqui desde pequenininho?

Ele assente.

— Que foda, cara. Sinto muito, sabe, por seus pais terem morrido.

— Meus pais não morreram. Eles me largaram aqui na porta quando eu tinha três anos.

— Nossa — eu digo antes que eu consiga me conter.

Apesar de toda a cretinice do meu pai e do jeito avoado da minha mãe eles nunca fariam algo assim.

Ed segue brincando com o Calabi Yau, arrumando e desarrumando as dimensões com cara de macarrão para criar novas formas. Toda vez que ele faz isso a coisa acende que nem uma máquina de fliperama.

— Ei, Ed? Você sabe o que aconteceu com Doutor X? — eu pergunto. — É muito importante.

— Ele entrou no Colisor de Infinito — diz ele sem tirar os olhos do desenho.

— Sim, mas você sabe se ele está perdido ou tipo... preso em algum outro mundo? Você sabe onde ele está nesse momento?

— Ele foi pro amanhã. Bigorna! — ele tenta advertir o coiole.

Eu suspiro. Isso não vai me levar a lugar algum. Na tevê o papa-léguas atravessa o painel pintado. Confuso, o coiole tenta segui-lo e bate em cheio contra um muro.

— E você? Já pensou em entrar no Colisor de Infinito? — eu pergunto.

— Nós somos o infinito — diz Ed, como se isso resolvesse a questão.

A porta abre de supetão. Balder está parado no batente, olhos brilhando, arrastando um veado por um chifre:

— Amanhã talvez a gente morra. Mas hoje vamos cear como heróis!

Mais tarde, depois que nos esbaldamos com a carne de veado e refrigerante Rad, Balder se diverte permitindo que os cientistas testem seus vários lasers e torrentes de protoplasma e até uma bazuca nele. A cada golpe ele apenas grita “chupa!” em norueguês, até que, para ser sincero, a coisa começa a ficar meio irritante. Tenho a impressão de que os cientistas estão se divertindo um pouco além da conta ao tentarem matar o meu colega, mas Balder está adorando esbanjar o seu lado imortal fodão, então quem sou eu para impedi-lo?

Na manhã seguinte, às onze e meia, Doutor T chega. Dessa vez ele não está sorrindo e não para de pestanejar.

— É verdade que vocês são terroristas?

Ele mostra o jornal do dia, e meu coração quase para. Na página quatro está a foto do cartaz com Gonz e eu, acompanhada de uma matéria sobre a revolução no ISAPELBO e o suposto bombardeio da Kafeteria Konstante, a recompensa oferecida por Atacadista Globos de Neve Unidos, e o número de telefone.

— É contra esse tipo de coisa que Doutor X se opunha.

— Não! Não, eu... deixa-me explicar...

Gonzo se enfia debaixo do meu braço, começa a ler.

— Cara, a gente saiu na página quatro? Que merda! O que um terrorista tem que fazer pra sair na capa?

— Mas nós não somos terroristas! — eu insisto.

— Ah, certo. De jeito nenhum, galera.

— Para citar o grande Silas Fenton: “Nós lhe damos a nossa palavra. Somos pela honra e pelo bem, juramos proteger a galáxia até que nossos átomos se espalhem entre as estrelas” — Balder garante a eles.

Os professores nos encaram com expressões indecifráveis.

— É de *Guerreiro das Estrelas* — explica Gonzo. — Vocês conhecem *Guerreiro das Estrelas*? O filme?

— Nunca vi — responde Doutor A com uma fungada.

Gonzo dá um passo para trás:

— Como vocês podem ser nerds da ciência sem nunca terem visto *Guerreiro das Estrelas*? Isso não está certo.

— Olha, tem uma coisa que eu preciso contar a vocês...

Eu lhes explico sobre a energia escura que Doutor X deixou escapar sem querer, num universo paralelo, e do perigo que isso traz para os nossos. Enquanto eu explico eles trocam olhares e eu consigo ouvi-los sussurrando uns para os outros:

—... ele pode ter viajado através do Campo de Higgs...

— conferindo à massa a algo novo... algo perigoso...

— nunca foi tentado, apenas um garoto...

— nachos... comi nachos ontem, que tal macarrão...

— pode ser a nossa grande virada...

Por fim eles desfazem a rodinha:

— Nós vamos ajudá-lo — diz Doutor A. — Pelo bem da ciência.

Trinta minutos depois eu estou parado à frente da porta maluca do Colisor de Infinito, com um capacete de *roller derby*, óculos de segurança de plástico, brancos e um macacão acolchoado laranja onde está escrito O GATO DE SCHRÖDINGER TEM DUPLA PERSONALIDADE.

— Nossa, humor de físico. Quem diria... — assobia Gonzo.

Os cientistas trocaram seus jalecos por macacões. Atrás das costas do Doutor M tem um *slogan* em enormes letras brancas: AQUI TODOS SÃO TURISTAS! Ele nos dá um sorrisinho, como que se desculpando:

— Hoje em dia a maior parte da nossa pesquisa é patrocinada pelo Conselho-Mor do Turismo. Se alcançarmos nosso objetivo eles têm intenção de fazer uma parceria conosco para turnês em universos paralelos. Ele gesticula com o braço como se estivesse soletrando um *outdoor* imaginário:

— “Leve o seu cérebro para o Mundo dos Cérebros!”

— Sem graça... — cantarola baixinho a Doutora O, apertando botões e fazendo medições.

— Sim, bem... Ainda estamos tentando encontrar uma frase com uma pegada legal — diz Doutor M com uma fungada.

Eu ajeito os óculos de proteção:.

— Como estou?

— Parece que você acabou de fugir de uma banda dos anos oitenta — diz Gonzo.

— Ed, por favor, prepare a nossa vítima — grita Doutor T de um andaime acima do túnel.

Eu me abaixo para que Ed possa testar a segurança do meu capacete de *roller derby*.

— Não se preocupe. Não dói.

— Eu achava que ninguém tinha voltado. Como você sabe que não dói?

Ed pensa a respeito, assentindo lentamente:

— Eu simplesmente sei, como certas coisas que a gente simplesmente sabe.

Ele enfia um pé de coelho branco no meu bolso.

— Pra dar sorte?

— Não — diz ele, sem oferecer nenhuma outra explicação.

Balder joga os braços em torno de mim.

— Que Frigg teça nuvens de proteção ao seu redor em suas viagens, nobre Cameron.

— Obrigado, Balder.

Ed acopla o tubo Calabi Yau na caixa de som.

— Ok, estamos prontos! — grita Doutor T.

Os cientistas baixam seus óculos de proteção e Balder e Gonzo fazem o mesmo. Doutor T faz uma espécie de saudação de herói espacial, sua mão cruzando o peito:

— Para o Campo de Field e além. Calabi Yau!

— Calabi Yau! — eles gritam.

Gonzo dá um último soquinho.

— Aos castelinhos de areia e os ninjas, velho!

Eu levanto os dois dedos e Ed fecha a porta, trancando-me lá dentro. Primeiro é quieto e escuro. Realmente escuro. Depois eu ouço a música do Copenhagen Interpretation preenchendo o espaço a minha volta. “*O tempo é a gente quem faz ...*”

O chão zumbe e vibra até que meus dentes começam a bater. A porta maluca acende que nem uma roda que você gira num parque de diversões, e é nessa hora que eu quase me mijo todo. “Fica frio, Cameron. Você não vai querer bailar todo mijado. Vergonha é vergonha em qualquer dimensão”.

É como se eu tivesse sido expelido de um canhão superturbinado. A pressão é tamanha que está me esmagando. É como se eu fosse uma forminha de um brinquedo de plástico grudada numa prancha de plástico ao lado de outras forminhas confinadas ao deslocamento daquela prancha. E daí eu começo a expandir. Sinto meu corpo se soltando daquela prancha e extrapolando, e é como se eu tivesse tantas dimensões secretas quanto o brinquedo Calabi Yau, todo enrodilhado e ao mesmo tempo exponencialmente gigante. Daí — *pow!* — eu poderia jurar que todas as minhas partes se soltaram e estão sendo reorganizadas, como os mancais de esferas daqueles quebra-cabeças baratos de plástico que vêm dentro do saco de lembrancinhas das festas de aniversário, quando você é criança. O Copenhagen Interpretation vai aumentando de volume. Pequenas células de tempo zunem a minha volta, fotos três por quatro constantemente mudando de lugar nas páginas em branco de um álbum de fotos. Às vezes, quando olho, elas contam uma história linear; noutras não fazem sentido, ou uma célula cobre a outra. No entanto eu consigo identificar algumas coisas: CI tocando num concerto, um enorme buraco negro se abrindo acima deles, Doutor X entrando em sua máquina, o palco vazio, Doutor X e o Copenhagen Interpretation voando pelo espaço e, no rastro deles, alguma coisa vai se formando. Uma bola de fogo.

Estou acelerado e tudo cambaleia. O tempo dobra e se funde até que eu não sei mais dizer o que é o que: Copenhagen Interpretation pescando na neve. Eu caindo do carrinho do Mundo Pequenino. Gonzo de chapéu fedora, com um enorme albatroz embalsamado em cima da sua mesa de trabalho e uma arma na mão. Glory brincando de amarelinha com uma menina que se parece exatamente com ela. Doutor X dançando com a esposa. Doutor X sozinho no seu quarto totalmente branco. Meu pai com os braços em volta dos meus ombros, duas luas bem baixo num céu alaranjado. Estrelas riscando o céu acima da minha cabeça. Dulcie chorando na neve, batendo as palmas das mãos sem parar contra uma placa de vidro. O trompete do Junior Webster nas minhas mãos. A placa BEM-VINDO À FLÓRIDA.

A música alcança um *crescendo*. É tanto que eu não aguento.

Quando eu chego tudo está quieto. O Calabi Yau queimou, feito um pedaço de carne seca do Buddha Burger. Eu consigo me mexer,

e como aparentemente parei de viajar, imagino que a única coisa que tenho a fazer é abrir o Colisor de Infinito e ver o que encontro do outro lado da porta. Até onde eu sei, posso pisar num mundo onde não existe refrigerante Rad e Parker Day, onde ninguém nem nunca ouviu falar em Copenhagen Interpretation.

A porta abre com um chiado e uma nuvem de neblina. Espero que não haja nenhuma planta carnívora de garfo, faca e molho tártaro nas mãos, esperando por mim. Formas confusas emergem da neblina. Suas silhuetas são preenchidas; doutores A, T, O e M estão ali parados, pestanejando para mim. Gonzo sorri aliviado. Balder tira o capacete e cai de joelhos para fazer uma reza de agradecimento.

— Nima Arkani-Hamed! — comemora Doutor T, dando um pulo a meio metro do chão.

Os cientistas dão um abraço grupal antes de saírem correndo para testar as evidências de XL — grávitons e talveztrons e quemsabetrans e qualquer outra coisa que forem capaz de inventar.

Ed pega o meu capacete e óculos e me oferece um suco. Então ele mete a mão no meu bolso e pega o pé de coelho, que agora está listrado de marrom, embora eu possa jurar que era branco quando ele o botou ali.

— Hum... — diz ele, sorrindo. — Bem que eu achei.

E isso faz tanto sentido quanto todo o resto.

Mais tarde, depois que os cientistas registraram tudo que dava para registrar, depois de terem se cumprimentado zilhões de vezes e de pendurarem uma placa que diz AGÊNCIA DE VIAGENS PARA UNIVERSOS PARALELOS-PIA: EM BREVE ABERTO AO PÚBLICO! Eles nos acompanham até a saída.

— Lamento não termos conseguido ajudá-lo a encontrar o Doutor X — diz Doutora O, apertando a minha mão. — Você foi de enorme valia para a ciência.

— Ei, Gonzo, você ouviu isso? Eu fui de enorme valia para a ciência!

— Diga a eles que você quer uma medalha bem grande — Gonz grita de volta com a boca cheia de taco de legumes, pois ele se recusa a pegar estrada de barriga vazia.

— Pode ficar com isso — Ed me oferece o seu modelo do Calabi Yau.

Ele o coloca na palma da minha mão e o negócio tomba, mais de onze dimensões, todas minhas.

— Tem certeza?

— Sim. Temos milhares à venda nas lojinhas do Devupia. As pessoas gostam de levar lembrancinhas. É um modo de demonstrar afeto.

— Legal — eu o guardo na mochila. — Obrigado pelos tacos de legumes. E se lhe ocorrer alguma ideia de onde Doutor X possa estar, ligue pra gente.

— Eu já lhe falei onde ele está — diz Ed.

— Você disse que ele foi pro amanhã — eu faço questão de lembrá-lo educadamente.

— Sim.

Ele bota o dedo sujo de taco no medidor do meu passaporte-E, bem em cima de Terra do Amanhã, e sorri.

— Compre uma tiara de orelhas de rato. Eles até gravam seu nome nelas se você pedir.

Eu tropeço em alguma coisa aos meus pés. Um gato malhado laranja com uma coleira roxa se esfrega em minhas pernas e ronrona alto. Doutor T o pega no colo e coça atrás das suas orelhas.

— Schrödinger, seu safado. Por onde você andou? Você deve estar morto de fome. Vem cá, vamos lá pegar a sua ração.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Em que damos carona para três pessoas e em que libertamos os globos de neve

No rádio, ouvimos um alerta sobre incêndios florestais se espalhando pelas estradas da Flórida. A fumaça marrom nos engole como terra. Eu mal consigo enxergar a estrada a minha frente.

Desde que deixamos Devupia eu estou com os nervos à flor da pele. Somos praticamente um alvo enorme dirigindo por aí num Rocinante com chifres de boi, e não podemos continuar em caminhos alternativos para sempre. Será que Doutor X está realmente na Disney? A essa altura eu já não deveria ter visto uma placa?

— Você acha que isso aí é só incêndio florestal mesmo? — pergunta Gonzo.

Nós três estamos tão tensos que parecemos instrumentos musicais que alguém poderia tocar, inclusive.

— Talvez — eu respondo.

Balder tira uma runa da algibeira.

— O que diz? — pergunta Gonzo.

Com as sobrancelhas franzidas Balder ergue uma runa totalmente em branco.

— *Wyrð*. O começo e o fim. Destino.

Eu não sei o que isso significa, mas não ajudou em nada para aliviar meu medo. Depois de cinco quilômetros a fumaça desaparece e o sol reluz no asfalto com brilhos contundentes. Uma sirene dispara atrás de nós e eu quase morro do coração.

— Bosta — eu digo. — Fica frio, fica frio.

A viatura da polícia passa por nós perseguindo outro carro, e nós soltamos a respiração.

— Nós precisamos de um disfarce — eu digo como se soubesse do que estou falando, como se eu fizesse esse tipo de coisa o tempo

todo.

— Lamento dizer, mas acho que não conseguiremos trocar esse carro por outro — Balder pondera. — Não vale o suficiente.

Bem nessa hora eu vejo três caras parados ao lado da estrada, segurando uma placa MANÇÃO DO AGITO OU NADA. Isso me dá uma ideia. Eu paro no acostamento, alguns metros adiante deles. Gonzo arregala os olhos.

— Velho, o que você está fazendo?

— Vou dar uma carona pra eles. Nós vamos pra Disney. Podemos deixá-los em Daytona. Fica no caminho.

Gonzo dá um tapa nos joelhos e joga a cabeça para trás, encarando o teto, como se o teto pudesse entender o seu apelo:

— Ninguém jamais dá carona pra gente na estrada. É o tipo de dica de segurança que nem vem mais nas embalagens de leite pras criancinhas, pois todo mundo já está careca de saber isso.

— Eles escreveram MANSÃO errado. Duvido que sejam gênios do mal.

Gonzo vira o corpo para dar uma olhada nos caras, que caminham de um jeito desengonçado em direção ao carro, arrastando as malas.

— Olha — eu explico. — Esses caras podem ser o nosso disfarce, entende? A polícia está procurando dois adolescentes malucos, não um carro cheio de estudantes universitários a caminho da semana do saco cheio. Com esses caras seremos como qualquer outra caravana a caminho de Daytona pra semana do saco cheio. Passamos batido pelo radar.

Balder se pronuncia:

— O plano de batalha do Cameron é sensato. Mas eu já vi esses tipinhos antes. Eles tiram fotos — diz ele, demonstrando pequenos sinais do transtorno de estresse pós-traumático de gnomo de jardim.

— Não se preocupe, Balder. Ninguém vai tirar fotos. Você não corre o menor perigo — eu digo.

— Mesmo assim, acho melhor eu assumir a minha forma encantada. Fico do lado do Gonzo.

Rapidamente Balder vem para o banco da frente e assume sua *persona* gnomo ao mesmo tempo em que um cara grande e flácido abre a porta de trás do carro.

— Ei, cara. Obrigado por parar. A gente estava ali há horas.

— Pois as outras pessoas, pessoas sãs, sabem que não se deve parar — Gonzo resmunga baixinho.

— Na boa — eu digo. — Vou abrir o porta-malas.

Depois de cinco minutos estamos de volta na rodovia.

— E aí, aonde vocês estudam? — pergunta o cara flácido, sentado no meio.

— Centro Universitário do Texas — eu minto.— E vocês?

— Universidade da Costa Dourada — diz ele, e há uma rodada de gritaria de estádio de futebol de estourar os tímpanos: — Nas Costas! Nas Costas! Naaas Costaaas!

— Nós a chamamos de Nas Costas porque lá todo mundo passa com um pé nas costas — diz o cara à esquerda.

— Amém — o cara à direita diz. — A gente pode deixar pra escolher o curso quando estamos praticamente nos formando.

Ao lado da rodovia floresce um aglomerado de imóveis que inclui postos de gasolina, lanchonetes de *waffle* vinte e quatro horas, lojas de decoração e atacadistas gigantescos. Os carros fazem fila para entrar nos estacionamentos. Um *outdoor* novinho acaba de ser instalado. É a foto de uma menina segurando um globo de neve e sorrindo, maravilhada. PROTEGENDO A SUA SEGURANÇA. ELIMINANDO O IMPREVISÍVEL. GARANTINDO A SUA FELICIDADE. ATACADISTAS GLOBOS DE NEVE UNIDOS: ESTAMOS TRABALHANDO PARA QUE VOCÊ NÃO TENHA QUE TRABALHAR!

— E aí? Vocês já escolheram suas áreas? — eu pergunto, voltando meus olhos para a estrada a minha frente.

— Ainda não. Eu só quero alguma coisa que vá me render uma bela grana. Algum trabalho de escritório onde eu possa jogar basquete com aquelas cestas de brinquedo ou jogar em cassinos pela internet durante a maior parte do dia e depois ainda receber um salário.

— Vocês estão indo pra Mansão do Agito? — o cara à direita pergunta.

— Não. Só estamos de passagem — eu digo.

— Ah. Nós vamos pra Mansão do Agito — diz ele.

— Mansão do Agito! — o cara à direita grita de repente, me dando um susto.

— Marisol é muito gostosa! — diz o Cara do Meio. — Ela será minha!

— As minas ficam descontroladas nesse lugar — anuncia o Cara da Direita.

— Então vocês já foram antes? — eu pergunto.

— Não — diz ele, um pouco na defensiva. — Mas eu ouvi falar.

Bem então um carro cheio de garotas adolescentes emparelha conosco. Seus rabos de cavalo balançam ao vento.

— Cara, baixa o vidro! — grita o Cara da Direita para o Cara da Esquerda.

— Ei, vocês estão indo pra Mansão do Agito? — pergunta aos berros o Cara da Direita.

— Sim! — grita a loira debruçada para fora da janela.

Ela está segurando um Rad Diet. O metal prateado reluzente da lata brilha ao sol.

— Vocês também estão indo?

— Com certeza! Nós vamos participar do *Vai Encarar* com Parker e Marisol! — promete o Cara do Meio.

A garota no banco de trás baixou o vidro também. Ela grita:

— Fala sério! Ai meu Deus, eu *amo* aquele programa!

— É, o Marty aqui já fez a acrobacia onde você passa de skate sobre um carro em movimento. Ele quebrou cinco ossos importantes, mas agora ele já está bem!

— Estou ótimo — diz Marty, o Cara da Esquerda, dando um tchauzinho com a mão, imagino que para mostrar que ela ainda funciona.

As meninas riem e trocam olhares de conspiração.

— Bem, a gente vai ficar de olho em vocês lá. Até mais — elas dizem, pisando no acelerador.

Elas querem que a gente corra atrás delas. Esse é o lance.

— Vai, velho. Pisa — diz o Cara da Esquerda, praticamente já no banco da frente.

Eu tento mudar de faixa, mas um caminhão nos corta. Ficamos presos atrás dele enquanto as garotas disparam na frente.

— Ai, cara... — diz o Cara da Esquerda, decepcionado.

— Não se preocupe, mano. Lá todo mundo vai se dar muito bem!

O Cara da Direita repara em Balder pela primeira vez.

— Maneiro! Um gnomo de jardim! Tem uns conhecidos meus lá onde eu moro que levaram um desses aí até Barbados. Faz quanto

tempo que vocês estão com ele?

— Dois dias — diz Gonzo, passando o braço em volta do Balder.

— A gente devia bater umas fotos com ele na frente da Mansão do Agito — diz o Cara da Direita. — Seria demais.

Noto um leve tremor no sorriso do Balder, dá para ver que ele está a fim de mostrar seu lado *viking* para o fulano.

— Ele não é desse tipo de gnomo de jardim — eu digo.

O Cara do Meio dá uma risadinha sarcástica.

— Você o roubou de uma igreja, algo assim?

— É um lance de último desejo — eu explico. — Tem um menino na Flórida que está morrendo e quer tirar uma foto com um gnomo de jardim, por isso o nosso grupo de jovens está levando o gnomo pro hospital.

— Mas o menino nem vai ficar sabendo se a gente tirar algumas fotos antes — diz o Cara da Esquerda.

— Sinto muito — Gonzo insiste. — Tem que ser um gnomo intocado. Gnomo virgem.

Meus olhos encontram os olhos do Balder. “Fica frio”, eu imploro mentalmente para ele.

— Eu tenho um primo que é anão — diz o Cara do Meio para Gonzo. — A gente sempre o chamou de Toco. Você tem algum apelido bacana assim, tipo Toco?

— Não — diz Gonzo entre os dentes cerrados.

Ele me olha de canto de olho e eu sei que vou ter que pagar por isso mais tarde. Mas pelo menos por enquanto estamos camuflados. O cara fica olhando para ele durante um segundo, e temo que a coisa vá começar a ficar feia.

— Ei, cara — diz ele. — Será que dá pra parar? Eu tenho que mijar.

O único lugar com jeito de que possa ter banheiro é uma loja de lembrancinhas na beira da estrada. É um desses lugares abarrotados de tranqueiras inúteis, colheres personalizadas, confeitos de nozes com prazo de validade de cerca de duzentos anos, toalhas de chá decoradas com vovozinhas fazendo comentários sarcásticos acerca da vida, livros de novas receita e tripés em formato de faróis, pois pelo jeito o mundo deseja coisas

fofas nas quais é possível acomodar travessas de cozidos pelando de quente. É difícil acreditar que as pessoas realmente comprem essas tralhas, e ainda mais difícil acreditar que deem isso de presente para outras pessoas como lembrancinhas, tipo: “Ei, fizemos uma viagem incrível, mas lhe trouxemos pimentas em conserva num pote superdivertido em formato de *jalapeño* dançante. Obrigado por ter vindo dar comida para o nosso gato!” Os caras da fraternidade concordaram em pagar nossos lanches como retribuição pela carona. Eles percorrem as baías servindo-se de estranhas variedades de salgadinhos. Gonzo está com Balder em cima dos ombros. Eles estão conferindo a caneta de uma mulher de biquíni, daquelas que ao virarmos de cabeça para baixo a parte de cima cai.

A moça atrás do caixa não está dando pulinhos de alegria por termos entrado na loja. Ela informa que se quebrarmos alguma coisa teremos de pagar, depois volta a ler o tabloide enquanto, vez ou outra, dá uma olhadela desconfiada em nossa direção.

Quando eu entro num dos corredores da loja, trombo com Dulcie ali parada, apontando um lança-batatas de brinquedo para mim.

— Venha silenciosamente. É só não agir como uma batata e não teremos problema algum.

— Ei, Dulcie. Onde você estava?

Ela devolve a arma à prateleira, pega um pirulito-brinquedo com o “fóssil” de um filhote de jacaré dentro.

— Tentando obter informações.

— Conseguiu alguma coisa?

Ela nega com a cabeça.

— E você?

Eu lhe conto sobre Devupia, os cientistas e universos paralelos, o Colisor de Infinito, de ter visto Doutor X e o que Ed disse.

— Isso é ótimo — diz Dulcie, mas ela não parece feliz.

— Sim. Não sei. Disney? Me pareceu meio forçado. E ele era apenas um menino.

— Você sempre pode buscar sinais — ela diz, apontando a cabeça em direção ao caixa na frente da loja.

Eu espio por cima dos suportes para toalha em formato de cachorrinhos de cerâmica e vejo a moça de cabelão que está sentada ali. Ela lambe o dedo e vira as páginas do jornal.

Rapidamente ela levanta a cabeça e espremo os olhos numa expressão de censura para os caras da Universidade da Costa Dourada.

— É, até parece — eu digo para Dulcie.

— Vamos lá — ela me atiga.

Nós nos aproximamos, passamos pelas prateleiras abarrotadas com vários artigos de decoração (ovos de crocodilo, fatias de carne defumada com molho apimentado, saleiros e pimenteiras no formato do presidente e da primeira dama) e, dobrando a esquina, um corredor inteiro dedicado a globos de neve. De repente Dulcie para. Nunca antes eu vi essa expressão em seu rosto. Ela parece triste. Suas asas pendem.

— Dulcie?

Ela pega um dos globos de neve e o aproxima do rosto de modo que consigo ver seu olho através do vidro arredondado, enorme e piscando.

— Dulcie? Você está bem?

— Eu odeio essas coisas. São deprimentes.

Ela o vira. Embaixo está gravado ATACADISTAS GLOBOS DE NEVE UNIDOS.

— Do que você está falando?

Ela levanta a cabeça num movimento brusco. É como se ela tivesse voltado de repente, mas seus olhos ainda sofrem.

— É que... não é certo congelar a vida atrás de um vidro, entende? E... e veja esse, por exemplo.

Ela tira o globo de neve da prateleira e o gira entre as mãos. Lagostas sorridentes dançam *break* em frente ao timão de um navio sob uma chuva de purpurina. Uma garrafa vazia jogada na areia de mentira dá a entender que elas tomaram um porre e resolveram cair na farra.

— Balada — diz Dulcie. — Que coisa mais tonta para se escrever num globo de neve.

— Talvez elas curtam ficar aí — eu digo.

— Coitadas das lagostas. Não é certo ficar preso num inferno de água com purpurina.

— Com certeza. Um inferno de granulado de neve de mentira é bem melhor — eu digo, brincando.

Dulcie me ignora. Estou acostumado a ser ignorado, então por que fico incomodado quando ela faz isso? Por que com ela eu sinto necessidade de tentar? Ela me dá as costas.

— Você devia tentar pegar aquele jornal.

— Tudo bem — eu digo, sem saber ao certo o que foi que eu fiz para irritá-la.

Vou até o balcão e finjo estar muito interessado na seleção de chiclete e balas. Coloco algumas Balas Desfrute no balcão.

— Só isso? — a moça pergunta.

O nome dela é OI, MEU NOME É FUNCIONÁRIA 3. Num canto, eu avisto quatro pilhas de caixas do ATACADISTAS GLOBOS DE NEVE UNIDOS, com oito caixas por pilha. Cara, as pessoas daqui são chegadas num globo de neve.

— Sim. Obrigado. E, bem... você... Você poderia me dar esse jornal, tipo, caso você já tenha terminado de ler?

Ela espreme os olhos.

— Por quê?

— Nenhum motivo — eu engulo seco. — Eu queria dar uma olhadinha nas notícias do dia.

— Os jornais ficam ali do lado da geladeira. Três dólares e cinquenta centavos. Tó o seu chiclete.

Ela continua me olhando feio.

Já é tarde demais quando reparo na foto de Gonz e eu. Pelo jeito foi um dia meio morno para os tabloides, nenhuma face de Jesus em porções de guacamole nem nada do tipo. E Gonz e eu finalmente subimos para a primeira página, bem ao lado de uma foto do presidente jogando golfe num porta-aviões e, sob uma manchete sensacionalista, ADOLESCENTE CONCEBEU PLANO TERRORISTA NO BANHEIRO DA ESCOLA!

— Tudo bem, na verdade. Deixa pra lá. Tenha um bom dia — eu digo e saio andando rapidinho.

— Ei! — ela grita quando eu me viro. — Espera aí. Não saia daí!

Sua voz surge no sistema de comunicação interna:

— Bobby Joe, diga para o Cyrus vir com o camburão. Nós vamos embolsar aquele quinze mil, e é hoje.

Do corredor cinco vem um estrondo, o que chama a atenção da balconista:

— Ei! Ei você! Pode parar com isso agora mesmo!

Uma voz familiar grita:

— Globos de neve grátis!

Eu corro até Dulcie, que está parada no meio de uma poça de água cintilante e lagostas de brinquedo libertas.

— O que você está fazendo? — eu pergunto.

— Libertando os globos de neve. Quer ajudar?

Há um brilho maldoso em seus olhos que me mete muito medo.

— Não, não quero!

— Você que sabe.

Com um golpe de asa Dulcie varre uma prateleira inteira, depois outra, até que o piso encardido fica inundado de pequenas sereias de plástico, cidades flutuantes, conchas e pequenas bolinhas brancas que aderem ao chão como neve de mentira.

— Eu vou chamar a polícia! —grita a balconista. — Eu tenho uma arma!

Ela não está de brincadeira. Um tiro passa zunindo no outro corredor, quebrando um pote de mix de margarita amarelo e verde que respinga na minha blusa. Puta que o pariu! Eu me abaixo, ao lado de Dulcie, que sorri como se fosse o primeiro dia de verão.

— Saia daqui — diz ela. — Eu vou mantê-la ocupada.

— Como?

— Não se preocupe comigo. Só pegue o jornal quando estiver saindo.

Dulcie pega um globo de neve e o atira em direção ao mostruário de refrigerante. Um outro tiro estrçalha o vidro ali. A balconista começa a avançar em sua direção, e eu saio correndo rumo à porta. Gonzo está bem na minha cola, gritando feito um louco, Balder encaixado debaixo de um braço, e os três caras da fraternidade bem atrás dele. No caminho eu cato o jornal.

— Entrem no carro! — eu grito.

Todos entram, eu dou partida no Rocinante e saio cantando pneu.

— Eu não fechei a minha porta! — Gonzo grita.

Pelo espelho retrovisor, eu vejo a balconista apontando a espingarda para nós.

— Então é melhor se segurar de algum jeito, cara, porque eu não vou parar.

— Desculpa aí, Balder! — grita Gonzo, derrubando-o no chão por medida de segurança.

Ela dispara um terceiro tiro que não pega no Cadillac, mas acerta um carro no estacionamento. O alarme dispara com uma sirene arrepiante. Encolho a cabeça e piso fundo.

Tenho de pegar um retorno para voltar à rodovia. Meu pé pisa fundo no acelerador e a gente entra a toda na rampa de acesso, cortando um carro que buzina em protesto. Quando faço a primeira curva eu acelero tanto que por um segundo o Cadillac sai do chão. Ele aterrissa com um barulho de chocalho e daí já estamos de volta na rodovia, inseridos nas filas, no zunzunzum de carros e caminhões anônimos. Durante uns bons cinco minutos seguimos em silêncio absoluto, as pálidas dobras dos meus dedos contra a direção, todos nós ofegando e suando. Balder está no chão, em posição de feto. Gonzo pegou o inalador. Ele o aperta contra o peito. Os caras no banco de trás estão sentados com as colunas retas, olhos esbugalhados, boquiabertos, sem se mexer. Nós passamos por uma placa que informa que a praia de Daytona está a 482 quilômetros.

Conseguimos! Cada parte do meu corpo se sente viva. Não consigo evitar, batuco no volante comemorando a vitória. Foi louco. Insano. E totalmente incrível. Finalmente o Cara do Meio fala:

— Cara, eu quero ir pra uma balada com vocês!

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Em que Dulcie faz uma confissão desintencional

São nove horas da noite e ainda estamos a alguns quilômetros de Daytona. O farol alto do Caddy já está no osso, e eu estou morto de cansaço, portanto nós deixamos a estrada e procuramos um lugar para armar acampamento. Meus companheiros de viagem passaram os últimos trezentos quilômetros revivendo a história da nossa fuga por um triz. A cada vez eles acrescentam um elemento novo à história, fazendo-a crescer, tornando-a deles. Minha mãe costumava dizer que é assim que nascem os mitos, mas é meio difícil resistir ao charme bem-intencionado desses caras. Além do mais, eles nos forneceram uma deliciosa refeição de salgadinhos com tempero de limão, *burritos* de *fast food*, suco e cerveja adquirida graças à excelente qualidade da carteira de identidade falsificada do Cara da Esquerda. Até Balder se rendeu à atmosfera de comemoração. Ele saiu do disfarce, entretendo a todos com histórias dos seus tempos de *viking*.

— Nossa, seu anão de jardim fala?! — pergunta o Cara do Meio, boquiaberto.

— É um protótipo — Gonzo e eu dizemos ao mesmo tempo.

Por sorte, os caras estão bêbados o bastante para acreditar na nossa história de que ele é um brinquedo computadorizado de última geração. Mas espero que Balder saiba o que está fazendo.

Os caras estão fazendo progresso constante numa caixa de cerveja. Gonzo tomou apenas duas, mas já está breaco. Eu não estou bebendo. Alguém tem que ficar atento a tiras, Gigantes de Fogo e magos... que coisa. Fora que eu preciso dar uma passada de olhos no tabloide, a começar pela matéria sobre Gonz e eu:

ADOLESCENTE CONCEBE PLANO TERRORISTA NO BANHEIRO DA ESCOLA!

Há uma foto de Kevin, Kyle e Rachel mostrando os mictórios do quarto andar. Que beleza.

Gazeta Choque & Terror — Calhoun, Texas

Os dois adolescentes responsáveis por uma onda de destruição e violência que percorre o país eram notórios jovens viciados em drogas que conceberam seu plano terrorista num banheiro do quarto andar, apurou a Gazeta Choque & Horror.

Seriam Cameron John Smith e Paul Ignacio “Gonzo” Gonzáles adolescentes comuns que caíram em perdição? Ou seriam duas bombas-relógio humanas esperando o momento de explodir, como é tão comum com bombas-relógio — só que humanas?

“Eu sempre soube que *pendejo* era *el problema* — disse a senhora Rector, professora de espanglês em Colégio Calhoun, numa entrevista exclusiva regada a uma jarra de margaritas.

Os pais de Smith alegam que o filho está muito doente e precisando de tratamento médico para uma tal de Creutzfeld-Jakob, também conhecida como Encefalopatia Espongiforme Bovina ou doença da vaca louca (veja box ao lado). A mãe de Paul Ignacio Gonzales culpa videogames e um pontinho em seu pulmão pelo repentino comportamento violento do filho. (Videogames podem provocar comportamentos terroristas e doença da vaca louca? Você corre perigo? Veja o outro box.)

Atacadista Globos de Neve Unidos aumentou a recompensa de 10 para 15 mil dólares pela captura da Dupla Terrorista Teen. Dicas devem ser fornecidas pelo número 0-800-555-1212.

No canto inferior esquerdo vejo uma foto da minha família em tempos mais felizes. Noto que é uma das fotos da nossa viagem à Disney. Estamos na fila do Mundo Pequenino. A euforia que senti antes se esvai, minha vontade é de poder entrar naquela foto. Amasso o jornal e o atiro na fogueira, depois apoio a cabeça nos joelhos e durmo.

No hospital um médico está parado ao pé da minha cama. Ele tamborila os dedos pela sola do meu pé, mas eu não sinto nada. Minha mãe e meu pai estão sentados em duas cadeiras ao lado. Os

olhos da minha mãe estão vermelhos e inchados e seu cabelo está oleoso. Meu pai está com a barba por fazer. Ele observa o médico me cutucando. Não consigo mexer meu corpo de jeito nenhum.

O médico diz alguma coisa sobre “difíceis decisões”. Ele se vira para Glory e diz alguma coisa sobre um asilo. Glory deixa o quarto, volta com um cartão de visita. Ela o entrega ao meu pai, que observa as letras pretas em alto-relevo contra o fundo branco chapado. Glory e o médico balbuciam algumas palavras como “dar um tempo para vocês pensarem com calma” conforme deixam o quarto. O respirador continua chiando. Meu pai e minha mãe ficam ali sentados, sozinhos e juntos.

Meu pai revira o cartão entre os dedos como se quisesse devolvê-lo, mas não pode. É meu pai quem sempre toma todas as decisões, mas essa ele não consegue tomar. Finalmente minha mãe pousa a mão sobre a mão do meu pai, ela pega o cartão. Na postura dos seus ombros há uma determinação que eu nunca vi antes:

— Tudo bem — diz ela. — Eu ligo.

Quando eu acordo Dulcie está empoleirada ao meu lado, servindo-se de um saco de jujubinhas. Fico realmente feliz em vê-la, sinto que os fantasmas dos meus sonhos começam a evaporar.

— Ei, você aí — eu digo, afastando o sono dos meus olhos.

— Ei, você.

— Perdi alguma coisa? — eu pergunto, dando uma olhada a minha volta.

O Cara do Meio está só de calção. Está contando uma história para Gonzo, basicamente tropeçando nas palavras. Gonzo está babando e seus olhos estão quase fechando. O Cara da Esquerda está deitado de costas no chão. Esfrega a barriga e geme.

— O Cara do Meio desafiou o Cara da Esquerda a comer um pacote inteiro de cachorros quentes, coisa que ele fez — diz Dulcie.

— Hoje você aprontou, hein — eu digo enquanto me espreguiço.
— Quase morremos por sua culpa.

— Mas não morreram.

— Mas podíamos ter morrido.

— Mas. Não. Morreram.

O Cara da Direita, embriagado, joga uma lenha na fogueira, que solta um silvo e algumas fagulhas.

— Tá — eu digo. — Obrigado.

— Obrigado por quê?

— Por ter me salvado lá na Praça de Alimentação do Desespero.

— De nada.

— Essa viagem tem sido muito foda, cara.

— Total — ela vira o rosto em direção ao céu noturno e sorri daquele jeito totalmente Dulcie.

— Bonito — eu digo com um grunhido.

— O quê?

— Ah... Bem. As estrelas. É bonito.

— É — diz ela. — Para fantasmas, elas são mesmo.

Ela chupa uma jujubinha que está grudada no seu dente de trás:

— Leva milhões de anos para essa luz chegar até nós. Quando a vemos a estrela provavelmente já se apagou ou se foi.

— Nossa. Agora você conseguiu acabar com o clima.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Estava rolando um clima?

— Hã? Não. Não, quer dizer... não um clima tipo *clima*.

— Hum... — diz Dulcie, passando o braço quente e gostoso em volta do meu ombro. — Bem, que tal assim, então? Digamos que em algum lugar na galáxia, bem nesse instante, há uma enorme bola de gás e gravidade se aquecendo, se comprimindo, formando algo novo, audaz e maravilhoso, até que finalmente ele não aguenta mais e cospe toda a sua energia, expelindo sua luz pelo universo. *Tchan!*

— ela diz enquanto lança o outro braço pelo ar e faz um gesto de explosão com os dedos. — Até as estrelas precisam sair de casa, ver coisas, conhecer lugares diferentes. Melhor assim?

— Bem melhor — eu digo.

— O que estamos vendo agora é um espetáculo de despedidas reluzentes: “Obrigada, vocês foram ótimos. Dirija com cuidado!”

Eu dou risada.

— Dirija com cuidado? Sério? É isso o que as estrelas têm a dizer?

— Hummm... — Dulcie assente. — Estrelas podem ser reluzentes, mas, mesmo assim, são surpreendentemente atenciosas.

Não consigo me conter e pego a sua outra mão. Intercalo meus dedos nos seus e esfrego meu polegar na palma da sua mão. A pele ali é áspera e calejada, como se ela tivesse socado alguma coisa dura.

— O que aconteceu aqui?

Ela afasta a mão da minha.

— Nada — ela responde, franzindo as sobrancelhas.

Eu não sei o que foi que eu disse. Quando estou prestes a perguntar o Cara da Esquerda geme mais alto e rola para o lado, com uma cara agonizante.

— Ele está bem? Será que é melhor a gente fazer alguma coisa?

Dulcie faz um gesto de mão que significa “deixa pra lá”.

— Ele está bem. Ele vai gorfar daqui uns vinte minutos, mas não vai morrer.

— Sei não... Não acho que ele esteja bem.

Dulcie sacode o saco de jujubinhas, procurando a do sabor desejado.

— acredite em mim, nos próximos quarenta e dois anos ele não morre.

Eu sinto um frio na barriga.

— Calma aí, você sabe o que vai acontecer com ele? Você consegue prever o futuro das pessoas?

O fogo projeta sombras sobre o rosto da Dulcie, apagando um pouco do seu brilho. Ela está com uma expressão estranha, como se tivesse engolido uma jujubinha sabor pipoca quando achava que tinha pegado a de limão.

— Eu não disse isso.

— Bem, na verdade, você meio que disse, sim.

— Tem certeza que não quer ver aquela imitação de escultura de...?

— Não. Não muda de assunto. Durante esse tempo todo você esteve me enrolando, dizendo não saber, dizendo que você é apenas uma mensageira quando na verdade você consegue ver o futuro. O *meu* futuro?

— Eu já lhe disse, eu não falei isso — ela parece incomodada. — Cameron, por favor. Confia em mim.

— Por quê? Por que eu deveria confiar em você? Ah, Deus — eu rio. — Estou no meio do nada, sem remédio, sem médicos, e tudo isso por culpa sua!

— Você está *vivo*, Cameron.

— Por quanto tempo?

— Quanto tempo as pessoas têm? — ela pergunta baixinho.

Em volta da fogueira, os caras estão realmente aumentando os valores das apostas com Balder. Da última vez que contei, ele tinha sido estrangulado duas vezes, empalado quatro vezes com vários objetos e apedrejado. Ele ri das tentativas e diz:

— Vocês só podem estar de brincadeira...

Eu queria poder me sentir tão imune quanto ele. Cruzo os braços e encaro Dulcie:

— Me diga o meu futuro. Eu quero saber.

— Sinto muito. É contra a regra.

— A essa altura já não tem mais regras, Dulcie.

Ela se mantém firme, e pela maneira como posiciona o queixo eu me dou conta de que ela não vai ceder quanto a isso. É curioso como a gente vai identificando pequenos trejeitos nas pessoas.

— Tudo bem. Vamos voltar um pouco. Que tal os três patetas? Você pode me contar o destino deles?

Ela olha na direção deles.

— Estou lhe dizendo, Cameron, não é uma boa ideia.

— Pois eu acho que é a melhor ideia que já tive em um bom tempo. Vai. Pode ir falando.

Dulcie brinca com o cadarço do seu coturno.

— Não — diz ela baixinho.

— Foda-se, então.

À luz da fogueira, eu vejo Dulcie estremecer. É uma bobagem, mas eu me sinto mal com isso, gostaria de poder voltar atrás. Ela coloca o saco de jujubinhas na cabeça como um mágico decifrando uma mensagem do além através de um objeto.

— Marty, o Cara da Esquerda, vai vomitar cachorros-quentes hoje à noite.

O saco desliza e ela enfia uma jujubinha verde na boca.

— Você sabe que não é disso que estou falando.

— Tecnicamente esse é, sim, o futuro.

— Olha, você me trouxe até aqui, nessa missão maluca, e eu nunca soube o que ia acontecer de um minuto para o outro. Não sei sequer se vou continuar vivo. O mínimo que você podia fazer é me contar algumas coisinhas insignificantes.

Ela levanta a cabeça.

— Nada é insignificante, Cameron.

— Me conta o que vai acontecer! O futuro deles. Eu quero saber na real. Coisas a longo prazo.

— Tudo bem — diz Dulcie, mas ela não olha para mim. — Ele, o Cara da Esquerda, vai acabar administrando o restaurante do tio. Ele terá problemas sérios com bebida e vai se divorciar duas vezes antes de chegar aos quarenta. Ele vai achar que pode se dar bem com as garotas de vinte e poucos que trabalham para ele, mas, pelas costas, elas caçoam dele pra todas as amigas e o chamam de “cérebro de chimpanzé”.

Eu dou risada.

— Há! Isso é demais! Cérebro de chimpanzé! E os outros?

— O Cara da Direita, Dave, vai se casar e terá dois filhos. Ele vai trabalhar como programador e terá uma coleção de trenzinhos de brinquedo. Ele vai construir um modelo de trem superelaborado no porão da sua casa, no qual trabalhará nos finais de semana.

No momento, Dave, o Cara da Direita, está comendo feijão e salsicha enlatada com os dedos. O molho de tomate escorre pelo seu queixo até a camisa.

— Parece sacal.

Dulcie o observa.

— Ele adora. É a vida dele.

— Então tá — eu digo, esticando a mão.

Dulcie despeja algumas jujubinhas. Ganho uma que é de limão e chocolate junto. O gosto é surpreendentemente bom, azedo e doce ao mesmo tempo.

— E o Cara do Meio?

O Cara do Meio está cantando uma música sobre um fulano chamado Louie, enquanto dedilha sua guitarra invisível com emoções sinceras. Seu jeito abobado está me cativando. O olhar da Dulcie cai rapidamente sobre ele.

— Keith... — ela para.

— Sim?

— Keith, Cara do Meio, vai largar a faculdade no ano que vem, entrará no exército e irá para o exterior.

Ela pega as jujubinhas verdes e as coloca metodicamente na palma da mão.

— Que mais? — eu pergunto, botando para dentro minha última balinha. — Só isso?

— Ele vai contar pra todo mundo do seu pelotão sobre o dia em que uns caras lhe deram uma carona pra Mansão do Agito e em que ele conheceu Marisol, que lhe deu um beijo. Que esse foi o melhor dia da sua vida e que foi aí que ele resolveu largar a faculdade, o que fez com que ele acabasse entrando no exército. Ele estará contando essa história quando pisa numa mina terrestre escondida na areia do deserto e explode em pedacinhos.

É como se o chão tivesse sumido sob meus pés, e eu precisasse pular para me certificar de que continua ali.

— Nossa — eu digo, quase tropeçando numa pedra atrás de mim.

— Nossa. Meu Deus, Dulcie. Por que caralho você foi me dizer isso?

— Você pediu. Eu lhe disse que não era uma boa ideia.

O Cara do Meio, Keith, está pulando de um lado para o outro, fazendo uma dança desengonçada e cantando alto. Ele está totalmente vivo.

— Isso foi horrível, Dulcie. Agora como é que vou dar carona pra esse cara sabendo de tudo isso?

— Agora você sabe como é a minha vida, caubói.

Eu saio andando e me afasto dela, cambaleante, mas volto.

— Se você sabe todas essas coisas sobre a gente... se consegue ver o que vai acontecer, sendo que a coisa já está acontecendo, então por que se preocupar? Por que deveríamos tentar fazer o que quer que seja? Não vamos conseguir mudar nada mesmo.

Ela se levanta num salto, abre os braços.

— Por acaso eu disse que você não pode mudar o seu futuro?

— Não, mas...

— O que eu vejo é o curso que a coisa está tomando agora. Hoje. Às 10:27:07 da noite. Horário Oficial. Amanhã, Keith pode abrir um livro e ler uma frase que muda completamente o curso da sua vida,

decide que quer ser professor de inglês, e é isso. Um novo jogo. O destino não é estanque, Cameron.

— Uma borboleta bate as asas na América do Sul e consequentemente neva em Chicago — eu digo, repetindo um negócio que aprendi com meu pai.

— Certo. Exatamente. Neva em Chicago e a mãe de um garoto de dezessete anos diz que é pra ele limpar a calçada. Ele está no jardim da frente e uma garota que ele nunca viu antes passa por ali. Ela escorrega num trecho de gelo, mas ele acode, e é assim que eles começam a namorar. E assim vai, uma porta giratória de ação-reação, de interconexões. As coisas podem mudar, Cameron. Essa é a única constante do universo.

— Quer dizer que agora, só por uma decisão aleatória de ter dado carona pro Keith, eu alterei o curso da vida dele?

— E ele alterou o da sua.

— Como assim?

— Isso eu realmente não sei — ela diz.

— E se eu dissesse pro Keith não se alistar? Disser que ele vai morrer se fizer isso?

— Você pode tentar, mas provavelmente ele vai achar que você é louco. Você nunca assistiu programas de ficção científica na tevê? As pessoas acham que podem mudar os outros, mas sempre dá errado.

— Então é pra eu ficar aqui sentado com essa informação durante os próximos cem quilômetros até a Mansão do Agito?

— Você se sente responsável pelas escolhas que ele toma na vida?

— Bem, até um minuto atrás não, até você vir com essa noticiazinha pra cima de mim.

— Sinto muito se o chateeí.

— Esquece isso, cara. Eu vou contar pra ele — eu digo.

— Faça como você preferir — diz ela, caindo pesadamente no chão.

Ela abre o saco de jujubinhas novamente e pega duas balas cor-de-rosa. Eu vou até onde Keith está sentado, junto com Balder.

— Ei, ããã... Keith, né?

— Sim, sou eu.

Ele volta a cantar sua música e Balder se junta ao coro. Balder, como viemos a descobrir, é um bebum bem alegre.

Eu não sei exatamente como começo essa conversa. Como você chega e diz para alguém que você sabe como ele vai morrer?

— Então, o que você pensa em fazer, tipo... depois que você se formar e coisa e tal?

— Não sei. Não consigo pensar tão à frente.

— Talvez você vá conhecer alguém na Mansão do Agito.

— Eu tenho uma casa! — Balder diz, enrolando a língua. — Ela se chama Breidab... Bradeblack... Braeder... chama-se a casa de Balder, e é muito, muito linda. Vocês deviam ir lá tentar me matar de novo.

— Maneiro, velho — Keith cumprimenta Balder, um socando o punho do outro.

— Você pode total conhecer alguém na Mansão do Agito — eu digo, tentando fazer com que Keith volte ao tema. — E, sabe como é, talvez ela more lá e você queira ficar por lá.

Keith coça o queixo.

— Sim, talvez. Ouvi dizer que Daytona é legal. Eu podia ser um rato de praia pro resto da vida. Viver na praia.

— Parece uma ótima ideia, velho. Você devia fazer isso.

Há! Engole essa, Dulcie, sua anja da maldição.

— Mas não sei, não — Keith diz. — Daytona é uma cidade cara e minha grana pra faculdade já acabou. Mas eu tenho um primo no exército. Ele disse que eles cuidam de tudo. Eu estava pensando em me alistar no verão.

Balder assente.

— O Homem é um aumento do pó, grande é a garra do falcão.

— Tá, Balder... Dá pra dar um tempo com a sua sabedoria nórdica e tipo, sair fora? Preciso de um minuto.

Balder faz uma mesura.

— Como deseja, Cameron, o nobre. Essa cerveja de espremer os miolos é digna. Tomarei mais.

— Faça isso.

Balder para e passa seu braço robusto em volta do meu pescoço. Eu jamais imaginei que um gnomo de jardim pudesse ser tão forte,

mas a verdade é que mal consigo respirar.

— Qual é mesmo o seu grito de guerra? — pergunta Balder para Keith. — Ah, sim. *Eu amo você, cara*.

— Eu também amo você, B — eu respondo com um fiapo de voz.

Balder solta o meu pescoço, que por sua vez fica agradecido. Enquanto ele sai cambaleando amassa uma latinha de cerveja contra a própria cabeça e a deixa encaixada ali. Na fogueira uma tora afunda um pouco mais, emitindo uma chuva de faíscas que queima na terra e desaparece. Está ficando frio. Eu meto as mãos nos bolsos para aquecê-las. Alguma coisa afiada me espeta. Eu pego o parafuso.

— O que é isso? — Keith pergunta.

— Isso? É uma história engraçada. Um velho numa loja de ferragens que me deu. Segundo ele, é importante. Na verdade, ele disse que é um parafuso mágico — eu digo, virando os olhos para que ele não pense que eu levo essas coisas a sério.

— Um parafuso mágico? — Keith repete, tomando-o de mim.

— Pois é, eu sei. Como eu disse, eu não acreditei no cara...

Keith ri tanto que eu acho que ele vai explodir ou algo assim...

— Ei, galera! Adivinhem o que o orelhudo tem aqui? Um parafuso mágico!

Agora todo mundo está rindo. Gonzo levanta do seu torpor e funga em alto e bom som.

— Ei, não fui eu quem disse que era mágico — eu protesto. — Só que é uma... parte necessária. Foi o que o velho disse. É uma parte necessária.

— Parte necessária do quê? — pergunta Keith, engasgando.

— Não sei. Ele era velho. Meio senil.

— Cara, você caiu no papo dele. Confessa — diz Gonzo.

Ele esqueceu que esses mesmos caras queriam botar apelidos maldosos nele e agora praticamente entrou para a fraternidade deles.

— Vai rindo, Toco — eu digo.

Gonzo não para de rir nem registra o insulto. Da parte dele tudo que ouço é um “parafuso mágico!” esganiçado.

Keith dá uns tapas nas costas do Cara da Esquerda.

— Ei, cara, quer um parafuso? Vai ser mágico. Eu juro.

Ele dá um tipo de gargalhada que sai pelo nariz em fungadas e grasnados. É o tipo de risada contagiosa que reverbera em todo mundo.

— Tá, tudo bem, tudo bem... Eu estava brincando...

— Não, não, sinto muito, cara. Aqui, deixa eu me desculpar — diz Keith, passando o braço em volta de mim, tentando controlar a respiração e as lágrimas escorrem de seus olhos. — Quer um parafuso?

É o suficiente para que a turma toda comece a gargalhar de novo feito um bando de hienas malucas, seus risos pontuados apenas por intervalos guturais de “mágico” e “parafuso”. Já estou vendo que durante os próximos cem quilômetros essa vai ser a piada que vai rolar às minhas custas.

— Eu vou buscar mais lenha.

Dulcie me segue até o acampamento.

— Pode ficar bravo. Não tem problema. Você não vai morrer se desabafar, Cameron.

— Eu não estou... — eu me viro. — Tudo bem. Tá. Sim. Eu estou bravo com você, Dulcie. Satisfeita?

Ela se enrodilha em suas asas.

— Viu? Não morreu.

— Estou falando sério.

— Eu sei. Estou nas alturas! Conte mais.

— Estou bravo porque você entrou na minha vida e a bagunçou de tal jeito que agora eu não sei mais o que é o que.

— ã-hã.

— Estou bravo porque você me disse coisas sobre esses caras e agora eu me importo com eles. Estou bravo porque você não diz o que vai acontecer comigo. Porque você não dá garantias.

— Verdade, verdade...

Ela volta a abrir as asas.

— Meu Deus, estou bravo com você porque você faz com que eu ache que as coisas são possíveis quando provavelmente não são ou talvez sejam, não sei. Estou bravo porque...

— Por quê?

— Porque você faz com que eu me importe.

Dulcie fica muito quieta.

— Sim. Sinto muito por isso — diz ela por fim.

Suas asas cheiram à água da chuva depois da seca. Ela está tão perto que eu poderia beijá-la. Se eu não estivesse tão bravo com ela nesse momento eu podia tentar. Eu quero brigar com ela, e depois beijá-la.

— E... e é por isso que estou, você sabe. Louco da vida.

— Obrigada por me informar.

— De nada.

— Cameron — diz ela, seu rosto inclinado em direção ao meu. — Já está na hora.

— Hora do quê? — minha boca seca.

— Está na hora. Exatamente vinte minutos.

Com um ronco trovejante o Cara da Esquerda se senta, confuso, e vomita cachorro-quente para tudo que é lado.

— O destino não é estanque, então? — eu digo.

Dulcie não responde.

— Foda-se.

Eu arranco a pulseira do passaporte-E e a jogo no mato.

— Cameron, espera! — Dulcie grita, mas eu já estou correndo.

Durante horas eu fico andando em círculos, até ficar exausto. Quando eu volto os outros já apagaram. Coloco alguns gravetos na fogueira, que já vai definhando, e me sento para pensar. Aquilo que Dulcie disse me deixou completamente confuso por dentro. Por que ela não me disse isso antes? Ela consegue enxergar o que vai acontecer?

Esfrego meu pulso no lugar onde o passaporte-E costumava ficar. Meus músculos queimam, e eu sinto uma mancha de medo misturada com desesperança que vai crescendo.

Ouçó um farfalhar. Primeiro eu acho que é um bicho, mas então Balder encosta perto de mim, em frente à fogueira. Ele está com a jaqueta do Keith nos ombros e um saco de *marshmallow* numa mão. Na outra mão está o passaporte-E, que ele coloca na estreita faixa de terra entre nós. Ele espreme os olhos ao olhar para o céu.

— Ah, você consegue ver Hati caçando Mani? É o lobo faminto na sua incansável perseguição!

Finas faixas de nuvens cinza esticam suas garras sobre a lua.

— Aquilo é a lua. E aquilo é uma nuvem. Não tem nenhum lobo.

— Você está enganado! — responde Balder todo animado. — É o

...

Eu dou um tapa no chão fazendo com que o passaporte-E pule.

— São só histórias idiotas, tá bom? Que nem papai Noel e a fada do dente de leite. São bobagens que contamos a nós mesmos pra não sentirmos medo.

Balder se volta para a fogueira e eu me sinto mal por ter gritado com ele. Ele espeta *marshmallows* num graveto.

— Você quer que *eu* lhe conte uma história? — ele pergunta delicadamente. — Você não precisa acreditar, se não quiser.

Minha vontade é de responder que não. Ou talvez sim. Mas a minha garganta está apertada demais para emitir qualquer som. E daí, como se conseguisse ler meus pensamentos, Balder começa.

— Eu queria que você pudesse ver a minha terra natal. No inverno, a neve o recebe com vigor. Toda vez que você toma fôlego, é o fôlego de um guerreiro, lutando contra aquele adversário digno, o frio. Blocos de gelo passam boiando pelas nossas chalupas, e as velas são como fantasmas na bruma. Mas na primavera! Na primavera, a terra é o verde de um laço trançado no dourado do cabelo de uma camponesa que você viu uma única vez na vida, de relance, muito rapidamente, enquanto seus cavalos o guiavam em direção à batalha, mas cujo rosto você recordará pelo resto dos seus dias. Campos de grama dourada sobem e descem até o mar. Há montanhas! Enormes gigantes de pedra adormecidos, que de tempos em tempos despertam com um estrondo assustador, sacudindo a terra, arrotando calor, lembrando-nos de que mudanças estão sempre a caminho. O grande freixo, Yggdrasil, que sustenta nossos nove mundos, os Norn cuidam das raízes, mantendo-as nutridas para que não apodreçam, tecendo os destinos dos homens. Acima de tudo isso, Frigg tece nuvens que flutuam na imensidão azul como olhos de gigantes observando de uma distância prudente. E tem Breidablik, onde todos são bem-vindos e mentira nenhuma consegue atravessar suas pedras. Meu grande salão reluzente — sua voz falha. — Meu lar.

Os olhos do Balder reluzem com orgulho e tristeza. Eu penso na minha empoeirada cidadezinha texana. Fora a loja do Eubie, não tem

nada que me dê saudades.

— Você não é o único que sente essas dores, Cameron. Muitas vezes durante o meu cativeiro, eu desejei com toda a minha alma não ser imortal, poder morrer. Mas então você chegou. Essa missão renovou a minha esperança.

Seus olhos buscam os meus. Eu aponto com a cabeça para os *marshmallows* torrados. Balder os expela com uma sacudida, deixa que o fogo os consuma e recomeça com novos *marshmallows*.

— Você é como o pai supremo, Odin — diz ele depois de um tempo.

— Como assim?

Balder vira o graveto na fogueira.

— Quando Odin ouviu falar da vinda de *Ragnarok*, nos últimos dias dos deuses, ele não encontrava mais alegria. O conhecimento prévio do nosso destino estava além do que conseguíamos suportar. Ele recusou qualquer comida e afundou no desespero.

— Eu não sou tão dramático assim — eu digo, pois ele está fazendo com que eu me sinta como um cagão.

— Você não entendeu. Como Odin, você só enxerga a maldição que está por vir e perde a fé no que está aqui, no que é bom.

Eu inclino a cabeça para trás. A lua sangra um buraco no céu escuro, um ferimento que parece não ter cura.

— Então no que devo acreditar?

— Isso eu não posso dizer. Para mim, é o sonho de que Ringhorn está esperando por mim no mar. Que eu devo navegar através da neblina eterna até que Breidablik brilhe lá longe. Que voltarei para casa. — Eis! — diz Balder me oferecendo a confusão marrom e grudenta na ponta do seu graveto. — Você precisa de sustança.

— Isso é *marshmallow* — eu digo, mas Balder insiste.

Com movimentos enérgicos eu desgrudo aquele troço borbulhante, sopro e então o jogo para dentro da boca onde ele reveste a minha língua com uma doçura queimada.

— Obrigado.

Na fogueira, as feições do Balder são iluminadas com precisão. Não havia reparado nas pequenas rugas nos cantos dos seus olhos, a preocupação cauterizada ali.

— A escuridão não chora por si porque não há luz. Ela aceita sua escuridão. Dizem que até os deuses devem morrer — ele pisca. — Mas não sem uma bela de uma batalha antes.

— Posso pegar mais um *marshmallow*? — eu pergunto.

Balder prepara mais um para mim e fica tão gostoso quanto o primeiro.

— Se você necessitar de mais orientação, posso consultar as runas.

Ele solta a algibeira debaixo da sua túnica. Ela está na palma da sua mão, com o peso do destino. Eu balanço a cabeça.

— Vamos ver o que dá.

Ele empurra o passaporte-E para mais perto de mim. Ele pensa que está sendo esperto. *Vikings*... Não são exatamente sutis. Com um suspiro eu pego o passaporte-E e ele me ajuda a prendê-lo novamente no meu pulso. A nuvem vira uma mancha disforme. Um guaxinim vem procurar comida. Durante alguns segundos, ele anda em volta da fogueira, nariz para cima, cheirando. E daí ele sai correndo para o meio do mato.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Em que descobrimos como os mortais são cretinos

Esses cem quilômetros para Daytona é uma viagem difícil e silenciosa. Todo mundo está de ressaca, a não ser Balder e eu. A cada oito quilômetros, mais ou menos, eu tenho de parar o carro para que alguém possa vomitar.

Quando não estão passando mal os caras ficam estirados no banco de trás, dormindo. No banco da frente, Gonzo está encurvado, com a cabeça apoiada contra a porta e o cinto de segurança frouxo perpassando a sua cintura como o braço da nossa mãe em volta da gente, quando somos crianças. Ele está usando um par de óculos de menininha, que a gente comprou numa loja de conveniência. Ele queria o óculos espelhado de aviador, mas o tamanho adulto ficou muito grande no seu rosto. Felizmente, quando você está numa ressaca extrema e o sol tortura seus olhos, você acaba usando qualquer coisa.

Conforme nos aproximamos da praia, o terreno vai ficando mais plano. É como se estivéssemos nos aproximando do penhasco onde termina o mundo. No acostamento, o asfalto começa a falhar, como a barba de um velho, metade areia, metade arbustos. O ar que entra pelas janelas abertas do carro cheira àquele sal em *spray*. Eu boto a cabeça para fora para que cubra meu rosto.

O problema é que eu não consigo parar de pensar no lance que Dulcie me contou, sobre Keith pisar naquela mina terrestre. E eu com isso? Ele é um mala. Uma semana atrás eu teria dito “fazer o que, é a seleção natural, velho. Gente burra tem mais é que ser tirada do patrimônio genético”. Mas agora eu sei que além de ser um mala descerebrado, Keith também tem pai, mãe e duas irmãzinhas que ele leva para tomar sorvete sempre que vai para a casa dos pais. Eu sei que ele canta músicas bregas e desafina e que tem mania de beijar o topo da nossa cabeça quando está muito bêbado.

Quando nós pegamos a saída para o sul da praia de Daytona, entramos numa fila de carros que retrocede por quilômetros. Um caldeirão de várias músicas diferentes vazam das janelas abertas dos carros. As garotas botam os pés para fora das janelas. Pranchas de surfe estão presas nos capôs dos carros; em um deles tem um idiota deitado naqueles colchonetes refletores prateados, tentando se bronzear. Agora os caras estão acordados e prontos para um agito. Eles dão uma conferida por todos os carros que passam, praticamente se arrastando. Se é carro de menina, eles empilham os rostos para fora das janelas e puxam papo, tiram sarro — qualquer coisa para tentar conseguir o número do telefone delas ou o nome do hotel onde estão hospedadas. Estamos nessa fila há meia hora e avançamos apenas meio quilômetro. Nesse ritmo, vamos ficar presos no congestionamento durante horas, e esse é um tempo que eu não posso desperdiçar.

— Ei, galera — eu digo quando nos aproximamos de uma saída para uma estrada paralela —, não quero acabar com o barato de vocês, mas nós temos que voltar pra estrada.

— Ah, de boa — diz o Cara da Esquerda. — A gente segue daqui. Só abra o porta-malas pra gente.

Com o motor ainda ligado, eu saio do carro e abro o porta-malas. O cara da Direita e o da Esquerda pegam suas coisas. Keith espera sua vez, segurando a jaqueta e um saco de guloseimas. Ele está com uma cara sonolenta, porém satisfeita, e uma imagem dele marchando pelo deserto me põe pra baixo.

— Cara, você é o máximo. Valeu, cara — diz ele me dando um daqueles abraços de macho.

— De nada — eu digo.

Antes de voltar para o carro eu acrescento:

— Você realmente devia ficar aí curtindo uma praia até quando der.

Eu prometo que direi a Gonzo que eles deixaram um tchau, pois ele está dormindo, se recuperando do efeito das duas cervejas que bebeu. Há os inevitáveis desejos de “Fica na boa” e “Curta muito”, embora essas duas coisas me pareçam contraditórias, e eles saem apressados pela estrada, pedindo carona para todo mundo.

Uma hora depois, Gonzo acorda desesperado por comida. Nós resolvemos parar numa birosca vinte e quatro horas que serve café da manhã o dia todo. Quando vou acordar Balder, vejo que ele não está mais aninhado na minha jaqueta. Ele não está sequer no carro. Ele simplesmente sumiu. Gritamos seu nome. Nada.

— Onde ele pode estar? — pergunta Gonzo, olhando debaixo do banco pela milésima vez.

— Não sei. Ele estava no carro quando pegamos a estrada hoje de manhã e...

Eu me lembro do congestionamento. O porta-malas levantado como um escudo. Keith saindo do banco da frente com as mãos cheias e a face corada e satisfeita. Filho da puta.

— O que foi? — pergunta Gonzo.

— Aqueles filhos da puta sequestraram o Balder.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Em que Gonzo e eu fazemos uma visita surpresa à Mansão do Agito

Voltamos ao congestionamento que se estende por uns bons dezesseis quilômetros na entrada de Daytona. Eu fico vasculhando o horizonte de ondas de calor e carros, procurando os caras, mas não os vejo. A temperatura do Cadillac está chegando no vermelho. Cheira a óleo quente. Eu fico desligando o motor, com medo que ele vá fundir.

— A gente dá uma carona pra eles e eles pegam o Balder — eu balbucio.

— Que merda — concorda Gonzo.

Ele botou os óculos de sol cor de laranja na cabeça, como um par de olhos adicionais.

— Não passa de um bando de moleques.

— Total.

Gonzo sorri feito um maluco e isso está me irritando.

— De onde saiu esse bom humor?

Ele bota os óculos na frente dos olhos:

— Velho, nós vamos pra Mansão do Agito!

O Cadillac não suporta o calor, então nós estacionamos na rua, há uns dois quilômetros da Mansão do Agito. A rua toda é um aglomerado de hotéis.

— Dá pra gente pegar um quarto por uma noite só? Eu preciso de um banho — diz Gonzo.

Ele cheira a sua camisa e faz uma careta.

— Você não vai morrer por causa disso — eu digo. — Vamos recuperar Balder e voltamos pra estrada, sem nenhuma parada.

Gonzo cheira a minha camisa e segura a garganta como se estivesse engasgando.

— Velho, você tá fedendo!

— Não está tão grave assim — eu protesto.

— Não está grave! Se liga, velho! Você fez uma remoção de olfato por acaso? Sério, cara, você não vai conseguir se dar bem se não tomar um banho, tá ligado?

— Eu não estou tentando me dar bem. Estou atrás do nosso gnomo de jardim.

Duas garotas de biquíni e *piercing* no umbigo passam por nós. Uma das garotas tem um skate tatuado no braço. Meu bilau sobe espontaneamente para dizer oi, como se ele fosse o xerife dessa cidade. Depois que elas passam por nós eu dou uma fungada de leve em mim mesmo. Puta que o pariu! Eu posso matar alguém com o meu odor corporal.

— Eu não falei? Velho, é só uma noite. Vamos lá. É a Mansão do Agito!

Ele fica pulando e puxando a minha camisa fedida, choramingando feito um irmão caçula.

— Tudo bem — eu digo. — Mas vai ter que ser em algum lugar muito barato.

Demanda um pouco de esforço, mas nós conseguimos encontrar uma pousada isenta de qualquer frescura. Eu odeio ter de usar o cartão de crédito, mas considerando que até nos rastrearem já teremos saído fora a tempo, eu concluo que não corremos perigo. E um banho soa muito bem.

Gonzo entra no quarto escancarando a porta.

— Velho! Você devia vir ver o tanto de gente que tem aqui! É demais!

A praia está lotada. Partidas de vôlei e *footbag* pipocam aqui e ali. As garotas se bronzeiam em toalhas de praia com a parte de cima do biquíni desamarrada nas costas. A Mansão do Agito, uma megacasa de vidro ultramoderna e espaçosa, reluz no horizonte. Vários palcos foram construídos dentro e ao redor da casa. Acho que estão fazendo alguma filmagem. Há equipes de filmagem por tudo quanto é lugar, e é preciso desviar de toneladas de cabos. Um grupo de adolescentes fotogenicamente perfeitos, com fones de ouvido e trajes de banho entrevista a galera.

— Ei, você gostaria de participar do nosso programa de tevê? — pergunta uma garota de biquíni amarelo florido e cabelos pretos num

corte estiloso. Ela está segurando uma prancheta e uma caneta de gatinho que poderia pertencer a uma aluna da terceira série.

— É que estamos procurando uma pessoa... — eu digo, virando o pescoço.

— Se você pudesse responder umas perguntinhas, super-rápido... Por favor? Você vai me ajudar muito.

— Vai lá. Não se preocupe comigo — diz Gonzo.

Ele está olhando para um grupinho de caras tatuados que fumam cigarros. Seu monitor de nerds de videogame deve ter detectado sinais. A garota sorri para mim.

— Por favor...

— Só um segundinho — eu lhe digo.

Para Gonzo, eu digo:

— Ok. Mas fica na maciota. A gente se encontra daqui a uma hora ao lado do palco. Entendeu?

— Palco. Em uma hora — diz ele.

Ele vai direto para os caras e começa a falar. Isso é impressionante no Gonzo. Apesar de todas as suas fobias bizarras em relação à morte, ele é totalmente destemido quando o assunto é gente.

— Pronto? — a garota pergunta, pegando no meu braço.

— Acho que sim — eu digo, seguindo — a até a Mansão do Agito.

— Qual o seu nome? — ela pergunta, conduzindo-me para uma sala de estar gigantesca e envidraçada, onde temos de nos espremer entre dançarinos suados. Eu mal consigo ouvi-la com a barulheira da música.

— Cameron — eu digo. — E o seu?

— Iphigenia — ela grita.

Deixamos a sala e entramos na cozinha, onde alguns garotos estão lendo roteiros diante de uma mesa com três jurados. Os jurados lhes dão deixas, dizendo para lerem com “mais raiva” ou “mais drama”.

— O que é isso? — eu sussurro.

— Ah — diz Iphigenia —, estamos fazendo um teste para um *reality*-comercial. É como um programa de tevê misturado com um informe publicitário. Se você gostar daquilo que está rolando você liga para um número 0-800 e pode encomendar qualquer uma das

vidas feitas sob medida, conforme apresentadas pelos personagens. E, sabe como é, você pode provar primeiro.

— Vidas sob medida?

— Sim. Nós lhe enviamos as roupas, o nome e o seu histórico. Assim você pode ser o garoto atormentado que mora no *trailer*, que vem com o pacote *Batalha Insana!* ou então aquele garoto inteligente e esperançoso que mora no centro da cidade de *Dopado*. O figurino e a trilha sonora desse aí é foda. Ou a herdeira rica de *Morra de Inveja*. Essa vem com um cachorrinho e um telefone celular que você pode acoplar ao seu pulso através de uma cirurgia plástica. E tem também o *Nossa, Como Eu Sou Sortuda*, que é sobre uma garota do interior ingênua com uma voz lindíssima. Esse bombou.

Iphigenia abre a porta de um pequeno escritório e me oferece uma cadeira em frente a uma mesa. Ela se senta na cadeira atrás da mesa. Tem alguma coisa tocando.

— Licencinha.

Ela localiza o dispositivo que está tocando e conecta um fone de ouvido.

— Aqui é Iphigenia. A-hã...a-hã... você quer Rad XL, Rad *Diet*, Rad Sport ou Rad Clara e Brilhante?

Iphigenia faz algumas anotações num bloquinho com a sua caneta de gatinha.

— Nuclear! — diz ela na maior empolgação e desliga.

Eu ainda estou digerindo o lance do *reality*-comercial.

— Eu não entendo. Por que alguém vai querer comprar a vida de outra pessoa?

Iphigenia olha para mim como se eu fosse um idiota.

— Por quê? Porque descobrir quem você é realmente dá um trabalho filho da puta. Por que ter que passar por tudo isso se alguém já fez o trabalho, se eles podem lhe dizer quem você deve ser? É como eu com a Iphigenia — ela sussurra. — Esse não é o meu nome verdadeiro.

— Não?

— Não. Meu nome de verdade? Ann Jones.

Ela vira os olhos e ri.

— Dá pra imaginar coisa mais sem graça? Pois é, Ann Jones não ia bombar. Então eu mudei. Encontrei esse nome num desses

resumos de livro e curti.

— Não sei se você sabe, mas os gregos sacrificaram a Iphi-genia. Pra conseguir voltar pra casa.

Ela se empolga.

— Ei, então quer dizer que o nome tem um lance trágico? Nome dramático poderoso. Adoro!

— Mas por que não ser quem você é?

— Se liga! — diz ela, afastando-se da mesa e girando na cadeira de rodinhas até voltar a ficar novamente de frente para mim. — As pessoas não querem ser quem elas são. É por isso que existe televisão. Assim você encontra o que desejar e quem ser. Foi o que eu fiz. Fala sério, Ann Jones? Ann Jones tocava flauta na bandinha, entende? O futuro da Ann Jones seria uma boa universidade privada e alguns poucos namorados e, sabe como é, talvez um carro popular usado pra ir trabalhar numa loja de iogurte. Mas Iphigenia, um nome único, é tipo uma pessoa completamente diferente. Ela é etnicamente ambígua, você fica se perguntando “Será que ela é afro-grega-japa-indiana?” O pai teve um leve problema com bebida, coisa que lhe dá credibilidade na rua, e a mãe costumava ser modelo em seu país, seja lá onde for, e é por isso que ela é gostosa. Ela usa o jeans da moda e todo mundo a copia. Todo mundo ouve o que ela tem a dizer, olham pra ela e desejam ser iguais a ela. Digo, você não é ninguém a não ser que todo mundo saiba quem você é.

Eu concordo com um aceno de cabeça, sem palavras.

Ela pega a caneta, toda séria.

— Hora do questionário. De onde você é, Cameron?

— Texas.

— U-hu, caubói! — diz ela a troco de nada. — Então, quem são seus melhores amigos?

— Gonzo e Balder — eu digo. Gosto do som disso.

— O que vocês gostam de fazer?

Fazer viagens insanas guiados por anúncios de classificados de tabloides. Procurar doutores fugitivos, viajantes do tempo. Fugir da polícia. Roubar dinheiro de drogados miseráveis. Combater seres de mundos paralelos.

— Sair — eu digo.

— Tá... Bem, alguma coisa interessante que você gostaria de acrescentar?

Eu devia lhe dizer um montão de bobagens, mas por algum motivo estou a fim de ser honesto.

— Eu tenho uma doença fatal. Creutzfeld-Jakob.

Iphigenia escreve alguma coisa, depois risca.

— Como escreve isso?

— Bota aí doença da vaca louca.

— Beleza! — ela anota.

— Agora vamos às perguntas realmente importantes. Você bebe Rad? Se sim, com que frequência? Frequentemente. De vez em quando. Raramente. Nunca.

— Raramente.

A caneta de gatinha saltita pela página feito um bichinho ensandecido.

— Dessas situações, qual mais aumentaria a sua sede por uma Rad? Sair com os amigos. Conversar com seus pais. Jogar basquete. Ir ao *shopping*. Fazer lição de casa. Ir a um velório...

— Ir a um velório?

Ela me mostra o papel e eu vejo a pergunta bem ali.

— Nova estratégia de propaganda. Estão preparando o lançamento de uma nova bebida *teen*. Rad Luto: “Para aqueles momentos em que sua sede precisa de um amigo”. Então, você acha que você tomaria Rad Luto?

Na minha cabeça morte e refrigerante não combinam muito, mas está ficando tarde e eu tenho de encontrar Gonzo.

— Claro. Com certeza.

Iphigenia solta um gritinho e soca os braços da cadeira.

— Excelente! Você é o primeiro que responde sim. Hei, Cameron, você é tão legal. Você quer que eu coloque você em um daqueles programas? Hoje estamos precisando de participantes no *Qual é a sua categoria?* Que tal?

— Eu não acho que...

— Eu posso botá-lo em contato com os produtores. Você pode ganhar muito dinheiro — diz ela, cantarolando.

Meu cérebro faz uma análise de custos: será que eu consigo ganhar uma grana, encontrar Balder e dar o fora daqui antes de

localizarem a gente? A galera da Mansão do Agito não assiste o noticiário, e os caçadores de recompensa provavelmente não estão assistindo YA!TV. É um risco, mas um risco com muito dinheiro envolvido, e precisamos desesperadamente do dinheiro.

— Pode me inscrever.

— Nuclear! — diz Iphigenia. — Certo, precisamos decidir em qual categoria você vai entrar.

— Categoria?

— Sim, tipo se você é um Techno-Gadget-Nerd, Cinéfilo de Fim de Semana, uma Sumidade do Esporte, um Comedor, Poderoso do Áudio, Cruzado dos Quadrinhos, Baladeiro Frenético? Sabe como é. Onde você se encaixa?

— O que é um Poderoso do Áudio?

Iphigenia dá dois grandes giros na cadeira de rodinhas, primeiro para a esquerda, depois para a direita.

— Alguém que é obcecado por música. É o seu caso? Você tem jeito de ser bom de áudio.

— Bem, onde eu moro tem uma loja de música que eu gosto, chamada Eubie Graxa...

Ela breca a cadeira.

— Maravilha. Então é Poderoso do Áudio.

— Espera! Não sei se é assim que eu quero ser categorizado. Digo, talvez eu seja um Comedor.

Iphigenia batuca com a caneta enquanto me mede da cabeça aos pés.

— Duvido.

— Ou um techgadget... technogadget.

— Techno-gadget-nerd. É alguém que é fissurado em aparelhos eletrônicos e quer ter os últimos lançamentos de aparelhos de aparelhos.

A boca da Iphigenia forma um “O” eufórico.

— Você ouviu o que eu acabei de falar? Aparelhos de aparelhos? Aimeus! Ninguém nunca disse isso antes. Então é meu! Eu que inventei. Tenho que preencher o formulário para registrar como a minha marca registrada. Espera aí um segundinho, beleza?

Os dedos da Iphigenia correm pelo teclado. Ela aperta a *enviar*.

— Pronto. Meu Deus, isso seria tão legal, não seria? Eu poderia até transformar numa linha de roupas Aparelhos de Aparelhos. Mas vamos voltar ao seu caso. Quer dizer que você é um tecnho-gadget-nerd, então?

— Não. Quero dizer, não muito.

Iphigenia está ficando irritada. Ela batuca com as unhas postiças contra o tampo da mesa.

— Bem, você tem que ser alguma coisa.

— E se eu for várias coisas diferentes?

— Não dá. Atrapalha o plano de marketing. Uma coisa apenas. Se a gente não conseguir categorizá-lo, você não pode participar.

— Qual é a sua categoria?

Iphigenia sorri.

— Ah! Eu sou uma modaguru.

— Modaguru?

— Sim. É alguém que está totalmente à frente nas tendências da moda. Tipo, a gente meio que prevê o que vai ser *in*. Modagurus são tipo o máximo. Deus! É uma pena que eu não registrei essa frase, pois o *merchandising* está bombando. Só as bolsas custam duzentos e cinquenta cada.

— Só por que tem modaguru escrito?

— Não! Não tem nada escrito nelas! Esse é o grande lance. É tipo, você está tão à frente das tendências que só tem o vazio.

A caneta reluzente da Iphigenia, com a Única Love Kitty, paira sobre a página. Ela está louca para me categorizar.

— Poderoso do Áudio — eu digo.

— Legal! Ei, você quer conhecer o resto da Mansão do Agito? Tem uma piscina com uma fonte que expele Rad XL, “o refri da nossa geração”. É muito nuclear!

Ela suspira:

— Estou tentando fazer esse “nuclear” pegar já faz um século, tipo... há pelo menos três semanas, mas até agora todos os resultados dos relatórios dizem que ainda não chegou a hora. Às vezes eu estou tão à frente que ninguém me entende.

Quando deixamos o escritório, eu estou oficialmente inscrito como um dos participantes de *Qual é a sua categoria?*, escalado para

gravar às quinze e trinta. Iphigenia me leva para conhecer o pessoal da produção do programa e eu assino uma declaração dizendo que não vou processá-los por qualquer coisa que aconteça comigo como consequência de ter participado do programa. A três metros de distância está Parker Day, sentando na sua cadeira. Um *personal stylist* está fazendo seu cabelo e maquiagem enquanto ele discute com o agente por celular, que um coitado de um assistente segura colado a sua orelha. Uma fileira de tevês acima da sua cabeça traz a transmissão ao vivo da Mansão do Agito, onde Marisol entrevista alguns caras bombados sem camisa lá na piscina, antes de introduzir o novo videoclipe. O que Keith disse sobre Marisol não é mentira. Ela é muito linda, com pele bronzeada, olhos amendoados e cabelos longos e encaracolados. Eu fico torcendo para avistar Balder e os caras em meio à multidão, mas agora está rolando o vídeo e não tem nada que eu possa fazer a não ser encontrar Gonzo de novo e torcer para darmos sorte mais tarde.

* * *

Gonzo está dez minutos atrasado.

— Cara — ele grita sem fôlego enquanto vem correndo até mim.

— Esse lugar é demais!

— Você está atrasado — eu digo.

— Desculpa aí — diz Gonzo, embora eu perceba que ele não está arrependido.

Eu lhe informo sobre o *Qual é a sua categoria?*

— Massa! — diz Gonzo. — Olha só, um cara aí acabou de me dar o cartão dele. Ele disse que eu seria perfeito pra um programa que eles estão desenvolvendo, onde um bando de garotos ricos e mimados vão morar com garotos que têm anomalias. Chama *Aberrações x Fantásticos*.

Eu dou uma bufada de pouco caso.

— Quem foi o imbecil sádico que pensou nisso?

— Velho, eu posso aparecer na televisão! Eles já conseguiram um garoto que tem nadadeiras no lugar das mãos e ele odeia pessoas de baixa estatura. Ele vai ser meu companheiro de quarto. Disseram que o potencial dramático é extraordinário.

— Gonzo, se liga. Nós não vamos ficar aqui. A gente ainda tem que encontrar o Doutor X.

Eu levanto o medidor do meu passaporte-E. Terra da Fantasia está desbotando rápido.

— Vamos ficar aqui só o tempo suficiente pra ganhar uma grana e encontrar Balder.

Gonzo parece decepcionado, e eu me sinto como um canalha que acaba de lhe informar que Papai Noel não passa de um disfarce.

— Olha, depois disso, se você quiser voltar, na boa. Por enquanto — eu digo, mostrando-lhe minha credencial de participante com acesso aos bastidores — temos acesso ao camarim e comida grátis. Vamos comer.

CAPÍTULO QUARENTA

Em que eu me aventuro na televisão

Às três horas, os assistentes do *Qual é a sua categoria?* vêm até o camarim e me levam para a maquiagem. Parker Day está sentado na cadeira para um retoque, com um telefone encostado em sua orelha. Eu acompanho a sua negociação com uma empresa de refrigerantes, com um fabricante de sapatos, uma discussão com seu agente e uma bronca que ele dá na assistente, dizendo que ele não deveria ter de pedir para ela ir buscar sua roupa na lavanderia, pois isso ela teria de simplesmente *saber*. Nossas cadeiras estão a menos de dois metros de distância, e enquanto a moça da maquiagem faz o seu trabalho eu fico dando umas olhadas em Parker, tentando entender o que o torna uma estrela. Há o cabelo castanho e curto com discretas pontas loiras. Um corpo malhado sob uma camiseta agarrada de roqueiro *vintage*. O bronzeado que dura o ano todo. A calça jeans rota que deve ter custado mais do que eu ganharia em doze turnos no Buddha Burger. Sem dúvida que ele é um cara boa-pinta, mas num estilo genérico, como uma espécie de papel de parede humano que daqui a alguns anos você vai querer trocar por outra coisa.

Quando fico pronto para as câmeras, os assistentes me levam até meu lugar no palco da praia recriada, com direito a cabanas de palha e tochas de bambu nas laterais. O diretor me passa algumas informações sobre a câmera, mas eu não consigo registrar porque na minha frente tem um mar de pessoas e sinto um frio na barriga. Lá embaixo, bem na frente, eu vejo Gonzo com os polegares levantados e um sorriso nervoso. Na lateral do palco, Parker confere seus cartões com anotações enquanto uma camareira passa as dobras da sua calça jeans. O diretor indica que é para irmos para nossos lugares. O operador de câmera nos sinaliza: três, dois, um. A luzinha se acende e Parker Day sai andando ao encontro de um

rugido trovejante da plateia. Ele os estimula balançando os braços e dando um “ho-oh” no microfone, que todos repetem na sequência.

— O-lá! Eu sou Parker Day, ao vivo da **Mansão do Agito** na praia de Daytona, Flórida!

A galera enlouquece, e Parker pede a eles um tempo enquanto faz uma careta para a câmera. — Essa transmissão vivíssima é um oferecimento de Rad XL, o refrigerante da nossa geração.

Parker toma um gole da sua lata de Rad XL e a entrega a um assistente.

— Hoje, no *Qual é a sua categoria?*, temos um novo participante, Cameron, um Poderoso do Áudio do Texas. Cameron, chega aí, meu velho.

Eu vou até o lugar que me indicaram, ao lado do Parker, que tem uma cola com todos os meus dados preenchidos, uma cortesia de Ann “Iphigenia” Jones.

— Cam, diz aqui que você tem a doença da vaca louca. É verdade isso?

— É.

Só espero que a gente esteja bem longe daqui quando a notícia se espalhar.

— E aí, como é?

— Hum... é uma bosta — eu digo.

Todo mundo ri e Parker dá um tapa nas minhas costas.

— Você é engraçado, Cameron. Gosto disso. Cam, como você sabe, em *Qual é a sua categoria?* nós vamos lhe fazer perguntas sobre a sua área de *expertise*, que é...

Ele faz uma careta para a câmera e baixa a voz.:

— Poderoso do Áudio!

De tanto que já assisti Parker Day eu sei que estão fazendo um efeito cafona com a sua voz quando ele diz “Poderoso do Áudio”. Mesmo assim isso arranca gritos e assobios da plateia. É o que eles esperam.

— Então, eu vou lhe fazer as perguntas que estão nesses cartões brancos em minhas mãos. Se você responder corretamente você avança para a próxima batelada de perguntas, onde os valores em prêmio são mais altos ainda. Mas se você errar uma pergunta nós seremos obrigados a arrancar um dedinho seu. Brincadeira.

A galera ri da sua piada idiota. Eu olho para Gonzo lá embaixo, que gesticula a palavra *pendejo*, o que faz com que eu me sinta melhor.

— Não, se você errar uma pergunta você terá que se sentar na...

— Câmara que afunda! — grita a plateia.

Dois assistentes de palco com camisetas pretas e calça jeans adentram o palco empurrando um banheiro portátil com um enorme botão vermelho na lateral com o aviso APERTE AQUI. Parker abre a porta para que todos possam ver dentro. O cheiro quase me derruba. Uma plataforma bem estreita foi colocada sobre a latrina. Alguém colocou um sapato na plataforma. Parker prende o nariz com a mão que está livre.

— Sim, senhoras e senhores e Cameron. Uma vez que você é colocado na Câmara que Afunda você terá que responder uma pergunta tudo ou nada. Se você responder corretamente, dobraremos o valor do seu prêmio e você não terá que passar uma semana tomando banho com desinfetante. Mas se você responder errado...

Parker aperta o botão APERTE AQUI. O assento sobre a latrina solta o sapato, que ao cair provoca um estrondoso barulho de descarga. O sapato é sugado para dentro de uma mangueira larga o bastante para engolir uma pessoa e expelir para só Deus sabe onde. A câmera zarpa para um tubo plástico transparente para que os fãs em casa não percam nenhum minutinho sequer da nojeira de excremento humano. Na fileira da frente, Gonzo faz cara de quem vai vomitar, e eu me pergunto em que caralho eu fui me meter.

— Você tomou todas as vacinas, né?

A plateia ri e Parker me dá um daqueles sorrisos encantadores pelo qual ele é tão famoso. Um assistente de palco me ajuda a subir a escada e me posiciona na plataforma. Cheira àqueles peidos que nossos avós soltam. As luzes estão quentes e tudo que eu consigo ver a minha frente é uma multidão de corpos bronzeados, seminus em diferentes estágios de embriaguês. Parker protege os olhos com a mão que segura os cartões e olha para mim.

— Cam, você está bem aí? E a doença da vaca louca, como vai?

Ele gruda seu rosto na câmera e usa aquele tom de voz sussurrado que todo mundo ama.

— Muu....

Rola muita bateção de pé, palmas e vivas. Eu só quero ganhar uma grana e encontrar meu gnomo de jardim. Não é querer muito.

— Ok, vamos lá. Cameron, qual é o nome da pessoa que canta o jingle da Rad, *Quero uma XL?*

Esse jingle da Rad toca na tevê e no rádio a cada quinze minutos, só isso. Ele está começando com as fáceis.

— Hum... no caso seria Big Philly Chesse Steak.

— Você está absolutamente certo. E uma bolada de cem dólares é depositada na sua conta de *Qual A Sua Categoria?*

O painel luminoso soa e exhibe um reluzente símbolo de cem. A plateia comemora. Alguém grita:

— Afunda ele!

— Pergunta número dois, Camster. Que álbum o coioote usa pra enganar o papa-léguas quando tenta fazer com que ele pense que tem uma manada de elefantes correndo atrás dele? Tome o tempo que precisar.

— Os... — eu começo a dizer.

Parker ergue a mão.

— Tome o tempo que precisar. Sem pressa.

Ah. Certo. Ele quer que eu enrole um pouco para os telespectadores. Criar suspense.

— Hum... — eu digo, torcendo o rosto como se eu estivesse tentando solucionar uma das equações de física quântica do meu pai.

— Eu não tenho certeza, mas eu acho, eu acho que é *Os elefantes estão me perseguindo, Volume Um?*

— Cameron — diz Parker com uma cara muito séria —, Você... incendiou!

A plateia enlouquece.

— Muito bem, Cam. Agora é sério. Momento de muita grana. Uma pergunta composta de duas partes. Parte um: Quem foi o compositor do altamente influente *Blues do Bosque de Ciprestes?*

— Junior Webster.

Há um murmúrio de apreciação na plateia.

— Homem Cameron está a toda! Parte número dois: bosque de ciprestes se refere a quê?

Eu estou prestes a acabar com a alegria do Parker Dayzinho.

— Um cemitério em Nova Orleans.

Parker ergue suas sobrancelhas arquifotografadas:

— Tem certeza?

— Tenho.

— Certeza absoluta?

— Bem... sim. Acho que sim.

— Você não parece estar muito seguro.

— Não. Digo, sim. Tenho certeza.

Ele coça o queixo intencionalmente.

— Ai, Cam — Cam — Cam.... Sinto muito, mas sua resposta está... incorreta.

— Incorreta? De jeito nenhum. Eu fui lá. EU o conheci...

— Você conheceu Junior Webster. Claro que conheceu, seu cabeçudo. A resposta correta é a cidade onde ele nasceu. Viu? A cidade onde ele nasceu. Está bem aqui. No cartão.

Ele mostra o cartão para a câmera para um *close-up*.

— Cameroide, vou pedir pra você se sentar no...

Parker projeta o corpo em direção à audiência, a mão fazendo uma concha contra a orelha.

— Câmara que Afunda! — eles gritam na hora certa.

Eu subo a escada capenga até a plataforma. Enquanto subo ouço a voz solitária do Gonzo:

— Você é o cara, Cam!

Minha cabeça está girando, por conta do cheiro e dos meus pensamentos: se o bosque de ciprestes a que ele se referiu não era o cemitério, então, talvez eu tenha ido ao lugar errado, o que significa que eu peguei a mensagem errada, o que significa que a viagem toda está errada e eu estou fazendo tudo isso a troco de nada. Não tem como saber ao certo. Sou tomado por um pânico que não tem nada a ver com a Câmara que Afunda.

— Cam, tudo bem aí em cima? Precisa de ajuda?

— Hum?

Percebo que eu parei no topo da escada. Avanço rapidamente e me sento na plataforma acima do fosso.

— Você está confortável aí em cima, super Cam? — Parker pergunta.

Seria tão fácil botar um pé para fora e chutar aquela sua cabeça fotogênica.

— Pimpão — eu respondo.

Isso arranca uma risada da plateia.

— Muito bem. Última pergunta. Valendo a grana toda. Nós vamos tocar um trecho de uma música. Você tem que me dizer qual é a música e o artista. Se você acertar, você leva seiscentos dólares. Se errar entra pelo ralo. Está pronto?

Eu respondo que sim.

As caixas de som chamam. Uma música sopra. Uma melodia fantasmagórica em flauta doce e ukulele. Então aquele vibrato estridente em português paira sobre a multidão. É possível que eu esteja esbanjando o maior sorrisinho cretino da história da televisão.

— Ai, Cam. Acho que você está em apuros — diz Parker, indo em direção ao botão APERTE AQUI. — Hora da resposta.

— Ai, velho — eu digo, balançando a cabeça e suspirando.

Eles querem emoção televisiva, e eu estou feliz por poder colaborar.

— Me dá um minuto.

— Dez segundos no relógio, grande Cam.

Na plateia, as pessoas começam a contagem regressiva.

— Dez, nove, oito, sete...

Gonzo está de olhos arregalados, seus lábios mal se mexem enquanto ele conta junto. Espero chegarem a “zero”. O alarme dispara. O som de bulha de cachorros se espalha pela galera feito uma onda.

— Acabou seu tempo, Cameron. Você tem uma resposta?

Parker está lambendo os lábios. Sua mão paira sobre o botão, doido para me afundar naquela poça nojenta de estrume.

— Sim, Parker. Creio que tenho. Seria *Viver é amar, amar é viver*, do Grande Tremolo.

O sorrisinho maroto do Parker desaparece. Ele olha novamente para seus cartões como se não estivesse acreditando no que está escrito ali. A multidão se cala. Eles querem me ver afundando e não entendem porque está demorando tanto para Parker lhes dar essa satisfação.

— Cameron, Cameron, Cameron — Parker diz, balançando a cabeça. A galera está ansiosa. — Você ... está.... — ele suspira, e sua mão se aproxima do botão antes de ele afastá-la completamente.

— Totalmente certo! Desça aqui, Cam, meu chapa.

Um assistente me ajuda a descer a escada, embalado pelo enorme aplauso da audiência e algumas poucas vaias.

— Você acaba de ganhar seiscentos dólares e uma caixa de Rad Suave, sempre na boa com *Rad Suave*.

Um assistente empurra uma carroça cheia de caixas de Rad Suave, e Parker conta seiscentos dólares em notas, que eu imediatamente meto no bolso. Saímos do vermelho. Agora só precisamos encontrar Balder.

Quando eu saio do palco Gonzo me cumprimenta batendo as palmas das mãos contra as minhas.

— Cara, você arrasou!

— Valeu, Gonz. Você viu os idiotas que roubaram o Balder? — eu pergunto.

Esse sol quente combinado com a ansiedade está acabando comigo. Começo a sentir câimbras de novo, e minha visão está um pouco embaçada.

Gonzo balança a cabeça.

— Ainda não, cara. Ei, tudo bem com você? Você está com uma cara estranha.

Eu estou encharcado de suor.

— Eu só estou com muito calor.

Em meio à multidão somos empurrados até a praia, onde construíram uma vasta plataforma a céu aberto, chamada de PALCO TRÊS. É um evento da Marisol. De canga cor-de-rosa e miniblusa ela acena para a multidão e joga beijos, seus longos cachos pretos reluzindo sob o sol. Se encontramos Marisol, provavelmente encontraremos os imbecis.

— Ei, que programa é esse? — eu pergunto a uma garota que está entrando.

— Uma espécie de leilão beneficente — diz ela. — As pessoas podem subir ao palco e leiloarem suas posses mais valiosas ou

estranhas. Quanto mais esquisito você for, maiores suas chances de ser escolhido.

Nós a agradecemos e abrimos caminho entre a multidão. No palco, um gordinho está segurando um autógrafo que ele ganhou de uma estrela de cinema. Alguns lances são trocados e o martelo bate no preço final de cento e vinte cinco dólares. Eles conduzem o próximo idiota até o palco. Mal posso acreditar. É Keith. E ele está segurando Balder, que está com um vestido cor-de-rosa com babadinhos, calça pantalonada e uma boina de renda branca.

— Gonzo — eu digo, apontando.

Ele começa a rir, mas para quando percebe que eu não estou numas de tirar sarro.

— Cara, eles botaram um vestido nele.

Um segurança do tamanho de um carro compacto para na nossa frente. Ele estica a mão para nos impedir de seguirmos em frente.

— Vocês não podem entrar a não ser que estejam participando do leilão.

— Aquele gnomo é nosso! Eles roubaram da gente! — Gonzo grita.

O cara nos empurra para longe do palco.

— Certo. Se você der o lance vencedor você o pega de volta.

Eu enfio a mão no bolso, sentindo a maciez daqueles seiscentos dólares.

— Tudo bem. Estamos dentro — eu digo.

O cara nos dá raquetes para fazermos os lances e nós abrimos passagem até a frente. Keith fala sem parar, contando que ele e seus manos sequestraram o gnomo da casa do reitor, no meio da noite, inventando uma história tonta só para bancar o gostoso. Marisol faz cara de quem está deslumbrada. Ela joga seus longos cabelos escuros para trás e dá um beijo no Balder, depois ergue seu vestido para mostrar as pantalonas dele.

Balder está se comportando com sua elegância estoica de sempre, mas eu sei que sob a expressão de mestre zen há um caldeirão fervente com ira de gnomo.

— Não creio nesse fulano. Que fingido da porra — resmunga Gonzo.

Dois caras superaltos param do nosso lado, dificultando a visão.

— Aqui. Suba e prepare-se para dar o lance — eu digo, botando Gonzo nos meus ombros.

— Você tem certeza que isso é seguro? — pergunta Gonzo. — Você é forte o bastante pra me segurar?

— Consigo lhe segurar o tempo suficiente pra pegar Balder de volta. É só você ser rápido com essa raquete.

Gonzo é mais pesado do que eu imaginava e meus músculos sentem o esforço, mas eu consigo segurá-lo pelos cinco minutos que isso deve levar.

— Quanto temos? — grita Gonzo para baixo.

— Seiscentos — eu respondo baixinho.

Meu pescoço está me matando. Keith termina seus agradecimentos para um milhão de amigos na sua cidade, e começam as apostas. O começo é rápido e frenético. Surgem lances de tudo quanto é lugar. Mas quando chega aos trezentos dólares a maioria das pessoas cai fora. Resta apenas nós e outros caras, fazendo lances com acréscimos de vinte e cinco dólares.

— Alguém disse trezentos e cinquenta? — grita Marisol para a multidão. — Temos trezentos e cinquenta!

— Gonz! Quem está apostando contra a gente? — eu me esforço para perguntar.

Para uma “pessoa de baixa estatura”, ele é bem pesado.

— Aqueles bundões do carro. Os companheiros dele — diz ele.

Gonzo ergue a raquete. Os lances continuam até que chegamos a quietos e vinte e cinco. Ainda temos setenta e cinco dólares. Estou suando feito um porco. Meus músculos enrijecem e começam a tremer. Agora não. Por favor, agora não.

— Eles estão amarelando — grita Gonzo.

Ele ergue a raquete. Marisol grita quietos e vinte e cinco. A tremedeira desce pelos meus braços e alcança minhas pernas. Meus joelhos estão dobrando.

— G-Gonzo — eu deixo escapar —, não consigo mais te segurar.

— Só um segundo, velho.

Os caras fazem um contra-lance de seiscentos dólares. Marisol quer encerrar logo. Ela grita dou-lhe uma, dou-lhe duas, mas então minhas pernas falham e eu caio no chão com Gonzo em cima de mim. Ouço Marisol gritando:

— Vendido!

Perdemos Balder.

— Velho, puta que o pariu! — grita Gonzo, esfregando a cabeça.

Um cara com braços totalmente tatuados se ajoelha e pergunta ao Gonzo se ele está bem.

— Sim, eu estou bem, obrigado. Não precisa se preocupar comigo. Apenas me deixe aqui no chão, cuidado para não tropeçar — ele responde.

— Você está bem? — pergunta Gonzo para mim, quase como uma lembrança longínqua.

— Não — eu digo, me levantando com esforço. — Nós perdemos Balder.

— Vamos consegui-lo de volta — diz ele, conferindo a cabeça com as mãos. — Eu vou pra tenda de primeiros-socorros.

— Beleza. Entendi — eu respondo num tom seco, praticamente empurrando-o para a tenda com o cara tatuado.

Keith recebe seus amigos no palco. Ele entrega o gnomo para Marisol como um presente. Ela dá um gritinho e recebe o prêmio, segurando o nosso gnomo sobre a cabeça, mostrando-o para a galera.

— Ele é tão bonitinhooooo! — diz ela com um gemido. — Vamos usá-los na nova campanha do *Vai Encarar*?

O público ama isso. Eles enlouquecem. Eu lembro das últimas chamadas que eles fizeram para esse programa na tevê. Usaram um urso de pelúcia. Numa das chamadas, eles arrancavam o braço do urso com uma serra elétrica. Noutra eles botavam um rojão em sua boca e acendiam o pavio. Ao final das cinco chamadas tudo que restava do urso era uns poucos pedaços de penugem imunda e queimada com um olho de vidro grudado.

— Ei, tira uma foto! — grita Keith; o canalha Cara do Meio, ladrão de gnomos de jardim, para seus amigos.

Ele passa o braço em volta da Marisol, e ela lhe dá um beijo na boca.

— Iuuuu-huuu! Esse é o dia mais massa da minha vida! — grita Keith.

Os caras fazem aquele estranho barulho de cachorro que sempre fazem quando querem demonstrar apoio. Meu coração pesa, por eu

ter perdido Balder e porque de um jeito ou de outro eu coloquei Keith no caminho para a perdição. Eu odeio ter consciên-cia disso. Eu odeio não conseguir simplesmente odiá-lo.

— Ei, Marisol! — Keith dá um sorriso de orelha a orelha —, quer um parafuso?

A multidão solta um suspiro de assombro coletivo. Marisol está boquiaberta. Keith puxa meu parafuso mágico do bolso e o entrega a ela.

— Aqui. É um parafuso mágico. Dizem que dá sorte.

Agora as pessoas riem, embora seja uma das coisas mais tontas que eu já tenha ouvido. Marisol está com cara de quem quer socá-lo, mas... que se dane... ela está na tevê e precisa pelo menos fingir que é descolada, então ela ri também e diz:

— Ai Deus, você é engraçado demais!

A multidão grita “parafuso mágico!” inúmeras vezes, e então Marisol se despede com a sua marca registrada:

— Eu sou Marisol, fui. Até mais!

Uma música *house* bate-estaca jorra das caixas de som, para acompanhar os créditos na tevê. Marisol faz uma dancinha boba com Balder e o parafuso, um em cada mão, para que ninguém fique com a impressão de que ela leva isso (ou qualquer outra coisa, na verdade) a sério. É tudo uma grande piada, uma grande Mansão do Agito. Não precisa se preocupar ou se envolver. Sem risco, sem confusão, sem estresse.

Quando Keith deixa o palco um par de caras de terno vão ao seu encontro. Eles apertam sua mão e lhe oferecem cartões.

— Adoramos o que você fez com aquele lance do parafuso mágico — eles dizem. — A galera também amou.

— Ah é? — Keith sorri. — Eu não planejei, nem nada assim. Simplesmente rolou.

— Sim, ótimo. Olha, estávamos discutindo a possibilidade de desenvolver algumas promoções da YA!TV em torno de você. Você podia ser o Maluco do Parafuso Mágico. O que você acha?

— Eu vou aparecer na tevê? — diz Keith, socando o ar. — Demais! Onde eu assino, velho?

E assim, do nada, algo muda no cosmos. Uma borboleta bate as asas na América do Sul. Neva em Chicago. Você dá um parafuso

mágico para um idiota e o troço acaba sendo uma parte necessária no final das contas.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Em que Gonzo escolhe entre a vida e o gnomo de jardim

Desembolsamos cem dólares do meu prêmio em dinheiro e conseguimos informações a respeito de Balder. No momento, ele se encontra no camarim da Marisol, onde ela o faz de porta-joias. Com mais cem dólares, obtemos crachás com acesso aos bastidores. Assim que Marisol deixa seu camarim e vai para o palco na praia filmar uma chamada, nós entramos escondido. Encontramos Balder enterrado sob uma coleção de lenços coloridos. Seu rosto está vermelho e parece cansado.

— Graças aos deuses que vocês me encontraram — diz ele com um sorriso tímido. — Nunca fui tão humilhado na minha vida. Vocês acreditam que ela permitiu que suas amigas me maquiassem?

É verdade. Balder está de sombra azul clara cintilante e batom brilhante.

— Ficou bacana — diz Gonzo. — Você ficou com cara de roqueiro *fashion*.

— Vamos tirá-lo daqui rapidinho, beleza?

Eu enrolo Balder num dos lenços, então partimos em direção à porta justo quando Parker entra.

— Cameron! O sabichão. O que você está fazendo aqui?

— Hum... nada.

— Você incendiou hoje. Bom trabalho. Esse aí é o gnomo?

O lenço caiu do rosto do Balder. Parker nos encara com um jeito desconfiado.

— O que vocês estão aprontando?

— Nós... bem... eles pediram pra gente levar ele pro palco — eu minto.

— Mentira. Vou chamar o segurança.

Parker pega o telefone.

— Tudo bem! — eu grito. — Você nos pegou no flagra. A gente só queria tirar umas fotos. Uma brincadeira pra escola. Sabe como é, né?

— É, eu sei. O que eu sei é que vocês estão tentando embolsar propriedade da YA!TV. Vamos precisar desse baixinho aí pras chamadas.

Ele dá um peteleco no nariz do Balder. Balder se encolhe, mas Parker não percebe.

— Parker, por favor. Só deixa a gente tirar umas fotos com ele.

Eu mostro a grana. Balder arregala os olhos.

— Vai, velho — acrescenta Gonzo. —, você não vai deixar a gente voltar pra casa de mãos vazias. Tem grana em jogo no vestiário da escola. Reputações em jogo.

Parker prova um par de óculos de sol caríssimos e se olha no espelho.

— Podem ficar com o gnomo — diz ele enquanto tira os óculos e os enfia no bolso —, com uma condição.

— Qualquer coisa. O que você quiser — eu digo.

Ele aponta para Gonzo.

— Seu amigo aqui participa do *Vai Encarar?*.

Estamos totalmente fodidos. Balder fecha os olhos. Ele sabe que seu destino como travesti/objeto de destruição acaba de ser selado.

— Ele não pode, mas eu posso — eu digo.

Parker balança a cabeça. Vasculha a bandeja de comida, pega algumas uvas e um punhado de queijo.

— Você já participou. Além do que, nunca tivemos um anão.

Eu boto os quatrocentos dólares na mesa.

— Eu ganho isso numa hora de trabalho.

— E se eu deixar você me afundar? Você me bota de volta no programa e eu erro a pergunta de propósito e...

— Eu topo — Gonzo anuncia com um olhar determinado e severo.

Parker sorri para mim e dá um tapa bem forte nas costas do Gonzo.

— Excelente! Meu pequeno, você acaba de adquirir um gnomo de jardim.

Ele passa o braço nos ombros do Gonzo e o conduz pelo corredor. Gonzo olha para trás.

— Vai dar certo — diz ele fungando no seu inalador feito um moribundo.

— Você está bem, Balder? — eu pergunto assim que saímos do camarim da Marisol e nos esquivamos até a Mansão do Agito.

— Eu sofri a humilhação de ser capturado e, no momento, estou o que você chamaria de mal-humorado, mas estou bem. Obrigado — diz ele. — Eu o vi fazendo lances no leilão.

— De nada — eu digo. — Sinto muito por ter demorado uma hora até eu me dar conta de que os caras tinham te pegado.

— No começo, eu também não percebi. Eu estava dormindo. Quando vi acordei num estranho quarto de hotel com aqueles três idiotas. Eles tiraram fotos minhas em cima do frigobar e mandaram por e-mail para os amigos. Me botaram para posar com barras de chocolate e latas de refrigerante. Dá pra imaginar?

— Esquece essa história, velho. Agora você está bem.

— Cameron?

Uma voz familiar me causa um arrepio na espinha. Ali, a um metro e meio de mim, está a minha irmã, Jenna. Ela está de calça marinho branca e blusa listrada. Por incrível que pareça seu cabelo não está preso num rabo de cavalo, mas solto e encaracolado. Ela está diferente. Mais velha, talvez. Menos infantil.

— Cameron! — ela grita, sorrindo.

Ela vem correndo e joga os braços em volta de mim.

— Meu Deus! É você!

— Jenna, oi — eu digo, abraçando-a de volta o melhor que dá enquanto seguro um gnomo de jardim.

Eu não vou botar Balder no chão por nada nesse mundo.

— O que você está fazendo aqui? — ela pergunta.

Seus olhos estão marejados. Ela os esfrega com as costas das mãos.

— Uma missão supersecreta — eu digo, tentando fazê-la rir.

É o que eu costumava fazer quando éramos crianças.

— Cameron...

Eu levanto a mão.

— Eu sei, eu sei... Eu vou explicar tudo. Prometo. Mas primeiro tenho que ir deixar uma coisa no hotel. Espera aqui.

Eu tento me soltar, mas ela me puxa de volta. De duas, uma: ou eu estou enfraquecendo ou ela tem uma pegada mais máscula que a de Chet King.

— De jeito nenhum — diz ela com um sorriso determinado. — Eu vou com você.

Seria impossível discutir com ela.

— Beleza.

Nós descemos e abrimos caminho entre os corpos espremidos numa pista de dança que construíram no meio da praia, caminhamos pela areia quente até chegarmos ao meu hotel vagabundo.

— Credo — diz Jenna, dando uma conferida na decoração desleixada, o carpete encardido, lençóis floridos medonhos e a falta de qualquer cortesia, como um frigobar ou mesmo um balde de gelo. Ela não entra.

— São sessenta e cinco dólares por noite e tem tevê a cabo — eu explico. — Já volto.

Ela assente e eu entro no quarto escuro com Balder. Ligo o abajur.

— Balder, preciso dar atenção a minha irmã. Tudo bem você ficar aqui, sozinho?

— Só tranque a porta, por favor — diz ele. — Não estou a fim de mais aventuras.

— Pode deixar.

— Cameron.

— Pois não.

— Isso que você fez hoje foi muito corajoso, ter me salvado, oferecer todo o seu dinheiro.

— Bem, eu não podia permitir que transformassem um dos meus melhores amigos numa isca viva promocional — eu digo.

— Eu lhe disse, é impossível me ferir — responde Balder com um sorrisinho convencido.

— Sim. Claro. Eu sei disso. Mas mesmo assim.

— E o Gonzo, ele não corre perigo?

Gonzo. Bosta.

— Não se preocupe. Eles só gravam o programa tarde da noite. Eu vou salvá-lo antes disso e até amanhã já estaremos bem longe daqui.

Balder assente. Pela primeira vez, ele parece estar preocupado.

— O que foi? — eu pergunto.

— Às vezes eu sonho com o meu navio, Ringhorn. Ele reluz como o sol após a chuva e eu corro em sua direção.

— Parece um sonho legal.

Seu rosto está pensativo.

— Mas eu nunca alcanço.

— Vamos chegar lá — eu lhe prometo. — Chegaremos ao oceano.

Eu lhe ajudo a subir na cama do Gonzo, lhe sirvo um refrigerante e lhe dou o controle remoto. Quando fecho a porta atrás de mim ele está ali deitado, zapeando pelos canais, feliz da vida, um guerreiro *viking* na semana do saco cheio.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Em que eu converso com a minha irmã e o destino me dá uma trégua

Jenna e eu encontramos um lugar para nos sentar em meio ao barulhento e lotado saguão da praia. Todos os aparelhos de televisão estão ligados no YA!TV, exceto um, que está no canal ConstaToons. O som foi desligado em todos eles. No minúsculo palco rola uma sucessão de apresentações musicais — bandas, garotas tocando violão, comediantes que cantam e *rappers*. Os baladeiros vêm chegando do espreme-espreme lá fora, segurando copos de cerveja. Alguns com cantis que escondem em seus calções e tiram quando acham que não tem ninguém olhando. Todo mundo de olho em todo mundo.

Compro um par de refrigerantes para Jenna e eu. Levo meia hora só para chegar até o bar.

— Aqui — eu digo, entregando o copo para ela.

— É *diet*, né?

Eu reviro os olhos.

— Não se preocupe.

Um cara empurra outro cara, que meio que cai na nossa mesa, quase derrubando o refrigerante da Jenna.

— Desculpa — diz ele, rindo. — Olha o que você fez, cara! — ele grita para seus amigos ao mesmo tempo em que corre e agarra um dos caras numa chave de pescoço.

Jenna me dá um beliscão no braço, não muito forte, igualzinho ao que ela costumava fazer quando tínhamos oito anos de idade.

— Ai!

— Cameron, estou tão brava com você! — diz ela. — Por que você fugiu do hospital? É verdade tudo aquilo que dizem que você andou fazendo?

Eu esfrego a parte do meu braço que ainda dói.

— É difícil explicar.

— Tenta.

Ela está com uma cara séria, a que lhe acompanhou em inúmeros testes para líder de torcida e eleições para o conselho estudantil. Eu fico indefeso perante seu rosto. Respiro fundo e sigo em frente. Ao final do meu relato, eu estou exausto, e Jenna está com cara de que alguém que teve a realidade secretamente trocada por outra que — imagino eu — seja cem por cento verdade.

— Você sabe que isso parece loucura — diz Jenna por fim.

Eu concordo com a cabeça:

— Eu sei, acredite. Mas eu não vou voltar, Jenna. Não posso. Ainda não.

Os fulanos parados ao lado da nossa mesa, de bobeira, mais uma vez começam a chegar perto demais, e o mesmo cara tromba com tudo na nossa mesa. Dessa vez ele não pede desculpas.

— Dá licença? — diz Jenna, e o cara se afasta. — Cameron, como você sabe que tudo isso é verdade?

— Eu não sei.

— Isso me assusta.

— Pois é, a mim também.

Preciso mudar de assunto, e rápido.

— E aí, semana do saco cheio na Mansão do Agito, hein? Como você conseguiu? Você não ia esquiatar com Deus?

Ela faz uma careta.

— Quer dizer, Chet. Às vezes eu confundo os dois.

Jenna brinca com o canudo.

— A gente terminou.

— Ah. Sinto muito.

— Não sente, não — diz ela, rindo.

Tudo bem, eu não sinto. Mas sinto saber que ela sente.

— Ele não aprontou com você ou coisa do tipo, né?

Ela vira os olhos.

— Não. Ele só ficava me pressionando para ser mais como ele e, se eu não fazia isso, ele não sabia o que fazer comigo. Agora ele está namorando uma garota da igreja. Eles gostam das mesmas coisas.

— Você veio sozinha? — eu pergunto.

Não consigo imaginar isso. O pai não deixaria, e Jenna não consegue ir a lugar algum sem ter pelo menos mais duas garotas na sua cola. É contra a sua regra de conduta.

— Eu vim com Staci e a turma. A mãe disse que seria bom para eu sair um pouco.

Jenna dá um gole no seu refrigerante, e durante um minuto ficamos observando uma banda metida a *punk* pulando pelo palco, berrando uma música. Os integrantes, tatuados, usam calças cargo cortadas.

— Todo mundo está totalmente apavorado. Tipo, Cam, esses caçadores de recompensa não estão de brincadeira, e a mãe e o pai...

— Eu sei. Desculpa. Eu prometo que vou voltar assim que der e daí explico tudo. Você não vai contar pra eles, né?

Ela me olha feio, como se eu fosse uma questão na lousa, algo que ela precisa entender, classificar e dominar bem o teste. Eu nunca me dei conta de como ela é parecida com o pai, nesse sentido.

— Sim. Eu vou. Eu tenho que contar, Cameron. Mas eu lhe dou uma vantagem. Eu posso esperar até amanhã, quando eu for telefonar de novo.

— Justo — eu digo.

Alguém fez o impensável e mudou o canal para o noticiário, que exibe a nossa história. A imagem vai do nosso cartaz para Arthur Limbaud, parado no estacionamento da sua Revenda de Belezuras. Ele está sentado no capô de um dos seus melhores — e mais brilhosos — modelos, com a secretária ao lado, não desperdiçando a oportunidade de botar banca. Não importa que a tevê esteja sem som, pois eu sei o que ele está dizendo. Ele está falando sobre a gente, sobre o carro. Mostram uma foto do Cadillac, e agora nós estamos fodidos de vez.

Os idiotas bêbados pararam de zoar. Começaram a brigar de verdade. Outras pessoas estão entrando na briga ou tentando apartar ou bater também. Dois caras caem na nossa mesa, e a multidão cai junto. Alguém puxa Jenna do meio da confusão para o canto. É um cara grande com uma blusa da Universidade de Midgard. O cara é boa pinta.

— Cuidado aí — diz ele.

— Obrigada — diz Jenna.

Ele estica a mão.

— Meu nome é David Morae.

— Jenna Smith.

— Prazer em conhecê-la, Jenna Smith.

Jenna ri e aperta a sua mão. Ele obtém a atenção total dela, e essa é justamente a deixa que eu preciso para sair fora.

Salvar Gonzo, arrumar as malas e ir embora. Agora. Imediatamente. Esse é o plano enquanto eu abro caminho entre hordas de estudantes, tentando encontrar um anão de um metro e cinco de altura com o bigodinho mais ridículo do mundo. Não o vejo em lugar algum. Há uma muralha de pessoas. Eu trombo numa garota loira.

— Desculpa — eu digo, tentando passar por ela.

— Cameron? É você? Ai-meu-Deus!

Staci Johnson está parada bem na minha frente, segurando uma cerveja dentro de um copo plástico.

— Você está tão gostoso!

Quando vejo, Staci Johnson está me beijando, e é como se isso apagasse o meu cérebro.

— Onde você estava indo? — ela pergunta.

— Lugar algum — eu digo.

— Quer uma cerveja?

— Com certeza.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Em que eu descubro onze dimensões, todas numa só pessoa

Meu corpo inteiro está leve, aquela leveza de começo de bebedeira. Eu tomei três cervejas, com isso não dá para ficar inconveniente ou passar mal, é o suficiente para ficar num clima agradável e suave. Staci só tomou duas. Ela está bem animadinha. Dançamos algumas músicas, e daí Staci propõe que a gente vá para o meu quarto de hotel. Ela quer “vê-lo”.

— Então, é isso — eu digo, deixando-a entrar.

Balder não está na cama. Deve ter saído. O abajur ainda está ligado, a tevê também. Eu desligo.

— Legal o quarto — diz Staci, atirando-se na cama.

— Obrigado — eu digo, como se eu tivesse alguma relação com essa espelunca.

— Você sabe que eu sempre gostei de você.

Ela morde o lábio. Sua blusa deslizou pelo ombro. Ela está de sutiã preto.

— Mas parecia que você só saía com garotas inteligentes, metidas a *punk*. Lembra daquela vez em que fomos parceiros na aula de laboratório, na sétima série?

— Sim.

Ela traça um círculo na minha perna.

— Eu lhe dei a minha foto da escola e escrevi *Com amor, Staci*. Você era tão legal. Ei, você parou de beber.

Ela encosta seu copo ainda cheio nos meus lábios:

— Beba, beba, beba.

A cerveja está morna e um pouco passada. Um tanto escorre pelo meu queixo e na minha camisa.

— Opa — diz ela com uma risadinha.

Eu coloco o copo no criado-mudo. Staci se apoia nos cotovelos e me lança um olhar tímido e calculado.

— E aí... você já pensou em mim alguma vez?

— Sim, claro.

— Ah, para! — ela diz me dando um empurrão de brincadeira. — É sério. Você alguma vez pensou em me convidar pra sair?

Eu dou de ombros, me desculpando.

— Eu achava que você só saía com espécimes geneticamente perfeitos.

— Com os o quê?

— Caras do tipo Chet King.

— Não, não é assim!

Ela me bate na perna de novo, e eu me pergunto se estarei cheio de hematomas até o fim da noite. Ela faz uma cara séria. Eu não sei bem o que fazer, então fico ali sentado torcendo para ter alguma ideia brilhante. Depois de um minuto, ela diz:

— Você se lembra quando eu namorava o Tommy?

— Claro.

Todo mundo lembra disso. Durante um ano eles eram como um único nome: Stacietommy, com direito a pegações diárias no corredor. Depois das férias eles viraram Staci e Tommy.

— Lembra que ele foi pra Dallas no verão, pro acampamento de futebol americano?

— U-hum — eu digo, como se eu acompanhasse tudo que Tommy faz.

— Ele parou de me ligar, e eu soube, eu simplesmente soube que ele estava com outra pessoa. Ele se engraçou com uma vagabunda da cidade de Plano.

Staci parece minúscula sentada naquela colcha vagabunda com a blusa caída.

— Sabe como eu descobri? Eu o escutei conversando com Bobby Wender e David Mack a respeito dela. Ele disse que ela era a melhor que ele já teve.

Eu penso no meu pai e Raina, e me pergunto se alguma vez eles chegaram aos finais, e caso sim, quantas vezes? Eu me pergunto se meu pai sente culpa ou se, talvez, ele se sintia ótimo. Eu me pergunto se minha mãe sabe, se ela se importa. Como as pessoas fazem para continuar apaixonadas? É uma escolha? Ou será que é como aquelas plantas que estudamos na aula de biologia,

que se transformam em algo novo e totalmente diferente, mas continuam sendo parte da mesma família?

Eu nunca me apaixonei. Vou morrer sem saber o que é precisar ver o rosto de uma pessoa quando a gente vai dormir à noite, desejar vê-lo quando acordamos. Eu gostaria de saber.

— Ei, Staci? — eu digo. — Você está bem?

Ela tenta sorrir.

— Ele vai se arrepender. Eu tenho grandes planos, entende?

— Ah, claro. Quer dizer, claro que entendo.

Estamos naquela estranha terra de ninguém. Eu não sei se devo beijá-la ou simplesmente continuar ouvindo.

— Posso lhe contar uma coisa? — ela pergunta.

— Claro.

— Eu tive uma ideia.

Ela chupa uma mecha de cabelo de tal maneira que provoca uma protuberância na minha calça.

— Tem certeza que quer ouvir? Digo, deve ser uma bobagem.

Eu boto o travesseiro no colo.

— Quero muito ouvir.

Staci dá um gole na cerveja e a coloca de volta no criado-mudo.

— Tudo bem. Sabe, tipo, quando você vai a um restaurante e vem uma recepcionista pra levá-lo até a sua mesa?

Faço que sim com a cabeça.

— Bem, eu estava pensando em criar um *reality show* onde as pessoas competem por uma chance de ser o recepcionista de um restaurante bem bacana. Poderia se chamar *A anfitriã*. Ou *O anfitrião*, se o vencedor for homem. OU, não, não! Primeiro vamos fazer uma versão para garotas, que vai chamar *A anfitriã*, daí fazemos a de meninos, e vai chamar *O anfitrião*. Não estou falando de um restaurante brega como aqueles da nossa cidade. Tipo, bons restaurantes de Dallas ou Atlanta, algo assim. Eu já tenho um montão de ideias para coisas que eles teriam que fazer na competição... Esse papo tá muito sacal?

— Não. Meu Deus, não.

Staci me dá um beijo estalado e molhado na bochecha.

— Você é muito gracinha, Cam! Então, tipo, eles teriam que lidar com problemas, como um casal de mendigos que entra e quer uma

mesa. Mas, tipo, eles teriam dinheiro que a produção lhes deu e uma reserva, então o que você faz? Você os atende, ofende todo mundo no restaurante e deixa seu chefe puto da vida? Ou você diz que não consegue encontrar a reserva e espera até que eles comecem a gritar com você? Coisas desse tipo. E toda semana alguém é eliminado até termos um vencedor. Uma vez eu fui anfitriã durante um verão no iHip-Hip -Hurra, Hoje É Quarta-Feira, e não é fácil. As pessoas gritam com a gente ou então ficam querendo mudar de mesa o tempo todo, ou então vão lá e se sentam, embora tenha um aviso enorme dizendo que A ANFITRIÃ O ACOMPANHARÁ ATÉ SUA MESA.

— Parece foda.

— Exatamente — diz Staci, engatinhando pela cama para me beijar. — Você é uma graça — ela sussurra.

Eu ouço um barulho estranho no quarto. Uma bufada ou uma tosse. Algo. Lá está Balder, sentado numa cadeira ao lado da janela, assistindo tudo.

— Hum, com licença um minutinho — eu digo, afastando os braços da Staci. — É só um segundo.

Balder está sentado feito uma pedra com seu sorrisinho alegre.

— Sinto muito, amigo — eu sussurro.

Antes que ele proteste, eu o coloco no fundo do armário.

— Então, onde estávamos mesmo? — eu pergunto, voltando para a cama.

Staci sobe em cima de mim de novo. Beijamos um pouco mais. Estou ficando de pau duro. Eu apalpo Staci e ela não protesta, mas no idioma das meninas isso não significa nada, necessariamente. A qualquer minuto eu posso fazer “a coisa errada” e “a coisa errada” pode me render um tapa na cara e uma noite de gratificações solitárias. Como as apalpadas tiveram boa aceitação eu me aventuro um pouco mais e encontro o fecho do seu sutiã. Nenhum tapa na cara. Meus dedos batalham para liberar o fecho, que sem dúvida foi confeccionado por um grupo de freiras na fábrica de algum convento. Staci se senta. Bosta, eu fiz “a coisa errada”.

— Aqui — Staci diz entre risadinhas. — Eu o ajudo.

Ela me dá um sorrisinho encabulado, morde o lábio inferior e leva as mãos atrás das costas de modo que seus peitos fiquem praticamente no meu rosto. Dois segundos depois o sutiã foi atirado

para o outro lado do quarto, aterrissou em cima da tevê. Se bem que ela ainda está de blusa.

— Espera aí. Preciso fazer xixi.

Ela sai cambaleando até o banheiro. Ai meu Deus. Acho que estou prestes a transar. Com Staci Johnson. Eu não sei o que fazer. Devo botar uma música? Acho que tem que ter música. Mas eu só trouxe aqueles CDs do Grande Tremolo. Eu daria qualquer coisa por um álbum do Junior Webster agora. Mas vai ter de ser Tremolo mesmo. Eu boto *Viver É Amar, Amar É Viver* e aperto *play*. Ouço a descarga. Staci volta e praticamente cai na cama. Isso faz com que ela ria mais.

— O que é isso? — ela pergunta, referindo-se à música.

— Grande Tremolo. Conhece?

Staci arrebita o nariz.

— Não. Espera aí, é uma banda escocesa? Ele está cantando em escocês?

— Não é uma banda. O Grande Tremolo é um cara que canta umas canções de amor em português, que sempre acabam mal.

— Ah.

Staci se engancha no meu colo. No banheiro ela escovou os dentes com a minha escova de dentes. Entre a pasta de dentes e a cerveja seu hálito fica com um aroma estranho, menta misturado com uvas estragadas.

— Ele também toca ukulele.

Eu estou começando a vacilar. Esse intervalo de ida ao banheiro foi o suficiente para me deixar nervoso novamente.

— Então, quer continuar ouvindo isso?

Staci lambe os lábios.

— É isso que você quer fazer?

Ela enfia as mãos debaixo da minha camisa e esfrega meus mamilos. Tem cara de coisa que ela leu em alguma revista e quer testar. Jesus, ela está se esmerando. Periga ela apagar meus mamilos.

— Aqui, ouça só essa música — eu digo.

Eu seguro seus pulsos e afasto suas mãos do meu peito. Aumento o volume enquanto Tremolo canta sussurrado um trecho sobre olhar no rosto da sua amante e enxergar a felicidade. É meio bonito.

Brega, mas sincero, triste e feliz ao mesmo tempo. Staci ri tanto que eu tenho a impressão de que ela vai cair da cama.

— Ai meu Deus. Esse cara é muito péssimo. É hilário. Você devia botar isso na sua página do MyNet.

Eu concordo com um gesto de cabeça, e de repente desejo que ela não estivesse aqui. *Eu olhei no seu rosto e enxerguei a felicidade.* Eu me pergunto se algum dia meu pai sentiu isso em relação a minha mãe ou se minha mãe sentiu isso em relação à Jenna e a mim. Eu me sinto meio mal por tê-los deixado, sem um bilhete ou nenhum tipo de despedida. Não sei, mas pela primeira vez a música me toca fundo. Sob a flauta doce, sob aquela letra bizarra está a dor de que Eubie falava. Essa saudade de alguma coisa, de alguém, todos os átomos do seu corpo sonhando com os átomos do outro. E assim, do nada, o rosto da Dulcie surge na minha mente. A maneira como a luz fica macia em torno do seu rosto, as expressões abobalhadas que ela faz, o olhar de deslumbramento quando ela sorri.

“Amor, amor, o meu amor — canta Grande Tremolo.

E dessa vez eu sinto cada nota.

— Que retardado — Staci ri.

Eu desligo a música. De repente eu não quero mais que ela ouça isso. Não quero tirar sarro do Grande Tremolo.

— O que foi? — ela pergunta, sentando-se sob os joelhos.

Ela está vestindo apenas metade da blusa.

— Nada — eu digo.

Eu a beijo na boca com força. Eu quero apagar tudo. Staci ri.

— Cam, eu não sabia que você era assim.

Seus olhos estão semicerrados e sua boca se abre. Eu a beijo repetidas vezes. Sigo beijando-a, perseguindo um sentimento que está fora de alcance. Staci briga com os botões da minha calça jeans. Sua mão quente desliza para dentro da minha cueca, e eu não quero que sua mão saia mais dali, nunca mais.

— Hum... eu não tenho...

— Tudo bem — Staci diz, me beijando um pouco mais.

Isso vai contra toda a programação a que fui submetido durante anos de palestras no auditório com “um convidado muito especial”: você pode engravidar na sua primeira vez / se beber não dirija /

assim é seu cérebro com drogas / Doenças Sexualmente Transmissíveis, não descrimine. Mas então eu lembro que estou morrendo e não me parece ser o momento para cautela.

— Tem certeza? — eu pergunto.

Estou praticamente ofegando quando digo isso. Staci responde com um empurrão, derrubando-me na cama. Arrancamos a roupa como se estivéssemos tentando quebrar um recorde. A sensação do seu corpo contra o meu é suave, porém estranha, como se a gente não encaixasse direito. Então eu estou dentro, e paro de pensar. Eu não conseguiria, nem que eu quisesse. Tento dizer alguma coisa para Staci, mas seus olhos estão fechados, e seja lá onde ela estiver, acho que não está realmente comigo. Talvez esteja pensando no Tommy. É como se estivéssemos todos sós, juntos, e não me parece que é assim que deveria ser. Então alguma coisa explode dentro de mim.

— Ai, bosta — eu digo, entre dentes cerrados.

A poeira assenta. Eu volto para o meu corpo. O relógio digital troca alguns números brancos: 11:11. A coisa toda durou três minutos. Mas eu não vou morrer virgem.

Eu me viro de costas, pegando ar, tentando voltar ao meu corpo. Staci levanta da cama e sai cambaleando atrás de suas roupas.

Eu me apoio nos cotovelos.

— Ei, onde você está indo?

— Tenho de encontrar as meninas no bar — ela explica, vestindo o short.

— Você tem que ir agora?

Eu apalpo o xilofone ossudo da sua coluna e ela se afasta.

— Primeiro preciso tomar um banho.

Eu puxo o lençol até o pescoço e fico observando enquanto ela se veste.

— Talvez a gente se veja mais tarde — diz ela.

Um comentário final. Como quando você assina o anuário de alguém. *A gente se vê nas férias.*

— Sim, talvez — eu digo.

Ela abre a porta. Do corredor vaza uma luz. Então ela sai e o quarto fica escuro e vazio.

Já passa da meia noite, mas eu não consigo dormir. Tenho suores noturnos. A roupa de cama está encharcada e uma pequena poça de suor acumula no vão do meu pescoço. Dulcie está debruçada sobre mim. Seu rosto é uma pequena luz noturna reluzindo na escuridão.

— Ei, caubói. Você não está com uma cara muito boa.

— Não consigo respirar.

— Consegue, sim. Você só estava tendo um pesadelo. Relaxa.

Eu tento respirar fundo, mas é como se houvesse a porra de um elefante sentado no meu peito, e meus músculos estão fazendo aquela rotina frenética de discoteca. Durante um minuto eu ouço Glory dizendo:

— Relaxa, querido. Só preciso conferir a sua pressão sanguínea.

— Não consigo dormir — eu digo.

Eu ouço barulhos. Bips. Chiados. Sons abafados. Não vejo Gonzo. A cama ao lado da minha está vazia. Glory segura meu pulso, confere meu batimento, mais uma ruga é acrescentada às suas sobancelhas franzidas. Ela termina e enxuga a minha testa com um paninho.

— Bom menino. Descanse um pouco.

Ela aperta o êmbolo, fornecendo uma nova dose de morfina.

— Glory, eu não consigo dormir. Estou com medo de morrer.

Ela o aperta novamente, e meu corpo fica leve como uma pena de ganso.

— Cameron, acorda. É a Dulcie.

— Hã?

Estou de volta ao quarto do hotel, longe dos sonhos. Dulcie faz um carinho no meu rosto.

— Como assim, você está com medo de morrer se cair no sono?

— Eu vi Glory. No hospital.

— Cam, você está comigo, tá?

Eu olho a minha volta e vejo que ela tem razão. A luz do estacionamento atravessa as cortinas finas em faixas dissonantes.

— Eu não consigo dormir, Dulcie. Agora que... — eu não consigo completar a frase.

Não consigo lhe dizer que agora que não sou mais virgem, tenho certeza de que vou morrer.

— Como foi? — ela pergunta numa voz tão macia quanto uma prece.

— Bom.

— Mentiroso.

Dulcie me dá um sorrisinho, mas ela está com uma cara triste. Ouço alguém vomitando no estacionamento, e os amigos da pessoa riem, ainda que enojados.

— Eu achava que ia me sentir diferente.

— Você achava? — Dulcie pergunta.

Sim. Não. Eu não. Eu me sinto esvaziado. Perdido. Um pouco triste. Como se estivesse esperando um pacote que não chegou. Talvez se eu tivesse mais tempo, poderia deixar pra lá e dizer “ei, amigo, da próxima vez vai ser melhor”. Mas essa foi minha única chance, basicamente, e eu estraguei tudo. Não é apenas o sexo, no entanto. É a injustiça da coisa toda. Como se eu estivesse apenas começando a me dar conta de como essa viagem maluca pode ser sensacional, só que já está acabando.

— Cameron?

Dulcie está me encarando de um jeito muito estranho. Ela estica a mão e faz um carinho no meu rosto. Ela enxuga minhas lágrimas, e esse é o toque mais suave que eu já senti.

— Vai embora.

— Não — diz ela.

— Por favor. Tá?

— Cameron, olha pra mim...

O quarto está clareando. As asas da Dulcie se desfraldam, expondo aos poucos seu corpo nu. Ombros. Barriga. Braços. Coxas. Sua pele resplandece.

— Dulcie? — eu digo sem tirar os olhos dela. Ela é tão luminosa.

— Shhh...

— Se rolar entre a gente depois eu morro?

Ela encosta os dedos nos meus lábios, e essa é a parte dela que eu mais vejo.

— Todo mundo está morrendo, Cameron. Um pouco a cada dia. Aproveite.

Sem mais nenhuma palavra ela me puxa para si. Aquelas asas enormes e macias me envolvem como se eu estivesse sendo

abraçado pela primeira vez. Como se estivesse vagando em direção ao buraco negro no céu e não sentisse medo. Eu quero ser sugado. Quero ouvi-lo cantar. Eu quero ouvir aquele Si Bemol numa oitava que nenhum humano consegue realmente ouvir. Quero continuar sentindo. Eu a quero.

Alguma coisa encosta na minha pele nua. Dedos? Lábios? Asas? Não sei dizer, mas a sensação é incrível. É como se eu acelerasse através daquelas onze dimensões de uma vez só e meu corpo fosse ao mesmo tempo onda e partícula. Estamos colidindo, construindo o nosso próprio universo, algo novo e sem nome, cheio de tudo quanto é tipo de possibilidade. Essa felicidade é tão intensa que não existe velocidade de escape desse tipo de sentimento. E pela primeira vez eu não estou procurando um jeito de sair fora. Eu espalho beijos, dos calos na palma da sua mão até o acolchoado macio das pontas dos seus dedos. Ela levanta os braços e aninha meu rosto em suas pequenas mãos. Estão quentes como o primeiro sol da primavera.

— Cameron, olha pra mim — ela sussurra.

Eu olho. Eu a vejo. Eu a vejo de verdade. E naquele momento eu sei que ela me vê. Ela sorri e no seu sorriso tem tudo que eu posso desejar. Seu rosto se aproxima aos poucos, fechando a distância impossível. Seus lábios estão perto dos meus. E quando acontece, seu beijo não é algo que se sente, mas que se encontra.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

No que acontece com Gonzo quando não estamos olhando

Quando eu acordo já passa do meio-dia. O sol tenta penetrar pelas fendas das cortinas, então eu levanto da cama e permito que entre. A luz branca e severa fere meus olhos, mas apenas por um segundo. Aliás, no momento, nada realmente dói em mim. Nenhum tique. Nenhuma fraqueza muscular ou falta de ar. Eu me sinto ótimo. Eu me sinto inteiro.

— Dulcie? — eu chamo.

Já estou sentindo falta da sensação da sua pele contra a minha. Os lençóis estão uma bagunça amassada. Eu dormi pesado. No travesseiro, encontro uma pena tingida de rosa. Cheira à chuva, riso e ao inesperado. Cheira a Dulcie. Dessa vez não tem nenhum recado escrito. Nenhum código secreto. Não é preciso. Minha calça jeans está no chão. Eu enfio a pena no bolso de trás para guardá-la em segurança. De dentro do armário vem uma barulheira. Balder está puto da vida.

— Se eu quisesse ser ignorado e maltratado, podia ter continuado naquela rua sem saída ou com aquela gente asquerosa de tevê — diz ele quando eu abro as portas.

Eu o pego no colo e o coloco em cima da mesa, ao sol.

— Desculpa, Balder.

— Fazer o quê se você resolve trazer suas amiguinhas para o quarto... Você se deu bem? — ele pergunta, erguendo uma sobrancelha.

Eu sorrio.

— Isso é particular.

— Ah, um verdadeiro cavalheiro — diz ele, assentindo sabiamente.

— Gostaria de me redimir por essa mancada — eu digo, enchendo um copo de cortesia com água da torneira. O gosto é ruim, mas mata a minha sede.

— Como?

— Vou comprar uma câmera pra você. Você vai poder tirar fotos nossas em frente a monumentos pra mandar pra todos os seus amigos.

Balder curte a ideia.

— E onde está o nosso distinto Gonzo? Imagino que você tenha conseguido salvá-lo, não?

Gonzo. Puta que o pariu! Eu me esqueci totalmente dele. Eu o deixei à mercê de Parker Day e aquela sua equipe de escrotos, capazes de fazer qualquer coisa por audiência. Não consigo nem imaginar o que fizeram com ele.

— Fique aqui! — eu grito, pegando minha jaqueta e correndo porta afora.

Eu vasculho a praia e a Mansão do Agito, buscando qualquer sinal de Gonzo. A maioria das pessoas está dormindo, recuperando-se de seja lá o que foi que tomaram na noite anterior. O dia está apenas começando. Numa barraca na praia, vejo um cara vendendo camisetas. O texto estampado na camiseta diz TRAGA O ANÃO DE VOLTA! Nas costas uma foto do Gonzo com uma expressão apavorada.

— Que número, mano? — o cara me pergunta quando eu pego uma.

— Quando foi que você mandou fazer essas camisetas?

— Ontem à noite, logo depois da filmagem de *Vai encarar?*. Foi insano, velho. Um anão e uma cadeira elétrica.

Estou correndo a toda pela praia. Uma cadeira elétrica? O pânico tomou conta de mim. Eu corro até não poder mais. Então volto para o hotel, trêmulo e esgotado.

— O que foi? Qual o problema? — pergunta Balder assim que eu entro.

Eu desabo numa das cadeiras.

— Eu pisei na bola, Balder. Esqueci do Gonzo ontem à noite. Acho que aconteceu alguma coisa com ele. Alguma coisa ruim.

Alguém bate na porta.

— Abra! Polícia!

Jenna prometeu que me daria uma vantagem.

— Eu mandei abrir!

Balder assente com um ar sério. Eu abro a porta.

— Cara, você está preso! — diz Gonzo entrando correndo, com um sorriso na cara. — Ei, velho, você está com cara de quem acabou de fazer um barro.

Eu lhe agarro num abraço apertado.

— Gonzo!

— Ahhhh! — ele resmunga. — Cuidado com o ombro.

— Nossa — Balder diz. — Agora você tem semblante de guerreiro.

Eu boto Gonzo no chão e dou uma boa olhada.

— Bem, e aí, que tal? — ele pergunta, sorrindo.

Suas roupas estão rasgadas, desmazeladas e encharcadas com algum tipo de tintura. Seu cabelo está tingido de preto — azulado, e ele está com um novo corte moicano.

— Caraca — eu digo, dando a volta em torno dele, conferindo as costas.

— Curtiu? É legal, né?

— É muito louco!

— Pois é, eu sei. Olha só a tatuagem.

— Você fez uma tatuagem?

— Fiz. No ombro. Olha só, velho.

Ele baixa a blusa e me mostra o ombro, e lá está a tinta fresca, a vaca do Buddha Burger acima das palavras E AGORA VACA LOUCA?

— O que foi que aconteceu?

— Cara, foi foda. Eu estava na Mansão do Agito com Parker e Marisol e mais dois participantes que iam entrar antes de mim. Eu lá, totalmente apavorado. Eles ficavam mostrando umas chamadas do *Vai encarar?*, e é a coisa mais alopada que você pode imaginar. Gente pulando de *bungee jumping* em esterco de cavalo. Uns caras que tiveram que passar cera quente no corpo inteiro, berrando de dor. A primeira participante era uma garota. Eles a desafiaram a comer um escaravelho...

— Um escaravelho? Onde eles conseguiram...

— Aguenta aí que eu já te conto. Então, eles a desafiaram, mas ela não conseguiu, velho. De jeito nenhum. Mesma coisa com o cara que ia raspar a bunda e daí levar um choque com uma picana elétrica. Em todo caso, ele era um *cabrón* total. Ele topou levar um choque no braço, mas não é a mesma coisa, sabe como é. A galera

vaiou o cara. Acharam que ele era totalmente sem graça. Quando eu vejo, Drew... lembra do Drew? O cara que me levou pra tenda de primeiros-socorros no leilão?

— Sim — eu digo.

— Bem, ele trabalha no programa. Em todo caso, ele se senta ao meu lado e diz “Não se preocupe. Você vai se sair bem.” Como se ele acreditasse total eu mim. Eu olhava pro Parker acenando pra mim e todo mundo gritando e coisa e tal, mas era como se eu nem conseguisse ouvir. E bem nessa hora eu pensei, “que se foda”. “Que-se-foda. Eu nunca faço porra nenhuma”. *Boom!* Daí esses dois caras enormes vêm e me amarram numa cadeira elétrica das antigas, e bem nessa hora, nesse momento, eu não tinha a menor ideia do que ia acontecer. Achei que fosse me borrar inteiro.

Meu coração bate forte só de ouvir essa história. Balder está sentado na beirada da cadeira.

— E aí? — pergunta Balder.

— Eu ouço um rrrrrrrrrrrnnnnnnnnnn-nnnn-nnnn, e eu penso: “ai, caralho”. Eles estão acelerando essa bagaça. Eu começo a pensar em todas as coisas que eu nunca fiz, tipo surfar ou fazer uma tatuagem ou dar um chega pra lá na minha mãe. Basicamente eu penso que nunca fui eu mesmo. Nunca. Ouvi aquele rrrrrnnnn —nnn-NNNN-nnnn na minha orelha e jurei a mim mesmo: “Velho, se você conseguir sair vivo dessa, você encara qualquer coisa”. Os grandões botam as mãos em volta do meu pescoço. Parker puxa uma navalha e a encosta na minha cabeça. E trinta segundos depois eu sou um cara Moicano.

Ele puxa a tampa de uma lata de refrigerante quente.

— A galera surtou! Começaram a gritar o nome, “Gon-zo! Gon-zo! Gon-zo!”. E me passavam por cima das suas cabeças. Foi, tipo, o melhor dia da minha vida. E daí eu simplesmente... desapareci.

Gonzo entorna o refrigerante. Limpa a boca no braço.

— Nossa. Isso é... nossa. E a tatuagem? — eu pergunto.

— Foi a primeira coisa que eu fiz quando saí da cadeira. Eu e Drew.

Fico incomodado com o fato de Gonzo ter um novo amigo, alguém que pelo jeito é bem mais bacana do que eu.

— Então, quer dizer que agora você é famoso, é? — eu digo.

— Sim. Acho que sim — diz sorridente, bebendo o refrigerante.

— Você me salvou, meu filho — diz Balder, abraçando Gonzo. — Você lutou com honra. Você é verdadeiramente Gonzo, o grande.

Gonzo enrubesce:

— Gonzo, o grande. Curti. Vou comprar uma camiseta com isso escrito assim que a gente for ao *shopping*.

Balder cumprimenta Gonzo com um soco no seu punho.

— Firmeza.

Alguém bate na porta e novamente meu batimento dispara para a zona de perigo. Quem sabe dessa vez seja a polícia? Pelo sorriso idiota na cara do Gonzo ele deve achar que é Papai Noel. Ele corre para abrir. Drew está ali parado, de camiseta regata branca e uma cabeleira loira encardida que emoldura seu rosto de coroinha. Seus braços são tatuados dos pulsos aos bíceps.

— E aí — diz Drew.

Ele mete a mão nos bolsos e faz um cauteloso cumprimento de cabeça.

— Na boa. Eles são sossegados — diz Gonzo.

Drew se abaixa e lhe dá um beijo na boca. Nunca vi Gonzo tão feliz. Eu juro que é como se ele tivesse ganhado um inalador novinho em folha com adesivos do *Capitão Massacre*. E agora eu me dou conta: Drew não é uma ameaça para a nossa amizade. Ele é algo totalmente diferente.

— Oi, Drew. Cameron — eu digo, apertando a sua mão para que ele perceba que eu estou na boa com esse lance de ele ser o “namorado da semana do saco cheio, e quase delinquente juvenil do meu melhor amigo”.

— Eu estava contando pra eles sobre ontem à noite — diz Gonzo.

— Ai, cara — diz Drew com um sotaque sulista forte e arrastado.

— Vocês tinham que ter visto esse meu menino. Nervos de aço. Ele come medo no café da manhã.

— Pois é, esse é o nosso Gonzo — eu digo na mesma hora.

— Ele é um selvagem.

— Um espírito guerreiro — acrescenta Balder.

— Ei, você deve ser o Balder. Legal. Eu trouxe isso pra você. Um brinde do programa — diz ele, entregando uma câmera.

Um brilho de travessura reluz nos olhos do Balder.

Saímos do quarto, pestanejando para o novo dia. Tem alguma coisa rolando na Mansão do Agito, pois deve haver umas quarenta equipes de filmagem alinhadas e hordas de pessoas estão se encaminhando para o palco.

— O que está acontecendo? — eu pergunto para um cara que está passando.

Na sua camiseta, a frase: MEUS PAIS FORAM PRA BOSTAHENGE E TUDO QUE EU GANHEI FOI ESSA CAMISETA RIDÍCULA.

— Vocês não estão sabendo? — diz ele na maior euforia.

— Não. O que aconteceu?

— O Copenhagen Interpretation! — ele grita e sai correndo. — Eles voltaram!

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Em que a banda mais famosa do mundo faz o mais importante show de retorno aos palcos

A Mansão do Agito vira um pandemônio total com a notícia da repentina reaparição do Copenhagen Interpretation. Praticamente todas as câmeras do estado estão voltadas para o palco onde a banda entrará em contato com o mundo pela primeira vez em onze anos. Graças ao novo status de celebridade do Gonzo conseguimos chegar até a frente do palco.

— É isso aí, *“Eu sou mal...”* — Gonzo vai cantarolando.

Drew ri e lhe envolve em seus braços tatuados. Ele dá um beijão no Gonz e Homem-Gonzo fica todo envergonhado.

Repórteres se espalham pela frente do palco até a área de segurança. Seguram seus microfones e encaram as câmeras como se estivessem cobrindo o evento mais importante de suas vidas.

— ... ainda nenhuma pista de por onde eles andaram, por que sumiram e por que voltaram nesse momento, nesse lugar...

— ... boatos sem fundamento de viagens através do tempo-espço rumo a outros mundos...

— ... exigências de peixe fresco e um piano de brinquedo estimulam especulações — Copenhagen Interpretation: divas desaparecidas?..

— ... finalmente vão responder a pergunta que não quer calar: “por que eles têm tantas palavras para neve?”

— Isso é um evento histórico, tá ligado! — diz Gonzo. — Sensacional!

— É — eu digo, procurando Dulcie, pois se ela estiver aqui, seria realmente sensacional.

Esperamos o que me parece ser uma eternidade até Copenhagen Interpretation subir no palco. Finalmente uma nova sensação de comoção. As pessoas comemoram quando as cortinas se abrem.

Aplausos ensurdecedores. Assobios de admiração. *Flashes* são disparados como fogos de artifício. A multidão como uma onda nos empurra contra a barreira de segurança, mas a gente não se importa. Uns três metros à nossa frente Copenhagen Interpretation forma uma fila — cinco pessoas de botas de esquimó e longos casacos com capuz que quase escondem seus rostos. Eles param no meio do palco e ficam completamente imóveis. Um careca de camisa havaiana caminha até um microfone instalado no meio do palco.

— É total o tradutor deles — nos informa uma garota com *piercing* na boca. — Apesar de gravarem as músicas em inglês eles falam total inuíte. Total.

O tradutor limpa a garganta, pronto para transmitir a mensagem da banda. A multidão silencia em antecipação. Copenhagen Interpretation fala baixinho para o tradutor, que então transmite suas palavras para inglês através do microfone. *Murmúriomurmúrio*. Para.

— Oi.

Murmúriomurmúriomurmúrio. Para.

— Nós sumimos durante um tempo, ao que tudo indica.

Murmúriomurmúriomurmúrio. Para.

— Nossa. Vocês cresceram tanto!

Murmúriomurmúriomurmúrio. Para.

— Viajamos pelo espaço e pelo tempo. Fomos a muitos lugares. Visitamos muitos mundos. E temos boas notícias: em toda parte a acústica é maravilhosa.

Murmúrio. Murmúrio. Mur. Mur. Para.

— Tem uma última coisa que gostaríamos de dizer.

Murmúriomurmúrio.

— Vocês dizem que nós temos...

Murmúriomurmúrio.

— ...tantas palavras...

Murmúrio.

— ...para neve.

Mur? Murmúrio?

— Bem, vocês também não teriam?

— Total! — suspira a garota atrás de nós.

Sem maiores delongas, Copenhagen Interpretation dá as notas de abertura para a primeira música. As pessoas enlouquecem. Eu já fui a alguns concertos na vida, mas nada como esse. Sinto como se eu tivesse engolido um buraco de música. É absurdo a maneira como a música o conecta com todo mundo, faz com que você se torne parte da mesma experiência ao mesmo tempo. Drew e Gonzo balançam o corpo a cada música, cantando junto, palavra por palavra. Balder fecha os olhos e fica completamente parado.

— É como se eu conseguisse sentir a grama macia sussurrando ao vento, no morro, no caminho pra Breidablik — ele murmura.

Na quinta música a galera já está dançando, surfando com o corpo e cantando junto. Embora eu não saiba as letras, junto-me a eles também, conseguindo acertar uma ou duas músicas. Alguns caras sobem no palco e mergulham na multidão. Os seguranças olham feio. E eu só consigo pensar em uma coisa: “Cara, eu também quero”. Ei, por que não?

— Lá vou eu — eu digo, e subo no palco.

Tenho quatro segundos no máximo, não dá tempo de pensar, só tempo de agir. Abro os braços e caio de costas no público do show.

— Caralho! — eu grito.

E daí acontece a coisa mais assombrosa. Sinto dedos sob o meu corpo, me passando adiante. É incrível, como flutuar num mar de mãos. Ninguém me derruba. É a confiança absoluta. Leva dez minutos para me conduzirem até o fundo, onde sou delicadamente colocado no chão. Eu abraço a pessoa mais próxima, uma garota de tranças com cheiro de patchuli, que me abraça de volta.

— Isso-foi-de-mais! — eu grito.

Ela sorri. Seus olhos são fendas vermelhas.

— Você parece um urso dançante — diz ela.

— Isso é porque eu sou um urso dançante — eu respondo.

— Nossa! Legal.

Um grupo de estudantes universitários me puxa para que eu me junte a eles. Eles prendem os braços uns aos outros em volta dos meus ombros, e nós balançamos juntos, apoiando-nos uns aos outros e cantando junto.

—*Por que existem tantas palavras para neve... tantas, palavras para neve...*

Quando olho novamente, vejo que Dulcie se esgueirou para o meu lado. Sorrindo, eu passo os braços em volta do seu pescoço e a gente sai cambaleando para um canto lá no fundo. Ela se encosta à quina descorada de uma barraca de cerveja e eu me apoio nela.

— Ei, caubói — diz ela. — Como vai a vida?

— É como se eu estivesse arrastando um navio de carga cheio de problemas — eu lhe dou a resposta perfeita ao estilo *Guerreiro das Estrelas*.

— Parece divertido.

Meus lábios tocam os seus, e não há mais nada a não ser nós dois e a música.

Do nosso cantinho privado, lá no fundo, Dulcie e eu acompanhamos o concerto. Mas eu não quero perder os outros, então começamos a abrir caminho entre a montoeira de gente na frente do palco. Quando nos reencontramos com Gonzo, Drew e Balder, o primeiro *set* já está quase no fim. Meus amigos não reparam em Dulcie, mas eu parei de me preocupar com isso. Eu a enxergo e ela me enxerga: isso é o que importa.

A banda termina a música. O tradutor volta ao microfone. A banda fala. *Murmúrio. Murmúrio. Murmúrio.* Para.

— Nós gostaríamos de tocar mais para vocês. Mas primeiro tem uns sanduíches atrás do palco, esperando por nós. Vocês sabem quanto tempo faz desde que comemos um sanduíche? Voltamos daqui à meia-hora.

Entre gritaria e bateção de pés a banda é conduzida para a lateral do palco. Um dos membros da banda se vira, ergue a mão para bloquear o brilho das luzes. Ele vê Balder e acena. Balder acena de volta.

— Cara — diz Gonzo, abismado.

A expressão no rosto do Balder é de satisfação e convencimento.

— Eu lhe disse...

O tradutor vem até nós. Balder diz alguma coisa em norueguês, e ele e o tradutor batem um papo. A certa altura os dois começam a rir. Gonzo, Drew e eu trocamos olhares. Eu olho para Dulcie, que dá de ombros. Quando vejo, estamos sendo empurrados para atrás do

palco, para comermos sanduíches com a banda mais adorada deste mundo e, possivelmente, de outros mundos também.

Assim que pisamos no camarim somos bombardeados. Repórteres fazendo perguntas. Assistentes oferecendo latinhas de Rad. Fãs pedindo autógrafos, que então eles apertam contra o peito e choram. Respondendo de modo enigmático a banda dá conta do recado: Sim. Não. Talvez. Focas são cleptomaníacas — nas festas você tem de ficar de olho nelas. Parker Day vem correndo e aperta a mão de cada membro da banda.

— É um prazer conhecê-los. Sou um grande fã. Não sei se vocês viram o meu especial, “Por trás da música?” A gente podia fazer uma continuação.

A banda segue andando.

— Liga pra mim! — grita Parker quando eles passam.

O segurança nos leva até uma área isolada por uma corda. Conforme prometido, tem sanduíches, e são deliciosos. Balder faz as apresentações. Gonzo e Drew estão tão emocionados que aproveitam a oportunidade para cantar uma das músicas da banda para eles a uma altura máxima de decibéis. Uma hora o Copenhagen Interpretation acena para alguém atrás de mim e eu vejo que é Dulcie. Ela responde gesticulando os dedos. Para mim, ela dá de ombros. Ninguém mais repara nisso. Então o Copenhagen Interpretation nos conta o que eles sabem sobre a noite em que desapareceram.

— Era o Grande Concerto Beneficente pela Paz, Mas Contra a Não Paz — traduz o intérprete. — Tinha sido uma grande apresentação. Muito boa. O solo de guitarra da Dinlitla estava exemplar — ele olha para a sua colega de banda que sorri e volta a comer seu sanduíche.

— Daí, no meio da música *Palavras para Neve*, o céu começou a se enrugar todo. As nuvens se juntaram que nem quando a minha avó olha feio para o meu avô, quando ele peida e bota a culpa no cachorro.

Gonzo disfarça uma risadinha.

— E o que aconteceu então? — eu pergunto, ignorando Gonzo.

— O céu girou sobre as nossas cabeças. Um buraco se abriu. E daí fomos sugados para cima e rolamos por túneis de luz,

despencando em outras dimensões.

— Vocês por acaso encontraram um tal de Doutor X? Um cientista?

Mais murmúrios. O tradutor quer se certificar de que entendeu direito.

— A certa altura, sim — diz ele. — Nós trombamos com um homem de jaleco branco de laboratório, daquele tom de neve que você não consegue espanar do sapato.

— Doutor X! — eu digo sem pensar. — Tem que ser. Vocês estiveram no mesmo universo, na mesma hora? Vocês sabem onde ele foi parar?

— Nós não conversamos. Só passamos um pelo outro. Sabe como é, do jeito como as pessoas fazem no espaço.

Ao ouvir isso eu sinto um peso no coração. Levando da cadeira e começo a andar de um lado para o outro.

— Em Devupia nos disseram que Doutor X tinha uma teoria sobre música, que ela é a sua própria dimensão. Que as vibrações conseguem abrir buracos através do tempo e espaço. Doutor X estava ouvindo *Palavras para Neve* quando ele entrou no Colisor de Infinito. Ele usou isso — eu tiro a réplica do Calabi Yau da mochila — para amplificar o som.

Thule murmura para o tradutor, que diz:

— Parece uma escultura de macarrão.

— E se ele entrou no Colisor de Infinito no exato instante em que vocês estavam tocando naquele concerto, a mesma música na mesma hora, daí pode ter sido uma vibração supersincronizada que abriu uma passagem.

Eu olho para os meus amigos. Balder coça a barba. Gonzo espreme os olhos como se estivesse tentando prestar atenção numa aula de álgebra. Drew intercala seus dedos com os de Gonzo. Os olhos da Dulcie brilham.

O tecladista se inclina para frente e sussurra no ouvido do tradutor:

— Interessante — diz o tradutor. — Quer provar o sanduíche de pasta de amendoim? É muito bom.

Bem nessa hora aparece um bando de executivos da YA!TV. Está na hora do segundo set, e a gente tem de sair fora. Eu tenho tantas perguntas — sobre dimensões paralelas, Doutor X, viagens no

tempo e a passagem do tempo-espaco que devemos fechar — mas a nossa audiéncia com Copenhagen Interpretation está oficialmente encerrada por enquanto.

Todos nós trocamos apertos de mão. Balder e o vocalista, Thule, trocam um cumprimento de soco contra soco.

Quando voltamos para a plateia já é noite.

— O que é aquilo? — uma garota aponta para uma fumaça preta e espessa no horizonte.

Logo atrás há um brilho laranja aterrador.

— É um incêndio?

— Será que não é melhor encerrar? — pergunta um assistente para alguém ao seu lado.

— Que nada... daqui a pouco vai chover. Daí fica tudo certo — responde o outro cara.

A multidão vaia a chuva iminente. Eu sinto um arrepio subindo pelos braços. As nuvens se deslocam rapidamente, girando, puxando.

— Dulcie... — eu digo.

Seus olhos estão arregalados.

— Sim...

— Você acha que isso é um incêndio ou uma tempestade se aproximando?

Ela balança a cabeça. Na praia o vento arranca o toldo de um hotel. Ele rola pela praia antes de zarpar em direção ao céu e desaparecer.

— Dulcie! — eu grito por cima do vento e das sirenes. — Acho que não podemos esperar. Acho melhor tentarmos recriar o que aconteceu na noite em que abriram a passagem do tempo-espaco.

Raios estalam acima de nós. Dulcie me empurra.

— Vai!

Quando alcançamos o palco a praia está preta por conta da fumaça e o céu escuro como uma noite sem estrelas. Uma voz surge nas caixas de som.

— Ei, galera, sinto informar, mas o incêndio está se aproximando demais para o nosso próprio bem e o tempo também não está colaborando muito. Vamos ter de encerrar a apresentação.

As pessoas vão a toda. Um segurança brutamonte de cabeça raspada e bíceps do tamanho de *poodles* gigantes empurra as pessoas para longe do palco. Não tem como se aproximar.

— Bosta! O que vamos fazer agora?

Dulcie olha rapidamente a sua volta.

— Eu vou agitar a galera. Você dá um jeito de fazer o Copenhagen Interpretation sair pra mais uma música.

E na mesma hora Dulcie começa a ziguezaguear pela multidão, gritando:

— Mais um! Mais um! *Palavras para Neve!* Vamos lá!

Algumas poucas pessoas começam a cantar — *Palavras para Neve!* — e a coisa cresce. Eu tento passar por baixo das cordas de segurança. O grandão me puxa para fora sem sequer alterar sua respiração.

— Eu preciso falar com o Copenhagen Interpretation!

— Amigo, todo mundo precisa falar com o Copenhagen Interpretation. Sai fora.

Ele me empurra. Um raio esbarra num dos hotéis e daí novamente perto do palco. Os alarmes dos carros disparam. As pessoas ficam um pouco nervosas. Eu ergo a minha pulseira do passaporte-E e tampo as palavras com o dedo.

— Sou da imprensa.

O cara dá uma olhada.

— Você não é um pouco novinho demais pra ser da imprensa?

— Eu ganhei isso. Foi um lance de último desejo — eu tusso para dar mais credibilidade.

— Ah, desculpa — o cara diz. — Eu não sabia.

— Pois é. Meu último desejo era ver Copenhagen Interpretation tocando. E conhecê-los.

Ele balança a cabeça, me empurra por debaixo das cordas e aponta em direção à banda aglomerada logo abaixo do palco.

— Olá de novo — o tradutor retransmite. — O céu está ficando enfezado.

— Sim. Muito enfezado — eu digo.

Gotinhas de suor brotam na minha testa.

— E vai ficar pior a não ser que a gente impeça.

Eu lhes informo o meu plano o mais rapidamente possível. Eles trocam olhares.

— Estamos indo pras cucuias de novo?

Eu balanço a cabeça.

— Não sei. Eu nem sei se isso vai funcionar. Mas se a gente não tentar o mundo vai acabar muito em breve.

Um cara da equipe técnica se aproxima.

— Sinto muito, galera. Com essa chuva não é seguro vocês voltarem ao palco. O show foi cancelado.

— O quê? — eu grito. — Não! Você tem que *descancelar*!

O técnico dá de ombros, o seu pedido de desculpa.

— Acabamos de conseguir os caras de volta. Não podemos correr o risco de tostá-los.

— Por favor — eu imploro, ignorando-o. — Só uma música.

O Copenhagen Interpretation forma uma rodinha apertada. Suas cabeças se juntam para discutir o caso. Eles chamam o tradutor.

Murmúrio. Mur. Murmúrio. Para.

— É como pescar em neve falsa, conferindo a sua linha.

— Certo — eu concordo com um sinal de cabeça. Não faço a menor ideia do que eles estão falando.

Contrariando o conselho de todo mundo na YA!TV o Copenhagen Interpretation concorda em tocar uma última música na esperança de que isso possa conduzir os Gigantes de Fogo e o Mago de volta para dentro do campo de Higgs, depois para seja lá de onde eles vieram e fechar o túnel tempo-espaco de modo que não consigam mais voltar. Uma garota da produção me guia até o palco. As pessoas vibram até que se dão conta de que eu não sou ninguém.

— Cameron! Salve o universo, *pendejo*!

Logo a multidão está cantarolando: “Salve o universo, *pendejo*!”, sendo que eles não fazem ideia do que estão dizendo.

As chamuscas se aproximaram mais. Ouço as sirenes dos carros de bombeiro. Eu tiro o brinquedo Calabi Yau da mochila e o acoplo num dos amplificadores, da melhor maneira que consigo. Ele fica pendurado feito uma *piñata* semicheia.

— Por favor — eu sussurro. — Só... por favor...

O céu está com uma aparência realmente agourenta. As nuvens começam a se aglomerar. Raios são expelidos como fios elétricos

soltos. Agora as pessoas começam a ficar realmente nervosas. Eles se viram para ir embora. Vão debandar a qualquer minuto. Eu não consigo ver Dulcie, mas torço para que esteja bem, seja lá onde ela estiver. Assim que o Copenhagen Interpretation volta ao palco, eu corro para os bastidores e, durante um segundo, a multidão explode com uma felicidade insana. Mas rapidamente ela é substituída por medo. A galera não sabe se deve ficar ou sair fora. Por um lado, é o Copenhagen Interpretation. Por outro lado, tem o incêndio e o céu. O tradutor pega o microfone.

Murmúriomurmúriomurmúriomurmúriomurmúrio.

Longa pausa.

— Nas nossas viagens nós nos deparamos com várias equações, matemática para compreender o universo, para fazer música, para mapear as estrelas, e também para calcular gorjetas, que é importante. Eis a nossa equação favorita: Nós mais Eles igual a Todos Nós. É matemática simples. Tente alguma hora. Vocês nem vão precisar de lápis.

— Ei. Ei! O que é aquilo? — grita uma garota.

Os Gigantes de Fogo nos alcançaram. Estamos completamente cercados por eles, um exército nervoso querendo se saciar, se bem que eles não conseguem se saciar jamais, por isso simplesmente seguem queimando. Seus olhos negros sem fundo provocam uma secura na minha garganta. A multidão grita e se espreme, segurando-se uns aos outros. Mas o Copenhagen Interpretation não vacila. Seguem firmes; eles têm mais a dizer, e o tradutor transmite cada palavra.

Murmúrio. Murmúriomurmúriomurmúriomurmúriomurmúrio. Para.

— Por favor. Nós sabemos. São tempos difíceis. O mundo está ferido. Nós vivemos com medo e nos esquecemos de ter esperança. Mas a esperança não se esqueceu de vocês. Então, convide-a para jantar. Ela deve estar com fome e vai gostar do convite.

Os Gigantes de Fogo jogam as cabeças para trás e uivam a toda. Minha pele arrepia com os gritos medonhos. Na multidão as pessoas gritam amedrontadas. O tradutor tem de gritar ao microfone.

— Isso é uma música. Chama-se *É um Mundo Pequeno*.

O baterista bate uma baqueta contra a outra — dois, três, quatro — e derruba o Calabi Yau da caixa de som. Bosta. Eles estão

tocando, mas sem a amplificação não é suficiente.

Eu corro para o palco. O segurança vem atrás de mim, mas o guitarrista bloqueia a sua passagem com o corpo.

— Que se foda — eu grito, e seguro o Calabi Yau contra a caixa de som com as duas mãos, colocando-o no lugar.

O som que é emitido quase me derruba, e durante um minuto é como se eu estivesse novamente no Colisor de Infinito. É mais do que música; é uma coisa viva, um portal para dimensões que eu nunca sequer imaginei. A música chega a pairar bem acima das nossas cabeças, posso vê-la girando, uma aurora boreal de luz, notas e fios vibrantes. Ela flutua para dentro do buraco negro, que diminui pouco a pouco. Os Gigantes de Fogo uivam enquanto as ondas sonoras os empurram para trás. Logo as pessoas começam a se soltar umas das outras. Elas se dão as mãos e cantam junto. Os Gigantes de Fogo encolhem. Com cada nota eles murcham até virarem labaredas pujantes e depois fumaça, que é sugada pelas nuvens rodopiantes. O buraco é apenas um pontinho.

No palco, Copenhagen Interpretation parou de tocar. O vocalista olha para cima, diz cinco palavras em inglês:

— Bosta. Lá vamos nós de novo.

O buraco no céu os suga, assim como o brinquedo Calabi Yau, depois se fecha. As nuvens dispersam. Rola um silêncio sobrenatural. O público do show está embasbacado. Lentamente, conforme as pessoas se dão conta de que estão bem — de que continuamos todos ali — comemoram e se abraçam, aliviados. Só então notam o palco vazio.

Eu desço até a multidão e ajudo Gonzo a subir, e ele ajuda Balder.

— O que foi isso? — pergunta Gonzo quando recupera a voz.

Eu olho para cima e vejo um esboço de arco-íris.

— Acho que a gente salvou o universo.

Eu procuro Dulcie, mas ela sumiu. Começo a entrar em pânico. E se ela também foi sugada para o buraco? Mas então eu a vejo em meio à multidão, rosa e branca. Corro até ela.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Em que Balder passa um dia na praia

Depois que enchemos a barriga com salsichas empanadas e refrigerante na loja de conveniência estamos abastecidos e prontos para seguir em frente. Drew conseguiu consertar o Cadillac, mas ele está com um aspecto cansado. Está coberto de areia e poeira de estrada. No vidro traseiro, alguém escreveu LAVE-ME com o dedo. Eu gostaria que a cobertura de areia fosse mais espessa. Agora tudo quanto é policial da Flórida deve estar procurando esse carro, só torço para conseguirmos ficar ao menos um passo à frente deles.

Gonzo está com uma camiseta do Drew que diz EU COMI CARANGUEJO NA CHAFARICA & BODEGA DO JOÃO[31].

— O moicano ficou bacana — eu digo.

Gonzo passa a mão na cabeça enquanto observa Drew, que está posando para que Balder tire uma foto sua com a Mansão do Agito ao fundo.

— Ei, você não precisa vir comigo, você sabe, né? — eu digo. — Se você quiser ficar aí até o fim da semana do saco cheio, na boa.

— Ele já pegou o número do meu e-mail, celular, essa coisa toda.

— Ele parece ser um cara legal — eu digo.

— E é — diz Gonzo com um pequeno sussurro nas entrelinhas.

— Tem certeza que você não quer ficar?

Gonzo me dá uma cotovelada na cintura. Eu devolvo o gesto. Ele me dá outra cotovelada e eu grito “Ai”.

— Eu já disse que sou seu copiloto, sou seu copiloto — diz ele.

Eu concordo com um gesto de cabeça e nós ficamos ali parados observando enquanto Balder pede para Drew baixar mais e mais até que eu percebo que sua cabeça será nada mais que um ícone humano no canto esquerdo da foto.

De trás de uma perua verde Dulcie acena para mim. Eu saio de fininho e vou ao seu encontro.

— Você vem com a gente?

— Eu alcanço vocês depois — ela responde.

Eu faço uma cara decepcionada e ela acrescenta:

— Não se preocupe. Estarei por perto.

— Por eu ser um fodão que salvou o universo, princesa?

Eu me preparo para a invertida que está por vir.

— Sim — ela ri e me beija no nariz. — Algo assim.

Eu prometi a Balder, na rua sem saída, que o levaria até o litoral para que ele pudesse procurar *Ringhorn* e então tentar retornar ao seu próprio mundo. Eu só não imaginava que estaríamos com o tempo tão apertado. O medidor do meu passaporte-E está na sua última barrinha — Terra do Amanhã — e desbotando.

— Não se preocupe comigo, Cameron. Você deve fazer o que é o certo para a sua missão — diz Balder, com uma expressão estoica no rosto.

Gonzo lhe dá um tapinha nas costas:

— Você poderia ficar com a gente, velho. Eu posso ensiná-lo a jogar *Capitão Massacre*.

— Sim. Obrigado — diz Balder, tentando sorrir.

Mas nos olhos do Balder eu posso ver que ele está com saudades de casa, e nós estamos do lado da praia, aqui e agora.

— Alguém quer ir brincar nas ondas? — eu pergunto.

Os olhinhos do Balder se iluminam.

— Mas e a sua missão, Cameron?

— Pode esperar algumas horas — eu minto.

— Quando eu voltar à companhia de Odin e Freya, vou contar a eles sobre as duas almas mais corajosas que já conheci na vida. Seus nomes hão de soar no salão dourado dos deuses — diz Balder, dando uma leve fungada.

— Só não conte a eles que você guarda suas runas perto das suas bolas de gnomo, *muchacho* — Gonzo caçoa. — Pois isso é megabrochante.

Nós pegamos o carro e andamos alguns quilômetros até uma parte mais tranquila da praia. Nada de universitários baladeiros por aqui. Apenas algumas famílias com as crianças, uma meia dúzia de coroas acomodados em cadeiras de praia, encarando o sol de fim de

tarde. Vamos para bem longe deles, não que eles estejam prestando atenção em nós. Estão curtindo suas próprias bolhas paradisíacas.

Balder voltou a vestir seu uniforme de surfista. Ele puxa a calça, tira o chinelo e entra na beiradinha. Uma onda alcança seus dedos dos pés.

— Minha nossa — diz Balder.

Eu nunca o vi tão feliz.

— Isso é... maravilhoso.

Ele leva as mãos aos olhos para proteger do sol e procura pelo seu navio.

Um pedaço de pau ancorou na praia. Eu o pego e escrevo meu nome na areia. A água avança sobre o meu nome, transforma-o numa nova palavra, depois o apaga completamente. Usando o pedaço de pau como cajado eu saio andando pela praia, pensando em Dulcie, no toque das suas asas suaves e macias, a não ser pelas espinhas de cada pena. Entre aquela penugem aveludada havia algo sólido, porém sutil, algo difícil de quebrar, centenas delas abrindo-se em leque a minha volta como a concha mais macia e improvável. Eu sorrio só de lembrar que ela está no mundo. Só isso.

Uma pena cai na minha cabeça, seguida por outra e outra. Penas caem do céu como neve. Uma enorme guerra de travesseiros de penas cobre a minha pele, a praia, a água, até que tudo que consigo fazer é girar e rir no meio delas, um personagem no meu próprio globo de neve partido.

Ficamos na praia mais tempo do que deveríamos. Passamos a tarde conversando e construindo castelinhos de areia irados, levando Balder para passeios nas ondas. Tem sido tão legal simplesmente ficar junto que não sinto vontade de partir. Agora o sol está baixo. Gonzo e eu estamos sentados na areia, enquanto Balder termina de construir um fosso em volta do seu castelo, enquanto aguarda *Ringhorn*, que ele nos garante que vai chegar com a maré da noite.

— Mais trinta minutos — eu lhe digo.

— Ele virá — insiste Balder, olhando para o mar.

— Ei, tá a fim de ir lá puxar papo com aquela galera perto da barraca de tacos? — Gonzo aponta com a cabeça em direção a um grupinho de pessoas que surgiu a nossa direita.

— Nem — eu digo.

Uma onda avança sob os dedos dos meus pés e recua. A areia fica macia e chupa meu pé. Gaivotas se reúnem numa duna, bicando um pedaço de pão. Um casal de velhos estaciona suas cadeiras perto do calçadão. O vento muda, trazendo os sons de uma partida de vôlei na ponta da praia.

— Acho que deveríamos estar fazendo alguma coisa — diz Gonzo.

— Nós estamos fazendo.

— É. Acho que sim.

Gonzo e eu ficamos ali sentados, observando a vastidão do oceano. Apenas observando as cores do céu escorrerem até o mar como se fosse uma cafeteira gigante, fazendo algo doce e forte, algo que lhe dá energia quando tudo que lhe resta é fumaça.

Talvez exista um céu, como dizem, um lugar onde tudo o que já fizemos está anotado e registrado, calculado nas enormes balanças do karma. Talvez não. Talvez essa coisa toda seja apenas uma grandiosa experiência conduzida por alienígenas que acham divertido esse nosso oba-oba humano. Ou talvez sejamos um projeto abandonado que foi iniciado por uma deidade que caiu fora há um tempão, mas nós ainda estamos programados para acreditar, para tentar encontrar sentido num mundo aparentemente aleatório. Talvez todos nós façamos parte do mesmo ensopado do inconsciente, sonhando os mesmos sonhos, compartilhando as mesmas esperanças, precisando da mesma conexão, tentando encontrar e errando, tentando de novo — cada um de nós encenando os nossos papéis nos roteiros dos outros, apenas um enorme novelo humano todo embaraçado. Talvez seja isso.

Ou talvez Junior tenha razão quanto ao que disse sobre a cantoria dos buracos negros. Aquele Si bemol? Talvez esse seja o último som que fazemos quando nos juntamos ao universo, algo para dizer “eu estive aqui”. Um último “U-hu!” antes de sermos sugados para o vasto e escuro desconhecido, cuspidos numa outra galáxia, outro mundo onde teremos a chance de fazer tudo diferente. Eu não sei. No entanto é algo para se pensar.

— Isso é muito louco, velho — Gonz diz, com aquele enorme e adorável sorriso torto.

Eu sei do que ele está falando, e quero responder alguma coisa, mas não consigo encontrar as palavras para expressar quão incrível

é isso tudo, assim como não consigo fazer o céu ficar parado no lugar. Estou feliz de estar aqui, agora. E mesmo estando tomado por essa sensação eu sei que ela vai se esvair em breve. Meus olhos ardem por causa das lágrimas. Viro meu rosto para que Gonzo não veja.

— Ei, frase nova pra um adesivo de carro — Gonzo anuncia: — *Carro movido pelo Anão do Destino!*

Eu enxugo o rosto contra o ombro:

— *Todo mundo diz que você é paranoico.*

— Os nórdicos gostam de coisas *Wyrd*[\[32\]](#) — contribui Balder.

— Boa — diz Gonzo, rindo.

— Liberdade aos globos de neve! — eu grito para o céu.

— Li-ber-da-de-aos-glo-bos-de-ne-ve, li-ber-da-de-aos-glo-bos-de-ne-ve... — canta Balder transformando a frase numa linha de ópera.

A gente se junta a ele até que gargalhamos tanto que não nos aguentamos mais.

O momento passou. Já era. Agora estamos num outro lugar, e tudo bem. Ainda temos aquele outro momento conosco em algum lugar, no fundo da nossa memória, adormecido no nosso DNA. E quando nossas células se espalharem, quando isso acontecer, esse momento ainda existirá dentro delas. Aquelas células podem ser a pedra fundamental de alguma coisa nova. Um planeta, uma estrela ou um girassol, um bebê. Talvez até uma barata. Quem sabe? Seja lá o que for, será parte de nós, essa coisa aqui e agora, e nós seremos parte disso.

E se for uma barata? Bem, ela será a barata mais feliz do planeta. Isso eu posso lhe dizer.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Em que estamos despreparados para o inesperado

— Eu... acho que estou vendo ele! — Balder diz, quase sem fôlego.

— Ali, no horizonte, onde o sol sangra... é o meu navio. É *Ringhorn*!

Gonz e eu olhamos para o oceano, que vai ficando dourado com o sol poente. O brilho atrapalha, mas eu não vejo navio algum. Balder corre pela praia, todo eufórico, falando em norueguês.

— Eu preciso das minhas posses — diz ele, um tom preocupado em sua voz. — Deixei-as no carro.

— Relaxa. Eu vou lá buscar. Você fica aí de olho no seu navio — eu digo, e caminho até o estacionamento.

Dois policiais de bicicleta, patrulhando a areia, impedem que eu alcance o carro. Bosta. Eu me viro e bato em cheio num cara de bigode, óculos espelhados e boné de beisebol.

— Oi! Você teria um minutinho pra conversamos sobre segurança? — ele pergunta.

— Bem, agora não é uma boa hora.

— É sempre uma boa hora pra se preparar para o inesperado. Como você vai proteger seus entes queridos se acontecer alguma eventualidade? — ele pergunta.

Eu estou de olho nos policiais. Eles saem pedalando. Ótimo!

— Ei, qual o seu nome?

— Junior. Junior Webster.

— É mesmo? Pois eu acho que você é Cameron Smith e que está muito encrencado.

Ele agarra meu pulso num apertão. No seu boné de beisebol está escrito ATACADISTAS GLOBOS DE NEVE UNIDOS.

— Aqui é o Funcionário número cinquenta e sete chamando a base — diz ele num rádio. — Suposto terrorista em custódia. Estou com os outros dois à vista. Solicito reforço. Câmbio.

Uma voz abafada, digna de janela de *drive-thru* responde:

— Positivo. Vamos buscar os seus amigos — diz ele, torcendo meu braço para cima e para trás das minhas costas.

— Por favor — eu digo, engolindo seco. — Você está cometendo um enorme engano. Eu estava tentando salvar o mundo, incluindo vocês!

Ele se vira para pegar um par de algemas.

— Para quieto.

Eu não cheguei tão longe para agora voltar com um capanga frustrado que passa o dia estocando empórios de globos de neve.

— Você não é o meu papai! — eu grito. — Eu não vou entrar na sua van! Você não é o meu papai!

— Como? — diz ele.

— Ei! Deixa o garoto em paz!

No estacionamento um motociclista brutamontes e tatuado desce da moto e arregaça as mangas.

— Ele é um terrorista! — o funcionário número 457 grita de volta.

— Não me faça ir até aí enchê-lo de porrada!

O apertão do funcionário número 457 afrouxa um pouco e eu aproveito a oportunidade para sair correndo até a praia.

— Ei! Ei!

O capanga pega o rádio e pede reforço imediato. Gonzo está estirado, relaxando na areia. Ele vê quando eu chego correndo feito um louco em sua direção.

— Gonzo... água! Entra na água!

— Cara! — grita Gonzo, apontando.

Eu dou uma rápida olhada para trás e vejo mais dois caras com bonés de beisebol e óculos de sol correndo em nossa direção. Depois três e quatro. Cinco caras enormes com óculos de sol espelhados e bonés do ATACADISTAS GLOBOS DE NEVE UNIDOS.

— Bosta — eu resmungo.

Atrás da gente só tem oceano. E vamos nadar para onde?

— Certo. Manobra evasiva — eu digo, meus olhos vasculhando. — Gonz, você pega a esquerda para a barraca de tacos. Eu vou pra direita e tentarei chegar até o píer. E Balder...

Ele está firme na areia.

— Eu fico aqui mesmo pra esperar o *Ringhorn*.

— Mas, Balder...

— Eu vou esperar! — ele insiste. — Esses homens não podem me ferir. Eu serei uma distração digna. Façam o que tiverem que fazer e deixa comigo.

— Tudo bem — eu digo. — Dois, três... vai!

Gonzo e eu corremos em direções opostas. Com um grito de guerra Balder avança nos homens-globos de neve, manejando aquele pedaço de madeira como o guerreiro feroz que ele é por dentro. Um cara vem a toda atrás de mim.

Minhas pernas e meus pulmões ardem, e eu tropeço. Tento me levantar, mas não é fácil. O medidor do meu passaporte-E está quase totalmente apagado — resta apenas um pequeno vestígio de Terra do Amanhã.

— Cameron!

Dulcie está aqui, esticando a mão.

— Segura aqui!

Eu seguro na sua mão e nós saímos voando pela praia. Eu enrosco as pernas em volta dela.

— Uau!

Dulcie vira o meu rosto para o dela.

— Só não olha pra baixo e não solta!

— Pode acreditar, eu não vou fazer nem uma coisa nem outra.

Alguma coisa passa zunindo por nós. Dulcie grita e nós rolamos pelo ar. Caímos na areia. Dulcie está enrodilhada.

— Você está bem?

— Aterrissei mal.

Ela se senta, segurando o ombro. Penas chamuscadas caem da sua asa.

— O que aconteceu?

A resposta vem quando uma bala passa zunindo. Um funcionário da AGNU está abrindo caminho na areia, arma reluzindo ao sol.

— Segure-se — Dulcie sussurra.

— Você vai conseguir voar assim?

Dulcie não espera. Ela me puxa para junto de si e nós meio que voamos, meio que trotamos pela praia. Mas com a asa ferida Dulcie não consegue levantar voo.

— Ahhhh!

Uma bala roça a outra asa da Dulcie e a gente desaba no píer.

— Corre! — Dulcie ordena.

Dessa vez sou eu quem a puxa. Por todos os lados estamos cercados por oceano. Ela tenta sorrir, mas eu consigo enxergar a dor em seus olhos.

— A água, Cameron.

— Não. Nada de água — eu digo.

— Você vai conseguir.

— Isso é certeza ou um desses lances de “o destino pode mudar”?

Ela não responde.

— Cameron — ela sussurra.

Seu sussurro é como o arrulho dos pombos. Suas asas cheiram a chuva e fumaça. Ela me empurra com força e eu voou de costas em direção ao mar. A água está fria e pesada, é como estar enrolado num cobertor encharcado de neve. Parece que vou afundar, como quando eu tinha cinco anos. Dulcie está na pontinha do píer. O funcionário número 457 da Atacadistas Globos de Neve Unidos aponta uma espingarda com um bocal de *spray* para ela.

— Peguei você — ele rosna.

Dulcie fecha os olhos e ele aperta o gatilho. Há um estrondo cegante. Quando clareia, Dulcie sumiu. No lugar onde ela estava parada não há nada a não ser um globo de neve.

— Dulcie! — eu grito. — Dulcie!

— Você é o próximo!

Funcionário número 457 aponta o bocal para a minha cabeça. Eu respiro fundo e deixo que o oceano me puxe para baixo.

— Cameron? Olha aquilo! Não é maravilhoso?

Minha mãe aponta para um menino-marionete inúte que puxa um peixe de dentro de um buraco repetidas vezes. A neve reluz. Um coral de crianças canta que é um mundo pequenino. Esse brinquedo é a coisa mais incrível. Eu adoro. Quero ir de novo, de novo e de novo.

— Eu quero brincar na neve! — digo a minha mãe.

— Temos que ficar no barquinho, querido.

Eu noto uma pequena porta atrás de um iglu.

— O que tem atrás daquela porta?

— Ah, eu não sei. Algum lugar. Ah... olha que gracinha.

Minha mãe aponta uma menina dançante para Jenna. Meu pai passa o braço atrás de mim. Eu estou aqui e estou seguro com a minha mãe, meu pai e minha irmã. Mas eu não me aguento. Quero ver o que tem atrás da porta. Eu quero brincar. Lá.

Então eu estou dentro d'água, afundando. Acima de mim a superfície reluz com cores e luzes. Gritos abafados são filtrados. Mas aqui é tão tranquilo, e eu poderia esticar o braço e tocar na outra costa. Meus pulmões não conseguem mais segurar o ar. Abro a boca e a água entra.

Com um suspiro agudo, eu atravesso a arrebentação e vou cambaleando até a areia. Funcionário número 457 está esperando com a estranha arma numa mão e o globo de neve da Dulcie na outra.

— Eu sabia que você não ia conseguir ficar lá embaixo pra sempre.

— Me... devolva... ela — eu digo ofegante.

— Sinto muito. Ela é uma ameaça que tinha que ser refreada. Agora sorria. Podemos botar o nome de *Fuga da Praia* nesse aqui.

Ele baixa o bocal. Eu ouço um estranho som do tipo *whiiiiii* quando ele atira.

— É aquele ali o perverso!

O motociclista voltou com os policiais de bicicleta.

— Ele estava tentando sequestrar um moleque.

— Policial, o senhor está enganado. Eu trabalho para o ATACADISTA GLOBOS DE NEVE UNIDOS.

O segurança aponta para o boné.

— Estamos trabalhando para proteger a sua segurança!

O grito das sirenes enche os meus ouvidos. Policiais descem pelas dunas e algemam o cara do globo de neve.

— Velho! — do seu lugar bem protegido, atrás de um carro estacionado, Gonzo acena para mim.

Mas eu não consigo parar de olhar para o globo de neve. Tem um anjo dentro. Suas mãos estão pressionadas contra o vidro e sua pequenina boca de plástico está aberta, gritando.

— Cara! Agora!

Eu estou desorientado e meu corpo dói. Gonzo meio que me arrasta para trás de uma duna, deixando o globo de neve ali. Eu tento lutar com ele para voltarmos, mas não tenho forças, e a praia está infestada de funcionários do AGNU.

Lá embaixo, na praia, Balder continua metendo porrada. Não importa o que eles atiram nele, o objeto volta. Não conseguem pegá-lo e não conseguem matá-lo. De repente Balder olha para o horizonte e com um grito de alegria larga o pedaço de pau.

— *Ringhorn!*

Num piscar de olhos, o funcionário número 457 da AUGN crava o pedaço de pau nas costas do Balder. Atravessa seu peito. Balder parece surpreso, principalmente quando não consegue arrancá-lo. Mas isso não o retém, ele sai correndo em direção à água, furando as ondas, sumindo de vista.

Eu quero correr atrás dele, mas não podemos arriscar, então continuamos escondidos atrás da duna, observando. Dois seguranças entram na água e puxam Balder de volta, deitando-o na areia. Agora tem mais policiais no local. Um deles chuta Balder.

— Olha aí o seu terrorista — o policial contém uma risadinha. — Um gnomo de jardim.

Eles pegam depoimentos e anotam os telefones das testemunhas. As últimas pessoas a deixarem a cena são os seguranças.

— Será que é melhor levar o gnomo pra inspeção? — pergunta o funcionário número 458.

— Não, larga ele aí — responde o funcionário número 456. — Vamos voltar pro hotel. Tem *A Jogatina* na seleção de canais.

— Posso ficar com ele? — pergunta uma menininha com uma pá de plástico.

— Claro — responde o funcionário 458.

A menina começa a enterrar nosso gnomo de jardim na areia.

— Pelo menos a gente pegou essa aqui — comenta o funcionário número 458, virando o globo de neve em sua mão.

Meu coração vira junto.

Enquanto eu observo, paralisado, eles cobrem Dulcie com papel bolha, guardam-na numa caixa junto com outros globos de neve, e botam a caixa no caminhão. Eu memorizo o número da placa: USGW 3111. Eles atravessam a rua e param no estacionamento do

hotel *Velho Marinheiro*. Trancam a porta do caminhão com dois cadeados de segredo, e eu sinto um peso no coração.

— Cara — diz Gonzo baixinho. — Balder.

Eu sei que nesse momento não tem nada mais que eu possa fazer. Então saímos correndo para salvar o nosso *viking* valente, que está enterrado até o pescoço, o pedaço de pau ainda fincado em seu corpo. Eu ofereço dez dólares para a menina:

— Pelo gnomo de jardim.

Carregamos Balder para um lugar mais afastado.

— Eu vi. Eu vi... *Ringhorn*.

Nós o ajudamos a ficar em pé. Ele faz uma careta.

— Cameron? Você... você está bem? — ele pergunta.

— Eles pegaram Dulcie e a transformaram num globo de neve.

Eu tento não chorar. Meus olhos ardem.

— Eu... sinto muito — diz Balder.

Ele puxa o pedaço de pau, mas não consegue retirá-lo. Está realmente entalado.

— Vocês poderiam?

Juntos, nós conseguimos arrancá-lo. A ponta está pegajosa e mancha as minhas mãos de vermelho.

— Ai, não — diz Balder.

Ele fica ali parado, braços estirados, olhando para o seu peito, completamente apavorado. E é nessa hora que eu vejo: um pequeno pingo de sangue borbulhando para cima e escorrendo pela frente da sua blusa. Balder está sangrando. Gonzo arregala os olhos.

— Ai, não — repete Balder.

Ele leva uma mão ao peito e o sangue vaza entre seus dedos fechados, uma cachoeira fina e vermelha.

— Aquele galho... — ele examina a ponta.

Uma aglomeração de frutinhas brancas que brota de um pequeno calombo. Balder esfrega as frutinhas entre os dedos, inala o aroma.

— Visco.

— Balder! — eu grito quando suas pernas cedem.

Eu o seguro e nós tombamos na areia, Balder aninhado em meus braços enquanto seu sangue morno e grudento empoça entre as minhas mãos.

— Balder.

A respiração do nosso *viking* fica rápida e rasa.

— Todos juraram não fazer mal a Balder... a não ser pelo visco, que era muito jovem. Mas Loki, Loki o traiçoeiro... Provavelmente ele sabia...

— Shhh, não fala. Vamos te levar até o carro.

— Não — diz ele, e tosse. — Não. Me deixem aqui na praia. Para *Ringhorn*.

Agora já é noite e os barcos de pesca adentram o mar. Suas luzes projetam solitárias poças de branco sob a água. Não vejo nenhum *Ringhorn*.

— Depois a gente volta pra encontrar o seu navio — eu minto. — Você precisa de um médico.

— Não. *Ringhorn* virá. Esperem. Esperem comigo — implora Balder.

Quando eu olho para a frente, Gonzo está de braços cruzados. Ele chuta o chão e chora sem fazer barulho, a não ser por um pequeno soluço estrangulado no fundo da garganta.

Nós mantemos nossa vigília noite adentro, dando uma espiada no caminhão quando dá. Às vezes Balder murmura ou canta algumas palavras em norueguês. Ele busca no ar alguma coisa que não conseguimos enxergar, alguma coisa fora de alcance.

— A escuridão não chora — ele sussurra.

Quando chega o alvorecer ele fica tão quieto que eu sinto medo. Surfistas madrugadores entram no mar. Gaivotas nos cercam.

— Eu gosto... desse barulho — diz Balder, suas palavras empurrando soluços débeis.

Primeiro eu acho que ele está falando das fungadas do Gonzo.

— Que barulho, Balder?

— As gaivotas. O choro. E as ondas. Resposta. Elas lavam... a costa. Diga, está tudo... — seus olhos se movem de um lado para o outro na sua cabeça como se ele estivesse buscando a palavra, o pensamento.

Ele olha para mim como se a tivesse dito.

— Certo?

Eu ouço, mas a única coisa que consigo escutar são aqueles malditos pássaros lamuriando. Um começa e o resto acompanha. Todos choram ao mesmo tempo. É um barulho horrível.

— Balder... — eu digo.

Sua boca ainda está aberta naquele sorrisinho estranho. Seus olhos estão fixos, vidrados. As gaivotas levantam voo, deixando nada a não ser o relaxante vaivém da maré subindo, voltando, de novo e de novo. *Tudo. Certo. Tudo. Certo. Tudo. Certo.*

Leva um tempo para juntarmos tudo o que precisamos. Vasculhando a praia encontramos uma prancha de surfe, uma bandeja de papelão da barraca de tacos, uma camiseta abandonada, conchinhas, punhados de algas-marinhas e pequenos gravetos. Com fita adesiva nós grudamos a bandeja de papelão na prancha de surfe e acoplamos os chifres de boi do Cadillac na frente. Abastecemos a bandeja com o seu modelito de Sammy Surfista e todos os meus CDs do Grande Tremolo. Quando terminamos, com muito cuidado colocamos o corpo do Balder em cima da bandeja, com sua cota de malha e capacete, exatamente como um guerreiro *viking* a caminho de *Valhalla*. Por fim nós acrescentamos uma placa escrita à mão: RINGHORN.

— O que você acha? — eu pergunto a Gonzo.

— Tá bom.

Seus olhos estão vermelhos. Ele dá uma baforada no seu inalador e o coloca nas mãos do Balder:

— Talvez lá o ar seja ruim.

Ele me dá um isqueiro descartável azul que nós encontramos semienterrado na barraca dos tacos. Eu o acendo na alga-marinha seca, que começa a queimar imediatamente. As chamas avançam rapidamente pelo papelão. Em segundos elas envolvem Balder num halo laranja e quente. Eu ergo o pé, Gonzo dá um último empurrão na prancha e o mar faz o resto. A água está bem agitada. Ela golpeia a nossa pira improvisada para frente e para trás, e finalmente a leva embora, até que a única coisa que resta no horizonte amarelo-manga são aqueles chifres de vaca malucos.

E daí até eles desaparecem.

Uma hora depois o caminhão dos ATACADISTAS GLOBOS DE NEVE UNIDOS, placa número USGW 3111, sai do estacionamento do hotel. Um minuto depois, nós o seguimos.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Em que o coiole e o papa-léguas retornam

— Você ainda consegue vê-los?

— Consigo. Está quatro carros na nossa frente — Gonzo responde. — Velho, você não devia estar indo atrás do Doutor X e da sua cura?

— Não vai rolar — eu digo.

— Como assim?

— Eu vou atrás da Dulcie.

— Cameron, isso é loucura.

— Só fica de olho no caminhão.

Durante uma hora, nós viajamos em silêncio. Nenhuma conversa. Nada de música. Nada a não ser o barulho do asfalto sob os pneus. A rua serpenteia sob o sol matutino. Pequenas ondas de claros espirais de calor dançam a minha frente, banhando tudo o mais num vislumbre de movimento. Eu fico olhando no espelho retrovisor, esperando enxergar Balder no banco de trás, e sinto o peso do vazio, junto com a minha última visão de Dulcie. Os semáforos começam a se fundir em enormes maçarocas de reflexos verdes e brancos que ferem meus olhos. Às vezes, no acostamento, eu vejo coisas que não estão lá: minha mãe e meu pai segurando um ao outro. Balder correndo pela grama em direção a um corredor reluzente. Glory trocando a bolsa de soro no suporte. A senhorinha com seus equipamentos de jardinagem; ela acena para mim. O coiole. O papa-léguas. O Copenhagen Interpretation fazendo embaixadinhas com o Calabi Yau. Apenas um monte de viajantes na mesma estrada. Mas eu não vejo Dulcie, por mais que eu tente fazer com que ela apareça. O Cadillac dá uma guinada para a linha amarela, quase bate num caminhão enorme, cuja buzina faz com que eu volte a nossa pista com um solavanco.

— Puta que o pariu — diz Gonzo, botando as mãos no painel.

— Desculpa — eu digo.

Eu entro no acostamento e descanso a cabeça na direção. Estou pegajoso e meus músculos doem.

— Você está bem? — pergunta Gonzo.

— Sim — eu minto.

USGW3111 liga a seta e sai da pista, parando num restaurante Waffles da Liberdade. À direita do restaurante há um ferro velho numa rua empoeirada, amarela. Eu estaciono ao lado do alambrado e das torres de pneu de um quilômetro de altura e desligo o motor.

— Você pode ficar de olho? — eu pergunto, mas então me lembro que quando Gonzo ficou incumbido de ficar de olho no ônibus nós acabamos ilhados.

Parece que foi há séculos.

— Deixa pra lá. Eu fico de olho.

— Não, cara. Na boa. Durma um pouco. Eu estou de olho.

E eu percebo que ele está mesmo.

— Obrigado. Sabe, por tudo. Você é um excelente copiloto — eu digo.

Gonzo dá um sorrisinho.

— É. Bem... essa é a vantagem de andar com o Anão do Destino, *cabrón*.

Eu pulo para o banco de trás, fecho os olhos e durmo.

Eu sou um papa-léguas. Olho para baixo e vejo aqueles enormes pés de pássaro, e é nessa hora que eu me dou conta de que estou sonhando. Estou parado no meio de uma paisagem desértica de desenho animado. É bidimensional, um bando de linhas rabiscadas e tinta. Nenhuma bigorna montada sobre a minha cabeça. Nada de buracos falsos pintados num pano de fundo. Nenhum explosivo amarrado a um fuzil que vai provocar um efeito dominó daqueles dispositivos mortíferos típicos de papa-léguas. Não. Eu estou sozinho aqui. Apenas eu. E daí eu vejo o coioote sentado numa cadeira, assistindo televisão, enfiando a pata numa bacia de pipoca, como se não estivesse nem aí com nada. Primeiro eu acho que é uma armadilha, mas então percebo que ele não quer nem saber de correr atrás de mim.

— Bip-bip — eu digo.

Mas ele apenas segue mudando o canal com o controle remoto. Finalmente eu desisto e vou pulando até ele.

— Você não vai correr atrás de mim? — eu pergunto.

Ele olha para mim. Seus olhos amarelos estão cansados.

— Pra quê?

Agora ele me pegou.

— Sei lá — eu digo, sentando na beirada da sua cadeira. — Porque é o que a gente costuma fazer.

— Hum — diz ele.

Ele me oferece pipoca. Eu dou uma bicada na bacia porque agora sou um pássaro. Nós ficamos ali sentados, assistindo desenho animado. Um rolo de estepe passa por nós. Na verdade, é apenas um conjunto de rabiscos irados feitos a lápis para dar impressão de movimento, uma ilusão. É bacana, mas o que eu realmente quero fazer é correr. Se o coioote não me persegue eu não tenho motivo para correr. Saber que ele quer me pegar me dá motivação para seguir em frente; e saber que estou fora de alcance lhe dá motivação para vir atrás de mim. Na verdade, não conseguimos viver um sem o outro. É assim que funciona.

— Vai — eu sussurro com a minha voz de pássaro. — Corre atrás de mim. Só mais uma vez.

— Cara, hora de acordar — o rosto do Gonzo paira sobre o meu. — Movimento na área.

Eu esfrego o sono dos meus olhos. Através do para-brisa eu vejo os funcionários número 457 e 458 abrindo a traseira do caminhão e botando uma caixa no carrinho. Dois minutos depois eles saem do restaurante com o carrinho vazio, sobem na cabine do caminhão e voltam para a rodovia.

— Cara, a gente não vai segui-los? — pergunta Gonzo.

— Primeiro temos de conferir o restaurante — eu respondo enquanto vou até a porta.

Minhas pernas enrijeceram pra valer. Uma recepcionista feliz e sorridente nos cumprimenta na porta, ela tem nas mãos um par de cardápios do tamanho de dois atlas.

— Vieram para o café da manhã? Fumante ou não fumante?

— Com licença — eu digo. — Estamos com um pouco de pressa. Só queremos saber sobre aquela caixa de globos de neve que foi entregue aqui. Podemos dar uma olhada?

Seu dedão paira sobre o botão de alarme silencioso ao lado do caixa. No Buddha Burger tinha um desses.

— As pessoas só podem ter acesso aos globos de neve depois que foram cadastrados.

— Cadastrados? — pergunta Gonzo movimentando os lábios, mas sem emitir nenhum som.

Meus olhos emitem um sinal do tipo “não começa”. Eu preciso descobrir se Dulcie está naquela caixa.

— Desculpa, é que eu sou do controle de qualidade. Nós achamos que talvez vocês tenham recebido uma carga corrompida.

— Corrompida? — repete a recepcionista, sem vestígio de sorriso. — O que significa isso?

— Pode ter alguma coisa errada com eles. Muito errada. Tipo, contaminada.

Ela leva as mãos à boca.

— Aimeudeus. É melhor a gente ligar pra polícia, então.

— Não! — eu digo um pouco rápido demais.

A recepcionista afina os olhos. Ela olha de mim para Gonzo e vice-versa.

— Isso é alguma pegadinha? Vocês são de alguma fraternidade?

Eu balanço a cabeça.

— Você nos pegou. É uma pegadinha... — eu dou uma olhada no nome em seu crachá —, Freedom LaToya. Na verdade, nós estamos fazendo um teste para um novo *reality show*.

Freedom LaToya arregala os olhos:

— Sério?

— Com certeza. Eu não devia estar te dizendo isso, mas... — eu faço um gesto exagerado ao estalar meu pescoço para a esquerda e para a direita —, o programa se passa num restaurante e a ideia é encontrar a anfitriã perfeita. Aliás, chama-se *A Anfitriã*. Patrocinado por Atacadistas Globos de Neve Unidos. Sabe, você seria uma ótima candidata. Vou informar a produção.

— Nossa. Obrigada! Televisão. Minha nossa.

— Pois é. Mas a gente precisa fazer umas cenas onde eu estou vasculhando aquela caixa. Pro programa.

— Ah, claro! Pode entrar!

Freedom LaToya nos leva até o estoque.

— Vou deixar vocês à vontade, então.

— É isso aí. Obrigado.

Nós cortamos a fita adesiva, abrimos a caixa e arrancamos o papel bolha de todos os dez globos de neve. Nenhum deles é Dulcie.

— Vamos embora — eu digo, correndo para o carro.

— Cara, isso foi demais — diz Gonzo, colocando o cinto de segurança. — Como foi que você teve essa ideia de uma coisa tão imbecil quanto um *reality show* sobre anfitriãs de restaurantes?

Eu ligo o motor.

— Nem queira saber.

* * *

Só depois de dez minutos, dirigindo feito um morcego fugitivo do inferno, é que conseguimos avistar o caminhão novamente. Nós os seguimos em cada parada — postos de gasolina, restaurantes, lojas de lembrancinhas, igrejas — até que no fim da tarde, de novo, o Cadillac Rocinante começa a soltar aquele cheiro de óleo queimado. Bosta. Segura firme, companheiro. Eu posso muito bem estar falando sozinho. A tremedeira voltou, e eu não sei quanto tempo mais vou conseguir dirigir com segurança sendo que meus braços estão prestes a dançar *break*. Sinais verdes e brancos passam a nossa frente, informando nossa localização, para onde estamos indo.

ORLANDO. RODOVIA INTERESTADUAL 4. SAÍDA NORTE 62. OSCEOLA PKWY.

Os *dreads* verdes das palmeiras dançam na brisa. Hotéis reluzentes brincam de esconde-esconde nos cruzamentos das rodovias. Postes de luz esticam o pescoço sobre a rodovia, como flamingos metálicos.

SAÍDA LESTE 536. PARA ROTA INTERNATIONAL SALT LAKE BUENA VISTA. FLÓRIDA CENTRAL PKWY.

Os sinais mudam de verde e branco para azul e vermelho. REINO DA MAGIA. ROTA INTERNACIONAL. Lá na frente avisto um arco enorme com o ratinho mais idolatrado do mundo.

— Fala sério — diz Gonzo quando o caminhão pega essa saída.
Cada célula do meu corpo está em sinal de alerta.
— Bem-vindo à Disney — eu digo.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

Em que chegamos à Terra da Fantasia

Encontrar uma vaga para o Cadillac na cavernosa Disney acaba sendo um desafio. Por um quilômetro cada pedacinho de asfalto delimitado com listas brancas está tomado. Os capôs dos carros são como circuitos coloridos de uma gigantesca placa-mãe. Eu acabo estacionando o Cadillac numa faixa de grama, tenho certeza de que ele será guinchado, mas agora não importa.

Pegamos o bondinho do estacionamento até o Monotrilho, que nos leva até os portões da frente do parque de diversões predileto dos Estados Unidos. Temos de gastar praticamente tudo o que resta do nosso dinheiro para comprar os ingressos. E daí estamos dentro, parados na rua Principal. Por todo lugar a nossa volta personagens peludos de desenho animado em tamanho real acenam, dançam e posam para fotos. Eu tropeço no Gonzo, que me ergue com um resmungo. Minha testa está gotejando com suor gelado. Ele arregala os olhos.

— Cara — diz ele baixinho — apontando para a minha pulseira.

O passaporte-E desbotou completamente a não ser por uma fina linha colorida abaixo de Terra do Amanhã. Meu estoque de saúde está quase no fim. É como se meus pulmões estivessem amarrados com cadarços.

— Vai dar certo — eu digo ofegante. — Preciso encontrar Dulcie.

— Onde estamos?

— Na rua Principal.

Lá na frente o castelo da Cinderela reluz como uma miragem na cerração de fim de tarde. Um calhambeque passa por nós fazendo *brrummm*. Visitantes ocupam as calçadas e a rua. Tudo parece irreal, a não ser pelos seguranças vigiando com seus rádios. Gonzo aponta em direção aos guardas.

— Estou vendo — eu digo. — Precisamos de disfarces.

Em uma das zilhões de lojas de lembrancinhas nós compramos um enorme capacete de cavaleiro, uma capa de mago e uma Espada da Paz Derradeira para mim. Para Gonzo compramos um chapéu de cachorro com orelhas caídas e roupa combinando.

— Eu me sinto como um mané total — resmunga Gonzo através da máscara.

— Melhor que ser um globo de neve — eu digo, lembrando. — Aqui.

Eu boto o restante das nossas posses — quatrocentos dólares — na sua pata.

— Pra que isso?

— Passagem de ônibus pra Nova York. Manda um abraço pro Drew. Não deixe de visitar o *Empire State Building*. Eu sempre quis ir lá.

— Você diz isso como se não fosse voltar, velho.

— Eu não sei o que vai acontecer. Olha, fica com a grana, tá bom?

— Tá — diz ele baixinho.

Ele alisa seu corpo com as patas.

— Essa porra não tem bolso?

Gonzo abre o zíper lateral da fantasia e enfia o maço de dinheiro na calça jeans. Nós dois saímos andando pela rua Principal, de olho em qualquer pessoa empurrando um carrinho de globos de neve. Paramos em cada loja de lembrancinhas para conferir as mercadorias, sem sorte. O dia está bonito e o parque abarrotado de gente. Famílias de férias. Casais em lua de mel com chapéus com orelhas de ratinho e véu de noiva. Avós e avôs paparicando os netinhos com lembrancinhas.

Dulcie, onde você está?

Quando chegamos na Terra da Fantasia, eu estou tão exausto que começo a alucinar. Tenho a impressão de ter visto Glory passar por mim com o suporte do soro. Ela sorri, mas quando olho novamente é apenas uma moça empurrando um carrinho de bebê. Os olhos do Gonzo estão esbugalhados. Seu rosto irradia deslumbramento. Ele está curtindo a Disney, o desfile de personagens, os passeios, os brinquedos pirantes de acender.

O celular do Gonzo toca. Rapidinho ele abre o zíper da fantasia e remexe no bolso, a cena é de uma perversão absoluta.

— Alô?

Ele abre um sorrisão na cara.

— Olááá — diz ele, num tom de flerte. — Nada de mais, e você: tá fazendo o quê?

Ele gesticula a palavra “Drew” para mim.

— Dá pra você ligar pra ele depois? — eu digo irritado.

— Ah. Claro — diz ele. — Ei, amor, posso te ligar de volta? A gente meio que tá na Disney agora.

Eu suspiro.

— Um fliperama? Tô lá já!

Gonzo afasta o telefone por um segundo:

— Drew disse que Montanha Espacial é, tipo, riiidícula. Como? — diz voltando ao telefone —, A-hã. É, eu também estou com saudades...

Eu começo a dizer a Gonzo para desligar, que a gente precisa encontrar Dulcie, mas então me dou conta de que sou *eu* quem tem de encontrar Dulcie. Ele já encontrou o que precisava encontrar. Então eu deixo que ele converse por mais um minuto enquanto fico procurando caras com óculos de sol empurrando carrinhos com caixas de globos de neve para destinos secretos. Eu saio perambulando até chegar no Mundo Pequenino e aguardo num pequena área sombreada. Uma música fraquinha vaza. As pessoas entram nos barquinhos e saem à deriva pela escuridão feliz do submundo da Disney.

— A fila começa ali — diz alguém.

— Tudo bem. Eu só estou esperando.

— Como você preferir — diz ela.

E quando eu olho, é a senhorinha do hospital. Ela entra na fila.

— Ei — eu saio cambaleando atrás dela, mas quando alcanço vejo que é uma mulher totalmente diferente.

— Desculpa — eu digo. — Achei que você fosse outra pessoa.

Ela sorri.

— Isso acontece comigo o tempo todo.

As pessoas vêm e vão. Mães bravas, andando rápido, puxam criancinhas em direção às entradas dos banheiros. “Por que você não foi antes de a gente entrar na fila?” As crianças choram ou reclamam. Às vezes os pais esperam do lado de fora. As mães

tentam entregar bolsas, bichinhos de pelúcia e tralhas para os pais, mas os pais não dão conta; eles não entendem e as mães ficam irritadas. Elas dizem coisas como: “Bem, eu achava que a gente tinha decidido que dessa vez não íamos na Montanha Splash”, enquanto os pais metem as mãos nos bolsos.

A única coisa em que eu consigo pensar é: “Foi aqui que eu passei o dia mais feliz da minha vida?” Por quê? As filas são monstruosas, e eu penso: “Nem fodendo que vou ficar parado debaixo desse sol pra entrar num brinquedo idiota que termina rapidinho”.

Mas daí as crianças começam a sair, e o que eu vejo me dá vontade de chorar. Suas feições são de puro deslumbramento. Estão todas acesas, tagarelando sem parar. Os pais seguem atrás, sorrindo também. Uma alegria contagiante.

Alguma coisa pousa no meu ombro. Uma pena.

— Dulcie? — eu pergunto, mas quando olho de perto vejo que é uma pena de pombo, perfeitamente comum.

Um funcionário do Atacadista Globos de Neve Unidos passa por mim com uma caixa num carrinho. Na lateral da caixa está escrito TERRA DO AMANHÃ.

Sinto um arrepio no pescoço. Dulcie está ali. Eu sei disso. E o Doutor X também. É como a própria Dulcie disse: “a única coisa que faz sentido nesse mundo é o aleatório”. Eu tenho de avisar Gonzo.

Eu me viro e trombo com um cara de óculos de sol espelhado e boné. Ele sorri.

— Com licença, você teria um minutinho para conversarmos sobre segurança?

Eu tento correr, mas ele me passa uma rasteira e eu vou pro chão com uma pancada audível.

— Nós o pegamos — diz o cara para ninguém que eu possa ver.

Seguranças começam a surgir das barraquinhas que vendem broches de personagens e das lojas de lembrancinhas.

Enquanto turistas assustados observam e batem fotos para os álbuns que levarão para casa, o funcionário número 221 da AGNU me empurra para o lado do Mundo Pequenino.

— Onde está seu cúmplice? Onde está Paul? — ele pergunta, e demora um tempo para eu perceber que ele está falando do Gonzo.

De canto de olho eu avisto Gonzo ao lado do banheiro, no seu disfarce de cachorro. Ele está tomando um refrigerante e rindo, o telefone ainda grudado à orelha.

— Não é culpa dele — eu digo. — Eu o obriguei a vir comigo. Ameacei com arma.

Funcionário número 221 parece acreditar, e eu mando bala:

— Você faz ideia de quantas vezes aquele moleque maluco tentou fugir? Ele até tentou passar um bilhete pra garçonete da Kafeteria Konstante.

Gonzo está se virando, vindo em nossa direção. “Por favor. Por favor, não dê nem um passo a mais, Gonzo”, eu imploro silenciosamente. Como se tivesse me escutado Gonzo tira os olhos do celular e congela no lugar. Eu torço o pescoço num movimento mínimo, apontando o descomunal agente bigodudo da AGNU a minha frente. Gonzo manda uma rápida mímica para mim: *Eu. Chute de Kung fu. Agente. Bunda.* É para eu dar um chute de Kung fu na bunda do agente? Ele repete a mímica mais devagar. *Chutar a bunda dele?*

Eu faço uma negativa com a cabeça, bem devagar:

— Viver para lutar mais um dia! — eu grito, assustando todo mundo a minha volta. — Pois você é o Anão do Destino!

— O que é isso? — pergunta o funcionário número 741, que agora está na área.

Ele aperta o cano da sua arma contra a minha cintura.

— Ele é louco — diz funcionário número 221. — Chama o segurança de novo.

— Positivo — diz funcionário número 741, virando-se para falar no seu rádio.

Gonzo ouviu. Seu aspecto é um pouco triste quando ele acena. Não tem muito que eu possa fazer sem denunciar a presença dele para os caras. Então eu levanto a palma da mão. Não chega a ser um aceno, nem um adeus ou um oi, apenas uma mão, um *Ei, a gente se vê.* Ele retribui o gesto. *A gente se vê.* E daí ele faz o que é o certo; ele se junta à enchente de pessoas que estão ali se divertindo e registra algumas lembranças, apenas mais um rosto na multidão.

— Vamos levá-lo para uma avaliação — diz funcionário número 741.

Eu sei o que isso quer dizer.

Tem um nó na minha garganta e meus olhos ardem. Estou quase chorando. Eu cheguei até aqui só para fracassar no último minuto.

— Posso lhe perguntar uma coisa? O que vocês acham que vão conseguir com tudo isso? Digo, sinceramente, como vocês podem se preparar para o imprevisível?

— Cala a boca.

Eles me sentam, e de repente eu estou puto da vida. Foda-se. Eu não vou calar a boca.

— *É um mundo pequenino...* — eu canto. — *Todo feito pra você...*

— O que você está fazendo? Para de cantar — ordena o agente
Isso só me deixa mais bravo.

— *que a ternura fez!* — eu canto ainda mais alto.

— Ah, eu adoro quando eles vêm nos entreter na fila — diz uma mulher com um enorme chapéu de sol.

O cara me bate com força com a arma. Eu me dobro.

— Ei! — diz um sujeito na fila. — O que você está fazendo? Ele é uma criança.

— Senhor, somos do Atacadista Globos de Neve Unidos, trabalhando para a sua proteção.

— Fica fora disso, mano. Deixa que os profissionais resolvam — aconselha ao primeiro um outro cara na fila.

— Exatamente — diz funcionário número 457. — É uma questão de segurança.

— Não. É uma questão de abuso — diz o pai.

Eu sigo cantando.

— *... e do pranto uma canção . . .*

As crianças não entendem o que está acontecendo, mas conhecem a música. E começam a cantar junto.

— É isso aí, criançada! — eu grito. — Nós vamos botar isso na televisão, então todo mundo tem que pegar um companheiro e cantar bem, bem alto!

Quando eu menciono televisão a fila vira uma loucura. Por essa os seguranças da AGNU não esperavam. E é tudo que eu preciso.

“Muito bem, seu coiole filho da mãe. Prepare a sua bigorna. Venha pegar esse papa-léguas aqui, ó.”

Eu saio disparado para Terra do Amanhã e torço para que minhas pernas aguentem.

— Ei! Para! — os agentes gritam atrás de mim. — Não nos obrigue a atirar!

Ele não pode atirar em mim. Eu sou criança. E aqui é a Disney. Na Disney não tem tiroteio. Ao meu lado há um clarão ofuscante e uma família de quatro pessoas que estava comprando algodão doce imediatamente vira uma pintura plastificada atrás de vidro.

O mais rapidamente possível eu me escondo atrás do brinquedo do Chá do Chapeleiro Maluco, entrando e saindo do meio da multidão, passo a Pista de Corrida e finalmente posso ver os planetas coloridos de Terra do Amanhã. Bosta. Estou com falta de ar. A minha visão está borrada. Atrás de mim eu ouço gritos e berros. Os homens globo de neve estão próximos.

As filas para tudo quanto é coisa são de pelo menos vinte minutos. A não ser para o Departamento de Trânsito Terra do Amanhã.

— Com licença! — eu grito, subindo aos tropeções pela rampa, passando pelas poucas pessoas que estão paradas na fila.

Antes que alguém reclame eu pulo na esteira rolante, passo pelo atendente, que só consegue soltar um débil “Ei, cuidado” enquanto eu despenco no banco do bondinho. Fico agachado, fora de vista, enquanto o pequeno bonde desliza por um túnel em direção ao Carrossel do Progresso.

Meu coração bate tão rápido quanto a bateria em *Blues do Bosque de Ciprestes*. Estou alerta, olhos nus, ouvidos abertos, totalmente desperto e vivo. Aguardo alguma sinalização, um sinal de que estou no lugar certo. A voz de um narrador zumbe na escuridão. É uma voz de quem deveria estar vendendo carros num antigo telejornal. O trenzinho desacelera em frente a uma vitrine que exhibe um diorama de Terra do Amanhã. O narrador informa que essa é uma visão do futuro: um lugar onde as pessoas poderão morar, trabalhar e brincar em harmonia. Alguns cartazes mostram máquinas que fazem coisas por você. Robôs. As clássicas bugigangas de ficção científica. Imagino que em algum momento isso foi novidade. Era um sonho. O bondinho dobra uma esquina e de repente o túnel fica totalmente

escuro. Não consigo enxergar a minha mão na frente do meu rosto. Isso faz com que meu batimento dispare na minha garganta. É isso? Eles vão me pegar?

— Dulcie? — eu digo na escuridão.

Silêncio. E daí começa a chuva de meteoros. Como se a escuridão estivesse chorando lágrimas de luzes coloridas. O bondinho desacelera a ponto de rastejar, e tenho quase certeza de que estão parando o brinquedo para procurar por mim. Agora eles não podem estar muito longe. Rastros de luz piscam sobre nossos rostos e, durante um segundo, eu juro que vi a silhueta neon de uma porta a minha direita. Outro rastro interrompe a escuridão e eu a enxergo novamente. É de fato uma porta e bem no meio dela tem uma pena. O brinquedo começa a avançar novamente aos supetões. É agora ou nunca.

— Ei, acho que você não pode fazer isso — diz o homem atrás de mim quando eu escalo pela lateral e desço numa pequena plataforma.

Eu me viro com todo o cuidado na borda estreita, tentando não perder o equilíbrio. A voz do narrador troveja na escuridão, como um deus esquecido. Eu empurro a porta, e a branquidão repentina quase me cega.

CAPÍTULO CINQUENTA

Em que eu visito a Terra do Amanhã

Leva um minuto para meus olhos se ajustarem. Bem acima de onde estou vejo o movimento triturante das enormes engrenagens que fazem o brinquedo funcionar. Atrás de mim, a porta. A minha frente um longo túnel.

Eu começo a andar.

— Dulcie? — eu chamo. — Dulcie!

O túnel dá algumas voltas e acaba numa porta com um enorme X. Abro. Dentro encontro um laboratório absolutamente branco com uma tela de cinema gigante. No meio, uma mesa bagunçada e uma cadeira. Eu já vi um *flash* dessa sala antes, no meu computador. Sigaapena.com. Há um homem com jaleco de laboratório sentado numa cadeira dobrável atrás da mesa. Ele está lendo um tabloide e comendo jujubinhas numa cumbuca. Na tela atrás dele a mesmíssima imagem.

— Doutor X? — eu sussurro.

Na tela ele baixa os olhos e me encara. Ao vivo ele espreme os olhos.

— Pois não, posso ajudá-lo?

Ele é menor do que aparenta nos vídeos e fotos, mas fora isso está igualzinho, como se não tivesse envelhecido um dia sequer. Um pequeno rádio toca Copenhagen Interpretation.

— Eu... eu estava procurando por você.

— Estava?

— Sim. Sim! — eu digo, rindo com uma estranha mistura de alívio e felicidade. — Eu lia os jornais e procurava nos classificados, buscando pistas e sinais, extraindo sentido do aleatório, tudo pra chegar até você.

As sobrancelhas do Doutor X se juntam numa expressão confusa.

— Por quê?

— Você é o Doutor X — eu digo. — Você vai me curar.

— Eu nem sei o seu nome.

— É Cameron. Cameron Smith.

— E por que eu devo salvá-lo, Cameron Smith? O que o faz tão especial? — Doutor X pergunta com uma voz cansada.

— Eu... eu não sei. É que Dulcie disse que você me salvaria e seria meio horrível se...

Doutor X me interrompe.

— Coisas horríveis acontecem o tempo inteiro. Você não sabe disso? E por motivo nenhum, absolutamente nenhum motivo. Não existe nenhum deus nos segurando em suas mãos como um pai benevolente. Não há sentido para o nosso sofrimento. Bem, alguém devia fazer alguma coisa a respeito! Deve haver um jeito de cessar a dor, a solidão, a incerteza. E eu encontrei a resposta, uma maneira de acabar com a morte. Vai lá. Puxe aquela cortina ali.

Meus passos ecoam na sala praticamente vazia. Eu puxo a cortina. Prateleiras do chão ao teto abrigam a coleção de globos de neve mais impressionante que eu já vi. Cada um está rotulado: ATACADISTAS GLOBOS DE NEVE UNIDOS.

Sua mão circunda um globo.

— Essa é a resposta. Parar de desejar. Nossos átomos dormindo, satisfeitos.

— Você trouxe alguma coisa de volta durante suas viagens no Colisor de Infinito — eu digo. — Você liberou energia escura no nosso mundo.

— Eu fiz isso? Ah, desculpa.

— Desculpa? — eu dou risada. — Desculpa? Meu Deus. Ah, por sinal, eu fechei o túnel do tempo-espço. Você pode me agradecer depois.

— Você pode me agradecer depois... — Doutor X pondera. — Isso é do *Guerreiro das Estrelas*, não é?

— É — eu respondo ligeiramente impressionado.

Mas daí eu me lembro que ele está sendo um filho da puta.

— Você era cientista. Você fazia coisas incríveis! Quer dizer, mundos paralelos, viagem no tempo, isso é muito foda. Não acho que nada pode ser mais foda que isso.

— De que importa tudo isso se não conseguimos acabar com a única injustiça da vida: tudo em nós nasceu para viver e, no entanto, nós morremos. E aquilo que amamos pode ser tirado de nós num piscar de olhos.

Ele pisca, e na tela de cinema seus olhos parecem enormes, uma coruja confusa.

— Foi por isso que eu criei o Atacadista Globos de Neve Unidos. Para eliminar a incerteza. A dor. Não... Eu devo continuar o meu trabalho. Você pode ir andando.

— Não sem a Dulcie — eu digo.

— Quem é essa Dulcie?

— Uma amiga. Acho que agora ela faz parte da sua coleção. Eu só a quero de volta. Só isso.

— Muito bem — Doutor X bate as palmas das mãos. — Se você puder me dizer uma coisa verdadeira que você aprendeu, uma coisa pela qual valha a pena viver, você pode pegar sua amiga de volta.

Eu não sei o que dizer. Eu podia dizer qualquer coisa, peixe, pipoca, monociclos. O que tem significado para mim pode não significar porra nenhuma para Doutor X. Eu estou tão cansado que meus músculos tremem, sinto vontade de chorar. Então eu digo a única coisa que me vem à mente, a coisa mais verdadeira que consigo pensar.

— Viver é amar, amar é viver.

Na tela Doutor X pisca, pensativo. E daí, de repente, o globo de neve da Dulcie está na mesa, na sala. Seus pulsos de plástico estão encostados no vidro, e sua boca pintada de vermelho está aberta num grito.

— Solte-a — eu digo.

— Ah... — Doutor X diz baixinho. — Isso eu não posso fazer.

— Você tem que devolvê-la! — eu digo.

— Eu poderia congelá-lo também. Daí você não sentiria mais nada.

— Eu não quero não sentir mais nada.

— Isso é maravilhoso — ele balbucia, e na tela entra uma estática.

Na sala eu ouço alguém batendo palma. O Mago da Condenação está vindo em minha direção, aplaudindo. Ele tem uns bons um e oitenta de altura, a minha altura. No seu cinto tem uma bainha com

uma espada aparecendo. Aquelas mãos enluvadas sobem e removem o capacete.

— Oi, Cameron. Lembra de mim?

O Mago da Condenação sorri, e eu jamais vi esse sorriso em nenhum outro rosto: tenho olhado para ele no espelho durante os últimos dezesseis anos.

— Uma surpresa e tanto, hein? Aposto que você não sabia que tinha essa espinha no queixo.

— Isso não pode estar acontecendo.

— E, no entanto, está. Bonita capa, por sinal. Mas fiquei com a impressão de que você está querendo me imitar.

A minha direita tem um longo corredor cheio de portas. Eu saio correndo e tropeçando, procurando abrigo.

— Não vai adiantar! — grita o Mago quando eu bato em cheio na parede. — É uma pintura. Sinto muito, meu pequeno papa-léguas. Não tem como fugir.

Ele abre o zíper da sua jaqueta de armadura espacial. Por baixo ele está usando uma camiseta laranja: MEUS PAIS FORAM PARA BOSTAHENGE E TUDO QUE EU GANHEI FOI ESSA CAMISETA RIDÍCULA.

— Mas nós tínhamos acabado com você. Você não pode estar aqui — eu digo, procurando uma saída.

O sorriso do Mago endurece.

— Eu estou sempre aqui, Cameron. Vocês, pessoas... Vou te falar, viu... Sempre procurando sinais, significado. Isso é o que você evita, o caos, a desordem, o irracional e o inexplicável, a morte pairando no horizonte, um enorme buraco negro sugando tudo no caminho, sem escapatória.

Ele se senta na beirada da mesa.

— Parecia que você tinha sacado isso: por que tentar? No fim nós vamos morrer mesmo. Uma atitude sensata. Eu gostava disso em você, Cameron. É por isso que estou um pouco surpreso com esse terceiro ato repleto de heroísmo. Tanto esforço... Realmente, você está tornando a coisa muito mais difícil do que precisa.

— Tornando o que mais difícil do que precisa?

“Onde está a porta por onde eu entrei?”, eu me pergunto.

— Morrer, é claro.

— Eu não vou morrer. Doutor X vai me curar! — eu grito.

— Não existe nenhum Doutor X, seu cabeçudo — diz o Mago. — Olha, a coisa toda só existe na sua cabeça. Uma fantasia criada a partir de uma pilha de sucata da sua vida, cara.

— Então quem é ele? — eu aponto para a imagem do Doutor X na tela.

— Por que devemos morrer quando tudo dentro de nós nasceu para viver? — diz Doutor X, como um trecho de fita que voltou para o começo. — É uma tragédia disfarçada de comédia.

— Um sujeito que você viu uma vez na internet.

— Isso é mentira. Aqueles funcionários da Globos de Neve Unidos...

O Mago da Condenação abaixa o braço com toda a força, sacudindo os globos de neve.

— Não existe. É apenas uma invenção do seu cérebro esponjoso. São figurantes: o coite na sua cola.

— Não — eu olho para a sala à minha volta, desesperado.

— Ah, Cameron. Não me diga que você ainda não entendeu.

Ele bate na minha cabeça.

— Oiê? Isso que estou dizendo está entrando aí?

— Ai, para com isso.

— Desculpa. Foi mal — ele suspira e espana uma poeirinha da sua calça brilhante, e eu juro a mim mesmo que, se eu sobreviver a isso, jamais vou usar calças como aquela.

— Cameron, por que você acha que você fez essa viagem toda, cara? Procurando uma cura? Salvar o universo? Velho... por favor. É por isso.

Ele joga um pedaço de jornal amassado aos meus pés. Eu pego e aliso a folha. É a mensagem do Junior que eu botei na Árvore dos Desejos lá em Esperança, com Dulcie.

— Leia alto, velho.

— Eu desejo viver.

— Viu só — ele sorri.

— Mas... Doutor X ia me curar...

— Não existe cura pra essa vida.

O Mago se senta na cadeira dobrável durante um minuto. Ele estica suas longas pernas a sua frente, tira a espada da bainha e a limpa com a ponta da camisa.

— Você tem que viver o melhor que dá.

— Isso é bobagem! Eu tinha que realizar o meu desejo!

Eu não consigo segurar. Estou chorando. O Mago da Condenação segue polindo a espada.

— Mais ou menos.

— Hã?

Ele faz um barulho na garganta, algo entre um grunhido e um suspiro. Ele está se cansando de mim.

— Então. Certo, vamos rever — diz ele, baixando a espada e cruzando os dedos, apoiando-os atrás da cabeça. A minha cabeça. A cabeça dele.

Bosta, eu nem sei mais.

— Você viveu essas duas últimas semanas?

— Eu vivo todas as semanas! — eu argumento.

— Não. Você existe. A pergunta é: você viveu?

Durante um segundo eu paro de brigar e penso no que ele está perguntando. Se eu vivi? Eu encontrei um melhor amigo. Perdi outro. Chorei. Ri. Perdi a virgindade. Ganhei um objeto mágico, passei-o adiante. Possivelmente mudei o destino de um homem. Bebi cerveja. Dormi em hotéis vagabundos. Fiquei bravo. Ri um pouco mais. Escapei da polícia e dos caçadores de recompensas. Assisti o sol se pôr sobre o oceano. Tomei um refrigerante com a minha irmã. Vi minha mãe e meu pai como eles realmente são. Compreendi o que é música. Transei novamente, e foi superpirante. *Não que eu esteja contabilizando. Tá, eu estou contabilizando.* Toquei baixo. Fui a um concerto. Perambulei por Nova Orleans. Libertei os globos de neve. Salvei o universo.

— Bem, e aí? — pergunta o Mago.

“Dulcie”, minha mente responde.

— Então você está dizendo que nada disso é real? — eu pergunto.

Ele confere seu reflexo no aço frio da sua espada.

— Não estou dizendo isso de jeito nenhum. Realidade é aquilo que você faz dela.

“Dulcie.”

— Então eu faço com que seja isso — eu digo, apontando para Dulcie.

— Isso? — o Mago dá um peteleco na prisão de vidro da Dulcie, e a minha vontade é de socá-lo. — Isso é um globo de neve, Cameron.

— Não — eu digo, enxugando as lágrimas. — Não acredito nisso. Não vou acreditar. Ela é real.

Ele estica a mão.

— Venha comigo, Cameron.

Eu começo a rir. O Mago da Condenação tenta sorrir, mas eu percebo que ele está confuso.

— Espera aí — eu digo. — Eu conheço essa parte. Você está dando uma de *Guerreiro das Estrelas* pra cima de mim. Você vai dizer pra eu me tornar um com você e o universo, e daí eu vou me fundir com você.

Ele assente, compreensivo.

— Você não vai topa, né?

Eu cruzo os braços.

— Não.

Ele dá de ombros.

— Tudo bem. Plano B.

Sua espada desce com um golpe rápido e brusco, como a justiça. Deixa um corte sangrento no meu braço, e eu gemo de dor.

— Puta que o pariu! — eu caio e saio rastejando para longe dele.

O sangue deixa marcas no chão branco imaculado, como estrelas num universo em formação.

— Ah, velho. Isso aí está muito feio. Acho melhor a Glory dar uma olhadinha nisso.

Eu estou de joelhos no chão branco, pressionando a mão contra o sangramento no meu braço.

— Glory está no hospital.

— Ah, é? E onde caralho você acha que está?

— Do que você está falando, seu monstrengo? Eu estou na Disney!

Deus do céu... meu braço dói muito. O Mago avança com pequenos passos de dança, balançando a espada, segurando-a como uma parceira.

— Não, velho. Você nunca saiu do hospital.

As bordas da cena vão se enrolando. A sala tremula e sai de foco até que estamos de volta ao hospital. Enfermeiras e médicos num

alvoroço a minha volta. Glory passa por mim, segurando um copo de café.

— Glory? — eu pisco duas vezes, mas lá está ela com seu uniforme cor-de-rosa, seus pingentes de anjos tilintando.

Eu encaro o Mago, que me dá um sorrisinho sacana.

— Isso não está acontecendo. É invenção sua.

— Como preferir— diz o Mago.

O hospital desbota quando ele dá de ombros. Então, ele balança a espada e fatia meu outro braço.

— Aaa! — eu resmungo.

Eu ergo a minha Espada da Paz Derradeira e lhe golpeio. Ela quebra sozinha.

— Cara. É um brinquedo. A verdadeira está comigo.

A lâmina desce de novo, e eu escapo por um triz. Preciso me afastar desse sujeito. Ele é demais para mim.

— A essa altura aqueles prions devem estar te estraçalhando, meu chapa. Destruindo o que resta da sua parca noção de realidade.

O medidor do meu passaporte-E sumiu. No seu lugar está a pulseira de identificação do hospital. SMITH, CAMERON JOHN.

— Está sonhando com o que agora, super Cam?

Sonhando. Sonhos. Os átomos conseguem sonhar com mais? Era isso que Doutor X queria saber. Queria que ele estivesse aqui para que eu pudesse lhe dizer que sim. Sim, eles sonham. Há semanas que os meus estão sonhando. Cada um desses átomos pega uma onda pelo universo e ri.

— Como é? — pergunta o Mago da Condenação olhando para mim de um jeito estranho, com a espada balançando ao seu lado.

Não existe significado a não ser aquele designado por nós. Nós criamos nossa própria realidade. Posso viver com isso.

— Eu digo “Pegue-me se for capaz”.

Com isso eu pulo da cama e corro para o corredor, rápido como um papa-léguas, e abro a primeira porta que vejo.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

Em que coiole e papa-léguas se encontram uma última vez

No outro lado daquela porta tudo é silêncio. A luz do sol penetra e aterrissa em trechos reluzentes no familiar papel de parede com flores verdes. Estou em nossa antiga cozinha, observando eu mesmo com oito anos de idade sentado à mesa, comendo cereal açucarado e lendo gibi. Minha mãe passa por mim com a sua xícara de café. Ela está com uma aparência jovem. E feliz. Ela faz um carinho na minha cabeça, bagunçando o meu cabelo. Eu o arrumo de volta.

— Eu amo você, carrancudinho — diz ela.

— Eu não sou carrancudinho. Não bagunça o meu cabelo — eu resmungo.

Parece um comentário malcriado, mas minha mãe ri.

— Você é um carrancudinho, mas você é o *meu* carrancudinho.

Ela pega o jornal e se senta ao meu lado, e lá estamos nós, lendo, bebericando e fazendo barulhos a cada gole. Eu tenho vontade de lhe dizer que ela é uma boa mãe. Que eu sou, sim, o seu carrancudinho e que gosto disso.

O Mago da Condenação sai do banheiro adjacente à cozinha. Eu não sei como ele conseguiu entrar ali.

— Ei, cara — diz ele com um sorrisinho. — Legal esse momento, né? Mas que noia era essa com o seu cabelo? Meio coisa de menina, se você não se importa de eu dizer.

Ele rodopia a lâmina, como uma ameaça, e eu saio correndo pela porta, para aquele longo corredor branco onde todas as portas são como cordas vibrantes. Eu tento a porta seguinte. Estou no escritório do meu pai. Meu pai está a sua mesa, debruçado sobre uma papelada. Raina anda de um lado para o outro do escritório. Eles não se olham. Raina conta para o meu pai sobre um cara que ela

conheceu num *show*. Ela diz que ele a convidou para sair e meu pai diz que acha que ela deve ir. Ela parece um pouco magoada. Diz:

— Talvez eu vá.

Meu pai diz:

— Eu acho que você deve ir.

Então eles ficam em silêncio por alguns minutos e meu pai diz:

— Bem, eu tenho um monte de trabalho que preciso pôr em dia.

Raina diz:

— Claro.

E é isso. Ela se vai. Eu não sei se isso é algo que vai acontecer, algo que está acontecendo agora ou algo que não vai acontecer nunca. É difícil saber.

— Ca-me-ron! Onde você está, seu papa-léguinhas escorregadio?

O Mago está na minha cola. Eu retorno ao corredor e entro numa outra porta.

Estou na plateia do estúdio de algum programa de tevê. Staci Johnson está bem no meio do palco, lá na frente, com um vestido vermelho supersexy, e eu penso: “Nossa, ela já foi minha”. Ou talvez eu tenha sido dela. Ela lê num teleprompter:

— E hoje à noite em *A Anfitriã*... será que Freedom vai superar Jackie no desafio *Falta de Cardápio*? Ou será que as duas terão que devolver seus crachás quando o livro de reservas sumir...?

— Cara, ela é muito gostosa — o Mago está sentado na fila de trás.

— Para de me seguir! — eu grito.

Ele dá de ombros. Eu saio correndo de novo, entrando e saindo por portas. Passo correndo pelo brinquedo do Mundo Pequenininho.

— Ai meu Deus! — uma mulher grita. — Um menininho se afogou! Ele pulou do barco!

Abro a porta seguinte e estou no quintal de alguém. Balanços. Brinquedos. Uma menininha vai engatinhando até um gnomo de jardim, bate na sua cabeça com suas mãos atarracadas.

— Cameron, aqui — sua mãe grita com os braços abertos.

É Jenna. Jenna é mãe.

— *Bip-bip*! — diz o Mago da Condenação, tirando um sarro com a minha cara.

Eu me arrasto para o corredor sem fim. Ele surge de trás de uma porta a minha frente.

— Peguei você! — diz ele, acenando com seus dedos fantasmagóricos.

— Para com isso! É irritante — eu grito enquanto entro numa porta diferente e vou parar num deserto, uma arma na mão. Estou com uniforme de camuflagem.

— Anda, soldado. Tem uma guerra rolando — grunhe um cara e dá um tapão nas minhas costas, então começamos a marchar adiante.

— Keith, conta aquela história de novo. Aquela da Mansão do Agito — grita um dos soldados.

— Ai, cara! Você não imagina como a Marisol é linda, nem te conto — fala o outro soldado, virando-se.

No seu uniforme está escrito SOLDADO KEITH WASHINGTON.

— Foi o dia mais massa...

— Ei! — eu grito. — Espera...

Seus pés afundam.

— ... da minha vida.

A areia explode numa bola de fogo de um quilômetro de altura. Gritos. Ordens. Caos. Explosões. Tiros. Eu jogo a arma e saio correndo para o abrigo do corredor. Se bem que lá não é seguro. Outra porta. Mais areia. Mas aqui é a praia, não uma zona de guerra.

— Posso ajudá-lo?

Atrás de mim tem uma barraca. O HOMEM DO PARAFUSO MÁGICO — CONCERTO DE BARCOS. O homem no balcão estica a mão como que dizendo “Eu não tenho o dia todo, camarada”. No seu boné está escrito KEITH.

— Perguntei se posso ajudá-lo com alguma coisa.

— Você já ajudou — eu digo, e corro para a porta seguinte.

Eu sigo correndo, testando as portas. Numa delas avisto Eubie no palco, em Nova Orleans, tocando bateria para Junior Webster; numa outra, ele está ouvindo discos do Junior em sua loja, e orientando estudantes universitários interessados em boa música. Copenhagen Interpretation toca num palácio futurístico, digno de Terra do Amanhã, que fica num céu onde três luas brilham, e sabe como é: a acústica de fato é realmente boa. Eu vejo as ruas movimentadas de

Nova Orleans e o sossego dos cemitérios. Vejo pessoas indo e vindo na Árvore dos Desejos, pregando suas esperanças para que ela esteja sempre florescendo. Numa outra, Gonzo e Justin estão juntos numa montanha-russa. Nas descidas, eles levantam os braços e gritam de felicidade. Eu caminho por tudo quanto é tipo de paisagem. Passado. Presente. Futuro. Alternativas. Primeiro eu faço um esforço para adivinhar o que é real e o que não é. Mas depois de um tempo não importa mais.

Portas e mais portas e mais portas. Eu abro uma delas e sou cercado pela visão de gases girando, estrelas girando. Há uma explosão e a coisa toda passa a se movimentar. Um universo está nascendo. É tão legal. É algo que devia ser compartilhado. Eu queria que Dulcie estivesse aqui para ver.

— Legal, né?

É o Mago. Eu sei disso sem nem ter de olhar.

— É — eu digo.

A sala some e estamos novamente naquele corredor, mas está diferente. Ainda é muito branco, mas o teto está mais baixo. Agora tem um revestimento acústico esponjoso. Eu ouço o bip do monitor cardíaco, o chiado do respirador.

— Acabaram-se as portas, Cameron.

Assim, num piscar de olhos, retornamos à sala, ao lado da mesa. Agora não há nada ali a não ser o Mago da Condenação segurando o globo de neve com o anjo dentro.

— Últimas palavras?

Dou de ombros.

— Só aquilo que eu já disse.

— Ah, certo. “Viver é amar, amar é viver”. Foi essa a sua grande sacada?

— Foi.

Ele começa a rir. É muito estranho se ver rindo. Tipo, eu nunca soube que a minha boca subia mais num lado que no outro.

— Ai, Cameron! Cara... Isso é tão sem graça.

— É...

Eu também estou rindo, pois, de fato, de repente a coisa toda me parece muito engraçada.

— Vamos lá, meu chapa. Você não vai sair de cena com uma linha dessas, né? Tenta outra... “E não esquece o meu refrigerante, moleque”. Coisa do tipo.

— Sinto muito — eu dou uma risadinha. — Isso é tudo que eu tenho a dizer.

O “eu” que é o Mago da Condenação fecha a boca numa linha tensa.

— Que pena, pois você vai morrer.

Eu paro de rir.

— É, eu sei.

— Não tem mais nada.

Mais nada.

— *Bip- bip!* Por enquanto é só, pessoal — caçoa o Mago.

Mais nada. Nada.

— Hora de dizer adeus.

Mais nada. Não foi isso que Junior disse lá em Nova Orleans? Cara, parece que faz tanto tempo. “Leva esse trompete e algum dia, quando não... quando não tiver mais nada, você toca”. Eu tento correr até a minha mochila e caio de cara no chão. Minhas pernas pararam de funcionar. Então eu me arrasto. Cada centímetro é um exercício de determinação e dor.

— Ai, Cameron... Engatinhando? Cara, que jeito mais patético de sair fora.

Mochila. Só preciso alcançar a minha mochila.

— Lá vem o coioote mau!

“Meus dedos estão tão duros. Bosta. Agora não. Por favor, agora não”, penso enquanto brigo com o zíper.

— Au-Au-auuuuuuuuu! — uiva o Mago.

O zíper abriu. Alcança. Sinto o metal gelado. Está nas minhas mãos.

— Ei, o que é isso que você pegou aí, meu chapa?

— Só isso — eu ergo a corneta do Junior Webster e sopro com toda a força.

Nada.

Não ouço nada.

O Mago da Condenação dá uma risadinha, depois para.

— Ei, eu ouvi. Si bemol. Ei...

Ele começa a se enrodilhar, tudo desaparecendo, sendo sugado. Logo antes do seu rosto ruir ele olha bem para mim.

— Bem, bosta...

Os globos de neve se esstraçalham de uma só vez. A água sobe e eu fico preso no aguaceiro. Ela me empurra pelo corredor, até a última porta. Na maçaneta vejo o reflexo do meu rosto, todo distorcido. Eu escancaro a porta e entro.

O oceano. Uma casa. E lá está a senhorinha no seu jardim.

Ela levanta os olhos por um instante, faz um aceno de cabeça e volta a trabalhar no seu jardim. Então eu entro na casa. Subo. Sinto um cheiro agradável. Vejo lírios do campo numa jarra sobre uma cômoda. E a janela dá para o mar, onde o sol e sua sombra pendem lá embaixo no céu. A cama está arrumada e eu me dou conta de que estou muito cansado. Mas é um cansaço bom, como se eu tivesse passado o dia na praia. Sinto os lençóis frescos e convidativos ao me deitar. É como se dentro de mim tudo estivesse desacelerando. *Bip. Bip. Brum... Brum...*O teto. Branco como a lua. Como a neve com todas as suas palavras. O quadro do anjo no corredor.

Bip. Brum.

Minha mãe, meu pai e Jenna estão reunidos a minha volta. Glory dá um passo até o respirador e aperta um botão. Ela desliga o eletrocardiograma e o monitor cardíaco também, apertando botões até que o quarto fica em silêncio absoluto. Eu estou meio que flutuando aqui. Não é ruim. Não é nada, na verdade.

Minha mãe segura uma das minhas mãos e meu pai, a outra. Jenna se senta ao meu lado. Tudo desacelera. O quarto fica escuro, e é como se eu estivesse sendo puxado para alguma coisa que não consigo ver. As coisas passam zarpando por mim. Estrelas. Gases. Satélites. Planetas inteiros bambolem e desviam. Universos também. Faz com que eu me sinta vasto e, ao mesmo tempo, absurdamente pequeno. Conectado. Logo antes do quarto ruir de vez Glory põe a mão sobre meus olhos e assim, do nada, o mundo desaparece.

CAPÍTULO UM

Em que...

Eu tenho certeza de duas coisas.

1. Estou flutuando.

2. É escuro pra caralho. É sério. Você não faz ideia.

Estou tentando levar isso na boa. Sério, estou mesmo. Mas para ser sincero eu estou em pânico. Fora que é entediante. Espero que isso não seja o pacote completo pois, pelo amor... vou ter de aprender algum trabalho manual ou então eu piro.

Ouçó um som macio vindo adiante e só uma luz bem fraquinha, como uma televisão velha que foi ligada e ainda está aquecendo. A luz é suficiente para que eu perceba que estou num barco, num rio.

Ouçó uma cantoria. Conheço a música.

O barco flutua na escuridão, e eu começo a rir. As marionetes de Bollywood estão cantando para mim. *É um mundo pequenino, que a ternura fez.* Lá na frente eu a vejo de verdade, seja lá o que significa isso. De meia-calça arrastão furada e coturno preto, ela está ali com o menino inuíte pescador.

— Ei, caubói — ela chama, acenando da costa branca-neve.

Suas asas estão grafitadas com vaquinhas do Buddha Burger. Ficou demais.

— Obrigada por vir. Por que você demorou tanto?

— Eu fiz um caminho diferente, princesa!

Está clareando. Ela faz um pequeno gingado.

— Isso aqui daria um puta de um programa de tevê, não é?

— É. Mas ninguém ia acreditar.

Eu devia esquecer essa história, mas é como o buraco, como a porta. Eu preciso saber. No mínimo preciso perguntar.

— Ei, Dulcie, teve alguma coisa real naquilo tudo?

Ela finaliza a sua dancinha e baixa as asas.

— Quem pode dizer o que é real e o que não é?

— Sim, mas... meu termômetro de realidade não tem funcionado muito bem desde que eu comecei a enlouquecer.

— Sim, bem, quem senão os loucos escolheriam continuar vivendo? No fim, não somos todos um pouco loucos?

— Então, esse lugar... — eu digo e assobio.

— É. É um brinquedo e tanto, né? — diz ela pensativa enquanto o menino inuíte puxa o mesmo peixe do buraco, devolve, puxa de novo, sorrindo o tempo todo.

— Quer saber de uma coisa? É mesmo. Totalmente passaporte-E. Com aqueles dedos macios ela afasta meu cabelo da testa.

— Quer ir de novo?

— Talvez.

Na verdade eu não estou realmente pensando nisso, no que acontece depois ou se acontece alguma coisa. Só sei o que estou sentindo agora. Eu quero beijar Dulcie. Depois disso eu não sei.

— No que você está pensando? — ela pergunta, rindo.

Eu sorrio.

— Em nada.

— Ótimo. Eu gosto de homens grandes e burros.

O barco boia sozinho até a costa de plástico reluzente. Eu pego a sua mão e piso na margem de neve. Sinto frio nos pés e, quando me agacho, a neve nos meus dedos é gelada e molhada.

— Demais! — eu digo, cavando um pouco mais.

É tão reluzente que fere meus olhos. Há barulho de água. O peixe na ponta do anzol lutando contra o seu destino. O menino inuíte ri e o atira de volta no buraco. Dulcie bate com o ombro contra o meu.

— Ei.

— Ei, você — eu digo, batendo de volta.

Ela abre as asas e me envolve. A música continua tocando e as luzes estão tão claras que é como se estivessem vivas. Dulcie separa os lábios para me beijar e a música vem. É uma nota numa oitava que jamais ouvi antes, mas que — sei lá como — sei que sempre esteve presente. Uma nota de encerramento, de início. Uma nota que você precisa estar pronto para ouvir.

— Você está pronto? — ela pergunta.

— Claro.

— Está pronto mesmo?

— Não — eu digo. — Não totalmente.

Ela dá um largo sorriso. É como se o céu não aguentasse mais e explodisse, todas as partículas e partículas parceiras e talveztons, algo novo que está nascendo, um universo totalmente novo, feito de “sim”, “não” e “por que diabos não”? Faíscas voam por nós, um repentino espetáculo de uma explosão de luzes que atinge o rosto da Dulcie no meio de uma risada.

E a única coisa que dá para dizer é “uau”. Uau! A mesma palavra de trás para frente e de frente para trás. Dulcie suspira de felicidade.

— Essa é sempre a minha parte preferida.

E eu consigo ver por quê.

NOTAS

- [1] Comemoração tipicamente norte-americana que antecede eventos esportivos no ensino médio ou na faculdade, na qual os alunos se reúnem para estimular e apoiar o time. (N.T.)
- [2] Robôs criados pela Disney, que tentam representar de forma fiel um ser (real ou não) para serem usados em *shows*, filmes, parques temáticos etc. (N.E.)
- [3] Organização norte-americana que se dedica internacionalmente à assistência social, cujo lema é “ajudar as crianças do mundo”. (N.T.)
- [4] Trata-se da Quarta Avenida, localizada em um dos bairros mais nobres da cidade de Nova York. (N.T.)
- [5] Aqui a autora faz um trocadilho com a marca de roupas íntimas *Fruit of the loom* (fruto do tear), que *loins* significa os órgãos genitais. (N.T.)
- [6] Canal de tevê Juventude da América. (N.T.)
- [7] “Terça-feira gorda” em francês, que designa, especificamente, a festa de carnaval de Nova Orleans. (N.T.)
- [8] No original, *Horn and Ivory*. A autora faz um trocadilho, pois a palavra “horn” tem duplo sentido: pode significar “corneta” ou “chifre”. “Ivory” significa “marfim”. (N.T.)
- [9] No original, *screw me*, que tem duplo sentido: “rosqueie-me”, em referência ao saca-rolha, ou “foda-me”. (N.T.)
- [10] Estilo arquitetônico, tipicamente americano, de casas térreas, amplas, de formato assimétrico e garagem acoplada. (N.T.)
- [11] Aqui o nome do dono da loja tem um trocadilho, algo como “pinto ruim”. (N.T.)
- [12] Profissional especializado em auxiliar a pessoa a atingir seus objetivos em vários setores da vida. (N.T.)
- [13] *Scholastic Aptitude Test* é um exame educacional aplicado a estudantes do ensino médio, equivalente ao vestibular. [N.T.]
- [14] Jogo de palavras da autora, pois Philly cheesesteak é um sanduíche tradicional na região da Filadélfia, nos EUA.
- [15] Na mitologia nórdica, Bifrost é a ponte que faz a ligação entre o domínio dos deuses e a Terra. [N.T.]
- [16] No original, “The Big Easy” apelido da cidade de Nova Orleans, que dá a entender que lá a vida é mais sossegada de se levar. [N.T.]
- [17] Rhode Island é famoso por ser o menor estado norte-americano.
- [18] Drinque à base de rum, suco de laranja e suco de marujá. [N.T.]
- [19] Instrumento de música *folk* — uma espécie de contrabaixo — feito a partir de uma cuba. [N.T.]
- [20] Miss Levee, em inglês. Este nome faz alusão ao fato de que, em 2005, o furacão Katrina causou o rompimento dos diques de Nova Orleans, contribuindo para o agravamento da catástrofe que atingiu a cidade.
- [21] “Miss Demeanor”, o nome da personagem, é um trocadilho com a palavra “misdemeanor” que significa contravenção. [N.T.]
- [22] Trata-se de um doce típico norte-americano também conhecido como *doughnut* francês.
- [23] Respectivamente, *Odd Fellow’s Rest* e *Greenwood* são cemitérios da cidade de Nova Orleans.
- [24] *Cypress Grove*, no original, também é o nome de um cemitério em Nova Orleans.

[25] No original, *Little Miss Muffet*, personagem de uma cantiga de ninar. [N.T.]

[26] Um poema com 3.182 linhas, considerado o mais longo da literatura anglo-saxônica. [N.T.]

[27] No islamismo, decreto emitido por uma autoridade religiosa que determina uma punição para alguém que tenha desrespeitado algum preceito do Islã. (N.E.)

[28] Sigla de “Kampgrounds of America”, uma empresa de camping. [N.T.]

[29] Competição entre caminhonetes gigantes; ganha quem produzir mais dano na outra.

[30] Aqui a autora retoma o jogo de duplo sentido com a palavra “screw”. No original: “You evah hear of a magic screw?” pode significar “parafuso mágico” ou “trepada mágica”. [N.T.]

[31] No original, “*I got crabs at Joe’s surf & turf*”. A autora faz uso aqui de uma expressão de duplo sentido. *Surf & turf* é usado para designar, em inglês, tanto um tipo de cozinha que mistura carne e frutos do mar quanto, numa gíria mais popular, dois tipos de penetração sexual. Além disso, há também um duplo sentido com a palavra *crabs*, que pode significar tanto caranguejo quanto chato, uma DST. (N.E.)

[32] *Wyrd* pode se referir à runa branca do oráculo nórdico, que significa “aquele cujo destino ainda não foi definido” ou à deusa da mitologia *viking*. Mas aqui o jogo é com a palavra inglesa *weird*, que tem a mesma sonoridade e significa esquisito. [N.T.]

[33] Para efeito de registro, a única pessoa que eu soquei na vida foi meu irmão mais velho, Stuart. E ele pediu. Ninguém tem direito de usar a capa do Batman o tempo todo. O certo é “compartilhar”. É só isso que eu digo.

[34] “Effing” é sinônimo de “fucking”, palavra coloquial que significa “foda”. (N.T.)

SOBRE A AUTORA

Libba Bray nasceu no Alabama, morou no Texas até os 26 anos, onde se formou em teatro, e hoje vive no Brooklyn, em Nova York, com o marido, um filho e dois gatos.

Ela é a autora da trilogia de Gemma Doyle, além de contos sobre os mais diversos temas, que vão das apresentações da banda setentista Cheap Trick a um encontro de satanistas durante as férias de verão. Seu sonho é deixar de ser um desastre na bateria e melhorar sua performance na sua banda de rock.

Conheça melhor Libba Bray e este livro em:

www.libbabray.com

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer a todas as pessoas que eu já beijei ou soquei[33] na vida e a todas aquelas que já me beijaram ou socaram. Gostaria de agradecer ao sujeito que certa vez validou o tíquete de estacionamento quando eu não tinha dinheiro e à moradora de rua que disse que meu cabelo parecia um dente-de-leão com algumas partes sopradas pelo vento. Eu gostaria de agradecer às pessoas que salvam as baleias e às baleias em si – principalmente as baleias encalhadas no departamento de recursos humanos, pois isso é dureza. Eu gostaria de agradecer às pessoas deste mundo que são mais estranhas que eu — vocês três, além de Crispin Glover. Eu gostaria de agradecer às pessoas que leem e pensam e às pessoas que me fizeram pensar e ler; àqueles que pensam enquanto leem e leem enquanto pensam (no entanto, vocês não devem ler enquanto dirigem, por uma questão de segurança). Se por acaso eu o conheci em algum universo paralelo, eu gostaria de dizer “bem-vindo” e também “obrigada”. Sabe como é... desculpa por não ter telefonado — esse lance de viagem no tempo-espço acaba com os meus créditos. E, por falar nisso, você conhece algum truque pra tirar aquela gosma do campo de Higgs da sola do sapato? Eu gostaria de saber.

Eu faço esses agradecimentos caudalosos porque tenho medo de esquecer alguém. Depois que as páginas vão para a edição, meu cérebro fica com aquela sensação de ter disputado alguns *rounds* com Ali em seu auge, não consigo me lembrar de comprar leite, então imagine lembrar de todas as pessoas maravilhosas que me ajudaram a parir o livro! Esse comentário não tem tanto a ver com as estimadas contribuições dessas pessoas, mas com a minha mente acossada, que — se posso usar isso em minha defesa — sobreviveu aos anos 1980, que foi uma década e tanto.

Então, sabe como é. Obrigada. A todos. Em toda parte. Bem, talvez não ao cara que vomitou nos meus sapatos novos depois do

concerto do *True Believers* naquela vez em Austin. Eu não quero agradecê-lo. Mas para a maioria das pessoas — obrigado.

Enfim. Dizem que o certo nas páginas de agradecimento é ser específico. Caso contrário, as pessoas param de convidar a gente para jantares. E eu gosto de jantares. Então, com isso em mente, eu gostaria de agradecer às seguintes pessoas muito específicas:

Meus editores: Beverly “Eu sou mulher, ouça o meu rugido” Horowitz e Chip “O clube dos cafajestes foi inspirado em mim” Gibson. Maior respeito por vocês.

Minha querida copidesque Wendy Loggia que, com sua fé inabalável, me arranca do trem da loucura quando minhas malas já foram despachadas e o condutor (que se parece demais com Jack Nicholson em *O Iluminado*) está oferecendo a mão para eu subir. Obrigada, Wendy.

Meu agente, Barry Goldblatt, que acreditou desde o começo e que tem o azar de ser casado comigo – então é difícil fugir da neurose.

Pam Bobowicz e Krista Vitola pelo apoio e contribuições. E também pelo chocolate.

A *über*-talentosa Trish Parcell por mais uma capa genial.

A sempre adorável Lisa McCourt e ao seu pai pelas informações sobre a Disney. Ainda bem que este é um mundo pequenino no fim das contas.

Clive Owen por continuar a ter um caso imaginário comigo.

Rachel “Chelbaby” Cohn, Susanna “Supersexy” Schrobsdorff, e Jo “Só Por Que Eu Ainda Não Inventei Um Apelido Irritante Pra Você Não Significa Que Não Inventarei” Knowles por terem lido uma versão anterior desse romance, por terem contribuído com ótimas críticas e estímulo e, basicamente, por terem feito com que eu me sentisse novinha em folha. Que bom que vocês duas curtiram.

Justine Larbalestier (que não ganhou apelido porque eu tenho medo dela) por ter me forçado a me forçar e por ter dito que eu deveria dar mais cenas para o gnomo.

Maureen Leary. Maureen Effing[34] Leary! (Sério. Esse é o sobrenome dela. Está em todos os seus monogramas.) Maureen Leary, Escritora Extraordinária, que me deu conselhos incríveis e me ajudou a assassinar os meus “queridinhos”. Esses veganos do Meio-Oeste são surpreendentemente selvagens com uma caneta.

Adam McInroy por me explicar todas as questões de física. Também por ter me ensinado a fazer uma bandeja no basquete quando tinha nove anos e por ter me ajudado a passar no curso da faculdade Matemática para Idiotas quando tinha apenas onze. Mas eu o humilhei no *Axis & Allies* um par de vezes, seu pivete, e não pense que eu não me apego a isso para salvar o meu pobre ego.

Laurie Allee por ter estado presente e pelas sacadas de física. Em qualquer mundo paralelo, eu ainda a quero como a minha companheira de balada.

Brian Greene, Nima Arkani-Hamed, Hugh Everett III, Lisa Randall, Steven Weinberg, Ed Witten, Michio Kaku, Neil Turok e Julian Barbour pelo trabalho maravilhoso que realizaram ao desvendar os mistérios do nosso universo e por me darem inspiração. (Se bem que apenas através de livrarias e pela internet, pois na verdade eu não conheço nenhum de vocês, mas vocês parecem ser uns amores.) E se foram tomadas liberdades, se ocorreram equívocos científicos ou coisas estranhas completamente inventadas e talvez patenteadas, foi culpa exclusiva da autora, que mal consegue programar o seu DVR.

Minha amiga maluca Brenda Cowan por aquela coisa genial que é o Bostahenge. É mais do que eu mereço.

John Nevius pela analogia entre o clipe de papel e a discussão sobre a doença Creutzfeldt-Jakob.

Vivien Schultz e Debo Hendrix, velhas amigas e nativas de Nova Orleans, por terem me ajudado a lembrar que aí eles servem torradas e molho apimentado em vez de porção de amendoim apimentada. Eu não sei o que eu estava pensando.

O *The Tea Lounge* na Sétima Avenida, 2001—2008. Descanse em paz.

Também aos baristas em *Wichcraft*, *Southside* e *Red Horse Café*.

Pete Townshend. Na verdade eu também não conheço Pete Townshend, mas sempre quis lhe agradecer nas minhas páginas de agradecimentos.

Os criadores de *Rock Band*, porque é mais barato e divertido que medicamentos para combater a ansiedade.

O pessoal de *Camp Barry* pelo incentivo.

Por terem ouvido a minha encheção de saco que extrapolou todos os limites, carinhos para Maureen Johnson, Robin Wasserman, E.

Lockhart, Holly Black, Cecil Castellucci, Cassandra Clare, Justine (de novo), Scott Westerfeld e aquele cara que ficava sentado à mesa ao lado com uma expressão preocupada que me lembrava Camus.

Meu filho, o maravilhoso Joshua, que teve paciência para sobreviver a mais um prazo final ao lado da mãe. Por sinal, querido, eu acho brilhante a sua ideia sobre Coelhoinhos Zumbi®.

E, por fim, esse romance não existiria sem as chicotadas de veludo e a postura de “dê um jeito” de Cynthia e Greg Leitich-Smith. *Loucos aos poucos* foi escrito para a fantástica oficina WriteFest em Austin, Texas, em 2005. Obrigada, Cy e Greg. Nos pastos da vida, vocês são mais belos que vacas malhadas — as gostosonas do mundo dos bovinos, foi o que me disseram. (É bom que saibam disso caso algum dia vocês forem jogar o Qual É A Sua Categoria?, e essa pergunta surja na rodada mata-mata.) Um grande obrigado a todos aqueles do WriterFest que participaram – mas especialmente a Brian Yansky e Anne Bustard, que foram estorvados com o manuscrito inteiro e não reclamaram nenhuma vez sequer, mas ofereceram críticas perspicazes e inestimáveis. Vocês são demais.



*Para meus pais, com amor.
Esse também vai para a Wendy.
E, como sempre, para Barry e Josh.*

Toque aqui para voltar
à prateleira da editora



Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são produtos da imaginação do autor ou, se real, são usados ficcionalmente. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Copyright © 2009 Martha E. Bray

Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente com o título: *Going Bovine*, por Delacorte Press, um selo

Random House Children's Books, divisão da Random House Inc.
Direitos de tradução negociados com Barry Goldblatt Literary LLC e Sandra Bruna

Agencia Literária, S. L.

Copyright da tradução © 2010 by Editora Moderna Ltda.

Foto de Capa © Antonio Luiz Hamdan/Getty Images, © Heather A. Craig/

Shutterstock, © Liliya Kulianionak/Shutterstock, © John Black/Shutterstock

1ª edição 2012

ISBN 978-85-16-07596-5

Tradução: Índigo

Reprodução proibida.

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados.

Editora Moderna Ltda.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho

São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904

Atendimento: tel. (11) 2790 1258 e fax (11) 2790 1393

www.editoraid.com.br

DE ACORDO COM
AS
NOVAS
NORMAS
ORTOGRÁFICAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bray, Libba
Loucos aos poucos [livro eletrônico] / Libba
Bray ; tradução Índigo. -- São Paulo : Moderna,
2012.
1,5 Mb ; ePUB

Título original: Going bovine
ISBN 978-85-16-07596-5

1. Ficção - Literatura juvenil I. Título.

12-01607

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Table of Contents

[CAPÍTULO UM](#)
[CAPÍTULO DOIS](#)
[CAPÍTULO TRÊS](#)
[CAPÍTULO QUATRO](#)
[CAPÍTULO CINCO](#)
[CAPÍTULO SEIS](#)
[CAPÍTULO SETE](#)
[CAPÍTULO OITO](#)
[CAPÍTULO NOVE](#)
[CAPÍTULO DEZ](#)
[CAPÍTULO ONZE](#)
[CAPÍTULO DOZE](#)
[CAPÍTULO TREZE](#)
[CAPÍTULO CATORZE](#)
[CAPÍTULO QUINZE](#)
[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)
[CAPÍTULO DEZESSETE](#)
[CAPÍTULO DEZOITO](#)
[CAPÍTULO DEZENOVE](#)
[CAPÍTULO VINTE](#)
[CAPÍTULO VINTE E UM](#)
[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)
[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)
[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)
[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)
[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)
[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)
[CAPÍTULO TRINTA](#)
[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)
[CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)
[CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)
[CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)

CAPÍTULO TRINTA E CINCO
CAPÍTULO TRINTA E SEIS
CAPÍTULO TRINTA E SETE
CAPÍTULO TRINTA E OITO
CAPÍTULO TRINTA E NOVE
CAPÍTULO QUARENTA
CAPÍTULO QUARENTA E UM
CAPÍTULO QUARENTA E DOIS
CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS
CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO
CAPÍTULO QUARENTA E CINCO
CAPÍTULO QUARENTA E SEIS
CAPÍTULO QUARENTA E SETE
CAPÍTULO QUARENTA E OITO
CAPÍTULO QUARENTA E NOVE
CAPÍTULO CINQUENTA
CAPÍTULO CINQUENTA E UM
CAPÍTULO UM
NOTAS
SOBRE A AUTORA
AGRADECIMENTOS
DEDICATÓRIA